

MEGAN MAXWELL

DESEJO CONCEDIDO

primeiro volume de Guerreiras,
a série mais esperada pelas fãs da autora

 essência

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DESEJO
CONCEDIDO

MEGAN MAXWELL

DESEJO
CONCEDIDO

Tradução

Sandra Martha Dolinsky ■ Jessência

Copyright © Megan Maxwell, 2009 Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016 Todos os direitos reservados.

Título original: *Deseo Concedido*

Preparação: Fernanda França

Revisão: Lizete Mercadante Machado e Vilquíria Della Pozza Diagramação: Futura Capa: Desenho Editorial

Imagens de capa: © Kamil Akca / Trevillion Images, © Ildiko Neer / Trevillion Images, © michelaubryphoto / Shutterstock, © zkbld / Shutterstock

Adaptação para eBook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M418d

Maxwell, Megan

Desejo concedido/Megan Maxwell ; tradução Sandra Martha Dolinsky. - 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2016.

Tradução de: Desejo concedido ISBN 978-46-422-0793-4

1. Ficção espanhola. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título.

CDD: 863 CDU: 821.134.2-3

16-34683

2016

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA. Rua Padre João Manuel, 100 — 21º andar Ed. Horsa II — Cerqueira César 01411-000 — São Paulo-SP www.planetadelivros.com.br atendimento@editoraplaneta.com.br

Índice

- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)
- [Capítulo 31](#)
- [Capítulo 32](#)
- [Capítulo 33](#)
- [Capítulo 34](#)
- [Capítulo 35](#)
- [Capítulo 36](#)
- [Capítulo 37](#)
- [Capítulo 38](#)
- [Capítulo 39](#)
- [Capítulo 40](#)
- [Capítulo 41](#)
- [Capítulo 42](#)

- [Capítulo 43](#)
- [Capítulo 44](#)
- [Capítulo 45](#)
- [Epílogo](#)

Capítulo 1

DUNHAR, INGLATERRA ANO 1308

Lady Megan Philipps não podia acreditar no que estava ouvindo. Escondida atrás das portas de carvalho maciço, escutava sua tia Margaret falar com Bernard Le Cross, o bispo de quem sua mãe, em vida, tão pouco havia gostado.

— Ilustríssimo. É de extrema importância que officie os casamentos mesmo sem as proclamas pertinentes — disse Margaret com sua atípica voz rouca.

— Lady Margaret — assentiu o bispo —, para mim será um prazer cuidar desse casamento duplo.

— Devo dizer, em favor dos cavalheiros, que ambos conhecem as donzelas desde pequenas e estão satisfeitos com a ideia de desposá-las e ensinar-lhes os bons modos e a classe que lhes falta — riu ela com malícia. — Além do mais, elas já estão com 20 e 18 anos.

— Eu entendo, lady Margaret — murmurou o bispo roliço, pegando mais um pedaço de bolo de sementes de anis.

— Será um acordo benéfico para todos. De qualquer maneira, eles não puderam recusar — riu sir Albert Lynch, marido de Margaret e tio das moças. — Com os favores que me devem os cavalheiros e a perspectiva de levá-las para a cama, eles se animaram com rapidez.

— Não vejo a hora de que essas selvagens desapareçam de minha vista — disse Margaret sem escrúpulos, servindo mais docinhos ao sacerdote.

Quanto odiava aqueles três mestiços! Em especial as moças. Sempre tinham sido a vergonha da família. Ela mesma havia sofrido as consequências de seu irmão ter se casado com uma selvagem escocesa. Quando todos souberam do casamento, Margaret e Albert deixaram de ser convidados aos bailes e eventos sociais da época. Mas agora que seu irmão George e a selvagem de sua cunhada haviam morrido, ela cuidaria do futuro daqueles mestiços.

Incrédula, Megan escutava os planos obscuros de sua tia apoiada nos belos arcos que seu pai tinha mandado construir. Aquela casa, que tantos momentos lindos havia abrigado quando seus pais eram vivos, se transformara em um lar sinistro devido à presença de seus tios.

“Essa mulher está louca”, pensou Megan, pálida como cera. Ao escutar aquilo, seu coração quase parara. Eles pretendiam que sua irmã e ela se casassem com dois inimigos de seu pai. Os homens que sempre o repudiaram pelo simples fato de unir-se em matrimônio com a mãe delas, Deirdre. Aqueles que sempre as haviam olhado com olhos cheios de lascívia.

— Imagino que ambas desaparecerão destas terras — prosseguiu o bispo com indiferença, enquanto limpava sua boca enrugada com um delicado guardanapo de linho. — Com sinceridade, lady Margaret, livrar-se desses dois estorvos é o melhor que pode fazer.

— Cada dia a convivência é mais difícil — queixou-se Albert. — Elas se recusam a ser submissas e obedientes, e a se comportar como damas. Mas, claro, o que se poderia esperar delas, com a mãe que tiveram e a educação que lhes ofereceram!

— Elas partirão e desaparecerão de nossa vida — disse Margaret, categórica. — Somente o pequeno Zac permanecerá nesta casa, sob minha tutela. Ele é o herdeiro, e como tal o criarei. Mas sem a influência dessas duas selvagens. Eu lhe ensinarei a ser um bom

inglês para que massacre esses malditos *highlanders*.

Megan não pôde escutar mais. As lágrimas corriam por suas faces, deixando marcas. Precisava sair dali. Com extremo cuidado, ela desapareceu, dirigindo-se ao pátio dos fundos da casa, onde ficavam as lindas flores que sua mãe havia plantado anos atrás. Respirou fundo várias vezes enquanto corria e entrava no bosque.

Precisava falar com John de Lochman, o melhor amigo de seus pais, de modo que adentrou o bosque em busca daquele que sempre havia lhes dado consolo desde que seus progenitores tinham falecido.

Extenuada devido à corrida, ela parou alguns instantes para descansar. A angústia a fazia praguejar em voz alta convulsivamente.

— Bruxa! Maldita bruxa!

— O que está acontecendo, Megan? — disse uma voz junto a ela, assustando-a.

— Oh, Shelma! — exclamou Megan ao reconhecer sua irmã. — Temos que encontrar John com urgência.

— Ele está na cavalaria com Patrick. O que há com você?

— Shelma, tia Margaret pretende nos casar. Você com sir Aston Nierter, e eu com sir Marcus Nomberg.

— Como?! — gritou Shelma, incrédula.

Ela odiava aqueles homens tanto quanto eles as odiavam.

— Mas... mas esses homens nos desprezam.

— Tomara que apodreçam no inferno! — vociferou Megan. — Eles pretendem se livrar de nós para educar Zac e ficar com todas as propriedades de papai. Vêha, temos que encontrar John!

O coração das duas batia forte quando começaram a correr pelo bosque florido de choupos.

— Mas o que John vai fazer? — perguntou Shelma, chorosa. — Ele não pode nos ajudar. Será morto.

— Não sei o que ele fará — respondeu Megan sem ar. — Mas, quando papai estava para morrer, pediu-me que se um dia me encontrasse em perigo recorresse a ele.

De mãos dadas, as duas foram até as majestosas cavalariaças, onde um dos homens de John as saudou e lhes indicou onde encontrá-lo. Desviando com celeridade de homens e cavalos, chegaram à lateral das cavalariaças. Extenuadas, viram John com as rédeas de um lindo cavalo nas mãos.

— Quanta beleza junta! — gritou John, aproximando-se.

Aquele gigante de quase dois metros adorava as jovens, assim como havia adorado a doce mãe delas, Deirdre. De súbito, parou, e notando os olhos molhados das jovens, rugiu:

— O que está acontecendo aqui?!

— Uma vez, você disse que se um dia nos víssemos em perigo deveríamos procurá-lo — disse Megan arfando e segurando sua irmã. — Tia Margaret quer nos casar este fim de semana com sir Aston Nierter e sir Marcus Nomberg.

— O que está dizendo, menina?! — gritou ele com o coração acelerado.

Era impossível. Como poderiam fazer isso com essas duas jovens adoráveis? Sir Marcus e sir Aston eram dois cavaleiros do rei Eduardo II, duros e impiedosos, que nunca haviam aceitado o casamento de George e Deirdre pelo simples fato de ela ser escocesa. Como diabos se casariam com elas?

— Entendo que tem que pensar em sua segurança — prosseguiu Megan, que ardia de raiva pelo que, fariam com elas. — Nós não queremos que tenha problemas com eles nem com ninguém. Mas estou desesperada, John, não sei aonde ir, nem o que fazer para que meus irmãos não sofram a injustiça que meus tios querem para eles.

— Menina — disse John, tocando-lhe o queixo com afeto —, há anos prometi a seu pai que se um dia ele faltasse, eu cuidaria de vocês. Depois de sua morte, sua mãe também me pediu o mesmo, e jurei diante de Deus

que assim faria, e farei!

— Mas aonde poderemos ir? — choramingou Shelma, assustada. — Sempre vivemos aqui. Este é nosso lar. Esta é nossa casa.

— Eu as levarei ao seu avô.

— O quê?! — exclamou Megan, perplexa. — Nosso avô?

— Angus de Atholl, do clã McDougall — assentiu John com firmeza.

— Mas... mas... — balbuciava Shelma.

As palavras sufocaram em sua garganta. Ela sentiu-se horrorizada por ter que se aproximar dos terríveis *highlanders*.

— Ele vive perto do castelo de Dunstaffnage.

— Acredita que ele vai querer cuidar de nós? — perguntou Megan, respirando fundo.

Sair das terras inglesas para adentrar uma zona escocesa era muito perigoso.

— Nunca tivemos contato com ele, e talvez ele também não queira saber de nós.

— Vocês não, mas sua mãe continuou em contato com ele por meu intermédio durante todos esses anos. Angus é um bom homem, adorava sua mãe, e sofreu muito quando ela decidiu abandoná-lo para correr aos braços de seu pai. No início ele se aborreceu demais.

Não entendia como sua linda filha podia se apaixonar por um inglês. Mas o carinho que sentia por ela e a gentileza de seu pai o fizeram entender e aceitar esse amor.

— Será boa ideia procurá-lo? — perguntou de novo Megan, enquanto tentava acalmar a irmã, que continuava soluçando.

— Sim, menina — assentiu John, com raiva no olhar e nas palavras. — Creio que essa é a única opção que vocês têm para se livrarem da crueldade de seus tios e desses maridos que querem lhes impor.

— Está bem — aceitou Megan, sentindo um frio estranho percorrer suas costas. — Quando partiremos? E, especialmente, como avisaremos nosso avô?

— Amanhã à noite, quando todos estiverem dormindo, será um bom momento.

— Estaremos prontas com Zac — afirmou Megan, decidida.

— Iremos a cavalo porque não poderemos contar com uma carroça, de modo que peguem só o necessário. Ah, e levem roupas de frio; nas Highlands vão precisar delas.

Naquela noite, no pequeno salão azul, enquanto esperavam que acabassem de servir o jantar ao lado de seus tios cruéis, as duas irmãs permaneciam em silêncio.

— Estão muito caladas hoje, meninas — censurou a tia, olhando-as com olhos de víbora venenosa enquanto levava uma colher de caldo à boca enrugada.

— Hoje fizemos um longo passeio pelos arredores de Dunhar — inventou Megan. — Creio que isso nos deixou excessivamente cansadas, tia.

— E, logicamente, devem ter montado a cavalo como duas selvagens, não é? — perguntou a mulher, sabendo como as moças montavam seus cavalos.

— Montamos como nossa mãe nos ensinou — respondeu Shelma com um olhar desafiador.

— Outra selvagem! — disse sir Albert Lynch, o tio, com escárnio.

— Não permito que falem assim de nossa mãe — murmurou Megan, dando um tapa na mesa e olhando para ele com ódio e desprezo em seus olhos negros.

— E eu não gosto que fale comigo com tamanho descaramento — respondeu Albert secamente.

— Estou com fome! — protestou Shelma, tentando acalmar sua irmã.

— Fique tranquilo, Albert — disse Margaret, limpando a boca com o guardanapo de linho. — Esta situação durará pouco tempo. Relaxe e aproveite.

Nesse momento apareceu William, o criado da casa. Olhando para as jovens com expressão de cumplicidade, piscou para elas e curvou a boca em um pequeno sorriso. Ele odiava os Lynch. Nunca havia gostado da maneira como aquelas pessoas se comportavam com as meninas.

— Senhores, chegaram sir Marcus Nomberg e sir Aston Nierter.

Ao ouvir esses nomes, Shelma sentiu seu coração dar um salto. Entretanto, Megan, com uma frieza incomum, conteve a raiva e rogou à irmã com o olhar que ela mantivesse a calma.

— Oh, que visita encantadora — riu Margaret como uma serpente, levantando-se com o marido para receber os convidados. — Sentem-se. Jantaremos todos juntos.

— Lady Margaret, sir Albert — saudou Marcus. — Estávamos passando por aqui, mas não pretendemos incomodar.

— Vocês nunca incomodam — sorriu a mulher com falsidade. — Para nós, é uma honra contar com sua agradável companhia.

— Por favor, cavalheiros — disse sir Albert. — Estamos felizes com sua visita. Compartilhem nosso jantar.

— Se insistem... — assentiu de bom grado sir Aston. — Aceitarei com muito prazer.

Sir Marcus, um homem alto, impiedoso e arrogante, passou a mão por seu bigode ridículo ao se sentar ao lado de Megan. Enquanto isso, sir Aston, de carnes fartas e seu característico odor de ranço, acomodou-se ao lado de Shelma.

William trocou um rápido olhar com Megan e saiu do salão, enquanto ela dedicava um frio sorriso a sir Marcus, apesar do nojo que sentia de seu rosto marcado de varíola e de seus olhos de rato.

— Lady Megan, esta noite está especialmente encantadora — disse Marcus, devorando-a com o olhar.

“Não posso dizer o mesmo de você”, pensou ela, observando sua irmã.

— Obrigada, sir Marcus — respondeu com um sorriso forçado.

Megan era uma linda jovem que atraía os olhares dos homens por causa de seu cabelo escuro exuberante e seus olhos negros como a noite.

— Lady Shelma, você também está linda com esse vestido azul — apontou sir Aston, roçando com a mão o cabelo castanho da jovem e deixando-a sem palavras.

— Como são galantes, cavalheiros! — afirmou Margaret. William tornou a entrar e, com olhar sério, indicou a outro criado que lhes servisse o consomê.

O jantar foi uma verdadeira humilhação. Tanto Megan quanto Shelma, em diversas ocasiões, tiveram

que afastar e segurar mãos lascivas, que por baixo da mesa repetidamente pousavam sobre suas saias com intenções nada inocentes. Cansada da resistência disfarçada e com vontade de gritar, Megan se levantou. Pegando a mão de sua irmã, pediu licença com intenção de sair.

— Não sejam antipáticas, meninas — deteve-as Margaret, com seu plano em mente. — Estou certa de que nossos convidados desejariam dar um passeio pelos arredores.

De má vontade e mal-humorada, Megan se dirigiu à porta, mas uma mão a pegou pela cintura, fazendo-a parar.

— Está assim tão cansada? — disse sir Marcus com sua voz pastosa.

Ela sentiu os dedos dele apertando com força sua cintura.

— Hoje tivemos um dia extenuante — justificou-se Shelma.

Segurando as jovens com firmeza, sir Aston e sir Marcus saíram do salão luminoso. Sem se importarem com as expressões contrariadas das moças, após descerem os degraus da entrada, os dois as desviaram para uma lateral da casa. Um lugar escuro e sombrio. Uma vez ali, elas nada puderam fazer para continuar juntas. Sir Aston tomou um caminho diferente, levando

Shelma pelo braço, enquanto Megan fervia de raiva.

— A que se deve essa expressão tão séria? — perguntou sir Marcus.

— Considero que seria mais apropriado que nós quatro permanecêssemos juntos — respondeu Megan, tentando mudar de rumo. — Não me parece adequado ficarmos sozinhos. Isso não é bem-visto.

— Escocesa, existem tantas coisas que não são adequadas... — riu sir Marcus, empurrando-a contra a parede da casa e começando a tocá-la.

— Que está fazendo?! — gritou Megan enfurecida, dando-lhe um forte empurrão. — Está louco?

— Seus cabelos, seus olhos é que me deixam louco — respondeu ele, esmagando-a contra a parede e tentando enfiar sua língua nojenta na boca de Megan.

As mãos dele lutavam para levantar-lhe o vestido.

— Seus seios viçosos... não vejo por que esperar mais, se acabará sendo minha.

Assustada e irada, Megan se viu imobilizada por aquele homem que era uma cabeça mais alto que ela. Sentiu a mão dele invadir seu decote para tocar grosseiramente seus seios.

— Solte-me, bronco nojento! — gritou ela, sufocada pela impotência de se ver assim e de observar na distância que sua irmã estava na mesma situação. —

Senão, juro que não responderei por mim!

— Sua ferocidade demonstra que será ardente em minha cama, escocesa — riu ele entre os dentes,

no controle da situação. — Quando estiver nua em meu leito, fará tudo o que eu quiser.

— Eu o adverti — bufou ela, erguendo o joelho e acertando-o com todas as suas forças onde sabia que ia doer.

Imediatamente, viu-se livre, e sir Marcus ficou rolando no chão, uivando de dor.

— Nunca mais na vida me toque! Ou não responderei por meus atos — disse Megan furiosa.

Nesse momento ouviu-se outro uivo. Era sir Aston, que, depois de levar um empurrão de Shelma, havia caído sobre as roseiras e se furado com os espinhos. Shelma, sem esperar mais um instante, correu até a irmã. Juntas, entraram rapidamente na casa.

— O que está acontecendo? — perguntou Margaret, sentada diante da lareira luxuosa.

— Esses homens passaram dos limites conosco! — gritou Megan, soltando fogo pelos olhos. — O que pretendem fazer? Por que disseram que seremos deles?

— Na verdade — sorriu Albert —, a partir de agora têm que ser carinhosas e complacentes com seus noivos.

— Eles não são nossos noivos! — gritou Shelma.

— São sim — sentenciou Margaret ao ver os homens entrarem no salão com ar contrariado. — Em poucos dias, vocês se casarão com eles, e ninguém poderá impedir.

— Eu me recuso a... — começou Megan a dizer.

Mas sir Marcus deu-lhe uma bofetada que a fez cair

no chão.

Ao ver aquilo, Shelma se jogou sobre ele, mas sir Aston, vermelho de raiva, segurou-a pelo pescoço e a jogou também.

— Cavalheiros! — interveio Margaret sem se levantar da cadeira. — Entendo que essas selvagens façam qualquer um perder a sensatez, mas, nem que seja apenas pela memória de meu queridíssimo irmão George, esperem até que estejam casados para tratá-las como merecem.

“\ocê é o pior que existe”, pensou Megan olhando para sua tia.

— Será um verdadeiro prazer — resmungou sir Marcus.

E, após uma saudação, saiu do salão, seguido por sir Aston.

— Esperam que casemos com esses homens? Como podem permitir tamanha ousadia? — vociferou Megan

enquanto ajudava sua irmã a se levantar do chão.

— Já arranjei com o bispo seus casamentos. E não se fala mais nisso.

— Meus pais não consentiriam com essa barbaridade — disse Megan, tocando o rosto dolorido.

— Minha querida menina — riu Margaret com altivez —, não se esqueça de que eles já não estão mais aqui e quem decide o futuro de vocês sou eu. Casar duas mestiças, nos tempos que correm, não é nada fácil.

— Seu sangue escocês e selvagem — prosseguiu Albert, rindo como uma hiena — será, enfim, derrotado.

— Vocês são... — balbuciou Megan, prestes a se jogar sobre seu tio.

— Estamos cansadas — interrompeu Shelma, obrigando sua irmã a olhá-la. — Agora, se nos dão licença, gostaríamos de nos retirar. Boa noite.

Sem se deter, elas correram para seus quartos. Encontraram no caminho Edelmira, esposa de William, que, sem pensar duas vezes, abraçou-as, ninando-as como centenas de vezes havia feito durante aqueles anos duros.

— Não podemos continuar aqui — soluçou Shelma.

— Ai, minhas meninas — sussurrou Edelmira. — O que poderíamos fazer para ajudar vocês?

— Não fique preocupada, Edel — acalmou-a Megan,

abraçando-a. — Pensaremos em algo.

O dia seguinte amanheceu ensolarado. O céu se mostrava azul quente, mas o humor das duas era obscuro e desafiador. Shelma se assustou ao ver o rosto inchado de Megan. Tinham que fugir. A vida delas corria perigo!

John, que não havia dormido na noite anterior preparando tudo para a viagem, ficou horrorizado ao vê-las naquele estado. Mas, acalmando-se, informou-lhes que havia conseguido a ajuda de dois homens, e que as esperariam de madrugada nos fundos da casa, ao lado do arvoredo.

À noite, enquanto jantavam com Margaret e Albert, as duas ficaram contentes por eles não terem vontade de conversar, de modo que rapidamente se retiraram.

Na quietude da noite, Megan foi até o quarto onde dormia seu irmãozinho, Zac, um menino de apenas um ano de idade, louro e inquieto. Ela o pegou com delicadeza e, após enrolá-lo em uma capa de couro, saiu com todo o cuidado que pôde para que ele não acordasse. Shelma esperava na porta, vigiando. Desceram a escada com cuidado. Quando atravessavam a cozinha, subitamente uma voz as paralisou.

— Preparamos algumas coisas para a viagem — disse William, saindo das sombras com Edelmira. — Quero que saibam que nunca me esquecerei de vocês nem de seus pais, e que me dói a alma não poder ajudá-las com mais nada.

— William, por Deus, não diga nada! — pediu Megan, falando em sussurros para não acordar Zac.

— Ai, minhas meninas — soluçou Edelmira com tristeza enquanto entregava a Shelma um pacote com queijo, pão e leite para Zac. — \ou sentir saudade de vocês.

— E nós de vocês — sussurrou Shelma, aproximando-se para lhe dar um beijo. — Agora, vão. Ninguém precisa saber que vocês nos viram. Não queremos causar problemas.

Estendendo a mão, Megan tomou a de William, que com um sorriso triste assentiu antes de soltá-la.

— Que a felicidade esteja em sua vida futura — suspirou o velho mordomo.

— Obrigada, William — agradeceu Megan com um sorriso nos lábios, enquanto Edelmira a abraçava.

— Cuidem-se, por favor — murmurou o homem, puxando sua mulher antes de desaparecer nas sombras.

— Quem está aí? — perguntou Margaret, que segurava uma vela acesa nas mãos.

Ao ver as jovens, perguntou:

— Que estão fazendo, insensatas?

Paralisadas com o pequeno Zac no colo, elas não sabiam o que fazer, até que William e Edelmira, saindo das sombras e sem pensar duas vezes, empurraram Margaret para o lado, com tanto azar que a vela que ela levava na mão caiu no cesto da roupa suja, incendiando tudo com a rapidez da pólvora.

— Não é hora de parar para pensar — disse William. — Corram! Corram e não olhem para trás!

— Mas William... — gritou Megan ao ver Edelmira no chão ao lado de sua tia.

— Por favor, partam e busquem a felicidade! — gritou ele, empurrando-as.

O desassossego se apoderou delas assim que começaram a correr. Mas, no meio do caminho, um grito lancinante de William fez com que Megan se detivesse abruptamente e olhasse para trás. O fogo havia tomado conta de toda a cozinha e estava começando a subir para o andar de cima. Com os olhos encharcados de lágrimas, as irmãs Philiphs compreenderam o triste fim daqueles dois velhos que as haviam ajudado.

Quando as mãos de John as pegaram e as levaram até o arvoredor, sem perda de tempo, elas começaram uma viagem perigosa e extenuante até o lar de seu avô, muito longe de Dunhar.

Capítulo 2

CASTELO DE DUNSTAFFNAGE, ESCÓCIA AGOSTO DE 1314

Haviam se passado alguns meses desde que, em 24 de junho, Robert de Bruce, liderando o Exército escocês ao lado dos chefes dos principais clãs da Escócia, saíra vitorioso na Batalha de Bannockburn.

A princípio, Robert de Bruce pensara em assinar um tratado de paz com o rei inglês, Eduardo II. Mas, após ver frustrada essa opção, os escoceses, mesmo sendo em menor número que os ingleses, atacaram o exército inimigo e saíram vitoriosos.

Ninguém se esqueceria do dia em que o rei Eduardo II chegou acompanhado de uma infinidade de cavaleiros, arqueiros, lanceiros e alguns escoceses contrários às ideias de Robert de Bruce, a maior parte do clã McDougall, que não era numeroso demais, mas o suficiente para prejudicar e semear a discórdia entre as pessoas de seu próprio clã. Ao passo que o exército de Robert de Bruce era composto apenas de valentes guerreiros bem treinados, alguns tantos a cavalo, e centenas de voluntários sem treinamento, mas com anseio e vontade de lutar.

No primeiro dia de batalha, Henry de Bohun, cavaleiro do rei Eduardo II, julgando-se superior a Robert de Bruce, provocara uma luta a lança, ao estilo dos torneios. Robert, que não se acovardava diante de ninguém, aceitara o desafio, arriscando sua vida; mas, depois de um curto combate, Henry de Bohun acabara morto por uma machadada na cabeça, enquanto Bruce, diante de seus amigos e fiéis seguidores Duncan e Niall McRae e Lolach McKenna, só lamentava ter quebrado o cabo de seu machado.

No segundo dia, o rei Eduardo II, enlouquecido de raiva pela vitória do seu oponente, ordenara ao conde de Gloucester que atacasse os selvagens escoceses. Mas, de novo, a sorte estivera do lado do povo das Highlands. Robert de Bruce tornara a demonstrar que, embora suas forças militares fossem inferiores em número, tinham muito mais talento. E ajudado por Duncan e Niall McRae e por Lolach McKenna, entre outros, emboscada após emboscada, empalaram milhares de lanceiros ingleses ao lado do conde de Gloucester.

Desesperados, os ingleses fugiram, perseguidos pela infantaria escocesa liderada por Axel McDougall, que lutara sem piedade ao lado de outros, até conseguir o que buscavam: a independência da Escócia.

Após esse novo desastre, e sentindo que não conseguiriam intimidar aqueles valentes escoceses, as tropas inglesas — em parte integradas por *highlanders* — ajudaram o rei Eduardo II a fugir do campo de batalha a galope. O regente chegara até Duchar, onde pegara um barco que o levara de volta a sua amada Inglaterra.

Os meses se passaram, mas os clamores da batalha continuavam muito vivos. Pelos diversos caminhos e montanhas da Escócia viam-se muitos bravos escoceses regressando a seus lares, de onde haviam saído sentindo-se filhos oprimidos da Inglaterra, e aos quais voltavam como escoceses livres.

No castelo de Dunstaffnage, propriedade do clã McDougall, após o regresso do bravo *laird* Axel McDougall, preparava-se um casamento. Para Axel, aquela guerra não havia sido fácil. Ele tivera que lutar contra gente de seu próprio clã e, embora por ocultos antecedentes familiares, sangue inglês

corresse por suas veias, se de algo tinha certeza era de sua origem escocesa.

Ele nunca se esquecería da dor no peito que sentira quando vira os corpos de seus primos Lelah e Ewan despedaçados no campo de batalha. Mas, depois da amargura do combate, aguardavam-no dias de glória e tranquilidade. Por isso, ao voltar de Bannockburn, formalizara seu casamento com Alana McKenna, uma mocinha que anos atrás havia roubado seu coração.

O castelo de Dunstaffnage começava a se encher de guerreiros de outros clãs. Axel, nas ameias de seu castelo, observava um grupo de uns trinta homens que se aproximava a cavalo. Sorriu ao reconhecer seu bom amigo Duncan McRae, um temível e inigualável guerreiro cujo apelido era Falcão, devido a seu olhar verde intimidador e seu aspecto sério. Diziam que quando o Falcão fixava o olhar em alguém, era por apenas duas razões: ou porque mataria esse alguém ou porque lhe arrancaria informações.

Quando ele passava, as mulheres mais ousadas olhavam-no com desejo e ardor. A Escócia inteira conhecia sua fama de mulherengo, compartilhada com seu irmão Niall e seu grande amigo Lolach. Duncan era um *highlander* de 31 anos e quase dois metros, de cabelo castanho com reflexos dourados, pele bronzeada e olhos verdes como os prados de sua amada Escócia. Possuía uma envergadura musculosa e impressionante, graças ao treinamento diário e às lutas vividas.

O irmão de Duncan, Niall, cavalgava com ele. Era um jovem valente, mas de personalidade diferente. O primeiro era sério e reservado, ao passo que o segundo gostava de fazer brincadeiras e ostentava um eterno sorriso na boca.

Lolach McKenna, amigo de infância dos irmãos McRae, residia no castelo de Urquhart, ao lado do lago Ness. O temperamento de Lolach era agradável e conciliador e, assim como os outros, era um homem de aspecto imponente, dono de olhos de um azul tão intenso que as mulheres caíam rendidas a seus pés.

— Quem são? — perguntou Gillian, uma loura maravilhosa, apertando os olhos para distingui-los.

— Duncan e Niall McRae, Lolach McKenna e seus guerreiros. Eu os convidei para o meu casamento — respondeu Axel olhando com adoração para sua irmã.

— Oh... Niall McRae — suspirou ela, observando os guerreiros que entravam nesse momento pelos arcos externos do castelo. — Devia ter nos avisado que o Falcão e seu irmão viriam.

— Calma, irmãzinha — sorriu Axel. — Eles são tão perigosos para você quanto eu.

— Se você diz... — sorriu ela, por sua vez.

Gillian estava feliz por ter Axel de novo a seu lado. Haviam ficado para trás os tempos em que ela temia que qualquer membro de seu clã quisesse matá-lo por não seguir o rei Eduardo II.

— Axel, acha que este vestido é suficientemente elegante para o seu casamento? — perguntou ela, girando diante do olhar divertido dele.

— Sua beleza o ofusca, Gillian. Creio que conseguirá fazer com que os homens desabem a seus pés. Portanto, tenha cuidado: não quero ter que usar minha espada no dia de meu casamento.

Desde que havia completado 18 anos, Gillian tinha ciência da reação que despertava nos homens, e isso lhe provocava um enorme prazer.

Nesse instante, cascos dos cavalos retumbaram contra as pedras do solo à entrada do castelo. O poderio e a força daqueles guerreiros fizeram com que todos ali presentes deixassem seus afazeres para olhar para eles com admiração e temor.

— Vou receber meus convidados. Avise Alana, ela gostará de saudá-los — disse Axel, beijando a irmã.

Em poucos instantes ele chegou ao grande conjunto de arcos da entrada. Ali pôde ver mais uma vez como as pessoas baixavam o olhar à passagem de Duncan, coisa que o fez rir.

Ao ver Axel, Duncan levantou a mão em uma saudação e, dando um pulo, desceu de seu garanhão Dark e estreitou seu amigo em um abraço forte e emotivo.

— McDougall! — exclamou Lolach McKenna com um grande sorriso. — Sua gente parece assustada conosco.

— Assim que passarem aqui alguns dias, eles perderão o medo — respondeu Axel.

— Aqui estamos. Prontos para participar de seu casamento — sorriu Duncan para o ruivo Axel. — Onde está a futura senhora de seu lar?

— Aqui — respondeu Alana, que de sua janela havia visto a chegada dos guerreiros empoeirados e corraera para saudá-los.

— A senhorita, milady?

Duncan observou a extraordinária mulher de olhos verdes, cabelo claro e sorriso tranquilizante que se erguia diante dele.

— Eu disse, Alana — murmurou Lolach, beijando-lhe a mão. — Avisei há alguns anos que sua beleza seria um perigo para algum incauto.

— É um prazer tornar a vê-lo, primo — saudou ela.

— É a pequena Alana? — perguntou Niall, aproximando-se do grupo.

— Sim — sorriu a moça olhando para Axel, seu noivo.

— Agora entende por que eu queria formalizar rapidamente este enlace? — murmurou Axel, pegando-a pela cintura.

— Não teria uma irmã ou uma prima para me apresentar? — brincou Niall após saudá-la.

Enquanto isso, as criadas se amontoavam nos arcos olhando para eles com olhos libidinosos e risinhos bobos.

— Boa tarde, cavalheiros! — saudou Gillian, colocando-se ao lado de seu irmão.

Gillian era pequena comparada com Alana e outras mulheres, mas seus olhos azuis, seu rosto angelical e o vestido marrom que se ajustava a seu corpo viçoso atraíram todos os olhares para nela.

— Esta é sua irmã? — perguntou Niall ao ver surgir aquela mocinha encantadora.

— Não, mas em breve será — respondeu Alana pegando a mão de Gillian.

Atrás delas ouvia-se certa agitação. Alguém estava discutindo.

— É minha irmãzinha Gillian — advertiu Axel. — Não esqueça.

Enquanto Niall mantinha os olhos fixos em Gillian, Axel notou que Duncan observava algo atrás deles. O que estaria olhando?

— É um prazer tornar a vê-los — disse Niall, aproximando-se da jovem Gillian, que corou. — Agora me lembro de você, embora tenha mudado muito. Da última vez que a vi, usava longas tranças infantis.

— Se bem me lembro — respondeu Gillian, recompondo-se do rubor —, da última vez que nos vimos, você pulou no lago para me resgatar.

— Sério? — riu Alana ao ver os olhos resplandecentes de Gillian.

Teria que conversar com ela.

— Eu tinha duas opções — respondeu Niall recuperando a compostura. — Ou salvava você, ou deixava que se afogasse. E, depois de jogar a sorte na moeda, não tive outro remédio a não ser pular na água.

— Tirar a sorte?! — provocou Gillian, mudando sua expressão de sorridente a ameaçadora.

— Em seu lugar, eu me calaria — murmurou Duncan, vendo como aquela jovem o olhava.

— Eu penso como seu irmão. Cale-se! — advertiu Lolach, dando um passo para o lado.

Mas a juventude de Niall fez com que, depois de piscar para uma das criadas e esta sorrir, voltasse a se dirigir à jovem irmã de Axel.

— Gillian... Gillian... Eu me lembro de você como uma pirralha inconveniente. Gostava tanto de subir nas árvores como de se cobrir com barro junto com as outras crianças. E o pior: tive que suportar seus beijos melados cheios de barro quando a salvei do lago.

Ao ver a raiva nela, ele concluiu:

— Mas, agora, tenho que admitir que se transformou em uma verdadeira beleza, e que qualquer homem estaria disposto a suportar seus beijos enlameados.

— Niall! — advertiu Axel —, afaste seus olhos e suas palavras enganosas de minha irmã, se não quiser problemas.

— Fique tranquilo, Axel! — rugiu Gillian muito irritada, demonstrando seu caráter. — O mel não foi feito para a boca do asno. Nem em meus mais obscuros pensamentos consentiria que um imbecil como esse se aproximasse de mim, e menos ainda que me beijasse.

— Gillian! — censurou Axel, surpreso com a resposta.

Ignorando seu irmão, ela se voltou furiosa e desapareceu pelos arcos do castelo, deixando todos morrendo de rir, inclusive os guerreiros. Eles continuavam montados em seus cavalos à espera de que seus chefes, Duncan e Lolach, lhes indicassem que desmontassem e fossem procurar um lugar para descansar.

— Niall! — gritou Myles. — A dama o deixou sem palavras.

— Myles, quer morrer?! — exaltou-se Niall, incomodado. — Meça as suas palavras se não quiser provar o aço de minha espada.

— É melhor que se cale — riu um de seus homens de confiança. — Niall não gosta que debochem dele quando uma dama o humilha.

Duncan e Lolach se entreolharam e sorriram.

— Dissemos que se calasse, rapaz. Bastava que visse os olhos dela para saber que o que estava dizendo não era de seu agrado — murmurou Lolach, tocando com a mão o ombro direito do rapaz.

Enquanto no pátio todos os olhos continuavam atentos à conversa entre Niall, Lolach e Axel, Duncan fixou o olhar em uma mulher que havia acabado de aparecer no recinto e se postara atrás de Axel e Alana. A princípio, quando Alana aparecera, ele ouvira vozes dentro do castelo, mas, após a partida de Gillian, mal-humorada, seu coração se paralisou quando viu surgir aquela mulher com os olhos negros mais espetaculares que jamais havia visto.

Axel, disfarçadamente, olhou para trás e sorriu ao entender o motivo da cara de seu amigo Duncan. Mas a moça em questão não percebia nada.

— Duncan — interveio Axel, pegando-o de surpresa.

— Esta é Megan de Atholl McDougall.

Megan, desconcertada, não sabia para onde olhar.

— Desculpe-me — disse ela, quase engasgando, enquanto arrumava seu irmão atrás de si e alisava a saia.

— Não estava atenta a sua conversa.

— Fique tranquila, Megan — disse Alana, tomando-a pela mão e dando-lhe umas palmadinhas. — Sabemos que Zac estava chamando sua atenção; portanto, vamos resolver primeiro uma coisa e depois

outra.

Duncan, que não podia afastar o olhar daquela mulher, desejava mais do que tudo no mundo ver seu sorriso. Devia ser espetacular!

Com fingida indiferença, Duncan olhou para Megan. Ela era alta e esguia como Alana. Seu cabelo cacheado era espetacular, e tão preto que quase parecia azul. Seus olhos desafiadores cativaram-no em poucos instantes, mas sua boca... “Por todos os santos, essa boca!”, pensou ele, sentindo um calafrio. Como desejava tomar aqueles lábios e saboreá-los até fazê-los desaparecer!

De sua parte, Megan não havia notado como aquele guerreiro a olhava. Estava tão obcecada em proteger seu irmão que não podia pensar em mais nada.

— Vamos ver — prosseguiu Alana, fazendo Zac sair das saias de Megan. — O que está acontecendo? Por que tanta confusão?

— Eu quero ir ver os feirantes — respondeu o menino. — Mas minha irmã, como sempre, não me deixa.

— Por que não o deixa ir? — perguntou Axel.

Distraidamente, Megan afastou o cabelo do rosto —

um gesto que deixou Duncan encantado. Tanto quanto saber que aquele fedelho louro não era filho dela.

— Senhor — começou a explicar Megan, esquecendo-se do restante das pessoas —, eu lhe disse que não fosse impaciente. Mais tarde eu o levarei.

— Não é justo! Eu quero ir com as outras crianças. Não com uma resmungona — gritou Zac, tentando afastar-se da irmã, coisa que ela não lhe permitiu.

O menino pisou no pé dela.

“Zac, vou arrebentar você”, indicou Megan com o olhar, aguentando a dor do pisão.

Duncan os observava, divertido.

— Megan... — sorriu Axel —, um dia terá que começar a confiar nele.

— Devia prometer para sua irmã que se comportará bem — disse Alana, olhando para a criança.

— Este moleque — respondeu Megan dando-lhe um tapa na cabeça, o que fez com que os homens sorrissem — é capaz de se meter em mais de um problema ao mesmo tempo. Recorde isso, lady Alana.

— Na verdade, Zac, sua irmã tem razão — disse Axel, que conhecia bem o menino. — Portanto, espere em sua casa até que algum dos seus familiares possa acompanhá-lo, e isto é uma ordem — prosseguiu, levantando a voz para intimidá-lo.

— Vá agora mesmo com Shelma — disse Megan —, e não saia de lá até eu chegar.

O menino, mostrando a língua para a irmã e vendo que ela apertava os punhos para não pegá-lo pelo pescoço, afastou-se, cabisbaixo.

— Muito bem — sorriu Alana ao ver a reação da criança —, vamos entrar. Tenho certeza de que estes guerreiros estão morrendo de sede e fome.

E a seguir, voltando-se para Megan, que observava seu irmão se afastar, pediu:

— Avise Frida e Marsha que precisamos de carne e cerveja em abundância.

— Agora mesmo — assentiu Megan, desaparecendo por trás dos arcos, seguida por Alana e Axel.

— Falcão! — exclamou Lolach. — Isto que ouço é seu coração disparado por essa moça bonita?

— O que está dizendo? — disfarçou ele, voltando-se sério para seu amigo. — Meu coração só bate desenfreado quando estou combatendo. Não se esqueça.

— Desculpe meu engano — disse o outro, reprimindo um sorriso, enquanto Niall se aproximava. — Só estou dizendo, e isto serve para ambos, que, quando vocês veem uma mulher bonita, babam como bebezinhos.

— Deixe de bobagens — bufou Duncan, sem querer escutá-lo mais.

— Você é um fofoqueiro! — gargalhou Niall, dando um empurrão em Lolach.

E todos foram entrando no castelo.

Capítulo 3

Naquela tarde, Duncan, Axel e alguns dos homens saíram com seus cavalos para percorrer a região. Axel queria mostrar a eles várias coisas que estava fazendo. Enquanto isso, as criadas serviam aos demais guerreiros com prazer, soltando risadinhas escandalosas quando algum deles lhes dizia alguma doçura e tentava enfiar as mãos por baixo de suas saias.

Nos aposentos superiores do castelo, Alana experimentava seu vestido de noiva acompanhada de Gillian e Megan, que haviam se tornado grandes amigas.

— Gillian — perguntou Alana —, posso saber por que insultou Niall?

— Simplesmente porque ele mereceu — disse Gillian, olhando para Alana com altivez.

— Você insultou um dos guerreiros? — perguntou Megan. — E eu perdi isso?

Gillian e Megan caíram na gargalhada.

— Pelo bem de seu irmão e de seu clã, devia ter mais cuidado com suas palavras e seus atos — apontou Alana.

— Tem razão — assentiu Gillian, mordendo o lábio. — Tentarei ter mais cuidado.

— O Falcão não podia afastar os olhos de você — disse Alana olhando para Megan. — Não percebeu?

— Não, lady Alana.

Sorrindo, ela se corrigiu ao recordar como a chamava quando estavam a sós.

— Não, Alana. Tenho coisas mais importantes em que pensar.

— Duncan é um homem muito bonito — comentou Gillian, assomando-se à janela oval para olhar a paisagem verde dos campos.

— E as donzelas brigam para dividir o leito com ele — completou Alana. — Ele é um guerreiro muito desejado pelas mulheres.

— Eu é que não me pegaria com ninguém por um homem — riu Megan. — E menos por esse, que pode escolher quem quiser.

— Devia procurar um marido, Megan — disse Gillian enquanto observava uns *highlanders* que escovavam seus cavalos. — Toda mulher deve ter a seu lado um homem que a proteja.

— Eu já tenho vovô, Mauled e Zac — bufou ela, notando que aquelas duas insistiriam nesse assunto.

— Mas eles não podem aquecer sua cama e seu corpo como faria, por exemplo, Duncan — sorriu Alana, marota.

— Alana! — exclamou Gillian.

— Não preciso que ninguém esquente minha cama. — retrucou Megan. — Eu a aqueço sozinha, sem precisar suportar ninguém.

— Oh-oh — suspirou Gillian ao ver Shelma correr para o castelo. — Sua irmã está vindo, e não está com uma cara muito boa.

— Shelma? — perguntou Megan, aproximando-se da janela.

Ao chegar perto da janela, ela viu sua irmã regressar com cara de poucos amigos e logo soube por quê.

— Onde está Zac?! — perguntou Shelma aos gritos, afastando seu cabelo castanho do rosto.

Seu irmão ia enlouquecê-las.

— Eu o mandei para você há um bom tempo — respondeu Megan, bufando. — Não se mova, já desço, e juro que quando o encontrar vou lhe arrancar as orelhas.

— Esse seu irmão... — disse Gillian. — É cabeça-dura.

— Mas eu sou mais — afirmou Megan, olhando para

Alana. — Tenho que ir.

— Não se preocupe, Megan — disse Alana, tomando-lhe a mão —, ele deve estar brincando em algum lugar.

— Eu acompanho vocês — apontou Gillian, que conhecia bem as travessuras de Zac.

Depois de se despedirem de Alana, abriram a porta pesada de madeira e saíram ao corredor escuro, iluminado por tochas. Desceram a escada de pedra em forma de caracol até chegar ao salão principal, onde ainda restavam alguns homens, que olharam para elas boquiabertos, murmurando palavras em gaélico ao vê-las passar.

— Juro que o matarei quando puser as mãos nele — praguejou Megan, sem notar que os homens as olhavam e riam do comentário.

— Vamos ver em que tipo de travessura esse mequetrefe anda metido — respondeu Gillian, recolhendo suas saias.

Atravessaram o pátio com pressa para chegar até Shelma, que ao vê-las, gritou:

— Juro que o mato, Megan!

— Foi o que disse sua irmã — sorriu Gillian para acalmar o ânimo de Shelma.

— Ele disse que queria ir ver os feirantes com os outros garotos — recordou Megan.

— Eu sabia! — gritou Shelma.

As três moças, andando com passos rápidos, dirigiram-se ao local onde os feirantes começavam a montar suas barracas. Era uma esplanada meio úmida devido às chuvas, e enlameada.

— Ali está o sem-vergonha! — indicou Megan.

Mas as três ficaram sem palavras quando viram o menino se aproximar sorratamente de uma das barracas com mais duas crianças do clã. Enquanto o feirante colocava uns tecidos, eles roubavam coisas, escondendo-as embaixo da camisa.

De súbito, umas vasilhas de barro caíram no chão, atraindo o olhar do feirante. Haviam sido pegos! Logicamente, o homem apanhou Zac, que era o menor.

O menino começou a gritar ao se ver preso por mãos que o chacoalhavam. Ao ver isso, Megan sentiu como se o coração fosse sair-lhe pela boca. Começou a correr, seguida pelas outras duas, e se deteve a alguns passos do feirante, que já havia dado dois tabefes em Zac.

— Desculpe, senhor. Por favor! — sussurrou Megan, sem fôlego devido à corrida. — Poderia fazer a gentileza de soltar meu irmão? Eu pagarei o que ele quebrou.

— Este sem-vergonha é seu irmão? — perguntou o homem, pegando-o pelo pescoço enquanto Zac chorava.

— Sim, senhor — assentiu Shelma, parando junto a

Megan. — Ele é nosso irmão, e pedimos que o solte.

— Eu não fiz nada! — mentiu Zac, tentando se livrar do homem.

— Zac, cale-se! — censurou Gillian, irritada, sentindo seus pés afundarem no barro.

— Ah, não fez nada?! — gritou o homem, dando-lhe um safanão que doeu mais nas moças do que no menino. — Estava me roubando, e quebrou alguns jarros. Isso é não fazer nada?!

Nesse momento, saiu de sua carroça a mulher do feirante, e Megan revirou os olhos ao reconhecer Fiona, que levou as mãos à cabeça ao ver os destroços.

— Malditas *sassenachs* fedidas! — cuspiu a mulher ao vê-las.

— Cale a boca! — gritou Gillian, enfurecida.

Aquela maldita palavra havia causado muita dor a suas amigas e a sua própria família.

— Não queremos confusão, Fiona — advertiu Shelma, olhando-a com receio.

Fiona era uma antiga habitante da aldeia. Durante os anos que vivera ali, primeiro sua mãe e depois

ela, sempre as haviam tratado com desprezo. Elas as odiavam devido a seu sangue inglês. Em várias ocasiões, inclusive, Megan e Fiona haviam brigado de chegarem aos tapas.

— Eu entendo seu desgosto, senhor — prosseguiu Megan, olhando para o feirante. — Por isso, repito que pagarei o que meu irmão...

— Fique quieto, ladrãozinho! — gritou o homem, dando outra bofetada em Zac.

Isso fez que sua irmã mais velha perdesse a paciência.

— Escute, senhor! — vociferou Megan, enfurecida.

— Se tornar a esbofeteá-lo, eu devolverei os tabefes.

— \ocê vai me dar uma bofetada?! — gargalhou o feirante, indignado.

Gillian e Shelma se olharam. Megan era capaz disso e de muito mais.

— Quem você pensa que é para falar assim com meu homem? — ladrou Fiona, postando-se diante de Megan com as mãos na cintura.

— Sou Megan. Acha pouco? — esclareceu, olhando para Fiona com desprezo.

E voltando-se para o homem, disse rispidamente:

— Solte meu irmão. Agora!

— Esse *sassenach*! — gritou o feirante com desprezo.

— É um futuro delinquente, e como tal deveria ser tratado.

“Acabaram-se as contemplações, Fiona”, pensou Megan, afastando o cabelo do rosto. Aquela moça roliça havia feito muito mal a seu avô com seus comentários

terríveis, e ela estava farta.

— Eu não sou *sassenach* — uivou Zac.

Tão novo ainda, ele não compreendia por que às vezes as pessoas insistiam em insultá-lo daquela maneira.

— Não pode negar, fedelho — disse Fiona com rispidez. — \ocê e suas irmãs cheiram de longe à podridão dos *sassenachs*.

“Oh, Deus... eu a mataria com minhas próprias mãos”, pensou Megan, furiosa.

— E você cheira a excremento de urso cruzado com uma bruxa! — gritou Shelma muito irritada, bem no momento em que Fiona se lançava sobre ela.

Megan tentou separá-las, mas a mulher corpulenta de outro feirante se jogou sobre ela. A confusão

estava armada.

Ao ver aquilo, Gillian começou a gritar a todos que era irmã de Axel McDougall e que ele os expulsaria de suas terras. Mas ninguém lhe deu ouvidos. As mulheres continuavam puxando-se os cabelos e se arrastando pelo barro; por isso, Gillian não pensou duas vezes e, sem se importar com nada mais, jogou-se em cima delas.

Os gritos e a algaravia que se formou atraíram os olhares de todos. Havia briga!

De repente, o forte som dos cascos de vários cavalos e um rugido estrondoso fizeram com que todos se paralisassem. Diante deles estavam seu senhor Axel, o Falcão e mais alguns homens.

— O que está acontecendo aqui?! — perguntou Axel, irritado, montado em seu enorme cavalo branco.

Sua surpresa foi imensa quando reconheceu entre aquela confusão de corpos sua irmã, Megan e Shelma. Desmontando com rapidez e tentando manter o controle, ele ajudou Gillian a se levantar. Ela estava com o cabelo revirado, encharcada e com a roupa suja de barro.

— Gillian, por todos os santos! O que está fazendo? O que aconteceu?

Enfurecida pela intromissão, ela se afastou de seu irmão e, ajudando Megan e Shelma a se levantarem, gritou, encolerizada:

— Essas malditas mulheres, Axel! Elas se jogaram sobre nós!

Niall, contemplando a cena, divertido, no lombo de seu garanhão, aproximou-se da agitação junto com Lolach.

— \êjo que as coisas não mudam por aqui — debochou Niall.

Mas um olhar duro de Axel lhe indicou que se calasse.

Os feirantes ficaram petrificados ao ver o senhor dos McDougall matando-os com o olhar. Atrás dele encontravam-se o Falcão, Niall e Lolach, que os observavam muito sérios, controlando a vontade de rir diante de um quadro como aquele.

— O garoto roubou e quebrou várias vasilhas — defendeu-se o feirante em um tom diferente já, enquanto ainda segurava Zac. — E, se o revistarem, encontrarão sob sua camisa algo do butim.

— Solte meu irmão! — bramou Megan, aproximando-se com o rosto vermelho e arranhado. — Solte-o agora mesmo ou juro que o matarei.

A raiva em seu olhar e a coragem em suas palavras deixaram os guerreiros sem fôlego. Viram em Megan uma mulher com muita personalidade. Essa força atraiu ainda mais a curiosidade de Duncan pela morena.

— Mas ela... — começou a dizer Fiona, apontando para Megan.

— Cuidado com suas palavras ao falar de minha irmã, ou vai se ver comigo de novo — advertiu

Shelma.

— Que caráter têm as mulheres desta terra! — sussurrou Niall a Lolach, que de novo teve que conter uma gargalhada.

O feirante soltou Zac, que correu para se esconder atrás de Megan. O rosto do menino estava vermelho.

— Zac, você roubou? — perguntou Duncan com sua voz rouca, atraindo os olhares de todos enquanto descia de seu cavalo escuro e enorme.

— Senhor — começou a dizer Shelma, intimidada diante do Falcão —, ele é uma criança, e...

— Estou falando com seu irmão — murmurou Duncan, olhando para ela.

“Maldição, Zac. E agora, como vamos sair dessa?”, pensou Megan ao ver aquele guerreiro enorme se aproximar dela.

Zac continuava escondido atrás da irmã mais velha, que pela primeira vez olhava nos olhos daquele *highlander*, sentindo um estranho ardor nas entranhas ao vê-lo caminhar em sua direção. O rapaz de olhos duros e implacáveis era o Falcão, o terrível guerreiro de quem ouvira tantas histórias assustadoras e que, segundo Alana, andara observando-a. Sua figura era imponente e implacável, tanto por sua altura como pela largura de seus ombros, sobre os quais descansava um brilhante cabelo castanho.

— Zac! Desobedeceu as minhas ordens — censurou Axel, aborrecido. — E isso implica um castigo.

— Não! — gritaram Megan e Shelma em uníssono.

— Axel! — gritou Gillian, horrorizada. — Pelo amor de Deus. Ele é só uma criança! E eles não aceitaram a oferta de Megan de pagar o que foi roubado e quebrado. Ficaram apenas humilhando-as e insultando-as, e depois...

— Amanhã, Zac — prosseguiu Axel, indicando a sua irmã que se calasse —, quero ver você no castelo para falar sobre seu castigo.

Niall e Lolach, ao escutar isso, entreolharam-se. Eles conheciam Axel, e sabiam que o castigo que imporiam ao garoto não iria além de ajudar nas cozinhas do castelo.

— Zac — chamou Duncan, agachando-se para ficar a sua altura. — Poderia sair das saias de sua irmã para que eu possa falar com você como um homem?

O menino, pálido e assustado devido a seus atos e àquele guerreiro enorme, saiu com valentia. Duncan olhou para ele e quase soltou uma blasfêmia quando contemplou, ainda marcada no rosto do menino, a bofetada do feirante.

— Mostre-me o que roubou — disse Duncan.

Sem que precisasse repetir a pergunta, o menino enfiou suas mãozinhas por baixo da camisa suja e tirou algo, que depositou nas mãos grandes e calosas de Duncan.

— Eu queria que minhas irmãs fossem bonitas ao casamento e peguei estes pingentes para elas.

— Oh, Zac — sussurrou Megan, agachando-se junto a ele, incapaz de pronunciar mais uma palavra.

Ao se agachar junto à criança, Megan ficou muito perto de Duncan, que admirou sua beleza a poucos centímetros e sentiu seu aroma de musgo fresco. Pela primeira vez na vida, ao perder-se nos olhos da moça, ele se deu conta de que a cor preta tinha mais de uma tonalidade. Os lábios dela o convidavam a beijá-los, a tomá-los, e o calor de seu rosto, ainda enlameado e sujo, deixou-o sem palavras.

— Zac, querido — sussurrou Megan —, nós agradecemos, mas não queremos que roube nada, entendeu?

— Roubar é errado — reforçou Duncan, confuso, perturbado pela presença da jovem. — Muitos homens vão para as masmorras, morrem ou são açoitados por isso. Você quer que lhe aconteça algo assim?

— Senhor — intercedeu Shelma rapidamente. — Se meu irmão tiver que ir às masmorras ou ser castigado, eu tomarei seu lugar.

Ao escutar isso, o sangue de Megan ferveu e seu coração se acelerou. Ela nunca permitiria isso!

— Que está dizendo?! Eu jamais consentirei algo assim — disse Megan.

E olhando diretamente para os olhos de Duncan, com mais coragem que muitos guerreiros, acrescentou:

— Ambos são meus irmãos, senhor. Sou responsável por eles. Diante de qualquer coisa que eles façam, a responsabilidade é minha. Se alguém tiver que ir a algum

lugar ou pagar algo, não tenha dúvida de que serei eu.

Aquelas palavras deixaram todos mudos. Lolach se espantou com a força daquelas mulheres, em especial a jovem que atendia pelo nome de Shelma, que olhara para ele em algumas ocasiões e lhe sorria.

— Não estou dizendo que alguém deva ser açoitado — esclareceu Duncan, confuso com a reação das moças. — Só estou tentando fazer Zac entender que roubar pode lhe acarretar problemas muito sérios no futuro; a ele e a sua família.

— Nisso meu irmão tem razão — assentiu Niall. — Zac deve aprender desde pequeno que algumas situações podem causar problemas.

Duncan, com pesar, afastou seu olhar da moça para fixá-lo no menino e dizer:

— Prometa-me que nunca mais tornará a roubar, senão, seus pais, que são responsáveis por você, terão que pagar por seus problemas.

— Eu não tenho pais — explicou o menino muito sério, sentindo a dor nos olhos de Megan ao escutar aquilo.

— Mas tem irmãs — respondeu Duncan. — E elas desejam que um dia você seja um bravo guerreiro que as defenda, não acha? Além do mais, tenho certeza de que seu senhor gostaria de poder contar com guerreiros

como você.

— Eu prometo, senhor — respondeu o menino com timidez.

Ele queria ser guerreiro.

— Guerreiro, esse sem-vergonha? — debochou Fiona diante do comentário. — Mas se eles são...

— Cale-se! — gritou Gillian, intuindo o que aquela bruxa ia dizer. — Não volte a insultá-los, ou se verá comigo.

— Torne a dizer essa palavra! Torne a nos insultar! — vociferou Megan, levantando-se para encarar a mulher. — E juro que arranco seus dentes e faço um colar com eles.

Ao escutar isso, Duncan olhou para seu irmão e para Lolach, surpreso. Nunca havia conhecido uma mulher com tal personalidade.

— Fiona — ordenou Axel ao intuir o que havia acontecido. — Recolha sua mercadoria e saia de minhas terras.

— Mas senhor... — sussurrou o feirante, segurando sua mulher pelo braço para que se calasse.

— Sem perguntar, intuo o que aconteceu aqui — prosseguiu Axel, sério. — Se mais alguém deseja ir com eles, fique à vontade! Mas a minha gente ninguém insulta. \èjo que o anoitecer se aproxima, de modo que a única opção em que sou capaz de pensar é que passem a noite aqui. No entanto, pela manhã, não quero vê-los em minhas terras, entenderam?!

— Sim, senhor — assentiram os feirantes, afastando-se de Fiona, que soltava faíscas ao ver as moças sorrindo.

— Zac, lembre-se de sua promessa — disse Duncan muito sério.

Com tranquilidade, ele se dirigiu ao feirante, que estava pálido de medo.

— Eu cuidarei do pagamento.

— Não, *laird* McRae! — exclamou Megan, pegando-lhe o braço robusto para chamar sua atenção. — Não se preocupe, eu pagarei.

— Não é necessário — sussurrou Duncan a poucos centímetros dela.

Nesse momento, Megan tomou consciência de sua ousadia ao tocá-lo, e, dando um passo para trás, afastou-se dele. Duncan, ainda com o olhar pousado nela, sentia a mão quente e palpitante da moça sobre a pele. Seu toque suave havia sido muito agradável!

Como um falcão escolhendo sua presa, ele cravou os olhos verdes nela, e durante alguns instantes ambos se olharam nos olhos, como se ninguém mais existisse.

— Por ora — tossiu Axel, interrompendo-os —, o que vai fazer é ir para casa trocar de roupa e livrar-se desse barro. Mais tarde continuaremos conversando.

E a seguir, voltando-se para os feirantes, disse:

— Amanhã pela manhã não quero ver por aqui ninguém que pense como eles.

— Não sei ainda o que aconteceu — afirmou Duncan, apontando para eles —, mas em minhas terras não os quero ver.

— Nem nas minhas — concluiu Lolach.

— Vnha, Gillian — Axel chamou sua irmã. — Eu a levarei ao castelo para que troque de roupa e volte a ser uma dama.

— Eu sou uma dama! — gritou ela, irritada, ao se ver içada pelo irmão diante do sorriso irônico de Niall. — Mas não suporto injustiças.

— Vamos, Zac — urgiu Megan, pegando-o pela mão e começando a andar.

— Duncan! — gritou Axel enquanto virava seu cavalo na direção do castelo. — Poderia cuidar para que Megan e seus irmãos cheguem em casa sem que se metam em mais confusão?

— Não! — gritou Megan, tentando se afastar o mais rápido possível daqueles homens. — Nós iremos andando, meu senhor. É muito perto. Além do mais, adoramos passear.

Mas os guerreiros já haviam tomado sua decisão.

— Nem em sonho — interveio Lolach aproximando-se de Shelma, erguendo-a sem aviso prévio para sentá-la diante dele e deixando-a boquiaberta. — Será um prazer levá-los.

— Eu lhe agradeço, *laird* McKenna — sorriu Shelma acomodando-se.

E deixou sua irmã sem palavras diante de tal leviandade; e, em especial, por sua cara de tonta.

— Tem um pouco de sangue aqui — sussurrou Lolach, tocando-lhe com a ponta do dedo o pescoço e ficando bobo ao ver aquela veia verde pulsando diante de seus olhos.

— Oh, não se preocupe — sorriu Shelma, limpando-se como se nada fosse. — São arranhões sem importância.

“Shelma, que estás fazendo? Flertando?”, pensou Megan, incrédula, ao ver sua irmã abrir e fechar os olhos com delicadeza.

— Qualquer mulher ficaria horrorizada por ter a pele marcada dessa forma — riu Niall ao ver a cara de bobo de Lolach.

— Nós não somos como qualquer mulher, e menos ainda nos assustamos com um pouquinho de sangue
— respondeu Shelma, sorrindo, e deixando-os assombrados

com sua segurança.

Após entregar ao feirante umas moedas, que este aceitou com um falso sorriso nos lábios, Duncan, em dois passos largos, chegou a seu cavalo, e com um salto ágil montou-o.

— Niall! Pegue o garoto e segure-o bem para que não caia — ordenou Duncan com voz alta e clara, como devia estar acostumado a fazer.

E sem dizer mais nada aproximou-se de Megan, estendendo-lhe a mão para que subisse. Um tanto desconcertada e incomodada pelos acontecimentos, ela aceitou a mão dele, e após notar que ele a levantava como se fosse uma pluma e a sentava diante dele, disse, mais tensa que um tronco:

— Obrigada por pagar a dívida, *laird* McRae, mas meus irmãos e eu poderíamos ir andando.

— Nem pensar — respondeu ele rodeando com o braço esquerdo a cintura dela para mantê-la segura.
— Eu a levarei até lá e garantirei que nada mais aconteça.

O caminho não era muito longo, e menos ainda a cavalo. A humilde cabana de Angus McDougall ficava próxima às cavalariças e ao lado da ferraria. Shelma e Lolach riram durante o caminho com os comentários de Niall, que amaldiçoava sua sorte por ter que levar um menino, e não uma doce dama.

Duncan, por sua vez, não podia pensar em outra coisa que não fosse a mulher que tinha em seus braços. Sentada diante dele, ele pôde aspirar melhor ainda seu aroma; um aroma diferente, que jamais havia sentido. Cada vez que ela voltava a cabeça para ver se seus irmãos os seguiam, Duncan podia admirar a delicadeza de suas feições. Em uma dessas vezes, seu queixo bateu na testa dela, e ele sentiu de novo a suavidade de sua pele sedosa.

Megan, incomodada por estar naquela situação absurda, tentava manter as costas eretas. Reclinar-se para trás implicaria sentir a musculatura daquele guerreiro contra ela, e não estava disposta. Ver sua figura imponente quando ele havia desmontado do cavalo para se aproximar dela e de seu irmão a havia deixado desarmada. Aquele era o Falcão, o guerreiro mais temido pelos clãs e o mais cobiçado pelas mulheres. Mas, diante dela, ele havia demonstrado sensibilidade ao falar com Zac com delicadeza e lógica, e ela não podia esquecer como o irmão o ouvira e sorria para ele.

Capítulo 4

O velho Angus de Atholl, que nesse momento estava falando com Mauled, o ferreiro do clã McDougall, assustou-se quando viu seus netos chegarem acompanhados por aqueles guerreiros. Um conhecido suor frio percorreu seu corpo ao olhar para Megan, mas, conforme foram se aproximando e ele viu os sorrisos de Shelma e Zac, ficou mais tranquilo.

— É ali, senhor — sussurrou Megan com a garganta seca. — Meu avô é quem cuida dos cavalos do clã.

— Mas aquilo é a ferraria — respondeu Duncan, olhando para onde ela apontava e aproveitando os leves roçares que o movimento do cavalo lhe permitia.

— Moramos ao lado de Mauled. Sua esposa morreu há dois anos e minha irmã e eu cuidamos dele.

— O que quer dizer com cuidar dele? — perguntou Duncan, curioso e incomodado.

— Não quero ser descortês, mas por que isso

importa, senhor?

Ele achou graça da valentia e do descaramento daquela mulher.

— Pode me chamar de Duncan — sussurrou ele no ouvido dela, fazendo-a se arrepiar toda.

— Desculpe, *laird* McRae — respondeu ela, voltando-se para olhá-lo nos olhos.

Coisa de que se arrependeu. Sua boca carnuda e sensual roçou a dela brevemente.

— Não creio que seja uma boa ideia que eu o chame dessa maneira. Não devemos esquecer quem é. Prefiro chamá-lo de *laird* McRae.

— Duncan. Eu gostaria, e prefiro que me chame assim.

— Não! — disse ela, deixando evidente sua teimosia.

E baixando a voz para que ninguém os escutasse,

sussurrou:

— Já disse que não, *laird* McRae, não insista.

— Duncan — repetiu ele.

“Nem pensar!”, pensou Megan.

— Não.

— É uma cabeça-dura, mulher! — reclamou ele, franzindo a testa.

Ele não estava acostumado a ter que repetir suas ordens.

— Por todos os santos celtas! — bufou Megan, afastando com uma das mãos um cacho preto que lhe caía entre os olhos. — Quantas vezes tenho que dizer que não, senhor?

— Até que diga sim — respondeu ele, divertindo-se com aquela conversa.

Mas ela era obstinada; teimosa como uma mula.

— Não direi. Além do mais, tenho certeza de que se eu o chamar de Duncan, depois desejará algo mais de mim, e não estou disposta a lhe dar nada — disse ela, irada. — Porque, que fique claro: sou pobre, mas decente. Não aqueço o leito de ninguém, e pode ter certeza de que mesmo que seja o poderosíssimo Falcão, e as mulheres briguem para estar com o senhor, a mim não impressiona. Portanto, eu agradeceria se não voltasse a insistir, *laird* McRae.

Quando Megan fechou a boca, teve consciência de como havia falado com ele. Por isso, blasfemou com seus botões e fechou os olhos, arrependida por sua língua rápida.

Duncan sorria, entre assombrado, incrédulo e divertido.

— Ali está vovô! — gritou Zac nesse momento, saudando-o com a mão.

Os cavalos, a passo lento, aproximaram-se de Angus, que os recebeu com um sorriso e o desconcerto no rosto. Era raro que suas netas voltassem acompanhadas.

— Por São Ninian! O que aconteceu com vocês? — perguntou ele ao ver o estado delas.

— Olá, vovô — saudou Zac enquanto Niall o descia. — Está vendo? Estamos acompanhados de uns guerreiros, e o que leva Megan é o Falcão.

— Zac! — repreendeu-o Megan com rapidez.

Uma vez que o cavalo de Duncan parou, a moça, sem aviso prévio, desembaraçou-se das mãos do cavaleiro e com um salto desmontou, sem a ajuda dele, surpreendendo-o de novo. As mulheres que ele conhecia precisavam de ajuda tanto para subir como para descer dos cavalos, ainda mais quando estes tinham a altura de Dark. Ao ver que Shelma fazia o mesmo, ele sorriu diante da cara de espanto de Lolach.

— \ovô — disse Megan, dando-lhe um beijo. — Estes são *laird* Duncan McRae, seu irmão Niall McRae e *laird* Lolach McKenna, e nos trouxeram porque tivemos um percalço na feira. Mas não se preocupe, não aconteceu nada.

— Percalço? O que aconteceu? — perguntou o velho de cabelos brancos, tocando o queixo.

— É que... — começou Shelma.

— Foi algo muito tolo, senhor — sorriu Niall com cumplicidade, tentando ajudá-las a inventar uma

mentira. — Eles estavam em uma carroça e um de nossos homens sem querer chocou-se contra eles.

Todos ficaram calados, à espera da reação do velho, que, após olhar para eles com olhos sábios, murmurou, levantando o dedo:

— Essa foi uma boa mentira, rapaz, mas conhecendo meu neto Zac, tenho certeza de que ele teve algo a ver com isso, não é?

— Eu, vovô...

— Vovô, não tem importância. Zac se meteu com um feirante — informou Megan, omitindo certos detalhes —, e, bem...

— Suas irmãs tiveram que brigar de novo por sua causa? — o velho censurou o menino, que desta vez se escondia atrás de Shelma.

— Vocês brigam muito por causa de seu irmão? — perguntou Niall, morrendo de rir.

Aquilo era engraçado.

— Puuff... — gesticulou Megan, revirando os olhos.

Niall viu que ela tinha senso de humor.

— Se lhes contasse a quantidade de vezes, não acreditariam.

Vê-la sorrir e brincar com seu irmão fez com que Duncan desfrutasse o momento. Em pouco tempo, e sem que ela notasse, ele havia se regozijado com seu sorriso, sua bravura e sua beleza. Até mesmo seu sotaque estranho o cativou.

— Esse diabinho... — disse o outro velho grisalho, Mauled, que se juntou ao grupo. — Vai acabar com suas irmãs antes de se transformar em homem.

— Mauled, não exagere! — sorriu Megan, assombrando de novo Duncan pela doçura que transmitia seu rosto ao olhar para aquele homem e para seu avô.

— Meu nome é Duncan McRae — apresentou-se, aproximando-se dos idosos para lhes estender a mão. — Não se preocupem, já lhe demos uma boa bronca, e amanhã Axel quer vê-lo para impor um castigo.

— É um prazer, *laird* McRae — saudou Mauled pegando-lhe a mão com força.

Diante dele estava o temível Falcão, e isso era uma grande honra.

— Por todos os santos! — bramou o velho Angus olhando para Mauled. — Ouviu isso? Outra vez minhas meninas defendendo este pirralho. Isso nunca vai mudar? O que quer? Matar suas irmãs?

— Ora, vovô — riu Shelma, olhando para Lolach. — Também não é para tanto.

Tentando se acalmar, Angus convidou os guerreiros a tomar cerveja para refrescar a garganta enquanto suas

netas se lavavam e trocavam de roupa.

— Onde estão os pais de seus netos? — perguntou Lolach ao recordar que o menino havia lhes revelado que não tinham pais.

— Morreram há alguns anos — respondeu Angus secamente.

Não queria dar mais explicações.

— Eu cuido deles.

Instantes depois, os três guerreiros se sentaram em um tronco em frente à cabana de madeira, deixando que os idosos, emocionados por terem pessoas importante em seu lar, lhes fizessem milhares de perguntas sobre a Batalha de Bannockburn. Zac, após se lavar, juntou-se a eles. Pouco tempo depois, Duncan viu Megan sair carregando roupas para deixá-las em outro cômodo e tornar a entrar na casa. Mas, antes, os olhos dela tornaram a encontrar os seus.

— Como ele é bonito! — riu Shelma, animada, olhando disfarçadamente pela janela. — Viu que olhos lindos ele tem?

— Quem? — perguntou Megan, inquieta.

— Lolach. Oh, Deus. Como gostei de cavalgar com ele! Ele me olhava de uma maneira que... que...

— Um conselho, irmãzinha — disse Megan, apontando-lhe o dedo. — Não sonhe com coisas impossíveis. Ele é Lolach, *laird* do clã McKenna.

Shelma, segura de seus encantos, olhou para a irmã e, com uma expressão depreciativa, questionou:

— E daí?

“Essa é tola”, pensou Megan antes de responder.

— Lembre-se de quem somos para eles. No momento em que souberem que papai era inglês, debocharão de nós como quase todo mundo, e nos chamarão de *sassenachs* fedidas. Além do mais, não ouviu a fama que têm esses guerreiros?

Não querendo mais escutar a irmã, Shelma abriu a porta da cabana e se juntou ao grupo.

Desconcertada, escondida dentro de seu lar, Megan pôde ver pela janela que Duncan olhava com curiosidade para a casa. Esperaria vê-la?

Mais tarde, Shelma entrou na cabana para pegar mais cerveja. Duncan, estranhando que Megan não sáísse, acompanhou-a com a desculpa de ajudá-la a levar as jarras. Ao entrar, encontrou uma casa humilde, arrumada e limpa, e Megan cozinhando.

— Viemos buscar mais cerveja — disse Shelma com alegria.

— Muito bem — assentiu Megan sem olhar para eles.

Ela sentia todo o seu corpo tremer de emoção por ter

aquele guerreiro robusto atrás de si. Pressentia que ele a olhava, e isso a estava matando.

— Essas flores — disse Shelma ao ver um buquê em cima da mesa — são daquele inconveniente, Sean?

— Foi o que disse vovô — assentiu Megan, fazendo uma careta ao ouvir aquele nome.

— Que desagradável, por Deus! — sorriu Shelma, olhando para Duncan. — Quando perceberá que não quer nada com ele?

Depois de encher as jarras, alarmado pelo nervosismo absurdo que a proximidade daquela mulher lhe provocava, Duncan saiu da casa, mas ficou ancorado na porta quando, de súbito, ouviu Shelma parar de falar gaélico e falar inglês, um idioma que quase ninguém utilizava nas Highlands.

— O que está fazendo? — perguntou Shelma, aproximando-se de sua irmã.

— Estou cozinhando ervas — respondeu Megan, sorrindo e lhe mostrando folhas de azeda, entre outras.

— Não! Acaso é bruxa?! — riu Shelma, pois sabia para que se costumavam utilizar aquelas ervas. — Em quem vai jogar isso?

— Naquela Fiona roliça. Estou farta de seus insultos. Hoje à noite, irei até sua carroça e verterei um pouquinho disto em sua água. Amanhã e depois de amanhã ela terá uns dias bem depurativos.

Ambas riram, divertidas, até que Shelma disse:

— Você é demais, irmãzinha! Vã! me deixar ir junto?

— Não. Você ficará com Zac. Vovô tem que descansar.

E sorriu ao imaginar Fiona com o traseiro assado de tanto evacuar.

— Será coisa rápida. Além do mais, irei acompanhada de Lord Draco.

Depois de escutar a conversa, Duncan se dirigiu aos homens e, enquanto os ouvia rir, alheio à conversa, pensou: “Por que as moças estavam falando naquele idioma?”. E, em especial: “Quem é esse tal de Lord Draco?”.

Um tempo depois, os velhos Angus e Mauled, felizes com a conversa daqueles jovens guerreiros, convidaram-nos a jantar; mas eles declinaram a oferta. Sabiam que eram esperados no castelo. Por isso, com mais preguiça que outra coisa, montaram seus cavalos e cavalgaram de volta para casa.

— Lolach! — disse Duncan. — Noto que seu coração de guerreiro se abrandava quando vê uma mulher

bonita.

O guerreiro, ao ouvir isso, olhou-o com a testa franzida.

— Por Deus, Lolach! Foi vergonhoso. Quanta babação! — debochou Niall.

— Por todos os santos! — sorriu Lolach ao pensar na doce Shelma enquanto entravam pelas portas do castelo. — Mas quem pode resistir àquele doce sorriso?

— Tem razão, amigo — assentiu Duncan, sorrindo também. — Ela tem um belo sorriso.

Ao entrar no salão principal, Duncan e Lolach se dirigiram a seus homens, que bebiam cerveja e faziam gracinhas com umas jovens. Após dar-lhes instruções, foram até Axel e Niall, que conversavam com Alana e Gillian.

— Boa noite — saudou Lolach. — Permitam-me que eu diga que a beleza das senhoritas é estonteante.

— Você me roubou as palavras — disse Duncan.

— Obrigada — sorriu Gillian.

Niall quase engasgou ao olhar para ela. Gillian estava linda com aquele vestido azul-claro.

— São muito atenciosos — sorriu Alana ao ver o temível Falcão ao seu lado. — Como Megan e Shelma chegaram em casa?

— Bem... bem — respondeu Niall ao ver que seu irmão e Lolach ficavam de boca fechada.

E olhando para Axel, perguntou:

— Todas as mulheres destas terras têm a mesma personalidade?

— Niall! — advertiu Duncan ao ver o olhar de Gillian.

O jogo que aqueles dois haviam começado podia lhes custar caro.

— Qual é o problema com as mulheres destas terras? — sibilou Gillian com os olhos semicerrados.

— Oh... fique tranquila — respondeu Niall ao ver a cara de poucos amigos dela. — Você ainda é uma menina. — E, sorrindo para Alana, acrescentou: — Eu estava me referindo às mulheres.

— Já lhe disseram que tem menos delicadeza que um asno? — murmurou Gillian, ofendida e vermelha de raiva.

Alana, ao escutá-la, levou a mão à boca, mas foi Axel quem falou.

— Gillian, eles são nossos convidados — recordou-lhe. — Comporte-se.

— Fique tranquilo, irmão — disse ela, afastando-se ao ver entrar no salão suas primas Gerta e Landra, junto com seu avô Magnus. — Educação não me falta, mas certos animais e seus modos me tiram do

sério.

— Eu a acompanho — disse Alana, tomando-lhe a mão e puxando-a para acalmá-la.

— A que animal ela se refere? — perguntou Niall, sorrindo.

Axel suspirou e olhou para ele.

— Assim não chegará a lugar algum, rapaz — sussurrou Lolach, divertido, enquanto Magnus caminhava na direção deles.

— É o que pretendo — declarou Niall baixinho, mas não o suficiente para não ser ouvido.

— Rapazes! — saudou Magnus ao se aproximar. — Disseram-me que haviam chegado. Que alegria vê-los! Como está meu bom amigo Marlob?

— Ficou um pouco triste por não poder vir — informou Duncan após uma cordial saudação. — Mas seu estado delicado não lhe permite fazer uma viagem tão longa.

— Mande lembranças de minha parte e diga a ele para ir preparando aquela *aqua vitae* maravilhosa que ele faz, pois qualquer dia vou aparecer por lá.

— Ele ficará feliz! — sorriu Niall.

Os risos de duas mulheres os fizeram voltar os olhos.

— Quem são? — perguntou Lolach, sorrindo encantado.

— As netas de minha irmã Eufemia — respondeu Magnus.

— Minhas primas chatas — reforçou Axel.

E, olhando para Niall, perguntou:

— Posso saber qual é seu problema com minha irmã?

— Não tenho problema nenhum, mas acho engraçadas suas reações.

— Niall — advertiu Axel —, afaste-se de minha irmã.

Duncan olhou para seu amigo e seu irmão, mas não

disse nada.

— É o que faço — respondeu Niall, deixando de sorrir. — Não vê, McDougall?

— Rapazes! — censurou-os Magnus. — Façam o favor de se comportar.

Niall e Axel se desafiaram com o olhar, até que Lolach se interpôs entre eles para acabar com aquela bobagem. Eles se conheciam desde sempre. Seus pais haviam sido bons aliados e amigos em vida. Mas

Axel conhecia sua irmã, e sabia que ela sempre havia suspirado por aquele McRae.

— Magnus, Axel — interrompeu Duncan, empurrando seu irmão. — Gostaria de falar com vocês.

— Esperaremos lá fora — disse Lolach, pegando o braço de Niall.

— Não é necessário — afirmou Duncan.

Ele não sabia por quê, mas sentia que o que ia perguntar também interessaria a eles.

— Diga — disse Magnus, sentando-se em um banco de madeira.

— Queria perguntar sobre Megan e seus irmãos — disse, atraindo a atenção de Lolach e de Niall. — O que aconteceu com os pais deles?

— Ah! Conheceram aquelas duas jovens maravilhosas? — perguntou Magnus, batendo palmas ao pensar nelas.

Ele as amava tanto quanto a sua própria neta Gillian.

— \ovô, elas e sua querida neta se envolveram em uma briga com feirantes — esclareceu Axel, fazendo-o sorrir.

Qualquer coisa que Gillian ou aquelas irmãs fizessem sempre fazia Magnus sorrir. Ele as adorava.

— Que personalidade têm, não é?

E observando Duncan, o velho acrescentou:

— Rapaz, mulheres assim encontrará poucas.

— Duncan, creio que é a vez de meu avô responder à sua pergunta.

Todos olharam para o velho, que, depois de enrolar um pouco, por fim disse:

— Morreram há anos, longe destas terras — esclareceu, mudando de humor.

Aquela resposta não aplacou a curiosidade de Duncan, que voltou ao ataque:

— Isso não me diz muito, Magnus.

E olhando para seu amigo, prosseguiu:

— Talvez possa me dizer por que elas brigaram com os feirantes, ou qual foi o insulto que desencadeou tudo.

— O que pretende saber?! — rugiu Magnus, cruzando

os braços diante do peito.

Duncan o fitou.

— Pretendo saber por que entre si elas falam um idioma que não é o gaélico.

— Que está dizendo? — perguntou Niall com estranheza.

Lolach não estava entendendo nada.

— Escutem bem e meçam suas palavras depois do que vou relatar — pediu Magnus olhando para Axel.

Após um longo silêncio, começou:

— O pai das moças era inglês. Satisfeito? — perguntou olhando para Duncan, que não se alterou. — A mãe delas era Deirdre de Atholl McDougall, uma moça encantadora que um dia se apaixonou por um tal de George. Recordo que quando ela partiu com ele, Angus sofreu demais. Sua mulher, Philda, havia morrido, e a partida de Deirdre o deixou sozinho e triste. O que sei é que o pai das moças morreu em uma caçada, quando alguém errou o alvo e o acertou, e Deirdre morreu após o parto do pequeno Zac. Megan me contou que foi um inglês, amigo do pai delas, que, arriscando sua vida e a de alguns homens, os ajudou a fugir da tirania de seus tios, trazendo-os de novo para casa, aqui, com seu avô e seu clã.

— Elas são inglesas? — perguntou Niall, desafiador.

— Não. Elas são escocesas — afirmou Axel.

— Uma noite, há seis ou sete anos, Angus apareceu com as duas moças e o bebê no colo, pedindo-me permissão para que pudessem viver aqui. E passaram a fazer parte de meu clã. Elas são tão McDougall quanto eu, e não permitirei que ninguém questione isso nem um só instante — disse Magnus com severidade.

— O pai delas era um *sassenach*? — perguntou Lolach, incrédulo.

— Sim — assentiu Axel —, e embora eu tenha matado centenas deles, sou dos que pensam que nem todos são iguais.

— Evidente que não — afirmou Magnus, que se entristecia ao recordar tudo aquilo.

Exceto por poucas pessoas e Marlob, avô de Duncan e Niall, poucos conheciam esse grande segredo.

— Não existe nenhum *sassenach* diferente — censurou Niall. — São todos iguais. Podemos distingui-los a léguas. Com razão essas duas moças têm tanta personalidade. Têm o caráter torto inglês.

— Perdoe que o corrija — interrompeu Lolach, ainda surpreso —, mas esse caráter é mais escocês que inglês. Pelo que sei, as inglesas são frias como pedras de gelo, e não me parece que essas moças sejam assim.

— Tem razão — assentiu Niall, balançando a cabeça e sorrindo ao se recordar das inglesas que haviam cruzado seu caminho.

— Oh... — lamentou Magnus ao escutá-los,

balançando a cabeça. — Como estão equivocados!

— Existe algo mais, não é? — murmurou Duncan, cravando o olhar no velho.

O guerreiro e o velho se olharam, até que este último falou.

— Conte a eles, Axel — sussurrou Magnus com voz tomada de tristeza, enquanto se levantava e se aproximava do calor da lareira para não deixar que ninguém visse seus olhos marejados.

— Minha avó Elizabeth era inglesa — confessou Axel, observando seu avô, que jogava um tronco na lareira. — Esse é um segredo bem guardado em minha família. Ela foi vítima de sua própria pátria por ajudar os escoceses. Vocês têm algo mais a perguntar?

Nesse momento, as mulheres se dirigiam a eles. Duncan, ao ver a dor refletida nos olhos de Magnus, decidiu encerrar a conversa e ir jantar.

Capítulo 5

O bosque fechado de azevinho diante de Megan era escuro, apesar da lua cheia, que irradiava um esplendor magnífico. A primeira vez que ela vira aquele bosque tomado de azevinhos, pinheiros e carvalhos maravilhosos fora na noite em que chegara com John e seus homens. Ali ela se despedira de seu bom amigo e nunca mais tivera notícias dele. “Que terá sido de sua vida?”, pensava enquanto caminhava puxando Lord Draco, seu cavalo gentil e cansado, que John, naquele dia fatídico, havia se lembrado de resgatar.

Lord Draco era um cavalo velho, pardo, de olhos cansados que revelavam seus 20 anos. Mas Megan o adorava. Nunca esqueceria o dia em que seus pais lhe deram o cavalo de presente. Ela tinha 6 anos, pouco menos que Zac nesse momento, de modo que ambos cresceram juntos, e juntos haviam vivido muitos momentos bons e ruins.

Naquela noite, depois de sair sigilosamente de casa, Megan chegou ao local onde os feirantes acampavam e não notou que olhos divertidos e incrédulos observavam todos os seus movimentos.

Disfarçadamente, Megan se aproximou da carroça onde a roliça Fiona e seu marido dormiam. Com rapidez, verteu algo que levava nas mãos dentro de um recipiente de barro. A seguir, com a mesma tranquilidade e sigilo com que havia chegado, foi embora.

Duncan, que ficara durante um bom tempo esperando que ela aparecesse, ficou maravilhado ao vê-la. A jovem havia irrompido diante dele vestida como homem. Nada de vestidos, de cabelos ao vento, nem delicadeza ao caminhar. Nesse momento ela vestia calças de couro marrom, uma camisa de linho, uma velha capa escura e botas de cano alto, que facilitavam seus movimentos. E seu cabelo estava preso em uma longa trança sob um lenço. Duncan, com a boca seca, observava nas sombras os movimentos controlados dela, e não pôde deixar de rir quando a viu derramar algo dentro da vasilha. Ao vê-la desaparecer entre as árvores, saiu andando. Tinha que alcançá-la.

— O que faz uma moça andando sozinha pelo bosque a esta hora?

Ao escutar aquelas palavras, Megan parou.

“Maldição. O que ele está fazendo aqui?”, pensou, voltando-se para ele.

A aparência dele era inquietante. Agora que estava limpo e arrumado, via-se que era bonito. Seu belo cabelo castanho balançava sobre os ombros, desafiando o ar, enquanto seus olhos verdes penetrantes a escrutavam. Quase soltando um suspiro — sem saber por quê —, Megan levou o olhar para sua boca sensual, que, segundo ouvira as mulheres dizerem, era uma boca quente e suave para beijar. Realmente, aquele homem era uma verdadeira provocação. Mas por que a olhava com aqueles olhos inquisidores?

— Eu estava dando um passeio com meu cavalo, senhor — esclareceu ela, puxando com força as rédeas de Lord Draco, que bufou ao notar que tinham companhia.

— Vêstida como um rapaz? E jogando poções na água dos outros?

— Ora, que desfaçatez! — Megan se irritou, mudando de postura. — Estava me espiando, seu verme?

Ela arregalou os olhos ao se dar conta de como havia falado com *laird* McRae, o Falcão, e ficou preocupada com as consequências que aquilo acarretaria a sua família. Levantando as mãos como um gesto de desculpas, falou:

— Oh... Meu Deus! Desculpe minhas palavras, senhor. Eu tenho o horrível defeito de falar antes de pensar.

— Por que será que isso não me surpreende? — disse ele, erguendo uma sobrancelha, divertido. — Fique tranquila, não se preocupe. Mas, por experiência própria, eu digo que devemos pensar antes de falar.

Ao escutar isso, ela suspirou.

— Tem razão, senhor — e assentiu.

A expressão de estupor e constrangimento dela provocou um sorriso em Duncan.

— Eu não direi nada, se você também prometer não falar. Não gostaria que as pessoas perdessem o medo que têm de mim — respondeu ele, aproximando-se mais dela, deixando evidente sua estatura incrível e seu porte de guerreiro.

— Eu prometo, senhor — assentiu ela.

E dando meia-volta, segurou com força as rédeas de Lord Draco e começou a andar.

— Boa noite, *laird* McRae.

— Duncan — solicitou ele, tomando-lhe o braço. — Meu nome é Duncan, e não sei por que estranha razão decidiu continuar me chamando de outra maneira.

— Outra vez a mesma coisa? — protestou Megan, olhando para o céu de um jeito cômico. — Creio, senhor, que já expressei o que penso sobre isso.

— Eu não penso como você, moça — disse Duncan, maravilhado com a esperteza e a graça dela. — E, se me permite, eu a acompanharei até sua casa.

— Não preciso de proteção, senhor. E não me leve a mal, mas não permito.

Ela recusou a oferta mordendo o lábio inferior.

Ele sorriu, cravando nela seu inquietante olhar verde.

— Pretende contestar todas as minhas ordens? — insinuou ele, apertando-lhe o braço.

— É evidente. Eu não sou nenhum guerreiro — respondeu Megan, dando um puxão para se soltar.

“Ai, meu Deus. Outra vez”, pensou Megan após dizer isso.

Duncan, ao ver de novo aquele rosto preocupado, disse:

— Sabe de uma coisa? Não estou com vontade de discutir. Eu a acompanharei — insistiu, decidido, caminhando ao lado dela.

Ela resmungou algo baixinho — o que Duncan achou engraçado —, e ambos seguiram em silêncio; até que ele a ouviu sussurrar.

— Disse algo?

— Estava falando com Lord Draco — ela respondeu sem olhar para ele.

— Lord Draco é seu cavalo? — perguntou ele, estranhando o nome.

— Sim — assentiu ela, fechando os olhos. — Foi o nome que meu pai e eu escolhemos.

— Lord Draco... nome curioso — refletiu ele, observando os gestos envergonhados dela. — Nunca conheci um lorde dessa espécie.

— *Laird* McRae, seu cavalo é impressionante — disse Megan para mudar de assunto.

Sentia vontade de rir por causa da situação absurda que estava vivendo.

— Duncan — corrigiu ele, apontando-lhe o dedo. — E antes que solte essa sua língua viva, deixe-me dizer que entendi perfeitamente que é pobre e decente, mas também quero que fique bem claro que não a obrigarei a aquecer meu leito, nem nada parecido. Só quero que me chame pelo nome, como eu a chamo pelo seu. É tão difícil dizer Duncan?

“Como ela é bonita!”, pensou o *highlander*.

— Muito bem — sorriu Megan, deixando-o sem fôlego. — Duncan, seu cavalo é uma preciosidade.

— Dark é um bom cavalo — respondeu ele, tocando a nuca do animal, que em agradecimento esfregou o focinho na mão dele. — Sabe de uma coisa? Hoje me dei conta de que você e meu cavalo têm a mesma cor de

cabelo.

— Por São Ninian! — riu ela. — Já me disseram muitas coisas, mas nunca que meu cabelo era igual ao de um cavalo.

— Eu não disse isso — defendeu-se Duncan, divertido. — Só disse que a cor de seu cabelo e a do pelo de Dark é a mesma.

— Pois sabe de uma coisa? — replicou Megan, pegando sua trança para colocá-la junto ao cavalo.

— Tem razão! — E sorrindo, perguntou: — Estão há muitos anos juntos?

— Tantos que nos entendemos perfeitamente.

— Entendo — assentiu ela, mais relaxada. — Comigo é igual com Lord Draco. Às vezes nos compreendemos só com um olhar. Inclusive, ele me ajuda quando outros cavalos ficam teimosos.

— Como?

— Meu avô cuida dos cavalos do clã McDougall — explicou ela, olhando as estrelas. — Normalmente, quando nos trazem um cavalo novo, é ele quem o prepara, mas, quando um sai rebelde e selvagem, ele o deixa para mim.

Afastando com a mão uma mecha de cabelo, ela prosseguiu:

— Mauled e vovô dizem que eu falo com os animais, e, de certo modo, eles têm razão. Eu olho nos olhos deles, falo com carinho, e no final eles fazem o que eu quero, com a ajuda de Lord Draco.

— Está falando sério? — perguntou Duncan com um leve sorriso.

— Totalmente sério — assentiu Megan, olhando para aquele sorriso que ele se empenhava em ocultar. — Lord Draco e eu formamos uma boa equipe.

— Isso significa que estão há muito tempo juntos.

— Sim — assentiu ela, mudando a expressão do rosto. — Ganhei-o de presente de meus pais quando completei 6 anos. Com ele aprendi a montar, e...

— E? — Duncan arqueou a sobrancelha ao vê-la interromper a frase.

— Nada... nada — disse ela, balançando a cabeça.

Recordar era doloroso.

— Angus e Zac comentaram que seus pais morreram.

Lembrar-se de seus pais ainda era difícil para ela.

— Sim. Há muitos anos. Por isso viemos viver com o vovô.

— Onde viviam antes? — perguntou ele, tentando ver quanto ela era capaz de lhe contar.

Mas a reação à sua pergunta foi desmesurada. Ela se voltou para ele e, com o rosto contraído de raiva, deu-lhe tamanho empurrão que o deixou desconcertado. Sem medo algum, ela o encarou como poucos rivais haviam ousado fazê-lo.

— O que quer saber exatamente? Ou melhor: já sabe, não é verdade?! — gritou Megan, olhando-o com raiva.

— Não sei do que está falando — mentiu ele ao ver a dor no olhar de Megan. — Eu só estava tentando ser amável.

— Oh, sabe sim, *laird* McRae! — gritou ela, fazendo o sangue de Duncan ferver. — Eu vivia em uma casa muito bonita, mas asfixiante, longe daqui, onde o luxo era parte de minha vida, não como agora. Mas eu digo, senhor — prosseguiu ela, apontando-lhe o dedo —, que, por mais humilde que seja este lar, é meu lar! Sem dúvida nenhuma eu o prefiro, por muitas razões que nunca ninguém poderá compreender.

Duncan não pôde resistir. Tê-la tão perto era uma tentação. Ele estava acostumado a que as mulheres se jogassem em cima dele, embora as prostitutas com que estava acostumado a tratar não tivessem a suavidade, nem o olhar desafiador, nem o aroma de Megan. Sem saber por quê, ele a puxou para si e tomou seus lábios vorazmente.

Megan, ao se sentir cercada por aqueles braços poderosos e ver Duncan tomar sua boca, tentou se afastar. Mas o desejo desconhecido que sentiu por ele

fez com que se deixasse beijar.

Os lábios de Duncan eram exigentes e quentes. Sua língua obrigou Megan abrir a boca, onde ele entrou e explorou sem medo, com uma infinidade de sensações que até então nunca havia experimentado. Ela era deliciosa!

Depois de um beijo intenso, Lord Draco bateu com o focinho no ombro de Megan, devolvendo-a à realidade. E dando-lhe um empurrão com todas as suas forças, ela conseguiu se soltar do abraço de Duncan, com a respiração entrecortada e os lábios inchados por causa do beijo apaixonado.

— Desculpe-me — disse Duncan com voz rouca, tonto pelo que seu corpo havia sentido ao tomar aquela mulher em seus braços.

Ao abraçá-la, ele havia notado que Megan se refugiava nele, e isso havia lhe provocado uma ternura até então desconhecida.

— Eu peço desculpas, Megan. Não pretendia fazer isso. Mas não sei o que me deu.

— Não se preocupe, *laird* McRae — respondeu ela mais confusa que ele, fuzilando-o com seus olhos negros e faiscantes. — Eu nunca deveria ter confiado em você, nem em sua palavra! É o Falcão! — gritou Megan, fazendo-o se sentir mal. — A idiota fui eu ao pensar que não exigiria nada mais do que uma simples conversa. Portanto, vamos esquecer o assunto, e boa noite, senhor!

E dito isso, Megan começou a descer a colina que levava até sua casa, trêmula pelo beijo e pela estranha atração e segurança que havia sentido.

Enquanto ela se afastava, Duncan a observava com seu olhar penetrante. Vendo-a desaparecer pela porta da cabana, esboçou um leve sorriso e, montando Dark, sussurrou:

— Vamos voltar ao castelo, a fera já está em casa.

Capítulo 6

Durante os dias anteriores ao casamento, Megan tentou por todos os meios não cruzar com Duncan. Mas era impossível, parecia que estava predestinada a vê-lo em todos os lugares. Alana, bastante observadora, notara que desde que aqueles três guerreiros, Niall, Duncan e Lolach, haviam chegado, as mulheres do castelo estavam em polvorosa. Todas tentavam ser a escolhida para aquecer-lhes a cama, e até suas primas haviam sido vistas flertando com dois guerreiros McRae.

Gillian, por sua vez, apesar de discutir o tempo todo com Niall, parecia buscá-lo desesperadamente, e Axel pôde comprovar com seus próprios olhos que Niall, assim que via Gillian, tentava desaparecer.

Megan, desde o que havia ocorrido, procurava não ficar sozinha em locais públicos, como o salão ou o pátio do castelo. Enquanto isso, Duncan começava a se enfurecer quando a via fugir dele sem lhe dar oportunidade de falar.

A única que parecia feliz era Shelma, que sorria como uma tonta para Lolach quando o encontrava em seu caminho.

O esperado dia do casamento chegou, e o castelo fervilhava de atividade. As cozinhas exalavam o odor do *haggis*, prato indispensável em qualquer casa escocesa preparado com vísceras de cordeiro, enquanto a cozinheira partia salmão e suas ajudantes confeccionavam bolos de farinha.

Axel, o noivo orgulhoso, conversava com os homens no salão esperando o início da cerimônia. Enquanto isso, Megan, Gillian e Shelma vestiam Alana, que, relaxada, notava mais nervosismo nas outras que em si mesma.

— Está lindíssima, Gillian — comentou Alana.

Sua cunhada faria mais de um babar com aquele lindo vestido azul-celeste.

— A propósito — disse de novo Alana —, vai parar de discutir com Niall e lhe dar uma folga?

— Não creio — respondeu Gillian, sorrindo. — Ele me tira do sério com suas palavras grosseiras e seus comentários inconvenientes.

— Mas o coitado nem fala com você! — replicou Megan, recordando os comentários ferinos de Gillian para ele.

— E você, vai parar de correr pelo castelo fugindo de Duncan? — retrucou Gillian na defensiva. — Eu venho observando e, cada vez que ele aparece, foge dele como o diabo da cruz.

— Que está dizendo? — respondeu Megan, tentando disfarçar.

— Não disfarce, Megan — murmurou Shelma. — Todas nós vimos como olha para ele quando pensa que ninguém a vê.

— Ele também olha para ela — acrescentou Alana. — O que não entendo é por que ele se enfurece quando vê você correr.

“Não pretendo contar nada”, pensou Megan.

— Irmãzinha, tem algo para contar? — perguntou Shelma.

“Eu a mato!”

— Cale-se, Shelma! — bufou Megan. — Você é a menos indicada para criticar, visto que não faz mais do que sorrir como uma tonta para *laird* McKenna. Eu já disse o que penso a respeito disso.

— E eu a você — disse Shelma, olhando para a irmã com as mãos na cintura. — Sabe de uma coisa? Você é muito chata, irmãzinha, e não creio que por eu ser amável com um homem deve me dizer que sorrio como uma tonta.

— Megan tem razão — pontuou Gillian, aproximando-se. — Está sendo descarada demais com Lolach. Pare de sorrir-lhe dessa maneira, ou ele pensará que quer que a tome em qualquer cama por aí, como uma dessas que se oferecem a ele todas as noites.

— Por todos os santos! — ofendeu-se Shelma. — Como pode dizer isso, sendo que você não para de se comportar como uma menina caprichosa e arrogante diante de Niall? Não me parece estranho que ele fuja de você!

A guerra verbal entre elas estava prestes a explodir.

— Muito bem — disse Alana, divertida. — O que há com as três? É tão difícil admitir que gostam desses guerreiros e que por isso se comportam assim?

A primeira a falar foi Shelma.

— Eu admito. Gosto de Lolach — disse, pestanejando. — Ele é tão bonito, tão simpático, tão maravilhoso, que eu me renderia em seus braços.

— Oh, que surpresa! — debochou Megan, ganhando um empurrão da irmã.

— Tudo bem, eu admito — disse Gillian, fazendo biquinho e se sentando em cima da cama. — Eu sempre gostei desse burro. Desde pequena, sonho que um dia Niall vai chegar para me declarar seu amor. Mas, em vez disso, ele chegou para me declarar guerra.

Ao escutá-la, Shelma e Megan se entreolharam e sorriram.

— Fique tranquila, Gillian. Estou começando a conhecer os homens, e creio que, se combater bem, ganhará a guerra — sorriu Alana, abraçando sua cunhada. — Mas eu recomendaria que pensasse nas coisas antes de falar.

— Foi isso mesmo que Duncan me recomendou na outra noite — Megan deixou escapar.

E imediatamente se deu conta do que havia dito.

As três mulheres cravaram os olhos nela, e Megan suspirou.

— Duncan? — perguntou Alana, surpresa, aproximando-se.

— Na outra noite? — completou Shelma.

— Esteve com Duncan? — sussurrou Gillian, levantando-se da cama.

— Maldita língua a minha! — grunhiu Megan, olhando para elas. — Há duas noites, enquanto passeava com Lord Draco, eu o encontrei por acaso no bosque. Conversamos, e ele me acompanhou por um trecho do caminho.

— Isso você não havia me contado — disse Shelma, aproximando-se da irmã. — Aconteceu alguma coisa?

A moça rapidamente negou com a cabeça.

— Megan, por que ele deu esse conselho? — perguntou Alana, que estava começando a entender a frustração de Duncan quando Megan não olhava para ele e saía correndo.

— Eu o insultei chamando-o de “verme” — sorriu Megan, cobrindo a boca e olhando divertida para Shelma, que começou a gargalhar —, e ele disse que meu cabelo era da cor de seu cavalo.

— Chamou o temível Falcão de “verme”? — murmurou Alana incrédula, rindo com ela.

Ninguém insultava o Falcão e vivia para contar.

— E também o empurrei, gritei com ele, e... ele me beijou — sussurrou Megan, desviando os olhos para o chão.

— Ele beijou você?! — gritou Gillian, levando as mãos à cabeça. — Por São Ninian! O Falcão a beijou e você não nos contou!

Nesse momento, a pesada porta se abriu e diante delas apareceram as duas primas de Gillian, as feias e invejosas Gerta e Landra, fazendo com que todas se calassem.

— Oh... está linda, Alana. O vestido é maravilhoso, está lindíssima — sussurrou Gerta, com um vestido escuro que em nada a favorecia.

— Megan fez o vestido — explicou Alana, tocando a seda.

— Belo vestido! E seu cabelo está divino — assentiu Landra olhando de soslaio para Megan, que tinha um cabelo espetacular por sua densidade e seus cachos pretos. — De que estavam falando quando chegamos?

— De como estou nervosa — respondeu a noiva, enquanto as demais assentiam, sem se olhar.

De novo a porta se abriu. Era Zac. Estava procurando suas irmãs.

— O que foi, Zac?

Ainda acalorada pelo que havia contado, Megan se aproximou do menino, que as olhava com os olhos arregalados.

— Como está linda! — disse ele, assobiando ao ver Alana com aquele lindo vestido.

— Obrigada, mocinho — riu ela, tocando-lhe o cabelo com delicadeza.

— Zac, aconteceu alguma coisa? — perguntou Shelma, inquieta.

— Eu vim trazer isto — disse ele, abrindo sua mãozinha onde repousavam os pingentes que dias antes haviam originado toda aquela confusão com os feirantes. — O Falcão me deu quando nos levou para casa e me disse que os guardasse até o dia do casamento. Mas hoje de manhã vocês saíram antes que os pudesse entregar.

— Oh, obrigada, Zac! — gritou Shelma, eufórica, pegando um azul. — É lindo!

— Zac, devia tê-los devolvido a *laird* McRae — censurou-o Megan, com carinho.

Seu irmão sorriu, dando de ombros.

— Eu tentei, mas ele me obrigou a guardá-los para vocês.

— Vâmos! — disse Alana, pegando o pingente da mãozinha de Zac para colocá-lo no pescoço de Megan. — Ponha isto agora mesmo, e pare de procurar pelo em ovo. Duncan os comprou para vocês. Foi um gesto bonito, de modo que deveriam agradecer-lhe quando tiverem oportunidade.

— Está certo — murmurou Megan.

Pegou seu irmão e lhe deu um beijo, antes que ele escapasse pela porta morrendo de rir.

Nesse momento, ouviram umas batidinhas na porta. Era Hilda, avisando que estava tudo preparado. Instantes depois, Alana saiu de seu quarto sorrindo, seguida pelas outras mulheres.

Ao chegar ao salão, Duncan, lindíssimo, as esperava. Ele seria o padrinho. O coração dele quase parou ao ver Megan, maravilhosa com aquele vestido marrom. O cabelo escuro e cacheado ostentava um entrelaçado de flores que a adornava e lhe dava um porte de rainha.

Aturdido diante da beleza dela, ele fixou os olhos em seu decote redondo, que revelava uma pele suave e sedosa e seios fartos, túrgidos, onde descansava o pingente que ele havia dado a Zac. Envergonhado por ter ficado abobado, ele olhou para Alana, que com um sorriso agradável passou seu braço pelo dele. E juntos caminharam para a capela, onde Axel, nervoso, ao lado de Magnus, emocionado, a esperava com um sorriso grato e encantador.

Durante a troca de votos, Megan ficou com Gillian e Shelma, de frente para Duncan, Niall e Lolach. O turbilhão de sentimentos e olhadinhas que havia naquela capela criava um clima eletrizante, e Magnus

estava se divertindo.

Duncan não conseguia afastar seu olhar penetrante da mulher de cabelo preto azulado, que em algumas ocasiões havia roçado com os dedos o pingente que repousava sobre o peito, fazendo o guerreiro ficar de boca seca.

“Não devo me apaixonar por mulher alguma, muito menos por uma como ela”, pensou Duncan censurando-se. No passado, Marian havia partido seu coração, e ele não estava disposto a dar uma nova oportunidade a nenhuma outra.

Niall, inquieto, procurava não olhar para Gillian. Ela estava lindíssima com aquela tiara de flores ao redor do cabelo louro e com aquele vestido azul. Lolach sorria abobado para Shelma, que cada vez lhe parecia mais vaporosa e radiante.

Após a cerimônia, teve início um esplendoroso banquete preparado pelas mulheres do castelo. Não faltaram pratos típicos como o *haggis*, mingau, javali, ensopado de cervo, salmão defumado e caldos aromatizados com alecrim. Os *shortbread*, ou bolos de farinha doce, e um fino bolo coberto de mirtilo foram o auge do maravilhoso banquete.

No salão, nas longas e pesadas mesas de madeira, abundavam os manjares em finas bandejas, e ao lado, em outra mesa, barris com *aqua vitae* e cerveja em abundância. Ao longo do banquete e em várias outras ocasiões, os convidados, animados por Magnus, brindavam, incitando os noivos a se beijar, fazendo o velho se divertir como uma criança.

Durante o banquete, Niall notou que Gillian fazia brincadeiras com alguns homens que ele não conhecia, e sentiu uma estranha pontada de ciúme. Por que ela sorria para aqueles ali, e para ele dizia impertinências?

Por sua vez, Megan e Duncan mantinham distância. Mas, apesar de sua reticência a olhar para ela, incomodou-se como se fosse seu irmão ao ver que

Megan conversava e sorria com pessoas que ele não conhecia.

Passado um tempo, ele observou que um rapaz um pouco mais jovem que ele se sentava ao lado dela, e teve que se segurar na mesa ao ver que ele tentava abraçá-la. Mas relaxou e se surpreendeu quando a viu torcer o braço do rapaz, com um rápido movimento, fazendo-o gesticular de dor. Pouco depois, o sujeito, irritado, trocou umas palavras com ela, levantou-se e foi embora. Mauled ocupou seu lugar e começaram a conversar.

“Sobre o que falam com tanta paixão?”, perguntava-se Duncan vendo-a gesticular e o velho Mauled gargalhar.

Shelma, em algumas ocasiões, fez de tudo para cruzar com Lolach pelo salão. Sem poder mais conter seus instintos, com um sorriso arrebatador, ele a pegou pelo pulso e a levou até o corredor do primeiro andar, onde a encurralou e a beijou. Fazia dias que ele lutava contra si mesmo. Pensar no sangue inglês daquela moça graciosa, de início, deixara-o desconcertado, mas seus instintos mais primitivos floresceram de novo e só existia ela, Shelma.

Para Shelma, aquele beijo tão íntimo foi o primeiro de sua vida. Ela se assustou ao sentir as mãos de Lolach subindo para seu decote, mas, depois de reagir e segurá-las, com um olhar desconcertante, ela voltou para onde

estava todo mundo, deixando-o — se é que era possível

— ainda mais acalorado.

Ao som das primeiras bandurras e gaitas, os convidados começaram a dançar. Gente do castelo e da aldeia se reunia no pátio e nos arredores da fortaleza. Angus, Mauled e os mais velhos dali, ao cair a noite, decidiram voltar para suas cabanas, extenuados de tanta festa. O velho tentou levar Zac, mas, diante da negativa e vitalidade do menino, deixou-o com suas irmãs, fazendo-o prometer que se comportaria com sensatez.

As pessoas dançavam com alegria. Megan, Gillian e Shelma dançavam e bebiam com as pessoas que conheciam quase da vida toda. Sean, o moço que vivia atrás de Megan, tentou ficar ao lado dela, mas a jovem, assim que podia, livrava-se dele — coisa que ele não aceitava de bom grado.

Os homens da aldeia e alguns guerreiros aproveitavam e tiravam as moças para dançar. As primas Gerta e Landra riam, acaloradas, ao lado de alguns guerreiros de McRae, que constantemente as faziam corar. Magnus, orgulhoso e feliz, desfrutava a noite e bebia cerveja com Alana e Axel, que riam e conversavam com Duncan, Niall e Lolach.

— O que estão esperando para dançar com as moças?

— perguntou Alana, olhando para aqueles três guerreiros

sisudos. — Nestas terras, como puderam comprovar, vivem lindas mulheres que adorariam receber o convite de vocês.

— Somos guerreiros, não dançarinos — apontou Niall com a testa franzida enquanto observava Gillian dançar, alegre.

— Niall — disse Magnus, com um sorriso maroto —, aceite o conselho de um velho guerreiro. A vida é muito curta, e o melhor que se pode fazer é desfrutá-la. Se digo isso é porque eu, assim como você, pensava que os guerreiros eram só isso, homens preparados somente para lutar. Mas minha amada Elizabeth me ensinou a aproveitar momentos que a vida nos dá. Eu compreendi e aprendi a ser um terrível guerreiro no campo de batalha, e um bom marido e pai quando estava em meu lar.

— O fato de dançar não comprometerá sua bravura

— acrescentou Axel, que já fazia tempo que observava sua irmã e Niall e via que ambos se buscavam com o olhar.

Isso não lhe agradou nada.

— Creio que Niall não dança porque não sabe dançar

— riu Lolach, dando-lhe um empurrão.

— Eu sei dançar, seu tagarela — afirmou Niall.

— Ele é um excelente dançarino — intercedeu o irmão

a seu favor.

Duncan não parava de observar Megan e o moço que tentava puxá-la pelo braço. Aquela moça o atraía como nenhuma outra desde o que acontecera com Marian. Ele a via sorrir e dançar, e recriminava a si mesmo por não ser capaz de ser aquele que a fazia sorrir daquela maneira.

— Mamãe ensinou a nós dois — afirmou Niall tentando sorrir para Gerta e Landra, que chegavam nesse momento e se postavam a seu lado.

Mas desviou o olhar para Gillian ao vê-la ir até uma das mesas para pegar cerveja. Pedindo licença, ele desapareceu, seguido por Magnus, que havia visto seu amigo Murdock chegar.

Axel, Duncan e companhia observavam os dançarinos de um mezanino, enquanto mais de duzentas pessoas dançavam e batiam palmas em volta do fogo. Entre elas encontravam-se as moças, que dançavam com seus vizinhos e com os guerreiros McRae e McKenna.

— Como são descaradas! — sibilou Landra, apontando para onde Megan e Shelma dançavam.

— Por que diz isso? — perguntou Alana.

— Estão tentando arranjar um marido entre esses coitados — acrescentou Landra, enquanto Gerta lhe puxava a manga do vestido para que se calasse. — Mas, claro, é lógico. Quem iria querer se casar com elas?

— Por que pensa que elas estão procurando marido?

— perguntou Lolach, levantando uma sobrancelha.

— Ninguém quer se casar com elas — disse Landra bruscamente, julgando-se superior, quando, na verdade, era mais feia que uma velha árvore retorcida. — Por que acha que Megan não se casou? Ela já tem 26 anos.

— Não sei — respondeu Duncan, aproximando-se. — Gostaria que me esclarecesse.

As duas, vendo-se como o centro das atenções daqueles bravos guerreiros, sentiram-se encorajadas. Landra prosseguiu:

— É evidente, *laird* McRae. Tanto Megan quanto sua irmã sabem que seu destino é muito confuso. Ninguém quer se casar com elas devido a seu sangue *sassenach*.

— Landra! — gritou Axel, levantando-se, acalorado.

— Não permito que ninguém diga uma coisa dessas de minha gente em minha presença.

— É o que se comenta, Axel — respondeu ela, encolhendo-se, assustada ao vê-lo tão irritado.

— Comentam-se muitas coisas — respondeu Axel. — Elas são de meu clã, e não consentirei que ninguém ponha em dúvida seu sangue escocês. Portanto, não quero escutar mais de sua boca nenhum comentário a respeito delas. Entendido?!

Após esse incidente desagradável todos ficaram calados, olhando para onde as moças dançavam sorridentes acompanhadas pelos demais aldeões. Nesse momento, Megan se voltou para eles e, ao vê-los tão sérios, sussurrou para a sua irmã:

— Oh-oh — disse, atraindo a atenção de Shelma. — Creio que todos acabaram de descobrir nosso segredinho.

— Acredita que sim? — perguntou Shelma, angustiada.

Com um sorriso grandioso, ela olhou para Lolach. Mas, em vez de lhe devolver o sorriso, como havia ocorrido durante toda a noite, ele ficou olhando para ela muito sério. Ao ver sua reação, Shelma sentiu a alma cair a seus pés.

— Sim... meu sonho acabou — assentiu, encolerizada.

— Não seja tonta, Shelma — censurou-a Megan, trocando um olhar com Duncan. — Nós já sabíamos que isso poderia acontecer. Por isso eu disse que não se iludisse.

— Tem razão — assentiu a irmã com a decepção nos olhos —, mas estou farta. Quando vivíamos na Inglaterra, éramos as escocesas selvagens. E aqui, na Escócia, somos as inglesas, ou as *sassenachs*. Nunca

pertenceremos a lugar nenhum?

Ambas se olharam, e Megan, acariciando o rosto da irmã, sussurrou:

— Talvez devéssemos ir embora daqui, desta aldeia, e começar de novo em outro lugar onde ninguém nos conheça, nem saiba de nosso passado — insinuou.

— Dança comigo, linda? — perguntou Sean, pegando-a pela cintura com força e fazendo com que Megan se cansasse daquele assédio.

— Sean! — vociferou ela, dando-lhe um empurrão. — Se voltar a me tocar mais uma vez, juro que não responderei por meus atos. Já pedi mais de vinte vezes que me deixe em paz!

— No fim — advertiu-o Shelma —, conseguirá somente que ela se aborreça.

Mas ele não parecia escutá-la.

— Linda! — exigiu ele, fedendo a cerveja. — Só quero que dance comigo.

— Mas eu não quero. Deixe-me em paz!

— Dê-me um beijo — pediu, tentando agarrar Megan.

Ao notar as mãos dele sobre ela, Megan deu-lhe um

soco no nariz, fazendo-o cair para trás.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Myles, que, seguindo uma ordem de Duncan, se aproximava delas.

— Nada mais! — riu Shelma ao ver Sean caído no chão, enquanto sua irmã esfregava a mão.

— Poderia levá-lo para longe de minha vista? — perguntou Megan.

— Será um prazer, milady. Nós levaremos este rapaz para que desfrute sua bebedeira em outro lugar — riu Mael, pegando o rapaz com a ajuda de Myles.

Alheia ao ocorrido, Gillian ria com Gedorf, um amigo de seu falecido pai, enquanto bebia cerveja.

— Está muito sorridente esta noite — comentou Niall, sentando-se ao lado dela e deixando-a desconcertada.

— Até este momento estava — as sentiu Gillian. bebendo um gole de cerveja.

Niall, fingindo-se surpreso, levantou as sobrancelhas e perguntou:

— Eu a incomodo?

— Fique tranquilo, pode continuar aqui sentado — respondeu Gillian ao recordar as palavras de Alana.

Após um silêncio entre os dois, Niall voltou a falar.

— Você dança muito bem.

Gillian, com o coração acelerado devido à proximidade dele, respondeu, levantando o queixo como se não estivesse acontecendo nada:

— Obrigada. Axel foi meu professor.

Ao escutá-la, o *highlander* sorriu, mas tornou a

perguntar:

— Seu irmão a protege muito, não é?

— O normal — murmurou ela, olhando para ele abóbada. — Creio que como qualquer irmão. Acaso não protegia sua irmã?

Mas, ao dizer isso, ela rapidamente se arrependeu.

— Nós protegemos Johanna o máximo que pudemos, mas... — murmurou o jovem, com o olhar escurecido ao pensar em sua falecida irmã.

Ciente de sua indelicadeza, Gillian buscou o olhar dele.

— Sinto muito... lamento, perdoe-me — rogou ela ao ver a tristeza nos olhos de Niall. — Eu não pretendia recordar algo tão triste. Fui uma insensível. Desculpe, por favor, Niall.

— Está desculpada — sorriu ele, mergulhando nos olhos claros de Gillian, que o convidavam a nadar em seu cálido azul.

Nesse momento, ela notou Zac. Ele estava atrás de Niall. Havia subido em uma carroça e dali em umas grandes pedras. Ao se agarrar às pedras, a carroça se movera, assustando os cavalos.

— Zac! Como foi que subiu aí? — repreendeu-o a moça enquanto buscava Megan com o olhar.

Megan, ao ouvir o relincho dos cavalos, viu seu irmão e, junto com Shelma, correu para ele.

— É um pequeno demônio, esse menino — sorriu Niall enquanto o observava.

— É um grande demônio — afirmou Gillian vendo-o subir pelas pedras até pular no galho de uma árvore. — Por todos os santos, Zac! Que diabos está tentando fazer agora?

Duncan e Lolach olharam para onde as jovens corriam e descobriram, com surpresa, que Zac havia subido em uma árvore e se pendurava nos galhos perigosamente.

— Eu subirei, lady Megan — ofereceu Ewen, um dos soldados McRae.

— Não! — gritou a jovem, agradecendo-lhe a gentileza. — E muito grande, e o galho não aguentará seu peso.

— Desculpe-me, não quero ser grosseiro, mas creio que o seu também não — calculou Ewen.

— Ora, obrigada! Ultimamente todos me dizem coisas bonitas — debochou Megan ao recordar o comentário de Duncan a respeito de seu cabelo e o cavalo. — Mas é mais provável que agüente meu peso que o seu — respondeu, prendendo suas saias para que não a atrapalhassem ao subir.

— Espere — interveio Myles, aproximando-se de Mael. — Eu subirei nos ombros de Ewen, e assim, poderemos pegar o garoto.

Mas foi impossível. Zac estava muito alto. As duas irmãs se encaminharam, decididas, para a árvore.

— Zac, não se solte e não se mexa. Tentarei chegar até você — disse Megan.

E, sem pensar duas vezes, começou a subir pela árvore como uma gata, seguida por Shelma.

— Minha calça enroscou em um galho, Megan. Não consigo me soltar — disse o menino, mexendo-se, nervoso.

— Maldição, Zac. Pare! — grunhiu Megan ao sentir o galho ranger.

— Rapaz, não se mova se não quiser que suas irmãs caiam — repreendeu-o Mael.

Ele estava impressionado com a forma como aquelas mocinhas se penduravam nos galhos sem medo de cair.

Mas Zac, como menino que era, não lhes deu ouvidos e continuou.

— Por todos os santos, Zac. Não se mexa! — gritou Shelma, furiosa.

— Não se preocupem — tranquilizou-as Myles ao pé da árvore. — Estaremos aqui para segurá-las, se caírem. Tomem cuidado, e você, rapaz, não se mexa.

— Oh, Meu Deus! — sussurrou Alana enquanto Duncan, Axel e Lolach desciam para ajudar.

— Um bicho me mordeu, Megan! — gritou o menino

ao sentir algo espetar sua pele.

— Já vou, Zac — sussurrou ela, roçando com os dedos o cabelo do menino. — Fique tranquilo, sabe que eu não deixaria que nada acontecesse a você.

Shelma, intuindo o perigo que seu irmão corria, subiu em uns galhos mais altos, e, dali soltou-se para poder desenroscar-lhe a calça.

— Zac, fique calmo — suplicou Gillian. — Ela já o pegou.

— O que essas loucas estão fazendo? — gritou Niall ao lado de Gillian ao ver as moças subirem e se pendurarem nos galhos para pegar o menino.

— Estão protegendo o irmão — respondeu ela.

E, contrariada, perguntou:

— A quem chamou de loucas?

No alto da árvore, as moças tentavam ajudar o irmão.

— Zac, peguei você — sussurrou Megan com extremo cuidado.

— O bicho me picou outra vez! — gritou o menino de novo, movendo-se com rapidez depois que Shelma lhe desprende a calça.

Isso fez com que o galho se quebrasse, e caíram os três no chão.

O primeiro a chegar a eles foi Magnus, que se dirigiu a Megan; ela havia batido forte a cabeça. Myles pegou

Shelma, e Ewen, Zac. Instantes depois, apareceu Duncan, confuso e preocupado, com cara de poucos amigos. Ao se aproximar de Megan, tirou-a dos braços de Magnus.

Ao vê-la pálida e inerte em seus braços, Duncan sentiu o sangue gelar nas veias. Com a testa franzida,

observou Zac, que, assustado, não se mexia, até que Duncan gritou:

— Ewen, fique com o menino!

E olhando para a criança, disse:

— Zac, não quero que saia daí! Entendido?!

O menino, morrendo de medo, assentiu. Magnus seguia Duncan, espantado com aquele ataque de raiva.

Com celeridade, entraram em uma das câmaras de Axel, onde depositaram com extremo cuidado as duas moças em cima de um banco.

Gillian chegou com água.

— Graças a Deus estão respirando — murmurou Alana. — Que queda!

— Angus vai ficar muito zangado quando souber disto — advertiu Magnus. — Esse rapazinho é a pessoinha mais inquieta que já conheci na vida.

Enquanto punham panos úmidos na testa delas, todos olhavam para as moças, preocupados.

— Será que esse menino nunca vai crescer? — resmungou Gillian, angustiada. — Hoje foi isto. Ha alguns dias, o problema com os feirantes. Semana passada, caiu no lago. Antes, enfiou-se na cocheira com os cavalos e teria morrido esmagado se Megan não o tivesse tirado e protegido com seu corpo.

Duncan escutava os lamentos de Gillian sem afastar nem por um instante o olhar de Megan.

— Essas *sassenachs* têm cabeça dura — debochou Lolach.

E, de repente, sentiu um soco acertá-lo no rosto. Especificamente no nariz.

Havia sido Shelma, que a primeira coisa que ouvira ao acordar fora essa palavra que tanto odiava.

— O que está fazendo? — queixou-se ele, dolorido pelo golpe. — Era brincadeira, mulher!

— Não volte a nos chamar assim! — gritou ela, irritada.

E olhando para sua irmã, gritou:

— Meu Deus, Megan! Ela está bem? O que ela tem?

— Levaram um belo tombo — sussurrou Axel, enquanto via com curiosidade Duncan observar Megan, que começava a se mexer.

“Como um guerreiro feroz e temido por exércitos pode ficar tão branco ao ver uma mulher cair de uma árvore?”, pensou divertido.

— Belo golpe, irmãzinha — sussurrou Megan, abrindo os olhos e levando a mão à cabeça. — Se não o socasse, eu o teria feito.

Magnus, admirado com a descontração das moças diante daqueles guerreiros ferozes, e da passividade de Duncan e Lolach, quase deu pulos de emoção. As sensações que andara notando durante o dia todo se confirmavam.

— Graças a Deus, estão bem — suspirou Niall com alívio.

Ao escutá-lo, Gillian voltou o olhar com rapidez para ele e, com expressão feroz, disse:

— Como pode ver, as mulheres deste lugar são fortes, e não tontas donzelas que desmaiam diante de qualquer coisa.

— São surpreendentes — assentiu Niall com um sorriso encantador que deixou Gillian deslumbrada e Axel contrariado.

— Fico feliz que estejam bem, moças — suspirou Magnus.

E deixou os jovens sozinhos.

Megan, sentando-se, levou a mão ao galo na cabeça. Estava tonta.

— Está bem? — perguntou Duncan a poucos centímetros do rosto dela.

— Sim, senhor. Um pouco dolorida. Onde está Zac?

Quase não conseguia se mexer, mas seu nariz foi

inundado pela fragrância masculina que aquele enorme *highlander* exalava. Uma fragrância que lhe agradava.

— Fique tranquila, Zac não se machucou. Ele está acompanhado dos guerreiros McRae — respondeu Alana, retirando o cabelo do rosto de Megan.

— Ewen está com ele — interveio Duncan. — Não vai tirar o olho do menino.

Passados os primeiros instantes de confusão, todos pareciam mais calmos.

— E melhor que as levemos para casa — disse Lolach, pegando Shelma pelo braço.

Mas ela o rejeitou com um tapa, surpreendendo-o. Nunca uma mulher o havia rejeitado!

— Não é necessário, *laird* McKenna — sibilou ela, irada. — Podemos ir sozinhas, não precisamos que ninguém nos acompanhe.

— E melhor que alguém as acompanhe — murmurou Axel, divertido ao ver seus amigos tão desarmados diante daquelas duas mocinhas.

— Eu as levarei — afirmou Duncan, observando o galo na cabeça de Megan —, e não me importa o que digam. Não podem ir caminhando nesse estado.

— Não! — gritou Megan, dando um pulo e se afastando. — Minha irmã tem razão, podemos ir sozinhas. Não precisamos de sua ajuda, *laird* McRae. Nós agradecemos, mas não queremos causar mais problemas. Prossigam com a festa.

— Mas acabam de levar uma forte pancada na cabeça! — disse Lolach, olhando para as duas.

— É dura, recorda? — grunhiu Shelma, fazendo com que Lolach se amaldiçoasse por ter feito aquele comentário ridículo.

Com força de vontade e a ajuda de Shelma e Gillian. Megan saiu pela porta da câmara de Axel. Ao chegar à entrada, encontrou Zac, assustado. Ao vê-las, ele correu para abraçá-las. Ewen sorriu. O menino havia chorado o tempo todo, angustiado pensando em suas irmãs.

— Obrigada por sua ajuda, foram muito gentis a noite toda — disse Megan, agradecendo àqueles três gigantes.

— Não pudemos evitar que caíssem no chão, milady. Estão bem? — sussurrou Myles, angustiado, indicando o galo na cabeça dela.

— Perfeitamente bem — assentiu Megan e, fazendo graça, disse: — Nós temos a cabeça dura!

Ao olhar para trás, Megan encontrou o rosto sisudo de Duncan, que a seguia com o olhar. Isso a deixou mais nervosa.

— Estamos acostumadas às travessuras deste diabinho — sorriu Shelma. — Muito obrigada e boa noite.

Quando as moças se afastaram, os três gigantes trocaram olhares, surpresos.

— Elas disseram que estão acostumadas? — debochou Mael, sorrindo para Myles.

Nesse momento apareceu Duncan, que, com cara de poucos amigos, havia se resignado a não as acompanhar. Fez um gesto para os três gigantes. Eles entenderam e, deixando que as moças seguissem seu caminho e se afastassem alguns metros, começaram a segui-las.

No caminho de volta, Megan mancava, enquanto Zac corria à frente delas como se nada houvesse acontecido.

— Está doendo muito, não é? — perguntou Shelma, preocupada.

— Um pouco — as sentiu ela. — Mas o soco que deu no nariz de Lolach deve ter doído mais. Como foi fazer uma coisa dessas?

— Ele mereceu, por ser idiota — sorriu Shelma ao recordar. — Assim, ele nunca poderá negar que uma *sassenach* o derrubou.

Ambas riram, mas, por fim, Megan disse:

— Sabe quantos problemas esse soco pode nos acarretar? Não esqueça que ele é *laird* McKenna.

— Fique tranquila. Pretendo nunca mais tornar a vê-lo

na vida.

— Oh-oh... Creio que estão nos seguindo — informou Zac, olhando para trás.

Ewen, Myles e Mael as seguiam a distância.

— Por que estão nos seguindo? — perguntou Shelma com as mãos nos quadris.

— Estamos cumprindo ordens, milady — explicou Ewen.

As moças se entreolharam, incrédulas. Teimosos malditos!

— Nossos *lainis* querem ter certeza de que chegarão sãs e salvas a sua casa — disse Mael.

— Vão embora, voltem para a festa. Não contaremos a ninguém, será um segredo entre nós — disse Megan, fazendo-os rir.

— Mas nós saberemos que não cumprimos nossas ordens — disse Myles, sem se dar por vencido.

— Oh... Maldição! Não diga bobagens — resmungou Megan.

A pancada na cabeça estava começando a incomodá-la.

— \bltem à festa e nos deixem em paz.

Mas os *highlanders* não desistiam.

— Não os incomodaremos, sigam o seu caminho — disse Ewen, sorrindo.

— Pensamos em descansar no lago antes de chegar em casa — acrescentou Shelma, dolorida.

— É nosso lugar preferido — informou Zac, olhando para Ewen com simpatia.

— Zac! — censurou Megan.

Ninguém tinha que saber quais eram seus locais preferidos.

— Não os incomodaremos, prometemos. Nem notarão nossa presença — insistiu Ewen, sem se dar por vencido.

— Muito bem, então — aceitou Megan, a contragosto.

Ela não tinha forças nem para discutir com aqueles três gigantes.

Quando chegaram ao lago, os irmãos refrescaram a cabeça e se deitaram no manto verde que crescia em uma das margens. Os três *highlanders* se mantiveram a distância, e as jovens puderam fechar os olhos durante alguns instantes e relaxar.

Ela não sabia quanto tempo havia se passado, mas, de súbito, Megan abriu os olhos sobres saltada. A seu lado, Shelma e Zac dormiam. Disfarçadamente, ela olhou para onde havia visto os *highlanders* pela última vez. Continuavam ah, encostados em uma árvore e conversando sobre suas coisas.

— Os feirantes já devem ter ido embora — resmungou Myles. — Que raiva! Queria ter comprado algo para Maura e a menina.

— Não se preocupe. Maura ficará contente só de ver você voltar — respondeu Ewen.

— Eu sei — as sentiu Myles.

— Por todos os santos! — resmungou Mael, tocando seu próprio braço. — Este maldito corte no braço está me matando de dor.

— Não seja mole — disse Ewen, rindo —, já teve cortes piores.

— Sim, mas este incomoda muito.

Decidida a voltar para casa, Megan acordou Shelma, que olhou ao redor, desorientada. Haviam adormecido?

Com extremo cuidado, pegaram Zac no colo, mas não se surpreenderam quando Ewen se aproximou e tomou o menino em seus braços robustos. E assim o levou até a casa deles. Só depois os *highlanders* foram embora.

Capítulo 7

No dia seguinte ao casamento, os convidados provindos de fora começaram a voltar a seus lares. As primeiras a partir foram as primas Gerta e Landra, que com os olhos turvos de lágrimas despediram-se de seus dois robustos guerreiros McRae.

Por sua vez, Megan e Shelma ficaram nos arredores de sua casa. Doloridas física e moralmente, entraram em desespero quando Sean apareceu com mais um buquê de flores e um pedido de desculpas por sua conduta no casamento.

Megan o escutou com paciência, mas, depois de recusar mais de vinte vezes sair para dar um passeio com ele, pôs o rapaz para correr, fazendo rir seu avô e Mauled. Os velhos já haviam dito a Sean em várias ocasiões que Megan não estava interessada nele porque a moça precisava de um puro-sangue como ela, que a pudesse controlar.

No castelo, Duncan se sentia como um leão enjaulado. Confuso, foi visitar seu amigo Klein McLellan, sem poder tirar da cabeça a moça de cabelos negros. Ao voltar, desviou de seu caminho para passar pela casa das moças e não se surpreendeu ao ver o cavalo de Lolach ali.

— Você também por aqui? — brincou Duncan com seu amigo, desmontando com um sorriso amarelo.

— Eu precisava que Angus desse uma olhada em meu cavalo; parecia estar mancando — disse Lolach, disfarçando.

E dando de ombros, perguntou:

— E você?

Angus e Mauled se entreolharam com um grande sorriso. São Ninian e São Fergus haviam escutado suas preces!

— Talvez ele precise da mesma coisa, não é, *laird* McRae? — sorriu Mauled, mastigando um palito.
— Ficamos muito contentes com sua visita!

— As meninas não estão — informou Angus.

— Onde foram? — perguntou Duncan com estranheza.

— Passear — disse Mauled. — Enham! Vamos beber alguma coisa enquanto conversamos.

Passado um tempo, Lolach e Duncan continuavam sentados com aqueles dois velhos, bebendo cerveja.

— Acreditam que elas voltarão em breve do passeio?

— perguntou Lolach, inquieto.

As velhas raposas se entreolharam.

— Por que querem que elas voltem logo? — perguntou Mauled, divertido.

— Muito bem — disse Angus fitando os guerreiros.

— Sejam claros. O que querem com minhas netas? Elas são duas moças humildes e decentes, e ambos são poderosos o bastante para que possam ter as mulheres que quiserem. Por que elas?

Duncan e Lolach se entreolharam, surpresos com a pergunta.

— O que quer dizer, Angus? — murmurou Duncan, entendendo-o perfeitamente.

— Sou velho, mas não sou tonto, *laitd*, e vi como olham para elas. Minhas netas são mulheres muito valiosas para mim, e não permitirei que ninguém se aproveite delas, nem ria delas. Elas já sofreram bastante.

— Axel nos falou delas. De que têm medo? — perguntou Lolach ao ver Mauled e Angus trocarem olhares.

— Temos medo de tudo; elas precisam ter muito cuidado.

— Cuidado? — interessou-se Duncan. — Por quê?

Angus, com pesar, disse, deixando sua caneca de cerveja sobre a mesa:

— Certas pessoas estão atrás delas.

— Quem? — perguntou Lolach.

— Com que finalidade estão atrás delas? — perguntou Duncan, preocupado.

Angus e Mauled se olhavam com cumplicidade. Definitivamente, seus santos os haviam escutado!

— Uns malditos ingleses estão atrás delas para matá-las — respondeu Mauled.

Ao escutar isso, os *highlanders* prestaram mais atenção.

— Mauled! — protestou Angus, sem muita convicção. — Cale essa sua boca sem dentes! Quanto menos gente souber o que está acontecendo, melhor.

— Não me importa o que você diga, velho teimoso — respondeu Mauled. — Precisa entender que estamos ficando velhos. Elas precisam de alguém mais forte e mais rápido que nós para protegê-las.

— Um momento — interrompeu Duncan. — Querem dizer que elas estão sob ameaça e risco de morte, e neste momento se encontram sozinhas em um lugar qualquer, expostas a todos os perigos do bosque?

Os velhos, com um sorriso maroto, assentiram, mas foi o avô que falou.

— Elas sabem se defender — riu Angus, coçando a cabeça. — Além do mais, não estão sozinhas. Estão acompanhadas pelos mesmos três gigantes que no dia do casamento as trouxeram para casa.

— Que gigantes? — perguntou Lolach.

— Ewen, Myles e Mael. Isso me deixa mais tranquilo. Com eles, elas estarão protegidas — disse Duncan, confuso.

Por que aqueles guerreiros estavam com as moças?

— Eles também estarão protegidos — assegurou Mauled, balançando a cabeça.

— Por que estão atrás delas? — quis saber Duncan.

— Seus familiares ingleses precisam vê-las mortas para se assegurar de que ninguém reclame as terras de George, o pai das minhas netas — respondeu Angus, olhando ao longe. — Pelo visto, seus tios, dois ambiciosos sem-vergonha, tentaram casá-las com dois homens que as odiavam para fazê-las desaparecer depois do casamento. Eu nunca poderei ser grato o suficiente a John, que as trouxe até mim, junto com Zac. Não me importa que seja inglês. A mim, ele demonstrou ser uma boa pessoa, e sempre estarei em dívida com ele.

— E compreensível — reconheceu Duncan. — Ele deve ser um homem com muito valor e honra.

— Há uns dois anos — continuou Mauled —, uns homens enviados por esses familiares pegaram Zac e o levaram. Mas as duas garotas, antes que pudéssemos avisar alguém, conseguiram trazê-lo de volta.

— As duas sozinhas? — perguntou Lolach, espantado.

Os velhos assentiram com orgulho e um sorriso na boca.

— Elas são duas éguas puro-sangues — apontou Mauled —, apesar de as pessoas insistirem em recordar seu sangue inglês. Elas são valentes e decididas. Quem dera eu fosse mais jovem para poder continuar protegendo-as!

Angus, sério, fitou os dois robustos guerreiros e expôu:

— Meus netos estão em perigo, e a cada dia que passa tenho mais medo de deixá-los sozinhos. Estou ficando mais velho, menos habilidoso e...

— E qual é a solução para o problema? — perguntou Duncan, comovido com as palavras dos velhos.
— O que podemos fazer para ajudar?

Os velhos se entreolharam, satisfeitos com sua excelente atuação teatral. Um deles concluiu:

— Encontrar dois valentes que queiram se casar com elas — disse Mauled.

Ao escutar isso, Lolach quase engasgou com a cerveja. Duncan, perplexo diante do que havia escutado, procurava algo para dizer.

— Não creio que terão problemas para encontrar homens para elas. São duas belezas — sussurrou Duncan, sentindo que aquilo de se casar não era para ele.

— Sabe de uma coisa, *laird* McRae? — disse Angus, semicerrando os olhos. — Ninguém se atreve a casar com moças a quem as pessoas chamam pejorativamente de *sassenachs*.

Ao escutar isso, Lolach entendeu o soco que Shelma lhe havia dado no dia do casamento.

— Desculpem a pergunta que vou fazer: o senhor, *laird* McRae, ou o senhor, *laird* McKenna, estariam dispostos a se casar com alguma delas? — perguntou Mauled, impaciente, deixando-os tão surpresos que eles nem conseguiam falar.

— Por São Ninian, Mauled! — riu Angus ao escutar seu amigo. — Se alguma delas souber do que acabou de dizer... você é um homem morto!

— Casar?! — gritou Lolach, levantando-se do tronco onde estava sentado.

— Não está em meus planos contrair matrimônio — comunicou Duncan. — Minha vida é a guerra e a luta.

— Somos guerreiros — conseguiu dizer Lolach depois de escutar seu amigo —, não homens nascidos para casar e ter uma família.

— Têm certeza de que não querem nada com minhas netas? — perguntou Angus com malícia, coçando a cabeça.

— Acabamos de responder — replicou Duncan. — Nossa prioridade é o campo de batalha.

— Então — gargalhou Mauled, dando um tapa na perna —, estes homens não precisam que lhes expuemos nada sobre nossas meninas.

Aquilo chamou a atenção dos guerreiros.

— Explicar o que sobre elas? — sussurrou Lolach, cada vez mais confuso.

— Bem, como sabem — continuou Mauled, servindo-se de mais cerveja —, as mulheres são muito esquisitas, e às vezes é bom conhecer certas coisas, ou manias delas.

— Mas, nesse caso, não é necessário — disse Angus, olhando e rindo para Mauled devido àquela resposta maligna. — Mas creio, senhores, que minhas netas, no fundo, teriam agradado e surpreendido vocês. Elas são mais do que simples mulheres criadas para ter filhos.

— Por que diz isso? — perguntou Duncan ao ver os dois velhos sorrindo e se olhando daquela maneira.

— Porque vocês são os puros-sangues que esperamos há muito tempo — disse Angus, cravando o olhar neles.

— Eu conheço minhas netas, e, apesar de às vezes serem um pouco indisciplinadas, tenho certeza de que os fariam muito felizes.

— Está exagerando! — afirmou Duncan. — Não acha, senhor?

— Não — respondeu Angus, surpreendendo-o com sua segurança. — Vocês são dois guerreiros fortes e valentes, e, como tais, tenho certeza de que valorizam a força e a valentia. Acaso não se deve levar isso em conta em uma mulher?

E desconcertando-os, perguntou:

— Ou devo pensar que quando decidirem ter filhos, vocês se casarão com duas plácidas mocinhas que passam o dia costurando e bordando?

— Que Deus não permita! — suspirou Lolach.

— Entendo suas posturas, senhores — prosseguiu Angus, enquanto Mauled fitava o horizonte. — Por isso, não vou mais constrangê-los. Mas poderiam nos dar sua palavra de *highlander* se pedirmos um favor?

— E evidente! — assentiu Duncan.

— Já têm nossa palavra — afirmou Lolach.

— Se um dia acontecer algo conosco, que Deus não permita — começou o velho —, poderiam encarregar-se de encontrar bons maridos para as moças?

— E importante — prosseguiu Mauled, sem lhes dar

tempo a pensar — que os homens que escolham cuidem delas, que as valorizem, que as amem e, especialmente, que não batam nelas. Nunca gostei de homens que se valem da força bruta para subjugar uma mulher.

— E, evidentemente, que as protejam, isso é indispensável — acrescentou Angus.

E cravando-lhes o olhar, perguntou:

— Então, podemos confiar na palavra de *highlander* que nos deram?

Duncan e Lolach se entreolharam, espantados com a jogada que aqueles dois velhos haviam acabado de fazer. A palavra de um *highlander* era sua lei. Quando um *highlander* prometia algo, cumpria-o até as últimas consequências. E, a menos que se casassem com elas, nunca teriam certeza de que tudo aquilo se cumpriria. Eles se entreolharam, surpresos por se haverem deixado enrolar por aqueles velhos, que por trás da aparência de cordeiros eram, indiscutivelmente, dois lobos.

Sorrindo diante de sua própria tolice, fitaram os velhos.

— São umas velhas raposas — disse Duncan. — Têm minha palavra de *highlander*.

— Muito... muito raposas — acrescentou Lolach. — Evidentemente, têm minha palavra de *highlander* também, apesar de que as demos antes de escutar o que

vocês tinham a dizer.

— A idade tem suas vantagens, rapaz! — disse Mauled, fazendo-os rir.

E olhando para Angus tirou de baixo da mesa uma grande jarra e quatro copos.

— Isso merece um brinde!

— Esta é a melhor *aqua vitae* que encontrarão por estas terras — disse Angus enquanto enchia os copos. — Nós a destilamos segundo uma receita antiga do avô de minha esposa.

E levantando o copo, disse:

— Vamos brindar aos muitos anos de vida que temos pela frente, e à felicidade das meninas. *Slainte!*

— *Slainte!* — gritaram todos em uníssono, em gaélico escocês, “saúde”.

— Por todos os santos! Elas estão chegando — disse Mauled. E olhando para Duncan e Lolach, completou:

— Guardem segredo do que aqui falamos. Se a Impaciente ou a Mandona souberem desta conversa, hoje à noite nos enterrarão vivos! — Riu, semicerrando os olhos. — Além do mais, não creio que a elas agrade saber que acabaram de recusar a oferta de se casar com elas.

Observando os velhos rirem, Lolach e Duncan se entreolharam, confusos. Estariam loucos aqueles dois?

Calados, observaram enquanto as moças se aproximavam; e foram testemunhas da cara de surpresa delas ao vê-los ah.

Depois de chegar, acompanhadas dos guerreiros de McRae, e saudá-los com uma inclinação de cabeça, elas foram para dentro da casa, deixando a todos boquiabertos.

— Que bicho as mordeu? — sussurrou Mauled. — Aconteceu algo que eu não sei?

— Essa juventude! — sorriu Angus.

— Vamos indo — anunciou Duncan, incomodado ao

ver que Megan nem sequer lhe havia dedicado um olhar. — Obrigado por esta tarde encantadora e desconcertante! — debochou, levantando-se para dar a mão aos velhos.

— Amanhã partiremos para nossas terras — disse Lolach, surpreso por Shelma também não ter olhado para ele.

Onde estava a mocinha que constante e descaradamente sorria para ele?

— Desejo-lhes boa viagem — disse Angus, olhando com estranheza para a cabana onde suas netas haviam desaparecido.

Elas nunca haviam se comportado assim diante de nenhum homem, e isso era um bom sinal.

— Um momento! — gritou Megan, saindo da cabana seguida por Shelma.

Levavam nas mãos uns pacotes e, dirigindo-se para Myles, que ficou surpreso, disse:

— Tome, leve para Maura, sua mulher, este pedaço de tecido. Tenho certeza de que ela saberá lhe tirar proveito. E para sua menina, este mel. Aposto que ela vai adorar.

— Muito obrigado, lady Megan — agradeceu o homem com um sorriso, aceitando os presentes. — Mas não era necessário que se preocupasse.

— Já disse mil vezes para não me chamar assim. Sou só Megan — disse a moça, olhando para o gigante.

Fazia muitos anos que ninguém a chamava de lady.

— Não posso, lady Megan — afirmou ele, olhando de soslaio para Duncan, que os observava muito sério montado em seu cavalo preto espetacular.

— Tudo bem — assentiu Megan, dando-se por vencida.

— Maura e minha filha ficarão muito agradecidas por sua gentileza — disse Myles, guardando o pacote. — Espero que um dia possa conhecê-las.

— Eu adoraria — sorriu Megan.

Duncan, que a observava a curta distância, sentiu suas entranhas se revirarem ao se dar conta de que ela nunca sorria para ele daquele modo. E, sem perdê-la de vista, notou que ela se movia e parava diante de Mael, estendendo-lhe um pote.

— Isto é um unguento que vai aliviar a dor e curar seus cortes. Aplique-o duas vezes ao dia sobre a ferida até a dor passar e começar a cicatrizar.

— Obrigado — disse o guerreiro, tomando aquele presente como algo maravilhoso. — Muito obrigado, lady Megan. Não esquecerei sua gentileza.

— Tome, leve este queijo e este pão. Certamente cairão bem no trajeto de volta para casa — prosseguiu Shelma, entregando-o a Ewen.

Lolach, enternecido diante daqueles presentes, olhava-a sentindo que em todos os seus anos de guerreiro nunca moças tão humildes haviam se preocupado tanto com seus homens.

— Obrigado, lady Shelma. Será maravilhoso desfrutar disto durante nosso caminho.

— Ewen! — chamou Zac. — Não se esqueça, você tem que voltar para me ensinar a pegar trutas com as mãos.

— \btlarei, Zac, eu prometo — disse o grandalhão, sorrindo. — Até lá, comporte-se bem e não meta

suas irmãs em mais confusões, certo?

O menino assentiu.

— Espero que façam boa viagem — disse Megan, despedindo-se e olhando para Lolach e Duncan com brevidade.

— Não duvidem de que faremos — afirmou Duncan, enfurecido pela frieza dela.

— Não duvido, *laird* McRae — respondeu Megan.

E, sorrindo para todos, voltou à quietude da cabana acompanhada por Shelma.

Sem olhar para trás, Duncan guiou seu cavalo. Quando estavam suficientemente longe das moças e dos velhos, ouviu Lolach murmurar:

— Malditas raposas velhas!

*

Naquela noite, no castelo, Niall comia o assado que Hilda, muito amável, havia lhe servido. Em seu assento, observava a arcada que levava à escada. Sabia que Gillian, a qualquer momento, apareceria por ali. Na noite anterior, após o episódio vivido com Zac e suas irmãs, Niall, estimulado por Magnus, havia se aproximado dela. Convidando-a a dançar, ficaram juntos grande parte da noite. Fora divertido dançar com Gillian. Ela era espirituosa e simpática. Mas a cara com que Axel olhava

para ele não era tão agradável assim.

Axel superprotegia sua irmã de uma maneira incrível. Seus pais, junto com os de Duncan e Niall, haviam morrido anos atrás pelas mãos dos ingleses. Eles ficaram órfãos, mas com a incrível sorte de contar com seus respectivos avós. Quando seus pais morreram, Gillian tinha 10 anos e Axel 20. Durante um longo tempo ela sofrerá pesadelos terríveis. Aqueles pesadelos, e a dor nos olhos de sua irmã ao acordar, haviam deixado Axel de coração partido mais de uma vez, e ele não queria que ela sofresse por nada nem por ninguém. Por isso, embora a companhia de Niall no campo de batalha lhe agradasse, não sentia o mesmo ao vê-lo tão próximo de Gillian.

— Um pedaço de salmão por seus pensamentos — propôs Alana.

— Sairá perdendo, não estava pensando em nada especial — sorriu Axel ao olhar para sua mulher, tão bonita, sensata e carinhosa.

— Pois então, por que não tira o olho do pobre Niall? — sussurrou Alana, apontando o dedo ao rapaz, que comia distraído na mesa da direita.

— Não creio que Niall seja a melhor opção para Gillian. Ela sofrerá por ele, e não quero que isso aconteça.

— Você era a melhor opção para mim? — perguntou Alana, surpreendendo-o.

— Isso você tem que responder — sussurrou ele, desconcertado.

Ela sorriu fazendo graça.

— Sabe de uma coisa? Para mim, você sempre foi meu homem, e eu o quis, apesar de que você não olhava nem sorria para mim.

— Não olhava porque gostava demais de você — riu Axel, tocando-lhe a ponta do nariz —, e não queria que os outros debochassem de mim.

— E por que não pode pensar que com sua irmã e Niall é a mesma coisa? Acaso não vê como Gillian o busca, e como Niall olha para ela? Não vê neles um comportamento parecido com o nosso em outras épocas?

— Isso é o que me dá medo — respondeu Axel, apontando para a arcada.

Nesse momento, Niall parava de comer ao ver Gillian entrar, e um sorriso bobo se instalou no rosto dos dois.

— Ele partirá amanhã para suas terras — desesperou-se Axel. — Acha que vai querer voltar por Gillian? E, se assim for, acha que eu gostarei de que ela vá para longe de mim?

Alana o entendia. Axel adorava a irmã, mas precisava compreender que ela também havia crescido e já era uma mulher.

— Olhe para eles! — sorriu Alana. — Vai me dizer que não vê como eles se olham? Quanto a Niall, claro que ele voltará por ela. Duvida? E respeito o fato de que não queira que ela parta, mas isso é muito egoísta de sua parte, Axel. Ela tem direito a ser feliz. Gillian já não é uma menina, é uma mulher apaixonada por um guerreiro tão valente quanto seu irmão.

— Alana — suspirou ele, olhando para sua mulher —, tenho medo de que ela sofra, de não estar perto para ajudá-la.

Com carinho, Alana olhou nos olhos de seu marido e, tomando-lhe a mão por baixo da mesa, sussurrou:

— Esse é o preço que todos pagamos quando amadurecemos. Temos que aprender a nos defender sozinhos na vida. E, por favor, ouça o que diz Magnus. Ele é mais sábio do que você quer reconhecer, e, assim como você, só quer a felicidade de Gillian.

— Pensarei nisso — sussurrou ele vendo Gillian se aproximar de Niall.

E voltando-se para sua mulher, acrescentou:

— Ainda não me respondeu se eu fui sua melhor opção.

— Isso, meu senhor — brincou Alana, levantando-se

—, eu responderei se me acompanhar até nosso quarto.

Dito isto, Axel se levantou da mesa com um sorriso feroz. Sem dizer nada, afastou-se com sua esposa, enquanto Gillian se aproximava de Niall.

— \êjo que gosta de nosso cervo assado com maçã.

— Está delicioso — respondeu Niall.

E apontando para Axel, comentou:

— Ele está sorridente hoje. Talvez o casamento lhe faça bem.

— Creio que isso se chama amor — disse Gillian, olhando para a cara de felicidade de seu irmão e o sorriso maroto de Alana.

— Complicada palavra essa chamada “amor” — brincou Niall, convidando-a a se sentar ao seu lado.

Viu Duncan, Lolach, Myles, Ewen e Mael entrando pela porta.

— Para mim, é uma bela palavra — disse Gillian, corando —, embora seus resultados às vezes sejam nefastos e ruins para o coração.

— Por que diz isso?

— Tenho uma amiga — começou ela, gaguejando — que está apaixonada há anos por um guerreiro. Mas esse guerreiro é cabeça-dura demais para reparar nela e prefere as guerras ao amor.

— Que curioso! — sorriu Niall, levantando uma sobrancelha ao escutá-la. — Tenho um amigo com o mesmo problema.

Ela olhava para ele com olhos flamejantes.

— É mesmo? E o que ele fez?

— Ainda nada — respondeu ele, tocando um cacho louro rebelde da moça. — Esse amigo tem medo de magoá-la, de modo que controla seus instintos e fica longe dela.

Essa resposta não agradou a Gillian. Fazendo uma careta, ela disse:

— Até quando acha que seu amigo poderá controlar seus instintos?

Niall, desejando tomar aqueles lábios tão tentadores, suspirou e respondeu:

— Isso ninguém sabe. Por ora, sua melhor opção é se afastar da dama, para, assim, poder clarear as idéias e seguir seu caminho.

Nesse momento, Duncan e Lolach se sentaram ao lado deles, de modo que a conversa foi interrompida. Gillian ficou irada, entendendo que Niall não queria nada com ela, e por isso partiria no dia seguinte.

— Sabe de uma coisa, Niall? — disse ela, sem se importar por já não estarem sozinhos. — Espero que seu amigo, o covarde, um dia saiba o que quer da vida. Eu, de minha parte, incitarei minha amiga a esquecer seu guerreiro e se apaixonar por outro homem que saiba fazê-la feliz.

E dizendo isso, deu meia-volta e saiu, deixando Niall boquiaberto.

— Ora! — riu Lolach. — \êjo que continua progredindo com Gillian.

Niall não respondeu; limitou-se a olhar enquanto ela, confusa, se afastava.

— Por que não tenta se afastar dela? Assim, não terá problemas — disse Duncan, cravando os olhos em um rapaz que cruzava o salão.

Aquele rapaz era Sean, e ele não gostou nem um pouco do descaramento com que o olhou.

— Essa moça tem um gênio dos diabos — riu Mael.

— \ou preparar meu cavalo — grunhiu Niall, saindo do salão enquanto ouvia as risadas de Lolach, Myles e Ewen.

Depois de uma noite maldormida para muitos deles, Lolach e Duncan reuniram seus guerreiros no pátio do castelo. Gillian, desconsolada, assomou à janela de seu quarto.

Alana e Axel foram se despedir deles. Ela não se surpreendeu quando viu Duncan, Lolach e Niall sérios e confusos. No rosto deles se via o desagrado pela partida, mesmo quando todos acreditavam que estariam felizes

por regressar às suas terras.

Niall, em dado momento, levantou a vista para a janela de Gillian. Mas, ao olhar e não ver nada, mal-humorado, girou seu cavalo e partiu.

— Obrigado por sua hospitalidade, Axel — agradeceu Duncan, montado em seu cavalo.

— Quando os veremos de novo? — perguntou Alana, entristecida.

— Talvez daqui a alguns meses — disse Lolach. — Mas Axel já sabe: assim que nos chamar, estaremos aqui.

— Obrigado, amigos — respondeu Axel. — Espero que façam uma boa viagem e que em breve nossos destinos se unam novamente.

E, após essas palavras, os famosos e temidos guerreiros começaram a viagem às terras altas, enquanto Megan e Shelma, com o coração partido e entrincheiradas atrás de uns choupos, observavam quando eles se afastaram.

Capítulo 8

O castelo recuperou a normalidade após a partida do último convidado. Tristes, Megan e Shelma retomaram seus afazeres diários, com o nome de um guerreiro marcado a fogo dentro do coração de cada uma delas. Ambas sabiam que aquilo era impossível. Lolach e Duncan eram senhores de seus clãs, e sua gente nunca aceitaria como companheira de seu *laird* uma mulher que tivesse sangue inglês.

Durante dois dias Gillian não parou de soluçar, chegando a deixar Axel e Magnus tão nervosos que eles começaram a pensar em trancá-la em uma das ameias e não permitir que descesse até que se acalmasse.

Passados vinte dias, chegou uma carta ao castelo. Era de Robert de Bruce e pedia a Axel que se reunisse com ele em Glasgow. Determinando que duzentos homens o acompanhassem e deixando seu bom amigo Caleb ao comando de tudo, ele se despediu de Alana e partiu para

se encontrar com Robert de Bruce.

Na quarta noite depois da partida de Axel, enquanto todos dormiam, de súbito Megan ouviu um grito e pulou da cama com rapidez. Pegou sua adaga e sua espada e observou ao redor, dando de cara com Shelma, que, assim como ela, havia ouvido algo estranho. Com cuidado, elas assomaram à pequena janela da cabana e arregalaram os olhos, horrorizadas, quando viram o que estava acontecendo. Seus vizinhos corriam de um lado para outro perseguidos por homens que não eram de seu clã. Angus, ao ouvir o tumulto, levantou-se e seu sangue gelou ao entender o que estava acontecendo. Estavam sendo assaltados.

De repente, a porta da cabana se abriu com um intenso golpe e, diante delas apareceram dois homens desdentados com aspecto de assassinos. Sem pensar duas vezes, Megan brandiu sua espada no ar e se posicionou para deter o ataque que aqueles homens terríveis haviam iniciado. Com valentia e destreza, Shelma e Megan se defendiam.

— Tire Zac daqui, vovô! — gritou Megan, sem desviar os olhos do homem que dizia coisas terríveis diante dela.

— Malditos! — gritou Angus, enfurecido. — Não toquem em minhas netas!

— Leve Zac daqui, vovô! — vociferou Megan, mal conseguindo respirar.

— Vá buscar Mauled! — gritou Shelma, paralisada, com a adaga na mão.

Após a saída de Angus e do pequeno Zac, os assaltantes olharam para as moças com desejo.

— Patrick, creio que teremos um banquete com estas duas tenras pombinhas. Que sorte a nossa! São as bastardas que estávamos procurando — riu um dos homens, contemplando-as.

— Atreva-se a colocar a mão em minha irmã e conhecerá o som do aço entrando em suas carnes!
— rugiu Megan, angustiada, enquanto observava seu avô, Zac e Mauled correndo colina acima.

— Eu adoro morenas como você — babou o homem que estava a sua frente.

— Pois vai adorar lutar comigo — sorriu Megan, atacando com a espada e deixando o homem surpreso.

— Minha intenção é levá-la viva, mas, antes, gostaria de provar a mercadoria.

— Nem louco pensa uma coisa dessas! — sibilou Shelma.

— Atreva-se a nos tocar — rugiu Megan — e arranco sua pele em tiras!

— Tem coragem, menina dos olhos escuros — admitiu o homem, rindo e observando a garota se mover com destreza, saindo da cabana.

No castelo, ao ver o fogo procedente da aldeia, haviam dado um toque de alerta.

Shelma, assustada, lutava como podia, enquanto Megan, como uma heroína, deixava evidente sua destreza com a espada.

Por fim, Megan conseguiu se livrar daquele terrível assassino cravando-lhe a espada no corpo, sem piedade. Era uma luta pela sobrevivência dela ou dele, e, sem hesitar, priorizara a dela. Olhando ao redor, com o coração apertado, ela viu outros homens pondo fogo no telhado de palha de sua cabana, enquanto seus vizinhos corriam de um lado para outro, horrorizados. Com os olhos úmidos de raiva e impotência, observou Shelma ainda lutando. E como o guerreiro mais feroz, lançou-se contra o homem, matando-o no ato.

— Onde estão Zac, Mauled e vovô? — perguntou Shelma, angustiada, olhando aquele corpo morto diante delas.

— Subiram a colina em busca de ajuda — respondeu Megan, arfante, ao ver Sean perto do estábulo em chamas.

Ela correu com a esperança de poder tirar os cavalos e salvar Lord Draco.

— Meu Deus, os cavalos!

Concentrada nos animais, ela não viu que dois homens seguravam e jogavam sua irmã no chão. Horrorizada, Shelma começou a espernear e a gritar todas as palavras que sua mãe a teria proibido de pronunciar, enquanto um dos homens tentava levantar-lhe a roupa. De súbito, Shelma viu um dos homens caindo ao seu lado. A seguir, viu Zac, assustado, empunhando um pequeno punhal.

— Solte minha irmã! — gritou o menino com lágrimas no rosto.

— Zac! Corra, corra! — gritou Shelma, levantando-se enquanto o homem que continuava a sua frente erguia a espada.

Mas o atacante não lhes deu oportunidade de escapar. Pegando Zac pelo cabelo, colocou a espada em seu pescoço, e com um sorriso sádico, sibilou:

— Nunca mais vai correr na vida, bastardo escocês!

Quando Shelma ia gritar diante da impossibilidade de

fazer alguma coisa, viu uma sombra cair sobre o homem, derrubando-o.

— Mauled, cuidado! — vociferou Shelma ao ver que o velho havia se jogado como um selvagem sobre o homem para proteger Zac.

Mas o guerreiro foi mais rápido que o velho e, sem piedade, cravou-lhe a espada no estômago.

— Não! — gritou Zac, horrorizado.

Gritou tão forte que atraiu a atenção de Megan, que nesse momento saía com Sean tossindo dos estábulos.

— Maldito inglês! — gritou Shelma, enlouquecida ao ver a dor e o sofrimento no rosto de seu amado Mauled.

— Maldito seja você e todos de sua laia! — rugiu, pegando o punhal que momentos antes Mauled segurava.

Jogou-se sobre o homem e cravou-lhe a arma no coração.

— Shelma! Zac! — gritou Megan, correndo para eles.

Ficou aturdida ao ver Mauled ferido.

— Não... não, por favor! — Megan jogou-se ao lado do velho. — Não se mova! Por favor, Mauled. Não se mova!

Ela soluçava enquanto cobria a enorme ferida por onde o sangue do velho escorria.

Shelma não conseguia falar nem se mexer. Só olhava para as mãos de sua irmã cobertas de sangue e a dor no rosto de Mauled.

— Vou buscar ajuda! — gritou Sean, desaparecendo dali.

— Fiquem tranquilas, meninas — sussurrou o velho com a testa encharcada de suor. — Não se preocupem, não sinto dor. — E perdendo o brilho dos olhos, disse:

— Os *highlanders* voltarão; nós lhes ensinamos tudo o que sabíamos, e só espero que...

— Nós o levaremos para casa e cuidaremos de você — sussurrou Megan com os olhos cheios de lágrimas.

Mas uma série de convulsões sacudiu o corpo do velho e ele morreu.

Com o coração partido, Megan se agachou e beijou com carinho o velho que tanto lhes havia dado. Tentando não chorar, e sem olhar diretamente para Zac, perguntou:

- Onde está o vovô?
- Com Mauled — sussurrou Zac.
- O quê?! — gemeu Shelma, sem conseguir respirar.
- Está ali — apontou o menino com o olhar perdido.

Megan saiu correndo colina acima enquanto as

lágrimas escorriam por seu rosto. Encontrou seu avô Angus, caído, morto como Mauled. Horrorizada, ela se deixou cair em cima do avô e, desesperada, começou a chorar e a gritar.

Ela perdeu a noção do tempo. Alguém se agachou ao seu lado e a abraçou. Era Gillian, que fora alertada pelos guardas do castelo e, apesar de pôr sua vida em perigo, havia corrido para a aldeia, encontrando apenas destruição e horror.

- Fique tranquila, Megan — sussurrou, abraçando-a, sem poder conter as lágrimas ao ver o bondoso Angus morto diante delas.
- \òvô... Gillian — soluçava Megan, angustiada. — \òvô e Mauled estão mortos... por minha culpa.
- Por todos os santos! — rugiu Magnus ao ver o ocorrido.

Os aldeões corriam enlouquecidos; algumas casas ardiam, e nada podiam fazer senão esperar que o fogo devorasse o pouco que tinham. Os soldados de Axel conseguiram acabar com os atacantes que tanta desolação haviam causado naquela noite. Alguns aldeões começaram a apontar as moças como responsáveis por tudo o que havia ocorrido. Diziam que haviam escutado aqueles ingleses perguntarem pelos netos de Angus de Atholl.

- Escutem! — gritou Magnus, pesaroso, com Zac em seus braços. — O primeiro que eu ouvir dizer que as culpadas de tudo isso foram elas vai se ver comigo.
- É tudo culpa minha — sussurrou Megan. — Tudo culpa minha.
- Não, Megan. Não é culpa sua — murmurou Alana.

Ao levantar o olhar, Megan viu Magnus abraçando

Zac, e Alana acolhendo Shelma. Pareciam em estado de choque. Alguns vizinhos, aqueles que pareciam tê-las aceitado, lhes davam as costas.

- Caleb! Quero que vários homens ajudem nossa gente a apagar o fogo, e que outros recolham o corpo de Angus e de Mauled para lhes dar um enterro digno — ordenou Magnus, respirando fundo e avaliando com um olhar os danos feitos à aldeia.
- O resto das pessoas, e os feridos — disse Alana olhando para Caleb —, que sigam para o castelo.

Ah serão atendidos.

— Mas, milady, no castelo não podemos... — interveio Caleb.

Mas Alana, furiosa e indignada, não o deixou terminar.

— Eu disse — sentenciou, encolerizada, deixando Magnus sem palavras — que todos devem ir ao castelo. E quero que dois guerreiros partam agora mesmo em busca de Axel e lhe informem o que aconteceu.

— Muito bem, milady — assentiu Caleb.

Pouco depois, iluminados por tochas, os homens se distribuíram. Enquanto alguns apagavam o fogo, outros recolhiam os corpos sem vida, e dois homens partiam em busca de Axel.

— Muito bem, Alana — reconheceu Magnus. — Será uma boa senhora para estas terras.

Ela, triste, assentiu.

— Vamos, Megan — disse Gillian, notando que havia sangue nas roupas e no cabelo da amiga. — Está ferida e tenho que cuidar de você.

— Fora, *sassenachs*! — gritou uma voz irreconhecível na escuridão.

— Prendam a pessoa que disse essa barbaridade! — rugiu Magnus, encolerizado.

Vários guerreiros procuraram a origem da voz, mas a escuridão os impediu.

— Vamos voltar ao castelo — murmurou Alana, segurando Shelma, calada.

Uma vez ali, Hilda, a cozinheira, lavou as feridas das moças e do menino. Ele não tornara a abrir a boca. Zac estava encharcado de sangue, mas tinha apenas um pequeno corte no pescoço. Shelma tinha vários cortes no braço e diversas contusões. Megan, além de cortes nos braços, tinha queimaduras nas mãos por ter entrado no estábulo para resgatar os cavalos, e uma pequena abertura na testa. Alana mandou lhe levarem agulha e linha e, com paciência, sentou-se diante dela para suturar a ferida.

— Tentarei fazer os pontos bem-feitos, para que não fique uma cicatriz grande — disse Alana, observando a dor nos olhares dos irmãos.

— Não me importa — murmurou Megan, extenuada. — Mauled e vovô estão mortos. As pessoas vão nos odiar pela destruição da aldeia e vão exigir que partamos. Para onde iremos, Alana? Para onde posso levar meus irmãos para que sejam felizes?

O desespero de Megan a fazia tremer, e Gillian, tentando consolá-la, abraçou-a. Durante um tempo as duas choraram pelas vidas perdidas, e quando Megan se acalmou Gillian voltou a cuidar de Zac.

— Aprimeira coisa que tem que fazer é se acalmar — pediu Alana. — Quando Axel voltar, tentaremos

resolver esse terrível contratempo.

Mas Megan repetiu:

— As pessoas exigirão que partamos amanhã mesmo.

— Ninguém vai embora daqui! — rugiu Gillian, colocando panos de água fria na testa de Zac.

— Aqueles homens — disse Shelma, sentando-se ao lado de sua irmã — estavam atrás de nós. Nunca vão nos deixar em paz.

— Eles não queriam nos matar — explicou Megan. — Queriam nos levar para sir Aston Nierter e...

Nesse momento, vários criados entraram no quarto. E com eles, Sean.

— Está bem? — perguntou ele se aproximando de Megan e empalidecendo ao ver Alana costurando-lhe a testa.

— Sim — respondeu Megan com um sorriso triste.

Todos notaram que o rapaz levava algo nas mãos.

— Eu consegui tirar de sua casa estes poucos pertences — disse, estendendo diante dela um saco.

— Obrigada, Sean — disse Shelma ao ver que havia ali algumas roupas, potes de barro e pouco mais.

— Lamento não ter conseguido salvar mais nada — desculpou-se o rapaz. — Mas o fogo...

Megan olhou para ele. Queria lhe agradecer, mas a emoção não a deixou falar.

— Foi um gesto muito bonito — sorriu Alana. — Agora, eu agradeceria se saísse para eu poder continuar com o que estava fazendo.

Assentindo com a cabeça, o rapaz saiu e elas ficaram sozinhas.

— Veja, Megan — sussurrou Shelma, pegando umas roupas. — Sean conseguiu salvar nossa roupa preferida — disse, mostrando-lhe as calças de couro, as botas e as camisas de linho que elas haviam confeccionado.

— E a capa do vovô — soluçou Megan, pegando-a com amor.

— Não se mexa, Megan — sussurrou Alana, tentando costurar a ferida.

Mas o que menos importava a Megan era sua ferida. A única coisa que ela queria era vingança, e disse em tom ameaçador:

— Agora eu é que vou atrás deles. Eles vão pagar pela morte do vovô e de Mauled.

— Quis dizer “nós” — pontuou Shelma, olhando para

sua irmã.

Gillian tirou o saco das mãos dela e o deixou de lado.

— Não digam bobagens. Daqui ninguém sai até que Axel regresse — censurou Alana, assustada ao ver como elas se entreolhavam.

— A única coisa que peço é que cuide de Zac em nossa ausência — disse Megan, tomando a mão de Alana. — E se algo nos acontecer, por Deus, garanta que se torne um bom guerreiro escocês.

Ao escutar isso, o coração de Alana se acelerou.

— Eu disse que daqui ninguém sai enquanto Axel não chegar — bradou Alana, levantando a voz e atraindo o olhar de Gillian. — Ouviram o que eu disse?

— Sim, Alana — assentiu Megan. — Mas prometa que cuidará de Zac caso algo aconteça a minha irmã e a mim?

— O que vai acontecer com vocês? — perguntou Alana irritada, guardando a linha e a agulha.

— Prometa, por favor! — suplicou Shelma.

— Tudo bem, suas cabeças-duras! — disse Alana, dando-se por vencida. — Eu prometo. Mas, como não vai acontecer nada com vocês, não será necessário que eu cumpra essa promessa absurda.

As moças respiraram aliviadas.

— Milady — chamou Caleb à entrada. — Alguns feridos precisam de sua ajuda lá embaixo.

— Irei agora mesmo — assentiu ela, pegando suas coisas de costura. — Gillian, fique aqui com elas e não as deixes sair.

— Fique tranquila, cunhada — disse Gillian, vendo-a desaparecer porta afora.

Quando as três ficaram sozinhas, ela olhou para suas amigas e disse:

— Daqui não sairão. Só por cima de meu cadáver.

*

Com os primeiros raios de sol surgindo no horizonte, todos puderam ver os destroços causados pelos meliantes. Magnus viu que várias casas haviam ficado calcinadas, e sua gente, moralmente prejudicada.

No meio da manhã, acompanhados por Magnus, Alana, Gillian e alguns aldeões, Megan, Shelma e Zac sepultaram Angus e Mauled, e tomaram a chorar sua terrível perda.

Três dias depois, enquanto os aldeões tentavam retomar a rotina diária e os guerreiros reconstruíam o teto das casas queimadas, Megan e Shelma conversavam

com Gillian sentadas na colina.

— Ficarão no castelo até que Axel volte. Não tenham nada a temer — disse Gillian ao ver as duas olhando para o local onde há até poucos dias havia sido a casa delas.

— Estou cansada de ter medo — disse Megan. — Creio que o mais sensato é partir em busca de quem está nos perseguindo.

— Zac ficará com Alana e com você. Precisamos que cuidem dele enquanto estivermos fora — disse Shelma, entendendo sua irmã.

— Estão loucas! Não podem ir sozinhas. Não entendem? — disse Gillian.

Megan nem olhou para ela.

— O que não podemos é continuar assim — respondeu Shelma. — As pessoas acabarão nos odiando. Já é a segunda vez que vêm atrás de nós, e Angus e Mauled estão mortos. O que acontecerá se de uma próxima vez morrer algum aldeão? Acha que nos perdoariam? Querendo ou não, aqui sempre seremos *sassenachs*.

— Não diga isso — sussurrou Gillian. — Eles sabem tão bem quanto eu que vocês não têm culpa de nada.

— Eles nunca nos deixarão em paz. Viu como olham para nós? Para todos eles, nós representamos um perigo — apontou Megan. — Gillian, você tem carinho por nós tanto quanto nós por você, mas temos que fazer algo por Zac e por essa gente. Ele e os demais merecem viver sem medo. E enquanto nós estivermos aqui, isso será impossível.

— Quem disse que não as entendo? — replicou Gillian. — A única coisa que digo é que sozinhas não podem fazer muito.

— Tem outra solução? — perguntou Megan.

— Casarem-se! — interveio Alana, aproximando-se naquele momento. — Isso evitará que os malditos ingleses as queiram e venham buscá-las.

Ao escutar isso, as irmãs olharam para ela.

— Um casamento! Que boa ideia! — celebrou Gillian, aplaudindo a sugestão de sua cunhada. — Isso garantiria, além de um homem para vocês, muita segurança.

— Nem louca! Que solução horrível! — protestou Megan. — Além do mais, que *highlander* se casaria com duas mulheres meio inglesas?

— Isso mesmo. Quem iria querer se casar conosco? — sussurrou Shelma.

— Não sei — disse Alana, sentando-se. — Talvez tenhamos que indagar um pouquinho para saber quais homens estão interessados em vocês. Se bem que me ocorrem dois deles.

Megan, ao ver Alana e Gillian sorrindo e se entreolhando, ficou tensa. Estavam malucas?

— Que boa ideia! — sorriu Gillian, olhando para sua cunhada. — Talvez, quando Axel voltar, possamos...

— Não! — exclamou Megan. — Se estão pensando em Duncan McRae, ele não é meu tipo nem eu, evidentemente, sou o dele. Não suporto pessoas que acreditam que todo mundo deve adorá-las. É insuportável!

Shelma, que as escutava com olhos tristes, sussurrou:

— Oh, Lolach... Eu daria qualquer coisa para poder me casar com ele.

— Shelma! — gritou Megan ao ouvi-la. — Como pode dizer isso?

— Digo o que sinto — sorriu Shelma, pela primeira vez em vários dias —, e creio que você deveria fazer o mesmo. Estou farta de ter que dormir sempre com um olho aberto. Gostaria de poder ficar tranquila, sem ter que pensar que a qualquer momento alguém tentará nos matar, ou nos raptar.

Ao escutá-la, Alana deu o assunto por encerrado.

— Então, está resolvido. Quando Axel voltar, falarei com ele.

— Por mim não fale, Alana — advertiu Megan, olhando para a amiga. — Não quero que...

De súbito, ela se interrompeu. Do alto das muralhas do castelo, vozes advertiram-nas que um grupo de homens a cavalo se aproximava a galope. Alana logo reconheceu Axel, que galopava rápido com cerca de trezentos homens. Era tanta sua pressa que entraram no castelo sem notar que as mulheres os observavam do alto da colina.

— É Axel! — gritou Alana, levantando-se com um salto.

— Corra! — incitou-a Gillian. — Vá recebê-lo.

Não foi necessário. Poucos instantes depois, vários dos cavalos que haviam entrado no castelo saíam, dirigindo-se a elas.

— Por São Ninian! — murmurou Gillian, incrédula. — Esses, por acaso, são...

— Acertou — disse Alana, batendo palmas, eufórica de alegria vendo seu marido chegar.

Os *highlanders* se aproximaram a galope.

— Estão todas bem? — perguntou Axel, pulando do cavalo para abraçar Gillian e Alana.

Sua esposa se recostou nele, feliz.

— Fique tranquilo, Axel. Estamos bem — assentiu Gillian ao ver Niall desmontar com cara de preocupação.

Com o rosto sujo de pó e uma barba incipiente de dias escondendo suas feições, Duncan se aproximou de Megan. Ao ver que tinha um curativo na cabeça, perguntou-lhe, tomando-lhe o braço com delicadeza:

— Está bem? Como se sente?

Ela assentiu sem falar.

Aquelas palavras, e a proximidade dele, por algum motivo a fizeram se sentir reconfortada. \`er Duncan diante dela, olhando-a como se quisesse atravessá-la, permitiu-lhe relaxar mais do que ela queria admitir.

Por sua vez, desde que haviam recebido a notícia, Duncan não tinha conseguido comer nem dormir enquanto não chegavam a seu destino. Algo estranho o atraía para ela, e ele ainda não conseguia entender o que era.

— Angus e Mauled estão mortos — sussurrou Alana, deixando todos sem fala.

Duncan olhou para Megan, cujo olhar estava perdido em outro lugar.

— Sinto muito, Shelma — disse Lolach, tentando conter seu desejo de estender a mão e abraçá-la.

Ela tinha olheiras tão fundas que lhe partiam o coração.

— Eu sei... eu sei — murmurou ela, olhando para ele com tristeza.

— Onde está Zac? — perguntou Duncan sem afastar os olhos da mulher de cabelos negros.

Ele não gostou nada de ver as manchas escuras sob os olhos dela.

— Está brincando com Klou, o cachorro de Mauled — disse Megan, apontando para onde o menino estava, correndo. — Agora, é nosso cachorro. Zac está bem, mas ficamos preocupadas, porque ele estava sozinho com vovô quando o mataram.

— Santo Deus! — sussurrou Niall, sem tirar os olhos de Gillian.

— Meu senhor — disse Megan olhando para Axel. — Aqueles ingleses estavam atrás de nós, e pensamos que...

— Axel! — interrompeu-a Gillian. — Elas insistem em ir sozinhas em busca das pessoas que as perseguem. Alana e eu tentamos convencê-las a não fazer essa loucura.

Ao escutar isso, Duncan tornou a cravar o olhar em Megan. Mas ela, séria e altiva, não se abalou.

— Nem pensem nisso! — bradou Lolach. E olhando para Shelma, perguntou: — Aonde pensava em ir, mulher?

Shelma ia responder, mas Megan, com um olhar, pediu-lhe que se calasse.

— Daqui ninguém se move — ordenou Axel. — Eu sou o seu senhor, e como tal tenho que defendê-los e

cuidar de vocês.

— Lamento muito, senhor, mas não consentirei que gente inocente morra por minha culpa — desafiou-o Megan, fitando-o. — Esses criminosos voltarão. Por minha culpa meu avô e Mauled morreram. Nossos vizinhos começarão a nos odiar, e de novo começarão os insultos, e...

— Eu não consentirei que vá a lugar algum, e menos ainda que alguém a insulte — afirmou Duncan com voz tranquila, mas profunda, atraindo a atenção de todos. — Se alguém vai atrás das pessoas que fizeram isso a Angus e Mauled, sou eu. Você, por ora, ficará no castelo com seus irmãos, e se recuperará. Está ferida, e não parece bem. Creio que se Angus ou Mauled estivessem aqui, apoiariam minha decisão.

— Oh-oh... — sussurrou Gillian ao ver Megan levantar a cabeça. — Esse olhar não me agrada...

— Megan, escute — interpôs-se Axel. — Você não parece bem, nem sua irmã. Deixe que nós cuidemos disso.

— Desculpe-me, *laird* McRae — disse Megan, postando-se diante de Duncan. — Como pode dizer que meu avô ou Mauled apoiariam sua decisão? Acaso os conhecia para saber o que eles pensavam? Acredita que eles não sabiam que nós somos capazes de nos defender

sozinhas?! — ela disse, olhando para Duncan.

O guerreiro bufava como um urso prestes a atacar.

— Eu nunca precisei que ninguém me defendesse, menos ainda um guerreiro arrogante e mandão como você.

— Por todos os santos, Megan! — sussurrou Alana, incrédula diante do modo como ela falava com Duncan.

Axel, divertido, saiu do caminho. Desde que conhecia Duncan, nunca o tinha visto tão fascinado por uma mulher — além de Marian, a mulher que o havia traído.

— O que eu poderia responder certamente não lhe agradaria — disse Duncan, aproximando-se mais. — Pensa mesmo que sou um guerreiro arrogante e mandão?

— Oh, Meu Deus! — sussurrou Gillian ao ver Megan, que, sem se intimidar diante da altura e musculatura incríveis de Duncan, dava um passo adiante.

— Duncan. Ela está cansada. Passou por coisas muito traumáticas. Não se comporte como um estúpido — disse Niall, aproximando-se dele ao ver o espanto de Gillian.

Ele o conhecia, e sabia que quando se erguia assim estava preparado para a luta.

— Seu avô e Mauled — começou Lolach, trocando um olhar com Duncan, que assentiu — fizeram-nos prometer que, se algo acontecesse a eles, nós cuidaríamos de vocês até encontrar bons maridos

para as duas, ou que nos casaríamos com vocês. Eles sabiam que vocês corriam perigo, e ambos sabiam também estar velhos para continuar velando pela vida de vocês.

— O quê? — sussurrou Shelma, incrédula diante dessas palavras.

Lolach sorria como um tonto. Deus do céu! Como havia sentido falta daqueles olhos e daquela boca! De início, ele pensara que se tratava de um capricho. Mas, ao ver que não podia tirar da cabeça o sorriso de Shelma, compreendera que tinha que voltar para ela.

— Que ideia magnífica! — gritou Alana, alvoroçada. — Poderíamos celebrar o casamento no castelo hoje à tarde, ou amanhã, ou quando quiserem.

— Eu não vou me casar com você, *laird* McRae — afirmou Megan, jogando a cabeça para trás para olhar para Duncan, sem se importar com sua estatura e cara de bravo.

— Sim, você se casará comigo — respondeu ele, surpreendendo a si mesmo por ter afirmado diante de todos que queria se casar com ela. — \ocê se casará comigo porque seu avô me pediu isso, porque quero protegê-la e porque preciso de uma mulher que me dê herdeiros.

— Eu não sou uma vaca para que plante sua semente em mim! — replicou, indignada, Megan.

Niall sorria, surpreso com a insistência de seu irmão de se casar com aquela moça.

Axel e Alana se entreolharam, incrédulos, diante da ousadia de Megan. Mas Duncan, como sempre, queria ganhar a batalha.

— \ocê será minha! — disse ele, levantando a voz e aproximando seu rosto do dela. — E não me importa o que diga ou faça. \ocê se casará comigo e eu a protegerei.

“Nem louca me casarei com você”, pensou Megan, tentando encontrar rapidamente uma solução.

— Eu insisto. Esse enlace é impossível! — gritou Megan. — Existe algo que, quando souber, impedirá esse casamento.

Todos olharam para ela.

— O que o impedirá?! — gritou Shelma, preocupada e tão aturdida pelo giro da conversa que só podia olhar para Lolach, abóbada.

Duncan, sem afastar os olhos de Megan, observava-a. Ele gostava daquela mulher, e se divertia com ela. Seu jeito de desafiá-lo, suas palavras e seus olhos o encantavam. Pela primeira vez, aquilo o fez esquecer a angústia vivida com Marian.

— Nada impedirá esse casamento — afirmou Duncan. — O que poderia me impedir de casar com você?

— Nosso pai, *laird* McRae, era *sassenach* — disse ela, arrastando as palavras com a intenção de soarem lúgubres. — Seria uma loucura misturar seu sangue puro escocês com sangue contaminado.

Ao escutar sua irmã, Shelma levou a mão à boca.

— \òu me arriscar — sorriu Duncan, observando-a enquanto ela buscava uma saída.

— Está sorrindo? — debochou Niall, olhando para o irmão. — Por São Ninian, Duncan! Está sorrindo novamente!

— Eu sabia que ele gostava dela — confessou Alana a seu marido, que sorriu.

— Por todos os santos, Megan! — gritou Shelma, incrédula. — Nós odiamos essa palavra. Por que diz isso? Papai nunca foi um inglês sujo, e nosso sangue não está contaminado.

— Digo o que eles pensam — respondeu Megan, olhando com raiva para a irmã. — Não quero que depois eles nos acusem de não os termos advertido antes do casamento.

— Considero-me advertido — assentiu Lolach, pegando Shelma pelo braço.

— Eu também — afirmou Duncan, encerrando o assunto. — E, como disseram certa vez velhos muito sábios, misturar o sangue de dois puros-sangues será excepcional.

Gillian, calada, observava-os. Por um lado, alegrava-se com aqueles enlaces, mas seria realmente o certo?

— Que ideia maravilhosa! — aplaudiu Axel. — Creio que esses casamentos beneficiarão a todos nós. E, acima de tudo, poderão começar uma nova vida sem o medo de que alguém tente levá-las de volta a Dunhar. Lolach e Duncan não permitirão.

Mas, vendo a cara de estupor de Megan, acrescentou:

— Megan e Shelma de Atholl, como seu senhor, eu ordeno que se casem com Duncan McRae e Lolach McKenna. Eles são dois homens bons que nunca as maltratarão.

— Oh, não, por todos os celtas! — Sorriu Lolach ao recordar os velhos. — Eu odeio os covardes que se valendo de sua força batem nas mulheres.

Shelma estava encantada, mas não se podia dizer o mesmo de sua irmã.

— Não, *laird*. Não pretendo aceitar esse enlace! — insistiu Megan, mexendo no cabelo, como fazia sempre que ficava nervosa.

— Aceitará — insistiu Duncan, sem dar o braço a torcer.

— Não! Não quero uma cerimônia sem amor com você... diante... diante de Deus — gaguejou, buscando uma solução rápida.

— Vamos celebrar um *Handfasting* — disse Duncan então, sentindo-se livre. — Assim, não estará casada diante de Deus sem amor.

Ele riu ao ver a cara de desgosto dela. E completou:

— Se depois de um ano e um dia eu decidir que não quero ficar com você, eu a deixarei ir!

— Uma união de mãos? — aplaudiu Gillian, olhando para sua amiga irritada. — Seria uma opção excelente, Megan!

— Ótima ideia! — assentiu Alana.

Megan recordou-se daquela lei escocesa perante a qual duas pessoas prometiam fidelidade mútua e viviam como marido e mulher durante um ano e um dia. Passado esse tempo, podiam se casar na igreja, fazer outro acordo pelo mesmo tempo, ou se separar e cada um seguir seu caminho.

— Talvez eu é que o deixe! — ameaçou Megan, olhando para aquele arrogante.

Niall caiu na gargalhada.

— Duvido muito! — respondeu Duncan, cravando intencionalmente os olhos nela.

— Mas... Eu quero me casar diante de Deus! — gemeu Shelma, que aspirava a celebrar um casamento na igreja.

— Nós nos casaremos diante de Deus — respondeu Lolach.

Axel e Niall riram, debochando da cara de bobo de Lolach.

— Megan — sentenciou Duncan com seus olhos verdes penetrantes —, você se casará comigo, queira ou não. E, por favor, meu nome é Duncan. Eu peço que, a partir de agora, me chame assim.

Irritada diante dos acontecimentos, Megan fechou os olhos. Precisava pensar em como sair daquela confusão.

— O enlace será hoje à tarde — disse Duncan sem desviar os olhos de sua futura esposa, que parecia tramar alguma coisa.

— O padre Perkins está aqui — sorriu Alana. — Falarei com ele. Tenho certeza de que não fará objeções em relação aos proclamas de Lolach e Shelma, em vista dos acontecimentos.

E olhando para Megan e Duncan, prosseguiu:

— Quanto à união de vocês, poderemos celebrá-la depois da deles.

— Eu vou me casar! — murmurou Shelma, encantada, mirando Lolach com seu olhar mais doce.

— Nunca pensei que queria casar — riu Niall ao

observar Lolach, que estava muito feliz com tudo aquilo.

— Eu também não — replicou Lolach, aproximando-se de seu amigo —, até que dei minha palavra de *highlander* a umas velhas raposas.

— Então — disse Axel, as sentindo com um sorriso —, terá de cumpri-la.

Duncan e Megan, alheios aos outros, continuavam se olhando desafiadoramente. Coisa que cada vez mais atraía o *highlander*.

— Gillian — sorriu Alana ao ver a cara de sua cunhada —, como vamos organizar tudo em tão pouco tempo?

— Não se preocupe — comentou Gillian, sem tirar os olhos de Niall, que a olhava de cima a baixo. — Tenho dois vestidos, que com pequenos ajustes ficarão perfeitos. Agora, vou falar com a cozinheira e lhe dizer que comece a salgar a carne para os festejos.

— Hoje à noite será minha mulher — disse Lolach, diante da cara de surpresa e expectativa de Shelma —, e daqui a algumas semanas a levarei a seu novo lar. A partir de então, será uma McKenna.

— Um momento — disse Shelma, aproximando-se de sua irmã. — Em poucas semanas estarei em suas terras e serei uma McKenna? E meus irmãos?

— Minha mulher e Zac irão comigo — anunciou

Duncan. — Nossas terras ficam perto daqui. Os McRae e os McKenna gozam de uma extraordinária amizade, e sempre que quiserem poderão fazer visitas. Megan e Zac passarão a ser McRae, ao passo que você será uma McKenna.

As irmãs, sérias, trocaram olhares.

— Qual é o problema agora? — suspirou Axel.

— Os problemas, meu senhor. Os problemas — protestou Megan, afastando o cabelo do rosto.

Duncan sorriu diante desse gesto. Cruzando os braços diante de seu peito amplo, preparou-se para escutar.

— Em primeiro lugar, meu *laird*, não quero me casar com o Falcão — disse Megan, fazendo Duncan erguer as sobrancelhas. — Nunca gostei de sua fama de sanguinário e mulherengo. Em segundo lugar, não quero ser uma McRae. E, em terceiro lugar, não quero ficar longe de minha irmã. Nós sempre vivemos juntas.

— Eu não quero me separar deles — murmurou Shelma, fazendo uma careta.

— Poderá ver sua irmã sempre que quiser — disse Lolach, tomando-lhe as mãos. — Eu prometo que não farei objeção alguma às suas visitas constantes.

— Promete? — perguntou Shelma, nitidamente feliz.

Ela ia se casar com Lolach!

— Shelma, que está dizendo?! Ou melhor, que está fazendo? — protestou Megan, surpresa diante do flerte descarado de sua irmã.

— Eu prometo, minha linda — afirmou Lolach, fazendo ouvidos moucos aos protestos e maldições que a irmã de sua futura mulher soltava.

Duncan e Niall olhavam para ele, divertidos.

— Então, já está decidido — riu Axel, afastando-se com Alana, enquanto Megan continuava protestando. — Hoje à tarde celebraremos dois casamentos.

E então todos se encaminharam ao castelo, onde o velho Magnus assentiu, feliz, perante os casamentos. Ele conhecia os jovens desde que eram pequenos e sabia que cuidariam bem das moças.

A partir desse momento, Megan não teve como escapar. Duncan pôs dois homens diante da porta dela, e todos os seus movimentos eram observados.

Shelma estava exuberante de alegria. Ia se casar com Lolach! E era tanta sua felicidade que nem os piores olhares de sua irmã a fizeram parar de sorrir.

Capítulo 9

A hora da cerimônia se aproximava, e as mulheres estavam cada vez mais nervosas. O vestido de Shelma era azul-claro, ao passo que o de Megan era verde. Shelma queria ficar bonita para Lolach, mas Megan, que tinha uma bandagem na cabeça, observava-se, pesarosa diante de sua aparência. Como podia se casar com aquilo na cabeça? Usando a imaginação, ela pegou um pedaço de seda verde e o enrolou na testa. Assim, esconderia a ferida feia e realçaria suas belas feições e seus olhos pretos espetaculares.

Ao cair da tarde, Axel e Magnus foram buscar as noivas. Primeiro celebrariam o casamento eclesiástico de Shelma e Lolach, e, a seguir, realizariam o *Handfasting* entre Duncan e Megan.

Diferentemente do casamento de dias antes, aqueles enlaces seriam realizados com poucos convidados. Ao chegar à entrada da capela, Megan viu, ao fundo,

Duncan sorrir para Niall, e cravando-lhe o olhar, teve que reconhecer que estava muito bonito. Ele havia se lavado fizera a barba e vestia um kilt que mostrava suas pernas robustas e fortes, uma camisa de linho branca e o tartã com as cores dos McRae. Sua aparência era cativante.

Shelma, abóbada diante do olhar de Lolach, entrou de braço dado com Axel. Após repetirem seus votos, o sacerdote anunciou que estavam casados aos olhos de Deus e da Santa Madre Igreja, de modo que Shelma se jogou nos braços de seu marido, que a beijou, feliz diante de tanta efusividade, enquanto Zac aplaudia.

Acabada a cerimônia, o sacerdote foi embora, e todos, menos Megan e Magnus, se dirigiram ao alto da colina, onde, por ordem de Duncan, haviam feito um grande círculo no chão com pedras e flores, dentro do qual ficaram os presentes para realizar o *Handfasting*. O velho Magnus, feliz por levar Megan pelo braço, começou a subir a colina, até que, de súbito, ela o fez parar com um puxão.

— O que houve? — perguntou Magnus, olhando-a com curiosidade.

— É que não posso acreditar.

Megan torcia as mãos, nervosa.

— O que estou fazendo, Magnus? Até poucos dias, eu vivia com meu avô e Mauled, e nunca me passou pela cabeça deixar meu clã, meu lar e minha aldeia. Mas agora — sussurrou ao ver que Duncan a observava e começava a se aproximar — estou aqui. Vou me casar usando um vestido que não é meu, com isto na cabeça

— e apontou comicamente para o curativo —, em uma cerimônia que não desejo, sem meu avô, sem Mauled e sem saber o que fazer.

— Megan, creio que o que vai fazer é o mais acertado

— comentou Magnus. — Você sabe que se seu avô e Mauled estivessem entre nós aceitaríamos esse enlace tanto ou mais do que eu. A partir de agora, desfrutará da liberdade que sempre lhe foi negada.

— Liberdade?! — repetiu ela, vendo Duncan chegar a passos largos. — A isto chama de liberdade? Não poder escolher com quem passar o resto de minha vida? Ele não me ama, nem eu a ele. Por isso estamos realizando um casamento de um ano e um dia. Maldição, Magnus! Você sabe como sou. Não sou fácil e não tenho paciência — isso a fez sorrir, recordando como seu avô e Mauled a chamavam —, mas e ele? Sei que é exigente e pouco piedoso. Por São Ninian, Magnus! Eu não sou como Alana — gritou, desesperada, batendo em uma árvore as flores que levava na mão. — Que será de mim quando eu começar a irritá-lo com meus atos?

— Eu perguntaria o que será de você — disse Duncan — se não começarmos a cerimônia imediatamente!

— Está vendo? Vê a que me refiro? E o pior ainda está por vir — gesticulou ela comicamente, abrindo os braços e olhando para Magnus, que teve que se conter para não rir.

— O que está acontecendo agora? — perguntou Duncan, desesperado, e ao mesmo tempo admirado ao ver como ela estava linda com aquele vestido, e seu rosto realçado por aquela seda verde que fazia seu lindo cabelo flutuar.

— Ela tem dúvidas — sussurrou Magnus, revirando os olhos.

— Eu também tenho dúvidas — revelou Duncan, deixando-a sem fala.

— Maldição, *laird* McRae! — gritou Megan, jogando as flores contra a árvore. — E por que insiste em se casar comigo?

— Chame-me de Duncan. Serei seu esposo.

— Não.

— Sim — disse ele.

— Mas... mas... você é tonto ou o quê?

Ao dizer isso, Megan fechou os olhos. Sua língua, aliada a seu desespero, a traíra. Aquela falta de respeito poderia lhe acarretar consequências.

— Moça, segure essa língua e lembre-se com quem está falando — censurou-a Magnus, agachando-se com paciência para recolher o buquê de flores estragado.

— Pode nos dar licença um instante, Magnus? — pediu Duncan.

E pegando a mão de Megan, puxou-a, levando para um local mais distante. Já sozinhos, olhando para ela, ele disse:

— Nunca mais me insulte, e menos ainda em público. Entendido?

— Sim — assentiu ela, olhando para ele, assustada.

— Escute, é claro que tenho dúvidas. Eu mal a conheço, e minha relação anterior com uma

mulher quase acabou comigo — Duncan abriu-se, atendo a atenção dela. — Desde que tenho uso da razão, tenho me dedicado a lutar, a ir de guerra em guerra, e, se decidi me casar com você, é porque dei a seu avô e a Mauled a palavra de que a protegeria e cuidaria de você.

— *Laird* McRae, uma promessa! Por acaso sou um pedaço de couro que se possa oferecer? — disse ela, chutando uma pedra.

— Duncan... mulher, meu nome é Duncan.

Ao ver como ela o olhava, ele prosseguiu, tentando não erguer a voz:

— Escute, mulher. Desde que a vi pela primeira vez notei em você algo diferente, que nunca havia observado em nenhuma outra. Você não tem medo de mim e é capaz de me chamar de tonto sem começar a chorar diante do meu olhar duro.

Dizendo isso, ele a fez sorrir.

— Se tiver que escolher a mãe de meus filhos, escolho você, porque creio que a maneira como cuida de Zac é maravilhosa. Adoro a cor de seu cabelo — declarou ele, divertido —, gosto de seus olhos, seu sorriso e até de sua cara quando blasfema. Além do mais — sussurrou ele, levantando a mão e acariciando-lhe o rosto —, não estou disposto a permitir que ninguém além de mim beije esses lábios que são só meus.

Ao ouvir isso, o coração de Megan quase explodiu.

— Está louco, você sabia? — sorriu ela, olhando para ele.

— Louco como você — respondeu Duncan.

E apontando para o grupo, disse:

— Mandei fazer um círculo de flores e pedras ah. É uma encruzilhada. Minha mãe sempre dizia que isso dá sorte, porque simboliza a união de dois corações.

— *Laird* McRae...

— Duncan — corrigiu ele de novo.

Ela, olhando para ele, cedeu e disse:

— Duncan. Se passado um ano e um dia comprovarmos que não podemos continuar unidos, e não tivermos filhos, poderei recuperar minha liberdade?

Após olhar para ela durante alguns instantes, cravando seus olhos verdes nela, ele respondeu:

— Vamos deixar o tempo passar; não gosto de adiantar os acontecimentos.

E sorriu, incrédulo diante da impaciência que sentia para se casar com aquela linda moça.

— Mas se mal me conhece... Por quê?

— Dei minha palavra, e para nós nossa palavra é lei. Além do mais, uma vez, há muitos anos, perguntei a meu sábio avô como distinguiria, entre todas as mulheres, a melhor para mim. Ele me disse que quando eu encontrasse essa mulher, sentiria e saberia.

— Eu posso ser exasperante — advertiu Megan, hipnotizada e incrédula diante das coisas bonitas que estava ouvindo. — Não gosto de ordens.

— Eu sou exigente com a lealdade e adoro dar ordens — sorriu ele ao responder.

— Em casa me chamam de Impaciente.

— Então, já sei quem é a Mandona — disse Duncan, fazendo-a sorrir.

E sem lhe dar trégua, Duncan pegou a mão dela com firmeza e perguntou com voz rouca:

— Impaciente, quer se casar comigo?

Depois de olhá-lo durante alguns instantes, ela assentiu lentamente, com um sorriso encantador. Ele lhe deu um beijinho rápido na ponta do nariz, voltou-se para Magnus, e com ar de triunfo voltou para o resto do grupo.

— Suas dúvidas se dissiparam, moça? — sorriu Magnus, subindo a colina.

— Oh, sim... Magnus. — Ela sorriu também, deixando-o muito feliz. — Por ora, creio que sim.

Uma vez junto ao grupo, todos entraram no grande círculo de pedras e flores. Magnus se posicionou diante dos noivos. Após algumas palavras do velho, olhando-se nos olhos, como mandava a tradição, os futuros esposos se deram as mãos, formando o símbolo do infinito. Magnus colocou uma corda ao redor daquelas mãos, e, dando um nó, explicou em voz alta e clara os termos daquele acordo temporário. Tendo ambos aceitado, Magnus desamarrou o nó e tirou a corda. Duncan tirou de seu *sporrán* um lindo anel, que havia pertencido a sua mãe, e, tomando a mão trêmula de Megan, colocou-o em seu dedo. Nesse momento, Magnus os declarou marido e mulher por um ano e um dia.

Terminada a cerimônia, voltaram ao castelo. Ao entrar no salão, eles se surpreenderam ao ver que Hilda, a cozinheira, havia coberto as mesas com as toalhas de linho das cerimônias. Além dos guerreiros McRae, McKenna e McDougall, estavam também alguns aldeões que se afeiçoavam às moças. Elas se emocionaram ao sentir o carinho de todos.

Com a chegada da noite, Niall, além dos guerreiros McRae e McKenna Ewen, Mael e Myles, raptaram os noivos, que riam e bebiam. Depois de dançar com quase todos os homens do castelo, as mulheres decidiram se retirar para seus quartos, enquanto os homens continuavam bebendo. Mas, antes de saírem pela arcada e subir as escadas, uma mão deteve Megan. Era Duncan.

— Tentarei estar com você o mais breve possível — sorriu ele, fazendo-a tremer. — Mas creio que será difícil me livrar de todos esses brutos.

— Não se preocupe — disse ela, nervosa. — Demore quanto for necessário.

— Eu as acompanharei até os quartos, Duncan. Não se preocupe — disse Alana, vendo Axel rir com seus homens.

— Aqui está Duncan! — gritou o velho Magnus. — Estávamos procurando você, rapaz.

Horrorizada diante do que naquela noite aconteceria entre eles, Megan chegou a seu novo quarto. Alana lhe deixou uma camisa de linho fino em cima da cama e, após sussurrar em seu ouvido “Não se preocupe com

nada”, foi embora.

Megan, com um pouco de dor de cabeça, dirigiu-se a um espelho. Com cuidado, tirou a seda e a bandagem que cobriam sua cabeça até ver diante de si a feia ferida.

Nesse momento, sua porta se abriu. Era Shelma.

— Meu Deus, estou tão nervosa! — gritou ela, aproximando-se.

Ao observar a ferida de sua irmã, perguntou:

— Está bem? Dói?

— Não, fique tranquila — sorriu Megan, vendo como sua irmã estava bonita com aquela camisa de linho. — Tem que ficar tranquila e feliz. Hoje é a noite de seu casamento.

— Por isso estou nervosa.

E baixando a voz, Shelma perguntou:

— Alana disse para eu relaxar que tudo será mais fácil, mas tenho medo. Hilda comentou há um tempo que a primeira vez que se está com um homem não é prazerosa, é dolorosa.

Escutar isso só deixou Megan mais tensa.

— Lembra as coisas que Felda nos contava? — perguntou Megan.

Shelma as sentiu.

— Ela comparava isso com o ato de cozinhar. Da primeira vez que ela fez um assado, não saiu tão bom quanto da segunda, quando já sabia que temperos usar, e em que quantidade. Além do mais, segundo ela, um homem experiente é o melhor que pode acontecer com uma virgem. E creio, irmãzinha, que tanto teu marido quanto o meu são experientes.

— Mas e se eu não souber fazer nem da segunda vez? — perguntou Shelma, nervosa.

— Tenho certeza de que Lolach e você se entenderão perfeitamente. Amanhã, quando recordar esses medos, vai rir.

Dando-lhe um beijo carinhoso, Megan se despediu dela; precisava ficar sozinha.

— Ande, vá para seu quarto. Não vai querer que Lolach chegue e veja sua cama vazia, não é? Ele revolucionaria o castelo.

Com a partida de sua irmã, seus próprios medos fizeram Megan sentir um nó no estômago e se dobrar ao meio. Ela chegou perto da janela para que o ar refrescasse seu rosto. Dali podia ver sua aldeia, e inclusive os restos de seu lar queimado.

Recordar seu avô e Mauled fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas. Precisava visitá-los, mesmo que fosse um instante. Sem pensar, trocou de roupa; vestiu suas calças de couro e as botas e a camisa que Sean havia resgatado do incêndio. Pegando seu lindo e judiado buquê de noiva, Megan o escondeu dentro da capa de seu avô e sigilosamente saiu do castelo por uma porta dos fundos.

Chegando ao cemitério, um lugar sombrio, escuro e triste, ela se sentou, abatida, entre os túmulos, colocando no meio seu buquê de noiva.

— Olá, vovô. Olá, Mauled — sussurrou ela com tristeza. — Por que nunca nos disseram que haviam proposto a Duncan e Lolach que se casassem conosco? Eles voltaram e, como devem saber, levaram muito a sério a promessa. Nós nos casamos com eles. Shelma, como era de esperar, diante de Deus e por toda a vida. E eu, mediante a cerimônia do *Handfasting*. O pior de tudo é ter que me separar de Shelma. Que vou fazer sem ela? — sussurrou Megan, começando a chorar. — Por outro lado, tenho que tentar ser positiva por ela, já que ela está muito feliz. Mas tenho pena de Lolach quando descobrir como ela é mandona...

Sorriu, melancólica, enquanto tocava a fria areia do chão.

— Lolach parece um bom homem. Espero que cuide dela tanto quanto vocês cuidaram de nós.

Os soluços interromperam suas palavras. Ela tinha saudade do abraço caloroso de seu avô e do riso de Mauled.

— Quanto a mim, não sei o que dizer. Sabem que eu nunca quis me casar, mas agora estou casada, e logo terei que me despedir de todos, menos de Zac. Na verdade, vovô, tenho que agradecer a Duncan por ele não se importar que Zac me acompanhe. Não sei se eu aguentaria me separar dele também. Maldição, vovô! Por que isso teve que acontecer?

Megan soluçou até conseguir falar de novo.

— O Falcão, bem... Duncan me disse coisas muito bonitas hoje, mas ele é um guerreiro, e não sei o que espera de mim. Bem, eu sei. Espera que eu encha seu lar de filhos, e isso me faz sentir como nossa velha vaca Blondie, aquela que nos dava novilhos lindos.

Ela sorriu ao recordar isso.

— De repente, sou uma mulher casada, com uma pessoa que duvido que um dia me ame. Além do mais, quando ele descobrir minha personalidade, como sou, não sei se vai me suportar. — Depois de um suspiro, sussurrou: — Duvido, por isso preferi uma união-teste. Sabem de uma coisa? Antes da cerimônia, ele me disse que talvez eu fosse a mulher que buscava. Esse *highlander* é louco! Está decidido a me proteger, e vocês sabem bem que sei me proteger sozinha.

Nesse momento, ela ouviu um som atrás dela, mas a escuridão da noite não a deixou ver nada.

— A propósito, Mauled, não se preocupe com Klon. Ele vai ficar bem cuidado e protegido conosco, e juro que lutarei com Duncan para que ele permita que o cão vá conosco para nosso novo lar.

— Desejo concedido — sussurrou uma voz rouca atrás dela.

Megan, ao escutar isso, levantou-se rapidamente e, levando a mão direita à cintura, empunhou sua espada, surpreendendo Duncan. Ele, ao ver uma silhueta sair sigilosamente pela porta dos fundos do castelo, e reconhecendo as roupas, havia seguido Megan pensando que ela estava tentando fugir.

— *Laird* McRae, está me espionando? — perguntou ela, irritada, enquanto se afastava dos túmulos.

— Duncan — corrigiu-a. — Megan, é minha mulher, e eu adoraria se me chamasse pelo nome. Poderia tentar, por favor?

— Certo.

A lua iluminou seu rosto, e Duncan admirou a beleza selvagem de sua mulher.

— Esse golpe na cabeça está feio — disse ele ao ver a ferida. — Deve doer. Por que tirou a bandagem?

Megan, sem ter consciência de sua beleza, deu de ombros e respondeu:

— Não suportava mais. Precisava sentir o ar na

cabeça.

— Eu entendo. — E olhando para ela, Duncan acrescentou: — E agora, respondendo à sua primeira pergunta, devo esclarecer que não a estava espionando. Eu a vi sair e queria saber aonde ia minha mulher vestida de homem na noite de seu casamento. Que está fazendo com isso na cintura?

— E minha espada — afirmou ela, caminhando ao lado dele.

— Sua espada! — exclamou ele, boquiaberto. — Sabe manejá-la?

— Tanto Shelma quanto eu manejamos a espada — respondeu ela, sorrindo ao ver a cara de incredulidade dele. — \ovô e Mauled nos instruíram em muitas artes, e essa foi uma delas.

— Posso vê-la? — disse ele, estendendo a mão para pegar o aço que Megan lhe entregava. — E menor que a minha, e mais leve. Quem a fez?

— Mauled — sussurrou ela, olhando para a espada com carinho. — Ele fez uma para cada uma. Inclusive para Gillian. Queria fazer uma para Zac, mas agora... — murmurou Megan, baixinho.

Mas recompondo-se, prosseguiu:

— Ele e vovô pensavam que nossas espadas não podiam ser grandes como as dos homens. O peso

nos venceria. Por isso, as fez menores que as normais, mas que permitiriam nos defender perfeitamente.

— Você é incrível! — reconheceu Duncan diante das coisas que descobria sobre ela. — Há algo mais que eu deva saber sobre você?

— Muito mais — sorriu ela. — Como disse várias vezes, com o tempo descobrirá coisas de mim que talvez não lhe agradem.

— Por exemplo? — perguntou ele, divertido.

Ela sorriu para ele e respondeu com uma expressão marota:

— Além de saber manejar a espada com uma ou duas mãos, sei montar a cavalo, tanto de lado quanto da maneira tradicional. Caço com arco e flecha. Conheço as propriedades das ervas. Sei rastrear. Escalo árvores com verdadeira facilidade. Sei nadar, ler, escrever. Falo inglês, gaélico e francês.

Surpreso, ele ria ouvindo-a. Estava linda com aquela vestimenta tão varonil, enquanto a brisa das montanhas balançava seu cabelo maravilhoso, quase azul de tão preto.

— Sabe de uma coisa? Gostei de saber que se um dia meus filhos estiverem em perigo, a mãe deles será capaz de defendê-los. Valorizo essas aptidões em você. E a primeira mulher que conheço que é capaz de fazer todas essas coisas, e tenho certeza de que outras mais. Por isso me casei com você, e só exigirei que nunca minta para mim. Isso eu não posso suportar. Combinado, Megan?

Ela olhou para ele e, com um sorriso que o desarmou, as sentiu e respondeu:

— Combinado, Duncan.

Atraído como um ímã, com suas grandes mãos ele tomou o rosto dela para beijá-la. De início, foi um beijo lento e pausado; mas, quando a língua de Megan se chocou contra a dele, o ardor dos corpos os fez reagir, enchendo-os de paixão.

Sem poder resistir, Megan levantou as mãos e enroscou os dedos nos longos cabelos de seu marido, que ao notar as doces carícias dela deixou-se levar. Nunca ninguém o havia acariciado com tanta delicadeza e doçura. Puxando-a para si, ficou colado ao corpo dela. Um corpo quente que o fazia enlouquecer. Gostava de seus beijos, suas carícias, queria mais, precisava de mais.

Então ela sentiu a mão dele entrar por baixo da fina camisa de linho e sua pele quente explodiu ao seu contato. Aturdida por aquelas carícias, sentiu vergonha quando um leve suspiro de prazer escapou de sua boca. Um suspiro que morreu nos lábios dele.

— Não pude parar de pensar em você durante todos esses dias — sussurrou ele no ouvido dela, notando-a estremecer ao sentir sua mão, calejada pelas lutas, acariciando seus seios delicados. — Quando recebemos a notícia de que haviam sido atacados, achei que ia morrer de angústia ao pensar que algo podia ter acontecido com você.

Ouvi-lo dizer isso e sentir suas doces carícias era a melhor coisa que já lhe havia acontecido na vida.

— Quando cheguei e vi que estava bem — prosseguiu ele —, algo me disse que não devia mais me

afastar de você. Seu lindo rosto me fez esquecer meu passado angustiante, e fiquei louco só com o seu olhar. Quando a vejo, tenho vontade de passar o dia todo no leito com você.

— Ouvi dizer que você nunca teve problemas para encontrar uma mulher que aquecesse seu leito — disse ela, sem poder evitar.

Algo estranho, chamado ciúme, aparecia pela primeira vez em sua vida.

— Ouviu bem — assentiu ele, surpreso, enquanto uma lembrança fugaz de Marian passava por sua mente. — Nunca me faltou o calor de uma mulher quando quis.

“É um presunçoso”, pensou Megan, mas continuou abraçada a ele.

— Não sou uma mulher experiente, e talvez o decepcione — suspirou Megan, tentando não perder o fio da conversa enquanto ele introduzia a mão dentro da calça dela.

— Você nunca poderá me decepcionar — sorriu ele ao ver o medo do fracasso nos olhos de Megan. — Sua boca e seu jeito de olhar me dizem o contrário.

— Queria agradecer por permitir que Zac e Klou me acompanhem — murmurou Megan com os lábios colados nos dele, sentindo um estremecimento selvagem.

— Seus desejos são ordens para mim, querida — suspirou ele, enfiando mais a mão, enroscando seus dedos naqueles fios que nunca haviam sido tocados por ninguém, exceto por ele.

— Não devia me tocar assim. Não está certo — disse Megan, envergonhada, quando sua excitação cresceu e toda ela começou a arder de paixão.

— Por que não tocar? Você agora é minha — disse ele, abrindo com os dedos as dobras de suas partes íntimas, úmidas de excitação. — Meus direitos de marido me permitem tocá-la onde eu quiser, e como quiser.

Incapaz de controlar o vulcão de emoções que fervia nela, ao escutar isso ela esqueceu seu decoro e sorriu.

— Então, eu também provarei meus direitos de esposa

— respondeu Megan, descarada.

E, sem pensar duas vezes, passou a mão por cima do kilt, notando dentro algo duro e tenso.

— Impaciente! — sorriu ele, encantado com a ferocidade de sua mulher. — Eu sabia que nunca me decepcionaria.

Pegando-a possessivamente no colo, Duncan a levou ao abrigo de uns carvalhos.

— Quero conhecer essa parte selvagem que seus olhos, sua boca e seu sorriso me dizem que você tem — sussurrou Duncan, apoiando-a contra um dos grandes carvalhos iluminados pela lua. — Preciso que confie em mim e esqueça seus medos.

— Laird Mc... Duncan — respondeu ela, olhando-o nos olhos. — Tentarei ser uma boa esposa para você, se me prometer que será bom comigo e com Zac.

— Desejo concedido — sussurrou ele, perdendo-se nos olhos de Megan.

“Por São Fergus!”, pensou Duncan ao senti-la beijando-o e esquecendo a vergonha.

Vê-la desinibida, acoplando-se ao seu corpo, estava levando Duncan à loucura. Tirando a capa e jogando-a sobre o macio manto verde, ele a deitou no chão para ficar sobre ela sem machucá-la.

— Você é linda.

— E você, Falcão, é um bajulador.

Ela sorriu para ele enquanto se mexia, inquieta.

Megan nunca havia sentido o calor de um homem sobre si. Sem lhe dar tempo de pensar, Duncan tirou-lhe as botas e a calça de couro marrom, deixando-a nua da cintura para baixo. Envergonhada, ela tentou esticar a camisa branca de linho, mas Duncan pegou suas mãos, e, segurando-as acima da cabeça dela, imobilizou-a com uma das mãos enquanto com a outra acariciava aquele corpo sedutor.

— Creio... creio que não devia continuar me tocando assim.

— Tem certeza? — perguntou ele, fitando-a com seus olhos verdes ardentes.

Suas carícias eram cada vez mais possessivas.

— Sim e não — suspirou ela, fazendo-o sorrir. — Sim, porque creio que é indecente que você e eu estejamos aqui, no bosque, seminus. E não, porque está me fazendo sentir coisas que nunca havia sentido.

Nesse momento, ela sentiu um dos dedos dele abrir as dobras de seu sexo e com dehcadeza penetrá-la, o que a fez sussurrar com dificuldade:

— Duncan?!

— Isto não é nada comparado com o que a farei sentir, querida — disse ele ao notar como ela estremeceu

e como aquela parte íntima se umedecia e contraía.

— Meu Deus, não pare! — sussurrou ela, abrindo os olhos, pegando-o pelo cabelo e levando sua boca à dele, fazendo-o soltar um grunhido de satisfação.

— Calma... Temos todo o tempo do mundo. Não seja impaciente. Tudo chegará — sussurrou ele com um sorriso voraz, sentido a respiração agitada de Megan.

Começou de novo a beijá-la com paixão, dessa vez no pescoço, enquanto Megan se esticava e estremeceu com cada nova exigência. Mas, quando a boca quente de Duncan tocou um dos mamilos rosados de

Megan e o sugou com avidez, ela não pôde sufocar outro grito de prazer. As mãos dele pareciam estar por todas as partes, por todos os lados. Abandonada às carícias dele, nada lhe importava. Só queria aproveitar o que ele lhe oferecia. Até que ele pousou a boca em seu sexo.

— Duncan! — gritou ela, horrorizada e arfante, sem forças para afastá-lo. — Que está fazendo aí? Maldição, não creio que isso esteja certo! Não, por favor, não continue fazendo isso — sussurrava ela enquanto ele brincava com aquele botão que de súbito parecia florescer entre as pernas dela.

Mas já não pôde protestar mais. Gostava de como ele a lambia, como a chupava, como a saboreava. E desfrutando, embora se sentisse como um animal, deixou-se levar pela paixão, abrindo-se totalmente para ele.

Ela estava tão absorta com aquelas carícias que se sobressaltou ao ouvir um grito. Seu grito! Levando as mãos à boca, cobriu-a, envergonhada, enquanto seus quadris se moviam.

— Querida — sussurrou Duncan, enlouquecido de desejo. — Isto não acaba aqui. Quer que continue, ou prefere que subamos à intimidade de nosso quarto?

— Continue... continue — implorou ela, fazendo Duncan começar a perder a sensatez. — Não pare.

— Tudo bem, minha ferinha.

Ele sorriu ao ver o desejo que ela demonstrava. Tirando o cinto que segurava seu kilt, revelou toda a sua soberba masculinidade.

— \èm, quero que me toque sem medo!

Com extremo cuidado, ele levou a mão de Megan até seu membro. Ela o tocou com suavidade, intuindo que aquilo lhe daria um prazer imenso.

— Querida, escute — disse ele, atraindo-lhe o olhar. — Vai machucar um pouco no início, é inevitável. Se doer excessivamente, avise-me que paro, está bem?

Com olhos assustados, Megan assentiu. Ele se colocou entre suas trêmulas pernas, e após umedecê-la com sua saliva e afastar de novo suas pernas, acomodou-se entre suas coxas agitadas. Megan sentiu algo suave e quente dentro dela, pouco a pouco fazendo-a vibrar.

Duncan, controlando os movimentos, começou a penetrá-la com cuidado, até que chegou a um ponto em que o corpo dela parecia não ceder. Enlouquecido de desejo, começou a beijá-la e a acariciá-la, notando que a umidade dela voltava. E quando ela estava pronta e ele já não aguentava mais, um empurrão profundo e seco fez a mulher gritar. Um grito que ficou sufocado contra a boca carnuda e sensual de Duncan. Pouco depois, notando que Megan arfava de dor, com extremo cuidado separou seus lábios dos dela. Ao ver lágrimas rolando por sua face, murmurou com doçura, sem se mexer:

— Sinto muito, querida. Tentei fazer com cuidado, mas era inevitável.

O corpo de Megan se acoplava à largura daquele músculo poderoso e endurecido, enquanto o fogo da paixão ardia dentro dele.

— Eu sei. Eu sei — assentiu Megan, entre lágrimas, sentindo que a dor ia diminuindo e seu corpo pedia movimento.

— Calma, Impaciente — sorriu ele, arfante ao senti-la começar a mexer os quadris. — Fique tranquila, espere um pouco, calma.

— Não posso — suspirou ela, enlouquecendo-o. — Mexa, por favor, Duncan.

— Tentarei ir com cuidado.

Apertando os dentes, ele começou a se movimentar dentro dela. De início, devagar. Mas, à medida que o prazer chegava para os dois, suas investidas iam ficando mais fortes, mais enlouquecedoras, até que um calor intenso explodiu entre eles e Duncan caiu sobre ela, soltando um grunhido.

Acabada essa nova experiência, Megan ficou deitada sob o peso do corpo meio inerte daquele grande guerreiro. Instantes depois, ele rolou para o lado com a intenção de não a esmagar, e passou a mão sobre o corpo de sua mulher e a puxou para que se aconchegasse nele.

Era a primeira vez que um homem havia feito amor com ela, e ele a ninava daquele jeito em seus braços. Megan gostou da experiência de poder fechar os olhos e relaxar; uma experiência que não desfrutava havia muitos anos.

— Eu sabia que seria deliciosa — sussurrou Duncan, pegando-lhe o rosto com doçura para beijá-la.

Megan o olhava com um sorriso estranho.

— Gosto de seu sorriso — disse ela olhando para ele. — Por que está sempre sério?

— Porque sou o temível Falcão — respondeu ele, fazendo-a sorrir. — Mas você me faz sorrir.

Com mais preguiça que outra coisa, eles se levantaram do leito improvisado. Megan, ao se levantar, assustou-se um pouco ao ver suas coxas manchadas de sangue; mas logo recordou que Felda havia dito que da primeira vez as mulheres sangram. Duncan, cavalheiro, foi até uma pequena corrente de água próxima, molhou uma parte de um lenço e com dehcadeza limpou suas coxas, excitando-a. Mas ela não deixou transparecer.

Após se vestir, ele a pegou, possessivo, nos braços, e cobrindo-a com sua própria capa entraram pela porta dos fundos que antes Megan havia usado para sair. Sigilosamente, chegaram ao quarto, onde Duncan a depositou com dehcadeza sobre a colcha. Abraçados e extenuados pelos acontecimentos dos últimos dias adormeceram.

Capítulo 10

Na manhã seguinte, quando Megan acordou e olhou ao redor, sentou-se na cama como um raio. Havia sonhado ou era verdade? Confusa diante do acontecido, afastou a colcha e os finos lençóis de linho e quase gritou ao ver seu corpo nu. Deu até um pulo ao ver os lençóis brancos manchados de sangue. Então, era verdade. Ela havia se casado com Duncan, e o que havia acontecido não fora um sonho.

A beira do desespero, e arrependida pelo que acontecera na noite anterior, pensou como podia ter se comportado como uma prostituta. Mas deixou um sorriso lascivo escapar quando se lembrou de Duncan lambendo seu corpo. E ficou horrorizada ao recordar que ele havia enfiado a cabeça entre suas pernas e que ela ainda por cima o incentivara.

Será que os outros perceberiam o que havia acontecido na noite anterior?

Nesse momento, a porta se abriu. Megan puxou a colcha até as orelhas. Era Hilda, que, após olhar para ela com um sorriso maroto, ordenou a duas jovens que levassem uma linda banheira de cobre e a enchessem com baldes de água quente. Hilda deixou em cima de um baú uma bandeja de madeira com cerveja, finas fatias de cervo e pão crocante. Assim que ela fechou a porta, Megan se levantou para pegar um pedaço de carne, quando de novo a porta se abriu e entrou Duncan, que ao ver um rápido movimento na cama, foi até ela.

— Bom dia, Impaciente. Mandei subir a banheira e um pouco de comida. Pensei que gostaria de um banho — disse ele, sentando-se ao lado dela, observando-a toda coberta.

Aquela mulher nada tinha a ver com Marian.

— Talvez mais tarde — respondeu ela, envergonhada e nua sob os lençóis.

Divertido, sem sair do lado dela, Duncan observou o corpo coberto embaixo da colcha e perguntou:

— Como está sua cabeça? Dói?

— Não.

— Se continuar coberta assim, vai ficar sufocada — murmurou Duncan, tentando não sorrir diante da situação cômica.

— Estou um pouco confusa — disse ela, por fim baixando a colcha até o pescoço. — Acordei, ao pensar no que aconteceu ontem no bosque, e ver o sangue...

Ao escutá-la, Duncan sorriu. A inocência de sua mulher era algo a que teria que se acostumar, além de outras coisas.

— Peguei umas folhas do bosque manchadas com seu sangue, e hoje cedo, quando me levantei, esfreguei-as no lençol. Não queria que ninguém duvidasse de sua virgindade quando os criados retirassem os lençóis — respondeu ele, surpreendendo-a. — Sobre o que aconteceu ontem no bosque,

deveria ter acontecido aqui, na intimidade de nosso quarto — disse ele, tocando-lhe o rosto —, mas estava tão linda que foi impossível parar. Por isso quero pedir desculpas.

Sentir o calor de suas palavras e seu olhar ardente fez Megan sorrir.

— Por que pede desculpas? Foi algo que nós dois desejávamos. Além do mais — disse ela, cravando-lhe seus olhos negros —, tenho que reconhecer que gostei.

— Gostou?! — sorriu ele diante daquele arroubo de sinceridade.

— Embora não seja um tema para uma mulher comentar — sussurrou ela, sentindo o calor inundar seu rosto —, espero que também tenha gostado.

— Foi maravilhoso, como para você — respondeu Duncan, jogando-se em cima dela.

E sem mais começou a lhe fazer cócegas. Zac tinha razão. Megan gargalhava enquanto esperneava descontrolada.

— Humm... que bom que tem cócegas!

— Pare! Por favor, Duncan, não aguento mais! — gritou Megan enquanto os dedos dele lhe faziam cócegas no pescoço e debaixo dos braços.

— Tudo bem... tudo bem. Pararei, porque os criados pensarão que estou fazendo algo pior — riu Duncan, divertido, sentindo uma alegria e uma jovialidade esquecidas durante anos.

Duncan se levantou, morrendo de rir pelas gargalhadas dela. Foi até a banheira e, agachando-se, pegou água com as mãos para lavar o rosto. Megan, sem nenhum pudor, levantou-se de um salto, deu um empurrão em Duncan e ele caiu vestido dentro da banheira, derramando parte da água pelo chão.

Ao se dar conta do que havia feito, Megan cobriu a boca com as mãos, sem saber se deveria rir ou fugir. Ao ver Duncan pingando, saindo da banheira com olhos de vingança e um sorriso maravilhoso, saiu correndo para o outro lado do quarto, soltando grandes gargalhadas enquanto pegava uma colcha para se cobrir.

— \ênha aqui, Impaciente — sussurrou ele, pegando-a no colo enrolada na colcha.

— Duncan! Não! — gritou ela ao entender suas intenções. — Não se atreva a me jogar! Pense nos pontos em minha cabeça. Oh... Por todos os deuses! Vê a água escorrendo pelo chão? O que todo o mundo vai pensar?

— Vão pensar que tentamos nos afogar.

E dizendo isso soltou-a dentro da banheira. A água transbordou de novo, caindo estrepitosamente no chão. Com um puxão, Duncan tirou a colcha encharcada, deixando-a nua dentro da banheira quase vazia. Divertindo-se como um menino, escutando a risada de sua mulher enlouquecida, ele entrou vestido e encharcado com ela, sentando-a entre suas pernas e dizendo:

— Bem, querida. Sempre vamos recordar nosso primeiro banho juntos.

— Sim, certamente recordaremos — assentiu ela, beijando-o enquanto ele se deixava levar pela paixão.

Naquela manhã, Shelma, que havia passado uma linda e apaixonada noite de núpcias com Lolach, ao sair e fechar a porta de seu quarto se surpreendeu ao ver água saindo debaixo da porta de Megan.

— Isso é água? — perguntou, olhando para seu marido. — Mas o que está acontecendo aí dentro?

— Água perfumada — sorriu Lolach, escutando os risos de seu amigo e sua mulher.

Sem saber o que pensar, Shelma olhou para Lolach, e com a testa franzida de preocupação perguntou:

— Eles estão bem?

— Oh, sim... tesouro. Eles estão muito bem. — E pegando-a pela mão, pediu: — Vamos ao salão recuperar as forças para continuar de onde paramos.

E assim, depois de comerem como lobos, Shelma e Lolach voltaram ao quarto, de onde, assim como Duncan e Megan, não saíram até o dia seguinte.

Após uma noite saboreando a doçura de sua mulher, Duncan, ao amanhecer, deu-lhe um beijo carinhoso no rosto, levantou-se da cama, vestiu-se e desceu ao salão, onde Magnus, Axel, Niall e seus homens o receberam com gritos de júbilo.

Megan acordou com a manhã já avançada. Vendo que Hilda não levava a banheira e que Duncan não aparecia, levantou-se da cama, pôs um vestido de Gillian e se juntou às mulheres no quarto de costura de Alana, onde trocaram segredos de alcova entre risos e sussurros.

De repente, as mulheres ouviram vozes e correram para a janela. Ali, um homem entregava uns papéis a Axel e a Duncan. Depois de ler a carta, Duncan praguejou em voz alta, assustando todas as mulheres; menos Megan, que levantou uma sobrancelha ao ouvi-lo. Não deviam ser boas notícias.

Nesse momento, Zac apareceu, brincando com algumas crianças. Todos portavam espadas de madeira feitas por Mauled. Ao ver o menino, Duncan esqueceu seu mau humor e se aproximou:

— Está brincando com seus amigos?

— Sim. Somos guerreiros — assentiu o menino.

Com um meio-sorriso, Duncan desgrenhou-lhe o

cabelo e o menino se remexeu.

— Não se afaste, ouviu?

O menino sorriu e saiu correndo atrás de seus amigos. Ao se voltar, Duncan encontrou o olhar das mulheres, mas o único que ele capturou foi o de sua própria mulher. Ambos se observaram. Ele lhe deu

um sorriso que fez o coração de Megan pular. A seguir, voltou a cabeça e continuou falando com os homens.

— Creio que será muito feliz com ele — murmurou Alana no ouvido de Megan.

— Estou com sede — sussurrou Megan. — Vou descer para buscar um pouco de água.

Sem olhar para trás, Megan saiu do quarto. O que estava acontecendo com ela? Por que seu coração e todo seu corpo reagiam assim quando via Duncan?

Pensativa, começou a descer os degraus. Estava tão absorta em seus pensamentos que deu um pulo quando se chocou com alguém. Era Sean, que sem nenhuma delicadeza pegou-a pelo braço e a empurrou para um canto.

— Solte-me, louco! — bufou Megan. — Como se atreve a me tratar assim?

— E você? Como se atreve a se casar com aquele ah?! — exclamou Sean, vermelho de ira. — Centenas de vezes pedi que fosse minha esposa.

— Sean, maldição! — Megan tentou não gritar. — Eu nunca quis ser sua mulher.

— Malditos sejam os dois! — grunhiu ele, dando-lhe uma bofetada que a deixou totalmente desconcertada. — O que pretende? Dinheiro?! Ou ser a senhora de um grande castelo?

— Se voltar a me tocar — ameaçou Megan, sentindo o calor que aquela mão havia deixado em seu rosto —, juro que vai se arrepender.

— Todos tinham razão — prosseguiu o rapaz. — E uma maldita *sassenach* ambiciosa. Que pena! Se seu avô levantasse a cabeça e visse que se transformou na prostituta desse Falcão... Acha que esse *highlander* ficará muito tempo com você? Ele vai usá-la, e quando se cansar, continuará se divertindo com as mulheres que

sempre tem ao seu redor.

— Cale-se e fique longe de mim! — gritou Megan, empurrando-o com todas as suas forças.

Nesse exato momento, Duncan apareceu subindo a escada e olhou para eles com cara de poucos amigos.

O que sua mulher estava fazendo com aquele rapaz? E por que ambos pareciam acalorados?

— O que está acontecendo aqui?! — bradou Duncan.

— Oh... não se preocupe — disfarçou Megan. — Eu quase caí e graças à rapidez dele Sean conseguiu me...

— E verdade? — perguntou Duncan olhando para o jovem.

— Sim, *laird* McRae — respondeu ele, baixando a cabeça.

Não queria olhar para Duncan para que este não visse a raiva que saía de seus olhos.

— Pode ir — disse Duncan ao rapaz com frieza.

Ele se afastou rapidamente. Olhando para sua mulher, Duncan perguntou:

— Que estava fazendo aqui sozinha com ele?

— Acabei de contar — respondeu ela, contrariada por se ver obrigada a mentir.

— Não acredito — disse ele, aproximando-se. — Está mentindo para mim? Eu a advirto que odeio que...

— Está me ameaçando? — perguntou ela, de novo

contra a parede, com a diferença de que dessa vez era Duncan que a imobilizava com o corpo. — Eu o advirto que odeio que me ameacem.

— Não estou ameaçando — sussurrou ele, aproximando os lábios dela. — Estou tentando esclarecer uma situação estranha. Não quero que fique sozinha com ele de novo. Tive a impressão de que ele estava irritado. Por quê?

— Não... não — sussurrou ela.

E para mudar de assunto, beijou seu marido.

Nesse momento apareceu Axel, que ao vê-los encostados na parede tossiu para que notassem sua chegada. Duncan se afastou sem muita vontade e ela escapuliu com rapidez escadas abaixo.

— Quem é Sean? — perguntou Duncan, contrariado por não ter esclarecido aquele mal-entendido com sua mulher.

— E um dos criados do castelo — respondeu Axel, sorrindo ao ver como seu amigo era possessivo com a mulher. — Fique tranquilo, Duncan. Não creio que Megan outorgue seus favores a esse rapaz tendo você.

— Vá para o diabo! — riu Duncan, dando um tapa em Axel enquanto subiam para as ameias.

Precisavam conversar.

Acabado o almoço, todos foram para o salão privado de Axel. Tinham algo a comunicar às mulheres.

— O que está acontecendo? — perguntou Gillian, que observava, mal-humorada, enquanto Niall flertava com uma das criadas diante dela.

Isso a fez sentir desejos de pegar um tronco da lareira e jogá-lo na cabeça dele.

— Temos que partir para Stirling. Robert de Bruce nos convocou para uma reunião urgente — comunicou Axel, deixando-as de boca aberta.

As mulheres se entreolharam, especialmente Megan e Shelma.

— Mas eu pensei que nos ajudariam a ir atrás das pessoas que... — começou Megan, olhando para seu marido.

Ele a observava apoiado na lareira.

— Resolveremos isso quando voltarmos — respondeu Axel. — O que me preocupa agora é deixá-las sozinhas.

— Elas não ficarão sozinhas — protestou Niall, desafiando-o com o olhar. — Decidimos que eu ficarei aqui com elas. \`ocês três são os *lainis* de suas terras, e Robert os convocou. Creio que, desta vez, minha

presença pode ser prescindível.

— Santo Deus! — sussurrou Alana ao escutar isso e ver Gillian sorrir, encantada.

— Não estou convencido de deixá-lo aqui com elas — bufou Axel, intuindo problemas quando voltasse —, mas não temos mais remédio. Robert precisa de nós.

— E eu preciso encontrar os assassinos de meu avô e de Mauled! — gritou Megan, inquieta diante da passividade de Duncan. — Mas, como disse outras vezes, eu mesma cuidarei de encontrá-los.

— Já basta! — rugiu Duncan. — \`ocê não sairá daqui enquanto eu não voltar. Isto é uma ordem!

— O que disse?! — perguntou Megan, levantando uma sobrancelha.

Ao escutá-la, Shelma teve que desviar a vista para não rir e ter que disfarçar diante do olhar de Lolach.

— Megan — disse Axel —, escute, porque creio que...

— Axel! — vociferou Duncan, interrompendo-o enquanto se aproximava de sua esposa. — Se não se importa, eu mesmo direi a minha mulher o que tenho que dizer. — E postando-se diante dela falou, cravando-lhe seu olhar duro. — Eu ordeno que não faça nada de que possa se arrepender depois.

Sem se afastar dele, ela sorriu. E diante do desconcerto de todos, inclusive de seu marido, respondeu:

— Não me olhe com esse seu olhar de Falcão, porque não tenho medo.

Axel, incrédulo diante do que havia escutado, olhou para Niall, que sorriu; e para sua mulher, Alana, que, contrariada, observava a situação.

— Repito — Duncan ergueu a voz diante do pouco respeito que sua mulher lhe tinha. — Não faça nada de que possa se arrepender.

— Meu senhor — assentiu ela comicamente, fazendo uma reverência que deixou Duncan sem palavras e Alana escandalizada. — Parta tranquilo. Não farei nada que possa preocupá-lo. Eu prometo que me comportarei adequadamente. Não se preocupe.

Duncan não gostou da atitude de Megan, mas se calou.

— Quanto tempo acreditam que demorarão nessa viagem? — perguntou Shelma, angustiada ao ver a raiva de seu cunhado e a ironia nas palavras de sua irmã.

Ela a conhecia, e sabia que a ordem de Duncan jamais seria cumprida.

— Não sabemos, mas voltaremos quanto antes — respondeu Lolach.

E tomando-lhe as mãos, disse:

— Eu prometo que, quando voltarmos, a primeira coisa que faremos será ir atrás dos responsáveis pelo acontecido aqui há alguns dias. — E olhando-a nos olhos, acrescentou: — Espero que quando eu voltar tudo continue como quando parti.

As irmãs se entreolharam discretamente. Gillian sorriu.

— Certeza que sim — assentiu Shelma. — Acaso tem dúvidas?

Nesse momento, alguém bateu à porta. Era Myles, que informou que os homens e seus cavalos já estavam prontos para partir. Axel tomou Alana e Gillian pelo braço e abandonaram a câmara. Niall saiu com Myles, enquanto Lolach e Shelma os seguiam a uma distância prudente.

— Meu irmão velará por sua segurança e dos demais

— sussurrou Duncan, tentando ser mais suave.

Odiava ter que partir nesse momento, mas não podia

fazer nada.

— Espero que saiba se comportar, como creio que sabe.

— Não duvide — respondeu ela com um sorriso que o deixou ainda mais desconcertado.

— Megan, não quero que aconteça nada de ruim a você — disse ele, tomando-lhe a mão e tentando beijá-la.

— Eu prometo que, assim que voltar, irei atrás dessas

peessoas; mas, agora, tenho que partir. Robert nos espera e não posso decepcioná-lo.

— Eu desejo boa viagem, Duncan — disse ela, dura como uma tábua, sem vontade de beijá-lo.

— Tudo bem! — rugiu ele como um animal diante da passividade dela.

Desejava beijá-la, mas não ia implorar. Ele saiu pela porta sem olhar para trás, deixando-a à beira das lágrimas. Mas ela se controlou até que deixou de ouvir seus passos.

Os guerreiros, inquietos e felizes pela partida, esperavam no pátio de armas enquanto os três

lainis montavam em seus garanhões. Partiram sem olhar para trás e, depois de subir a colina, desapareceram de vista.

— Espero que se comportem bem e não me deem muito trabalho — disse Niall, olhando para as mulheres e para Magnus, que preferira não estar presente quando comunicassem às moças a notícia.

— Eu o ajudarei a cuidar delas — ofereceu Zac, tomando-lhe a mão.

— Fique tranquilo — murmurou Alana ao ver como Gillian olhava para ele. — Creio que estará bastante atarefado para cuidar de todas nós.

Capítulo 11

Naquela noite, depois do jantar no salão do castelo, Megan e Shelma decidiram ir até onde havia sido seu lar. Ao chegar ao alto da colina, fixaram os olhos nos restos calcinados de sua cabana. Com uma calma estranha, ambas desceram a colina pensando na quantidade de vezes que haviam feito aquele mesmo caminho, sabendo que Mauled e Angus sairiam para encontrá-las e as saudariam com sorrisos.

— Que tristeza, não? — sussurrou Shelma, olhando ao redor.

— Sim — assentiu Megan com um nó na garganta. — Eu daria minha vida para que o vovô e Mauled estivessem vivos.

— Eles teriam gostado muito de nosso casamento. Além do mais, conhecendo vovô e Mauled, creio que gostavam de Lolach e Duncan, não é?

Megan olhou para sua irmã e assentiu. Seu avô e

Mauled teriam adorado.

— Sim — respondeu ela, começando a rir. — E creio que ficaram enlouquecidos quando ouviram Duncan dizer as palavras mágicas.

— Megan — disse Shelma, tentando não rir —, eu amo Lolach, e creio que ele me ama. Mas eu irei com você aonde for, entendeu?

Megan olhou-a com carinho.

— Shelma, sua relação com Lolach é muito boa; creio que não devia contrariá-lo.

— E você? Acaso pensa que Duncan não ficará bravo quando souber que lhe desobedeceu? — E soltando uma gargalhada, prosseguiu: — Eu vi sua cara quando ele pronunciou as palavras mágicas: “Eu ordeno”. Não tente disfarçar; sei que está tramando algo, sou sua irmã e a conheço melhor do que ninguém neste mundo. Quando ergue a sobrancelha e inclina o pescoço, dá até medo.

— Ufff... — riu ela, gesticulando com as mãos. — Juro que quando o ouvi, pensei em vovô e Mauled. Esses dois velhos escoceses não os advertiram sobre essas benditas palavras.

— Coitados! — lamentou Shelma, chegando até os restos da cabana. — E pobres de nós quando voltarem e virem que não estamos aqui.

Das ameias, Niall, de olhos bem abertos, vigiava os movimentos daquelas duas. De início, quando as vira sair do castelo, pensara em impedi-las. Mas, ao vê-las descer a colina, entendeu aonde iam. Decidiu lhes dar um tempo de privacidade. Se, passado esse tempo, elas não voltassem, iria atrás delas. Mas, tal como pensou, logo as viu voltar ao castelo.

— Ora, vejo que está se divertindo — disse uma voz que o sobressaltou.

— Não tanto quanto gostaria, gatinha — respondeu ele ao ver Gillian.

Ela sorriu ao escutar o apelido que ele, desde pequeno, sempre usara para se dirigir a ela.

— Ficou muito contrariado por não ter ido com eles? — perguntou ela, aproximando-se.

— Não, mas também não teria me incomodado de acompanhá-los — respondeu ele, engolindo em seco ao vê-la cada vez mais perto.

Delicadamente, ela se posicionou ao lado dele na ameia. Gillian era a mais baixa de todas as mulheres. Mal passava de um metro e meio de altura, e na companhia de Niall, isso se acentuava.

— Sou tão baixinha, não é? — disse ela, olhando-o de frente.

— Sim, não é muito alta — assentiu Niall sentindo a boca secar.

O que estava acontecendo com ele? Por que seus joelhos tremiam?

— \êja — apontou Gillian, aproximando-se mais. — Eu bato aqui — disse, marota, levantando a mão e pousando-a nos ombros dele.

— É uma boa altura.

Niall não sabia o que dizer sentindo-a tão perto. Disfarçando seu desconcerto, ficou olhando o horizonte. E quase pulou ao sentir Gillian pousar sua delicada mão de seda nele.

— Niall, quer fazer o favor de olhar para mim? — sussurrou ela, enfeitiçada pela altura do homem e por seu odor masculino.

— Que quer, gatinha? — murmurou ele, respirando com dificuldade.

— Pedir algo que sempre desejei.

— Pois diga — assentiu ele, tremendo, incapaz de negar qualquer coisa àquela mulher encantadora.

— Desejo um beijo seu — Gillian ousou dizer, quase engasgando ao se sentir tremer de emoção, medo e excitação.

— Gillian — suspirou Niall, fechando os olhos —, por quê?

— Porque preciso saber o que se sente quando se beija a pessoa que mais se deseja no mundo — respondeu ela, cravando os olhos nos dele. — Sei que você e eu nunca poderemos ficar juntos. E imagino que Axel um dia encontrará um marido para mim, e o terei que beijar. Mas seu beijo será aquele que quero recordar por toda a vida.

Ouvindo isso, Niall perdeu toda a força que até então o mantinha longe da moça. Imaginar Gillian se casando com outro partiu seu coração, de modo que a tomou nos braços e a beijou, surpreendendo-se ao sentir um arrepio nas costas quando ela pôs as mãos de seda em seu pescoço.

De início, era Gillian que o encurralava, mas, passados alguns instantes, Niall a pegou com paixão. Ela, em vez de se assustar, deixou escapar um gemido de prazer que enlouqueceu ainda mais o rapaz. Perdendo todo o controle de si mesmo, Niall começou a tocar-lhe as costas e seu traseiro redondo, apertando-a com força contra si.

O beijo durou mais do que deveria e, quando terminou, deixou ambos abobados e sem fôlego. Niall, compreendendo o que havia acontecido, praguejou em voz alta:

— Maldito beijo!

Gillian pensou que havia feito algo errado e, voltando-se, encaminhou-se para a escada. Mas ele a deteve.

— Por que está aborrecida, gatinha?

— Sinto muito, não queria beijar tão mal. — E vermelha de vergonha, gritou: — E nunca mais me chame assim!

Com uma expressão divertida diante daquele ataque de fúria que a deixava ainda mais bela, ele murmurou:

— Quem disse que beijou mal? — disse, sorrindo ao ver a paixão em seus olhos.

— Disse “maldito beijo” — gritou ela, encolerizada. — Lamento se o decepcionei.

— Gata, não me decepcionou — murmurou ele. — Não entende que há muito tempo tento evitar isto?

Ao escutar essas palavras, Gillian olhou para ele e sentiu seus joelhos tremerem ainda mais.

— Como?!

— Ainda não sabe o que sinto por você? — suspirou ele, tomando-lhe a mão para atraí-la para si.

— Gosta de mim?

— Eu adoro você! — respondeu ele, deixando-a sem forças. — Mas nossa relação é impossível, não vê?

Ele a amava! Ele havia dito!

— Não, não vejo. Se sente algo por mim, podemos falar com Axel e resolver isso de uma vez por todas. Sou uma mulher, Niall, não sou mais uma menina. Eu cresci, e Axel tem que entender.

Com desejo de tornar a beijar aqueles lábios, Niall suspirou. Tentou dar um passo para trás, mas ela não permitiu.

— Gillian. Creio que o problema não é só Axel; sou eu também.

—\ocê?

— Sim — assentiu Niall, sabendo que ela não ia gostar do que ele diria. — Eu não quero me comprometer com ninguém. Sou um guerreiro, não quero ter outras responsabilidades; isso me impediria de me concentrar em meus próprios assuntos. Não vê Axel, Duncan ou Lolach desde que se casaram? Andam como loucos daqui para lá tentando fazer seu trabalho bem-feito com Robert, enquanto se esforçam para que suas mulheres estejam bem. Eu não quero esse tipo de responsabilidade. Estar sozinho me dá a liberdade para viver onde quero, com quem quero e como quero.

— Entendo — sibilou ela, dando-lhe um empurrão para afastá-lo. — Quer dizer que prefere continuar vivendo sem compromissos e sem amarras, com uma mulher diferente em seu leito a cada noite, sem que se preocupe com mais ninguém. Está bem, Niall McRae! — gritou ela, enfurecida. — Não se preocupe. Não serei eu a interferir em sua maravilhosa vida de guerreiro. Obrigada por seu beijo. Só espero que da próxima vez que eu beije alguém seja de tal maneira que esse alguém só queira a mim em seu leito. Adeus.

Contrariada pelo que havia acontecido, Gillian deu meia-volta e foi embora. Amava Niall, mas não pretendia rastejar de novo diante dele para conseguir seu amor. Aquele *highlander* tosco pagaria por suas palavras.

Niall não gostou do que ouviu, nem de ver a decepção nos olhos de Gillian quando foi embora. E uma raiva contida se apoderou dele ao ver que nem ele mesmo se entendia. O que queria da vida? Sabia que não devia ter voltado ao castelo, mas depois de saber do ataque, sentira necessidade de saber se sua “gata” estava bem. Gillian o atraía poderosamente; seus lábios carnudos, seu sorriso maroto, seu corpo pequeno, mas bem torneado, tudo nela era excitante. Mas ele tinha certeza de que aquilo era impossível. Tivera certeza disso durante muito tempo. Mas, agora, depois de beijá-la... ainda tinha?

Depois de seis dias sozinho com as mulheres e Magnus, Niall entendeu que nenhuma das quatro facilitaria as coisas para ele, e Magnus sempre ficaria do lado delas. Depois daquela noite, Gillian não tomou a lhe dirigir a palavra, nem para o bem nem para o mal. Ela simplesmente o ignorava, algo que o enfurecia. Ela passava por ele, e o sorriso em sua boca parecia pronto para quem quer que fosse, menos para ele. Alana, que havia percebido tudo, falou com Gillian. Quando conseguiu lhe arrancar o que havia acontecido, consolou-a como pôde. Mas, a partir desse momento, a seriedade com que também ela tratava Niall deixou-o confuso, sem saber se devia falar com Alana ou não.

Uma tarde, Megan e Shelma estavam preocupadas porque não viam Zac fazia tempo e se dirigiram à aldeia.

— Aonde vai? — perguntou Niall, que com Caleb e outros homens voltava para construir uma nova ferraria.

— Vamos procurar Zac — respondeu Megan. — Já está tarde.

— Não demorem — pediu Niall, entendendo a preocupação delas.

Com tranquilidade, Megan e Shelma seguiram seu caminho, até que, ao chegar a uma clareira do bosque, viram um estranho entregar algo a Zac, que nesse momento esperneava. Horrorizadas diante daquilo, saíram correndo para ele. O homem, ao vê-las, montou em seu cavalo e foi embora, deixando o menino, que começou a correr para suas irmãs como um louco.

— Zac! — gritou Megan com o coração apertado. — Quem era esse homem?

O menino chegou a elas com cara de susto.

— Está bem, querido? — perguntou Shelma, agachando-se para abraçar o irmão.

— Não sei — soluçou ele, angustiado. — Ele me deu isto e me disse que entregasse a vocês.

Ouvindo isso, Shelma e Megan se entreolharam, sabendo de quem era aquela carta. Só os ingleses tinham conhecimento de que elas sabiam ler.

— Escute, Zac — sussurrou Megan, agachando-se. — Pare de chorar e não conte a ninguém o que aconteceu, está bem?

Nesse momento, Caleb apareceu. O menino, enxugando as lágrimas, assentiu, e ao chegar perto de Caleb sorriu.

— Eu já ia procurá-los. Quando Niall me disse que não encontravam esse pequeno sem-vergonha, já pensei no pior.

— Ele estava brincando com os outros meninos — sorriu Megan, empurrando o irmão para que caminhasse.

Caleb, ao vê-los tão calados, olhou-os com estranheza.

— Está bem, milady? — perguntou a Shelma.

Ela parecia ter perdido a cor das faces. Megan guardava algo em sua cintura.

— Oh... sim — ela se forçou a sorrir. — Este caminho às vezes me deixa sem fôlego.

Quando as moças e Zac entraram no castelo, Caleb se juntou ao resto dos homens de novo.

Naquela noite, sem apetite, as irmãs subiram para seus quartos, reunindo-se no de Megan.

— Está preparada? — sussurrou Megan, olhando para sua irmã enquanto abria a carta.

Shelma assentiu, e Megan começou a ler:

Vocês têm um dia para se entregar. Senão, envenenaremos a água e começaremos a matar todo aquele que cair em nossas mãos.

Assinado

Sir Aston Nierter e sir Marcus Nomberg.

— Oh, meu Deus! — soluçou Shelma.

Grandes lágrimas corriam por seu rosto.

— Não podemos permitir que façam uma coisa dessas.

— Evidentemente que não — disse Megan, secando as lágrimas da irmã —, e por isso temos que fazer algo imediatamente!

Nesse momento, abriu-se a porta. Eram Gillian e Alana, que haviam intuído durante o jantar que alguma coisa estava acontecendo.

— Que é isso? — perguntou Gillian ao ver a carta nas mãos de Megan.

— O que está acontecendo? — sussurrou Alana, fechando a porta.

— Temos um grande problema — anunciou Megan,

lendo de novo a mensagem.

— Malditos ingleses! — bufou Alana, arrancando-a das mãos de Megan. — Advertiremos agora mesmo a todos para que ninguém tome água que não seja da que temos no castelo. Temos que informar Niall e Magnus sobre isso.

Megan e Shelma se olharam. Não entendiam muito de guerra, mas sabiam que aquilo não era uma solução.

— Santo Deus! — sussurrou Gillian. — Esses são os dois noivos que seus tios arrumaram para vocês, não é?

Absorta em seus pensamentos, Megan não respondeu.

— Sim — assentiu Shelma, pálida.

Controlando seu mal-estar, Megan levou uma chaleira de cerâmica cheia de água à lareira.

— Alana — sussurrou Megan —, não vamos avisar Niall nem ninguém. As pessoas precisam de água para viver. O que faremos? Vamos deixar que os animais morram? Quanto pensa que poderemos aguentar com a pouca água que temos no castelo? Além do mais, quem garante que não será envenenada também? Já pensou na quantidade de gente que vai começar a aparecer morta? Acredita que Shelma e eu seremos capazes de continuar vivendo se esses desalmados matarem alguém por nossa culpa?

— Fique tranquila, Megan — sussurrou Gillian.

observando-a colocar quatro copos em cima da mesa. — Não permitiremos que esses ingleses ponham a mão nem em vocês nem em ninguém.

— Mas, se informássemos Magnus e Niall — insistiu Alana —, eles saberiam nos dizer o que fazer diante de um caso assim.

— A única coisa que conseguirá com isso será que os matem — replicou Megan, vertendo com cuidado um pouco daquela água quente em cada copo.

Shelma e Gillian se olharam.

— \`ocês não sairão daqui — ordenou Alana, com a boca seca. — Se lhes acontecer algo, Axel, Duncan e Lolach nunca me perdoariam.

— E se acontecer algo com outra pessoa — acrescentou Megan, disfarçando sua cólera —, eu também não me perdoaria. Vamos beber um pouco de camomila — disse, incitando-as a beber.

Sem esperar, Alana foi a primeira.

— Isto vai nos acalmar e nos permitirá pensar com clareza.

Alana, depois de beber o líquido agradável contido no copo, deixou-o em cima da mesa.

— \`ocê nos prometeu uma vez que cuidaria de Zac — recordou Shelma, pegando um dos copos. — Alana, Zac ficará com você.

— Mas o que está dizendo? — sussurrou Alana, começando a se sentir um pouco tonta. — Eu disse que daqui não sairão...

— Alana, perdoe-me — sussurrou Megan.

E então Alana caiu como uma pluma para o lado.

— Por Deus, Megan! — gritou Gillian, sem saber se ria ou gritava. — O que fez?

— Ufff... Como Alana pesa! — queixou-se Shelma, pegando-a.

Gillian, ajudando a carregar sua cunhada, disse ao vê-las sorrir:

— Meu irmão nos matará!

— Prefiro que seu irmão me mate — respondeu Megan, deixando Alana em cima da cama — a que matem alguém por minha causa.

Já não havia mais volta. Tinham que agir.

— Irei com vocês — propôs Gillian, cobrindo sua cunhada com a colcha. — E não quero escutar um “não”, ou começo a gritar. \`ou trocar de roupa e pegar minha espada.

Sem lhes dar tempo de responder, Gillian foi para o corredor. Era tal sua pressa que não notou que Niall estava ah parado, olhando pela janela; até que deu de cara com ele.

— Aonde vai com tanta pressa, gata? — perguntou ele ao vê-la.

— Como se importasse aonde vou — respondeu Gillian, tentando seguir seu caminho.

Mas Niall a segurou e não lhe permitiu continuar.

Cravando o olhar nela, observou suas faces ardentes e perguntou:

— Por que está tão acalorada?

— Eu disse que não falasse mais comigo — respondeu ela, cravando-lhe o olhar. — \òu trocar de roupa. Isso importa para você?

— Não... não — respondeu ele, confuso.

— Então, solte-me! — exclamou ela, com fúria.

Mas ele não a soltou, e aproximando seu rosto do dela, murmurou:

— Sabe de uma coisa? As vezes você é pior do que uma gata selvagem.

Beijou-a e prosseguiu:

— Não sei se gosto mais quando é suave ou quando esse seu maldito gênio vem à tona.

— Niall McRae — bufou Gillian, empurrando-o com todas as suas forças. — Não sou sua gata, nem nunca serei! E não volte a me beijar, ou contarei a meu irmão. Além do mais, não creio que meu futuro marido vá gostar de saber que alguém pode pensar em mim como uma mulher selvagem ou suave. Entendeu?

— Seu futuro marido? — perguntou ele, franzindo a testa.

Levantando o queixo, Gillian assentiu e, inventando uma mentira, disse:

— Isso é algo que amanhã resolverei com meu avô, e que, evidentemente, não diz respeito a você.

Desconcertado diante do que ela havia dito, ele a soltou. E sem se despedir começou a descer a escada. Gillian respirou fundo, e recompondo-se daquele estranho incidente chegou a seu quarto, pegou uma calça, um par de botas, uma capa de pele e sua espada. Com cuidado, voltou ao quarto de Megan.

— Se acontecer algo com você, Axel nos matará — queixou-se Megan ao vê-la entrar.

— Não vai acontecer nada comigo — grunhiu Gillian.

Tirando o vestido como as outras duas para pôr a

calça e as botas, prosseguiu:

— Além do mais, devo esclarecer que seus maridos também podem me matar.

Com um olhar maroto, todas se entreolharam e sorriram.

— Temos bastante tempo antes de Alana acordar e dar o alarme — disse Megan, vendo a amiga adormecida em cima da cama. — Espero que ela me perdoe.

— Que nos perdoe! — incluiu-se Shelma.

— Ela nos perdoará — disse Gillian.

E olhando para sua cunhada, sugeriu:

— Creio que deveríamos levá-la para sua cama. Isso despertaria menos suspeitas.

Megan assentiu. Sua amiga tinha razão.

— Por onde poderíamos sair do castelo? — perguntou Shelma, ajeitando a espada na cintura.

— No quarto de Alana e Axel existe um corredor que leva para a periferia do castelo. Papai me mostrou uma vez quando eu era pequena. Durante todos esses anos, eu o utilizei em várias ocasiões para escapar de castigos.

— Está bem — assentiu Megan, guardando sua adaga na bota. — Eu ia propor outra saída, mas a que você está dizendo me parece melhor.

Deram um beijo em Zac, que dormia como uma pedra, e as três moças se encaminharam para o quarto de Alana com ela nos braços.

Ao entrar, o fogo da lareira lhes deu as boas-vindas. Era um quarto rico em tapeçarias e muito confortável. Com extremo cuidado, deitaram Alana na cama e, sem tirar-lhe a roupa, cobriram-na com uma pele.

— Que lindo quarto! — sussurrou Shelma, olhando ao redor.

— E o quarto do senhor do castelo, o que esperava? — riu Gillian, levantando uma tapeçaria que obstruía uma

pequena abertura na parede.

Passaram pela abertura, que as levou a uma escada estreita e cheia de mofo. Vestidas como homens, elas atravessaram vários corredores escuros, iluminadas pela luz de suas próprias tochas. Cheiros fortes e pestilentos tomaram suas fossas nasais em certos momentos, mas elas continuaram sem olhar para trás, até chegar a uma grade oculta que dava acesso ao exterior do castelo. Ao saírem, viram um guerreiro postado do lado direito da parede. Por sorte, estava dormido como uma pedra. Uma a uma, foram correndo até o bosque frondoso, onde o arvoredo e a escuridão as mantiveram ocultas.

Tendo avançado apenas alguns passos, um ruído atraiu a atenção delas, e ouviram uma voz.

— Eu as estou esperando faz tempo. Ora, são três, e não duas!

Elas logo reconheceram aquela voz.

— Sean, que faz aqui?

— Estou aqui para pegar o que é meu — respondeu ele, levantando a mão.

Vários homens saíram do meio das árvores, cercaram-nas e as capturaram, sem lhes dar oportunidade de

se defender. Aqueles homens eram ingleses, como bem notaram quando os ouviram falar.

— Maldito bastardo! — gritou Gillian. — Quando meu irmão ou meu avô souberem... eles o matarão.

— Duvido que você conte para eles, “gata” — riu Sean.

— Eu não permito que me chame assim! — bufou Gillian, antes que lhe pusessem uma mordança na boca.

— Não está agindo bem, imbecil! — insultou-o Megan enquanto amarravam suas mãos. — Esses homens o matarão depois de nos matar.

Mas o rapaz olhou para ela e sorriu com desagrado. Ela pagaria o mal que lhe fizera casando-se com o Falcão.

— Vai me pagar — grunhiu Shelma antes de também ser amordaçada.

— Duvido, vadias! — gargalhou Sean, montando em seu cavalo e pegando a corda que segurava as moças. — Agora, poderei puxá-las sem ter que escutar seus lamentos. Tentem não tropeçar. Não pretendo parar para que se levantem.

Ele deu ordem aos homens para que começassem a andar. Era difícil seguir o caminho sem tropeçar. Em uma ocasião, Shelma perdeu o equilíbrio. Mas, graças à destreza de Megan e à rapidez de Gillian, pôde continuar andando sem cair.

Gillian olhou para trás. O castelo, aquela fortaleza que sempre a havia mantido em segurança, ficava para trás,

sem que nenhuma delas pudesse fazer nada para impedir.

Quando chegaram a uma clareira onde outros homens os esperavam, fizeram-nas montar nuns cavalos e saíram galopando com elas.

Capítulo 12

Pela manhã, no salão, Magnus estava comendo com Niall e algum dos seus homens. Falavam sobre levantar uma parede nova nos fundos do castelo, que precisava de reparos urgentes. Depois de um tempo, Niall, estranhando que nenhuma das mulheres houvesse se levantado, comentou:

— Esta manhã as damas estão preguiçosas. Devem ter ficado matraqueando até tarde ontem à noite.

— Ontem à noite? — perguntou Magnus, levantando uma sobrancelha.

— Eu encontrei Gillian no corredor, e ela disse que estavam no quarto de minha cunhada conversando — explicou Niall.

— Frida! — chamou Magnus. — Chame Gillian. Hoje pretendo ir com ela às terras de meu amigo McLombart. Temos algo importante a tratar.

Acriada, como um raio, correu para buscar Gillian.

— Pretende ir ver Ronan McLombart? — perguntou Niall, interessado.

— Sim — assentiu Magnus com um meio-sorriso. — Três dos seus filhos voltaram, e eu queria lhes apresentar minha neta. Gillian é uma preciosidade, e tenho certeza de que algum deles se encantará com ela.

Magnus teve que segurar na mesa para não cair de tanto rir diante da cara de surpresa de Niall. Observar o jeito como esse rapaz olhava para sua neta era uma das coisas que mais o divertiam no mundo. Quando olhava para ele toda vez que Gillian aparecia, via a verdadeira adoração que Niall sentia por sua neta. Haviam ficado para trás as palavras que tivera que trocar com seu neto Axel, que não tinha certeza de que Niall fosse a melhor opção para Gillian.

— Meu senhor — disse Frida, entrando no salão. — Lady Gillian não está em seu quarto. E a cama não está desfeita. É como se ela não houvesse dormido lá.

Ao se levantar, Niall derramou sua bebida.

— O quê? — gritou Magnus, derrubando o banco de carvalho.

— Como não dormiu lá? — disse Niall, aproximando-se de Frida. — Olhou se ela está no quarto de Megan ou de Shelma?

Nesse momento apareceu Alana, vestindo a roupa do

dia anterior e com a mão na testa.

— Oh, meu Deus... que dor de cabeça!

— Por Deus, Alana! Está péssima! — murmurou Niall ao vê-la. — Pelo que vejo, ontem à noite, além

de conversar, beberam bastante cerveja.

— Deixe de bobagens! — sibilou Alana, sentando-se com a ajuda de Magnus. — A única coisa que recordo é que bebi um chá de camomila ontem à noite. Foi Megan quem preparou para nos acalmar.

Ao dizer isso, olhou ao seu redor, e ao não ver nenhuma das mulheres, perguntou, perdendo a cor:

— Onde estão Megan, Gillian e Shelma?

Frida, a criada, ao intuir o que havia acontecido, levou a mão à boca, assustada.

— Por todos os santos! Onde estão essas moças? — perguntou Magnus, entendendo que algo não estava certo.

Niall, apressado, subiu a escada em direção ao quarto das moças. Sem nenhum tipo de decoro, abriu as portas bruscamente. Vru que os quartos estavam vazios e que só Zac dormia ah. Mas ao ouvir o tumulto o menino acordou.

Após um grito de raiva e impotência, Niall desceu os degraus de dois em dois e encontrou Alana soluçando, enquanto Magnus não parava de praguejar e chamar

Caleb aos gritos.

— Ontem, um homem entregou uma carta a Zac no bosque para Megan e Shelma. Nessa carta, exigiam que elas se entregassem, senão, um dia depois envenenariam a água e matariam a todos. A carta estava assinada pelos cavalheiros ingleses que tentaram se casar com elas.

— Mas onde estão essas três incosequentes? — rugiu Magnus, nervoso diante do que podia acontecer.

— Zac, venha aqui! — gritou Alana ao ver o menino.

Ela o protegeria. Era a única coisa que podia fazer,

agora que suas irmãs não estavam. O menino se aproximou, obediente.

— Suas irmãs me pediram que fique comigo até que voltem. Não se afaste de mim mais de dois passos, entendeu?

O menino assentiu e, assustado, ficou calado.

Mas Niall estava furioso e muito irritado.

— Se eles não as matarem — sibilou, encolerizado —, juro que as matarei eu com minhas próprias mãos. Uma a uma. Malditas mulheres! Só causam problemas.

— O que está acontecendo aqui? — disse de súbito uma voz atrás deles.

Era Duncan, acompanhado de Axel e Lolach. Sem perder tempo com saudações, foram informados do acontecido.

— Como não percebeu o que estava acontecendo?! — exclamou Lolach, olhando para Niall com fúria.

— Ninguém percebeu nada — defendeu-se ele.

Estava contrariado ao pensar que toda a culpa do que

acontecesse com aquelas três incosequentes recairia sobre suas costas.

Axel, com olhar duro, fitou-o.

— Ele não percebeu nada — Alana saiu em defesa de Niall, livrando-se dos braços de seu marido para ficar junto ao guerreiro desesperado —, porque tudo isso aconteceu ontem à noite.

— Aquela encenqueira vai me pagar — sussurrou Duncan. — Eu a adverti que não saísse daqui, ou teria problemas.

Frida, a pobre criada, corria de um lado para outro. Estava preocupada com o velho Magnus. Sem que ninguém lhe pedisse, pôs diante dele uma bebida para acalmar os nervos.

— Onde estarão minhas meninas? — resmungava Magnus.

E olhando para todos, gritou:

— Vão buscá-las! Que estão esperando? Eu as quero aqui para que possam sentir meu castigo.

— Não se preocupe, Magnus — respondeu Niall, furioso, saindo do salão. — Eu as trarei e presenciarei

com prazer o castigo.

— Você já fez o bastante — grunhiu Axel, empurrando-o com raiva.

Ambos se entreolharam, dispostos a se atracar.

— Não me toque de novo! — vociferou Niall, alterado. — Ou juro que vai se arrepender.

Duncan, contrariado e preocupado com sua mulher, foi até seu irmão. Empurrando-o, fez com que saísse do salão.

— Axel! Basta! Ele não tem culpa de nada — gritou Alana, entendendo a raiva de Niall.

— Monte em seu cavalo, Niall — ordenou Duncan enquanto o irmão saía, furioso.

Com raiva, Duncan se voltou para Axel e, com desdém, ordenou:

— Faça o favor de deixar meu irmão em paz ou teremos problemas.

Axel entendeu. Não era hora de lamentações. Tinham que agir. Rapidamente organizaram seus homens e juntos começaram uma louca corrida em busca daquelas três incosequentes, que teriam muito que explicar.

Capítulo 13

Após uma noite terrível, cavalgando sem rumo nas mãos daqueles ingleses, pela manhã as três moças estavam com pés e mãos amarrados sob um grande carvalho.

— Estão com fome? — riu Sean, olhando para elas enquanto comia peixe. — Sinto lhes dizer que não tenho a menor intenção de dividir minha comida.

— Prefiro morrer de fome a comer algo que você me dê — disse Megan, cravando-lhe seus olhos negros.

— Sabe de uma coisa? — murmurou Sean, agachando-se ao seu lado. — Se tivesse me escolhido, hoje estaria vivendo com seus irmãos. E seu avô e o ferreiro poderiam estar vivos. Mas no dia que vi como olhava para o Falcão, e como ele olhava para você, soube que nunca seria minha por vontade própria. Mas, agora, isso vai mudar — riu, pegando-a com força pelo cabelo emaranhado e atraindo sua boca até a dele.

Beijou-a com violência, fazendo-a sentir um nojo

enorme enquanto ela começava a espernear.

Shelma e Gillian se jogaram em cima dele.

— Solte-a! — gritou Shelma, respirando com dificuldade.

— Você é o homem mais nojento que já vi na vida! — bufou Megan, limpando a boca nos ombros.

— Não dizia isso na noite em que rolava com o Falcão perto do cemitério — sibilou ele, irritado. — Eu a vi e pude comprovar quanto se divertia.

— Nojento! — cuspiu Gillian.

Nesse momento, escutaram o som de cavalos. Sean rapidamente deixou de prestar atenção nas moças para ver quem se aproximava.

— Quando rolou com o Falcão perto do cemitério? — perguntou Shelma, dando uma cotovelada em Megan.

— Oh... cale-se — protestou Megan, enquanto Shelma e Gillian trocavam um olhar risonho.

Até que, de súbito, a primeira murmurou:

— Oh, meu Deus! Não pode ser verdade o que veem meus olhos.

Sir Aston Nierter e sir Marcus Nomberg, além de três outros homens, aproximavam-se a cavalos. O passar dos anos havia deixado sua marca no rosto deles. Estavam envelhecidos e enrugados; mas continuavam grandes.

Com amargura, sir Aston desceu do cavalo e,

aproximando-se das moças, disse:

— Ora, ora! Por fim as encontramos! Nosso empenho deu frutos. — Agachando-se, pôs o rosto diante de Shelma para dizer: — \`ejo que os anos foram benevolentes com você e com sua irmã. \`ocês se transformaram em duas belezuras.

E olhando para Megan, gritou:

— Marcus! Concorda?

— Totalmente, Aston — sorriu Marcus, enquanto se aproximava de Megan.

Gillian olhou para o homem e, pela primeira vez desde que as haviam raptado, assustou-se.

— Estão cometendo um grave erro — advertiu-os Megan. — E pagarão por isso.

— O erro foram vocês que cometeram há anos, na noite em que fugiram e incendiaram a casa com seus tios e os criados dentro — disse Aston, passando o dedo pelo rosto de Shelma, que o olhava assustada.

— Nós não fizemos nada — disse Megan, recordando aquele momento.

— Sabem quem pagou por isso? — riu sir Marcus com maldade. — Seu querido John. Aquele traidor que as ajudou a fugir.

Ouvindo isso, Shelma gemeu, horrorizada.

— \`ocês mataram John?! — gritou Megan, atônita.

— Malditos! Como puderam fazer isso!

— Matar escoceses e amigos de escoceses — disse sir Marcus com maldade — é algo que sempre achei divertido. Mas tenho que confessar, queridas selvagens, que a caçada com que mais me diverti foi aquela em que seu pai morreu. Foi fácil matá-lo e inventar a história da bala perdida.

Conhecer essa verdade terrível deixou as moças em choque.

— Eu o matarei, maldito inglês! — gritou Megan com desespero.

— Eu os odeio e desejo o pior para vocês! — cuspiu Shelma, horrorizada, começando a chorar.

— Não esqueça, amigo Marcus — disse Aston, tossindo e se sentando diante delas —, que o veneno que vertemos dia a dia na água da linda Deirdre fui eu que consegui.

— Não! — rugiu Megan com os olhos injetados de sangue.

Gillian, aterrorizada, compreendeu a maldade daqueles homens e os terríveis anos que suas amigas tiveram que viver em Dunhar.

— Tínhamos que nos livrar dela — prosseguiu sir Marcus. — Que pena! Ela era tão bonita, como você — disse, apontando para Megan. — Mas também estava de
sobra.

— Malditos sejam os dois! — gritou Megan, tentando se levantar. — Eu os matarei com minhas próprias mãos, e desfrutarei! Eu juro! Eu juro diante dos dois!

Os homens riram com maldade.

— Cale-se, selvagem! — gritou Marcus, esbofeteando Megan sem piedade, fazendo sua cabeça virar.

— Tomara que você apodreça no inferno! — grunhiu Gillian, horrorizada diante de tudo o que escutava.

— Ora, temos três pombinhas, em vez de duas — disse um dos homens, agitado. — Quem é você, linda?

— Lady Gillian McDougall — respondeu ela erguendo o queixo, orgulhosa. — Exijo que nos libertem agora mesmo. Se não nos soltarem, quando meu irmão ou meu clã os encontrarem, vão matá-los. Estou avisando.

— Isso não será possível, pombinha — riu o homem com cara de pássaro. — Você morrerá antes que seu clã ou seu irmão a encontrem.

— Talvez matem a mim e a elas — respondeu Gillian, tremendo —, mas peço aos céus que tanto meu irmão quanto o marido de Shelma e o de Megan os encontrem e os matem lentamente.

— Ah, sim? — riu sir Marcus, olhando para Megan. — Quem é seu marido?

Com um desprezo total na voz, Megan olhou

fixamente para o homem e respondeu, com ódio:

— *Laird* Duncan McRae, e pode ter certeza de que quando ele o pegar vai arrancar sua pele a tiras, se antes eu não o fizer.

— Ele é mais conhecido por Falcão — informou Sean, comendo uma maçã.

— E o seu? — perguntou sir Aston, olhando de soslaio para Shelma.

— Meu marido é *laird* Lolach McKenna — respondeu ela.

E levou uma bofetada.

Ao ver isso, Megan se jogou, com as mãos amarradas, contra sir Aston, mas ele se esquivou a tempo, e ela caiu de bruços, batendo o galo que tinha na testa, que começou a sangrar.

— Como vai se divertir, Marcus, com esta pequena selvagem! — riu sir Aston, pegando Megan pelo

cabelo para levantá-la.

Ela tentava não se queixar de dor.

— Você se tornou uma mulher muito bonita, como foi sua mãe. Pena que eu não pude desfrutá-la como Marcus vai desfrutar de você! — riu sir Aston de novo, soltando-a quando ela tentou atacá-lo.

— O que acha, Aston — debochou sir Marcus, puxando Megan —, se quando eu acabar com ela, antes de matá-la, a entregar a você para que imagine o que a mãe dela poderia ter sido? Elas são tão parecidas que creio que não seria difícil imaginar — riu ele, empurrando-a para a frente.

— É uma ideia fantástica! — assentiu sir Aston, aproximando-se de Shelma.

— Solte-me imediatamente! — exigiu Megan, tentando se afastar daquele homem nojento que a pegava pelos braços e a arrastava.

— Devolva minha irmã, maldito filho de Satanás! — gritou Shelma, ao lado de Gillian.

— Sean! — murmurou Gillian. — Como pôde cair tão baixo?

— Esqueça-me, lady Mimada — riu ele, voltando-se para não olhar para ela.

— Pare de gritar, cachorra maldita! — vociferou sir Aston para Shelma, afastando-a de Gillian. — Chegou a hora de eu tomar o que devia ser meu, e não de um escocês sujo. Você pagará sua dívida comigo e depois eu a matarei.

— Lolach o encontrará e o matará — cuspiu Shelma, olhando-o nos olhos.

— Ou talvez eu o mate — riu sir Aston, sentindo-se superior. — Sean! Entregue a loura a meus homens e, quando acabarem com ela, que a matem. Esta noite

voltaremos para casa.

Berrando e esperneando, Shelma foi arrastada por sir Aston para trás de umas árvores. Gillian, horrorizada, gritou para Sean:

— Meu irmão o matará! Não tem vergonha de se comportar assim com as pessoas que cuidaram de você e que o ajudaram quando precisou?! Axel irá atrás de você e arrancará o seu como. E sabe como eu sei? Porque eu não descansarei em meu túmulo até que ele alcance esse propósito!

— Axel não vai saber de nada — riu Sean, fazendo-a se levantar.

E apontando para uns dez ingleses sujos e malcheirosos que olhavam para ela com olhos ameaçadores, disse:

— Prepare-se, *gata!* Esses homens desejam prová-la. Eles, e não seu querido Niall, é que provarão seu mel.

— Porco nojento! — gritou Gillian, respirando com dificuldade.

Mas um leve movimento de uns galhos chamou sua atenção, e fugazmente ela viu o rosto irado de seu irmão. Então, evitando chorar, voltou-se para Sean, desesperada.

— Sean, por favor! Pense no que vai fazer.

O rapaz, sem nenhum tipo de emoção no olhar, sorriu e disse:

— Já pensei.

— Escute, Sean — sussurrou Gillian, aproximando-se o máximo que pôde, apesar do nojo que ele lhe causava.

— Se esses homens devem macular meu corpo, quero que você seja o primeiro. Nunca me atrevi a dizer que sempre gostei de você.

Ouvindo isso, Sean arregalou os olhos, incrédulo diante do que saía dos lábios da neta caprichosa e mimada de Magnus McDougall.

— Por favor, Sean! — gemeu Gillian, com os olhos cheios de lágrimas. — Vamos para trás daquelas árvores

— sugeriu-lhe no ouvido. — Por favor! Por favor! Depois, se quiser, entregue-me a eles, mas...

— Está bem, caprichosa — disse Sean, satisfeito com a oferta.

Com um gesto, ele ordenou aos homens que esperassem e, aproximando seus lábios dos dela, capturou sua boca violentamente enquanto levava a mão até um de seus seios, fazendo todos os homens gritarem de excitação.

Afastando-se do grupo, ele a fez deitar no mato enquanto tirava suas botas e abaixava as calças. Com um rápido movimento, ele se sentou em cima dela, e pegando-lhe a camisa de linho, abriu-a com um puxão,

deixando seus seios à mostra.

Gillian, mais envergonhada que nervosa, tentou não gritar. Sean passou seu olhar sujo dos seios da moça ao rosto e, excitado, lançou-se ao pescoço dela, enquanto suas mãos apertava-lhe os peitos sem piedade. Era tal seu deleite que Sean não notou que os guerreiros ingleses, que até alguns momentos antes olhavam para eles com curiosidade, foram caindo pelas mãos do Falcão e seus homens.

Gillian, enojada, fechou os olhos e, quando os abriu, viu Niall parado atrás de Sean. Seus olhos se encontraram, e sem afastar seu olhar do dela, ele pegou o pescoço de Sean com as mãos, e com um movimento rápido e certo, quebrou-o. Sem se alterar diante do que acabara de fazer, Niall jogou o corpo inerte do rapaz de lado e rapidamente pegou Gillian e a levantou.

— Você está bem? — perguntou ele, com voz carregada de raiva e emoção.

E só respirou quando ela assentiu.

Sem deixar de olhar para ela, abraçou-a, e ela se aconchegou, trêmula, nele. Com esforço, Gillian levantou a cabeça e viu uma escuridão estranha nos olhos dele que a assustou. Niall, sem se importar com nada, levou seus lábios até os dela e a beijou. Precisava beijá-la. Precisava senti-la e saber que estava bem.

Superado o medo atroz que havia sentido, Niall recuperou o autocontrole, afastou-se dela, e antes de correr atrás de Duncan gritou:

— Cubra-se!

Axel, que pela primeira e única vez se mantivera em segundo plano, ao ver Niall soltar Gillian, foi abraçá-la para lhe dar todo o seu calor.

— Está bem, pequena? — perguntou, aninhando-a e olhando para Niall.

Este se voltou com cara de poucos amigos enquanto seguia Duncan e Lolach.

De repente, Shelma emergiu do bosque correndo apavorada. Havia conseguido dar uma mordida no braço de sir Aston e fugir. Só lhe faltava a capa. Gritou quando caiu nos braços de Lolach, que, ao vê-la, abraçou-a como nunca havia abraçado ninguém no mundo. Atrás dela corria sir Aston, mal-humorado. Logo se viu cercado por vários *highlanders*.

Não muito longe dali, Megan e o odioso sir Marcus, alheios a tudo o que acontecia ao redor, continuavam sua luta particular. Julgando-se superior, ele desamarrou-lhe as mãos. Gostava de ver a ferocidade daquela morena, e havia decidido brincar um pouco com ela antes de submetê-la a seus caprichos.

— Sabe de uma coisa, pequena selvagem? — perguntou ele, sorrindo ao ver o sangue que cobria o rosto dela. — Sempre a achei linda, mas os anos a transformaram em uma mulher digna de ser adorada. Tenho certeza de que esse *highlcmder* vai sentir sua falta em seu leito.

Atraindo-a para si, disse, soltando seu hálito pestilento nela:

— Estou atrás de você há muito tempo, e por mais que tenha conhecido muitas morenas, eu sempre soube que nenhuma seria como você. Antigamente eu desejava sua mãe, mas sua beleza e seu olhar desafiador a superam.

— Eu arrancarei sua pele a tiras — sibilou Megan, tentando pegar o punhal em sua bota — se continuar falando de minha mãe.

— Humm... gosto de sentir esse seu lado selvagem — disse ele, jogando-a de costas no chão.

E esfregando as palmas das mãos, disse:

— Disseram-me que o velho escocês, seu avô, a ensinou a manejar a espada, é verdade?

— Sim, ele me ensinou muito bem — assentiu ela, levantando-se e desafiando-o com o olhar.

— Mostre-me. Tome! — disse ele, jogando uma espada, que ela pegou com dificuldade.

Era grande e pesada demais para ela.

— Nunca conheci uma mulher que soubesse manejá-la. Mostre-me o que aprendeu a fazer com ela.

Com as poucas forças que lhe restavam, Megan tentou erguer a espada, mas o peso era excessivo, e a arma escorregava de suas mãos ensanguentadas. Tentou estabilizar seu corpo estendendo a mão esquerda, mas foi inútil; pesava demais. Por fim, optou por segurar a empunhadura com as duas mãos, esquecendo a dor.

— É uma mulher muito desejável. Será um prazer ver como se move, primeiro aqui e depois sob meu corpo.

— Antes, eu o matarei! — gritou ela, com raiva por não poder dominar aquela espada.

Sem lhe dar tempo para respirar, Marcus lançou-se contra ela, e Megan se defendeu como pôde.

— Intuo que as notícias que eu tinha sobre você diziam a verdade — disse ele ao ver a mulher se defender com bravura de seu ataque.

— Se me desse minha espada — disse ela, apontando para o pequeno monte onde estavam as espadas —, eu seria uma excelente adversária.

— Já é, apesar de ser uma mulher — assentiu ele com sarcasmo, vendo a camisa branca de Megan começar a se umedecer de sangue. — Oh... desculpa! Eu a feri? Devia ser mais rápida na defesa.

Com raiva, Megan amaldiçoou ao ver o sangue em seu

braço.

Mas não importava. Esse homem não conseguiria o que pretendia. Olhando para ele, ela sorriu com descaro, enquanto pensava no que seu avô e Mauled diziam: “Se a pessoa tem que morrer, que seja com honra” De modo que, tirando a capa, ficou de frente para ele vestindo só a calça de couro e camisa branca puída.

— Você é lindíssima — sussurrou sir Marcus. — Não é de estranhar que, apesar de ser uma *sassenach* em terras escocesas, um escocês tenha se casado com você. Como é a vida com esses *highlanders* selvagens?

— Melhor do que com os refinados ingleses — suspirou ela, cansada pelo enorme esforço que tinha que fazer para atacar e se defender dos golpes.

— Deve ser uma fera na cama.

Ele sorriu ao fazê-la cair no chão. Pondo o pé em cima do estômago dela e a espada à altura da garganta, sentou-se em cima dela.

— Vou adorar dominar sua vontade e ensiná-la coisas que esse *highlander* não ensinou — disse ele baixinho enquanto levava seus lábios aos dela, fazendo o estômago de Megan revirar. — E uma maldita cadela escocesa, como sua mãe, e como tal vou tratá-la.

Com um rápido movimento, Megan levantou o joelho até cravá-lo nas costas dele. Esse movimento fez com

que sir Marcus caísse sobre ela, acertando-lhe atesta.

Nesse momento, Megan puxou uma adaga de sua bota, segurando-a com força.

— Ninguém fala assim de minha mãe em minha presença, e menos ainda um inglês nojento como você! — gritou encolerizada, cravando-lhe a adaga no estômago. — Você tirou a vida de meu pai, de minha família, e eu tiro a sua!

Marcus olhava horrorizado para a adaga cravada em seu estômago. Praguejando, pegou a cabeça da jovem e com as forças que lhe restavam começou a batê-la no chão.

Então ouviu-se um assobio, e sir Marcus caiu sobre Megan com os olhos arregalados. Paralisada pelo peso do homem e pelo cansaço, ela respirava com dificuldade quando seus olhos encontraram o rosto sombrio de Duncan, que, dando um pontapé no homem, fez com que rolasse para o lado. Agachando-se, passou seus braços protetores sob o corpo de Megan e a levantou com firmeza.

— Fique tranquila, querida, já estou aqui.

Niall, ao ver seu irmão acalentando sua mulher, deteve os guerreiros levantando a mão. Duncan precisava de um pouco de intimidade.

Alheio aos olhos que os observavam e agradecendo aos céus por ter chegado a tempo, Duncan ainda tremia, observando o ferimento na cabeça de sua mulher. Mas relaxou ao ver que o sangue que umedecia a camisa não parecia nada grave.

— Está bem, Impaciente? — perguntou com doçura, apesar da vontade que sentia de matá-la por aquela loucura.

— Sim — assentiu Megan, segurando as lágrimas e respirando com dificuldade.

Com delicadeza, Duncan a levou até uma pedra grande. Sem uma palavra, ele limpou o sangue do rosto dela. Megan, séria, observava com desprezo sir Marcus, aquele homem que tantas desgraças havia ocasionado a sua família e que jazia morto diante dela.

— Não olhe para ele, querida. Tudo acabou — sussurrou Duncan, recuperando a calma, olhando-a nos olhos. — Esse bastardo nunca mais a tocará de novo.

Megan virou o rosto assim que ouviu gritos, e Duncan, fazendo um sinal para seus guerreiros, permitiu que as duas mulheres histéricas se aproximassem.

— Megan! — gritaram Gillian e Shelma, correndo para ela.

Duncan, observando-as por alguns instantes, sem saber se devia gritar com elas ou matá-las, levantou-se e se afastou para dar ordens a seus homens. Pouco depois, com cara de poucos amigos, trocou umas palavras com Lolach, que praguejava diante da loucura delas.

— Meu Deus! — sussurrou Gillian, limpando o rosto de Megan. — Está coberta de sangue.

O que menos importava a Megan era o sangue. Só lhe importava a vingança.

— Graças ao céu — disse Shelma, abraçando a irmã. — Por um momento pensei que íamos morrer.

— Onde está sir Aston? — perguntou Megan com voz rouca.

— Myles e Mael o amarraram a uma árvore — respondeu Shelma.

E apontando com o dedo, disse:

— Está ah. Espero com impaciência que seja julgado.

Com extremo cuidado, Megan se levantou, enquanto

Gillian e Shelma a observavam, desconcertadas. Aproximou-se de sir Marcus e, depois de cuspir nele com ódio, com as mãos doloridas deu um puxão e pegou sua adaga, deixando as outras duas espantadas. Com o olhar obscurecido pelo ódio, limpou a adaga na camisa do morto, olhando para onde Shelma havia indicado que estava sir Aston.

— O que vai fazer? — perguntou Shelma, trocando um olhar com Gillian.

— O que papai, mamãe, John, vovô ou Mauled teriam feito — murmurou lenta e secamente, aproximando-se do pequeno monte onde estava sua espada.

Disfarçadamente, Megan olhou para onde estavam os homens, em especial Duncan, que parecia discutir com Axel. Sem hesitar, com um olhar tenebroso que assustou sua própria irmã, começou a andar, seguida por Shelma, enquanto Gillian ficava paralisada pelo que Megan estava disposta a fazer.

— Lolach e Duncan o julgarão. Esqueça-o! — suplicou Shelma, pegando-a pelo braço. — Megan, quer me escutar, por favor?!

— Não, Shelma. Não vou escutá-la, nem a você nem a ninguém — respondeu Megan olhando para sir Aston, que sangrava como um porco, imobilizado na árvore.

— Megan! Não faça isso! — suplicou Shelma, assustada. — Não manche suas mãos de sangue. Por favor, por favor!

A poucos metros delas, os homens conversavam e praguejavam.

Duncan se voltou para olhar para sua mulher, mas só encontrou Gillian, que com uma expressão estranha olhava para a frente. Sem perder tempo, Duncan olhou na mesma direção e ficou sem palavras quando viu que sua mulher caminhava com determinação para o inglês,

com sua espada em uma das mãos e a adaga na outra.

Seus olhos verdes encontraram os olhos assustados de Shelma, que lhe suplicaram ajuda. Sem perder tempo, Duncan correu para sua mulher, atraindo a atenção dos demais.

Incrédulos, eles intuíram o que aquela moça valente pretendia fazer.

— Megan! — gritou Duncan, enquanto todos começavam a correr atrás dele.

Ele tentou atrair o olhar de sua mulher, mas ela não via nada mais que sangue, ódio, morte e sir Aston Nierter.

Ao vê-la se aproximar, ele ficou petrificado diante da crueldade de seu olhar.

— Escute! — pediu Shelma, pondo-se diante dela.

Mas Megan, sem cuidado algum, empurrou-a.

— Não faça isso. Nossos maridos cuidarão dele. Não tem por que fazer isso. Megan, pense bem, por favor!

Cansada de escutá-la, Megan rugiu para sua irmã:

— Basta, Shelma! Foi a mim que ele fez mal, não a eles. Eu me encarregarei de matá-lo, como prometi que faria se tivesse oportunidade.

Com um sorriso gelado, Megan parou diante do homem, que olhou para ela horrorizado. E aproximando-se o máximo que pôde do rosto de sir Aston, ela falou com toda a raiva e a dor acumuladas por anos:

— Diante de você está Megan, a filha selvagem de Deirdre de Atholl McDougall, a melhor mãe escocesa do mundo; e de George Philipps, o melhor pai inglês do mundo.

Com um movimento rápido e seco que fez Shelma gritar, horrorizada, ela cravou a adaga nele até o cabo, enquanto continuava falando:

— Isto, filho de Satanás, é por eles, por John, por vovô e por Mauled.

— Megan! \blte-se e olhe para mim — disse Duncan com suavidade, sentindo a dor, a raiva e o desespero que ela havia expressado momentos antes.

Com uma frieza aterradora que deixou arrepiados todos os presentes, Megan se voltou e contemplou Duncan com um olhar escuro e vazio. Ele, dando um passo adiante, falou com serenidade:

— Não continue. Eu cuidarei dele. Dê-me a espada, querida.

Megan olhou primeiro para Duncan e depois para os demais. Deu um passo para o marido, que sorriu e respirou aliviado ao ver que ela se aproximava. Mas, de súbito, surpreendendo a todos, ela se voltou para sir Aston com a espada levantada, e sem piedade soltou um grito que fez todos estremecerem e cravou-lhe a arma no coração.

— E isto, maldito inglês, é por minha irmã, por meu irmão e por mim!

Duncan se jogou sobre ela, que estava dura e fria como mármore, e não conseguiu tirá-la dali até que, com um enorme sangue-frio, Megan retirou sua espada do corpo morto de Aston e, cuspidando nele, por fim

se deixou guiar por Duncan.

Shelma, livrando-se dos fortes braços de seu marido, correu até a irmã, que depois daquela terrível tensão vivida revirou os olhos e desmaiou.

Pegando-a firmemente nos braços, Duncan ordenou aos gritos que levassem água. Gillian, preocupada, corria atrás dele. Shelma, reagindo, foi até sua bolsa pegar algo, que pôs sob o nariz de Megan. Ela abriu os olhos.

— Não desmaie de novo. Eu ordeno! — sussurrou Duncan, olhando angustiado para ela.

— Falcão — sorriu Megan ao escutá-lo. — Deixe de ordens, ou sua vida será um inferno.

Duncan não sorriu, mas sua expressão se suavizou. Megan, notando a presença e o olhar preocupado de Niall, dirigiu-se a ele.

— Niall, poderá me perdoar?

— Por ora, não. Nem a você nem às outras duas — respondeu ele com firmeza.

E sem dizer mais nada, levantou-se e foi embora.

Durante alguns instantes todos o observaram se afastar, irritado.

— Oh... — suspirou Gillian —, é insuportável falar com essa mula.

— Gillian! — bradou seu irmão. — Cale-se!

E levantando-se, seguiu Niall e Lolach.

Gillian, dando de ombros, suspirou.

— Não se mova! — ordenou Duncan a sua mulher.

— Tenho que falar com meu irmão.

E dando-lhe um beijo na testa, levantou-se, deixando as três mulheres sozinhas.

— Creio que, por fim, nossos problemas com os ingleses acabaram — sorriu Shelma olhando para Megan.

E tirou da bolsa umas tiras de linho limpas para enrolar na cabeça da irmã. A ferida continuava sangrando.

— Sim. Parece que sim — suspirou Megan.

— Quero voltar ao castelo para tomar um banho e trocar de roupa — murmurou Gillian, observando Niall, que gesticulava, furioso.

— Ainda bem que nossos maridos nos encontraram

— suspirou Shelma. — Pensei que de hoje não passavamos.

— Não cante vitória tão cedo — disse Megan ao notar que os homens as olhavam com cara de poucos amigos.

— Creio que ainda há a possibilidade de que nos matem.

Longe delas, os homens conversavam sobre o que fazer com as três mulheres e com os ingleses mortos. Por fim, os *lairds* ordenaram a seus homens que cavassem umas valas, onde dariam sepultura digna àqueles ingleses.

— Niall — disse Axel, tocando-lhe o ombro. — Obrigado por sua rápida atuação. E gostaria de dizer que Magnus e eu permitimos que corteje minha irmã.

— Sábia decisão! — assentiu Duncan.

— Que boa notícia! — exclamou Lolach, dando-lhe um tapa nas costas.

Niall, ainda furioso, olhou para eles com a testa franzida.

— Não tem que me agradecer, Axel — respondeu Niall, confuso. — E no que se refere a cortejar sua irmã, é a última coisa que eu faria nesta vida. Nem louco tornarei a me aproximar dela! — vociferou, deixando os três sem palavras.

E olhando para seu irmão, disse:

— Duncan, se não se importa, já vou indo.

— Certo — assentiu Duncan com olhos profundos e cansados.

O fato de seu irmão ficar tão desanimado e irritado não era lógico nem normal. Por isso, tomando-lhe o braço, perguntou:

— Está bem?

— Sim, não se preocupe — respondeu Niall, chamando com um assobio seu cavalo, True. — Nós nos veremos nas terras dos McDougall.

E dizendo isso partiu sem olhar para trás, deixando Gillian decepcionada e angustiada.

Os três *lairds* ficaram em silêncio um tempo. Até que Duncan disse:

— O rapaz não está bem. Gillian o está deixando louco!

— Os dois estão fazendo um jogo muito perigoso — respondeu Axel olhando para sua irmã, que, contrariada, via Niall partir.

— Isso vai ser pior que uma batalha! — sorriu Lolach, olhando para sua mulher, que consolava Gillian. — Creio que sua irmã não se dará por vencida facilmente.

— Quer deixar de olhar essas três encenqueiras com essa cara de idiota? — censurou-o Duncan.

Seu coração ainda se apertava ao recordar a imagem de Marcus batendo a cabeça de Megan no chão.

— Que vamos fazer com elas?

— Por ora, levá-las de volta ao castelo — anunciou Axel. — Meu avô estava muito zangado e preocupado.

— Minha intenção é partir para minhas terras quanto antes possível — apontou Lolach.

Enquanto falavam, Duncan não podia afastar os olhos de sua mulher. Apesar de se sentir irritado e de ela estar um desastre, Megan ainda lhe parecia atraente. O sorriso dela fazia seu coração disparar cada vez que cruzavam os olhares. Tinha que lhe dar uma bronca, mas estava tão contente por não ter lhe acontecido nada que era incapaz de pensar em outra coisa.

Capítulo 14

Naquela tarde, retomaram o caminho para o castelo. Durante o trajeto, Lolach, que parecia um idiota sorridente, não parou de rir com Shelma, engenhosa, que constantemente lhe contava coisas, fazendo-o gargalhar.

Duncan permaneceu calado parte do caminho, mas, cada vez que seu corpo roçava o de sua mulher, seu pulso se acelerava e, de certo modo, sua mente ficava turva e ele se esquecia do ocorrido. O que estava acontecendo com ele?

— Sabe que o que fez foi uma bobagem, não é? — sussurrou ele no ouvido dela, com voz calma.

Ela se recostava nele, dolorida de corpo e mente.

— Sim — assentiu Megan, surpreendendo-o.

Ele esperava qualquer outra resposta.

— Foi uma verdadeira loucura. Mas, a partir de agora, dormirei tranquila sabendo que esses dois bastardos nunca mais vão nos incomodar.

Sua voz profunda e suas palavras sinceras conseguiram fazer Duncan assentir, e, por fim, dar-lhe um beijo na cabeça.

— Tem mais força e coragem do que eu pensava, Megan. \ocê me surpreendeu.

— Eu lhe disse — respondeu ela, sorrindo.

— Mas também me assustou quando vi em você aquele olhar de ódio e vingança. Isso eu só havia visto nos guerreiros no campo de batalha.

— Meu avô me ensinou que família é o mais importante, e sempre soube que, se um dia esses homens aparecessem diante de mim, eu os mataria.

— \ocê deixou meus homens acovardados — sorriu Duncan ao recordar os comentários deles.

— Assim, eles vão saber que devem ter cuidado comigo. Mas pedirei desculpas a todos por ter posto em perigo a vida de minha irmã e de Gillian.

— E a sua, não esqueça — recordou ele, depositando outro beijo na cabeça de Megan.

— A minha era a que menos importava naquele momento — murmurou ela, desanimada.

Ouvindo isso, o *highlander* ficou tenso.

— Como?! — bramou Duncan, fazendo um sinal para que Myles prosseguisse enquanto ele e sua mulher paravam.

— Por que paramos? — perguntou Megan.

— Nunca mais diga que sua vida é a menos importante — advertiu ele, pegando-a por baixo dos ombros para virá-la. — Sabe a agonia que senti quando não sabia onde estava? E quando vi aquele inglês batendo sua cabeça no chão? Você realmente não entende como eu me sentiria se lhe acontecesse alguma coisa?

— Duncan — sussurrou ela, comovida —, escute, e espero que entenda. Para mim, a vida de minha irmã e a de Gillian valem demais, e se eu, que sou a mais velha, tivesse cuidado desse problema sozinha, nada disso teria acontecido.

Com olhos cansados, ela prosseguiu:

— Se algo tivesse acontecido a elas, eu carregaria essa culpa pelo resto da vida. Eu sempre fui responsável por alguém. Nunca tive ninguém mais forte do que eu em quem me apoiar.

— Mas seu avô e Mauled...

Megan, tapando-lhe a boca, não o deixou terminar.

— Meu avô e Mauled cuidaram de todos, mas nunca pude ignorar que eles eram dois velhos que faziam tudo o que podiam por nós. Elas poderiam ter morrido, e eu não poderia ter feito nada para remediar isso...

Já não pôde continuar; desabou no peito dele.

— Ei... querida — disse ele, abraçando-a com doçura.

Nesse momento, Duncan teve consciência de como havia sido duro para Megan passar a maior parte da vida cuidando de seus irmãos. Ele sabia perfeitamente do que ela estava falando. E isso o fez recordar a sua falecida irmã, Johanna. Se ele estivesse presente no dia de seu aniversário, ela nunca teria aparecido morta no lago.

Com uma carinha de menina que arrebatou o coração de Duncan, ela sussurrou:

— Duncan, eu prometo que...

— Sshhh... cale-se.

Ele a embalou nos braços. Viu que a venda em sua cabeça estava manchada de sangue de novo.

— Megan, a partir de agora eu cuidarei de você. Eu me casei com você, não se esqueça! Eu a protegerei. Está bem, querida?

— Está bem — assentiu ela, beijando-o.

— Vamos seguir nosso caminho — disse Duncan, confuso diante do que aquela jovem havia conseguido remexer dentro dele em tão pouco tempo.

Quando chegaram ao castelo, Axel disse às três mulheres que fossem para o salão, sisudo. Magnus as esperava. E, embora o castigo delas não fosse muito grave, o velho lhes daria uma boa bronca. E elas mereciam, por ter arriscado a vida!

Entraram, seguidas de Axel, Duncan e Lolach. Ao passarem pela porta do salão, a primeira pessoa que correu para recebê-las foi Zac, seguido de Alana.

— Por fim chegaram! — gritou o menino.

E olhando para Megan, disse:

— Outra vez tem sangue na cabeça.

— Não se preocupe, meu tesouro — sorriu ela, sem dar importância. — Não é nada.

— Graças a Deus as três estão bem — suspirou Alana, abraçando-as.

E olhando para Megan, disse:

— Oh... por Deus, sua ferida. \ènha comigo, senão ficará uma marca feia pelo resto da vida.

Enquanto se afastava de mãos dadas com Alana, Megan olhou para seu marido, que, curvando um lado da boca e dando-lhe uma piscadinha, fez com que sorrisse. Pouco depois, quando ficaram a sós, Alana disse:

— \ocê foi muito sutil com a beberagem que me deu!

— Sinto muito, perdoe-me — disse Megan, arrependida, tomando-lhe as mãos. — Eu não queria que nada acontecesse com você. Serei grata por toda a vida por ter cuidado de Zac.

— Não se preocupe — sorriu Alana com afeto. — Agora, não se mexa.

Um tempo depois, voltaram ao salão. Duncan notou, preocupado, as olheiras pronunciadas em sua mulher.

Alana correu para os braços de Axel.

— Onde estão? — ouviu-se o bramido de Magnus.

Assustadas, as moças se entreolharam. Nunca haviam

ouvido o velho Magnus levantar a voz. Isso, com certeza, não era um bom sinal.

Duncan, ao escutá-lo, deu um passo adiante. Não estava disposto a permitir que ninguém tocasse em um fio de cabelo de sua mulher; mas Axel, com uma expressão divertida, fez que retrocedesse.

— \ovô, eu queria dizer que... — disse Gillian.

Mas Magnus, levantando a mão, fez com que se calasse.

— Em todos os meus anos de vida ninguém, com exceção de minha doce Elizabeth, me desobedeceu com a facilidade com que vocês três o fizeram — vociferou o velho, arregalando os olhos de tal maneira que as três moças se encolheram.

Os guerreiros sorriam.

— *Laird...* — sussurrou Megan.

Mas Magnus levantou a mão de novo para ordenar silêncio.

— Eu sabia que estes guerreiros as localizariam, e quando Niall voltou e me informou que as haviam encontrado, por fim pude respirar. — E olhando-as com irritação, perguntou: — Como lhes passou pela cabeça uma barbaridade dessas? Poderiam ter morrido!

— Sentimos muito, vovô — suspirou Gillian.

— Terão um castigo! — gritou o velho, observando a aparência terrível delas.

Estavam sujas, com olheiras, cheias de sangue e desalinhas.

— Aceitaremos nosso castigo — assentiu Megan, baixando a cabeça.

Magnus, que nunca havia conseguido resistir àquelas mulheres, sem pensar duas vezes, abriu os braços, e com voz trêmula, ordenou:

— Venham a meus braços as três. Agora mesmo!

Soltando um suspiro de satisfação, as três se jogaram

sobre aquele velho de barriga grande que realmente as amava. A Gillian, por ser sua neta adorada; e a Megan e Shelma, amava como se fossem da família. Elas eram sua fraqueza, e todo o mundo sabia disso.

— E o castigo? — perguntou Axel a Duncan, sorrindo.

— Coitadinhas! Elas já sofreram castigo suficiente — respondeu Magnus, bonachão. — Agora, subam e troquem essas roupas. Um jantar maravilhoso as espera.

— Com castigos assim — sorriu Lolach, balançando a cabeça —, não me admira que as mulheres destas terras sejam como são.

Os *highlanders* se entreolharam e sorriram. Todos, menos um.

— Você é mole com as mulheres, Magnus — debochou Duncan.

— Amigos, agora entenderam contra o que sempre lutei, não é? — sorriu Axel, olhando para seu avô.

— Agora entendo por que essas mulheres desobedecem às ordens — disse Niall com grosseria, apoiado na porta dos fundos.

— Feche a boca, Niall — murmurou Lolach, aproximando-se do amigo.

— Oh... cale-se! — bufou Gillian. sem nem olhar para ele.

De novo, incrédulo diante das palavras daquela bruxinha, Niall olhou para seu amigo.

— Eu tentei avisá-lo — apontou Lolach.

— Essa sua língua um dia vai criar muitos problemas para você — rephcou Niall com severidade, aproximando-se de Gillian. — Espero que seu irmão e seu avô consigam encontrar um pobre homem que a suporte, porque você é insuportável!

Duncan, surpreso diante daquilo, caminhou para seu irmão, mas Magnus o deteve com o olhar. Queria assistir àquele combate.

— Como se importasse a você como eu me comportarei ou não com meu futuro marido! — grunhiu Gillian, surpreendendo-os. — Por que não fecha a boca e vai embora daqui, onde a única coisa que faz é incomodar?

Mal-humorado pelo que ela havia dito diante de todos, Niall foi até o velho e, estendendo-lhe a mão, despediu-se:

— Magnus, tenho que partir antes que mate alguém. Boa sorte para encontrar um marido tolo e surdo para a mal-educada de sua neta.

— Boa viagem, rapaz! — respondeu Magnus, sorrindo ao ver sua neta bater o pé no chão.

Ela era idêntica à avó!

— Lembre-se, Niall, que aqui sempre será bem recebido.

— De jeito nenhum! — gritou Gillian com as mãos na cintura. — Espero não ter a desagradável experiência de tornar a vê-lo por aqui.

— Gillian. já chega! — censurou Axel, que pela primeira vez via as garras de sua irmã e a paciência de Niall. — Não consinto que fale assim. Feche a boca se não quiser que eu me aborreça com você.

— Santo Deus, era o que me faltava! — resmungou ela, cruzando os braços.

Megan, incomodada pelo comportamento despropositado de Gillian, deu-lhe um puxão no braço, ordenando que se calasse.

— Niall — disse Duncan —, amanhã partiremos. Eu peço que espere até amanhã. É um favor pessoal.

— Está bem — assentiu Niall, respirando com dificuldade. — Mas, se não se importa, dormirei ao relento. Não quero que durante a noite alguém me crave suas garras ou me envenene — disse, lançando a Gillian um último olhar.

Com o consentimento de Duncan, o rapaz foi embora, enquanto Gillian, com os olhos encharcados de

lágrimas, corria escadas acima tentando conter seu pranto.

— Espere, Gillian! — suspirou Alana, correndo atrás dela.

— Por todos os santos! — sorriu Lolach olhando para sua mulher.

Megan seguia Alana e Gillian com o olhar.

— Esse seu irmão... — disse Axel.

Duncan o interrompeu dura e categoricamente.

— Omita o que vai dizer, se não quiser que eu diga algo sobre sua irmã!

Ouvindo isso, Axel balançou a cabeça com um meio-sorriso e desapareceu por onde, instantes antes, haviam saído sua mulher e sua irmã.

— Que maravilha de juventude! — debochou Magnus, dando umas palmadas nas costas de Lolach e Duncan. — É melhor não nos metermos nos problemas deles, ou sairemos escaldados, não concordam?

E abraçando Zac e as esposas daqueles bravos *lairds*, exclamou:

— \òu sentir muita falta de vocês três!

As moças o olharam com adoração e sorriram.

— Sempre será bem recebido em nossos lares, Magnus — sorriu Duncan diante do carinho que o velho demonstrava —, e, evidentemente, elas poderão visitá-lo.

— Assim espero. E espero que as tratem bem. Senão, terão que se ver comigo — disse, olhando para os guerreiros. — E nunca se esqueçam que elas são McDougall, apesar de todas as bobagens que dizem por aí.

— Nisso está equivocado — corrigiu Duncan, aproximando-se de sua mulher, emocionado. — Agora ela e Zac são McRae.

— E minha mulher é uma McKenna — apontou Lolach.

— Por todos os diabos! — bradou o velho ao ver que aqueles bravos guerreiros haviam sucumbido ao feitiço das mulheres. — Espero que sejam tão felizes quanto fomos Elizabeth e eu. Agora, subam a seus quartos, e vocês — disse apontando para Duncan e Lolach — falem seriamente com essas duas ferinhas valentes e tentem fazer que acatem suas ordens a partir de hoje.

— Não duvide. Eu conseguirei domá-la — assentiu Duncan olhando para sua mulher.

Megan revirou os olhos ao ouvi-lo.

— \enha comigo, Zac — chamou o velho. — Que tal se formos de novo visitar os potros que nasceram hoje de manhã?

Ao entrar no quarto, Megan se afastou de Duncan, dirigindo-se para a janela. Não queria olhar para a cama nem para a banheira que a esperava com água fumegante.

Duncan, inquieto com as reações que sua mulher provocava nele, sem tirar os olhos dela começou a se despir, deixando sua espada em cima de um baú. Tirou as botas e a calça, ficando só com uma camisa branca, que começou a desabotoar com tranquilidade. Ao ficar nu diante de Megan, ela baixou o olhar, envergonhada. Duncan, com paciência, entrou na água e soltou um suspiro de prazer quando o líquido o cobriu por completo.

— Um banho faria bem a você — disse ele com voz rouca, controlando a vontade de beijá-la e fazer amor com ela.

— Não estou com vontade agora — sussurrou ela sem poder afastar o olhar daqueles largos e poderosos ombros bronzeados, que exalavam força e calor ao mesmo tempo.

— Tem duas opções, Megan — disse Duncan, apoiando a cabeça na banheira. — Ou vem sozinha, ou vou buscá-la. Decida.

Megan engohu em seco. Devagar, tirou as botas, deixou sua adaga e sua espada junto à de Duncan e tirou as calças sujas e surradas.

Duncan não queria pressioná-la. Estava com todos os seus sentidos alertas, e pelos sons podia intuir o que ela estava tirando. Isso o excitou. Quando por fim ela ficou só com a camisa branca, foi até a banheira; e parando diante dele mais confusa que outra coisa, disse:

— Se não se importa, entrarei de camisa.

Ele sorriu. Mas, ao ver seu rosto lindo e cansado, as sentiu.

— Está bem, mulher. Desta vez, permitirei.

Com extremo cuidado, Megan levantou a perna para entrar na banheira e aceitando a ajuda de Duncan, agachou-se até se sentar de frente a ele. Ao sentir o calor agradável da água, os músculos de Megan relaxaram, e então ela suspirou de prazer, sem notar o deleite que ele sentia observando-a.

Tê-la diante de si, com a camisa molhada, transparente, e os mamilos duros, era a coisa mais excitante que ele já havia visto na vida. Megan, alheia ao erotismo, olhava para ele com curiosidade. Sua longa trança azulada flutuava na banheira.

— Nunca mais faça o que fez — disse Duncan com voz rouca.

— A que se refere? — perguntou Megan.

— Sabe muito bem, Impaciente — disse ele, curvando-se para a frente. — Nunca mais torne a ir a um lugar sem que eu saiba.

— Está me dizendo que, a partir de agora, todos os meus movimentos serão questionados por você? — respondeu ela, desafiando-o com o olhar.

— Exato, mulher.

O controle de Duncan, a cada gota que escorria pelo pescoço de Megan, desvanecia. Sentia sua excitação palpitar e seu corpo pedir mais. \`èr Megan seminua estava sendo uma doce tortura. Não pôde aguentar muito mais; pegando com suas mãos úmidas o rosto da moça, Duncan levou sua boca à dela e a beijou. De início, Megan ficou paralisada, mas, quando ele a atraiu para si, beijou-o com avidez e paixão, até que Duncan a afastou.

— Nunca poderá imaginar a angústia que passei por sua causa.

Escutar isso e ver os olhos de seu marido era tudo que

Megan necessitava para se render aos braços dele.

— Temeu por minha vida? — sussurrou ela, deixando-se abraçar.

Sem responder, Duncan a levantou com seus braços fortes e a apoiou em seu torso robusto, aproveitando o momento para tirar-lhe a camisa pela cabeça. Os dois ficaram nus na banheira.

— Descanse seu corpo contra o meu.

Então, Duncan viu vários cortes recentes e, com raiva, perguntou:

— Aquele bastardo inglês fez isto?

— Sim, mas nunca mais tornará a me tocar — respondeu ela, fechando os olhos ao pensar em sir Marcus Nomberg.

— \`enha aqui, querida — sussurrou ele, beijando a ferida no ombro de Megan. — \`ocê é minha, e ninguém ousará tocá-la.

Excitada, ela se acomodou em seu esposo. Com prazer, recebeu o calor que aquelas mãos enormes exalavam em sua cintura. Sentia com deleite os doces beijos que Duncan distribuía por sua cabeça. O calor da lareira e a proximidade de seu marido a estavam deixando louca. Sentiu-se derreter quando ele sussurrou com voz rouca:

— Não se mova, querida.

Desfrutando o momento, sentada em cima dele, Megan sentiu a excitação palpitante de Duncan roçar sua área mais íntima. As grandes mãos molhadas dele deslizavam lentamente por todo seu corpo. Ela se arqueou de prazer diante daquele contato sensual e maravilhoso.

— É linda e, apesar de suas respostas e de sua teimosia, você me enlouquece, querida — sussurrou Duncan em seu ouvido.

Com a mão, ele desmanchou a trança negra que flutuava entre os dois.

— E juro perante Deus que vou cuidar de você como sempre mereceu.

Ouvindo isso, Megan sentiu vontade de chorar. Erguendo a mão, tocou com desejo o cabelo castanho de seu marido e, jogando a cabeça para trás, buscou sua boca. Dessa vez foi ela quem lhe mordeu o lábio e brincou com ele; e com um movimento rápido deu meia-volta para ficar de frente para Duncan.

— Eu agradeço as belas palavras — sorriu, deixando seu marido encantado. — Quero ser uma boa esposa para você, mas preciso de tempo. Não conheço a vida a dois.

— Eu lhe ensinarei.

Duncan tomou a boca de Megan com desespero e, içando-a sobre si, pegou seu membro ardente e o colocou entre as suaves dobras do sexo de Megan, e olhando-a nos olhos deixou-a descer pouco a pouco sobre ele, enlouquecendo a ambos de prazer. Com os joelhos nas laterais do corpo dele, Megan se segurou na borda da banheira, atrás dele, e começou a buscar seu próprio prazer. Enlouquecido com a sensualidade dela, Duncan chupou-lhe os mamilos e agarrou seus seios, atraindo-os para si.

Muito excitado, o guerreiro se conteve para não machucá-la, mas, quando não aguentou mais, tomou-a pela cintura e, segurando-a com força, ajudou-a a subir e descer sobre ele. Eles se olhavam nos olhos, arfavam, derramando a água da banheira a cada movimento, até que Megan arqueou o corpo para trás e gemeu de prazer. Vendo isso, sentindo-a vibrar, Duncan a segurou firme e, descarregando toda a força de seu desejo, deu um grito masculino que fez Megan abrir os olhos e olhar para ele assustada.

— Está bem? Eu o machuquei? — perguntou ela, segurando o rosto do marido.

— Ssshhh, Impaciente...

E ele sorriu diante da inexperiência dela. Ela achava que o havia machucado!

Abraçando-a, Duncan a pegou no colo e saiu com ela da banheira. Pousou-a na cama e se deitou sobre ela, com cuidado para não esmagá-la. Olhando-a com doçura, sussurrou, fazendo-a tremer.

— Você me deu um prazer imenso, não me machucou. Mas, se quiser — disse ele, vendo-a começar a sorrir e seu sexo se retesar de novo —, pode repetir o que fez. Eu adoraria gritar de prazer de novo.

— Oh... Duncan. Desejo que grite de prazer de novo — sorriu ela, navegando nas profundezas dos olhos do marido.

— Desejo concedido, meu amor — sorriu ele, tomando-lhe a boca. — Desejo concedido.

Naquela noite, quando Megan e Duncan desceram ao salão do castelo, encontraram todos sentados à longa mesa. Shelma, ao ver sua irmã com um meio-sorriso, soube que estava feliz!

— Alguém avisou Niall? — perguntou Alana, atraindo o olhar confuso de Gillian. — Talvez ele esteja com fome e queira comer alguma coisa.

— Não se preocupe — disse Axel, acariciando a mão de sua esposa. — Um *highlander* pode ficar sem comer vários dias. Não seria a primeira vez que Niall passa fome. Além do mais — prosseguiu, cravando os olhos nos de sua irmã —, não creio que lhe apeteça comer.

— Mas que necessidade tem de passar fome? — disse

Megan, olhando para Duncan.

Desde que haviam saído da intimidade do quarto, ele tornara a adotar uma expressão séria e sombria.

— Meu irmão vai ficar bem — respondeu com voz rouca.

O jantar transcorreu com celeridade. Magnus notou a pressa que aqueles três jovens casais tinham de voltar a seus quartos. Com um sorriso, dispensou um a um, ficando sozinho com Gillian depois que Zac foi embora com Frida.

— Parece triste, minha pequena.

— Estou triste porque amanhã Megan e Shelma vão embora — respondeu ela, evitando dizer algo mais.
— Sentirei muito a falta delas.

— Entendo — as sentiu Magnus, sentando-se ao lado da neta. — Já lhe contei como conheci sua avó Elizabeth?

— Não. Sempre fala que ela era muito bondosa, mas nunca contou como se conheceram — disse Gillian, olhando-o nos olhos.

Ela sabia, por Axel, que falar dela fazia o coração de seu avô se apertar.

— Há muitos anos, quando eu era um jovem guerreiro, robusto e rabugento, meu pai, \`elcis, mandou-me a Edimburgo com Marlob, avô de Duncan e Niall.

Tínhamos que entregar uma mensagem. No caminho, encontramos várias aldeias queimadas e devastadas pelos ingleses — disse o velho, endurecendo a voz. — Nós os ajudamos como pudemos, mas seguimos nosso caminho, prometendo que na volta lhes levaríamos comida. Quando chegamos a Edimburgo, nossa vida corria verdadeiro perigo. Ninguém nos avisou que o poder inglês havia se tornado muito forte naquela região, de modo que a duras penas pudemos concluir nossa missão. Certa noite, quando nos arrastávamos pelas ruas de Edimburgo em busca de nosso contato, ouvimos os gemidos de uma mulher. Marlob, que sempre foi muito impetuoso, saiu em busca da procedência daqueles gemidos. Encontramos algo terrível. Diante de nós, uma jovem com um bebê no colo chorava, enlouquecida pela morte da criança. Nem é preciso dizer que tentamos ajudá-la, em especial Marlob. Eu era fechado demais para me envolver em algo assim, ainda mais que a mulher que chorava com desespero era uma inglesa. Por fim, conseguimos tirar o bebê de seus braços e o enterramos.

— Que triste, vovô — sussurrou Gillian.

— Nunca esquecerei a tristeza e o olhar perdido dela no dia em que nos despedimos. Tempos depois, conseguimos encontrar nosso contato. Concluída nossa missão, tentamos voltar para casa. Mas fomos interceptados no caminho e feitos prisioneiros.

— Foi prisioneiro dos ingleses?

— Sim, meu tesouro. Ficamos cerca de dois meses nas masmorras da grande fortificação de Edimburgo. Foi terrível. Estávamos cercados de morte e putrefação. Os ratos nos acordavam à noite mordendo nossos pés. Mas, uma noite, quando pensávamos que nosso fim estava próximo, apareceu

diante de nós uma mulher com roupas elegantes e requintadas, que, com a ajuda de alguns homens, nos tirou dali. Ela nos levou a um lugar seguro e cuidou de nós até que recuperamos as forças. Aquela mulher era a mesma que tempos atrás encontramos chorando com o bebê nos braços. Pouco depois, nós soubemos que ela era filha do barão Wilham Potter. Ele a havia renegado e a expulsara de casa por ajudar uns criados de ascendência escocesa. A criança que aquela noite ela segurava morta em seus braços não era filho dela. Era filho de sua criada, Hedda, que antes de morrer lhe rogara que cuidasse dele. Mas o barão Potter, ao saber que sua filha estava cuidando do bebê, pegara-o e o jogara pela janela.

— Que horror! — murmurou Gillian, levando as mãos à cabeça.

— Aquilo mudou a vida de minha linda Elizabeth — sorriu o velho ao recordá-la. — Na noite em que Marlob e eu a deixamos, ela voltou para a casa de seu pai e, pegando poucas roupas e algumas moedas, começou a ajudar todo inglês ou escocês que necessitasse. Uma tarde, ela ficou sabendo que dois guerreiros escoceses haviam sido capturados, e com um grupo de proscritos Elizabeth rendeu os carcereiros e libertou os presos. Nem é preciso dizer que, a partir desse momento, ela passou a ser tão proscrita quanto nós, de modo que Marlob e eu decidimos não a abandonar. Se a pegassem, ela morreria decapitada por traição.

Respirando fundo, Magnus prosseguiu:

— Naquela época, Marlob tentou cortejá-la, mas ela já havia me notado. Um guerreiro arisco e rabugento que nem sequer olhava para ela, apesar da gratidão que eu sentia. Em nossa viagem de volta, passamos pela aldeia onde os ingleses haviam semeado a morte e a miséria. Ela, sem se intimidar por seu sangue inglês, ajudou, uma a uma, todas as mulheres e crianças da aldeia. Foi aí que prestei atenção nela e compreendí que, além de ser uma mulher bonita, ela era a melhor pessoa que eu já havia conhecido na vida. Ela, que poderia ter vivido feliz no calor de um lar luxuoso, dava seu sangue para ajudar os menos favorecidos, vivendo na miséria e na penúria.

— Ela deve ter sido muito especial — sorriu Gillian.

Seu avô assentiu.

— Sua avó me ensinou que devemos amar e respeitar as pessoas pelo que são, não pelo que os outros dizem que são. De início, ela teve que lutar muito para que as pessoas não a olhassem como uma *sassenach*, mas conseguiu, e todos a adoravam, esquecendo seu passado. Recordo que meu pai, quando soube de sua procedência, ficou muito aborrecido comigo. Mas ela, dia a dia, soube conquistar seu carinho e respeito. No fim, meu pai e minha gente a amavam tanto quanto eu.

— É parecido com o que acontece com Megan e Shelma, não é?

— Oh... essas mocinhas! — sorriu Magnus ao pensar nelas. — A força delas muitas vezes me recorda a de minha adorada Elizabeth. Especialmente Megan. Está sempre lutando para defender quem é, e não pelo que algumas pessoas más dizem que é.

— \òvô, por que me contou isso?

— Porque, meu tesouro — sorriu o velho, olhando-a —, as pessoas importantes de nossa vida merecem

uma segunda chance. Escute, Gillian. talvez eu não seja a pessoa ideal para que fale sobre esses assuntos, mas vejo como olha para o jovem Niall e como ele a olha. São o fogo e a água. Se realmente desejam estar juntos, devem encontrar um equilíbrio.

— Oh... vovô — gemeu ela, olhando para ele. — Creio que isso nunca será possível. Somos tão diferentes que acabaríamos nos matando.

— Querida, Gillian — disse o velho, sorrindo —, se lhe contei a história de sua avó e minha é para que perceba que as pessoas, quanto mais diferentes forem, mais se atrairão. Sua avó e eu tínhamos tudo para nos matar: eu escocês, ela inglesa; eu um guerreiro bruto, ela uma dama de boa família; eu um rabugento mandão, ela um encanto com personahdade. Meu Deus, como recorde de nossas brigas!

As gargalhadas de Magnus retumbaram no salão. Gillian, olhando-o, disse:

— Mas você não é rabugento, vovô. É amável, protetor, sempre vela por nós.

— Tudo isso eu devo a ela. Ela me ensinou que na vida existem mais coisas além de blasfemar, mandar e brigar. Ela me ensinou a sorrir, a amar e a cuidar de todos vocês. Quando seus pais morreram, recorde que ela lutou para que você e Axel fossem felizes e, quando adoeceu, fez-me prometer que eu nunca permitiria que nenhum de vocês fosse infeliz. Ela me fez recordar como o amor é importante para encontrar a felicidade na vida. Se digo isso é porque sei que esse McRae é louco por você, meu tesouro. Posso ver isso nos olhos dele.

— E olhando-a com ternura, acrescentou: — \ãi negar que você sente o mesmo que ele?

— Tem razão, vovô — as sentiu Gillian, olhando-o nos olhos. — Mas, por ora, nada se pode fazer. Ele está decidido a ser o melhor guerreiro. Um guerreiro sem responsabilidades familiares, como uma esposa e filhos.

— Vamos lhe dar tempo para que ele se dê conta de que na vida existem coisas mais importantes que ser o melhor guerreiro — refletiu o velho. — E, se isso não acontecer, pensaremos em algo, meu tesouro.

Com olhos doces, Gillian beijou seu avô.

Ele sorriu.

— Ainda sente a falta dela, não é mesmo?

— Todos os dias de minha vida. Não há um único dia em que não me lembre de minha adorada Elizabeth — disse ele, levantando-se com sua neta. — Agora, vamos descansar. E tarde.

Após se despedir de seu avô, comovida pelo que ele lhe havia contado, Gillian subiu até as ameias segurando as lágrimas e, então, desabou. AH, buscou na escuridão da noite a silhueta de Niall, mas era impossível distingui-la. Pouco depois, entristecida e irritada, dirigiu-se para seu quarto, sem saber que aquele a quem buscava a olhava nas sombras enquanto se perguntava o que ia fazer para esquecê-la.

Capítulo 15

Despedir-se de Magnus, de Gillian e de sua gente foi triste e doloroso. Aquilo era como partir de seu lar de novo.

Gillian, com lágrimas nos olhos e um terrível nó na garganta, segurava a mão de Magnus enquanto dizia adeus. Ver suas amigas indo embora e sentir a indiferença de Niall partiu-lhe o coração. Tomaria a vê-lo?

A comitiva de guerreiros protegia Megan e Shelma, que cavalgavam entre eles, ao passo que Zac ia na carroça junto com Klou e os poucos pertences que possuíam, entre eles um cavalo velho chamado Lord Draco.

Lolach, Duncan e Niall encabeçavam a comitiva, que cada vez era mais numerosa. De poucos em poucos metros juntavam-se a eles os guerreiros que haviam ficado de vigia pelo caminho. Ao ver as mulheres, elas as

olhavam com curiosidade.

— Estou emocionada — murmurou Shelma, olhando ao redor.

— A que se deve tanta emoção? — perguntou Megan.

— Estou feliz — sussurrou Shelma para que ninguém a escutasse. — E você, não está?

— Eu estaria mais feliz se não tivéssemos que nos separar.

— E verdade — assentiu Shelma.

Aproximando seu cavalo do de sua irmã, perguntou:

— Ontem à noite, em sua intimidade, como foi?

— Shelma! — gritou Megan, atraindo a atenção de todos. — Que ideia de me perguntar isso!

— Por Deus, Megan, é minha irmã — disse Shelma, olhando para os lados. — Nós já havíamos ouvido algo sobre como fazer um homem feliz, mas nunca ninguém havia me explicado o que se fazia realmente. De qualquer maneira, se a incomoda falar disso, não prosseguirei.

— Não é isso — sorriu Megan.

E inclinando-se no cavalo, perguntou:

— Está confortável sentada no cavalo?

— Oh, meu Deus! — queixou-se Shelma. — Já não aguento mais. Estou dolorida, e o movimento do cavalo me mata cada vez que me roça você sabe onde.

— Cale-se! — gargalhou Megan.

Suas doces gargalhadas foram altas demais, atraindo os olhares de todos os guerreiros e de seus esposos. Ao escutá-las, censuraram-nas, levando um dedo à boca pedindo silêncio.

— Oh-oh, é melhor falarmos baixo. Nossos risos incomodam.

Mas sua irmã não estava disposta a se calar.

— Megan, sofreu muito na noite de núpcias quando Duncan entrou em você? — perguntou Shelma com curiosidade. — Eu, para ser sincera, houve um momento em que pensei que ia morrer de dor, mas logo passou... e... e... agora, adoro.

Sorrindo diante da sinceridade de sua irmã, e baixando a voz para que não as ouvissem falar de um assunto tão particular, Megan respondeu:

— Claro que doeu, Shelma. Foi igual como foi para você. Mas, superado o momento doloroso, e com o passar dos dias, é cada vez melhor. Já entraram juntos na banheira?

— Não — negou Shelma, olhando-a com os olhos arregalados.

— Oh.. Shelma — Megan corou ao recordar —, é maravilhoso. Banhe-se com ele e verá que sensações estranhas terá, os dois molhados e escorregadios.

— Farei isso — assentiu Shelma, mantendo aquilo em mente. — A propósito, fico assustada ao vê-lo nu. E olha que vi Zac mil vezes. Mas, que ninguém nos ouça, irmã, nunca imaginei que aquilo pudesse crescer tanto... tanto... Incrível!

Ouvindo isso, Megan não pôde reprimir uma sonora gargalhada, e Shelma a acompanhou. De novo, todos olharam para elas. Duncan olhou para Megan sério, de modo que ela teve que fazer um grande esforço para não continuar rindo, apesar de ser o que ela mais queria.

Niall, que continuava zangado com elas, aproximou-se, e com o semblante sério, disse:

— Nós agradeceríamos se parassem de fazer escândalo. Estamos passando pelo território dos Campbell.

— E o que tem isso? — perguntou Shelma, sorridente.

— Tivemos um pequeno percalço com Josh Campbell há alguns anos. Normalmente, eles passam por nossas terras e nós pelas deles, mas sempre é bom estar alerta. Portanto, fariam a gentileza de fechar essas boquinhas?!

— Prometemos fechar nossa boquinha — afirmou Megan — se você nos perdoar por sermos as piores mulheres do mundo e fugirmos do castelo sem lhe dizer nada. Prometemos nunca mais fazer algo assim em sua companhia.

— É evidente que não tornarão a fazer nada assim! — bramou Niall, dessa vez atraindo ele o olhar dos demais.

Baixando a voz, ele sussurrou:

— Se perdoá-las, será algo que eu farei quando decidir.

— Está muito zangado conosco, e isso não é bom — disse Shelma, movendo seu cavalo para deixar Niall entre as duas.

— Estou como merecem — replicou Niall com seriedade.

— Se desse quinze chicotadas em cada uma de nós, melhoraria essa cara? — perguntou Megan, percebendo um leve sorriso nele. — Niall, sabemos que agimos mal.

O jovem *highlander*, bem ereto em seu cavalo, não respondeu.

— Suba para vinte chibatadas — brincou Shelma ao notar que o queixo do rapaz começava a tremer —, e acrescente nos trancar em um quarto sem janelas, com uma colmeia de abelhas famintas.

Marota, Megan deu corda à irmã. Myles as escutava, e sorria diante do bom humor daquelas mulheres.

— E se isso lhe parecer pouco — sorriu Megan —, solte-nos em um bosque cercadas por uns quinze javalis selvagens.

Já chega! Está

— Oh... — bufou Niall, sorrindo. —

bem, eu as perdoo. Mas quero que saibam que me decepcionaram muito quando fugiram.

— Obrigada, Niall! — disseram ambas em uníssono.

E, trocando um sinal, lançaram-se sobre Niall, que

ficou espremido entre o abraço das duas mulheres.

Ao redor, os homens os observavam. Por que as mulheres estavam abraçando Niall? O murmúrio dos homens atraiu a atenção de seus *lairds*.

— O que está acontecendo aqui?! — gritou Lolach, e foi rapidamente pedir explicações.

Duncan os observava em seu cavalo.

— Meu esposo — disse Shelma com um sorriso —, estávamos agradecendo a Niall por nos perdoar. Não precisa gritar dessa forma.

— Vou acompanhar Ewen e Myles — anunciou Niall, afastando-se delas ao ver Myles sorrir —, antes que me metam em outra confusão.

— Lolach, meu tesouro, poderíamos parar? — prosseguiu Shelma. — Precisamos esticar as pernas e descansar um pouco.

— Não! Agora não é hora de parar. Continuará no cavalo até que eu diga! — vociferou Lolach bem alto, para que todos o ouvissem.

Incrédula diante do tom de voz usado por ele, Megan olhou para Lolach.

— Mas que mal-educado! — gritou Shelma, fazendo Lolach deter seu cavalo e voltar o olhar para ela. — Passamos tempo demais em cima do cavalo e precisamos descer. Nunca mais o chamarei de tesouro, bruto.

— É melhor que se cale — ordenou Lolach, aproximando-se dela.

Megan, surpresa com os modos de Lolach, olhou para ele com cara de poucos amigos. Duncan, ao ver o olhar desafiador de sua esposa, aproximou seu cavalo do de seu amigo e, sem afastar o olhar de Megan, ordenou-lhe que se calasse. Ela não devia se meter.

— Alto! — gritou Lolach, levantando a mão.

Todos pararam.

— Não se preocupe, é melhor seguirmos adiante — sussurrou Duncan.

Seu amigo fervia de indignação devido aos gritos da esposa.

— Não! Antes quero falar com minha mulher! — vociferou, desmontando de seu cavalo e puxando Shelma pelo braço.

Descendo-a de mau jeito e sem nenhum tipo de contemplação, Lolach a arrastou até uma área de mata fechada, onde ninguém os poderia ver.

Niall olhou para Duncan, que com o olhar, pediu-lhe

calma.

— O que vai acontecer? — perguntou Megan, indignada diante daquilo, sem poder afastar o olhar do bosque.

— Meu senhor vai lhe recordar como deve falar e se dirigir a ele — explicou Mael, um dos guerreiros de Lolach.

— Se ele se atrever a fazer algo a minha irmã — murmurou Megan —, vai se ver comigo.

Alguns guerreiros, ao escutá-la, ficaram boquiabertos.

— Você não fará nada — disse Duncan, aproximando-se de Megan. — Eles vão resolver seus problemas e você não deve se meter.

Mas Megan não estava disposta a ficar impassível diante daquilo.

— Mas não é justo! Ela só havia pedido para parar um pouco. Precisamos esticar as pernas, não

estamos acostumadas a ficar tanto tempo em cima de um cavalo. Acaso suas cabeças-duras de *highlander* não entendem isso?!

Os guerreiros tornaram a olhar para ela, incrédulos.

— Se não se calar — grunhiu Duncan com ferocidade —, terei que fazer o mesmo que Lolach. Meus homens estão nos olhando, e ninguém ergue a voz para seu *laird*. Portanto, cale-se!

Nesse momento Lolach e Shelma voltaram. Ela estava com os olhos vermelhos de chorar. Lolach, que não estava acostumado a essas situações, parou ao lado do cavalo de sua mulher para ajudá-la a montar. Mas Shelma, irada, deu a volta e subiu pelo outro lado, sem nenhum tipo de ajuda, deixando a todos impressionados.

— O que há com todos vocês?! Nunca viram uma mulher subir sozinha em um cavalo? — gritou Megan, sem se importar com o que pudesse acontecer.

— Vamos seguir nosso caminho — disse Lolach, montando em seu cavalo.

Sem olhar para Shelma, deu meia-volta e, ao olhar para Duncan, intuiu que ele estava indignado.

— Seguirão a cavalo sem incomodar até que decidamos parar. Não tomem a nos fazer parar, e, especialmente — disse Duncan, olhando para sua mulher —, não falem sem que eu solicite. Entendido?!

— Evidentemente, meu *laird* — respondeu Megan com um olhar frio.

Resolvido o assunto, a comitiva seguiu seu caminho. Nesse momento, Megan olhou para sua irmã, que havia voltado calada, e, de certo modo, tranquila.

— Está bem? — perguntou Megan, com vontade de pegar Duncan e jogá-lo contra uma árvore.

Quem ele pensava que era para falar com ela daquela

maneira?

— Sim, fique tranquila — assentiu Shelma, enxugando as lágrimas.

— O que aquela besta de Lolach fez com você?

— Oh... Megan — sussurrou Shelma, aproximando seu cavalo. — Ele me beijou.

— O quê?! — Megan quase gritou ao ouvir isso.

Havia acabado de discutir com seu marido enquanto

sua irmã e seu marido... se beijavam?

— Cale-se! — sorriu Shelma. — Ele me levou com maus modos para a mata, e eu... eu... comecei a chorar. E ele me beijou e me disse que nunca mais tornasse a gritar e a insultá-lo diante de ninguém, e

menos ainda de seus homens. Ele é adorável!

— Ele é um... animal! Igual ao Falcão — murmurou Megan olhando para as costas largas de seu marido.

Em duas ocasiões, ele havia voltado o olhar para intimidá-la, coisa que não conseguira.

— De qualquer maneira, fico feliz por ele não ter feito nada contra você, porque isso teria me obrigado a matá-lo.

Myles e Niall, que estavam perto delas, entreolharam-se, incrédulos, ao ouvir aquilo da boca de Megan. Fazendo retroceder seus cavalos, cavalgaram em direção oposta, onde puderam cair na gargalhada. Que mulheres!

O sol estava começando a se pôr e ainda continuavam montadas no cavalo. Elas não tomaram a pedir a atenção dos *lairds*, que pareciam desfrutar o caminho e ter se esquecido delas.

— Meu Deus! — queixou-se Shelma, não aguento mais.

Estava tão dolorida que começava a se sentir mal.

— Até minha alma dói — suspirou Megan.

Em todo aquele tempo elas montaram de lado e do modo tradicional. Duncan não tornou a olhar para ela. Comportava-se como se ela não estivesse ah — algo que a incomodou. De repente, Megan olhou para a carroça onde Zac dormia. Sorrindo para sua irmã, murmurou:

— Shelma, vê a carroça?

Sua irmã se voltou e seu olhar se iluminou. Perguntou:

— Está pensando o mesmo que eu?

— Totalmente — assentiu Megan. — Se formos na carroça, seguiremos o caminho, não os incomodaremos, e, especialmente, não os faremos parar. Creio que estaremos cumprindo todas as normas, não acha?

— Sim. E nossos traseiros nos agradecerão — disse Shelma, fechando os olhos.

— Mais uma coisa — disse Megan, marota. — Quando estivermos na carroça, sorria para os homens de seu marido com cara angelical e peça-lhes silêncio. Eu farei o mesmo com os do meu.

Ambas tomaram as rédeas de seus cavalos e se aproximaram da carroça.

Myles, Mael, Ewen e Gelfrid cavalgavam atrás da carroça. Ewen apontou para as mulheres e, de boca aberta, os homens viram as jovens, sem deter seus cavalos, pularem na carroça. Elas amarraram seus cavalos e, sem pensar duas vezes, deitaram-se com Zac. Mas, antes, as duas dedicaram um sorriso radiante aos guerreiros, e com o dedo na boca pediram-lhes silêncio.

— Por todos os diabos! — exclamou Ewen ao ver aquilo.

— Elas poderiam ter quebrado o pescoço — murmurou Mael, e com uma mão indicou aos homens que se calassem.

— Creio que a chegada de nossas senhoras aos clãs será comentada — riu Myles olhando para Mael, que assentiu e também riu.

Ao anoitecer, Duncan e Lolach comunicaram a seus guerreiros que iam acampar. Por obstinação, Duncan não havia olhado nem uma única vez para sua mulher, que deveria estar atrás. Mas, quando desceu de seu majestoso cavalo, Dark, esperava encontrar Megan aborrecida. De modo que ficou sem palavras quando não viu nem ela nem sua irmã.

— Onde diabos estão? — perguntou Duncan, olhando ao redor.

— Quem? — disse Lolach.

— Sua mulher e a minha.

Com a raiva se apoderando dele, Duncan, seguido por Lolach, surpreso, dirigiu-se a Niall. Acaso não havia notado a falta das mulheres?

— Fique tranquilo, irmão. Fique tranquilo, Lolach — disse Niall ao ver a cara dos guerreiros. — Elas estão dormindo na carroça.

— Na carroça? — espantou-se Lolach.

Indo atrás de Duncan, comprovou que elas dormiam tranquilamente ao lado de Zac.

— Meu *laird* — Mael se aproximou de Lolach —, foi tudo muito rápido. Elas puseram os cavalos ao lado da carroça e saltaram.

— Impressionante a habilidade de suas mulheres, *lainis* — riu Myles, olhando para Duncan.

— Por que ninguém nos informou disso? — perguntou Duncan olhando para sua mulher.

Megan estava linda dormindo.

— Desculpem — disse Myles, guarda de Duncan e bom amigo. — Se eu houvesse obrigado Maura a ficar tantas horas montada no cavalo, garanto que ela ficaria uma fera. Cavalgamos o dia todo sem parar. Elas mereciam esse descanso.

Duncan, escutando o bondoso Myles, assentiu e se calou.

— Tem razão — disse Lolach, enfeitiçado com a respiração de sua esposa. — Passaremos a noite nesta clareira. Montem duas tendas, tragam água e preparem algo para comer.

E, olhando para Duncan, murmurou enquanto caminhavam para o lago para se lavar:

— Amigo, creio que nos casamos com mais do que duas simples mulheres.

— Eu nunca duvidei disso. Aquelas duas raposas velhas já nos haviam dito que elas eram duas éguas excelentes — Duncan sorriu com cumplicidade, dando um soco no ombro de Lolach, que o devolveu, divertido.

Capítulo 16

O cheiro da comida fez Megan voltar ao mundo real. Espreguiçando-se lentamente, seu nariz procurou a procedência daquele aroma tão delicioso. Foi quando percebeu que estava dentro de uma tenda. Como havia chegado até ah?

Com extremo cuidado, ela foi até a abertura. Disfarçadamente, olhou para fora, e teve que sorrir quando viu Zac e seu cachorro brincando com Ewen. Aquele gigante parecia ter tomado muito carinho por seu irmão.

Sentado, apoiado em um grande tronco, com as pernas esticadas, Duncan falava com Niall. Parecia irritado. Sua testa e seus olhos diziam isso. Os demais guerreiros estavam dispersos por toda a clareira. Então ouviu risos que atraíram sua atenção. Era sua irmã, Shelma, que saía da tenda acompanhada por Lolach. Durante alguns instantes, olhou para eles. Pareciam

felizes, e isso lhe agradou.

Faminta e morrendo de sede, Megan decidiu sair da tenda. Foi afastar o pano da abertura quando Duncan se levantou de um salto e a passos largos chegou a ela.

— Por fim acordou — disse, examinando-a com o olhar. — Venha, coma um pouco de ensopado, vai fazer bem a você. Hoje mal comemos.

Megan, sem dizer nada nem olhar para ele, seguiu-o, e de bom grado aceitou o prato que um dos guerreiros lhe ofereceu.

— Como se chama? — perguntou Megan olhando para o homem, que devia ser o cozinheiro.

— John, milady — sussurrou ele, estranhando que sua senhora lhe dirigisse a palavra. — Espero que goste de meu cozido.

Balançando a cabeça para o homem e ignorando Duncan, Megan se afastou e se sentou debaixo de um choupo, onde começou a comer tranquilamente. Duncan, sentindo-se ignorado, olhou para ela com espanto. Ninguém jamais tivera coragem de tratá-lo assim. Mas, apesar de tudo, sentou-se ao lado dela, que, sem olhar para ele, continuava comendo.

— Percebo que não está muito falante. Sempre se levanta de tão bom humor? — brincou Duncan.

Mas ela continuou sem olhar para ele. Isso estava

começando a desesperá-lo.

— Megan, olhe para mim. Por que não fala comigo?

— Oh, meu senhor! — disse ela com ironia e acidez, sabendo o risco que corria. — O senhor me permite falar? Lembro que da última vez que se dirigiu a mim havia me ordenado para não falar enquanto

não permitisse.

Duncan suspirou.

— Tem razão. Desculpe por minhas palavras. É evidente que pode falar.

— Agora não desejo falar com você — disse ela, surpreendendo-o, como sempre.

Dito isso, Megan se levantou rapidamente. Antes que Duncan pudesse pegá-la pelo braço, ela se dirigiu ao cozinheiro. Ao vê-la chegar, o rapaz olhou para ela com curiosidade.

— John, seu cozido estava delicioso. É um grande cozinheiro.

— Obrigada, milady — respondeu o rapaz, orgulhoso, enquanto a observava se afastar.

— Aonde pensa que vai? — disse Duncan, pegando-a pelo braço.

Ela, sem olhar para ele, disse:

— Preciso de um pouco de privacidade. Gostaria de me lavar.

— A água está fria demais; além do mais, o lago está ocupado por Lolach e Shelma — respondeu Duncan, tentando fazer contato visual.

Mas ela não queria olhar para ele.

— Meu senhor, preciso de sua permissão para fazer meu asseio pessoal?

— Esta discussão ridícula acabou! — advertiu Duncan, mal-humorado.

Sem soltar-lhe o braço, irritado, ele a levou até um lugar afastado dos olhares curiosos de seus homens. Precisava falar com ela.

— Muito bem, mulher. Pode me dizer o que está acontecendo?

Cravando seus olhos escuros nele, Megan disse, em um tom pouco conciliador:

— Posso falar, oh, meu dono e senhor?

— Maldição! — grunhiu Duncan, desesperado. — Pare de me chamar de senhor e fale.

Megan, vendo o desespero nos olhos de seu marido, com um meio-sorriso olhou para ele, desafiadora. E pondo as mãos na cintura, disse:

— Agora que voltou a ser Duncan e que posso falar, eu direi que hoje você se comportou como um estúpido e mal-educado, e que desejei matá-lo em várias ocasiões.

Vendo que ele a olhava divertido, continuou, enquanto

coçava a ferida em sua testa:

— Maldição, Duncan! Minha cabeça vai explodir de dor. Minha irmã e eu não somos guerreiros. Talvez sejamos mais fortes do que outras mulheres, mas ontem à noite ambas desfrutamos nossos maridos na intimidade de nosso quarto. E por isso estamos doloridas e cansadas.

Ouvindo isso, Duncan fechou os olhos. Como podiam ter sido tão brutos e não pensar no que ela estava dizendo?

Megan prosseguiu:

— E eu teria gostado muito que meu marido, esse que ontem à noite me dizia coisas bonitas, houvesse notado que eu precisava descer do cavalo porque...

Não pôde continuar. Duncan a atraiu e a beijou. Beijou-a com avidez e desejo, com ternura e paixão, enquanto sussurrava desculpas em gaélico. Desculpas que ela aceitou. Megan adorava esse homem. Seus beijos, seus lábios, seu sorriso eram capazes de enlouquecê-la. Um momento antes estava irritadíssima com ele, e agora não queria que parasse de beijá-la.

— Sou um bruto, desculpe — implorou Duncan, acariciando-lhe o cabelo. — Nunca tive que pensar com dehcadeza, mas, agora que a escuto, percebo meu erro. Pode me perdoar?

— Se me pedir de joelhos diante de todos os seus homens, sim — brincou Megan.

— Que está dizendo, mulher? — gritou ele, afastando-se.

Megan caiu na gargalhada ao ver a cara dele.

— Estou brincando, Falcão — e riu, abraçando-o e sentindo-o relaxar. — Claro que o perdoou!

E após um beijo ardente ela acrescentou:

— Eu, de minha parte, tentarei medir minhas palavras e meus atos diante de seus homens.

— Fará bem — disse ele, agradecido. — Meus homens não estão acostumados a ver ninguém, e muito menos uma mulher, falar comigo no tom que você usou hoje. A propósito, agradeça por eu não a ter visto pular do cavalo à carroça.

— Por quê? Não detive a marcha, nem incomodei ninguém — disse ela, tocando a testa dolorida.

— Lady McRae — sussurrou Duncan, beijando-lhe a testa com delicadeza —, minha intenção é que nosso casamento dure um ano e um dia e, para isso, preciso que me ajude a mantê-la viva.

— Está bem — suspirou ela, gesticulando e fazendo-o rir.

— Sabe de uma coisa, Impaciente? — disse Duncan olhando para ela com paixão enquanto voltavam ao

acampamento. — Não sei por que gosto tanto de você.

— Eu sei — riu ela. E, fazendo-o sorrir, disse:

— Porque eu lhe dou vida.

Capítulo 17

Na manhã seguinte, depois de uma noite de sentimentos estranhos observando sua mulher dormir, e de um amanhecer cheio de beijos e carinhos, Duncan se levantou sentindo-se observado por seu irmão e Myles. Ao vê-lo, eles se entreolharam e sorriram. Naquele segundo dia, as mulheres foram sentadas na carroça com Zac, que não parava de brincar com Klon.

— Zac, fique quieto — censurou Shelma, farta de levar golpes.

— É Klon — protestou o menino.

— Klon, fique quieto — murmurou Megan, fascinada ao ver Duncan falar com Myles e sorrir.

Ela adorava vê-lo sorrir!

— Tenho algo a dizer — disse Shelma se aproximando de Megan. — Ontem tentei aquilo que me sugeriu, na água.

Megan olhou para Shelma sem entender. Perguntou:

— Do que está falando?

— Você sabe! Água, lago, intimidade. Lolach e eu.

— Cale-se, alguém pode ouvi-la! — gargalhou Megan ao entender do que Shelma estava falando.

Sua irmã mais nova estava ficando descarada demais.

— Oh, Megan! Adoro tudo que faço com Lolach. É tudo tão... tão...

Nesse momento, Duncan, sério, levantou a mão e todos pararam. Rapidamente, vários guerreiros se postaram ao redor delas, impedindo-as de ver o que estava acontecendo.

— O que houve? — perguntou Megan, segurando seu irmão.

— Silêncio, milady! Alguém está se aproximando — sussurrou um dos guerreiros.

Diante deles apareceu um cavalo branco, com um homem ferido. Depois de se certificar de que não era uma armadilha, Duncan e Lolach se aproximaram do homem, que estava inconsciente, e o desceram do cavalo.

— Mande vinte homens seguirem caminho — ordenou Duncan olhando para Myles. — Estaremos com eles assim que conseguirmos saber o que aconteceu com este homem.

Myles, Ewen e outros guerreiros seguiram caminho, enquanto Megan e Shelma desceram da carroça para ajudar o homem. Ele tinha uma flecha cravada no braço e outra nas costas.

— \bltem para a carroça! — gritou Lolach ao vê-las se aproximando.

— Nem pensar! Esse homem precisa de ajuda, e eu vou ajudá-lo — respondeu Megan, olhando para seu marido.

Duncan assentiu.

— \òu buscar a bolsa de remédios — disse Shelma, correndo até a carroça.

Com rapidez, a moça examinou as feridas. Fazendo uma careta, olhou para seu marido.

— Ele precisa de ajuda. Está ardendo de febre devido à infecção provocada pelas flechas — murmurou Megan. — Deitem-no em cima de uma pele — e gritou, chamando o cozinheiro. — John! Preciso de *aqua vitae*, fogo, um ferro quente e panos limpos para limpar as feridas. Agora!

Todos olhavam, fascinados, enquanto aquelas duas moças trabalhavam para tirar as flechas das costas e do braço do ferido sem causar maior mal. Com grande habilidade, Megan suturou as feridas, enquanto Shelma espalhava com cuidado pós feitos com ervas por cima.

Pouco tempo depois, a febre do homem começou a

ceder, tranquilizando as moças.

Naquela noite, sentados junto ao fogo, Duncan observava enquanto elas colocavam com delicadeza compressas frias na testa do ferido.

— Pobre homem! — exclamou Shelma. — Quem pode ter feito isso com ele?

Nesse momento, o homem murmurou algo que fez Megan e Shelma se entreolharem. Ele era inglês! Assustadas, olharam ao redor. Ninguém, afora elas, o havia ouvido.

Duncan notou que algo havia acontecido, e sentiu mais curiosidade ao ver que sua mulher se aproximava do ouvido do homem.

Sem notar que seu marido a observava, Megan se agachou ao lado do homem e sussurrou em seu ouvido, em perfeito inglês:

— Por Deus, cale-se! Está cercados de escoceses. Se dá valor à sua vida, não fale.

Mas como ele não lhe dava ouvidos, pôs outro pano de água fria na boca do homem, e depois na testa, quando conseguiu fazer com que se calasse.

O desconhecido, ao ouvir o sotaque delas, a duras penas conseguiu abrir os olhos. Mas após um breve, mas significativo, sorriso, desmaiou.

— O que vamos fazer? — perguntou Shelma,

contrariada, olhando ao redor.

— Por ora, curá-lo. E tentar fazer com que não fale

— propôs Megan.

Ao ver que Duncan a olhava, sorriu para ele.

— Disfarce, meu marido não para de olhar para nós.

— Mas cedo ou tarde eles vão descobrir — sussurrou Shelma, inquieta pela proximidade de Lolach.

— Cale-se e disfarce! — censurou Megan.

O *highlander*, depois de falar com Mael, aproximou-se das moças.

— Shelma — disse Lolach, estendendo a mão, que ela aceitou —, devia descansar. Amanhã seguiremos caminho.

E olhando para Megan, acrescentou:

— Você também devia descansar. Temos ainda um longo caminho pela frente.

— Ficarei um pouco mais — respondeu ela com um sorriso, enquanto via sua irmã se levantar e ir com ele.

— Desejo a vocês uma boa noite.

Uma vez sozinha com aquele homem, Megan procurou seu marido com os olhos, mas não o encontrou. Havia desaparecido. Observou os demais homens, e todos pareciam absortos em suas coisas ou dormindo sobre suas peles. Com interesse, ela observou o estranho. Quem seria? E, especialmente, o que estava

fazendo em território escocês?

— O que está pensando? — assaltou-a de súbito a voz de Duncan, tão perto que Megan teve um sobressalto.

— Oh... nada de especial — respondeu ela, tentando sorrir.

— Este homem se salvará, e deverá sua vida a você e sua irmã — disse ele, sentando-se com Megan.

Isso a fez temer que o ferido voltasse a delirar em inglês.

— Quem lhe ensinou o poder das plantas? — perguntou Duncan.

— Felda, a esposa de Mauled — sorriu Megan ao recordá-la. — Ela era uma mulher muito carinhosa e sempre cuidou de nós com muito amor, até que morreu. Recordo como ela se aborrecia com vovô e com Mauled quando eles nos ensinavam a fazer coisas de homens. Mas Felda também sentia orgulho quando nos via montar a cavalo ou realizar coisas que supostamente muitas mulheres não fazem.

— Coisas?! — Duncan se deitou com os braços embaixo da cabeça, para ficar mais confortável. — Que coisas? Nós mal nos conhecemos, e não sei o que sabe fazer além de cuidar de seus irmãos, ser teimosa, meter-se em problemas e ter o corpo cheio de ferimentos.

— Ora... cale-se! — sorriu Megan.

— Montar, monta bem — assentiu ele, olhando para ela —, mas isso é algo que a maioria das escocesas sabe fazer.

— Tem razão — respondeu Megan, sorrindo.

Ele ainda não a havia visto montar a cavalo de verdade!

— Papai e mamãe me ensinaram quando eu era pequena, mas vovô e Mauled aperfeiçoaram meu estilo.

— Surpreende-me o fato de que sabe ler e escrever — recordou ele.

— Quando vivíamos em Dunhar, tínhamos professores que iam diariamente a casa para nos instruir em diferentes matérias: miss Fanny nos ensinava bons modos, idiomas, danças de salão e costura; mister Parker, leitura, escrita e a arte dos números. Mas, para ser sincera, o que vovô, Felda e Mauled me ensinaram é o que realmente necessito para viver.

— Lamento muito pelo que aconteceu com seus pais — apontou ele, observando-a enquanto ela trocava o pano molhado do ferido. — Deve ter sido terrível perder os dois e passar pelos sofrimentos provocados por seus tios.

Megan sorriu com tristeza.

— Viver com meus tios foi uma crueldade para nós. Para eles, éramos um estorvo; se eles se livrassem de nós, herdariam a propriedade de meu pai. Mas tudo ficou para trás quando vovô, Felda e Mauled nos acolheram. Ah! E Magnus — sorriu ao recordá-lo. — Nosso *laird* sempre se comportou muito bem conosco, apesar do que as pessoas diziam.

— Conhece o motivo do carinho de Magnus por vocês? — perguntou Duncan, cravando-lhe o olhar.

Ele queria saber até que ponto sua mulher conhecia a verdade.

— Sim, conheço. Sabe o que é pior? — disse Megan, observando-o fixamente e fazendo-o sentir a desolação em suas palavras. — Quando vivíamos em Dunhar, éramos as bastardas escocesas. Agora, na Escócia, somos as *sassenachs*. E como se não pertencéssemos a lugar algum.

— Nunca mais terá que passar por isso de novo — afirmou ele ao sentir a tristeza de suas palavras. — Agora é Megan McRae, minha mulher, e não permitirei que ninguém lhe faça mal; nem a você nem a seus irmãos.

Megan sorriu. Aproximando-se, deu-lhe um breve beijo nos lábios. Duncan adorou.

— Acredita que sua gente me receberá com agrado quando souber de minha procedência?

— Como eu disse — afirmou Duncan, estendendo a mão para tocar a face de Megan —, você é Megan McRae, minha esposa. Quem não gostar de você não vai querer pertencer a meu clã.

Ao amanhecer, quando o acampamento começou a despertar, Megan saiu da tenda cautelosamente para visitar o homem ferido. Tocou-lhe a testa e sorriu ao comprovar que não tinha febre. Com delicadeza, levantou a bandagem do braço do homem, pôs um pouco de unguento e tornou a cobri-lo.

— Obrigado, milady — sussurrou o homem, olhando para ela.

Surpresa ao escutá-lo, ela o fitou.

— Ssshh... — disse Megan, olhando para os lados. — Não fale; se eles souberem que é inglês, terá problemas.

— Você também é inglesa, embora seja esposa de *laird* Duncan McRae.

Ao ver que ele sabia daquilo, perguntou:

— Escutou nossa conversa?

— Sim, milady — as sentiu o homem. — Falavam diante de mim.

Ela sorriu.

— Entende gaélico?

— Sim.

— Bem — suspirou Megan, aliviada. — Então, a partir de agora, fale só em gaélico. Isso lhe evitará problemas. Mas responda: o que aconteceu com você?

Nesse momento Shelma apareceu e, ao vê-lo acordado, deu-lhe um sorriso e disse em inglês:

— Fico feliz de vê-lo melhor.

— Cale-se, tonta! — censurou Megan, arregalando os olhos. — Ele sabe falar gaélico.

— Oh... melhor! — alegrou-se Shelma. — Uma pergunta: como...

— Meu nome é Anthony McBean. Minha mãe, assim como a sua, era escocesa, e meu pai, inglês.

— Como sabe sobre papai e mamãe? — perguntou Shelma com estranheza.

— Ontem à noite ele ouviu Duncan e eu conversando — respondeu Megan, voltando a concentrar a atenção no ferido. — O que aconteceu para que esteja nestas condições?

— Milady, meu cunhado, Sean Steward, tentou me matar.

— Que horror! — estremeceu Shelma. — Por quê?

— Pelo mesmo motivo que falava ontem à noite com seu marido — disse ele, olhando para Megan. — Eu me casei com Briana, e tudo ia bem, até que Sean soube que meu pai era inglês. A partir desse momento, nossa vida começou a ser um verdadeiro inferno. Há alguns dias,

consegui levar Briana para a casa de minha mãe, mas meu cunhado e alguns homens tentaram me matar por ser um *sassenach*. Minha mulher, diante disso, entregou-se em troca de que não me matassem. Não deixaram que ninguém me ajudasse. Eles me abandonaram no meio do bosque, montado em meu cavalo. O resto vocês já sabem.

— Meu Deus, que história triste — disse Shelma.

— Que coisa terrível isso que está acontecendo entre escoceses e ingleses! — disse Megan.

E, ao ver Duncan sair da tenda, acrescentou:

— E o pior são as consequências horrorosas que nós, filhos nascidos dessas uniões, temos que pagar.

— Milady, minha mulher está grávida — suspirou Anthony. — Ninguém sabe ainda, mas temo pelo que poderia acontecer se alguém descobrir. O que fariam a ela ou a meu filho? Preciso voltar — disse o homem, sentando-se e contraindo-se de dor. — Tenho que encontrá-la antes que esses loucos lhe façam mal.

Quando Duncan chegou perto deles, os três se calaram, confirmando o que ele já suspeitava. Com um sorriso nos lábios, Megan se levantou e tomou a mão de seu marido para dizer graciosamente:

— Hoje nosso doente está melhor. — E apontando para seu marido, disse: — Anthony, este é meu marido,

laird Duncan McRae.

Duncan falou, sério e implacável:

— Qual é seu nome? — perguntou.

— Anthony McBean, *laird* — respondeu o homem, tentando se levantar.

Mas Duncan não lhe permitiu. Não sabia por que, mas aquele homem lhe parecia uma boa pessoa.

— Não se mova, ou acabará com todo o trabalho de minha mulher e sua irmã.

— Eu lhes agradeço a gentileza, *laird* McRae — disse, suspirando de dor. — A partir deste momento, estou em dívida com vocês.

Duncan, sem afastar o olhar dele, perguntou:

— O que aconteceu com você?

— Foi assaltado no caminho — respondeu Megan apressadamente.

Seu marido ergueu uma sobranceira, com curiosidade.

— Quando viram que não carregava mais do que umas moedas — continuou Shelma, vendo seu marido se aproximar —, ficaram tão aborrecidos com ele que quase o mataram.

— Estou falando com ele — suspirou Duncan, tentando manter a calma, enquanto Lolach se punha a seu lado. — Poderiam fazer a gentileza de sair um pouco

e nos deixar a sós? Precisamos falar com ele.

— Impossível! — gritou Megan. — Temos que tratar dele.

— Farão isso depois — sentenciou Duncan. — Quero falar a sós com ele.

— Shelma — grunhiu Lolach ao perceber a obstinação das duas. — Se não quiser problemas, pegue sua irmã e afaste-se daqui agora mesmo.

A contragosto, elas se afastaram. Mas Anthony as acalmou com um sorriso.

Quando ficaram os três sozinhos, Duncan fez as apresentações.

— Este é *laird* Lolach McKenna — disse olhando para o homem, depois se voltando para Lolach e prosseguindo: — O nome dele é Anthony McBean, e segundo sua mulher e a minha, foi assaltado no caminho e lhe roubaram pouco mais do que umas simples moedas.

Dito isso, Duncan cravou o olhar no homem, e em perfeito inglês, perguntou:

— Tem certeza de que elas estão dizendo a verdade?

Ao ver-se descoberto, Anthony não quis mentir.

— Não, *laird* McRae — respondeu em inglês, surpreendendo Lolach. — E, por favor, desculpem suas mulheres, elas mentiram para me ajudar.

— É inglês? — perguntou Lolach, incrédulo.

— Não, *laird* McKenna. Fui criado em Inveness e, assim como suas esposas, as pessoas me chamam de *sassenach* pelo fato de meu pai ter sido inglês.

Duncan e Lolach se entreolharam. Aquele homem havia cometido o mesmo delito que suas mulheres. Ou seja, nenhum.

— Agradeço sua sinceridade, Anthony — prosseguiu Duncan, mostrando-lhe sua confiança —, e quero que saiba que isso acabou de salvar sua vida.

E olhando para Lolach, prosseguiu:

— Eu nunca teria acreditado que os ladrões haviam deixado para trás a comida e as moedas que encontrei em seu cavalo, além de umas anotações escritas em inglês.

— O que aconteceu realmente? — suspirou Lolach.

E olhou para Megan e Shelma, que não tiravam os olhos dele.

Com a angústia refletida em suas palavras, Anthony tornou a relatar o que momentos antes havia contado às mulheres. Duncan, furioso diante daquela mentira, tentou aplacar sua ansiedade. Estava tão aborrecido que desejava pegar Megan pelo pescoço e açoitá-la.

— Não se mova, Anthony — disse Lolach, apiedando-se do homem.

Se alguém o obrigasse a se separar de Shelma pelo fato de seu pai ter sido inglês, ele enlouqueceria.

— Descanse. Conversaremos quando estiver mais forte.

— Ouça o que diz Lolach. Descanse e recupere-se — disse Duncan, lendo o pensamento de seu amigo.
— Vai precisar de todas as suas forças para recuperar sua esposa.

E olhando para Megan e sua cunhada, disse:

— Vou lhe pedir um favor, Anthony.

— Pois não, *laird* — disse o homem, inclinando a cabeça.

— Nossas mulheres não devem saber que conhecemos a verdade.

— *LairdMcRae*... — o homem se mexeu, contrariado por ter que continuar mentindo. — Elas foram muito gentis comigo, e não sei se poderei...

— Terá que poder — ordenou Lolach, entendendo o que seu amigo queria comprovar.

— Eu lhe ordeno, Anthony — disse Duncan, endurecendo a voz. — Se deseja que o ajudemos a recuperar sua esposa, deve cumprir esta ordem.

— Está bem, *laird* McRae — assentiu o homem, com medo de aborrecer o Falcão.

— Agora, descanse — disse Lolach.

E se afastou com seu amigo.

— Veremos com quem está a lealdade de nossas mulheres: se com um estranho que acabam de conhecer, ou com seus maridos — resmungou Duncan, fazendo Lolach sorrir.

— Acredita que essas aprendizes de feiticeira serão capazes de sustentar a mentira?

— Tenho certeza absoluta — assentiu Duncan.

E, olhando para sua mulher, viu que nesse momento estava correndo atrás de Zac e de seu cachorro.

No dia seguinte, algo mudou. Com estranheza, Megan percebeu que seu marido a observava com um olhar obscuro e penetrante. Já não lhe sorria, nem buscava sua companhia. Shelma, assim como sua irmã,

também notou a mudança em Lolach, e isso estava começando a incomodá-la. Por que seu marido não falava com ela? Na noite anterior, ela o esperara até tarde. Desejava sua companhia, mas ele preferira dormir ao relento com os demais homens.

Montadas em seus respectivos cavalos, elas olharam para a carroça. Zac conversava com Anthony e com Ewen. Os três pareciam estar se dando bem.

— Acha que Anthony conseguirá chegar até sua mulher? — perguntou Shelma.

— Espero que sim — assentiu Megan. — Pobre

Briana, sua vida deve ser um sofrimento. Fico muito feliz por nossos maridos terem mudado o caminho para tentar ajudá-lo.

— Melhor, pois assim permaneceremos mais tempo juntas — sorriu Shelma.

Nesse momento, Lolach passou perto delas. Shelma fitou-o e lhe deu um sorriso, mas ele não retribuiu.

— Não entendo — queixou-se Shelma. — O que há com ele? Por que não fala comigo?

— Duncan está igual — suspirou Megan, fitando as costas largas de seu marido. E com um meio sorriso, disse: — Talvez estejam com ciúme pelos cuidados que dispensamos a Anthony.

— Mas ontem à noite ele não dormiu na tenda — queixou-se Shelma ao ver Lolach rir com Mael.

— Acaso ele não sabe que é o único homem que me faz suspirar?

— Talvez precise fazê-lo recordar — disse Megan. — Vá e tente falar com ele. Tenho certeza de que ele gostará disso.

Com um sorriso maroto, Shelma tomou as rédeas de seu cavalo e se pôs ao lado de Lolach e de Mael. Eles não perceberam a proximidade da mulher, até que ela falou:

— Lolach, quanto de estrada nos resta ainda?

Ao escutá-la, Lolach fez um sinal a Mael, que se retirou.

— Bastante — respondeu ele com voz dura e sem olhar para ela.

— Tenho vontade de conhecer suas terras. São tão lindas quanto Dunstaffnage? — perguntou ela de novo, tentando demonstrar afabilidade.

— São mais bonitas! — respondeu ele, controlando seu desejo de beijá-la e sufocá-la.

Ficar irritado com ela era uma verdadeira tortura para ele. Shelma era a coisa mais deliciosa que ele já havia visto. Sua mulher o encantava. Mas aquela mentira absurda o estava consumindo.

— Tinha gado, não é? — continuou ela, sem se dar por vencida.

— Sim.

— Ontem à noite esperei sua companhia — sussurrou Shelma, baixando a voz.

Lolach suspirou e disse:

— Eu tinha coisas melhores para fazer.

— Dormir com seus homens, por exemplo? — perguntou ela, ofendida.

— Meus homens e meu clã são o mais importante.

E, sem olhar para ela, disse em tom duro:

— \blte para sua irmã. Estou tratando de coisas

importantes com Mael.

Confusa, Shelma o fitou com mais ódio que outra coisa. Conteve a língua, ergueu o queixo, puxou as rédeas de seu cavalo e voltou para a companhia de sua irmã.

— Eu o odeio! — grunhiu, irritada. — Dormir com seus guerreiros e sua gente é mais importante do que eu.

— Fique calma — suspirou Megan —, vou tentar falar com Duncan.

Contornando vários guerreiros, Megan conseguiu ver as costas fortes e varonis de seu marido. Ele estava falando com Myles. Ela trotou calmamente até se pôr ao seu lado. Ao vê-la, Myles sorriu e os deixou sozinhos.

— O que deseja? — perguntou Duncan secamente.

— Percebo que seu humor está magnífico — sorriu ela com frieza.

Olhando para os lados, viu que vários homens a observavam.

Sem tirar os olhos da estrada, o *highlander* disse:

— \blte para sua irmã.

— Não! — sussurrou Megan para que ninguém além dele a ouvisse. — Quero falar com você.

— Pois bem.

Talvez ela fosse confessar o que ele ansiava ouvir.

— Sobre o que quer falar?

— Bem, não sei. Talvez sobre quanto falta para chegarmos, o que significa o amor para você, ou talvez o motivo por que não fala comigo.

— Em relação a sua primeira pergunta, faltam vários dias. Quanto à segunda, não acredito no amor. E

quanto à terceira, prefiro não falar.

— Não acredita no amor? — perguntou Megan, vendo que ele não olhava para ela. — E por que me diz palavras bonitas às vezes?

— Porque as mulheres gostam disso — respondeu ele, irritado.

Ofendida, Megan suspirou.

— Eu nunca pedi essas palavras — queixou-se ela, com raiva. — Portanto, se não as sente, não torne a dizê-las. Porque se um dia disser “eu te amo”, gostaria que fosse porque o sente, não para adoçar meus ouvidos.

— Essas malditas palavras nunca sairão de minha boca! — disse ele, fazendo Megan olhar para o marido com vontade de matá-lo.

— E um selvagem insensível!

— Fora de minha vista! — exclamou Duncan, cada vez mais irritado.

— Mas pode me dizer o que há com você?

— Fora de minha vista! — rugiu ele de novo.

A raiva que Megan viu nos olhos injetados de sangue de Duncan fez com que ela retrocedesse, confusa, sem dizer mais nada. O que estava acontecendo com ele?

Capítulo 18

Naquela tarde, depois de cavalgar pelo maciço dos Cairngorms, chegaram a uma enorme fortificação que se erguia ao lado de uma aldeia. Os *highlanders* soltaram gritos de boas-vindas ao identificá-las desde as alturas.

Duncan e Lolach eram bem recebidos nas terras de Gregory McPherson. Ali se sentiam quase em casa. Alguns guerreiros ficaram na aldeia, com Anthony e a carroça, enquanto o resto seguiu até a fortificação.

— Que São Fergus troveje! — gritou um homem maduro, de cabelos cinzentos, com aspecto de selvagem, saindo pela grande arcada da fortificação seguido de vários homens.

— McPherson! — riu Duncan ao ouvi-lo. — Faria a gentileza de aplacar a sede destes pobres viajantes?

— Por São Ninian, McPherson! Sua *aqua vitae* é tão excelente que todos passamos para saudá-lo.

Quem disse isso foi o jovem Kieran O’Fiara, um guerreiro louro, de incríveis olhos azuis, que ao ver Duncan, sorriu. Mas este o recebeu de cara amarrada.

— Era só o que me faltava! — disse Lolach, desviando o olhar.

— Tragam cerveja e *aqua vitae* e preparem vários quartos! — ordenou McPherson a seus criados.

Eles rapidamente arregaçaram as mangas.

— Que alegria tê-los aqui! — E olhando com curiosidade para as mulheres, que o observavam em seus cavalos, apontou:

— Então é verdade? \òcês se casaram?

Megan, ofendida pelo modo como Duncan sorria para uma morena de peitos grandes, ouviu-o dizer:

— Sim, McPherson, aquelas são nossas mulheres.

Megan estava cada vez mais irritada. Cansada de

esperar que alguém a ajudasse a descer do cavalo, desmontou com um salto.

— Poderia proporcionar a nossas esposas água e sabão? Pela aparência delas, estão precisando — debochou Duncan, olhando para Megan com desprezo.

Megan, incomodada diante desse comentário, escutou calada as gargalhadas de todos que a olhavam.

— Pela cara de cansada delas — interveio Kieran, aproximando-se —, estou certo de que precisam de muitas outras coisas.

Ao ouvir isso, Duncan e Lolach o desafiaram com o olhar. Mas Kieran, sem lhes dar atenção, prosseguiu.

— Tentaremos lhes proporcionar privacidade — prometeu o chefe do clã.

Nesse momento, um grupo de mulheres apareceu à porta. Pelos sorrisos que trocaram com Lolach e Duncan, Megan e Shelma intuíram que os conheciam.

— Mary! Acompanhe as senhoras aos quartos superiores — gritou McPherson.

E aproximando-se de Megan e Shelma, disse:

— Como ninguém nos apresenta, eu mesmo o farei. Sou *laird* Gregory McPherson.

— *Laird* McPherson, nós lhe agradecemos por nos acolher em seu lar. Nossos nomes são Megan e Shelma Philiphs.

— Como disse?! — gritou Duncan, aproximando-se dela e fazendo com que todos voltassem seus olhares. — Você é Megan McRae, minha esposa.

— E você, Shelma McKenna — disse Lolach. — Não se esqueça!

Envergonhadas, sentindo-se o motivo dos risos, elas assentiram, sem poder articular uma palavra, trocando olhares significativos com as mulheres que debochavam delas.

— Desculpe, *laird* McPherson — disse Megan, apertando os punhos contra o corpo. — Nossos enlaces são muito recentes, por isso meu erro.

— Tenham cuidado com esses erros, miladies — riu Gregory McPherson, afastando-se delas. — Recordem que agora são propriedade de seu *laird* e de seu clã.

— Meu nome é Kieran O'Hara — apresentou-se o jovem louro, todo galante.

Após beijar a mão de cada uma, acrescentou com um sorriso incrível:

— E aqui estarei para o que as miladies necessitarem. — E baixou a voz para dizer: — Não pensem que sou como os brutos de seus maridos.

— Elas não necessitarão nada de você, Kieran — retrucou Duncan, incomodado com a proximidade daquele homem. — Afaste-se delas.

— Fique tranquilo, Duncan! — sorriu o jovem, piscando para Megan.

Surpresa, ela nem se mexeu.

— Eu só estava sendo gentil com suas mulheres.

— Mary! — chamou Lolach, piscando para uma mulher.

Shelma o observava, calada. Por que as estavam tratando assim?

— Mostre claramente a nossas esposas seus quartos. Estão tão confusas — debochou, deixando-as indignadas

— que podem se meter em outro leito.

De novo os risos. Aquelas mulheres estavam se divertindo, enquanto Niall, surpreso diante de tudo aquilo, ficava calado e observava seu irmão e Lolach. Com um olhar, ele se comunicou com Myles, Mael e Ewen. Eles também o olharam, desconcertados. Por que as tratavam assim?

— Zac ficará conosco — disse Niall, atraindo o olhar das mulheres. — Não se preocupem. Nós cuidaremos dele enquanto descansam — disse, sorrindo com gentileza.

Elas lhe agradeceram.

Com timidez, uma jovem loura de olhos claros e sorriso afável se aproximou delas. Chamava-se Mary, e não era mais velha que Megan. Mal olhando-as nos olhos, a moça disse:

— Acompanhem-me, miladies.

Sem olhar para ninguém, ambas seguiram a moça até o interior da fortaleza. Caladas e tensas, atravessaram um enorme salão decorado apenas com quatro tapeçarias. Depois de passar por uma arcada redonda, subiram por uma escada estreita e curva, até chegar a um corredor iluminado por tochas, onde havia várias portas.

— Estes serão seus quartos. Desejam que eu traga algo para comer?

— Não, obrigada, Mary — sorriu Megan com tristeza.

— De qualquer maneira — assentiu a criada —, mandarei que lhes tragam duas banheiras e água quente para que possam se banhar.

E dizendo isso foi embora, deixando-as sozinhas. Megan, com rapidez, tomou a mão de sua irmã e, abrindo uma das portas, entraram. Shelma abraçou sua irmã e começou a chorar. Oh, Deus! Que enorme humilhação. Megan, incrédula diante do que havia acontecido, respirava com dificuldade para não chorar. Até que umas batidas na porta as fizeram voltar à realidade. Era Mary.

— Miladies, desculpem — murmurou ela ao ver os olhos vermelhos de ambas. — Sei que não queriam nada, mas trago um pouco de cerveja e uns bolos de aveia. Fará bem a vocês comer antes que tragam a água quente.

— Obrigada por sua gentileza — disse Megan. — Poderia solicitar a um dos homens que trouxesse nossa bagagem?

— Evidentemente. Agora mesmo lhes pedirei.

Quando ficaram sozinhas de novo, Shelma disse:

- Por que nos trataram daquela maneira na frente de todo mundo?
- Não sei — sussurrou Megan, confusa. — Mas não vou permitir que tornem a nos humilhar.
- Viu como essas mulheres olhavam para eles? Pareciam se conhecer.
- O Falcão — disse Megan com ódio — sempre teve fama de mulherengo, e sinto dizer-lhe que seu marido também. Com certeza eles costumavam deitar com essas vadias cada vez que passavam por aqui.
- Acredita que farão isso de novo?
- Não sei — respondeu Megan, aproximando-se da janela, de onde via a aldeia e as pessoas —, mas, sinceramente, não me importa.

Pouco depois, chegaram uns servos com baldes de água quente e encheram as banheiras. Shelma não queria se afastar, mas Megan, que precisava de um tempo sozinha, convenceu sua irmã a desfrutar do banho quente.

Quando ficou sozinha, enquanto olhava pela janela, Megan pensou em Duncan. Em seus olhos duros e sua atitude desagradável. Onde estava o homem atencioso e carinhoso que ela julgara ver nele?

De repente, a porta se abriu. Diante dela surgiu Duncan, olhando-a com uma frieza que a fez tremer.

- Ainda não se banhou? — perguntou ele, fechando a porta e apoiando o corpo nela.
- Já me banharei — respondeu ela com indiferença.
- Um banho lhe cairia bem — disse ele, cruzando os braços diante do peito.

O cabelo de Megan estava emaranhado e seus olhos inchados. Teria chorado?

- Poderia tirar toda essa sujeira da estrada e parecer uma mulher bela e decente. Se bem que, creio que...
- Eu nunca permiti que ninguém me humilhasse, e não permitirei que você faça isso — afirmou ela, fechando os punhos enquanto caminhava para ele.
- Não vai permitir? — perguntou ele sorrindo com desdém, embora seu coração palpitasse com força.
- Não vou permitir que me trate com o desprezo com que me tratou diante de todo mundo! — gritou Megan, olhando para ele com fúria.

Isso o impressionou, mas ele se absteve de demonstrar. Sua mulher era desleal, uma mentirosa, e pagaria por isso.

- O que fizemos minha irmã e eu para receber tal tratamento?

“Por São Ninian, como a desejo!”, pensou Duncan antes de responder.

— Por acaso eu — disse Duncan, abrindo os braços teatralmente —, *laird* Duncan McRae, tenho que lhe dar algum tipo de explicação por meus atos? — grunhiu ele tentando acovardá-la com sua imensa envergadura. — Querida esposa, não se esqueça de que tenho o direito de tomar o que quiser, quando quiser e como me apetecer. Assim como tenho o poder de desprezar o que me desagrada, me aborrece ou me engana.

— Eu o odeio! Nunca na vida me senti tão humilhada!

— gritou ela, sem se importar com quem a escutasse. Sem poder controlar seus atos, Duncan a pegou pela

nuca com sua mão enorme e calosa, puxou-a para si e a beijou, selvagem. Sem piedade. Ao se sentir usada, Megan deu-lhe um pisão no pé tão forte que fez Duncan soltá-la e se afastar.

— Eu não sou uma dessas vadias a que está acostumado! Não me toque.

— Eu a tocarei quando desejar, harpia! — exclamou ele, pegando-a de novo para beijá-la.

Mas soltou-a quando ela lhe mordeu o lábio com raiva.

— E minha mulher durante um ano e um dia!

— Para minha desgraça! — gritou Megan, olhando-o com frieza. — Um ano e um dia. Nem um dia a mais! — afirmou, respirando com dificuldade.

Duncan tocou o lábio e, ao ver o sangue, sorriu para Megan com maldade.

— Pelo menos, eu sei o que posso esperar das vadias

— disse, sem tocá-la. — Eu esperava muito de você, mas me decepcionou como ninguém nunca se atreveu a fazer. Eu pretendia cuidar de você e respeitá-la como julgava que merecia, mas a cada instante que passa percebo meu erro. Acreditei que era especial, mas você é como a maioria das vadias que conheço, pior até, considerando o sangue *sassenach* que corre em suas veias.

Ao dizer isso e ver a dor nos olhos de Megan, Duncan odiou a si mesmo por suas palavras duras. Não devia ter dito aquilo. Mas o mal já estava feito.

— Eu o odeio! — gritou ela, tentando não chorar. — Quem dera eu não o tivesse conhecido, porque isso me daria a certeza de que nunca teria me casado com você.

— Sabe de uma coisa? — bradou ele, enfurecido, dirigindo-se a grandes passos para a porta e abrindo-a. — Pelo menos uma vez concordamos com alguma coisa.

E dizendo isso saiu do quarto, batendo violentamente a porta.

Desesperada, vendo-se sozinha naquele quarto estranho, Megan soltou sua raiva e começou a chorar e gritar, praguejando de tal maneira que até São Fergus se assustou.

Shelma, alarmada pelos gritos de sua irmã, correu para abraçá-la. Assustou-se ao vê-la assim. Consolou-

a e

a embalou, até que se tranquilizou.

— Lamento por tudo que está acontecendo — disse Shelma, enxugando-lhe as lágrimas com carinho.

— Oh, Shelma, foi horrível — gemeu Megan. — Ele me tratou como... como...

Shelma deu-lhe um beijo carinhoso e disse:

— Escute, Megan, tenho que dizer uma coisa. Lolach esteve comigo.

— O que aconteceu? — perguntou Megan, parando de chorar. — Está bem? Ele lhe fez algo?

— Discuti com ele, mas já sei o que está acontecendo. Eles sabem a verdade sobre Anthony. E, o que é pior, sabem que inventamos aquela história absurda dos bandidos, e que não lhes contamos a verdade.

Ouvindo isso, Megan entendeu tudo e recordou o dia em que Duncan lhe pedira que nunca mentisse para ele.

— O quê? — sussurrou Megan, sentando-se no chão frio. — Desde quando? E por que Anthony não nos disse?

— Eles sabem desde o dia seguinte à chegada dele — disse Shelma, esclarecendo aquele terrível malentendido. — Eles lhe ordenaram que se calasse em troca de ajudá-lo a recuperar sua mulher. Eu juro que quando Lolach me contou, pensei em ir atrás de Anthony e dizer-lhe umas poucas e boas. Mas, depois de refletir, senti que eu teria feito o mesmo para salvar você, Zac ou Lolach.

— Eles interpretaram esse segredo como uma grande falta de lealdade para com eles e seu clã — assentiu Megan. — Agora entendo por que ele me disse que esperava mais de mim, e que eu o havia decepcionado.

— O que não compreendo é por que Duncan ficou desse jeito — protestou Shelma. — Lolach estava enfurecido comigo, mas conseguimos conversar e esclarecer as coisas.

— Shelma — sussurrou Megan, precisando ficar sozinha —, estou com uma dor de cabeça horrível. Poderia me deixar só enquanto me banho?

— Vai ficar bem?

Com um sorriso, Megan afirmou:

— Sim, não se preocupe.

— Está bem — assentiu sua irmã, olhando-a com tristeza. — Eu a deixarei sozinha um pouco, mas passarei para buscá-la antes de descer ao salão.

“Por fim, sozinha!”, pensou Megan fechando os olhos enquanto se despia e se recostava na banheira.

Como não havia notado que aquela mentira estúpida era o que estava deixando Duncan enlouquecido? Ela deveria saber. Mas, por mais que pensasse, já não havia solução. Assim como ele não desculpava sua falta de lealdade, ela não lhe perdoaria as terríveis coisas que havia dito, como a tratara e como a magoara.

Capítulo 19

Acabado o banho rápido, alguém bateu à porta. Era Mary. Ia retirar a banheira, acompanhada de dois homens que a olhavam disfarçadamente.

— Milady, estiquei este vestido. Assim estará melhor.

— Obrigada, Mary — respondeu Megan pegando o vestido vermelho surrado. — É muito amável conosco.

— Milady, minha avó sempre dizia que gentileza não custa nada.

— Mulher sábia, sua avó — assentiu Megan.

— Obrigada, milady. Agora, se não precisar de nada mais, vou ajudar na cozinha. As pessoas estão começando a chegar, e haverá muito trabalho.

Quando estava terminando de se vestir, Shelma irrompeu porta adentro, muito bonita com um vestido verde, para buscá-la.

— Ainda está com o cabelo encharcado.

— Não importa. Vou deixá-lo solto, assim secará rapidamente — disse, olhando-se no espelho, enquanto com sua adaga tirava com cuidado os pontos secos da testa.

Quando acabou, saíram juntas ao corredor iluminado por tochas e desceram com cuidado a escada circular e íngreme. No último degrau, começaram a ouvir o ruído das pessoas conversando. Ambas se entreolharam, e Megan, levantando o queixo, foi a primeira a aparecer no salão. Zac foi rapidamente a seu encontro.

— Estou sentado ah — disse ele, puxando-as para uma mesa onde estavam Gelfrid e Myles.

Ao vê-las, eles se levantaram.

— Shelma! — chamou Lolach com autoridade.

— Vá com ele — disse Megan olhando para sua irmã.

Shelma, com o coração partido por deixar sua irmã

sozinha, foi até seu marido e se sentou. Com curiosidade, Megan olhou para a mesa principal.

Kieran O'Hara, que estava sentado ah com McPherson e Duncan, observava-a com curiosidade, alheio ao olhar furioso de Duncan. Sem necessidade de palavras, advertia-o para que ficasse longe de sua mulher.

— Milady, deveria se sentar em seu lugar — informou Myles em um sussurro.

disse ela,

— Tem razão, obrigada, Myles —

respirando fundo e começando a andar.

Conforme se aproximava da mesa, seus olhos se encontraram com o duro olhar de Duncan, que desde que a vira chegar não pudera deixar de admirá-la. Sua esposa era uma mulher muito bonita, e ele pôde corroborar isso ao ver que muitos dos ah presentes a olhavam babando.

— Está linda, cunhada — disse Niall nesse momento, pegando-a firme pelo braço para acompanhá-la até a mesa. — E, pelo que vejo, tirou os pontos da testa. Apoie-se em mim, eu a acompanharei.

Agradecida pela demonstração de afeto, Megan sorriu para ele; e, com passo decidido, chegou ao lado de seu marido, que nesse momento brincava e ria com seu amigo McPherson.

— Aqui está sua esposa, irmão — anunciou Niall, incomodado ao ver que ele nem olhava para ela.

Não sabia o que havia acontecido entre eles, mas estava decidido a descobrir.

— Muito bem — as sentiu Duncan com frieza. — Megan, sente e coma alguma coisa.

— Soube escolher uma fêmea, Duncan. Sua mulher é uma verdadeira beleza — afirmou McPherson, olhando-a de cima a baixo. — Terá que ter cuidado com ela. Qualquer homem poderia se encantar e arrebatá-la de

voce.

— Nosso enlace foi um *Handfasting* — esclareceu Duncan com maldade, fazendo com que Megan o olhasse com ódio. — E quanto a que a arrebatem de mim, isso não me preocupa. Creio que quem a levar, depois de suportá-la por alguns dias, pagaria para devolvê-la — debochou, cruzando os braços diante do peito.

Observava Megan morder a língua e estender a mão para pegar um copo de cerveja.

— Duvido muito que alguém devolvesse uma mulher dessas — interveio Kieran, sem se importar com o olhar desdenhoso de Duncan. — E vendo como a trata, não me estranharia se ela mesma pagasse para não voltar para você e o abandonasse ao término do *Handfasting*.

Ouvindo isso, Megan olhou para Kieran agradecida, mas tentou disfarçar um sorriso.

— Kieran — disse Duncan, contrariado ao ver Megan se forçar a não sorrir —, está procurando briga? Porque, se for esse o caso, vai encontrar. Ninguém fala de minha mulher, a menos que eu permita, e creio que desde que cheguei já o tenha advertido disso várias vezes.

— Por São Fergus! — grunhiu McPherson, contrariado. — Creio que estão se comportando como dois cervos. Obrigo ambos a apertar as mãos em sinal de

paz.

— Duncan, desculpe minhas palavras — disse Kieran.

E após estender-lhe a mão, observou Megan. Pareceu-

lhe notar uma centelha de diversão em seus olhos.

— Está desculpado — sussurrou Duncan, voltando-se para sua mulher, que parecia estar se divertindo com aquilo.

— Sua mulher, amigo — apontou McPherson —, certamente tem muitas outras qualidades além da beleza.

— Sim. Poderia destacar sua lealdade e sinceridade — disse Duncan com ironia.

Essas palavras fizeram Megan explodir.

— Obrigada por seus elogios, *laird* McPherson — suspirou Megan com seu melhor sorriso.

E então, vendo a ferida no lábio de Duncan, disse:

— Evidentemente, meu esposo, lealdade é o que diferencia as vadias do resto das mulheres.

— Coma! — bufou Duncan.

E sem mais, continuou falando com seu amigo McPherson, tentando, em vão, esquecer que ela estava ao seu lado.

Entediada e com raiva contida, de vez em quando Megan voltava a cabeça para observar sua irmã, Shelma. Pelo menos, ela conversava com Lolach e sorria. Kieran, em duas ocasiões, sorriu para Megan, e ela retribuiu.

Mas não lhe ofereceu um sorriso amável demais, nem muito demorado, para que o jovem não visse nisso outras intenções.

Passaram pela mesa diversos pratos, mas quando Megan viu o *haggis* e deixaram diante dela uma vasilha fumegante enorme, sentiu o estômago começar a revirar, fazendo-a passar maus bocados.

— Coma um pouco mais de *haggis* — disse Niall que, farto de ver seu irmão a ignorar, pegou seu prato e se sentou com ela. — Está delicioso.

O cheiro daquela vasilha a estava matando.

— Oh... Meu Deus! — gemeu ela, envergonhada, enquanto fechava os olhos. Com uma das mãos tampava o nariz e com a outra se abanava. — Niall, por favor, não posso sentir esse cheiro. — Contendo as náuseas, disse, sussurrando: — Odeio o cheiro de *haggis*!

— Não acredito! Odeia *haggis*?

Niall sorriu ao ver a tez de Megan ganhar um tom esverdeado. Chamou uma criada, que retirou

aquela vasilha enorme dali.

— Já pode respirar e abrir os olhos. Mandei que o levassem.

— Obrigada, obrigada, obrigada — Megan respirou aliviada, levantando o cabelo para se abanar. — Não lhe dou um beijo porque não sei o que pensariam de nós.

Niall sorriu, divertido. O frescor de sua cunhada, além de suas expressões, a todo momento o fazia recordar aquela lourinha teimosa chamada Gillian.

— De verdade, Niall, muito obrigada. Por um momento tive medo de dar um espetáculo diante de todos e ofendê-los por não comer um prato tão escocês.

— Prometo não dizer nada se comer mais alguma coisa — sussurrou Niall com cumplicidade, olhando para Kieran, que havia percebido tudo e sorria, divertido. — Faz dias que não comemos direito, e isto a fará recuperar as forças para seguir viagem.

Com um sorriso, Megan cortou um pedaço de cervo e o enfiou na boca.

— Agora alimenta minha esposa? — perguntou Duncan, olhando para o irmão.

— Ela se alimenta sozinha, caso não tenha notado — respondeu Niall sem olhar para ele.

Nesse momento, Lolach chamou Duncan, que se levantou, sem responder para seu irmão.

— Niall — sussurrou Megan ao ver que seu marido se afastava —, não se preocupe. Estou bem.

— Duvido muito disso — respondeu Niall, observando o olhar triste de sua cunhada no rosto que já recuperava a cor. — Por favor, diga-me o que está acontecendo.

— Eu menti para ele — admitiu ela.

Niall ergueu a sobrancelha, igual a seu irmão.

— Eu lhe disse que Anthony, o homem que encontramos ferido, havia fugido de uns ladrões. Mas, na realidade, Anthony é como eu, meio inglês, e estava naquela situação porque seu cunhado havia tentado matá-lo ao saber que por suas veias corria sangue inglês.

— E como sabe de tudo isso? — perguntou Niall, notando que seu irmão os observava.

— Ele me contou — respondeu ela. — Eu pensei que se descobrissem vocês o abandonariam para que morresse no caminho. Seu irmão soube disso, e por isso me odeia.

Ouvindo isso, Niall compreendeu tudo. Duncan odiava mentiras. Sua relação com Marian o havia deixado muito marcado.

— Megan, seu pai é inglês e nunca a abandonamos. Não somos monstros — apontou Niall.

Megan assentiu.

— Meu irmão não suporta mentiras. Mas, fique tranqüila, ele não a odeia.

— Claro que não são monstros! — desculpou-se Megan, olhando para o cunhado. — Ainda não sei por que eu não lhe contei. Talvez esteja tão acostumada a esconder minha própria identidade que, quando Anthony

me revelou a dele, simplesmente fiz o mesmo.

— Escute — disse Niall, vendo que Duncan voltava —, dê um tempo para ele. Eu o conheço. Vai passar, e...

— Segredinhos entre meu irmão e minha mulher? — bufou Duncan, pondo-se entre os dois.

— Eu estava lhe falando sobre vovô Marlob — disfarçou Niall.

E recostando-se na cadeira, perguntou:

— Irmão, vê algum problema em eu conversar com minha cunhada?

Duncan ia responder, mas alguém pronunciou seu nome.

— Duncan! — gritou Zac, subitamente aparecendo ao lado dele. — Megan pode ir um momento a minha mesa? Quero lhe mostrar o que me deu de presente.

— Meu irmão lhe deu um presente? — perguntou Niall, passando a mão na cabeça do garoto.

Duncan se sentou em seu lugar.

— Ele me deu uma adaga de guerreiro — explicou o menino, encantado.

Duncan examinava Megan. Não tinha mais os pontos na testa e estava um pouco pálida.

— Ewen cuida dela para mim. Duncan disse que ainda sou muito pequeno para andar com ela.

— E a adaga que tem empunhadura listrada e entalhada? — perguntou Megan com um sorriso.

Isso fez o coração de Duncan bater forte.

— Sim — exclamou o menino com felicidade. — É muito parecida com a que Mauled e vovô lhe deram. Duncan mandou o ferreiro gravar minhas iniciais.

— Megan, vá com ele — disse Duncan.

Quando Megan começou a se levantar, ele segurou seu braço com força e sussurrou, puxando seu rosto para si:

— Pode ficar o resto da noite com seu irmão em sua mesa.

— Obrigada, *laird* — disse ela, séria, e foi embora.

Segurando a mão do menino, Megan chegou à mesa.

Myles, Ewen e Mael rapidamente deram espaço para que ela se sentasse. Duncan, sem tirar os olhos dela, viu Zac, entusiasmado, mostrar-lhe a adaga. Megan, emocionada, sorria e o abraçava.

— Sabe, irmão? Será definitivamente um tolo se permitir que Megan deixe de sorrir — disse Niall antes de se levantar.

Pouco depois, no enorme salão entrou um grupo de mulheres de olhares e corpos insinuantes. Os guerreiros, ao vê-las, assobiaram e gritaram, encantados. Eram as mesmas que Megan havia visto quando chegaram. Movimentando os quadris, elas foram até a mesa principal, onde mostraram todos os seus encantos para

Kieran, McPherson, Duncan e Lolach.

Com curiosidade, Megan observava a cena. Quase lançou sua adaga quando viu uma mulher de seios grandes, olhos cor de azeviche e cabelo preto se esfregar nas costas largas e robustas de Duncan e, a seguir, dizer-lhe algo no ouvido, fazendo ambos sorrirem. O que lhe teria dito?

Shelma, que havia se levantado para ver a adaga de seu irmão, com olhar sério cruzou os braços, incomodada ao ver Lolach sorrir para uma ruiva que lhe fazia biquinhos para chamar sua atenção.

— Ora, chegaram as vadias da aldeia! — exclamou Shelma, tentando atrair o olhar de seu marido, mas sem conseguir.

— Exatamente — sussurrou Megan, obrigando-se a não olhar.

Aquele espetáculo não lhe agradava nem um pouco. Conhecendo seu marido, ele se desdobraria em atenções à vadia, e ainda diante de Megan.

Nesse momento, ouviram o barulho de pratos que caíram no chão. Ao voltar o rosto, Megan viu Mary, envergonhada, pedindo desculpas a uma das mulheres enquanto tentava recolher o estrago. Mas seu sangue ferveu quando viu uma das prostitutas dar uma bofetada em Mary, fazendo-a cair no chão. Sem pensar duas vezes, Megan pulou como uma gata selvagem até chegar à pobre criada, que, envergonhada, continuava caída, com os olhos marejados.

— Mary, está bem? — perguntou Megan, preocupada.

Ajudou-a a se levantar, sem notar que todo mundo

olhava para elas. Em especial Duncan, que havia se levantado para segui-la com o olhar ao vê-la correr.

Vários criados se aproximaram para recolher rapidamente os pratos quebrados.

— Milady — sussurrou a criada, nervosa ao se ver transformada no centro das atenções —, não se preocupe comigo. Sou muito desastrada, e às vezes deixo cair as coisas.

— Isso não justifica que alguém bata em você — disse Megan, olhando com ódio para a mulher que a havia estapeado.

— Além de feia, é uma desastrada! — gritou a vadia à criada.

— Não serve para nada, Mary — afirmou outra delas.

— Já basta! — disse Kieran, que logo estava ao lado delas.

— Sabina — debochou a morena que momentos antes ria com Duncan —, essa abóbada que não serve para nada a sujou toda de cervo.

Farta de ficar escutando aquelas vadias arremetendo contra a pobre criada, Megan não se conteve mais e, com cara de poucos amigos, dirigiu-se à morena.

— Ninguém lhe ensinou que não se deve tratar as pessoas assim?

Kieran olhou para Megan, surpreso. Havia acabado de descobrir mais um encanto naquela mulher.

— Está falando comigo? — perguntou a morena com um sorriso significativo.

— Com você e com sua amiga — assentiu Megan, aproximando-se lentamente com as mãos nos quadris. — Que tipo de pessoas são, tratando assim a pobre Mary?

As vadias, ao escutá-la, caíram na gargalhada.

— \êjo que já se banhou e já se hvrou da sujeira da estrada — disse a morena olhando para Duncan, que não mexeu um músculo.

Ele estava enfeitiçado diante da coragem de sua mulher. Mas a morena pensou que ele não se mexia porque ela estava com sorte.

— \êjo que tem uma língua muito comprida, além de ter a palavra vadia escrita na testa.

Quando ela disse isso, todo mundo murmurou. Megan, com olhar duro, continuou:

— E, além do mais, todos vimos que busca descaradamente com quem dividir seu leito esta noite.

— Meu leito já tem dono, esta noite e muitas mais — disse a morena, olhando para Duncan.

Aproximando-se de Megan com descaramento, disse com malícia:

— Nós o dividimos cada vez que ele vem e nos divertimos muito. Eu lhe dou o que ele quer, e ele me dá o que necessito; por isso, milady, esta noite — sussurrou no ouvido de Megan, deixando-a enfurecida — dormirá sozinha.

Com vontade de pegá-la pelo pescoço, Megan fechou os olhos. Não podia se rebaixar à vulgaridade daquela vadia. Zac estava diante delas, mas a fúria que crescia em Megan era tão grande que ela não sabia se a conseguiria controlar.

— Por mim, pode ficar com ele o resto da vida — respondeu com dignidade, fazendo-se ouvir por sua irmã, por Niall e por Kieran.

— Oh, meu Deus — sussurrou Shelma, olhando para Niall.

Ela conhecia sua irmã e sabia que aquilo podia acabar mal. De modo que, postando-se ao lado dela, gritou:

— Você, mulherzinha! Eu lhe recordo que está falando com a mulher de *laird* McRae. Cuidado com seus modos se não quiser ter problemas.

Ouvindo isso, as vadias olharam para *laird*

McPherson, que, bufando e contrariado por ver que Duncan não dizia nada, indicou com um gesto que saíssem. As vadias, contrariadas diante daquela batalha perdida, depois de lançar um olhar desafiador para as irmãs, deram meia-volta com a intenção de ir embora. Mas Megan, irada, não lhes permitiu.

— Sabina! — rugiu, fazendo com que todos a olhassem de novo. — Antes de ir, peça desculpas a Mary.

— Milady — gemeu a criada, enquanto o resto dos serviçais olhava para ela com admiração —, não é necessário, eu estou bem.

— Sim, é necessário — afirmou Megan.

E ao ver Sabina sorrir, pegou-a pelo braço e disse:

— Ou vai agora mesmo, e diante de todos pede perdão a Mary, ou juro pelo túmulo de meus pais que esta noite é a última em que vê a lua.

Essa ameaça provocou um murmúrio geral.

— Por todos os santos celtas! — murmurou McPherson ao escutá-la. — Eu não gostaria de ser inimigo de sua mulher.

Com o peito cheio de orgulho, Duncan a observava. Mas zangado como estava com ela, continuou sem se mexer.

— Que personalidade! — exclamou Myles, dando

uma cotovelada em Niall.

Niall estava surpreso diante da mudança de atitude de sua cunhada. De mulher mais triste do mundo ela havia passado a ser a mais impetuosa que ele já havia conhecido.

Mas as vadias, em especial Sabina, não davam o braço a torcer.

— Sabina! — gritou Megan de novo.

E com um rápido movimento de saias, sacou a adaga que sempre a acompanhava.

— Eu não sou uma pessoa de muita paciência. Em minha terra, sou conhecida como Impaciente

— ameaçou Megan, brincando com a adaga nas mãos. — Pode ter certeza de que hoje minha paciência já acabou.

— Eu lhe peço desculpas, Mary — disse por fim a vadia, assustada e vermelha de raiva.

A morena, chamada Berta, estalando a língua, saiu do salão seguida pelas outras mulheres, provocando uma gargalhada geral, inclusive de *laird* McPherson.

— Obrigada, milady — sussurrou Mary, pegando-lhe as mãos.

Megan lhe deu um beijo na face. Arregaçando a saia, guardou a adaga e deu-lhe um sorriso carinhoso.

— Cunhada! — disse Niall, aproximando-se. — Na próxima batalha que eu for travar, quero você como companheira. Quem lhe ensinou a movimentar a adaga entre os dedos dessa maneira?

Sorrindo para seu cunhado e para todos os que levantavam a caneca de cerveja para brindar a ela, Megan, cravando seus olhos escuros no marido — que a observava com um olhar feroz —, respondeu:

— Alguém que, se pudesse, cravaria a adaga em você, por afastar-se dela.

— Por todos os santos! — exclamou Niall, surpreso. — Ela?

— Nunca menospreze o valor de uma mulher — disse Megan, sorrindo. — Gillian me ensinou a movimentar a adaga, e eu, em troca, ensinei-lhe a manejar a espada.

Na mesa principal todos falavam do acontecido. Duncan seguia Kieran com o olhar. O rapaz se aproximara de Megan e, após beijar-lhe a mão, dissera algo que a fizera sorrir.

— Por São Fergus, Duncan! Arranjou uma mulher com muita personalidade — riu McPherson, olhando para seu amigo. — Duvido muito que deixaria que alguém a arrebatasse de você. É verdade que a chamavam de Impaciente?

— Não duvide — assentiu Duncan, ardendo de desejos de beijá-la enquanto a observava fazer carinho em Zac. — McPherson, não duvide.

À noite, quando Megan viu Shelma desaparecer com seu marido, sentiu uma pequena pontada de inveja. A felicidade de sua irmã a fazia feliz, mas sua própria infelicidade a corroía por dentro. Nervosa devido aos acontecimentos do dia, o cansaço começou a vencê-la. Com deleite, ela pensou na grande cama que havia no quarto. Uma cama! Por fim dormiria em um lugar macio, e não no chão, como fazia desde que haviam saído de Dunstaffnage.

Tendo se assegurado de que Zac estaria bem cuidado, olhou ao redor em busca de Duncan, mas ele havia desaparecido.

“Certamente está com sua vadia”, pensou, sentindo a cólera se apoderar de seu corpo. Irada, foi até uma das mesas, pegou um copo e uma jarra de cerveja e deu um bom trago. Beber não era bom para esquecer, dizia seu avô, de modo que preferiu desejar boa-noite a Niall e a alguns guerreiros McRae e subir pela escada estreita e curva. Sua cabeça a traía com imagens de Duncan e a morena rolando em algum lugar.

— A tristeza de seus olhos, a que se deve? — perguntou Kieran, surgindo das sombras.

— O que quer dizer? — perguntou ela, afastando-se daquele jovem.

— Não vou fazer nada que não deseje, milady — sorriu ele como um lobo, com os olhos brilhantes por causa da bebida.

Ela as sentiu.

— Que bom, assim não farei nada que você me obrigue a fazer — respondeu ela, com todos os seus sentidos em alerta.

— Milady, esta noite fez com que eu invejasse Duncan pela primeira vez na vida.

— A que se deve essa inveja?

— Só de pensar como ele deve desfrutá-la no leito, já me deixa enciumado.

Foi um comentário fora de lugar, e Megan se aborreceu.

— Como se atreve a...

— Porque é deliciosa, e gosto de coisas deliciosas — disse o homem, espremendo-a contra a parede.

Imobilizando-lhe as mãos, colocou sua boca na dela. Foi um beijo breve. Megan, sem se intimidar, deu-lhe uma joelhada nos testículos, fazendo-o retroceder, branco e encolhido de dor.

— Não volte a tentar, ou juro que o matarei — advertiu ela com seriedade; e apontando-lhe o dedo, disse: — Isto nunca aconteceu. Não quero ter mais problemas além dos que tenho por culpa de um imbecil como você.

E dito isso, Megan continuou subindo a escada, deixando-o no chão quase sem fôlego.

Ao entrar em seu quarto, encontrou silêncio e um fogo maravilhoso na lareira, que reconfortou seus nervos. Atraída pelas chamas, ela se sentou sobre uma pele macia que alguém havia colocado em frente à lareira, sem perceber que olhos selvagens a observavam em silêncio da cama.

Duncan, enfeitiçado pela suavidade que as chamas refletiam na pele de sua mulher, procurava não fazer nenhum barulho que a assustasse. Anoite havia sido uma longa tortura. Ter Megan tão perto e não poder usufruir de seus comentários, seus sorrisos ou seus beijos o havia enlouquecido de ciúme. Mas agora ela estava ali, calada e pensativa diante do fogo, enquanto recolhia com as mãos, mecha por mecha, seu cabelo azulado. Como gostava da cor, do odor, do toque dela! Mas, de verdade, o que é que não adorava em sua mulher?

Alheia aos olhos que a fitavam com avidez, sentada em cima da pele, Megan tentava esquecer o que havia acabado de acontecer com Kieran.

“Esse rapaz é louco”, pensou Megan, sentindo-se culpada por tê-lo acertado com tanta força. Sabia que o que ele havia tentado não era direito, mas havia descontado em Kieran o despeito que sentia por

seu marido e a raiva de imaginá-lo com a vadia.

Quando terminou de prender o cabelo, Megan jogou a cabeça para trás e, arqueando as costas, espreguiçou-se. Estava extenuada! Sonolenta, levantou-se e começou a desfazer os laços de seu vestido. Aquele espetáculo estava enlouquecendo Duncan, que sentia a boca seca e o ardor latente palpitando entre suas pernas. Ela tirou o vestido e as meias, e soltou a cinta da coxa, onde levava a adaga, deixando-a em cima de um pequeno baú.

Cansada, deixou seu vestido em cima de uma arca e, sentando-se na cama, suspirou extenuada, ainda sem perceber que Duncan estava ah. Bocejando, abriu a colcha para se deitar dentro, mas, assim que notou alguém perto, rapidamente chegou até a adaga que momentos antes havia deixado.

— O que está fazendo, mulher?! — grunhiu Duncan, sentando-se na cama.

— Como?! — gritou ela com a adaga na mão. — Melhor que você diga o que está fazendo em minha cama.

Adorando o espetáculo, Duncan olhou para ela.

— Sua cama? — perguntou Duncan surpreso, tentando não sorrir. — Desculpe, mas esta é “minha” cama. E acabou de interromper “meu” sono.

— Não pretendo deitar em “sua” cama. Portanto, onde dormirei? — disse Megan, tentando afastar os olhos daquele torso escultural e musculoso enquanto se alegrava por saber que seu marido não estava rolando com a vadia.

— Por mim, pode dormir sobre essa pele — respondeu Duncan apontando a pele onde momentos antes ela estava sentada.

Ao ver o desconcerto no rosto de Megan, teve vontade de rir, mas se conteve, e fez sua cara mais feroz. Por mais que se sentisse atraído por ela, Megan havia sido desleal e havia dito: “Quem dera eu não o houvesse conhecido, porque isso me daria a certeza de que nunca teria me casado com você”.

— Durma, mulher — disse ele, recostando-se. — Não tenho a menor intenção nem necessidade de me deitar com você.

— E com outras? — bufou ela, sentando-se sobre a pele e lançando-lhe seu olhar mais ferino. — Pensei que passaria esta noite com sua vagabunda!

E vendo que ele se levantava e a olhava, incrédulo, continuou:

— Oh... sim, seus toques e seus sorrisos me fizeram

supor que esta noite a cama seria só minha.

Cravando o olhar nela, Duncan suspirou ao perceber que sua mulher acreditava que Berta, a morena do salão, era sua amante. Era verdade que algumas vezes, antes de se casar, havia desfrutado dos prazeres do corpo com ela, mas nunca a considerara sua amante.

— Estou cansado — respondeu ele, tomando a se deitar —, e preciso do prazer e do conforto de uma cama. E, embora a de Berta seja muito confortável e prazerosa, tenho certeza de que o que eu menos teria feito nela seria dormir.

— Durmamos, então — respondeu Megan, com vontade de cravar sua adaga nele. — Aproveite seu “confortável” descanso, *laird* McRae.

— Igualmente, Impaciente. Boa noite.

E ao dizer isso Duncan teve que se controlar. Senão, uma gargalhada teria acabado com sua fachada de durão.

Ela não respondeu. Conhecia-se bem e, quando estava tão irritada, era melhor ficar de boca fechada. De modo que, puxando a outra pele que estava em cima da arca, se cobriu, e o cansaço a venceu.

Duncan não conseguia dormir. Quando se certificou, observando a respiração de sua mulher, de que ela estava dormindo, levantou-se e avivou o fogo. O quarto era frio, e dormindo no chão de pedra era pior. Parte da noite ele ficou olhando-a, maravilhado. Adorava aquela cabeça-dura como nunca havia adorado mulher alguma. Mas não podia nem queria perdoar sua deslealdade. Com cuidado, ele se sentou sobre a pele, e estendendo a mão, tocou aquele cabelo azulado, sedoso, de que tanto gostava. Abaixou-se para sentir o cheiro da pele de Megan. Nesse momento, ela se virou, ficando com a boca perto da dele. Teria sido fácil tomar aqueles lábios, mas ele nunca havia forçado mulher nenhuma, e não faria isso agora. De modo que, afastando-se, pegou uma mecha de cabelo de Megan, e depois de beijá-lo e de avivar o fogo mais uma vez, enfiou-se na cama, onde adormeceu olhando para ela.

Capítulo 20

De manhã, quando Megan acordou, olhou ao redor, desconcertada. Onde estava? Rapidamente, a realidade voltou e ela recordou. Levantou-se com cuidado e olhou de soslaio para a cama. Estava vazia. Não havia sinal de Duncan. Mais tranquila, deitou-se novamente e, quando sua cabeça encontrou a almofada macia, lembrou-se de que não havia pego nenhuma na noite anterior. Deduziu que Mary a devia ter posto ah. Fazia frio, na lareira só havia rescaldo; sentando-se de novo, espreguiçou-se. E então, ouviu batidas na porta. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Mary entrou com uma bandeja de comida.

— Milady, que está fazendo no chão? — perguntou a moça, surpresa.

— Mary! — disse Megan, levantando-se com o cabelo emaranhado. — Não pense em contar a ninguém que me viu dormindo aí. Meu marido e eu discutimos

e...

— Milady, fique tranquila — murmurou a moça, deixando a bandeja em cima da arca. — Não direi nada, mas trarei mais peles, caso esta noite tome a dormir aí. Creio que o chão não é o lugar mais confortável para você.

— Eu lhe agradeço — sorriu Megan, olhando para a moça. — Não tenho intenção de dividir o leito com aquele animal.

— Oh, milady, sinto muito escutar isso. Tenho certeza de que seu esposo não permitirá que durma outra noite no chão. Ele sempre me pareceu um homem muito gentil e justo. Não entendo por que a trata assim.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

A criada assentiu.

— Sempre que meu marido vem aqui, compartilha o leito com Berta?

— Bem... — Mary hesitou antes de responder, mas não podia mentir. — Milady, sendo sincera, nem todas as vezes que ele veio compartilhou o leito com ela. Mas é verdade que ela o persegue até a saciedade. Ela é muito inconveniente! E mais de uma vez se vangloriou diante de todos de que era a preferida de seu marido.

Ouvindo isso, Megan sentiu um nó no estômago. Aquela vadia dissera a verdade quando afirmara que Duncan havia compartilhado sua cama.

— Mas também é verdade, milady, que Berta aquece o leito de muitos homens. Até ontem, quando chegaram, ela aquecia o leito de Kieran O'Hara.

— Eu imagino — suspirou Megan, indignada.

E ao escutar esse nome, perguntou:

— Kieran O’Hara vive aqui?

— Oh, não. Ele vive em Aberdeen, mas visita com muita frequência esta fortaleza. Meu *laird* agradece as visitas desde que lady Naira e seu filho morreram. Kieran é o filho mais velho de *laird* Breaston e lady Baula e, embora às vezes insista em parecer rude e insensível, não é tanto quanto o selvagem de seu irmão, James. Ele é amável com todos nós, e sempre que pode ajuda-nos com o que necessitamos. Kieran era muito amigo de Gabin, o falecido filho de nosso *laird*.

— De que morreu Gabin?

— Uns *sassenachs* durante uma incursão... — sussurrou Mary, baixando os olhos. — Foi terrível quando Stoirm chegou aqui com Gabin morto.

— Sinto muito — murmurou Megan. E, tentando mudar de assunto, perguntou:

— Quem é Stoirm?

— Stoirm era o cavalo de Gabin. Lady Naira o deu de presente a ele pouco antes de morrer, quando ele completou 10 anos. Sempre foi um animal muito querido e considerado por todos, até que Gabin morreu.

— Está na fortaleza?

— Sim, mas não sei por quanto tempo. — Mary balançou a cabeça. — Apesar do carinho que nosso *laird* sente pelo animal, desde que Gabin morreu o cavalo se tornou selvagem. Vários de nós fomos mordidos ou escoiceados quando nos aproximamos para alimentá-lo. E eu não estranharia que nosso *laird* acabasse sacrificando-o. Sinceramente, milady, Stoirm só causa problemas.

Nesse momento a porta se abriu. Era Shelma.

— Bom dia às duas.

E vendo as peles no chão, olhou para sua irmã e perguntou:

— Você dormiu aí?

— Sim — assentiu Megan, contrariada. — Meu amado e querido senhor disse que estava extenuado demais ontem à noite para se divertir com Berta, e que o leito era para seu próprio descanso.

— Oh... — suspirou Shelma, olhando indignada para sua irmã e Mary —, sinto muito por isso. Maldito cabeça-dura!

— Shelma — sorriu Megan —, eu dormi maravilhosamente bem, e preferi. Não queria dividir o leito com ele.

— Miladies, preciso ir — desculpou-se a criada. — Se precisarem de algo, estarei na cozinha.

Com um sorriso, Mary abriu a porta e desapareceu.

Ambas se sentaram na cama onde Duncan havia dormido e começaram a comer, enquanto Shelma contava a Megan os pormenores de sua noite com Lolach. Megan a escutava sentindo um pequeno aperto no coração.

Quando acabaram de comer, decidiram descer para o grande salão. Não havia ninguém ali, de modo que saíram pelos grandes portais da fortaleza. Ah havia vários guerreiros treinando com suas espadas e, ao vê-las, assobiaram. Elas, sem olhar para eles, seguiram caminho, sorrindo, até que umas vozes atraíram sua atenção. Eram Myles e Mael, que, vociferando, exigiam dos guerreiros respeito por suas senhoras. Os assobios cessaram, dando lugar ao som de aço se chocando e homens arfando ao lutar.

— \ènha — disse Megan, tomando a mão de sua irmã. — Vamos visitar Lord Draco.

Entraram nas estrebarias e Lord Draco relinchou de alegria ao vê-las. Beijaram a cabeça do cavalo enquanto sussurravam palavras em inglês, que o animal agradeceu.

— Bom dia, miladies — saudou de súbito um rapaz sardento e baixinho que devia ser o cavalariaço.
— Excelente cavalo!

— Bom dia — saudaram elas.

— Miladies, meu nome é Rene, cavalariaço.

Ele sorriu, satisfeito, enquanto soltava um grande fardo de feno fresco. Disse:

— Quantos anos tem este magnífico exemplar?

— Bem... — sorriu Shelma, acariciando docemente o cavalo.

— Exatamente 20 anos — respondeu Megan. — Ganhei-o de presente de meus pais quando fiz 6 anos.

De súbito, ouviram uns golpes e relinchos quase ao lado delas, o que fez com que se posicionassem rapidamente ao lado de Rene.

— O que acontece com esse cavalo? — perguntou Shelma, notando pela primeira vez o cavalo pardo que escoiceava as madeiras e se agitava, nervoso.

— Não se assustem, miladies — respondeu o rapaz.

Megan observou o animal com curiosidade. Era uma

verdadeira beleza e um garanhão maravilhoso que parecia olhar para ela com aqueles olhos redondos e escuros como a boca do inferno.

— E Stoirm — disse o cavalariaço —, e seu modo peculiar de dizer que não gosta de visitas.

— Fique tranquilo, não nos assustamos. Fomos criadas entre eles. E sabe de uma coisa, Rene? Se meu avô estivesse aqui, diria a minha irmã que cuidasse dele. Ela se dá muito bem com os animais, especialmente com cavalos ariscos e rudes.

Megan, ao escutá-la, sorriu.

— Duvido, milady, que seu avô lhe pedisse que se aproximasse desse cavalo.

— Você o solta para que corra? — perguntou Megan, observando as longas patas do animal feridas. — Um cavalo assim não pode ficar o dia todo preso na estrebaria.

— Impossível — afirmou Rene, entendendo o que ela queria dizer. — E inútil, o animal nos ataca. Vê essas feridas? Tentamos tratá-las uma infinidade de vezes.

— Há quanto tempo ele se comporta desse modo? — perguntou Shelma.

— Há quase um ano — respondeu Rene, vendo a preocupação nos olhos das moças. — Sei que é terrível o que vou dizer, mas este animal está sentenciado à morte.

— Que horror! — escandalizou-se Megan,

observando o animal.

— O que fez esse cavalo para estar sentenciado à morte? — perguntou Shelma, sem entender nada.

— Ele era o cavalo do filho morto de *laird*

McPherson, e enlouqueceu — respondeu Rene por fim.

Eles continuaram conversando na estrebaria, até que decidiram sair dali para que Stoirm se acalmasse. Incrédulas diante do que haviam escutado, comentavam sobre isso quando viram o gigante Ewen com Zac, que corria, feliz, com seu cachorro.

— Bom dia, Ewen — sorriu Megan, aproximando-se.

Pegou seu irmão rapidamente e começou a beijá-lo,

fazendo o menino se contorcer e se afastar.

— Bom dia, miladies — saudou Ewen afavelmente.

Ewen era um homem de poucas palavras.

— Megan! — protestou Zac, com cara de bravo. — Pare de me beijar como se eu fosse um bebê! Solte-me!

Megan, divertida, olhou para ele e o soltou. Zac estava crescendo, mas ela se recusava a reconhecer.

— E desde quando não é um bebê? — sorriu Shelma.

— Agora já sou um homem — anunciou ele, fazendo todos sorrirem. — Tenho minha própria adaga, e vocês sempre me disseram que só poderia ter minha própria adaga quando fosse um verdadeiro homem.

— Está bem — as sentiu Megan, sorrindo para Ewen —, tentarei recordar que não é mais uma criança.

— íamos para o lago — comunicou Ewen. — Desejam vir conosco?

— Talvez mais tarde — respondeu Shelma, que

desejava visitar a aldeia.

Despedindo-se deles, encaminharam-se para a aldeia. Quando estavam chegando, vozes atraíram sua atenção. Estava acontecendo algo na aldeia; recolhendo suas saias, começaram a correr.

As mulheres e os velhos se aglomeravam ao redor de um poço. Uma criança havia caído ah, e sua mãe, ao tentar ajudá-la, caíra também.

— Chamem alguns guerreiros! — gritou Megan, chegando próxima ao poço. — Estão bem?

Mas só ouviu os soluços do menino. A mulher não respondeu.

— Minha mamãe caiu — chorava uma menina na beira do poço, nervosa e trêmula. — Minha mãe e meu irmão Joel caíram aí dentro.

— Onde estão os homens?! — gritou Shelma, histérica, sem se atrever a se aproximar do poço.

— Estão trabalhando na construção do castelo, senhora — respondeu uma mulher, segurando seus dois filhos.

As mulheres, nervosas, olhavam pela boca do poço, mas ninguém fazia nada. Então, Megan disse a sua irmã:

— Corra, vai buscar Myles e peça a ele que traga uma corda bem comprida.

Sentando-se na borda do poço, Megan tirou sua adaga

e observou onde poderia pôr os pés.

— Eu vou descendo.

— Está louca?! — gritou Shelma, aproximando-se do poço para pegá-la pelo braço.

Mas sua irmã se soltou com um puxão.

— Espere que tragam a corda e a amarramos para descer. Sem nada, poderá se matar.

— Shelma, recorda a angústia que passou quando caiu no poço de Mauled?

Shelma as sentiu, assustada.

— Pois cale-se! Um menino e sua mãe estão aí embaixo, e alguém tem que ajudá-los.

— Milady — disse um velho. — Espere, eu descerei.

— Nem pensar — Megan negou com a cabeça. — Meus braços são mais fortes para me segurar, mas

seria bom se trouxesse peles. Quando sairmos, precisaremos delas para nos cobrir, está bem?

— Aqui estarão, milady — assentiu o homem.

Shelma torcia as mãos de nervosismo.

— Alguém busque uma corda forte, agora mesmo! — gritou Megan, enquanto, com cuidado, procurava onde se segurar.

— Vá até a fortaleza e procure Myles ou Mael! — gritou Shelma para uma mulher, sem notar que era Sabina, a prostituta da noite anterior.

A mulher saiu correndo, assustada, mas para sua casa, não para o castelo. Não tinha a intenção de ajudar a mulher que na noite anterior a havia envergonhado!

Shelma olhava sua irmã descer e a escuridão pouco a pouco a engolir.

— Está indo bem?

— Sim, fique tranquila — assentiu Megan.

Em duas ocasiões seus pés e mãos escorregaram, mas pouco a pouco seus olhos foram se acostumando à escuridão. Com cuidado, Megan foi cravando a adaga na pedra do poço e descendo. Então, uma mão escorregou, e ela sentiu algo pungente rasgar a pele de seu braço.

— Maldição! Que dor!

Megan mordeu o lábio ao ouvir os soluços do menino.

— Fique tranquilo, Joel, já estou chegando.

A areia do poço entrava nos olhos de Megan, e ela sentia sua pele se arrepiar devido à umidade e ao frio. Ao olhar para baixo, distinguiu o menino agarrado a uma pedra, mas a mãe flutuava, tentando não afundar.

— Meu Deus! — sussurrou ela.

Sem pensar, Megan se soltou na água para pegar a mulher, gritando:

— Joel, não se preocupe. Agora mesmo vão nos tirar daqui!

Com as mãos doloridas e ensanguentadas, ela conseguiu se segurar em uma pedra; e, tirando forças de onde não tinha, cravou a adaga na parede e arrastou a mulher consigo.

— Fique tranquila. Segure aqui.

— Milady, meu filho — sussurrou a mulher, prestes a perder a consciência.

— Joel está bem — disse Megan, dolorida.

A ferida em seu braço sangrava, mas logo se curaria. Agora, precisava que a mulher não desmaiasse.

— Como é seu nome?

— Lena — murmurou a mulher, fechando os olhos e batendo os dentes.

— Lena! Meu nome é Megan, sou esposa de *laird* McRae — gritou ela chacoalhando a mulher e tiritando de frio. — Preciso que me ajude. Não feche os olhos! Se desmaiar, não terei forças para segurar você e Joel. Por favor! Não feche os olhos. Aguarde até que eles cheguem, não vão demorar.

— Tentarei, milady — assentiu a mulher.

Lá em cima, uma multidão cada vez mais numerosa se amontoava em volta do poço. Shelma olhava ao redor, desesperada. Onde estaria a ajuda?

— Que está acontecendo? — perguntou Anthony, o inglês ferido.

— Anthony — sussurrou Shelma, trêmula. — Uma mulher e seu filho caíram, e Megan desceu para ajudá-los. Mas eu a ouvi cair, e ela não responde. Oh, Anthony!

Com celeridade, Anthony se assomou ao poço e, não vendo nada, voltou-se para as pessoas, que assistiam, angustiadas.

— Uma corda, maldição! — gritou o homem.

Ao ver que ninguém fazia nada, correu para a fortaleza, onde encontrou Myles e o resto. Ao serem alertados, foram com toda a pressa para o poço com uma corda comprida.

Preocupada, Shelma os viu chegar.

— Rápido, Myles! — gritou Shelma, branca de medo. — Jogue a corda para que minha irmã possa subir.

— Milady! — gritou Myles, enquanto Mael afastava a multidão do poço para fazer espaço.

— Myles! — respondeu Megan na escuridão, exausta por se segurar com uma mão à parede e com a outra sustentar a mulher. — Jogue a corda. Vou amarrar a mulher. Puxe-a com cuidado. Depois, jogue-a de novo para tirar o menino. Rápido!

— Tragam peles ou mantas — exigiu Anthony.

— Aqui estão — respondeu um velho, aproximando-se.

Com cuidado, Myles, Mael e Anthony foram puxando pouco a pouco a mulher que, ao ver a luz, por fim desmaiou.

— Meu pauzinho — pediu o menino.

Megan, olhando para ele, sorriu. Atravessando o poço a nado, pegou o pauzinho e o entregou ao menino, ganhando um sorriso banguela encantador.

— Caiu no poço por isto, não é?

O menino, tiritando como ela, assentiu.

— Tem que me prometer nunca mais se pendurar na boca do poço. É muito perigoso! Desta vez consegui tirá-lo, mas, se tomar a cair, talvez eu não esteja aqui para salvá-lo.

O menino assentiu de novo, enquanto a corda caía mais uma vez ao seu lado.

— Agora venha — disse Megan.

E começou a amarrar a corda no corpo da criança, notando que suas mãos falhavam por causa do frio e da dor.

— Agora, segure a corda. Nós nos vemos lá em cima, está bem?

O menino concordou com a cabeça.

— Myles! — gritou, mas com a voz mais fraca. — Puxe!

Desta vez, sem muito esforço, o menino saiu do poço.

McPherson e seus convidados estavam voltando nesse momento, montando em seus garanhões, da visita às obras do futuro castelo. Ao chegar aos grandes arcos externos da fortaleza, ficaram observando com curiosidade o tumulto de gente.

— O que está acontecendo ah? — perguntou Lolach no momento em que o portão da fortaleza se abriu.

Mary, lívida, correu para eles. McPherson, que já havia desmontado de seu cavalo, pegou-a pelo braço e perguntou:

— Que está acontecendo na aldeia?

— Senhor — sussurrou Mary, trêmula, porque o que havia escutado a deixara muito preocupada. — Alguém caiu no poço, e lady Megan entrou para resgatá-lo.

— Como?! — exclamou Duncan.

E saiu correndo, seguido por Lolach e o resto. Conforme se aproximava da multidão, uma enorme angústia começou a se apoderar de seu corpo. O que sua mulher estava fazendo dentro do poço?

Myles, que havia jogado a corda, esperava a ordem para puxar sua senhora para cima; mas, dessa vez, Megan não teve forças para gritar. O frio estava começando a vencer seu corpo, de modo que, como pôde, desajeitadamente, ela se amarrou e deu dois puxões na corda. Mas não foram suficientemente fortes para que eles notassem.

Duncan chegou ao poço. Viu a mulher e o menino tremendo, cobertos com as peles. Mas onde estava sua mulher?

— Meu *laird* — disse Myles ao vê-lo chegar —, milady é a próxima a sair e estamos esperando que nos dê a ordem.

— Está demorando muito — soluçava Shelma, olhando para dentro do poço.

Nem sequer a proximidade de Lolach podia acalmá-la.

— Megan!

Angustiado diante dos acontecimentos, Duncan apoiou as mãos no poço e olhou para dentro com a intenção de pular. A escuridão preenchia tudo, inclusive sua alma. Ela estava ah embaixo e ele não conseguia vê-la.

— Megan! — bramou Duncan com força, sentando-se na borda do poço, disposto a descer atrás dela.

— Puxem — gemeu ela, alto o suficiente para que a ouvissem.

Myles, Anthony e Mael tomaram a puxar a corda. Pouco a pouco, a corda foi subindo, enquanto a impaciência de Duncan crescia. Até que emergiu da escuridão aquela mulher que tanta dor de cabeça lhe andava dando. Estava encharcada, com o cabelo emaranhado, as roupas sujas e pingando. Mary saiu correndo para a fortaleza, onde ordenou que levassem ao

quarto uma banheira com água quente.

— Está segura — suspirou Duncan.

Ela esticou a mão, e uma corrente de tranquilidade se apossou de ambos quando Duncan a segurou com força. Ao puxá-la, ele a abraçou com desespero, sentindo-a tremer de frio. Mas já estava com ele. Com rápidos movimentos, Lolach desamarrou os nós do corpo dela, e Duncan, sem falar com ninguém, mas abraçando-a forte, encaminhou-se para a fortaleza, onde sua mulher poderia se aquecer. Kieran notou a angústia no rosto dele e, afastando-se, deixou-o passar.

Ao ver Duncan segurar sua irmã e abraçá-la, Shelma sorriu. Aquele *highlander* cabeça-dura a amava. Graças aos céus! E, abraçando seu marido ela olhou para a mulher e o menino e tomou as rédeas da situação.

— Levem esta mulher e seu filho para casa — ordenou a alguns soldados. — Eles precisam se aquecer.

A seguir, olhando para Anthony, disse, vendo o sangue tingir seus curativos:

— O esforço deve ter feito soltar um ponto, \blte para a cabana, já cuidarei de você.

\òltando-se para os capitães da guarda que ela conhecia, gritou:

— Mael! Preciso que vá a meu quarto e me traga a bolsa com meus medicamentos. Myles! Pode me trazer algo para fazer curativos? \òcê, pegue a menina e leve-a com a mãe!

— \òcê dá mais ordens que um guerreiro! — riu Lolach observando sua mulher dirigir toda aquela gente. — \èjo que dirige e comanda muito bem.

— Acha mesmo? — inquiriu ela, dando-lhe um sorriso maravilhoso.

A seguir, aproximando-se, disse em sussurros:

— Megan é conhecida como Impaciente, mas deve saber, meu esposo, que eu era chamada de Mandona.

Com um sorriso divertido, ela se voltou para seguir os guerreiros que levavam a mulher e o menino. Marota, Shelma sorriu para seu marido, que a seguiu, divertido com aquele último comentário.

Duncan chegou à fortaleza, onde subiu a escada de dois em dois degraus. A porta de seu quarto, abriu-a com um pontapé e encontrou Mary acendendo a lareira. Pouco depois, entraram alguns criados com uma banheira, que encheram com vários baldes de água quente. Duncan esperou que saíssem. Com a testa franzida, angustiado, ele tirou as roupas encharcadas e sujas de sua mulher, que batia os dentes de frio.

— *Laird* McRae — disse Mary antes de fechar a porta. — Se me permitir, pedirei que tragam um caldo quente para ela. Isso a reconfortará.

— É uma excelente ideia — assentiu Duncan.

— Mary!

— Senhor? — perguntou a moça, surpresa ao ver que ele recordava seu nome.

— Obrigado por tudo — ele sussurrou.

Ela, corando, fechou a porta.

Quando ficou a sós com sua mulher, ele a observou, inquieto. Ainda tremia de frio. Pegando-a no colo, levou-a até a banheira, onde a colocou delicadamente, notando que os vapores e o calor faziam a cor voltar ao seu rosto. Duncan a lavou, cobriu-a com uma pele, colocou-a na cama e se deitou ao seu lado para aquecê-la. Enquanto a observava, o medo que havia passado por ela desaparecia, junto com sua raiva.

Por que sua mulher tinha que ser tão intrépida? Acaso não tinha medo de nada?

Tê-la ao seu lado o reconfortava. Sabia que ela estava a salvo. Sem poder conter seus impulsos, ele distribuiu doces beijos pelo rosto de Megan, até que por fim acabou em seus lábios. Megan, ao sentir o calor voltar a seu corpo, abriu os olhos e se surpreendeu quando se encontrou nos braços de seu marido, que a olhava muito sério.

— Nunca mais faça isso. Eu lhe ordeno — sussurrou ele, com tanta doçura que pareceu qualquer coisa, menos

uma ordem.

— Não me dê ordens — sorriu ela ao escutá-lo —, ou sua vida será um inferno, Falcão.

Escutar a voz dela o fez sorrir. E, sem afastar os olhos de sua esposa, perguntou:

— Está bem?

— Sim — assentiu ela, feliz com a proximidade dele —, e ficarei melhor quando parar de me olhar com essa cara tão séria.

A seguir, com a testa franzida, disse, sentindo a dor no braço:

— Duncan, tenho que lhe pedir um favor.

— Diga.

— Preciso de minha bolsa de medicamentos. Está em cima da lareira, vê?

Ele olhou na direção que ela indicava.

— Sim — assentiu ele, levantando-se para pegá-la. — Para quê?

— Machuquei o braço — disse, olhando por baixo da pele e vendo o sangue. — E tenho que...

— Oh, meu Deus, querida! — bradou ele ao levantar a pele e ver o sangue no braço dela.

E sentindo-se culpado, disse:

— Como foi que não vi isso?

— Não se preocupe — murmurou ela.

Observou o corte feio enquanto pegava um pote.

— Creio que precisarei de pontos. Sabe costurar?

— Não, e menos ainda em sua pele! — especificou Duncan, assustado.

Ao ver o sorriso dela, perguntou:

— O que é tão divertido?

— \ocê. O terrível Falcão, um robusto guerreiro, assustado por ter que dar alguns pontos no braço de sua mulher — E estendendo-lhe o pote, acrescentou: — Poderia passar um pouco deste unguento, para que não infeccione?

— Claro que sim. Mas espere — disse ele, pegando um pano limpo.

Após molhá-lo, sussurrou:

— Primeiro, vou limpar isso.

Com dehcadeza, Duncan limpou a ferida, enquanto ela o olhava, incrédula diante de seu jeito tão carinhoso de cuidar dela. Em duas ocasiões seus olhos se encontraram e, sem permissão nem explicação, Duncan aproximou seus lábios e a beijou.

Quando acabou de limpar a ferida, pegou o unguento e o aplicou com dehcadeza.

— Agora que a limpou, não está tão feia quanto parecia — comentou Megan, ao observar a ferida e tentando não mexer o braço, que doía horrores. — Creio

que não precisarei de pontos.

— Melhor — murmurou ele, fechando o pote. — Por que não chamou um dos homens para que descesse ao poço? Poderia ter morrido! Disseram-me que desceu sem corda, segurando-se nas pedras. Em que estava pensando?

Ao ver a cara de preocupação dele, ela explicou com um sorriso:

— Quando chegamos a Dunstaffnage, Shelma era tão irrequieta quanto Zac é agora. Um dia, brincando com uma espada de madeira, ela a jogou tão alto que caiu no poço. Recordo que nós duas nos assomamos para ver se conseguíamos pegá-la, mas era impossível. Então, eu disse a ela que esperasse enquanto ia buscar vovô, pensando que ele saberia o que fazer. Fui, mas, quando voltei, ela não estava mais ah. Comecei a chamá-la. Foi quando escutei sua voz assustada e seu choro vindos do poço. Ela disse que havia chegado muito perto e caíra. Eu, desesperada, procurei um jeito de tirá-la dali. Mas não consegui. Ao ver que ela parava de falar, decidi pular no poço também.

— Por isso seu apehdo de Impaciente, não é? — debochou Duncan, fazendo-a sorrir dando-lhe uma beliscadinha na face.

— \ovô e Mauled chegaram pouco depois. Como não nos encontraram, foram ao lugar que eles sabiam que adoravamos ir: o poço. Ali, ao ouvi-los, eu comecei a gritar. Shelma havia desmaiado de frio. Assustados, com a ajuda de Felda, eles jogaram uma corda, que eu amarrei na cintura de Shelma. Eles a tiraram, e depois a mim. Depois desse dia, Shelma passou a ter um medo enorme de poços; por isso, vovô e Mauled construíram uma espécie de tampa, para que nenhuma de nós pudesse cair de novo. Desde esse dia, Shelma nunca mais se aproximou de um poço. Até hoje. Eu conheço a angústia que se passa ah embaixo. Quando ouvi o menino chorar, as recordações me vieram à cabeça e não hesitei em ajudá-lo.

— Querida, você é corajosa demais — sussurrou ele, tocando com dehcadeza o rosto de Megan.

Ouvindo isso, a expressão de Megan mudou.

— Não me chame de querida! — resmungou ela, evitando o olhar de Duncan.

— Por quê?

— Porque eu não pedi, e porque não quero que me diga palavras de amor absurdas, que não sente — sibilou ela, fundindo-se naqueles olhos verdes que tanto a aturdiavam. — Lembro-me bem do que me disse sobre o amor.

— Eu não creio no amor, Megan — disse ele, olhando-a nos olhos. — Por amor, uma vez alguém destruiu minha vida: usou-me, enganou-me, e eu caí tão baixo quando ela me abandonou que decidi que nunca mais voltaria a amar.

Endurecendo o olhar, Duncan tocou o rosto de Megan com suavidade e disse:

— Eu nunca lhe prometi que a amaria, mas sim que a protegeria e cuidaria de você como merece.

— Eu sei, não se preocupe — comentou ela com tristeza no coração. — Embora eu tivesse gostado se você tivesse se casado comigo por amor, sei que não foi assim.

Ambos se entreolharam em silêncio. Megan sorriu, apesar da dor que sentia. Com carinho, tocou o cabelo dele e disse:

— Lamento por ter vivido algo tão doloroso no passado.

E dando de ombros, como se aquilo não tivesse importância, ela sussurrou:

— Eu nunca amei nem fui amada para saber a dor que se sente quando alguém que adoramos com toda a alma nos abandona.

— Espero que nunca tenha que sofrer por algo assim — sussurrou ele, baixando o olhar, sentindo-se cruel.

— Sim, espero nunca sofrer por amor — assentiu ela

com voz viva.

Ela não queria dar a entender que estava se apaixonando por ele.

— É melhor esquecermos esta conversa. — E para fazê-lo sorrir, disse, revirando os olhos:

— Eu, de minha parte, tentarei continuar provando a você como sou imprudente, para que não se apaixone por mim.

— Você é a mulher mais imprudente que conheço — disse ele, gargalhando.

— Talvez por isso tenha me notado — brincou ela, vendo-o respirar fundo e sorrir. — E, além do mais, tenho certeza de que essas imprudências são parte de meu encanto.

— Você tem mais encantos do que eu acreditava — sussurrou ele no ouvido de Megan, fazendo-a vibrar de desejo. — Mas, por favor, pense um pouco em si mesma. Isso foi perigoso, você sabe. Repito o mesmo que disse uma vez: ajude-me a cuidar de você.

Ouvindo isso, Megan não pôde conter seu apetite. Atraiu seu marido para si, e ele aceitou com prazer seus beijos, colocando as mãos por baixo da pele e acariciando suas costas.

Aproveitando o momento de sinceridade, Megan murmurou:

— Perdoe-me por não ter sido sincera em relação a Anthony. Eu inventei aquela mentira absurda por medo de que o sangue inglês dele o influenciasse a não ajudá-lo. Eu passei mais de metade da vida tentando evitar que as pessoas soubessem a respeito de mim e meus irmãos justamente o que ocultei sobre Anthony. Eu juro que nunca quis ser desleal a você, porque eu...

— Sshhh... já passou.

Ele a fez calar levando um dedo aos lábios dela, surpreso diante dos sentimentos que Megan despertava nele.

— Perdoe-me e faça amor comigo — sussurrou ela com olhos suplicantes, sentindo uma tristeza infinita ao olhar para aquele homem que nunca a amaria. — Há dias desejo seus beijos e suas carícias.

— Está perdoada, e garanto que fazer amor com você é o que mais desejo neste mundo — respondeu Duncan, beijando-lhe o pescoço. — Mas creio que seu corpo agradecerá um pouco de descanso. Portanto, descanse.

Com uma careta de decepção, ela protestou.

— Mas estou bem!

— Descanse, Impaciente — sorriu ele, dando-lhe um beijo rápido na ponta do nariz antes de sair pela porta.

Com um sorriso triste nos lábios, Megan se aconchegou na cama. O calor das peles a fez mergulhar em um sono profundo e um sonho maravilhoso, no qual Duncan lhe dizia em gaélico que a amava.

Duncan, depois de fechar a porta, sentiu um aperto no coração que o fez cambalear. Como podia ter lhe dito que nunca a amaria, se sentia que o contrário já estava acontecendo? Praguejando, desceu para o salão, onde encontrou McPherson. Juntos, beberam cerveja, enquanto este agradecia a Duncan o que sua mulher havia feito por Lena e Joel, mulher e filho de um de seus melhores homens.

Aproveitando aquele momento, Duncan pediu a McPherson um favor, e este lhe concedeu sem pestanejar. Depois de um tempo, Duncan foi em busca de Lolach e Shelma, que estavam tratando de Anthony na casa do velho Moe. Depois de bater à porta, ele entrou e ficou observando calado, atrás de Lolach, enquanto Shelma fechava os pontos que se abriram.

— Pronto! — anunciou Shelma, pegando uns pedaços de pano para cobrir a ferida. — Agora, vou pôr a bandagem. Tente por todos os meios não fazer mais esforço.

— Como está sua mulher, *laird* McRae? — perguntou Anthony, preocupado.

— Duncan — corrigiu-o.

Ele lhe agradecia, do fundo da alma, pelo que havia feito por sua mulher.

— Eu lhe agradecería, Anthony, se a partir de hoje me chamasse de Duncan.

Surpreso, o homem sorriu, satisfeito.

— Está bem, Duncan. Como está sua mulher? — repetiu, sorrindo.

— Está bem, graças a você — Duncan assentiu.

E sorrindo para Shelma, que lhe cravava o olhar, acrescentou:

— Queria agradecer pessoalmente pelo que fez por Megan, Anthony.

— Só fiz o que devia fazer — disse Anthony, agradecendo-lhe a atenção.

— Acabei de falar com McPherson. As terras dele fazem fronteira com aquelas onde está sua mulher — comunicou Duncan, atraindo a atenção de todos, especialmente de Anthony. — O pai de sua mulher, Seamus, tem boa relação com ele. Em dois dias, quando estiver melhor, nós o acompanharemos para resgatar sua esposa.

— Por que esperar? Já estou bem! — Anthony pulou da cama.

Briana estava em perigo, e ele queria recuperá-la quanto antes.

— Deite agora mesmo! — ordenou Shelma, fazendo

seu marido sorrir.

— Acaso se sente bem para ir amanhã? — perguntou Lolach, entendendo a angústia daquele homem.

Se alguém lhe arrebatasse Shelma, ele procederia da mesma maneira.

— Sim, *laird* McKenna.

— Lolach — corrigiu-o.

Anthony sorriu. Sabia que havia encontrado dois amigos para a vida toda.

Shelma, emocionada diante daquilo, suspirou.

— Agora, descanse — aconselhou Duncan. — Amanhã partiremos para as terras de Seamus Steward.

Ao sair da casa do velho Moe, enquanto seguiam para a fortaleza, Shelma viu Sabina, que nesse momento estendia roupa. Decidida, dirigiu-se a ela, que ainda não havia percebido a presença da moça.

— Sabina! — gritou Shelma. — Pode ter certeza de que isto não vai ficar assim!

— Do que está falando, milady?! — gritou a mulher, temerosa ao ver os dois homens se aproximarem.

— Sabe perfeitamente do que estou falando — disse Shelma, olhando-a nos olhos e se aproximando com as mãos na cintura. — Teve sorte de não ter acontecido nada com minha irmã, porque, do contrário, esta noite dormiria no cemitério.

Lolach e Duncan sorriram ao escutá-la. Mas o sorriso se dissipou quando ouviram:

— Você e aquela Impaciente é que precisam ter cuidado para não acabar dormindo no fundo de algum lago — ameaçou Berta de uma esquina, sem notar a presença de Lolach e Duncan. — Aqui não são bem-vindas, e nunca serão bem recebidas. Nunca! Não sei quem acreditam que são. Chegam aqui,

roubam nossos homens, e ainda por cima pretendem que as ajudemos.

— Nem minha irmã nem eu roubamos nada! — gritou Shelma enfurecida.

Duncan e Lolach já estavam ao lado dela, irados.

Ao ver os dois homens, Berta empalideceu.

— Durante o tempo que passarmos aqui — disse firme Lolach, segurando sua mulher pela cintura —, eu proibo que todas vocês entrem na fortaleza. Agora mesmo falarei com seu *laird* McPherson.

Afastou-se com Shelma, irritadíssima.

Duncan, quieto, com expressão hostil, observava-as.

— Sabina! — gritou em seguida. — Não sei bem o que aconteceu aqui, mas pode ter certeza de que quando souber, voltarei para falar com você.

Ao escutá-lo, Sabina se pôs a tremer. A seguir, Duncan se dirigiu a Berta. Pegando-a pelo pulso, puxou-a, e a grandes passos afastou-a daquela casa. Por fim,

parou, e irado, soltou-a.

— Não admito que você nem ninguém fale assim de minha mulher ou de minha cunhada! — gritou ele, com olhos encolerizados.

— Mas, meu *laird*— ronronou a vadia, aproximando-se —, não se aborreça assim comigo. Se digo bobagens é porque anseio por sua companhia e, desde que chegou acompanhado, você me priva dela. Recorde nossos bons momentos.

Mas Duncan, irritado, não quis escutar.

— Escute bem o que estou dizendo! — E a empurrou, afastando-a. — O que fizemos no passado, é passado.

Ela, sem se dar por vencida, puxou seu vestido, mostrou um seio e com sensualidade tocou-o.

— Você gostava de minhas carícias e meus...

— Cale-se, Berta! — exclamou Duncan, irritado. — Eu gostava de suas carícias, como gostava das de muitas outras. Agora, tenho esposa, e ela é minha prioridade — disse ele, surpreendendo-a e surpreendendo a si mesmo. — Entenda, mulher! Porque não quero que volte a me tocar, nem que se aproxime dela nunca mais.

Irada diante do que ouvia, ela se jogou sobre Duncan e, passando-lhe os braços pelo pescoço, começou a beijá-lo. Mas Duncan se hvrou dela com um empurrão

rápido.

— Está louca! — disse, olhando para ela. — Nunca mais faça isso, ou juro que quem dormirá no fundo de algum lago será você.

Sem se dar por vencida, Berta olhou para ele.

— Voltará para mim, Falcão! — gritou ela ao vê-lo se afastar.

Enquanto Duncan caminhava para a fortaleza, sua mente dava voltas. Havia admitido que Megan era sua prioridade! Realmente, sentia algo que nem ele mesmo queria aceitar? Por fim, teve que sorrir quando pensou em sua mulher, em seus sorrisos, em seus olhos, em seu cabelo, em sua maneira peculiar de se meter em confusão. Ela o encantava! Incrédulo, andava cabisbaixo, sentindo que seu coração havia sido tomado por uma mulher de personalidade; uma mulher que conseguia encolerizá-lo com a mesma facilidade que o fazia sorrir; uma mulher que precisava saber o que ele sentia.

*

Fazia tempo que Megan havia acordado. Seu braço

latejava de dor, impedindo-a de dormir e relaxar na cama. Por isso, sentou-se. Ao ver que estava nua, pegou uma camisa branca de Duncan em cima da arca e a vestiu.

Sorriu ao sentir o cheiro de seu marido. Mas seu sorriso se apagou ao recordar as palavras dele: “Não acredito no amor”.

Duncan havia de verdade fechado seu coração?

Inquieta por esses pensamentos, ela admitiu que o amava. Não sabia como, mas só pensava nele e desejava que a amasse, como nunca havia desejado. Estava nervosa. Não sabia bem o que fazer. Levantou-se e foi até a janela. Ah pôde distinguir duas pessoas. Eram Duncan e Berta. O que estavam fazendo? Pareciam discutir. Megan soltou um grito de indignação quando viu aquela mulher se jogar sobre ele. Mas, para sua surpresa, percebeu que ele logo se livrou dela e, sério, foi embora.

Confusa, afastou-se da janela. O aborrecimento a fez esquecer a dor do braço. Com raiva, pegou uma almofada e a jogou na porta, enquanto lágrimas teimosas marejavam seus olhos. Não queria chorar!

Ela não podia exigir nenhum tipo de explicação. Ele havia sido sincero e lhe dissera que não a amaria nunca. E, por mais que ela se empenhasse em conseguir o impossível, sua vida seria sempre vazia e sem amor.

Tentando fazer com que o ar clareasse seus pensamentos, foi de novo até a janela. Com expressão séria, viu aquela mulher voltar com tranquilidade para a aldeia. Nesse momento, a porta de seu quarto se abriu.

— Que belo vestido! — sorriu Duncan, aproximando-se para lhe dar um rápido beijo nos lábios.

Megan o saboreou de uma maneira especial.

— Que está fazendo em pé?

— A ferida do braço me incomoda — respondeu ela sem olhar para ele. Estava de mau humor. — É

mais dolorosa do que eu pensava.

— \enha aqui — disse ele, sentando-se na cama com ela. — Que posso fazer por você?

Surpresa com o modo como Duncan a olhava, e com aquela pergunta, Megan respondeu:

— Nada! A dor do braço passará em alguns dias. De onde vem?

— Fui visitar Anthony. Shelma teve que costurá-lo depois do esforço para tirá-la do poço.

— Oh... coitado — sussurrou Megan.

Passando a mão com delicadeza pelas costas dela, Duncan continuou:

— Falei com McPherson, e amanhã iremos às terras dos Steward para tentar recuperar Briana.

Ao ver que ela o olhava como se esperasse algo, continuou:

— Depois, tive uma discussão com Berta e Sabina. Eu as fiz recordar que seus modos com você e com sua irmã não são os mais apropriados.

Ouvindo isso, Megan ficou tensa.

— Falou com Berta?

— Sim, querida. — E apoiando um dedo nos lábios dela, disse: — E se eu disse “querida” neste momento, é porque me deu vontade e é o que sinto, certo?

— \ocê é quem sabe — respondeu ela com a maior indiferença que pôde. — Eu não espero nada de você. Ficou tudo muito claro.

— Megan — suspirou ele, pegando-lhe a mão e beijando-lhe a palma com delicadeza —, durante anos, eu conheci mulheres com quem só passei bons momentos na cama e, como poderá imaginar, uma delas foi Berta.

Ele observava com deleite aqueles olhos pretos tão sensuais e fascinantes.

— Mas hoje...

— Duncan, você já deixou claro que...

— Espere e escute — disse Duncan, pondo de novo um dedo sobre os lábios dela para fazê-la calar —, porque não sei se serei capaz de repetir o que vou dizer. Eu entendo de guerra, não de amor. Mas não sei que estranho feitiço você colocou em mim que não consigo tirá-la de minha cabeça desde o dia em que pus meus

olhos em você.

Sem respirar, Megan o escutava.

— Eu contei que por causa de uma mulher recusei-me a pensar em ter uma esposa, e muito menos filhos. Mas você está fazendo minha vida mudar tão rápido que às vezes não sei nem o que estou fazendo — murmurou Duncan, enquanto ela o observava. — Há momentos em que não sei de onde tiro paciência para lidar com você sem açoitá-la ou matá-la. — Sorriu carinhosamente ao dizer isso. — Mas já não posso conceber minha vida sem nossas discussões e sem suas constantes loucuras.

Ouvindo isso, ela o beijou com uma doçura que fez o coração de Duncan se apertar.

— Não sei se serei capaz de amá-la como você necessita, mas preciso dizer que é maravilhosa. Nosso casamento não vai ser fácil, mas quero tentar porque é a mulher mais bonita, valente, problemática, respondona e divertida que já conheci na vida. E se a chamo de “querida” — disse, levantando o queixo de Megan com um dedo para olhar para ela —, acredite, porque é o que sinto.

— Não sei o que dizer — sussurrou Megan, comovida, com um fio de voz. — Essas foram as palavras mais bonitas que já me disseram na vida.

Duncan sorriu e, atraindo-a para si, abraçou-a com tanta paixão que nesse momento não existia nada além dos dois. Depois de um tempo de beijos intensos e palavras doces que fluíam dos lábios dos dois com tranquilidade, chegaram a eles os golpes e relinchos de Stoirm.

— Sabe de uma coisa? — disse Megan, afastando-se dele. — Hoje de manhã estive na estrebaria visitando Lord Draco.

— Rene está cuidando bem dele? — perguntou Duncan, beijando-lhe o pescoço. — Ele é um bom cavaliço.

Desfrutando o momento, Megan riu.

— Conheci Stoirm também. É um garanhão impressionante. Se meu avô o tivesse conhecido, adoraria poder trabalhar com ele.

— Megan — disse Duncan, pegando-a pelo queixo para atrair seu olhar. — Não quero que se aproxime desse cavalo. Entendo que gosta de cavalos e, quando chegarmos às minhas terras, eu lhe darei os que quiser. Mas não quero vê-la perto desse diabo.

— Que exagerado! — sorriu ela, inclinando a cabeça. — Pobre cavalo.

Duncan, cravando seu olhar mais feroz nela, insistiu, advertindo-a:

— Megan, eu lhe ordeno! Não se aproxime dele, entendeu?

Ela o beijou e, suspirando, murmurou:

— Um dia terei que lhe explicar certas coisas — sorriu Megan ao escutar de novo da boca de Duncan o “eu lhe ordeno”.

— Você me ouviu?! — Duncan levantou a voz, tão confuso que nem a ouviu.

— Tudo bem! Tudo bem! — respondeu ela, levantando os braços comicamente. — Não vou

me aproximar desse cavalo terrível e horroroso.

Ele sorriu e relaxou.

— Querida, preciso poder confiar em você, entende?

— Fique tranquilo, eu entendo — assentiu Megan.

E olhando para ele com um sorriso, disse:

— Duncan, eu já disse como fica bonito quando sorri? Gosto tanto de você e de seu sorriso!

Ao escutá-la, Duncan gargalhou de felicidade. E sussurrando com voz rouca, disse, deitando-a na cama e pondo as mãos por baixo da fina camisa que ela usava:

— Você sim que é linda e valente, meu amor.

Escutar isso fez Megan suspirar de alegria.

Abraçando-o, ela o beijou tão intensamente que poucos instantes depois Duncan não pôde resistir e fizeram amor com paixão, com ternura e, apesar de ainda não terem admitido, com amor.

Passada uma noite consumidos pela paixão, de madrugada Duncan deu um beijo em Megan e saiu do quarto. Cautelosamente dirigiu-se ao pátio. Ali Lolach, McPherson, Niall e Anthony o esperavam.

— É sério — disse Kieran, aproximando-se. — Não tenho pressa de voltar para minhas terras; posso ir com vocês.

— Prefiro que fique na fortaleza — disse McPherson, segurando seu cavalo.

E olhando para Niall, que se aproximava, disse:

— Espero que dê ouvidos aos conselhos de Niall.

— Fique tranquilo, McPherson — sussurrou Kieran vendo Duncan se aproximar com a testa franzida.

Preparou-se para receber o pior.

— O'Hara! — bradou Duncan.

E parando diante do rapaz, ordenou:

— Tente não se aproximar de minha mulher ou de minha cunhada, se não quiser ser um homem morto.

— Está bem — assentiu Kieran, esperando um soco do bruto McRae.

Ao ver que ele se afastava, perguntou, incrédulo:

— Algo mais, Duncan?

— Nada mais, O'Hara — respondeu Duncan com voz rouca.

Montou em seu impressionante cavalo, Dark, e sem dizer mais nada partiu.

Ainda estranhando que Duncan não o houvesse socado pelas liberdades que havia tomado com a mulher dele na noite que se embebedara, Kieran se voltou ao ouvir Lolach atrás de si.

— Kieran, esta é a oportunidade que sempre buscou para que mudemos nossa opinião sobre você.

Assentindo com o olhar, Kieran o viu juntar-se ao grupo que se afastava. A seguir, entrou na fortaleza, onde todos ainda dormiam.

Capítulo 21

As terras de Seamus Steward faziam fronteira com as de McPherson. Durante anos, a convivência havia sido excelente, apesar dos pequenos incidentes que Sean, o filho mais novo dos Steward, ocasionava de vez em quando. Após quase um dia inteiro de estrada com os ouvidos bem atentos, os três *lairds*, Niall, Anthony e uma centena de guerreiros adentraram aquelas terras íngremes, onde logo se sentiram observados. Apesar disso, seguiram caminho sem hesitar, até adentrar o pátio do castelo, onde Seamus os recebeu com um grato sorriso — que se diluiu em seu rosto quando reconheceu entre eles Anthony, o *sassenach* que havia se casado com sua filha.

— McPherson, McRae, McKenna — saudou Seamus —, são bem-vindos às minhas terras, mas não posso dizer o mesmo desse *sassenach*. O que faz ele com vocês?

McPherson o conhecia muito bem e sabia que sempre havia sido um homem justo e prudente; não como seu filho Sean.

— Seamus — disse McPherson —, onde está sua hospitalidade de *highlander*?

O homem não respondeu a essa pergunta. Olhando para eles, balançou a cabeça.

— Entrem, sejam bem-vindos — grunhiu.

E apontando para Anthony, que o olhava muito sério, disse:

— Mas ele não. Em minha casa não entra nenhum inglês.

— Acaso se esqueceu de que o sangue escocês também corre por suas veias?! — vociferou Duncan, ainda montado em seu cavalo.

— Seamus, este homem é casado com sua filha, não se esqueça — acrescentou McPherson, atraindo a atenção de seu amigo.

— Se ele nos houvesse advertido de que seu sangue era contaminado — bramou Seamus —, eu nunca teria consentido esse casamento!

Anthony escutava com a raiva estampada no rosto. Mas precisava conter sua ira. Um gesto errado, uma palavra equivocada e Briana poderia sofrer.

— Mas agora ele é marido dela diante dos olhos de

Deus e da Igreja — afirmou Lolach. — E como tal ele a reclama.

— Eu conseguirei anular esse casamento absurdo! — respondeu Seamus. — E que fique bem claro, *sassenach*!

— gritou, apontando para Anthony, que continuava no cavalo, apesar da dor no ombro. — Minha filha nunca voltará para você! Eu não consentirei em que meu sangue se misture com o seu.

A raiva corria pelas veias de Duncan. Ele sentia a angústia e o sofrimento de que Megan havia padecido durante toda a vida.

— Já está feito — anunciou Duncan. — Sua filha está esperando um filho dele.

Enlouquecido de raiva, Seamus olhou para aqueles que até o dia anterior haviam sido seus amigos.

— Mentira! — bradou. — Eu não permitirei que minha filha traga a este mundo nenhum bastardo inglês. Antes, eu mesmo o arranco de suas entranhas.

— Tenha cuidado com o que diz de minha esposa, senhor — disse Anthony, olhando-o muito seriamente.

— E esclarecerei apenas uma vez que meu filho não é, nem será, nenhum bastardo.

— Ah, não? — riu Seamus com desdém. — Acaso pensa que eu permitirei que esse monstro carregue o sobrenome Steward?

— Isso é inacreditável — murmurou Niall, impressionado com o ódio que aquelas palavras exalavam. — Por todos os santos, Seamus! Como pode pensar assim de seu neto?

— Neto? Eu não tenho neto nenhum! E o que não entendo é como vocês estão do lado dele — sibilou, olhando-os. — São escoceses, *highlanders*, e ele é o inimigo. Já lutamos juntos muitas vezes. Onde estão seus ideais?

— O que está dizendo — disse Lolach — nada tem a ver com nossos ideais.

— Oh... claro, entendo — disse Seamus com ironia. — Então, os rumores são verdadeiros: vocês se casaram com duas *sassenachs*!

— Seamus! — advertiu Duncan, endurecendo a voz e o olhar. — Ninguém falará de minha mulher e sua família na minha frente. E ninguém ousará insultá-los em minha presença! Portanto, meça suas palavras se não quiser causar problemas entre nós.

— Faço minhas as palavras de Duncan — disse Lolach, endireitando os ombros.

— Vamos nos acalmar! — propôs Niall ao ver como seu irmão estava aborrecido. — Entrem no castelo, eu ficarei com Anthony.

E olhando para seu irmão indicou-lhe que relaxasse.

Nesse exato momento, Sean, filho de Seamus, apareceu com vários homens.

— Pai! — exclamou com os olhos coléricos. — Nenhum simpatizante dos *sassenachs* é bem-vindo em nossa casa. — E aproximando-se de Anthony, rosnou: — Eu disse que se tomasse a vê-lo eu o mataria.

Anthony, olhando-o de cima de seu cavalo, sem se intimidar, respondeu:

— Eu o avisei que voltaria. E aqui estou, disposto a recuperar minha mulher!

— Esqueça-a! — gritou Sean, puxando sua espada no mesmo instante em que Niall se interpunha entre eles para tentar mediar.

— Afaste-se, McRae, se não quiser que minha espada o atravessasse por defender um inglês pestilento!

— Steward! — gritou Duncan ao ver o fio da espada perto do coração de seu irmão. — Abaixei agora mesmo sua espada, se não quiser que eu mesmo a arranque de você.

O rapaz, um imenso malcriado, olhou-o e sorriu com desprezo.

— Falcão, não tenho medo de você — respondeu, desafiando-o.

Duncan, que nunca havia gostado daquele rapaz, tomou as rédeas de seu garanhão com um olhar de gelar o inferno. Aproximou-se, e ainda vendo a espada perto de Niall, inclinou-se sobre seu cavalo para ficar mais perto de Sean.

— Juro pelo sangue de meus antepassados que, se tocar em meu irmão, eu o mato aqui e agora.

Então, Sean baixou a espada e Duncan voltou a sua posição.

— Tenha cuidado, Sean — sibilou Niall, enfurecido. — Só queremos que não cometa nenhum ato do qual possa se arrepender.

— Eu me arrependo é de não o ter matado quando tive oportunidade.

Nesse momento, abriu-se a porta da entrada e uma mulher de cabelos castanhos saiu apressadamente, seguida por duas mais velhas. Livrando-se delas e ignorando as ordens de Seamus, ela se enfiou entre os cavalos e se jogou sobre Anthony. Ao vê-la, instantes antes, ele havia desmontado de seu cavalo. Abraçou-a.

— Oh... Anthony — gemeu Briana. — Pensei que havia morrido!

— Estou bem, meu tesouro — sorriu Anthony ao vê-la.

Mas ficou preocupado ao notar as marcas azuladas que ela tinha sob os olhos.

— Eu disse que voltaria para buscá-la, e aqui estou.

Estupefato pelo rumo que aquilo estava tomando, Sean, ao ver sua irmã nos braços daquele homem, pulou enlouquecido do cavalo e gritou:

— Solte minha irmã, maldito inglês!

Depois de olhar para seu irmão, Niall também desmontou do cavalo.

— Briana! — vociferou Seamus. — \òlte imediatamente para dentro. Eu lhe ordeno!

— Não, pai! — gritou ela, angustiada. — Prefiro morrer a continuar vivendo assim.

E puxando uma adaga da manga, disse, olhando para seu irmão:

— Se você se aproximar de meu marido ou de mim, juro que o mato. Eu o odeio! Nunca mais o tocará, nem nele nem em mim.

— Maldição! — rosnou Sean, olhando-a com ódio. — Eu a tratei como merece.

Aquela troca de palavras deu o que pensar a todos. Mas foi Anthony quem falou:

— O que aconteceu aqui? — perguntou, olhando para sua mulher, que tremia como uma vara verde. — O que ele lhe fez?

Ao ver que ela não respondia, olhou para Sean. E sacando sua espada, perguntou, respirando com dificuldade:

— Maldito! Que fez com minha mulher?

— Calma, Anthony — disse Niall, pegando-o pelo braço. — Não vale a pena.

— Seamus Steward! — gritou Duncan ao ver o que podia acontecer ah. — Peça a seu filho que guarde sua espada e tentaremos resolver isto com tranquilidade.

— É uma prostituta! — disse Sean, transtornado, deixando todos, inclusive seu pai, sem palavras. — E como tal a tratei.

— Eu o odeio! — gemeu Briana.

Mas Sean prosseguiu:

— Desta vez, além de matar seu marido, eu a entregarei a meus homens para que usem e desfrutem do que eu já usei.

O horror do significado das palavras de Sean fez com que os presentes clamassem aos céus.

— Cale-se! — gritou Briana ao ver a cara com que Anthony e os demais a olhavam. — Eu o odiarei por toda minha vida pelo que fez comigo.

— Santo Deus! — murmurou Niall, incrédulo.

— Filho, o que você fez? — gemeu Seamus, e todos os pelos de seu corpo se arrepiaram.

De súbito, o silvo de uma flecha surpreendeu a todos. A seta se cravou diretamente no peito de Sean, que caiu fulminado no chão.

Todos seguiram a direção da flecha e ficaram sem palavras quando viram que quem a havia lançado era Marbel, mãe de Sean e Briana. Arrasada pela dor, ela chorava pelo que havia acabado de fazer e escutar.

Os soldados de Sean, ao vê-lo caído no chão, descontrolaram-se: alguns fugiram para o bosque e além, e outros se jogaram no chão pedindo clemência. McPherson, Lolach e Duncan observavam atônitos o que havia acabado de acontecer. Anthony abraçou Briana, que desmaiou em seus braços, impressionada diante daquilo.

Seamus, abalado, aproximou-se de Sean, seu filho adorado, mas terrível. Após fechar-lhe os olhos com as mãos, voltou-se para Marbel. Ela, ainda com o arco nas mãos, aproximava-se.

— Mulher — balbuciou ele, desesperado —, que fez com nosso filho?

— Eu não acreditei nela — sussurrou Marbel, parando diante de seu marido com o rosto encharcado de lágrimas. — Nossa filha me contou, mas eu não acreditei nela. Pensei que estava mentindo. Eu a chamei de mentirosa!

Agachando-se junto ao cadáver de Sean, com dehcadeza ela ajeitou-lhe a franja.

— Meu filho adorado, meu menino amado. Há tempo deixou de ser um bom homem e se tomou um guerreiro cruel. Mas eu sempre o perdoei pelo amor que sentia.

E levantando-se para se aproximar de Briana, que começava a reagir e abria os olhos, prosseguiu:

— Mas por mais que o ame, não posso perdoar o que confessou ter feito com sua irmã. Ela também é minha filha! — gritou, olhando para seu marido.

Seamus a escutava com lágrimas nos olhos.

— Mas ele... — Seamus tentou continuar, mas ao ver sua filha abraçada àquele homem, que apesar de tudo havia voltado por ela, não conseguiu.

— *Laird Steward* — anunciou Anthony, torturado pela raiva causada pelo sofrimento de sua mulher —, Briana é minha mulher e virá comigo.

— Anthony — murmurou Marbel, olhando-o com os olhos e o coração arrasados de dor —, leve-a com você e cuide dela como nós não soubemos fazer.

— Mãe — soluçou a moça, abraçando-a —, eu mandarei notícias minhas.

— Que Deus a acompanhe, minha filha — desejou a mulher, beijando-a.

Briana tentou falar com seu pai, mas ele se negou com a cabeça; agachou-se e começou a chorar abraçado a seu filho, enquanto sua mulher entrava no castelo sem olhar para trás.

— É melhor partirmos — disse Duncan olhando para Lolach e Niall.

Os dois assentiram e montaram em seus cavalos.

McPherson tocou o ombro de seu amigo Seamus e entendeu sua dor. Ele também havia perdido um filho.

— Steward — murmurou McPherson antes de partir —, sinto muito.

E sem dizer mais nada, Anthony, Briana e os demais partiram das terras escarpadas dos Steward.

Capítulo 22

Naquela manhã, na fortaleza, quando Mary entrou no quarto, sorriu ao ver Megan dormindo na cama. Fechando a porta com cuidado, deixou-a descansar.

A manhã já ia bem avançada quando, depois de fazer um curativo na ferida do braço, que estava bem melhor, Megan saiu de seu quarto. Encontrou Kieran encostado na parede.

— Não me olhe com essa cara, milady — sussurrou ele, sem sair do lugar.

Megan, estando de novo a sós com ele, suspirou.

— Pretende que faça de novo o que fiz o outro dia? — perguntou ela.

Ele, envergonhado, baixou os olhos e disse:

— Escute-me um segundo, milady.

— Megan — rephcou ela, olhando para ele. — Meu nome é Megan.

Agradecido pela deferência, ele prosseguiu.

— Megan, quero pedir desculpas por meu comportamento absurdo — disse ele olhando-a nos olhos. — Não sei o que aconteceu comigo; eu havia bebido, e me deixei tão impressionado com sua força diante daquelas mulheres que algo dentro de mim me incitou a beijá-la. — Dando um passo para se aproximar dela, sussurrou: — Hoje de manhã, eu estava preparado para receber um belo soco de seu marido. Imaginei que havia lhe contado o acontecido, mas me surpreendí quando ele apenas disse que se eu me aproximasse de você ou de sua irmã, teria que me ver com ele.

— Eu não lhe contei nada — disse Megan ao perceber as boas intenções do rapaz. — O que aconteceu foi uma bobagem, que não deve tornar a acontecer.

— Eu lhe prometo! — afirmou Kieran sorrindo. E levando uma das mãos ao coração, disse: — Quero que saiba que tem um amigo em mim e, que se um dia precisar de algo, pode contar comigo para o que for. Palavra de *highlander*!

Ao vê-la assentir, ele prosseguiu, olhando-a nos olhos.

— Por todos os santos, Megan! Estou morrendo de vergonha! Será capaz de me perdoar?

— E evidente que sim, Kieran! — riu ela.

E desceram para o salão de braços dados.

— A arte do amor e da caça não é para mim —

revelou ele, dando um tapa cômico na própria cabeça.

— Kieran, a primeira coisa que deve aprender para que sua “arte” funcione — sorriu Megan — é interpretar os olhares e os sorrisos de uma mulher.

— Tenho que reconhecer que para isso sou muito inepto.

— Eu não acredito nisso.

Pensando no que ele havia dito antes, Megan perguntou, com um sorriso:

— Pensa mesmo que se eu houvesse contado algo a Duncan ele o teria machucado?

— Por todos os santos! — gargalhou Kieran, já quase chegando ao salão. — Claro que sim. Duncan e eu nunca fomos excelentes amigos, mas, na verdade, não sei por quê.

Nesse momento, Zac chegou correndo. Pegou Kieran pela mão e o levou para a cozinha. Megan, feliz diante daquilo, entrou no salão, onde viu que sua irmã estava conversando com alguém.

— Olhe quem veio nos visitar — disse Shelma, sorrindo.

Megan observou uma jovem de cabelos claros.

— Milady — murmurou a bela mulher, que devia ter sua idade —, queria agradecer-lhe pelo que fez ontem por meu filho e por mim.

Ouvindo isso, Megan a reconheceu. Era a mulher que ela havia tirado do poço.

Com um sorriso, Megan se aproximou:

— Seu nome é Lena, não é?

Amoça assentiu.

— Você e Joel estão bem?

— Sim, milady. E estamos muito agradecidos — disse Lena, sorrindo ao ver Joel entrar correndo com a irmã. — Eu trouxe um presente para cada uma de vocês — afirmou, estendendo dois pequenos pingentes em forma de folha, finamente trabalhados em madeira, suspensos em dois cordões pretos de couro.

— Oh... Lena — sussurrou Shelma, agradecida pelo carinho. — Obrigada, são lindos, mas não era necessário.

— Não têm muito valor — desculpou-se a mulher —, mas eu queria agradecer pelo que fizeram.

— Têm um valor enorme — disse Megan, agradecendo a atenção.

Viu Kieran saindo da cozinha com Zac. Acrescentou:

— São lindos, Lena. Muito obrigada.

E surpreendendo a jovem, Megan a abraçou.

— Fico feliz por terem gostado — sorriu a mulher, satisfeita. — Agora tenho que ir. Só queria agradecer-lhes e dizer que, se houver algo que eu possa fazer por

voce, sera um prazer.

— Não esqueceremos — disse Megan sorrindo enquanto observava a mulher partir com seus filhos.

Shelma, comovida, sorriu.

— Bom dia, lindas damas — saudou Kieran, aproximando-se.

Isso fez Megan sorrir.

— Meu amigo Kieran me ensinou esta manhã a jogar pedras nos cestos a distância — gritou Zac, emocionado.

Pondo as mãos nos quadris — gesto que fez Kieran sorrir —, Megan disse:

— Era só o que faltava, Zac, que melhore sua pontaria.

— Agora vamos ao lago. Ele vai me ensinar como fazer para que a pedra pule na água como um sapo.

— Ora! — brincou Megan, inclinando a cabeça para olhar para o jovem, que a observava sorrindo. — Que habilidades curiosas e maravilhosas seu amigo Kieran pode ensinar a você. — E olhando para o menino, acrescentou, divertida: — Não permita que ele ensine a arte da caça. Pelo que sei, ele é péssimo nisso.

Kieran sorriu ao escutá-la e, enquanto se afastava com Zac, disse:

— Shelma, diga a sua irmã que uma flecha atravessou

meu coração.

Ao vê-los sair, Shelma se voltou para sua irmã e perguntou:

— O que aconteceu aqui?

— Não se preocupe — respondeu Megan, escutando os risos de Kieran e Zac na distância. — Kieran gosta de brincar.

Ao meio-dia, Shelma e Megan almoçaram no salão acompanhadas de alguns dos guerreiros que haviam ficado na fortaleza. Depois, Shelma foi para seu quarto descansar, e Megan, sem poder evitar, foi até as estrebarias. Com o pretexto de visitar Lord Draco, conseguiu a duras penas passar um pouco de unguento nas feridas das patas de Stoirm.

Após a sesta de Shelma, as duas decidiram dar um passeio até o lago para esticar as pernas.

— Como estão as coisas com Duncan? — perguntou Shelma, subindo em uma pedra e colocando os pés na água.

— Bem — sorriu Megan, e sentiu um frio no estômago estranho ao pensar nele. — Creio que ontem ambos abrimos nosso coração.

Ao ouvir isso Shelma sorriu, dizendo:

— Fico feliz. Por fim haverá um pouco de paz.

— Sabe de uma coisa? Ele me fez prometer que eu me cuidaria. Disse que me meto em muita confusão. Pode acreditar nisso?

— Claro! — sorriu Shelma. — Lolach insinuou que nosso avô nos criou com a obstinação de um guerreiro.

— Tem razão — assentiu Megan, admitindo as habilidades pouco femininas que ela mesma tinha. — Poucas mulheres que conhecemos sabem fazer as coisas que você e eu sabemos.

— Gillian sabe! Ela sim — disse Shelma sorrindo ao recordar sua amiga intrépida.

E olhando para sua irmã, perguntou:

— Já pensou como nossa vida teria sido diferente se papai e mamãe ainda estivessem conosco?

— Há anos deixei de pensar nisso — disse ela, observando os peixes que nadavam com tranquilidade no lago. — Para ser sincera, quando chegamos a Dunstaffnage, eu não podia parar de pensar em nossa casa linda e confortável em Dunhar. Viver na pequena cabana de vovô era tão diferente que, de certo modo, eu ansiava por voltar a Dunhar. Mas, depois de passar o primeiro Natal com ele, Felda, Mauled, Magnus, Gillian e as pessoas do clã McDougall, tudo mudou. Percebi que preferia ter menos sedas, porcelana e tapeçarias, mas mais carinho e amor.

assentiu Shelma com

— Que belos tempos! —

melancolia.

— E um dia — prosseguiu Megan — eu me apaixonei pelo verde dos campos da Escócia, pelo cheiro de urze de seus bosques, por seus lagos azuis e cristalinos, por sua bruma, e até por sua umidade às vezes insuportável. — Megan sorriu. — Tenho orgulho de tudo que vovô e Mauled nos deram, porque isso me ensinou a apreciar a vida de outra forma. Viver com o vovô me fez conhecer mais mamãe e não a esquecer; se bem que já não me lembro de seu rosto. Mas, quando vejo um lindo choupo ou um pôr do sol maravilhoso, eu me lembro dela, do jeito como ela descrevia as cores, os sabores e os cheiros de sua Escócia amada.

— Eu também não me lembro do rosto dela — sussurrou Shelma.

— E normal, era muito pequena — sorriu Megan, puxando-lhe o cabelo.

Nesse momento, ouviram um mergulho na água.

— Que foi isso?

Ambas se levantaram e correram para a mata. Shelma apontou para um lugar.

— Ssshhh... Fique calada! \èja quem está ah.

Megan olhou para onde sua irmã indicava e ficou

tensa.

sussurrou

— São Sabina, Berta e suas amigas —

Megan, agachando-se junto a sua irmã.

Viram as mulheres se despir para mergulhar na água. Ficaram observando-as por um tempo, e então as mulheres começaram a falar algo que elas não conseguiam discernir da distância em que estavam.

— \ènha, estou curiosa para saber do que estão falando.

— Tudo bem! — sorriu Shelma, arrastando-se junto com sua irmã para ficar atrás de umas rochas bem próximas às mulheres.

Alheias às pessoas que as escutavam atrás das rochas, Berta e suas colegas de trabalho mergulhavam na água.

— Hoje de manhã Golap, o Manco, e \èrted, o Bruto, foram me visitar — disse uma loura.

— Gente de James O’Hara? — perguntou Berta com curiosidade enquanto lavava o cabelo.

— Sim — respondeu a loura com um sorriso nada sincero. — E, sem querer, eu lhes informei que nosso *laird* estaria fora quase com certeza até amanhã.

— Muito bem! — riu Berta ao saber o que aquilo queria dizer.

— As *sassenachs* que se preparem! James não é como o belo Kieran — riu Sabina, sabendo a aversão que o primeiro tinha de tudo o que fosse inglês.

— Creio que vamos nos divertir um pouco — sorriu

Berta com cumplicidade. — Até que Lolach, Duncan e nosso senhor cheguem, aquelas duas nojentas vão ter que se ver com O’Hara, o Malvado.

Com cuidado, Megan e Shelma se afastaram dali, deixando que as mulheres continuassem com seu banho e suas confidências.

— O’Hara, o Malvado? — perguntou Shelma, jogando o cabelo para trás. — Temos que falar com

Kieran.

— Não creio que seja necessário falar com o belo Kieran. — Megan gargalhou ao dizer isso. — Duncan e Lolach, no máximo, chegarão amanhã. Pediremos a Mary que nos leve bandejas de comida ao quarto e evitaremos problemas.

Pegando Shelma pela mão com um sorriso e olhando para Zac, que lutava com uma espada de madeira junto com Kieran, que se divertia, disse:

— Vamos ver Lord Draco.

Esquecendo o que haviam ouvido, elas se encaminharam às cavaliças, onde o cavalo suspirou ao vê-las, dando-lhes boas-vindas.

— Olá, meu lindo — saudou Megan com carinho, aproximando o rosto da cara de Lord Draco para lhe dar uns beijos carinhosos. O cavalo os recebeu com agrado.

— Está bem cuidado, não é? — sorriu Shelma, passando a mão pelo lombo do animal com afeto.

— Logo chegaremos a nossa nova casa, e eu prometo que o levarei todos os dias para dar um longo passeio — prosseguiu Megan, falando em sussurros enquanto o escovava com uma escova que havia encontrado no chão.

Com curiosidade, olhou para o outro cavalo, Stoirm, que quando ela começara a sussurrar com Lord Draco, havia parado de relinchar, como se a escutasse.

— \`ejo que seu companheiro é muito bonito.

Quando Megan estendeu a mão para tocar o cavalo

pardo, ele se afastou, batendo as patas no chão.

— Ora! \`ocê é daqueles que se fazem de rogado.

Megan sorriu e, voltando sua atenção para Lord

Draco, sussurrou:

— Creio que ele sabe que é bonito, por isso é arrogante.

Enquanto Megan continuava falando com Lord Draco, Shelma observava com curiosidade e admirava os garanhões que *laird* McPherson possuía. Ao mesmo tempo, conversava com Rene, o cavaliço, que cada vez que falava com elas se admirava com tudo o que as duas sabiam sobre cavalos e seus cuidados.

Megan continuava tentando conquistar o cavalo nervoso. Tinha esse objetivo e, quando ela decidia fazer algo, conseguia.

— É um cavalo lindo, e adoro seu nome — sussurrou Megan, olhando para o garanhão de longas patas e pelagem brilhante, que se movia inquieto cada vez que alguém passava perto de sua cocheira, mas que

parecia prestar atenção e escutar o que ela dizia.

— Milady — advertiu Rene—, o que ele tem de bonito, tem de perigoso. Tremo só de pensar que qualquer dia ele pode me arrancar uma mão.

— Que exagerado, Rene! — sorriu Shelma.

— Não estou exagerando, milady — respondeu rapaz. — E podem não acreditar, mas o único cavalo que essa fera permite que se aproxime é o de vocês.

— É que Lord Draco é um cavalo muito bom — afirmou Shelma, fazendo carinho no velho corcel.

— Deve ser isso — admitiu Rene, observando como Megan olhava o garanhão. — Todos os cavalos que pus na cocheira junto com Stoirm acabaram tendo que mudar de lugar. Ele os deixava nervosos. No dia em que as miladies chegaram, provisoriamente deixei Lord Draco nessa cocheira e vi Stoirm rapidamente começar a escoicear as tábuas, a fim de assustá-lo. Mas seu cavalo, em vez de se assustar, o que fez foi responder chutando as tábuas com mais força.

— Sério? — riu Megan, acariciando com carinho o velho animal. — Ora! Eu não sabia que ainda tinha tanta

energia.

— É um excelente cavalo o de vocês — disse o rapaz. — Por isso não o mudei de cocheira. Lord Draco é o único que consegue acalmar Stoirm e, em poucos dias, digamos que conquistou a confiança desta fera.

— Não creio que seja tão terrível — sussurrou Megan para o cavalo, que parecia olhar para ela com seus profundos olhos negros —, e eu adoraria que você me deixasse me aproximar.

— Milady — repetiu Rene ao vê-la se aproximar mais do que ninguém se atrevia. — Esse cavalo tem mau gênio, e todo o mundo que tenta acaba beijando o chão.

Megan, depois de olhar para sua irmã e vê-la revirar os olhos, perguntou:

— Se eu tentar, guardará segredo?

Rene não estava gostando daquilo. Quase gaguejando, disse:

— Milady, não cre... não creio que deva fazer isso. Se algo lhe acontecer, não quero ter que arcar com as consequências.

— Fique tranquilo, Rene — disse Shelma ao ver com que cara sua irmã e o cavalo se observavam. — Nós não diremos nada se você não disser. E se ela cair, não se preocupe. Minha irmã, além de ter uma cabeça muito dura, sabe se levantar muito bem, não é?

— É claro. Não se preocupe, Rene — sussurrou Megan, aproximando-se mais do cavalo pardo.

Ele começou a chutar o chão, observando a mão de Megan, com a palma para cima, aproximando-se.

— \`enha aqui, rapaz; eu sei que quer tanto quanto eu que sejamos amigos.

— Por favor... — suplicava Rene, com a testa perolada de suor.

Megan ordenou que se calasse.

— Ssshhh... estamos nos apresentando.

Enquanto acariciava o animal com cuidado, Megan se pôs ao seu lado. Com precaução, ela subiu em uma tábua e, pegando um pequeno impulso, pulou no lombo do cavalo. Ao sentir o corpo da moça sobre ele, Stoirm a princípio ficou quieto, deixando Rene sem palavras. Prendendo a respiração, Megan começou a sorrir. Mas, de repente, o cavalo empinou e ela saiu voando pelos ares, caindo em cima de um monte de palha.

Shelma caiu na risada.

— Por São Fergus! — gritou Rene, horrorizado diante do que havia acontecido. — Está bem?

— Fique tranquilo, Rene — respondeu Megan, tirando a palha do cabelo enquanto olhava para o cavalo com seus olhos negros desafiadores. — Já montei cavalos piores.

— Minha irmã é dura, não se preocupe — afirmou Shelma, ainda rindo.

Depois dessa primeira queda houve muitas mais, para desespero de Rene. Encharcado de suor, ele via a mulher do Falcão voar pelos ares sem dar o braço a torcer. Isso o estava desesperando.

Naquela tarde, Rene aprendeu que, se o cavalo era teimoso, a mulher do Falcão era ainda mais.

— Nossa, que sede! — disse Megan, descabelada, enchendo um copo de água.

— Agora ele está procurando você — sussurrou Shelma ao ver Stoirm se mover buscando a voz de sua irmã enquanto ela bebia água.

Cansada de tanta queda, Megan se largou ao lado de sua irmã.

— Estou começando a me sentir culpada. Eu prometi a Duncan que não me aproximaria desse cavalo.

— Por que promete o que não vai cumprir? — censurou-a Shelma. — Não me parece bem que prometa coisas que depois não cumpre.

— E que não pude fazer mais nada. Ele me ordenou!

E, quando Megan disse isso, ambas caíram na

gargalhada. Megan olhou para Rene, que estava sentado em um fardo de palha, branco como a parede, e disse:

— Rene, por favor, este segredo deve ficar entre nós.

Se meu marido souber, eu direi que você não sabia de nada.

— Eu lhe agradeço — disse ele, tomando o copo de água que Shelma lhe entregara.

Mas, ao vê-la de novo se aproximar do cavalo, gritou:

— Que está fazendo, milady?!

— Ssshhh... não grite — disse Megan.

Tirando os sapatos, Megan repetiu os mesmos movimentos de antes, mas, desta vez, não parou de sussurrar palavras gentis em gaélico no momento de montá-lo.

— Abra as cocheiras de Stoirm e de Lord Draco — ordenou ela, cravando o olhar em Rene.

Mas foi Shelma quem as abriu.

Os dois cavalos saíram tranquilamente para o pátio. Depois de dar várias voltas, Stoirm começou a ficar nervoso, mas Megan o tranquilizou, curvando-se em seu pescoço para lhe falar com suavidade. A seu lado, Lord Draco os observava.

— Muito bem, Impaciente — disse Shelma vendo a cara de felicidade de sua irmã —, vejo que não perdeu a mão para domesticar cavalos.

— Mandona! — gritou Megan, sorrindo —, segure Lord Draco. \òu dar uma volta com Stoirm, e creio que ele não poderá nos acompanhar.

— Isto está me cheirando a corrida — sorriu Shelma.

— Por São Fergus! — sussurrou Rene, incrédulo diante do que estava vendo. — Segure-se bem, milady. Essa fera a jogará quando menos esperar.

— Stoirm é um bom cavalo — disse Megan bem perto de suas orelhas, para que o animal escutasse sua voz. — Ele não vai me jogar porque sabe que pode confiar em mim.

E olhando para Shelma e Rene, disse:

— Abra a porta do pátio.

— Não, não, impossível — negou o moço com a cabeça.

Mas Shelma foi mais rápida. Segurando Lord Draco, com um movimento abriu a porta do pátio. A passos lentos, Megan a cruzou montando Stoirm, diante dos resmungos de Rene e dos sorrisos de sua irmã.

— \bltarei logo. E, por favor, Rene, não se preocupe — insistiu Megan.

Cravando com suavidade seus pés descalços no cavalo, ele começou a trotar devagar.

— Muito bem, Stoirm, bom cavalo — sussurrou ela, dando-lhe palmadinhas afetuosas.

A seguir, dirigindo-se para umas árvores, comentou:

— Agora que ninguém está olhando, vou lhe mostrar que tipo de sangue corre por suas veias.

E com essas palavras, ela cravou os calcanhares no cavalo, que começou a galopar de tal maneira que Megan pensou que estava voando. Ele desviava das árvores e saltava pequenos obstáculos. Pela primeira vez em muitos dias, ela se sentia livre, e desfrutava do ar fresco contra o rosto. O cavalo respondia a todos os movimentos que ela exigia, e isso lhe dava confiança para voar sobre o manto verde que se abria diante deles. Depois de cruzar a pradaria como um raio, eles subiram uma colina, do alto da qual ela pôde admirar a fortaleza e a aldeia. Como tudo parecia pequeno visto dali! Respirando com o cavalo, que também arfava pela corrida veloz, disse:

— Obrigada, Stoirm. Você fez com que eu me divertisse demais. E um bom cavalo, e não merece passar dia após dia na cocheira. Portanto, eu o aconselharia a não morder Rene, que é uma boa pessoa; e, especialmente, que suavize sua personalidade.

O cavalo suspirou, mexendo-se, inquieto, fazendo Megan sorrir.

— Ei, é só um conselho! Você fará o que quiser.

— Creio que ele faria bem se seguisse suas instruções — disse uma voz atrás dela.

Megan se voltou rapidamente, e encontrou um homem de cabelo acobreado que a observava com seus claríssimos olhos azuis. Atrás dele, vários guerreiros a observavam com curiosidade.

— Desculpe, mas eu não estava falando com o senhor

— respondeu ela, olhando-o.

Quem era aquele sujeito para olhar para ela daquela maneira? E, especialmente, onde havia visto aqueles olhos antes?

O homem pôs seu cavalo junto ao dela e a examinou como um lobo prestes a atacar sua presa.

— Falava com Stoirm — disse o desconhecido. — Eu só queria lhe dizer que eu também desfrutei de sua corrida. Foi impressionante vê-los voar como o vento. Ambos formam uma dupla linda e inquietante.

E dizendo isso, tocou Stoirm, que cabeceou como se conhecesse aquele homem.

— E uma amazona espetacular, e tenho que reconhecer que sua habilidade e coragem para conduzir esse garanhão me deixaram impressionado. Mas agora que está diante de mim, não sei se o que mais me impressiona é sua destreza ou sua beleza — sussurrou o homem, estendendo a mão para tocar a face de Megan.

Ela rapidamente se esquivou, fazendo-o sorrir.

— Obrigada por seus elogios — disse Megan observando com curiosidade o homem de olhos azuis.

— Desculpe, mas preciso voltar. Estão me esperando.

— Vive na fortaleza? Eu a acompanharei — respondeu ele, fazendo-a sorrir.

Aquilo a fez recordar quando Duncan havia insistido em acompanhá-la.

— O que eu disse de tão engraçado? — perguntou ele, olhando-a com um brilho nos olhos que a deixou inquieta.

— Oh, nada. Desculpe — respondeu Megan, sem se dar conta da imagem atraente que oferecia montada naquele cavalo impressionante.

— Onde estão seus sapatos? — perguntou ele, apontando os pés nus dela. — E onde caiu, para estar com o cabelo cheio de palha? — riu ele, tirando alguns fios de palha daquele cabelo escuro espetacular.

— E eu digo, ao senhor, o que lhe interessa? — respondeu Megan, jogando a cabeça para trás e puxando a saia para baixo ao notar que ele olhava suas pernas.

— Por que está montando o cavalo de meu falecido amigo Gabin? Pelo que sei, desde sua morte, ninguém o monta.

Megan praguejou ao saber que ele conhecia o cavalo.

— Eu só estava dando um passeio tranquilo com ele — respondeu ela, dando-se conta de que aquele segredo absurdo por fim seria descoberto.

— Chama de tranquilo o passeio que acaba de fazer?

Corria como se fugisse do inferno — brincou ele ao responder, enquanto a olhava com desejo.

De onde havia saído aquela mulher?

— Está bem — sorriu ela, por fim, revirando os olhos. — Tem razão em tudo o que diz, mas fiquei com pena de ver este lindo cavalo privado de correr um pouco. Depois de conquistar sua confiança e de pegá-lo sem que ninguém notasse — mentiu ela, encobrendo Rene —, decidi galopar um pouco com ele. Mas, por favor, tenho que voltar. Se minha irmã perceber que me demoro, vai se assustar.

O guerreiro, cada vez mais enfeitiçado por ela, não estava disposto a deixá-la ir.

— Podemos ir juntos — repetiu ele, de olho em cada movimento dela.

Isso não agradou a Megan nem um pouco.

— Estamos no mesmo caminho. Meus homens e eu vamos para a fortaleza.

Nesse momento aproximou-se um cavaleiro, sério. Era Kieran. Depois de olhar para Megan, observou com atenção seu acompanhante. Nesse momento, ela notou que quem estava a sua frente era James O'Hara, o Malvado.

— Que faz aqui? — perguntou Kieran, sério, indicando a Megan que se calasse. — Sabe que

McPherson não fica muito satisfeito com sua companhia.

— Eu estava perto, e precisava de algumas provisões

— respondeu o outro sem emoção na voz. — E você, o que faz aqui, irmão?

— Que coincidência, James! Aparece quando McPherson não está — sibilou Kieran, incrédulo, interpondo-se entre Megan e ele.

— Por acaso agora você é o *laird* destas terras? — riu James com desdém.

E olhando com avidez para Megan, coisa que fez Kieran pressentir problemas, prosseguiu:

— E o guardião desta mulher?

As duras palavras de Kieran e o olhar de James não agradaram a Megan.

— O que eu faço aqui não lhe interessa — respondeu Kieran, surpreendendo Megan com aquele tom de voz.

— E, em relação à mulher, digamos que sim. Sou seu guardião.

— E muita mulher para você, não acha? — debochou James de seu irmão.

Kieran não se mexeu. Vermelho de raiva, aproximou-se mais e disse, entre os dentes, no rosto do irmão:

— Escute, se precisa de provisões, não serei eu a impedi-lo de adquiri-las. Mas, assim que se abastecer,

quero que desapareça.

E olhando para Megan, que havia permanecido muda todo aquele tempo, disse:

— Vamos voltar para a fortaleza!

— Creio que tardarei um pouco mais para partir — respondeu James secamente. — Alguns dos meus cavalos precisam da visita do ferreiro.

— Não quero problemas, James — respondeu Kieran, cravando-lhe o olhar.

E quando ele e Megan se preparavam para partir, James os deteve.

— Um momento — sussurrou James com raiva.

Aproximou-se de novo de Megan, e estendendo a

mão, pegou um de seus cachos negros. Até que ela, com um movimento de cabeça, livrou-se da mão dele.

O homem cravou nela seus olhos azuis frios e torceu a boca para sorrir.

— Você me permite saber o seu nome?

— Diga, para que possamos voltar — urgiu Kieran, inquieto por causa dos problemas que seu irmão poderia ocasionar.

— Megan — respondeu ela, arrependendo-se instantaneamente.

E inclinando a cabeça como uma despedida, ela se agarrou de novo à crina de Stoirm e começou a descer a

colina ao lado de Kieran, calado.

— Posso saber o que estava fazendo sozinha cavalgando com Stoirm? — perguntou ele sem olhar para trás.

Ele sabia que James e seus homens estavam olhando para eles.

— Está louca?

— Não pensei que houvesse nenhum perigo — respondeu Megan inquieta ao ver a pressa de Kieran.

Kieran olhou de soslaio para a colina e, com uma expressão feroz, gritou:

— Dê graças aos céus por eu a ter visto!

— Mas o que está acontecendo? — perguntou ela sem entender qual era o problema e o motivo de tanta urgência.

— Esse que se diz meu irmão — explicou Kieran sem deixar de provocar seu cavalo — é a pessoa mais encrenqueira que já conheci na vida. Portanto, vamos voltar o quanto antes à fortaleza.

Então, Megan afundou os calcanhares nos flancos do animal e ele começou de novo a voar, desta vez como se o próprio diabo estivesse atrás deles.

James O'Hara, que os observava do alto da colina, soltou uma sonora gargalhada quando viu a moça retomar sua louca corrida sobre aquele animal impressionante. Após perdê-los de vista entre as árvores, levantou a mão e, com seus homens, continuou a caminho da fortaleza sem parar de se perguntar quem seria aquela morena de olhos negros chamada Megan.

Quando Megan e Kieran chegaram às estrebarias, Rene, preocupado, suspirou aliviado. Shelma, por sua vez, saudou-a com a mão e franziu a testa ao ver que o segredo já não era tão secreto assim. Megan guiou Stoirm. Com um salto, desmontou do cavalo, sussurrou umas palavras carinhosas em seu ouvido e deu-lhe duas palmadas no lombo. Logo se agachou para pegar seus sapatos.

— Entrem rapidamente na fortaleza — indicou Kieran antes de ir falar com seus homens.

Tinha que reforçar a guarda. Seu irmão James estava ali, e ele não confiava em um fio de cabelo dele.

— Como se comportou esta beleza? — perguntou Shelma aproximando-se de sua irmã.

— Impressionante! — respondeu ela enquanto punha os sapatos e olhava de soslaio para as árvores.

— Milady, se houvesse acontecido algo com você, seu marido teria me matado — disse Rene ao fechar o portão da cocheira.

— Mas não me aconteceu nada, não vê? — sorriu Megan, feliz pela corrida com Stoirm. — Agora temos que ir, Rene. Se alguém perguntar por mim, você não me conhece! E não sabe de nada do que aconteceu esta tarde com Stoirm. — E olhando para sua irmã, disse: — Vamos, Shelma!

E começou a andar apressada para a fortaleza, como Kieran O'Hara lhe havia indicado.

— Por que tanta pressa? E como foi que voltou com Kieran? — perguntou sua irmã, tomando-lhe o braço.

— Depressa! Estou com um mau pressentimento — urgiu Megan, pegando a irmã pela mão.

Shelma olhava-a com estranheza. Megan, prendendo o cabelo com um pedaço de couro, disse:

— Já lhe conto o que aconteceu, está bem?

Uma vez no quarto, ela contou o acontecido, observando da janela a chegada de um grupo de guerreiros comandado pelo homem de sorriso encantador, que logo foi recebido por Berta, Sabina e as demais prostitutas, com clara familiaridade.

— Esse é James O'Hara? O Malvado? — perguntou Shelma vendo o homem bonito que neste momento olhava ao redor.

— Foi o que disse Kieran. Pelo pouco que falei com ele, Kieran não vê graça nenhuma na presença do irmão aqui — sussurrou Megan, vendo que James se dirigia às cavalariças.

Após falar brevemente com Rene, que negou com a cabeça, James olhou ao seu redor, contrariado. Pouco depois surgiu Kieran, e ambos começaram a discutir.

Pelo resto da tarde as duas ficaram observando com atenção os movimentos de James, que tentou entrar na fortaleza, mas Kieran o impediu.

Mary, com algumas mulheres, passou perto de vários guerreiros, e os gritos deles fizeram as moças fugirem; assustadas, elas entraram rapidamente na fortaleza.

A noite caía, e com ela começaram a se acender as primeiras tochas. A porta do quarto se abriu e surgiu Mary.

— Olá, Mary — saudou Shelma. — O que aqueles homens disseram para que você corresse daquele jeito?

Perturbada, ela respondeu:

— Oh, milady. Os homens às vezes dizem coisas escandalosas.

— Tem toda a razão do mundo — sorriu Megan ao ver aquele olhar travesso na jovem.

E indo até a janela, perguntou:

— Quem são esses homens?

— Guerreiros do clã O'Hara — revelou Mary, com uma raiva que não passou despercebida para as irmãs. — São uns brutos, que cada vez que passam pela fortaleza só causam problemas para as mulheres da aldeia.

— Problemas? — perguntou Shelma.

— Sim, muitos problemas — assentiu ela, sem olhar para as moças. — Esses homens não aceitam um não como resposta. Cada vez que voltam, tenho vontade de envenenar a água que tomam, por todo o mal que fazem.

— Ora! — riu Shelma. — Se a questão é envenenar a água, minha irmã é especialista nesse tipo de acidente.

— Shelma! — Megan soltou uma gargalhada, olhando para sua irmã com os olhos arregalados. — O que Mary vai pensar disso?

— Milady, conhece mesmo alguma poção? — perguntou Mary com curiosidade, vendo uma pequena luz diante dos problemas que se avizinhavam.

— Não ouça o que diz minha irmã. Eu nunca envenenei a água de ninguém. Por Deus! Que horrível essa palavra, envenenar! Mas, sim, eu conheço bastante bem o poder das ervas.

Tomando-lhe as mãos, a criada suphcou:

— Milady, seria muito útil se nos indicasse o que fazer para que esses brutos aí embaixo não causem muitos problemas até que cheguem nosso *laird* e vossos maridos.

— Acha que é necessário? — perguntou Megan olhando-a nos olhos.

Amoça assentiu.

— Kieran está tentando fazer James partir, mas a noite já chegou, e esse selvagem continua aqui — respondeu ela sem pestanejar.

— Então, está bem — resolveu Shelma, pegando a bolsa de sua irmã. — Diga a Mary que erva ela deve ferver e pôr na bebida. — E, olhando divertida para a jovem criada, disse: — O que prefere? Que ponham as tripas para fora e fiquem com o traseiro assado, ou que caiam dormindo como pedras e no dia seguinte morram de dor de cabeça?

— Não me tente... não me tente... — gargalhou Mary.

— Creio que é melhor deixarmos seus traseiros tranquilos e fazê-los dormir — resolveu Megan, rindo diante das palavras de sua irmã.

Pegando umas ervas marrom-escuras, disse:

— Tome, Mary, jogue isto nos barris de cerveja. Elas se misturarão com a cevada e causarão sonolência. Quanto mais beberem, melhor.

— Precisarei de mais — suplicou Mary, olhando o punhadinho que Megan pôs em suas mãos. — Esses *highlanders* são conhecidos por sua resistência à bebida.

— Dose dupla, então — riu Megan, divertindo-se, apesar do que iam fazer. — Isto derruba até um cavalo. Mas avise os criados de confiança para que não tomem nem um gole, ou cairão também.

Mary, com um sorriso encantador, assentiu.

— Teremos que avisar nossos guerreiros — replicou Shelma ao ver vários dos seus bebendo e rindo com aqueles brutos.

— Não. Falarei com Kieran — disse Megan. — Se eles pararem de beber, os outros perceberão que algo está acontecendo.

— Está bem — sorriu Mary, guardando as ervas em um pequeno guardanapo que tirou do bolso. — Hoje, milady, eu me divertirei com o espetáculo.

Assomando com cuidado à janela, Megan apontou para o louro que ria com as prostitutas, que se deixavam apalpar.

— Ele é mesmo tão mau?

— Milady — sussurrou Mary, aproximando-se da janela —, ele é a ovelha negra do clã O'Hara, e meu conselho é que fiquem o mais longe possível dele. Seu lema é “Tomo o que quero, quando quero”.

Batidas na porta atraíram os olhares das mulheres. Mary abriu, e Kieran entrou sem perguntar, parando diante delas todo preocupado.

— Sei que não deveria estar aqui — disse como maneira de se desculpar, olhando para elas —, mas meu irmão tem intenção de passar a noite no castelo. Eu lhes peço, por seu bem e pelo meu, que não saiam a noite toda do quarto e que tranquem a porta.

— Mas é tão grave? — alarmou-se Shelma ao sentir a angústia que o rapaz refletia no olhar.

Kieran esboçou um sorriso triste.

— Apesar do carinho que tenho por meu irmão, e pelo sangue que nos une, existem certas coisas que eu

me recuso a aceitar — respondeu ele com sinceridade. — Tentarei por todos os meios que ele não chegue até vocês, mas seus métodos nunca foram limpos, e posso esperar o pior.

— Falando de métodos — sorriu Megan, atraindo sua atenção —, acabei de dar a Mary umas ervas que, misturadas com a cerveja, conseguirão derrotar até o homem mais forte, fazendo-o mergulhar em um sono profundo.

Isso alegrou o rosto do rapaz.

— Magnífico! — disse Kieran ao ver que ela era uma mulher de soluções rápidas. — \òu me certificar de que todos bebam até cair. A propósito, como será o despertar?

Megan franziu a testa e explicou:

— Será como se cem cavalos tivessem pisoteado suas têmporas.

Ouvindo isso, Kieran suspirou, mas sorriu.

— Prefiro isso a que os tolos de seus maridos pensem que eu tramei algo com meu irmão. — E olhando para Mary, perguntou: — Então, você cuida disso?

— Sim, senhor — assentiu a criada com um sorriso alegre, jogando um pouco de lenha na lareira.

— Perfeito, Mary! — disse Kieran.

E, despedindo-se, disse:

— Tranquem a porta quando eu sair.

Pouco tempo depois, o som de novas batidas na porta fez que as três mulheres se olhassem. Era Tèntel, uma das criadas.

— Miladies — disse ela com olhos envergonhados —, James O'Hara me enviou para lhes perguntar se o honrariam com sua companhia no jantar.

Megan e Shelma se entreolharam, mas foi a jovem criada quem respondeu.

— Impossível — disse Mary, dando um passo para a outra moça. — Miladies estavam dizendo neste momento que estão extenuadas e desejam descansar. Diga a O'Hara que elas agradecem, mas que deverá ficar para outra oportunidade.

Depois de se desfazer de Tentei, Mary fechou a porta e, apoiando-se nela, sussurrou:

— Como ele sabe que estão aqui?

— Ele não sabia — praguejou Megan ao ver James e

Berta olhando para sua janela. — Mas Berta, aquela bruxa, já lhe informou.

— Maldita vadia! — disse Mary.

Da janela, Shelma viu Kieran chegar com passo decidido a seu irmão e às mulheres.

— Creio que estão assustados demais, Mary — sorriu Shelma. — Lolach e Duncan chegarão a qualquer momento. Além do mais, vários de nossos guerreiros continuam aqui. Não creio que eles se atrevam a fazer alguma coisa.

A criada, após suspirar com ar grave, murmurou:

— Milady, os homens às vezes bebem demais e perdem a cabeça.

— Fique tranquila, Mary — disse Megan, ciente do perigo que teria corrido horas antes se Kieran não tivesse aparecido. — As ervas que lhe dei nos ajudarão. De qualquer maneira, trancaremos a porta assim que trouxer Zac. Não sairemos daqui.

Naquela noite, dormir na fortaleza foi impossível. O ruído ensurdecedor que os homens faziam ao rir, cantar ou lutar bêbados era de arrepiar. Megan observou Kieran, cada vez mais embriagado, encher a jarra de cerveja de seu irmão, que gargalhava com Berta em seu colo.

Escondida pelas sombras de seu quarto, ela acompanhou o desenrolar da festa que haviam organizado no pátio da fortaleza, e ficou impressionada ao ver o que aqueles homens eram capazes de beber sem descansar. Mas sorriu ao comprovar que alguns já começavam a se sentar e cochilar.

Com remorsos, viu também vários homens de Duncan e Lolach, que riam e bebiam junto com os recém-chegados, caírem derrotados no chão. E ficou toda arrepiada ao notar que várias criadas desapareciam com alguns deles atrás dos muros da fortaleza. Acaso não sabiam o problema que lhes causariam?

Estava tão absorta com o espetáculo que o pátio oferecia que, quando ouviu umas batidas na porta, deu um pulo.

— Quem é? — perguntou Shelma, cochilando com Zac na cama de sua irmã.

— Milady — disse Ycintl —, James e Kieran O'Hara querem que desçam para brindar por seus casamentos recentes.

— Diga a eles — gritou Megan, fazendo um sinal a sua irmã — que agradeceríamos se nos deixassem descansar!

— Milady — insistiu a moça, assustada —, eles disseram que se não descerem em breve, deverão olhar pela janela.

— Por favor, Ycintl. leve a eles minha mensagem —

suspirou Megan.

Uma vez que a criada se convenceu de que elas não desceriam, afastou-se com passos rápidos.

— O que esse idiota quer? — disse Shelma espreguiçando-se.

— Certamente, nada de bom — resmungou Megan ao ver \cntcl se aproximar de James, assustada.

Ele, após escutá-la, começou a dar grandes gargalhadas com Berta, que, sentada em cima dele, se esfregava como uma gata no cio enquanto bebia da jarra que Kieran lhe enchia de novo.

— Eu juro que me dá vontade de descer e...

Mas não pôde terminar a frase. Das cocheiras, um bêbado grandalhão tirou Lord Draco e Stoirm. Com uma tocha, começou a assustá-los, fazendo os cavalos relincharem de medo.

— Isso é que não! — gritou Megan, sentindo seu sangue ferver de raiva diante do que via. — Isso eu não vou permitir, por mais Malvado que esse O'Hara seja!

— O que está acontecendo? — sussurrou Shelma, levantando-se da cama assustada.

Ficou paralisada ao ver o que se passava.

— O que esses imbecis estão fazendo?

— Cavando seu próprio túmulo — rugiu Megan, pegando sua aljava de couro.

Furiosa, e sem pensar duas vezes, ela pegou uma das flechas, apontou com maestria para o bêbado e atirou.

Momentos depois, o bêbado gritou de dor. A flecha que Megan havia lançado cravara-se na mão que segurava a tocha, que caiu no chão. Isso fez com que todos se calassem e olhassem para a janela.

Kieran, divertido diante daquilo, dava grandes gargalhadas, tentando não desabar em consequência de tudo o que estava bebendo. James tentou distinguir a figura de Megan nas sombras, mas a escuridão da noite tornava a tarefa difícil. Sem pensar em Berta, ele se levantou bruscamente. Ela se esborrachou no chão. A vadia ficou contrariada ao ouvir risos ao redor.

Quando chegara à fortaleza, James havia procurado a morena, mas somente conseguira encontrá-la quando Sabina e Berta lhe haviam informado que quem buscava era a esposa do Falcão, aquele guerreiro presunçoso que sempre o ofuscava diante de Robert de Bruce. Com a vista borrada por causa da bebida, James observou na escuridão. Não a via, mas a excitação que sentia por aquela cigana de olhos desafiadores lhe dizia que havia sido ela, a *sassenach*, que lançara a flecha.

Com desassossego, Mary foi até a mesa, onde começou a encher de novo as jarras de cerveja, enquanto observava James, o Malvado, olhar para a janela. Ao seu redor, os homens dormiam como pedras jogados pelo pátio; inclusive Sabina jazia em cima de um guerreiro, respirando com tranquilidade. Notou Berta, que a olhava com um sorriso tolo na boca. “Muito bem!”, pensou Mary com um meio-sorriso, que se apagou quando alguém a agarrou e começou a puxá-la. Era James, o Malvado, que a atraindo para si, beijou-a. Ao ver isso, Kieran tentou ajudá-la, mas, ao se mexer, a única coisa que conseguiu foi cair no chão.

Mary conseguiu se livrar do beijo, mas a força do homem a impedia de se desembaraçar de suas mãos. E um estranho calafrio percorreu seu corpo quando o ouviu gritar com voz pastosa:

— *Sassenach*, vamos ver se consegue deter isto com outra flecha.

— Tire as roupas dela, James! — bradou Berta. — Mary é a criada da *sassenach*.

— \ocê é pior do que uma bruxa! — gritou Mary, alegrando-se ao ver a mulher cair de cara na mesa.

Na janela, Megan respirava com dificuldade. Lord Draco e Stoirm desapareceram pela arcada de entrada até se perderem na escuridão. Mas, quando viu que James tentava beijar Mary de novo e que ela se debatia, gritou, aproximando-se da janela, transtornada de raiva:

— Solte-a, James O’Hara! Eu descerei para brindar com você.

— Não, milady! — gritou Mary. — Espere!

— Cale-se, mulher! — disse James, esbofeteando-a.

Em sua pressa por sair do quarto, Megan esbarrou em

Shelma.

— O que pretende fazer?

— Não vou permitir que esse bruto faça mal a Mary — replicou Megan, vestindo uma leve camisa de linho que usava para dormir e um roupão longo, azul, amarrado com duas fitas debaixo do peito. Antes de sair, tocou sua perna direita e se certificou de que sua adaga estava no lugar. Também pegou a espada.

Shelma pegou sua espada e, depois de cobrir o corpo com outro roupão verde, sem acordar Zac saiu e disse:

— Eu a acompanharei, mas com a quantidade de bebida que essas bestas tomaram, creio que pouco poderão fazer.

James ficou impressionado quando Megan apareceu, mais radiante do que a recordava. A luz das tochas fazia com que seu cabelo preto a tornasse mais selvagem, mais etérea; parecia uma ninfa do lago. Aquela *sassenach* o olhava com olhos desafiadores e, pela rigidez de sua mandíbula, ele intuiu que a fúria ou a vontade de rir a estava consumindo. Impressionado por sua beleza, ele soltou Mary, que correu para Megan. Depois de trocarem algumas palavras, a cigana de olhos escuros escondeu a criada atrás de si.

— Muito bem, O’Hara, aqui estou — disse Megan olhando ao redor, onde os homens roncavam tranquilamente. — Que festa animada!

— A festa vai começar agora — sussurrou ele, andando com certa dificuldade para ela.

— Para o seu próprio bem, não se aproxime mais — disse Megan, estendendo sua espada à frente e vendo os rudes guerreiros caindo, sem forças, ao seu redor.

— Ah! — sussurrou Shelma com seu peculiar senso de humor. — Seus métodos assassinos são infalíveis. Agradeço por ser minha irmã, porque qualquer um confia em você.

As duas riram.

— Mas... — disse James, de súbito, ao notar que, um após o outro, seus homens caíam inconscientes.

Sua própria visão estava borrada.

— Bruxas inglesas! \`ocês os envenenaram?

Mary e Shelma continuavam rindo.

— Digamos — disse Megan, baixando a espada ao vê-lo dobrar os joelhos e cair de bruços no chão — que antecipamos o fim da festa. Bons sonhos!

A queda do guerreiro no chão fez um barulho horrível.

— Oh, por Deus, milady... que pancada! — disse Mary, horrorizada, mas cobrindo a boca para não rir.

— Por São Fergus! — riu Shelma, apontando para o homem derrubado. — Creio que amanhã, quando acordar, sentirá falta de alguns dentes.

— Melhor ele que nós, não acha? — disse Megan com uma gargalhada.

As três assentiram. Vários criados dos McPherson e mulheres da aldeia, que haviam permanecido ocultos, começaram a aparecer. O susto se ha no rosto de todos ao comprovar que havia homens inconscientes no pátio, no chão, em cima das mesas, nas cadeiras. Megan, Shelma e Mary gargalhavam, sentadas no meio de todo aquele caos. Quando conseguiram parar de rir e todos se acalmaram, recolheram Kieran com cuidado e o puseram sobre uma pele no salão para descansar.

— Vamos voltar a nossos quartos, precisamos dormir — sugeriu Megan depois de pegar Stoirm, que seguia Lord Draco como um cordeiro.

Com um sorriso nos lábios, ela disse aos criados e às mulheres da aldeia:

— Recordem. Não aconteceu nada aqui. Eles chegaram, celebraram uma festa e não incomodaram ninguém. Seu *laird* e nossos maridos estão para chegar, e não queremos problemas com esses brutos.

— E se eles não chegarem logo? — perguntou Ycntcl. assustada.

— Chegarão — afirmou Megan, tentando demonstrar segurança.

Mas algo lhe dizia que, se não chegassem, quando aqueles brutos acordassem as coisas ficariam muito, muito difíceis.

Capítulo 23

Extenuados pela viagem em busca de Briana, de madrugada chegaram à aldeia, que apresentava uma calma preocupante. Quando divisaram a grande arcada da fortaleza, Duncan foi o primeiro a notar que não havia nenhum soldado vigiando, de modo que acelerou o passo, acompanhado de Lolach e McPherson. Ao entrar, ficaram sem palavras ao presenciar aquele espetáculo.

— Por todos os santos celtas! — bramou McPherson ao reconhecer o homem que dormia de bruços no centro do pátio. — O que James O’Hara está fazendo aqui?

— Vou matar Kieran — jurou Lolach, olhando ao redor e sentindo a raiva começar a consumi-lo.

— Antes o matarei eu! — murmurou Duncan, apertando a mandíbula ao reconhecer alguns guerreiros de James O’Hara, bêbados como gambás.

Ao ver que ninguém se mexia, Duncan pulou do cavalo e a grandes passos entrou na fortaleza. Seguido por Lolach, Ewen e Niall, foi até seu quarto, encontrando-o trancado.

— Shelma não está aqui! — gritou Lolach nesse momento, depois de ter ido até seu quarto e o encontrado vazio.

— Ajude-me a derrubar a porta! — exclamou Duncan com ferocidade.

Sentia a pele arrepiada diante do temor do que poderia ter acontecido ali.

O grito de seu marido a acordou. Megan pulou da cama e correu até a porta. Tirou o tronco que a trancava e, sem lhe dar tempo de reagir, jogou-se em seus braços, desejando como nunca seu carinho e segurança.

— Ora, cunhada! — sorriu Niall ao ver a cara de seu irmão. — Isso é que eu chamo de boas-vindas.

Lolach entrou no quarto e relaxou quando viu Shelma enroscada na cama, dormindo com Zac. Com cuidado, ele se aproximou e, esticando a mão, foi tocar-lhe a face. De repente, Shelma deu um pulo e, pondo seu punhal a poucos centímetros do pescoço de Lolach, disse com todo o cabelo no rosto:

— Se me tocar, é um homem morto.

— Que diabos... — sussurrou Lolach, confuso diante dessa reação.

Ao reconhecer sua voz, Shelma tirou o cabelo do rosto, jogou o punhal de lado e pulou no pescoço do marido, agarrando-se a ele com desespero.

— Oh.. querido! — desculpou-se Shelma, horrorizada diante do que quase havia feito. — Eu o feri? Oh, meu Deus.

— Fique tranquila, meu tesouro — sorriu ele, beijando-lhe a testa. — Você está bem?

Duncan, mais apaziguado, segurava sua mulher no colo.

— Sim — assentiu Shelma com cara de cansaço. — Todas estamos bem.

— Levarei Zac a seu quarto — disse Ewen.

Uma vez que o *highlander* saiu do quarto com o menino nos braços, começou o interrogatório.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Duncan, segurando sua mulher.

Ela tentava descer de seu colo, mas ele não consentiu.

— Os homens de O'Hara fizeram uma festa ontem à noite — sorriu Shelma vendo Niall entrar no quarto e saudando-o com a mão. — E nós trancamos a porta com medo de que bebessem demais. Só isso.

— Só isso? — bradou Duncan, e olhou para sua mulher, incrédulo.

— Sim, só isso — confirmou Megan.

Elas não queriam que nenhum deles tivesse problemas com James, que certamente não se lembraria do que acontecera antes de cair no chão.

— James apareceu, e Kieran, ao ver que não conseguia fazê-lo partir — explicou Megan —, pediu-nos que nos trancássemos no quarto para evitar problemas.

Duncan e Lolach se entreolharam. Deviam acreditar nelas?

— Foi uma boa ideia! — sorriu Niall.

E, ao olhar pela janela, levantou a sobrancelha ao reconhecer James O'Hara como o homem que cambaleava e suportava os gritos de McPherson.

— Pretendem que acreditemos nisso? — perguntou Lolach, cruzando os braços diante de sua mulher, que bocejava sem nenhum pudor.

— Evidente que sim! — respondeu Megan.

Seu marido observava a aljava caída no chão e a escrutava com aquele olhar de desconfiança que a perturbava.

— Tudo bem, Falcão, descobriu! Tive que atirar uma flecha para advertir os homens que, se abusassem de alguém na fortaleza, teriam que se ver comigo.

Ouvindo isso, os homens se entreolharam, surpresos. O que havia acontecido ah?

— Maldição! Podemos acabar com isto? — reclamou

Shelma coçando os olhos pesados. — Preciso dormir, estou morrendo de sono.

— Está bem — assentiu Duncan, entendendo que elas não contariam mais nada. — Perguntarei aos

criados. Niall! Alguém avise Mary para que suba até aqui.

— Por que vai interrogar a pobre Mary? — resmungou Megan, lançando um olhar significativo a sua irmã. — Por acaso o que lhe contamos não basta?

Ouvindo isso, por fim os homens sorriram.

— Definitivamente, não! — respondeu Lolach.

E, olhando para a porta, viu surgir uma tímida criada.

— Entre, Mary, queremos lhe fazer umas perguntas.

— Oh... entre sem medo — sorriu Megan, por fim se soltando dos braços de seu marido e tomando a mão da criada para lhe dar segurança. — Nossos maridos desconfiados querem lhe perguntar algo.

A pobre criada não sabia para onde olhar. Não queria estragar tudo.

— Fique tranquila, Mary — sorriu Shelma, apoiando-se no travesseiro. — Embora sejam tão grandes, eles não mordem.

Niall observava aquilo divertido, enquanto Duncan continuava sisudo, com sua constante expressão grave.

— Evidente que não — sorriu Lolach sem querer.

E olhando para a criada, disse, fazendo-a sorrir:

— Mas asseguro que ela eu morderia — disse, olhando para Shelma.

— Por São Fergus! — riu Niall, dando-lhe um empurrão ao ver a cara de tonto com que Lolach observava a esposa. — Esse negócio de casar está acabando contigo, Lolach.

— Mary, o que aconteceu aqui ontem à noite? — perguntou Duncan, notando que a criada olhava primeiro para sua mulher e depois para sua cunhada.

— *Laird* McRae, os guerreiros O'Hara chegaram — começou ela. — Ao ver que nosso *laird* não estava, Kieran O'Hara tentou fazer com que eles fossem embora, mas, como foi impossível, tivemos que preparar grandes quantidades de comida para eles. — Olhando graciosamente para Megan, ela prosseguiu, sorrindo: — Logo começaram a beber como os animais que são, até que a bebida os derrubou.

Megan olhou para seu marido e balançou a cabeça, com um sorriso divertido.

— Satisfeitos com a resposta? — perguntou Shelma com cara de tédio.

— E por que minha mulher utilizou a aljava? — perguntou Duncan, pegando-a no chão.

Ao ouvir isso, Megan suspirou comicamente.

— Oh.. — riu Mary, olhando para os homens —, graças à flecha que milady lançou, um dos brutos, que tentava me beijar, teve o que merecia e me soltou.

— Eu lhe disse — acrescentou Megan, pestanejando com inocência para seu marido. — Por que eu mentiria?

Ouvindo isso, os homens se entreolharam, sem saber o que dizer. Dando-se por vencidos, Lolach levou Shelma para seu quarto. Niall saiu sorrindo, sem entender o que havia acontecido ah; e Mary, após trocar um rápido olhar com Megan, foi embora, fechando a porta com cuidado. Ficaram Duncan e Megan a sós.

— Venha aqui, sorria um pouquinho e me abrace — pediu ela com os braços estendidos.

Seu marido continuava com a aljava na mão, cabisbaixo.

— Fiquei com saudade!

— Não sei o que aconteceu aqui, mas vou descobrir. E, se estiver mentindo, vou ficar aborrecido — respondeu Duncan, soltando a aljava.

Com mais desejo do que queria demonstrar, ele se aproximou da mulher, que começou a distribuir beijinhos pelo pescoço de Duncan, derrubando suas defesas. Duncan a abraçou, e seus lábios se curvaram para cima.

— Gosto de vê-lo sorrir — disse Megan, surpreendendo-o.

— Como sabe que estou sorrindo?

— Eu sei. Eu sinto, e pronto — sussurrou ela, dando-lhe um empurrão que o fez se sentar na cama.

Sentando-se em cima dele, ela notou a excitação de seu marido crescendo entre suas pernas.

— Assim como sei que o desejo neste momento, e que você me deseja.

Não foi necessário dizer mais nada. Duncan começou a beijar aqueles lábios carnudos e vermelhos que o deixavam louco, enquanto ela, excitada, entregava-se. Com uma sensualidade que o enlouquecia, ela segurou-lhe o rosto entre as mãos. Tirou para fora sua língua úmida e vermelha, e lenta e delicadamente passou-a pelos lábios de seu marido, que mal conseguia respirar. Com uma segurança que deixou pasma a ela própria, Megan lhe tirou o cinto de couro marrom, e ouviu o som da espada ao cair.

Fitando-o com seus olhos pretos sensuais, Megan sorriu e, então, deslizou as mãos lentamente pela lateral dele e as enfiou por baixo da camisa. Duncan, ao sentir as mãos ardentes e suaves dela, fechou os olhos enquanto ela lhe tirava a camisa branca suja e a jogava no chão. Abriu os olhos, fitou-a e levou suas grandes mãos até o cabelo de sua mulher, preso com um pedaço de couro marrom que ele não hesitou em desamarrar.

— Seu cabelo azulado me deixa louco — sussurrou,

acariciando-o com delicadeza.

— Só meu cabelo lhe agrada, meu senhor? — brincou ela.

Fazendo uma careta, tirou primeiro o roupão que a cobria e depois a fina camisola de linho branco, ficando nua em cima dele.

— Seria muito decepcionante saber que se casou comigo só porque meu cabelo recorda a cor de seu cavalo.

— Agora me pegou! — sorriu Duncan, beijando-a com ardor.

Ela, com movimentos certos, estava começando a enlouquecê-lo.

— Sempre gostei de você e de seu cabelo, mas tenho que reconhecer que está se tornando minha grande fraqueza.

— Humm... — sussurrou ela, jogando a cabeça para trás para se levantar. — Gosto de saber que sou sua fraqueza.

E, agachando-se entre as pernas dele, primeiro tirou-lhe uma bota e depois a outra. Tomou-lhe a mão e o fez levantar. Na ponta dos pés, beijou-o e começou a abaixar-lhe as calças.

— Querida, está me assustando — sorriu Duncan, excitadíssimo, quando ela o empurrou de novo para fazê-lo cair sobre a cama. — E eu não me assusto com facilidade.

— Como você disse uma vez, estou tomando o que é meu — respondeu Megan, sensual, montando nele com autoridade. — Além do mais, quero que lembre o que o esperará em casa sempre que regressar.

Duncan, diante do entusiasmo dela, sorriu.

— O problema vai ser como me afastar de você. Ainda mais sabendo que tenho em minha cama a fera mais bela. Como poderei me atrever a deixá-la sozinha? — disse ele com voz rouca.

E, levantando-a um pouco, mergulhou seu pênis nela.

— E o que pretendo... — suspirou ela, sentindo seu corpo se abrir para recebê-lo.

Entre gemidos, sussurrou:

— Desejo que nunca queira me deixar sozinha.

— Desejo concedido — sussurrou ele, estreitando-a em seus braços fortes.

Não puderam continuar falando. O calor e a excitação de ambos os fizeram se mexer compulsivamente, abraçados. Duncan, com seus braços fortes e poderosos, levantava e abaixava com uma facilidade impressionante o corpo de sua mulher sobre seu membro duro e quente, até que o clímax os dominou. Enquanto ainda estavam abraçados, ela tentou rolar para o lado, mas ele não permitiu, olhando-a com um sorriso lupino que fez sua pele se arrepiar.

— Por que me olha como um falcão fita sua presa? — perguntou Megan, afastando com a mão o cabelo

do rosto.

Notou que a excitação dele crescia de novo.

— Estou olhando o que é meu — respondeu ele, devorando com o olhar aquela mulher que havia acabado de fazer amor com ele daquela maneira tão sensual.

Ao entender suas palavras e seu olhar cativante, Megan sorriu. Ele continuou sua abordagem entre sussurros roucos.

— E agora, Impaciente, quero que saiba o que a esperará cada manhã, cada tarde e cada noite que passar a meu lado, para que nunca queira se afastar de mim.

De novo, fizeram amor com o ardor que seus corpos e seus corações pediam.

*

Só desceram ao salão no final da tarde. AH foram recebidos por McPherson, com um grato sorriso, acompanhado de Niall, Kieran e James O'Hara; este último com um olho roxo e uma feia marca de batida no rosto.

— A fome de comida os fez deixar o leito? — brincou McPherson ao ver Duncan segurar possessivamente sua mulher pela cintura.

Megan, ainda acesa pelos beijos e as palavras de seu marido, observou James; com um meio-sorriso, ele olhou para ela com descaramento. Mas isso não a incomodou. Ela era feliz. Duncan lhe havia demonstrado a falta que sentira dela, e isso a fizera sentir segurança nele e em si mesma.

Duncan, ainda com a fehcidade no coração, ao ver como James olhava enfeitiçado para sua mulher, sentiu uma pontada de ciúme. James e ele nunca haviam sido amigos; talvez mais rivais. Por que ele a olhava assim? E a necessidade de marcar território o fez falar:

— James, conhece Megan, minha mulher?

Ouvindo isso, Megan parou de sorrir, coisa que não

passou despercebido a James. Detectando a preocupação nos olhos dela, sorriu.

— Tive o prazer de conhecê-la na colina — respondeu com maldade ao notar o constrangimento dela enquanto lhe beijava a mão.

Surpreso por essa resposta, Duncan olhou para sua mulher. Quando ela havia estado na colina?

— E pelo que pude comprovar — prosseguiu James ao ver Megan fechar os olhos —, além de ser uma mulher lindíssima e com personalidade, é uma amazona maravilhosa. Eu a vimon...

— Fomos dar um passeio curto — interrompeu Kieran.

Duncan, com olhar duro, voltou-se para sua mulher, que baixou os olhos, e depois para Kieran. Por que

os dois haviam ido passear na colina?

— Lady Megan — disse McPherson, atraindo a atenção dela, que se encolheu ao ouvir seu marido bufar e Niall sorrir. — James me disse algo que me deixou muito surpreso. Realmente foi capaz de montar o selvagem Stoirm?

Ouvindo isso, Duncan apertou mais a cintura de Megan. Sentando-se onde seu marido lhe indicava, ela nem se atreveu a fitá-lo; mas notou seu olhar inquisitivo e furioso ao seu lado.

— Isso não é totalmente verdade — intercedeu Kieran de novo. — Ela...

— Eu lhe agradecería se você se calasse — bufou Duncan, lançando-lhe um olhar desafiador.

E escutando o rosto de sua mulher, ordenou:

— Responda!

— Bem — começou ela, hesitante —, Stoirm é apenas

um cavalo e...

Duncan praguejou ao escutá-la.

— Por São Fergus! — McPherson bateu escandalosamente na mesa, gargalhando, como havia muito tempo não gargalhava. — Stoirm é um garanhão treinado para a guerra. E, embora fosse o cavalo de meu filho, sempre foi bastante rebelde, para não dizer terrível.

Incrédulo diante do que estava ouvindo, Duncan, severo, perguntou a Megan:

— Você montou Stoirm?

— Bem — suspirou ela ao se ver descoberta e o centro das atenções. — Eu o montei um pouquinho. Fiquei com pena de ver o animal preso na cocheira e...

— Um pouquinho? — McPherson riu de novo, acompanhado de Niall.

Kieran a olhava com tristeza e Duncan com dureza.

— Você é surpreendente, cunhada.

Niall cruzou os braços para escutá-la.

— Sua mulher chama de “um pouquinho” saltar riachos, vencer obstáculos e voar como uma flecha montada em Stoirm — acrescentou James com malícia ao ver que aquilo acarretaria problemas entre o arrogante Duncan e a inglesa.

Duncan olhou para Megan com uma expressão aterradora.

— Eu lhe disse que não se aproximasse desse cavalo. Eu disse que era perigoso e, mesmo assim, você

o montou — esbravejou Duncan, dando um soco na mesa que fez tremer os pratos que Mary colocava. — O que tenho que fazer para que me obedeça e escute?

Ao sentirem a voz irritada de *laird* McRae, muitos dos guerreiros presentes se voltaram com curiosidade.

— Duncan — disse ela sem entender sua reação absurda —, eu sempre o escuto; o que acontece é que nunca vi em Stoirm esse perigo que você vê.

— Maldição, Megan! — clamou Duncan ao ver a provocação no olhar de Megan. — Por que não é capaz de se comportar como deve, e não como uma selvagem?

A palavra “selvagem”, dita daquela maneira, provocou em Megan recordações ruins e ingratas. Seus olhos pretos se fecharam e, sem pensar, ela deu um tapa forte na mesa que surpreendeu a todos, inclusive a seu marido.

— Perdão, Duncan! — gritou Megan, sem se importar com quem estivesse presente. — O que disse?

— Não pretendo repetir minhas palavras — murmurou ele, sem olhar para ela.

— Muito bem. Pois quero que saiba que eu não pretendo deixar de ser como sou porque um guerreiro mandão como você se casou comigo e espera que eu seja uma pessoa diferente da que sou. Eu o adverti antes de se casar comigo que poderia tirá-lo do sério, e mesmo assim me aceitou.

— Tenha cuidado com o que diz, Megan — advertiu Duncan com um olhar escuro e perigoso. — Pode se arrepender de cada palavra que disser a partir de agora.

— Está me ameaçando? — desafiou-o.

Isso o fez se irritar mais ainda.

Kieran, trocando um olhar com Niall, ficou só observando. Aquele idiota ainda não havia se dado conta do tipo de mulher que tinha ao seu lado.

— Por favor — interveio Niall para suavizar as coisas —, relaxem. Não é necessário que fiquem assim.

— Cale-se, Niall! — gritaram Duncan e Megan, olhando para ele.

— Está bem — assentiu ele, contrariado.

E sentando-se de novo, gritou:

— Pois que se matem!

O constrangimento que se criou no salão fez com que todo mundo, inclusive os guerreiros e criados, ficassem atentos à discussão.

— Milady, não vale a pena discutir por causa desse animal de alma sombria como o diabo — disse McPherson, surpreso ao ver aquela mulher desafiar seu grande amigo Duncan e, especialmente, a

tolerância dele.

— Tenho a intenção de sacrificá-lo. Ele só quebra as cocheiras com seus pontapés e morde qualquer um que se aproxima.

— Como vai cometer essa crueldade? — protestou Megan. — Stoirm é um cavalo maravilhoso que só precisa de um pouco de carinho.

E ao ver como todos a olhavam, em especial seu marido, disse:

— Eu passei metade da vida ajudando meu avô com os cavalos, e sei perfeitamente o que estou dizendo.

Nesse momento, apareceram Lolach e Shelma, sorridentes. Ela, ao ver James com Niall e Kieran, voltou-se para sua irmã, que parecia irritada. Esperando o pior, sentou-se ao lado dela.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Megan estava nos falando de Stoirm e suas aptidões — disse Niall intencionalmente.

Lolach parou para escutá-lo depois de saudar Kieran e James.

— Oh... — exclamou Shelma, ostentando todo seu encanto —, é um cavalo lindo. Um pouco teimoso, mas nada que não se possa dominar. \òvô nos ensinou o que fazer em casos assim. Minha irmã e eu não nos preocupamos com Stoirm. Sabemos que em pouco tempo podemos fazê-lo comer em nossa mão.

— Por todos os santos celtas! — riu McPherson de novo, com todas as suas forças. — Mas de onde saíram estas duas mulheres tão guerreiras?

Lolach, olhando para seu amigo Duncan, entendeu o que estava acontecendo: Stoirm.

— Que ninguém nos ouça, McPherson — respondeu Niall, atraindo a atenção de todos e as gargalhadas em alguns homens —, mas no castelo de Dunstaffnage a maioria das mulheres que encontrará é assim. Não sei se é a água que bebem ou o ar que respiram, mas todas as mulheres que ah vivem têm um gênio dos diabos.

Ao escutarem esse deboche absurdo, as moças o olharam, aborrecidas.

— Sabe o que eu digo aos engraçadinhos como você? — respondeu Megan altiva, irada ao pensar na tristeza de sua grande amiga Gillian. — Que chegará um dia em que voltará a Dunstaffnage e não haverá ninguém esperando-o. Porque mulheres como nós não esperam que tolos como você decidam se somos o que querem.

— E pode ter certeza de que à Gillian — continuou Shelma — pretendentes nunca faltarão. E posso até assegurar que muito melhores do que você.

— Dunstaffnage são terras de Axel McDougall? — perguntou Kieran com interesse. — Quem é Gillian?

— Alguém de quem, por seu próprio bem, não deve se aproximar, se não quiser me enfrentar — respondeu Niall olhando para as duas irmãs, sorridentes. — Portanto, esqueça o que escutou, e esqueça esse nome.

Duncan, ao ver sua mulher sorrindo, desejou estrangulá-la. Por que ela insistia em mentir e desobedecer?

Lolach, divertido ao ver que Niall havia caído na armadilha, dando-lhe um tapa nas costas, disse:

— Caiu, Niall! Está perdido, amigo!

Megan, uma vez descoberta, e ciente da ira de seu marido e do que isso significaria, ficou preocupada com o cavalo.

— Voltando ao assunto de Stoirm — disse ela ao ver o olhar sisudo de seu cunhado —, *laird* McPherson, creio que deveria reconsiderar antes de sacrificá-lo. Esse cavalo magnífico não merece ter um final assim.

— Sacrificá-lo? Quer sacrificar esse pobre cavalo? — resmungou Shelma, atônita diante do que ouvia. — Ele é um garanhão magnífico.

— Eu havia pensado em sacrificá-lo — disse McPherson —, mas, se o quiserem, eu o dou de presente a vocês.

Duncan não podia acreditar no que estava escutando. Seu amigo McPherson estava louco? Isso lhe criaria mais problemas.

— Vai nos dar Stoirm de presente?! — gritou Megan, levantando-se tão precipitadamente que derrubou a cadeira de emoção. E, ignorando a irritação de seu marido, acrescentou: — Oh, obrigada!

Duncan tornou a praguejar.

— Oh... — aplaudiu Shelma, sem entender a seriedade de Lolach e Duncan. — Que ideia maravilhosa! — E olhando para sua irmã disse, entusiasmada: — Se encontrarmos uma boa égua, certamente poderíamos ter garanhões maravilhosos.

— Já temos garanhões maravilhosos em Urquhart — disse Lolach, puxando para si sua mulher e indicando que se calasse. — Você não precisa de Stoirm.

— Mas que bobagem, Lolach! — resmungou Shelma, soltando-se de sua mão. — Se meu avô fosse vivo, diria que a última coisa que se deve fazer a qualquer ser vivo é matá-lo, e menos ainda a um cavalo tão magnífico como Stoirm.

— Shelma — advertiu Lolach, fitando-a. — Cale-se!

— Por quê?

— Porque eu lhe ordeno — vociferou ele, fazendo-a recordar com o olhar a conversa interessante que haviam tido antes de descer.

Ouvindo a ordem de Lolach, Megan olhou para sua irmã, que se encolhendo, calou-se. A raiva estava começando a consumi-la. Ninguém, com exceção de seus tios ingleses, haviam falado com elas com tanta dureza e autoritarismo.

— McPherson, agradeço seu presente — contra-atacou Duncan, sabendo que isso implicaria uma nova batalha com sua mulher —, mas não quero que esse cavalo me cause mais problemas além dos que já tenho. Portanto, não o aceitaremos.

— Que está dizendo? — protestou Megan, muito irritada. — \ocê pode não aceitar, mas eu sim.

— Eu falei em nome de nós dois, e minha palavra é uma ordem para você — bradou Duncan, tentando fazer sua mulher se calar.

Seus homens olhavam para eles.

— Portanto, não se fala mais nisso.

— Eu não me calarei diante de uma injustiça — replicou ela, cravando-lhe o olhar, sem ver os sinais que sua irmã lhe fazia. — \ocê não é ninguém para me fazer calar.

Ouvindo isso, McPherson levou as mãos à cabeça. Sua falecida mulher nunca se atrevera a falar assim com ele.

— Por todos os santos, mulher! — exclamou Duncan, levantando-se encolerizado.

Lolach e Niall também se levantavam. Kieran,

confuso, permanecia impassível.

— Acabei de lhe dizer que se cale, e, mesmo assim continua me contrariando!

— \ocê é que me contraria — respondeu ela, sabendo que pagaria muito caro. — McPherson me deu um presente. A mim, não a você, e você não pode recusar algo que não lhe pertence.

— Que língua maldita essa sua! — gritou Duncan fora de si. — E maldito o momento em que decidi me casar com você.

— \ocê se casou comigo porque quis, eu nunca lhe obriguei! — gritou Megan com os olhos coléricos.

E lembrar que pouco antes ele a havia beijado com paixão!

Duncan, furioso, deu outro soco na mesa. Por que sua mulher não se calava? Aquela atitude só o ridicularizava na frente de todo mundo.

— Graças a Deus, isso é temporário — sibilou Duncan com raiva, deixando-a de boca aberta.
— Porque, sinceramente, você é insuportável!

Todos se olhavam, confusos. Ainda mais vendo que Megan bufava, disposta a não se calar.

— Maldito escocês, prepotente e estúpido! — gritou ela, dando um tapa na mesa que fez todos os olhares se voltarem para ela.

Shelma, horrorizada, ficou pálida.

— Eu me casei com você porque você quis. Se realmente não me suporta, vá embora e me deixe em paz! Eu não preciso de você para continuar vivendo. — E desafiando a todos, vociferou: — Sim! Eu também não o suporto.

— Eu vou matá-la — sibilou Duncan fora de si, erguendo-se diante dela como fazia diante de qualquer adversário. — Eu juro que ou cala sua boca de víbora ou eu a mato.

Mas Megan não estava disposta a parar. Não se importava com as consequências daquilo. Seu marido a havia enfurecido e, sem se intimidar, respondeu:

— Tenha cuidado, ou o mato primeiro.

Escutar essa provocação foi o máximo que Duncan aceitou ouvir.

— Maldição! — gritou enfurecido.

E, pegando-a pelo braço, chacoalhou-a com tal força, consumido pela raiva, que a machucou.

— Eu disse que se cale, e vai se calar, nem que seja a última coisa que eu consiga de você! Não vou permitir que outra mulherzinha acabe comigo!

— Solte-me, seu bruto, está me machucando! — gritou ela, debatendo-se.

Os demais presentes observavam a cena, pasmos.

Foi a raiva feroz que Megan viu nos olhos de Duncan que a paralisou. Apesar de ele machucar-lhe a ferida que ainda era recente em seu braço, ela conseguiu engolir o choro e, chutando-o como uma leoa, hvrou-se dele.

Duncan tentou pegá-la de novo, mas Lolach e Niall o impediram. Duncan estava enlouquecido. Kieran, aturdido, puxou-a, e Shelma, ao ver as lágrimas nos olhos de sua irmã quando saiu pela porta correndo, foi atrás dela.

— Duncan! — gritou Niall, incrédulo ao ver como ele havia torcido o braço de sua mulher —, que está fazendo?

— Não sei.

Duncan respirava com grande esforço. Suas mãos tremiam devido ao que havia acabado de fazer. E completou:

— Mas essa maldita mulher não me vencerá.

— É mulher demais para você, McRae? — debochou James, feliz por ser o artífice daquela discussão.

— Cale-se, idiota! — grunhiu Kieran.

Mas ao ver a maldade de seu sorriso, deu-lhe um soco que o fez cair contra a mesa.

— Basta, Kieran! — gritou McPherson.

— É um vendido, irmão — murmurou James, olhando-o.

— Sou qualquer coisa que você não seja — sibilou Kieran com ódio.

— James, saia daqui imediatamente! — ordenou McPherson.

Quando James saiu, McPherson se voltou para Duncan, que ainda estava lívido de raiva.

— Duncan, terá que endurecer seus métodos com Megan, porque, por ora, essa mulher já dobrou você.

Capítulo 24

Megan atravessou o pátio da fortaleza segurando o braço, com lágrimas lhe escorrendo pelo rosto. Seu coração pulsava com uma dor profunda. Ela saiu como um raio pela arcada, deixando os vigias sem palavras, observando-a desaparecer entre as árvores. Mael, ao vê-la correr daquela maneira, tentou ir atrás dela, mas Shelma o deteve. Sua irmã não permitiria que ninguém a visse chorar. De modo que depois de trocar algumas palavras com ele, Shelma saiu correndo, até que a viu, extenuada, no lago. Megan praguejava em voz alta sem parar, quando Shelma chegou e a abraçou.

— Pensei que não conseguiria alcançá-la — disse Shelma, enquanto uns olhos curiosos as observavam.

— Shelma, eu o odeio! — gritou Megan com todas as suas forças, vermelha de raiva. — Eu o odeio com toda a minha alma! Odeio com todo o meu ser! Odeio! Odeio! E não pretendo voltar para esse, esse, esse...

— Esse... — disse Shelma, forçando sua irmã a olhar para ela — homem que a ama e que é seu marido.

— Que me ama? Ele lhe disse isso? Porque a mim, eu lhe asseguro que não! — gritou Megan, contorcendo-se de dor e segurando o braço.

— O que você tem?

— Meu braço — soluçou Megan, dolorida.

Ela praguejava e andava de um lado a outro sem parar.

— Oh, meu Deus. Como dói! Maldito seja o dia em que o conheci, Duncan McRae! Maldito seja o dia em que concordei em me casar com você! Eu o odeio. Eu o odeio tanto que o mataria!

Shelma estava assustada, pois nunca havia visto sua irmã tão fora de si. Tentou aplacar seus gritos. Se alguém a ouvisse dizer essas coisas contra seu marido, teria mais problemas. Mas, como não a conseguia conter, começou a gritar com ela como nunca havia feito antes.

— Maldição, escute, Megan! — gritou Shelma mais alto para que a irmã se calasse e olhasse para ela. — Por favor, fique calma, sim? Compreendo sua raiva, sua frustração e sua vontade de matá-lo, mas, mesmo que se aborreça pelo que vou lhe dizer, eu também o compreendo, e vou lhe explicar por quê.

Megan olhou para a irmã.

— \ovô e Mauled nos criaram como rapazes, e não como mulheres, e estamos tão acostumadas a fazer o que queremos, quando queremos e como queremos, que não nos demos conta de que já não somos mais aquelas jovens solteiras e livres que viviam com dois velhos que lhes permitiam fazer tudo o que queriam, sem regras nem normas. Nós nos casamos, Megan — disse Shelma, pegando o queixo de sua irmã para olhar diretamente em seus olhos. — E agora, embora não nos agrade, nada pode ser como antes. Lolach e Duncan são dois bons homens que nos amam e que aceitaram nosso passado com naturalidade, ao passo que nós não paramos de surpreendê-los com nossa maneira peculiar de levar

a vida. Além do mais, mesmo que nos seja difícil aceitar, eles são nossos maridos e lhes devemos respeito.

— Ora, Shelma! — disse Megan irritada, alheia a uns olhos curiosos que as observavam atrás das árvores. — Não me fale de respeito! Aquele bruto destruiu meu braço. Não me fale dele, porque creio que...

— Eu falarei o que tiver que falar — murmurou Shelma, olhando-a nos olhos.

Megan de novo se calou e escutou.

— Hoje, tive uma conversa com Lolach na cama. Ele disse que adora minha naturalidade, mas que diante de outros guerreiros tenho que me comportar e não lhe responder nem desafiar, porque ele não quer fazer papel ridículo na frente deles. Sabe por que ele me disse isso?

Megan negou com a cabeça.

— Porque ontem à noite, na viagem de volta, ele escutou uns homens debochando de Duncan pelo modo como você responde para ele. E o que mais lhe doeu foi ver que Duncan ouviu e, sem dizer nada, aceitou. Sei que não vai ser fácil conter nossos impulsos, mas temos que tentar, porque nos casamos com *laird McKenna* e *laird McRae*, e não podemos permitir que as pessoas, ou seu clã, riam deles por causa de nosso comportamento exaltado. Lolach me pediu que não mude nada em minha maneira de ser, ele gosta de mim como sou, mas me suplicou que tente não ridicularizá-lo com meu comportamento ou minhas respostas, porque dele dependem muitas pessoas, a quem ele nunca, nunca, poderia decepcionar, nem abandonar.

— E Lolach pode decepcionar ou abandonar você? — perguntou Megan, sentindo um líquido correr por seu braço.

Ao olhar, praguejou quando viu a manga de seu vestido suja de sangue.

— Maldição, a ferida abriu!

Com rapidez Shelma olhou para o braço de sua irmã. Estava com um aspecto horrível.

— Eu lhe disse que precisava de dois pontos — censurou-a ao ver a feia ferida aberta. — Vamos voltar à fortaleza.

— Ainda não me respondeu. Ele pode decepcionar ou abandonar você?

Shelma, baixando o tom de voz, respondeu:

— Ele não pode me decepcionar porque desde o início está sendo sincero comigo, e me advertiu que, se sua gente se sentir envergonhada por meu comportamento, ele terá que me abandonar, por mais doloroso que isso seja. Ele é *laird Lolach McKenna*, e seu clã depende dele.

— O que está querendo me dizer? — sussurrou Megan ao ver a angústia refletida no rosto de sua irmã.

— Eu não quero que isso possa acontecer com você. Pense no que seria de você e de Zac! Eu morreria

de dor se não pudesse ajudá-los, e ficaria louca se tivesse que abandonar Lolach. Por favor, Megan! Tem que tentar mudar e parar de aborrecer Duncan. Por favor! — soluçou Shelma, angustiada diante desses medos.

Megan sabia que nessa tarde sua maneira de se dirigir a seu esposo diante de todos havia sido humilhante. Sabia que aquilo lhe acarretaria terríveis consequências. Mas nunca esperara que Duncan ficasse daquele jeito.

— Escute — disse Megan, tomando as mãos de Shelma com carinho. — Sobre seus medos, só posso lhe dizer que tentarei com todas as minhas forças ser melhor; mas se por acaso Duncan me repudiar e eu tiver que partir, quero que saiba de uma coisa.

Shelma olhou para Megan.

— Tanto Zac quanto eu gostaríamos que fosse feliz com Lolach. Por isso, nunca lhe pediríamos que voltasse conosco — sussurrou Megan, enxugando-lhe as lágrimas. — Olha, Shelma, seu caminho é junto de seu marido, e, se meu casamento não der certo e eu tiver que partir, não quero que se preocupe. Você é melhor do que ninguém sabe que sou forte, que ficaremos bem e que eu saberei cuidar do Zac.

Os soluços de Shelma fizeram Megan ver quanto sua irmã amava o marido. Um amor que indubitavelmente Duncan não sentia por ela.

Depois de um tempo, já mais calma, Megan aceitou perante sua irmã que não devia ter falado daquela maneira com seu marido na frente de McPherson, Kieran, James, Niall, Myles, Lolach e uma infinidade de guerreiros. E, levando as mãos ao rosto, assumiu pela primeira vez tudo o que havia feito de errado.

— Agora não é hora de se lamentar — sussurrou Shelma. — Agora é hora de provar a todos que é a melhor mulher para *laird* McRae.

De mãos dadas, chegaram à fortaleza. Myles, que esperava inquieto ao lado de Mael, sorriu ao vê-las voltarem. James, com aspereza, deu ordens a seus homens para iniciar a marcha. Olhou para elas ao passar, mas decidiu não fazer nenhum comentário e abandonar as terras de McPherson antes que ele lhe ordenasse.

Ao passar pelas estrebarias, Megan teve que conter as lágrimas ao ouvir Stoirm e Lord Draco relincharem. Mas, com passo decidido, entrou no salão junto com sua irmã. Ali se encontravam os homens. Ao vê-las, todos olharam para elas. Shelma apertou a mão de sua irmã, soltou-a e foi se juntar a seu marido. Lolach, dando-lhe a mão, sorriu.

Megan, de início, ficou paralisada. Reunindo coragem, observou Duncan, que não se dignou a olhar para ela. Engolindo em seco, dirigiu-se a McPherson.

— *Laird* McPherson — disse, atraindo o olhar de todos, exceto de Duncan —, gostaria de lhe pedir perdão por meu comportamento e dizer que meu marido não merece que eu o envergonhe diante de seus amigos dessa maneira. Espero ser castigada no momento em que ele decidir.

Ao ouvir isso, Duncan olhou para sua esposa. A resposta de McPherson não tardou a chegar.

— Milady, tem sorte de que meu bom amigo Duncan não seja como eu, porque eu jamais lhe permitiria que falasse daquela maneira comigo diante de ninguém, e posso lhe assegurar que meu castigo seria doloroso — disse o homem com seriedade.

Mas ao ver a cara com que Niall e Kieran o olhavam, tossindo, acrescentou:

— De qualquer maneira, milady, todos temos momentos em que fazemos coisas que não deveríamos fazer.

— Eu agradeço sua compreensão, *laird* — disse ela.

E, voltando-se para seu cunhado, que a olhava com estranheza, prosseguiu:

— Niall, tenho certeza de que se sentiu mal com minhas palavras e ações em mais de uma ocasião. Espero que possa me desculpar.

— Por favor, Megan — disse Niall levantando-se.

Ao ver como ela estava pálida, apontando para a manga de seu vestido, disse:

— Não tenho nada para desculpar. Mas e seu braço? Tentando suportar a dor terrível que sentia no braço,

Megan o escondeu. Nesse momento, Kieran falou.

— Milady, creio que deveria cuidar desse braço. Por sua expressão, deduzo que deve estar doendo.

— Oh... não é nada, é só um arranhão. Kieran — disse ela ao homem que a olhava com tristeza —, com você também me comportei de forma desrespeitosa.

Peço desculpas se algum dos meus atos ou palavras lhe causou algum mal. De verdade, sinto muito.

— Milady, além de uma terrível dor de cabeça, não tenho nada que perdoar, mas sim agradecer.

Ele sorriu com pena por vê-la naquele estado. Aquela mulher era vida e alegria. Apesar do olhar duro que Duncan lhe dedicou, prosseguiu:

— Você é uma mulher excepcional, e espero que utilize essa força que possui para seguir em frente; e nunca se esqueça de que nós, amigos, a apreciamos como é, apesar de que alguns — disse olhando para McPherson — são incapazes de entender uma relação conjugal.

Ouvindo isso, uma leve sombra de sorriso iluminou o rosto de Megan. Ela havia ganhado um bom amigo!

— Lolach — disse ela, voltando-se para o cunhado, que a olhava muito sério. — Obrigada por cuidar de minha irmã. E, se em algum momento eu me comportei de uma maneira inadequada, peço enérgicamente que me perdoe.

Lolach sorriu, apesar do olhar em chamuscas de seu amigo Duncan.

— Megan, eu também não compartilho a opinião de McPherson, mas creio que deve medir suas palavras e seus atos, porque às vezes, são desafortunados — disse

Lolach, olhando para os guerreiros que comiam em silêncio ah. — Sabe que lhe tenho apreço, não é?

Ela assentiu, e comprovou com seus próprios olhos que os guerreiros cochichavam entre si.

— Então, não precisa me dizer mais nada. Mas peço que vá cuidar dessa ferida no braço.

— Irei, Lolach, mas ainda não terminei — sussurrou Megan olhando para Duncan.

Ele não a olhava, e estava terrivelmente irritado.

— Duncan, para você tenho que pedir tantas desculpas que não saberia nem por onde começar — disse ela.

Os olhos dele ainda não se voltaram para ela. Ele estava tão irritado e humilhado, por culpa dela, que era incapaz de escutá-la.

— Ela está falando com você, Duncan — bufou Kieran, ganhando um olhar feroz dele. — Poderia fazer o favor de olhar para ela quando fala?

— Kieran! — vociferou Duncan, assustando Megan e mais alguns. — Se não quiser morrer, cale-se!

— Por todos os santos! — exclamou Niall ao ver o sangue pingar da mão de Megan para o chão.

Rapidamente Shelma se levantou com Niall. Ele, parando diante de Megan, disse:

— Falará mais tarde com meu irmão. Agora você vai cuidar disso.

— Por São Fergus! — sussurrou McPherson ao ver o sangue escorrer-lhe pela mão.

Duncan olhava para ela, surpreso.

— Lolach! — ordenou Shelma, furiosa por não ter percebido antes. — Mande alguém a nosso quarto pegar a bolsa de potes e unguentos. Tenho que cuidar de minha irmã antes que se esvaia em sangue.

Megan continuava com a vista cravada em Duncan. Ela não reagiu, até que, de súbito, assustando a todos, desmaiou. Niall agiu com rapidez. Pegando-a no colo, desapareceu com ela, seguido por Shelma. Mas, antes, olhou para seu irmão com um olhar atroz.

Todos desapareceram, exceto Kieran e Duncan, que ficaram paralisados no salão. A raiva se apoderou de Duncan. Levantando-se, deu um pontapé na cadeira, jogando-a contra uma parede. A dor o consumia. Sabia que havia se comportado como um animal com ela e que o culpado por aquele sangue era ele.

— Sabe quantos homens matariam para ter mulheres com as qualidades da sua? — perguntou Kieran sem se importar com as consequências de suas palavras.

— De que está falando? — sibilou Duncan com o semblante fechado.

Kieran, sem se intimidar diante daquele bravo *highlander* que sempre o olhava com cara de ódio, respondeu:

— Estou falando de que quer privar sua mulher de um cavalo, sendo que ela demonstrou ser a única capaz de controlar aquele garanhão. Estou falando de que ontem à noite ela controlou uma situação que hoje teria trazido muitos problemas.

Ouvindo isso, Duncan olhou para Kieran, apertando os punhos.

— Estou falando que essa mulher vale muito mais que aquela que no passado arruinou sua vida e, embora lhe incomode que o diga, jamais vi que tratasse aquela com tanta dureza e frieza como hoje tratou Megan. E você, eu e todos sabemos que, pelo que aquela lhe fez, ela merecia que a tivesse matado.

— Está com vontade de brigar, O'Hara? — bradou Duncan, aproximando-se com olhar intimidador.

Não gostava que ninguém falasse de Marian.

— Há anos suporto que você ou James queiram ocupar meu lugar junto a Robert de Bruce. Estou farto de seus comentários e do imbecil de seu irmão, e...

— Eu falo por mim — esclareceu Kieran. — Não tenho nada a ver com meu irmão!

— Acaso agora também tem inveja de minha mulher? Desde quando deve me falar sobre como trato as mulheres?

Kieran, ciente do perigo que aqueles olhos verdes deixavam transparecer, não se mexeu do lugar, mas tornou a responder.

— Serei sincero. Algumas vezes, teria gostado de estar à direita de Robert de Bruce, mas isso aconteceu faz tempo. Se me atrevo a dizer que Megan é melhor que a francesa — disse em tom depreciativo —, é porque penso isso, e porque tenho certeza de que ela nunca lhe faria o que aquela estúpida mulher lhe fez! — gritou Kieran ao ver o rosto de Duncan se contrair de dor. — Você me pergunta se tenho inveja de você? Minha resposta é sim. Quem dera eu ter encontrado Megan antes; assim, poderia desfrutar dessa luz maravilhosa que ela exala e que você insiste em tentar apagar.

E, ao ouvir isso, Duncan lhe deu um soco que o fez cair para trás ruidosamente, em cima de uma mesa. Kieran, levantando-se, enxugou o sangue da boca e tocou o olho, que já começava a inchar.

— Obrigado pelo soco. Eu o mereci, pelas vezes em que fui idiota com você.

— O quê? — sussurrou Duncan, desconcertado.

— Deixe-me dizer mais uma coisa — disse Kieran, aproximando-se de Duncan, preparado para outro

soco. — Não permita que essa mulher mude — e sorriu com companheirismo pela primeira vez na vida.
— Se permitir isso, pode ter certeza que será o homem mais tolo que já conheci na vida.

— O que está acontecendo aqui?! — vociferou Lolach ao entrar no salão e ver Kieran sangrando e com o olho roxo.

— Nada, Lolach — respondeu Duncan, entendendo as palavras de Kieran.

E estendendo-lhe a mão, que este aceitou com um sorriso, afirmou:

— Só estávamos conversando como amigos.

Capítulo 25

Naquela tarde, depois de saber que Megan estava descansando em seu quarto e que a hemorragia havia sido estancada, Duncan se martirizava, incapaz de enfrentar a mulher que havia machucado tanto física quanto emocionalmente. Após uma longa conversa com Kieran, Duncan havia se conscientizado de duas coisas: a primeira era que gostava da vitalidade que sua mulher exalava, mais do que queria admitir; e a segunda, que Kieran não era um imbecil como o irmão, James.

Megan, por sua vez, mergulhada em uma verdadeira tristeza, via com desespero o tempo passar e Duncan não aparecer. Por isso, assumiu o firme propósito de mudar sua personalidade forte e aceitar de uma vez por todas que seu marido, apesar de suas palavras doces, nunca a amaria.

Depois de bater à porta, Kieran apareceu.

— Como está seu braço?

— Melhor, obrigada — respondeu Megan com familiaridade.

Mas, ao ver seu lábio cortado e o olho roxo, perguntou:

— Oh, meu Deus! O que aconteceu com você?

— Nada importante — e ele sorriu ao ver a cara de des conserto dela. — Diferenças de opiniões com um amigo. Mas não se preocupe, já estão resolvidas.

— Não me diga. — E, fechando os olhos, Megan perguntou: — Foi Duncan, não foi?

— Isso agora não interessa — sorriu Kieran, e olhando para ela com seus inquietantes olhos azuis, disse: — Vim me despedir de você. Tenho que chegar a Aberdeen antes de meu irmão. — Levantando os braços, acrescentou: — James é a ovelha negra da família e, quando chegar, só vai criar problemas para minha pobre mãe.

— Sinto muito — sussurrou Megan.

Kieran se aproximou.

— Duncan não tardará muito a perceber a sorte que teve por encontrá-la em seu caminho.

— Não creio que meus olhos cheguem a ver isso! — murmurou ela, revirando os olhos e fazendo-o sorrir.

— \rão, acredite em mim — disse ele apertando-lhe a mão. — Dê-lhe um tempo, ele não poderá viver sem você. E, se isso não acontecer, é porque Duncan é mais burro do que acredito.

Ambos sorriram, e Megan respondeu:

— Se você está dizendo!

— Escute. Duncan disse que você sabe ler — sussurrou ele, olhando-a nos olhos.

Ela as sentiu.

Kieran lhe entregou um papel, onde havia desenhado um pequeno mapa com vários nomes. Antes de fazê-lo, ele havia pensado bastante. Mas, apesar de Duncan ter repetido até a saciedade que Marian não significava nada mais para ele, decidira dar a Megan aquele papel. Ela poderia precisar de um amigo.

— Se um dia precisar de ajuda, para o que for, procure-me e eu a ajudarei. Neste mapa encontrará como me localizar.

— Mas por que está me dando isto? — perguntou Megan, sem entender as intenções dele.

— Porque é sempre bom ter amigos — apontou ele, esperando estar enganado a respeito de Duncan. — Se precisar me localizar, vá até o vale de Glenn Affric. A oeste, encontrará uma pequena aldeia de casas de pedra vermelha próxima ao lago. Quando chegar ali, procure o ferreiro; ele se chama Caleb, é um bom homem e amigo melhor ainda.

E apertando-lhe as mãos, sussurrou:

— Ele a fará chegar até mim. E, repito, não quero nada em troca. Só desejo que saiba que Kieran O'Hara é seu amigo para a vida toda. Está bem?

— Está bem — sorriu Megan, pegando o papel.

Depois de trocarem um olhar significativo, ela disse:

— Cuide-se, promete?

— Tentarei — sorriu ele, afastando-se. — Adeus, Megan, cuide-se também.

Triste pela partida de um bom amigo como Kieran, ela se levantou da cama e, sem dar importância ao papel que ele lhe havia entregado, guardou-o no saco onde levava seus poucos pertences pessoais: as calças de como marrons, as botas de cano alto e a capa surrada de seu avô Angus. Com melancolia, Megan olhou para aquelas roupas que em um passado não muito distante a haviam feito tão feliz.

Ao ouvir som de cavalos, segurando o braço, que doía bastante, aproximou-se da janela. Viu vários guerreiros montando em seus cavalos, enquanto Kieran falava com Zac e ambos sorriam.

Nesse momento, ouviu novas batidas na porta. Era Niall.

— Olá, cunhada — disse ele, entrando com um sorriso maravilhoso. — Está melhor?

— Sim. Viu? Kieran está partindo.

Niall assomou à janela e assentiu.

— Ele tem assuntos familiares a resolver. — E para fazê-la sorrir, disse: — Sabe o que aquele presunçoso me disse quando se despediu de mim? Que vai passar por Dunstaffnage para conhecer

Gillian. Pode acreditar?

— Não tem nada a temer — sorriu Megan, mas sem brilho nos olhos. — Creio que Kieran é um amigo melhor do que você pensa. Ele é uma boa pessoa.

— Eu sei — assentiu Niall, olhando o guerreiro que se despedia com cordialidade de McPherson. — O que acha que Gillian pensaria se o conhecesse?

Ao escutar essa pergunta, Megan olhou para aquele *highlander* bonito e jovem que sempre a apoiava, apesar de suas constantes trapalhadas e de sua teimosia.

— Quer sinceridade?

— Desde quando minha cunhada não é sincera em algo? — perguntou Niall com estranheza, olhando-a nos olhos.

— Muito bem — sorriu Megan, afastando com carinho o cabelo do rosto dele. — Quando Gillian vir esses impressionantes olhos azuis, esse cabelo tão louro e esse sorriso maravilhoso, pensará: “Este O’Hara é um homem muito bonito”.

— Acha isso? — perguntou Niall, incomodado ao

pensar em Gillian olhando para outro que não fosse ele.

Sua expressão contrariada fez Megan sorrir.

— Oh, sim, tenho certeza. Mas, assim que Kieran começar a incomodá-la, pensará: “Este O’Hara é muito inconveniente”, e o porá em seu lugar.

Isso fez Niall rir. Então, ela aproveitou para lhe perguntar:

— Por que não para de evitar o inevitável?

— Porque não sei se sou bom suficientemente para ela — respondeu ele, contemplando os guerreiros, que iniciavam sua marcha.

— E não saberá enquanto não tentar, Niall — sussurrou Megan com tristeza na voz e no olhar. — Mas também devo dizer que, às vezes, uma pessoa crê que é boa para outra, até que, um dia, percebe que está equivocada e...

— Você é perfeita para Duncan — disse ele, entendendo as dolorosas palavras de Megan. — Não duvide disso, Megan! Eu nunca o vi sorrir da maneira que sorri quando está com você.

— Deixe disso, Niall — sussurrou ela sem forças, olhando pela janela. — Nosso casamento foi um erro imenso. Quando eu vivia com o vovô e Mauled, podia ser eu mesma o tempo todo, e sabe por quê? Porque ninguém esperava nada de mim além daquilo que já

conhecia.

Surpreso diante das palavras de Megan, Niall perguntou:

— Por que diz isso?

— Porque não estou à altura do que seu irmão e seu clã esperam de mim — disse ela, soluçando.

Niall nunca a havia visto chorar, e não sabia como lidar com isso.

— Sou tudo o que a mulher de um *laird* não deve ser, e eu o adverti que não se casasse comigo; mas ele insistiu. Eu estava tão desesperada que aceitei, e... e...

— Não, não, não chore — repetia ele, sem saber o que fazer diante da tristeza e das lágrimas que pesavam naquele lindo rosto moreno. — Não faça isso comigo, Megan! Por favor! — disse ele.

Ela se jogou em seus braços e chorou, desconsolada.

Com paciência e palavras agradáveis, Niall a convenceu a se deitar. Não gostava de vê-la desse jeito. Ela era uma mulher forte e de personalidade, não uma mulher arrasada e sem vida.

Quando saiu do quarto, imensamente enfurecido, foi em busca de seu irmão. Encontrou-o sentado em frente às estrebarias, pensativo, bebendo cerveja.

— Quando pensa em ir ver sua mulher?

— Quando julgar necessário — respondeu Duncan

sem olhar para o irmão.

Duncan se levantou e entrou na cocheira, onde Stoirm e Lord Draco o receberam bufando.

— Não se aproxime de Stoirm — advertiu Niall ao ver o animal se mexer, inquieto.

— Como ela conseguiu se aproximar sem que ele a mordesse? — perguntou Duncan, tentando entender.

— E como pôde montá-lo sem que a jogasse?

— Não sei. Talvez ela seja mais teimosa do que ele — respondeu Niall.

— \òvô e Mauled sempre diziam que Megan sabia se comunicar com os animais — respondeu Zac, que neste momento entrava na cocheira. — E quando um cavalo era teimoso ou difícil de tratar, ela conseguia fazê-lo esquecer a teimosia e obedecê-la.

Ao escutarem a voz do menino, os dois *highlanders* se voltaram para olhá-lo.

— De onde saiu? — sorriu Niall, agachando-se para pegá-lo no colo.

— Que está fazendo aqui? Devia estar dormindo com Ewen — censurou-o Duncan com um meio-sorriso, vendo Ewen a poucos metros.

O menino, olhando para eles com olhos tristonhos, respondeu:

— Não consigo dormir. Estou muito preocupado.

Essa resposta fez os irmãos sorrirem.

— Ora, que tipo de preocupação não o deixa dormir?

— perguntou Duncan com carinho.

Niall prestava atenção no menino.

Zac, depois de olhar para o guerreiro, marido de sua irmã, por alguns instantes engoliu em seco e perguntou:

— É verdade que Megan e eu teremos que ir embora quando você não nos quiser mais?

— O quê? — sussurrou Niall, sem entender o que o menino estava querendo dizer.

— Como diz? — perguntou Duncan. — Onde ouviu isso?

— Shelma disse que se Megan não for boa com você, você não vai nos querer e teremos que partir. E Megan, brava, gritou que se você nos expulsasse de suas terras, ela cuidaria de mim.

— Esqueça isso, Zac — esclareceu Duncan inquieto, olhando para seu irmão, que o observava desconcertado.

— Eu nunca os expulsarei de minhas terras. Agora, vá dormir tranquilo. Mas não diga a ninguém o que conversamos aqui, está bem?

O menino sorriu. Ele tinha o mesmo sorriso de sua irmã mais velha, e isso fez o coração de Duncan palpitar.

— Tudo bem! Mas não gosto que faça Megan chorar

— censurou-o o menino.

Duncan, cravando o olhar nele, perguntou:

— Por que acha que fui eu que a fiz chorar?

— Porque ela disse que você partiu o coração dela — respondeu o menino, sem entender que esse comentário havia acabado de partir o coração de Duncan.

Ouvindo isso, Duncan ficou tão desconcertado que foi Niall quem precisou falar.

— Ande, moleque, vá dormir — sorriu Niall.

Zac desceu e correu até Ewen, que o pegou no colo com um sorriso e o levou.

Passados alguns instantes, vendo que seu irmão não dizia nada, Niall, dando-lhe um soco no braço, perguntou:

— Como se atreve a partir o coração de Megan?

Coçando a barba incipiente em seu queixo, Duncan

murmurou:

— Eu não fazia ideia. Mas Shelma vai me explicar tudo agora mesmo — disse, dirigindo-se decidido para a fortaleza.

Naquela noite, quando viu que Duncan não ia para o quarto, Megan se convenceu de que ele continuava irritado com ela. Farta de ficar virando na cama, decidiu se levantar. Ao se aproximar da janela, ouviu os chutes que Stoirm dava na cocheira. Então, pegou umas ervas em sua bolsa e decidiu descer sem fazer barulho para

tentar acalmar o animal.

“A esta altura, que diferença faz?”, pensou, dando de ombros.

Com cuidado, vestiu o roupão que Gillian lhe havia dado de presente, e, verificando que tudo estava em ordem, saiu sem fazer barulho. Devagar, abriu a porta da fortaleza e chegou até as estrebarias, onde Lord Draco suspirou ao vê-la entrar.

— Olá, bonito — saudou-o, dando-lhe um beijo no focinho.

Depois de falar com ele um pouco e acariciá-lo, parou na frente do cavalo inquieto, que, ao vê-la, relinchou.

— Olá, Stoirm — sussurrou ela, estendendo a mão para lhe dar um pouco de açúcar misturado com ervas. — Tome isto, vai fazer com que relaxe. Está precisando.

Enquanto o cavalo lambia a palma de sua mão, ela, com cuidado, foi se aproximando, até acabar apoiada no pescoço do cavalo. Com carinho, sussurrou-lhe perto da orelha:

— Lamento lhe dizer, mas amanhã vou para as terras de meu marido. Por isso, vim me despedir de você. Eu adoraria levá-lo comigo, porque sei que você e eu nos entenderíamos muito bem, não é? — Sorriu ao ver o cavalo menear a cabeça. — Mas isso terá que ser em outra vida, porque nesta acho difícil. Creio que você, a seu modo, e eu, ao meu, somos parecidos. Nenhum de nós se encaixa onde está, e nenhum dos dois atende ao que se espera de nós. Stoirm, você é um bom cavalo, além de maravilhoso. Espero que alguém perceba que só precisa de um pouco de carinho e atenção.

E tocando com a mão boa o pescoço do animal, ela sussurrou com carinho, beijando-o antes de se afastar:

— Adeus, Stoirm. Cuide-se.

Com um nó na garganta, ela se dirigia à saída da cocheira quando, de súbito, viu aparecer uma sombra na escuridão.

— Que faz aqui? — perguntou Duncan o mais suavemente que pôde.

— Eu... é... — suspirou Megan, angustiada ao se ver descoberta. — Desculpe. Eu só queria me despedir de... — E, sem olhá-lo nos olhos, sussurrou: — Desculpe, isso não tornará a acontecer.

— Está bem — respondeu ele ao vê-la tão vulnerável, com o braço enfaixado e a tristeza estampada no rosto.

O silêncio entre os dois se tomou constrangedor. Ambos sabiam que o que havia acontecido naquela tarde os transformara em rivais, não em amigos.

— Eu gostaria de voltar ao quarto, amanhã temos uma longa viagem pela frente — pediu Megan.

— Voltará quando falar comigo — disse Duncan. —

Pode olhar para mim quando falo com você?

Levantando o queixo, Megan o olhou.

— Sim, evidentemente — assentiu ela.

Ao olhá-la nos olhos, Duncan sentiu a insegurança que a expressão de sua mulher transmitia.

— Queria falar sobre o que aconteceu hoje — começou ele, nervoso, vendo que ela o observava de uma maneira que não expressava nenhuma emoção. — Antes de mais nada, quero me desculpar pelo que fiz com seu braço. Não sei o que me deu! Eu me comportei como um verdadeiro animal.

— Está desculpado — respondeu ela com excessiva serenidade. — Eu mereci.

Ele não gostava de vê-la assim. Não queria vê-la assim. Duncan adorava a Megan selvagem e respondona, apesar de, em certos momentos, ter vontade de estrangulá-la. Não gostou de senti-la tão acovardada e submissa. Ficou horrorizado.

— Megan — disse ele, pegando-lhe o braço com suavidade para atraí-la para si —, você não merecia o que lhe fiz. Eu me comportei como um bruto.

— No futuro, tentarei medir melhor meus atos e minhas palavras — continuou ela, sem escutá-lo. — Permita que eu lhe recorde que nossa união é um *Handfasting*. Se a qualquer momento desejar anular

nossos votos, avise-me. Posso voltar para a cama agora?

A frieza nas palavras dela feriu o até então imperturbável coração de Duncan, mas ele não disse nada; calou-se. Desistiu de continuar falando com ela.

— É claro. Partiremos ao amanhecer.

Abaixando a cabeça, ela assentiu.

— Está bem. Boa noite.

Sem olhar para trás, com uma enorme vontade de praguejar e chorar, Megan voltou para seu

quarto. Naquela noite, ela não foi a única a não dormir.

*

Ao amanhecer, Megan, com olheiras enormes, entrou no salão tão corretamente penteada e vestida que atraiu o olhar de todos.

— Ora, cunhada! — sorriu Niall ao vê-la enquanto comia ao lado de seu irmão silencioso. — Hoje está linda.

Com um tímido sorriso para seu cunhado, que fez Duncan tremer, ela agradeceu o elogio.

Aproximando-se da mesa onde diversos pratos de comida esperavam para ser devorados, Megan se serviu uma pequena porção. A seguir, sentou-se ao lado de Shelma.

— Teve uma boa noite? — perguntou Shelma.

Ela se sentia culpada pelo estado de ânimo de sua irmã.

— Não consegui dormir muito. A dor no braço não me permitiu. — E olhando para a irmã, disse: — Não está com uma cara boa. Aconteceu alguma coisa?

Tentando não chorar, Shelma respondeu:

— Estou cansada, com sono e com um pouco de dor cabeça.

Sem tirar os olhos de Shelma, Megan disse, tocando-lhe a testa:

— Não estou gostando da cor de seu rosto.

Do outro lado da mesa, Anthony, feliz, tendo observado Megan entrar, disse:

— Milady, quero lhe apresentar Briana, minha mulher.

Megan, ao escutar as palavras de Anthony, levantou-se com rapidez.

— Oh.. perdoe minha distração — e sorriu com gentileza, aproximando-se deles. — Gostaria que me chamasse de Megan, por favor.

Tomando as mãos daquela mulher miúda e delicada, de cabelo castanho e olhos cor de avelã, disse:

— E um grande prazer conhecê-la. — E tocando-lhe a

barriga ainda plana, perguntou: — Está bem?

— É um prazer conhecê-la, milady — disse Briana.

E ao ver a expressão da moça, corrigiu-se:

— Megan. Creio que ambos estamos bem.

Um sorriso trocado entre as mulheres deixou evidente que se dariam bem.

— Sabe de uma coisa? Eles viajarão conosco — comunicou Shelma.

Megan, feliz, sorriu, sem ver como seu marido a olhava.

— Vamos voltar a Invemess — anunciou Briana.

— Eu queria lhe pedir desculpas por... — sussurrou Anthony, olhando-a nos olhos.

— Eu teria feito o mesmo — interrompeu Megan. — Isso é coisa do passado. Agora, devemos olhar para a frente.

Com violência, Duncan se levantou da mesa, furioso por ser incapaz de se aproximar de sua mulher. Resmungou:

— Esperarei lá fora. Procurem não atrasar muito a partida.

Uma vez fora do salão, Duncan, cabisbaixo, amaldiçoou por tudo que havia acontecido. Dirigiu-se a seu cavalo, Dark, que, ao vê-lo, balançou a cabeça.

— Falou com ela ontem à noite? — perguntou Lolach

inesperadamente.

— Não.

— Lamento muito que as palavras que eu disse a minha mulher tenham afetado seu casamento.

Duncan parou e olhou para Lolach.

— Você não devia ter dito nada a Shelma. Ambos ouvimos dois guerreiros meus debocharem por minha paciência com Megan, mas também ouvimos elogios a ela e a sua maneira de ser.

Lolach as sentiu.

— Tem razão. Mas vi sua cara quando escutou aquilo, e me vieram à mente comentários a respeito de Marian, e eu...

— Lolach! — interrompeu-o Duncan, sem querer escutar mais nada. — Megan não é Marian. E eu já me encarreguei de esclarecer-lhes isso — disse, apontando para dois guerreiros que caminhavam mancando e com feridas no rosto. — Em meu clã eu sou o *laird*, e ninguém nunca me obrigará a deixar algo ou alguém que seja importante para mim.

Ao ver que a porta de entrada da fortaleza se abria, ele disse, sorrindo:

— Lolach, se me casei com ela foi porque, desde o primeiro momento em que a vi, soube que Megan

tinha a força e a personalidade necessárias para ser minha mulher. Amigo — sussurrou, tomando-o pelos ombros —, nós conhecemos muitas mulheres em todos esses anos que passamos juntos, mas nunca nenhuma tomou minha vida tão fascinante.

Lolach suspirou, divertido.

— Apesar de nossas diferenças e discussões, ela é, sem dúvida alguma, minha maior fraqueza.

— Está bem — sorriu Lolach, entendendo essas palavras tão próximas do que ele sentia por Shelma.

— Mas, por isso mesmo, eu me sinto culpado por vê-la tão triste.

— Não se preocupe, Lolach. Conhecendo minha mulher, esse estado de paz não durará muito — brincou Duncan, torcendo para que assim fosse.

As pessoas se aglomeravam ao redor da comitiva que estava prestes a partir. Os homens falavam com McPherson, que ria e dizia que voltassem quando quisessem. Para se despedir delas, havia mais pessoas do que elas teriam imaginado. Isso tocou-lhes o coração e as encheu de gratidão. Com carinho, Megan foi se despedindo de todos, até que chegou a Mary, que a aguardava com tristeza.

— Mary! — exclamou Megan, tomando-lhe as mãos.

Notou que as prostitutas as olhavam, afastadas do

grupo.

— Vou sentir muito sua falta. Quero que saiba que se precisar de qualquer coisa, o que for, não deve hesitar em me avisar.

— Obrigada, milady — sorriu Mary, notando que Duncan as observava. — Mas não se preocupe, ficarei bem.

— Está bem.

E baixinho, para que ninguém as escutasse, sussurrou:

— Obrigada por ser tão boa conosco, nunca esquecerei isso.

Por fim, após se despedir de McPherson, Duncan levantou a mão e a comitiva saiu da fortaleza. As três mulheres e Zac iam acomodados em uma carroça conduzida por Ewen, à qual Lord Draco ia amarrado. Ao passar pelas estrebarias, as irmãs se despediram de Rene, e Megan teve que conter as lágrimas e respirar fundo ao escutar os relinchos e pontapés de Stoirm.

Capítulo 26

O verão estava chegando ao fim, e nuvens negras constantes avisavam a comitiva de que a tempestade logo viria. A paisagem naquela área das Highlands era espetacular. Os vales cor de violeta e os bosques ocres, vermelhos e púrpura indicavam a iminente chegada do outono.

Após divisar a Ben Nevis, a montanha mais alta da Escócia, Lolach sorriu. Isso significava que estavam cada vez mais perto de seu lar. Em várias ocasiões, o guerreiro foi até a carroça para ver sua mulher, que o recebia sempre com um sorriso caloroso. Ele até a convidou a cavalgar com ele por um trecho do caminho.

Anthony, inquieto devido ao estado de sua esposa, ia até a carroça constantemente, como Lolach, para se certificar de que tudo estava bem. Porém Duncan, que pela expressão do rosto parecia um ogro, não abandonou a frente da comitiva.

Ao chegarem ao lago Lochy, pararam para esticar as pernas e comer alguma coisa. As mulheres foram até a água acompanhadas por Lolach e Anthony, solícitos, ao passo que Duncan, com seu olhar confuso, seguiu em direção contrária. Megan disfarçou a decepção e sorriu como se nada houvesse acontecido.

Um pouco depois, Megan convenceu os dois casais a deixá-la um pouco sozinha. Na paisagem escarpada, ela encontrou uma rocha plana, escondida entre vários carvalhos. Subiu nela e se deitou, com intenção de aquecer o corpo ao sol. Mas as nuvens negras não tardaram a escurecer tudo ao seu redor.

Sentada na rocha, Megan observou seu braço, que parecia estar se recuperando rapidamente. Pelo menos já não o sentia latejar. Olhou ao redor, até que viu, não muito longe dali, Duncan conversando e sorrindo com Niall.

Abóbada, observou seu marido. Era um homem muito atraente e rapidamente surgiram em sua memória os momentos vividos com ele. Seus beijos, suas carícias, o tom de sua voz quando faziam amor. Todas essas recordações a perturbavam e a faziam desejar que aqueles braços fortes a abraçassem e a embalassem. Estava tão fascinada em seus sonhos que deu um pulo quando ouviu uma voz ao seu lado.

— Se eu fosse um Kelpie, milady, já estaria embaixo d'água — disse Myles, apoiando-se na rocha, mas sem subir.

— Duvido — sorriu ela, começando a desmanchar sua trança. — Meu avô sempre disse que para que um Kelpie nos pegue e nos leve consigo ao fundo do lago, primeiro temos que tocá-lo — disse, lembrando do espírito aquático do folclore celta.

— Milady, meu avô — continuou Myles, subindo na rocha —, quando era jovem, numa tarde ensolarada, viu surgir das águas um Kelpie transformado em um lindo cavalo negro, metade cavalo, metade peixe, e levar um aldeão que estava dormindo à beira do lago.

Franzindo a testa de um jeito engraçado, Megan perguntou:

— É verdade?

Myles, divertido pela expressão dela, sorriu.

— Milady, não acredite em tudo o que conto. Meu avô era muito exagerado, especialmente quando bebia *aqua vitae*.

Ambos sorriram. A Escócia era uma terra de lendas.

— Meu avô e Mauled adoravam se sentar à noite conosco e nos contar histórias — sorriu Megan ao recordar. — Eles falavam sobre o pássaro que vive nos lagos, Boobrie, ou sobre o solitário elfo Ghillie Dhu, que habita os bosques de bétulas, vestido só com folhas e musgo fresco.

— Eu não acredito muito nessas coisas, são histórias de velhos — disse ele. E surpreendendo-a, acrescentou, cravando-lhe o olhar: — Assim, milady, como não creio que deva dar ouvidos ao que sua irmã lhe disse outro dia no bosque. Meu *laird* toma suas próprias decisões, e nunca permitirá que ninguém a afaste dele.

— Oh, meu Deus, que vergonha! — exclamou ela, cobrindo comicamente o rosto ao recordar seus insultos. — Não me diga que escutou tudo! Duncan vai querer me matar por tudo o que saiu de minha boca!

Myles, para acalmar sua senhora, afirmou:

— Não pense que foi de propósito. Eu estava me banhando no lago quando ouvi seus gritos e de sua irmã.

Ao ver que ela olhava para ele, Myles disse, com honestidade:

— Nunca contarei o que gritou. Mas permita que lhe diga que em nosso clã, à exceção do *laird*, ninguém ordena a ninguém o que deve fazer.

Isso fez Megan sorrir e sentir que Myles a apoiava. Envergonhada por tudo o que havia dito sobre Duncan, sussurrou:

— Myles, eu me sinto péssima. Por minha culpa, e meu destempero, alguns guerreiros zombaram de meu esposo.

De súbito, umas gotas de chuva imensas anunciaram a tempestade.

— E seu esposo — respondeu Myles, ajudando-a a se levantar — já cuidou disso. E se de algo tenho certeza é de que meu *laird* jamais a abandonará. Nós crescemos juntos, eu o conheço muito bem e sei que, quando olha para você, algo acontece aqui nele — disse, tocando o coração. — Eu vejo isso nos olhos dele e na maneira como olha para você.

Isso a surpreendeu. Nunca teria imaginado que ouviria Myles, aquele *highlander* grandalhão de cabelo claro, falar de amor.

— Myles! — exclamou Megan. — Sua mulher deve ficar encantada com seu romantismo.

Os dois sorriram com cumplicidade.

— Estou com saudade de minha linda Maura — admitiu ele, sentindo-se perturbado ao pronunciar esse nome.

E voltando para olhar para Megan, disse:

— Milady, ele está atormentado pelo que aconteceu no outro dia. Basta observá-lo para ver em seu rosto a angústia por causa de sua distância.

Desceram da rocha e correram até chegar aos outros, que, acostumados às inclemências do tempo, comiam como se nada estivesse acontecendo. Megan se despediu de Myles e se sentou com as mulheres debaixo de uma cobertura feita com paus e capas.

Duncan, distante, mas atento aos movimentos de sua esposa, sorriu ao ver John, o cozinheiro, sem ninguém lhe dizer nada, aproximar-se dela para lhe oferecer um bom prato de comida, que ela aceitou com um sorriso grato.

— O que pensa que vovô dirá quando a conhecer? — perguntou Niall.

— Ele se apaixonará assim que ela abrir a boca — respondeu Duncan a seu irmão, que descansava ao seu lado apoiado na árvore.

Seu avô sempre havia mimado e adorado Johanna, sua falecida irmã, que, assim como Megan, havia crescido cercada de homens e fazendo o que tinha vontade.

— A presença de Margaret me incomoda — comentou Duncan.

— Fique tranquilo, irmão; ela terá que aceitar que a partir de agora a senhora da casa será Megan.

Uma vez acabado o delicioso cozido de John, Megan olhou ao redor tentando encontrar seu marido, mas foi impossível. Onde estava?

Antes de retomar a marcha, como já havia parado de chover, ela se dirigiu ao lago, onde havia visto algumas

ervas que lhe serviriam.

— Que procura? — perguntou Zac, atrás dela.

— Olhe, venha aqui — disse ela, arrancando umas folhas. — Estas folhas são de tussilago. Servirão em breve, quando começar a fazer frio e você passar a tossir.

— Ah, que nojo! — disse o menino, franzindo a testa ao recordar o sabor daquilo.

— Onde está Ewen? — perguntou ela estranhando por não ver o grandalhão.

— Eu o deixei deitado ah — disse o menino, apontando para o acampamento. — Acha que veremos Kieran de novo?

Megan franziu a testa ante a pergunta de seu irmão:

— Não sei, meu tesouro. Por que pergunta?

— Porque ele é meu amigo e me ensinou muitas coisas. — E com um sorriso que desarmou sua irmã, Zac disse: — Além do mais, ele nunca me tratou como uma criança, e sei que ele também quer ser meu amigo para a vida toda.

— Isso é maravilhoso! — assentiu Megan.

E, levantando-se, disse:

— Muito bem. Ajude-me a encontrar mais ervas, mas tenha cuidado para não cair no lago, está bem?

Com tranquilidade, os dois irmãos começaram a procurar ervas que mais tarde pudessem servir como medicamentos. Até que, de repente, Megan ouviu a voz de seu marido e seu cunhado. Aproximou-se silenciosamente, enquanto Zac continuava colhendo tussilago.

— Essa mulher — disse Duncan com voz grave — terá que aceitar o que eu disser. Eu sou o *laird*, e se eu decidir que ela vai viver com os criados porque não a quero perto de mim ou de minha família, ela aceitará, gostando ou não.

— Isso me parece adequado, irmão. Afinal — respondeu Niall —, você a conhece melhor do que eu.

— Tem razão! — assentiu Duncan, categórico. — Eu sei que ela tentará qualquer manobra para me desacreditar diante de vovô. Não confio nela, nem em seu sorriso nem em suas falsas palavras.

Após alguns instantes de silêncio, Niall falou.

— Ambos sabemos que ela nunca foi a melhor opção para Eilean Donan.

— Eu a detesto — respondeu Duncan, mexendo no cabelo e recordando Margaret e suas artimanhas. — Se a suporto é pelo desgosto que daria a vovô se eu a expulsasse. Mas pode ter certeza de que, quando eu voltar a Eilean Donan, as coisas vão mudar.

— Espere chegar, irmão — propôs Niall, levantando-se. — Uma vez ali, se vir que apesar de tudo ela continua igual, terá duas opções: tratá-la como uma criada ou devolvê-la ao lugar de onde veio.

— Pode ter certeza — riu Duncan amargamente, levantando-se com Niall — que essa bruxa, quando eu chegar, será tratada como o que é: uma criada.

Quase a ponto de sufocar, Megan começou a puxar o ar, tentando respirar. Atônita diante do que havia ouvido, ela se levantou, tentando acalmar seus pensamentos. Começou a chover de novo.

— Megan! — gritou Zac, entusiasmado, correndo para ela. — Olhe quantas encontrei!

Mas, ao dizer isso, o menino tropeçou na raiz saliente de uma árvore e caiu no lago. Quando Zac tirou a cabeça da água, começou a chorar. E então, Megan caiu em si.

— Pare já de chorar e tente segurar minha mão! — gritou ela, tentando se aproximar do menino em cima de uma rocha. Mas era impossível alcançá-lo.

— Não alcanço — gemeu Zac.

Ela amaldiçoou aquele contratempo.

— Fique tranquilo. Boie como lhe ensinei que já tiro você daí.

Megan soltou as folhas de tussilago que levava nas mãos para segurar-se em um galho, que, ao suportar seu peso, quebrou. A moça caiu na água junto com seu

pequeno irmão.

— Que desastrada! — gritou o menino ao ver sua irmã encharcada, com os cabelos no rosto, olhando os pontos em seu braço. — Quem vai nos tirar daqui agora?!

Ouvi-lo falar assim a fez explodir. Eles nunca haviam precisado de ninguém.

— Maldição, Zac! Não precisamos que ninguém nos tire do lago. Eu posso tirá-lo sozinha, e você sabe nadar! — gritou furiosa, pegando seu irmão e começando a nadar.

— E uma resmungona insuportável e, ultimamente, só o que faz é gritar — reclamou o menino, surpreendendo-a. — Não me espanta que Duncan esteja bravo com você. E pior que um espinho na bunda!

Incrédula diante do que seu irmão dizia, ela respondeu:

— Se não se calar, *mister* espinho na bunda — gritou, olhando-o com seus olhos pretos —, juro que vou afogá-lo neste lago, aqui e agora! E faça o favor de calar a boca e não falar sobre o que não sabe.

Mas o menino, incapaz de conter sua língua, prosseguiu:

— Shelma tem razão. No fim, por sua culpa Duncan vai nos expulsar de sua casa.

“Só me faltava escutar isso de você”, pensou Megan,

furiosa.

— Maldição, Zac! — bramou ela. — Cale-se, ou juro que vou lhe dar tamanha surra por suas palavras que ninguém o reconhecerá quando eu acabar.

Ao notar o olhar triste de sua irmã, e sua irritação, Zac se arrependeu.

— Está bem, desculpe! — E para suavizar as coisas, perguntou: — Seu braço dói?

— Ora, cale-se! — gritou ela de novo.

Não queria ouvir mais nada. Estava farta, cansada, exausta de ouvir todos falando sobre ela e sua

maneira de ser.

Mas Zac era um menino, e perguntou de novo:

— Mas por que está gritando comigo agora?

— Porque estou exausta! — gritou ela, ficando em pé no lago.

Não percebeu que Shelma, Duncan e os demais, alertados pelos gritos, estavam ah.

— Porque estou com vontade de gritar, porque estou farta de ouvir como sou ruim, e porque preciso desabafar gritando.

— Não grite comigo! — berrou o menino.

E dando um puxão no braço bom de sua irmã, fez com que caísse para trás, na água.

— Mas... mas... Eu vou matá-lo, maldito verme! —

gritou Megan, afastando o cabelo molhado do rosto.

Shelma olhava para os dois, espantada.

— Eu vou lhe dar o que merece, anão insuportável!

E, dizendo isso, Megan afundou o menino no lago, diante do público que os olhava entre incrédulo e divertido.

— Eu vou contar ao Falcão! — gritou Zac ao tirar a cabeça da água. — E espero que ele se aborreça com você e que grite como está gritando comigo.

Molhada até os ossos e cansada de tudo, Megan gritou:

— Oh, não! Vai contar ao Falcão?! Que medo, que medo! — dramatizou, levando a mão ao rosto e fazendo seu irmão sorrir.

A seguir, cravando de novo os olhos nele, disse, brava:

— Zachary George Philipps! Você é o menino mais mal-educado e ingrato que já conheci na vida. E sabe por quê? — perguntou com as mãos na cintura. — Porque passei a vida toda cuidando de você e o salvando de todo tipo de perigo, e agora me vem dizer que, porque o afogo e grito, vai contar a Duncan para que ele grite e se aborreça comigo. E um maldito ingrato!

— E você é uma reclamona! — vociferou o menino ao ver que já dava pé.

E antes de notar o público que os observava, gritou:

— Eu gostava mais de você quando era divertida e sorria!

— Que punhalada, Zac! — respondeu ela sem olhar para o irmão.

E sem se importar mais com seu cabelo molhado, sua ferida ou seu vestido encharcado, deixando-se cair para trás no lago, disse:

— Ande, traidor. Vá buscar Shelma e seque-se. Se alguém lhe perguntar o que aconteceu, diga que a bruxa negra malvada do lago tentou afogá-lo. — E raivosa, gritou: — Ah, e não esqueça de contar como sou ruim e malvada a seu maravilhoso amiguinho Falcão!

Duncan, Niall e Lolach, assombrados diante do espetáculo que haviam presenciado, não sabiam o que fazer. Lolach e Niall se entreolharam com um sorriso e, fazendo um sinal com a mão, indicaram a todos os presentes que voltassem para o acampamento. Shelma pegou Zac e o mandou fazer silêncio enquanto saíam dali. Por fim, só Duncan ficou, encharcado de chuva, observando sua mulher boiando no lago de olhos fechados.

Megan, alheia a tudo, sorriu pela primeira vez em vários dias ao ouvir o som da água. A paz que sentia naquele momento, boiando no lago embaixo da chuva, era uma paz que desde pequena a havia reconfortado em incontáveis ocasiões. As queixas de seus irmãos faziam doer sua alma, mas o pior era saber que Duncan a detestava de verdade.

Enfeitiçado pela beleza e pela delicadeza de sua mulher, Duncan não conseguia sair da beira do lago. Só sabia olhar para ela e admirá-la. O espetáculo que lhe oferecia era incrível. Vê-la boiando no meio do lago, com o cabelo ao redor, embaixo da chuva, era mágico. Qualquer um que passasse por ali pensaria que se tratava de uma fada ou uma dama do lago.

Encharcado até os ossos, mas sem conseguir afastar dela seus olhos verdes espetaculares, ele começou a se inquietar quando sentiu que a chuva começava a cair com mais força, e trovões inesperados fizeram vibrar tudo ao redor.

Megan, ao ouvir esses sons fortes, em vez de se assustar, sorriu. Ela adorava sentir a força dos trovões retumbando, e em especial recordar a infinidade de tardes e noites que, em companhia de Mauled e de seu avô, haviam dançado debaixo d'água enquanto caía uma tempestade furiosa.

Sufocada pela tristeza devido à falta dessas pessoas queridas, ela se levantou. Tirou o curativo do braço e suspirou ao ver a cicatriz horrorosa. Pensou nos comentários de seu marido e de sua irmã quando descobrissem: “Megan, que ideia foi essa de se molhar assim!”, “Megan, você e suas esquisitices!”. Por isso, sem muita vontade, começou a sair do lago, ainda sem perceber a presença de Duncan na margem.

Ouviu outro trovão que tomou a fazer tremer todo o vale. Megan levantou os braços e sorriu ao sentir a fúria da natureza, e foi andando para a margem. Pingando água, com a roupa colada ao corpo, ela jogou a cabeça para trás para escorrer com as mãos a água de seu cabelo longo encharcado. Foi quando viu Duncan. Parado à beira do lago, também encharcado, com seus incríveis olhos verdes cravados nela.

— Saia da água, troque de roupa e cuide desse braço — ordenou ele ao ver a desconfiança com que ela o olhava.

Megan levantou uma sobrancelha com intenção de lhe dizer o que pensava de suas ordens, mas, por fim, desistiu.

— Estava passando por aqui, ou Zac o mandou? — perguntou Megan tremendo de frio.

Nesse momento, explodiu outro trovão.

— Acaso importa? — respondeu ele. — Ande, saia da água! Vai ficar doente.

Ouvindo isso, Megan sorriu.

— Como se realmente se importasse! — disse com ironia.

Incomodado com o comentário, Duncan perguntou:

— Por que diz isso?

— Não entendi. Está brincando comigo? — sibilou ela, cravando-lhe seus impressionantes olhos pretos.

— Brincando? — perguntou ele, notando o vestido dela colado naqueles seios redondos que tanto gostava de acariciar.

— Um dos dois está brincando, e posso lhe assegurar que não sou eu — respondeu ela.

Ainda dentro da água até a cintura, observava o cabelo castanho de seu marido se escurecer com a chuva.

— Não a entendo, mulher — respondeu Duncan enfurecido, enxugando as gotas de chuva que corriam por seu rosto. — Saia da água imediatamente para que possa explicar!

— Não me dê ordens como se eu fosse um de seus guerreiros! — gritou Megan, colérica, ao recordar que ele havia dito a Niall que a detestava.

Sentindo necessidade de contrariá-lo, acrescentou:

— Sairei da água quando eu quiser, não quando você ordenar.

— Saia daí agora mesmo! — rugiu Duncan, incrédulo diante da teimosia dela.

— Não!

E, desafiando-o com o olhar, anunciou com um sorriso desafiador nos lábios:

— E como serei castigada por meus atos, vou aproveitar um pouco mais o maravilhoso lago Lochy e a tempestade.

Encharcado e colérico diante da atitude de sua mulher, Duncan amaldiçoou e tentou acalmar seu anseio de tirá-la da água arrastada.

— Megan! — vociferou. — Saia da água! Está trovoando e precisa tratar essa ferida.

— Por todos os santos, não seja desmancha-prazeres! Vá embora e me deixe aproveitar estes momentos de paz! — gritou ela. — A propósito, meu esposo, já lhe contei que meus dias preferidos são aqueles em que a chuva é mais intensa e os trovões soam?

E vendo-o bufar, disse:

— Quando eu decidir sair da água, sairei.

— Venha aqui agora mesmo! — bradou ele, enquanto ela nadava se afastando.

Qual era o problema de sua mulher? Acaso não se dava conta de seu comportamento louco e ridículo? A grandes passos, Duncan subiu em uma rocha que o deixava mais próximo dela, e vendo-a nadar, advertiu:

— Megan, está testando minha paciência?

Ela o olhou e, apesar de ver sua cara de bravo, recordou que ele pretendia tratá-la como uma criada em seu castelo. Gritou:

— Nada mais longe de minha intenção! — e deu-lhe as costas.

— Maldição, Megan! Quer fazer o favor de sair da água para que possamos conversar?

— Espere, vou pensar — sorriu ela, voltando-se para olhá-lo com descaramento.

E com um sorriso desafiador, gritou:

— Não! Decidi que não vou sair.

— Por todos os diabos, mulher, tenho vontade de afogá-la quando fica tão obstinada — bradou Duncan, atônito pelo descaramento dela.

Mas um estranho regozijo cresceu dentro dele. Farto daquela situação, ele pulou na água e, pegando-a suavemente pelo braço, pois não a queria machucar, sibilou:

— Agora eu lhe ordeno que saia imediatamente da água!

— Nem pense nisso.

Ela se liberou com destreza, mergulhando nas águas escuras, e saiu nadando. Ao sair à superfície, encontrou o olhar escuro e desafiador de Duncan; mas, contente pelo espaço que havia entre ambos, gritou:

— Meu esposo, ainda não percebeu que ninguém me

dá ordens?!

Sem saber por quê, Duncan queria sorrir, mas falou:

— Minha esposa, não saia daí — disse ele, apontando para ela.

Megan começou a nadar, mas desta vez Duncan foi mais rápido. Pegando-a pelo pé, puxou-a, dando-lhe um caldo.

— Eu disse para que não saísse!

— Solte-me, maldito *highlander*! — Ela tossiu ao sair da água. — Senão, juro que o afogo.

— Se eu não a afogar primeiro! — riu ele sarcasticamente, apertando-a contra seu corpo.

Trovejou mais uma vez. Ela lutava para se soltar. Depois de se esquivar de vários pontapés, Duncan conseguiu prender as pernas dela entre as suas, e, em um tom ameaçador, sibilou, segurando-a pelo cabelo:

— Vou domesticá-la, nem que seja a última coisa que eu faça neste mundo.

Mas ela não deu o braço a torcer.

— Morrerá tentando — disse.

E cuspiu ao sentir os fortes braços dele ao redor de sua cintura queimando-a como um irresistível fogo abrasador.

Irada pelo que ele havia dito, Megan voltou os olhos para ele e ficou sem fala ao ver o estranho sorriso e o olhar penetrante com que a observava. Nesse momento, entendeu por que o chamavam de Falcão e o temiam como ao diabo no campo de batalha.

— Será uma deliciosa maneira de morrer, minha querida — sussurrou ele.

E aproximando seus lábios dos dela, desarmou-a de tal maneira que em poucos instantes ela estava correspondendo ao beijo com a mesma intensidade. Depois desse beijo inquietante e úmido, quando afastaram os lábios, ambos respiravam com dificuldade.

— Vai me deixar louco!

— É o que pretendo — murmurou ela ao ouvir outro trovão.

Enfeitiçada pelo momento, ela aproximou seus lábios dos dele e o beijou de tal maneira que o ardor e a necessidade que ambos sentiam os fizeram bater contra uma grande rocha. Megan ficou entre ele e a pedra.

A paixão que Duncan sentia escurecia sua visão. Ele a olhava como uma presa que fosse atacar, fazendo-a estremecer ao sentir seu desejo. Com cautela, ele afrouxou a pressão que exercia sobre ela. Megan jogou seus braços ao redor do pescoço dele. Sem dizer uma única palavra, com um descaramento que o deixou louco, ela fixou seus olhos negros nos dele, deslizou as mãos por sua cintura até a calça, que estava embaixo

d'água, e, beijando-o com paixão, exigiu:

— Eu o quero dentro de mim. Aqui e agora.

— Impaciente, seu desejo é uma ordem — sorriu Duncan, consumido pelas chamas do desejo.

Suas mãos tocaram a adaga que ela levava presa na coxa direita. Ele afastou as saias que flutuavam na água, acoplou-se entre suas pernas, e com uma única investida entrou em sua mulher, provocando nela um gemido que ele devorou. A chuva continuava caindo sobre eles e os trovões não paravam.

O desejo e a paixão de ambos eram tão gratificantes que desfrutaram todos os momentos daquele encontro mágico. Megan, com as costas apoiadas na rocha e as pernas enroscadas no corpo de seu marido, recebia as investidas de prazer que Duncan lhe presenteava. Enlouquecido pelo que sentia por ela, Duncan a beijava com paixão, enquanto seus movimentos se tomavam cada vez mais e mais rápidos. Seus gemidos se aprofundaram, até que o prazer do clímax os fez gritar e os deixou nos braços um do outro.

Passados os primeiros momentos de imobilidade, Duncan, com preguiça, afastou-se um pouco de Megan para amarrar a calça, com ela ainda recostada em seu ombro. Dando um beijo doce em seu cabelo encharcado, ele a fez erguer os olhos.

— Está bem? — perguntou ele com voz rouca.

Sorriu ao vê-la assentir.

— Não vai me domesticar — murmurou ela, afastando o cabelo molhado que caía sobre seus olhos.

— Embora meu cabelo o faça recordar seu cavalo, nunca esqueça que não sou um.

Andando para a margem com ela ainda entre seus braços, Duncan sussurrou no ouvido dela, fazendo-a se arrepiar:

— Fazer amor com você no lago, debaixo de uma tempestade, com o céu trovejando, foi a experiência mais maravilhosa de minha vida.

Ela sorriu.

— Mas continuo me perguntando — prosseguiu ele

— que estranho feitiço me une a você. Porque, apesar de ser obstinada e nada dócil, fico atrás de você como um lobo no cio.

— Duncan, por que me detesta? — perguntou ela, surpreendendo-o.

— Quando eu disse isso?

— Eu o ouvi — respondeu ela, ainda nos braços dele.

— Escutei quando falava com Niall e dizia que me detestava e que eu seria tratada como uma criada.

Ouvindo isso, Duncan sentiu um arrepio. Apesar do desconcerto inicial, acabou soltando uma gargalhada.

— Eu não estava falando de você. Falava de Margaret, a mulher que cuida de minhas terras e de meu avô quando eu me ausento.

Ao vê-la suspirar aliviada, murmurou:

— Eu não a detesto, Megan. Eu a adoro.

Maravilhada e feliz pela guinada nos acontecimentos,

ela disse, cobrindo-lhe a boca com a mão:

— Antes que continue, preciso me desculpar por todas as vezes em que o expus em público. Sei que não estou à altura do que queria de mim, e nunca me perdoarei por ter passado vergonha por... — ela respirou fundo. — Eu lhe prometo que vou mudar.

— Acabou? — Murmurou ele, tomando os lábios de sua mulher.

Não suportava vê-la com aquele olhar derrotado; não queria vê-la tão vulnerável.

— Escute bem o que vou lhe dizer, Megan: gosto de você como é. Embora a promessa que fiz a seu avô e a Mauled tenham me levado a casar com você, quero deixar claro que também o fiz porque você é doce, maravilhosa, valente, atrevida, porque cuida dos seus como poucas pessoas fazem e porque é uma pessoa que não se deixa intimidar por nada.

E, pegando-lhe o queixo, continuou, sorrindo com adoração:

— Gosto do fato de ter personalidade, apesar de em certos momentos querer matá-la, por causa de sua obstinação, suas respostas, seus desafios e sua teimosia. Mas foi isso que me atraiu em você. Portanto, enquanto for minha mulher, quero que continue sendo como é. Não quero que mude; só gostaria que, em certas ocasiões, pensasse melhor antes de fazer ou falar algo, mas... não permito que perca sua força, sua vitalidade e sua paixão pelas coisas! — E, levantando a voz e fazendo-a sorrir, prosseguiu: — Porque, se fizer isso, eu perderei a bruxa que me enfeitiçou e que me obriga a fazer coisas tão maravilhosas como essa que aconteceu agora no lago. Está bem?

— Desejo concedido — respondeu ela com um sorriso incrível.

— Essa frase é minha — disse ele, gargalhando.

— Agora é minha também, como você é.

Ela sorria, enchendo-o de amor, enquanto caminhavam para o acampamento com alegria no rosto e no coração.

Capítulo 27

A comitiva, depois de parar no lago Lochy, retomou a marcha. Depois de beijar sua mulher, Duncan cavalgou para se juntar a Lolach e Niall, que fizeram brincadeiras e debocharam dele por causa de seu sorriso reluzente. Megan, junto com Zac, que a abraçava com ternura, respondia dentro da carroça às perguntas de Shelma, inquieta e sorridente. Até que seus irmãos adormeceram.

— Sentirei falta de minhas terras — murmurou Briana.

E sem hesitar em suas palavras, diante dos olhos incrédulos de Megan, ela lhe contou o que havia acontecido com seu irmão e seus pais.

— Sinto muito — disse Megan, abraçando-a depois de escutá-la.

— Todos passamos por momentos difíceis na vida — respondeu Briana com sua voz doce. — Anthony me contou que sua vida também não foi fácil.

— Sempre foi complicada — disse Megan com calor.

Nesse momento, Shelma se levantou com rapidez,

pegou um cesto vazio e vomitou.

— Eca! — gritou Zac, pulando para o lado. — Que nojo!

— Por São Ninian! — exclamou Megan, preocupada. — Shelma! Está bem?

Com as feições acinzentadas, Shelma respondeu:

— Um pouco enjoada por causa da viagem.

— Ewen! — Megan chamou o guerreiro que conduzia a carroça. — Zac vai se sentar com você na frente. — E olhando para seu irmão, indicou: — Comporte-se. Shelma não se sente bem.

— Levante-se — disse Briana, ajudando-a. — O ar vai lhe fazer bem.

— O que tem? — Megan estava assustada por ver sua irmã branca como leite. — Não se sente bem?

— Não sei — respondeu Shelma, abanando-se para não vomitar de novo. — Estou enjoada. Deve ser de tanto chacoalhar.

— Não quero alarmá-la — comentou Briana —, mas acredita que existe a possibilidade de que esteja grávida?

— Oh... Meu Deus! — exclamou Shelma com um sorriso, levando as mãos ao rosto.

— Impossível — esclareceu Megan. — Estamos casadas há um mês apenas.

Nesse momento, abriu-se a cortininha da carroça. Era Duncan.

— Que cheiro é esse?

Não foi preciso responder. Shelma pegou o cesto de novo e vomitou. Duncan, ao ver a angústia de sua mulher, mandou que parassem.

— Por que paramos? — perguntou Lolach com estranheza, aproximando-se.

Megan pegou sua bolsa com rapidez e respondeu:

— Preciso aquecer água. Tenho que dar a Shelma algo para acalmar seu estômago.

— Sua mulher não está bem — respondeu Duncan.

Desceu do cavalo para ajudar as mulheres a sair da carroça, mas antes de chegar a sua esposa, ela mesma pulou.

— Levarei alguns homens. Vamos trazer algo para comer — anunciou Niall.

E olhando para Zac, perguntou:

— Quer vir conosco, mocinho?

— Posso ir, Megan? — perguntou ele olhando para sua irmã.

Preocupada com Shelma, ela assentiu com a cabeça.

— Não se preocupe, milady. Irei com eles — disse Ewen com rapidez, seguindo o grupo de vinte homens

que se afastava.

Lolach, ao ver a aparência de Shelma, pegou-a no colo e a sentou debaixo de uma grande árvore, preocupado. Uma vez ali, Briana colocou panos frescos na testa de Shelma e disse a Lolach que fosse com os homens. Ela e Megan cuidariam da moça.

Inquieto por causa de sua mulher, ele ordenou a seus homens que montassem o acampamento. Passariam a noite ah. Um pouco depois, Lolach observou Megan abrir sua bolsa e de um saquinho extrair alguns pós amarelos, que verteu na panela de água fervente. E então, apesar dos protestos iniciais de Shelma, obrigou-a a beber.

Quando Lolach viu que sua mulher se levantava, aproximou-se e, pegando-a no colo, levou-a até a pequena tenda de lona crua que seus homens haviam montado. Briana se afastou com Anthony.

Duncan e Megan se entreolharam e, sem precisar dizer nada, comunicaram-se. Com um sorriso nos lábios começaram a se aproximar, mas uns gritos vindos do bosque atraíram sua atenção e, então, várias flechas cortaram o ar diante deles.

Duncan amaldiçoou, voando para Megan enquanto sacava sua espada.

— O que está acontecendo?! — gritou ela ao se sentir arrebatada por ele. — Oh... John está caído!
— sussurrou paralisada ao ver o cozinheiro tombando a poucos metros dela com uma flecha cravada nas costas.

— Corra e não pare! — exclamou Duncan puxando-a, buscando a proteção das árvores.

Ao ver que Lolach corria para ele, disse:

— Escute, querida, tem que chegar à tenda onde está Shelma. AH ficará segura. Não saia por nada, está bem?

Ela assentiu e, dando-lhe um beijo rápido, correu para a tenda. Enquanto isso, Duncan gritava para seus homens, sem perder de vista sua esposa até vê-la entrar na tenda cercada por vários homens.

— O que está acontecendo? — sussurrou Shelma ao ver sua irmã entrar aflita.

— Estamos sendo atacados! — Megan respondeu, exausta por causa da corrida.

Mas ao ver o horror nos olhos de sua irmã, disse:

— Oh, mas fique tranquila, nossos homens já têm tudo sob controle. Onde está sua espada?

— Está aí — sussurrou Shelma apontando para um pequeno baú.

Megan o abriu.

— Oh, meu Deus! — soluçou Briana, entrando nesse momento.

— Onde está Zac? — perguntou Shelma, levantando-se.

— Foi com Niall, Ewen e um grupo de guerreiros em busca de comida.

— Que horror! — gritou Briana, histérica. — Quem são esses homens?

— Não sabemos. Sente-se com Shelma, e, por favor, cale-se! — pediu Megan, concentrada nos sons de fora, de onde procediam gritos, barulho de metal e xingamentos.

Do lado de fora da tenda, Duncan, Lolach e seus homens enfrentavam uma quadrilha de ladrões. O Falcão comandava a luta, mas vigiava para que a tenda onde estava sua mulher continuasse a salvo. Desejou que Niall não demorasse muito para voltar e se amaldiçoou ao perceber que seu autocontrole estava falhando.

Lolach, que acabava de afundar a espada no corpo de seu atacante, sentiu algo atravessar seu ombro. Uma flecha o havia atingido. Mas, tirando forças da própria dor, continuou lutando. Quando Duncan notou que seu amigo estava ferido, correu em seu socorro. Tirando de cima dele um adversário, empurrou-o para trás de uma grande árvore para que pudesse descansar bem protegido. Ele conhecia muito bem essa dor. A seguir, encarou outro ladrão que se aproximava com cara de louco. Recuperando o autocontrole,

Duncan se concentrou no ataque, esqueceu o resto e começou a lutar com sua ferocidade habitual que tanto seus adversários temiam.

— Vou ter um troço se não sair daqui — disse Megan, inquieta dentro da tenda.

— Não se atreva a sair! — gritou Shelma, bem no momento em que um lado da tenda se abria cortado por uma adaga.

Diante delas apareceu um homem baixinho, de aspecto rude e desalinhado.

— Pelas barbas de São Fergus! — riu ele, olhando para as mulheres com avidez. — O butim será bem substancioso desta vez.

— Se nos tocar — ameaçou Megan, pondo-se na frente das outras duas —, juro que corto seu pescoço.

— Fala sério, pequenina? E fará isso sozinha ou acompanhada?

— Preferiria acompanhada, mas, se tiver que fazê-lo sozinha, tudo bem.

Para impressionar Megan, o homem atacou com um movimento rápido. Mas quem se surpreendeu foi ele, quando Megan o ameaçou com sua adaga, fazendo-o afastar-se. O olhar sádico do adversário, já recuperado da surpresa, voltou a seu rosto.

— Tome cuidado, porque porcos como você não são adversários para mim — sibilou Megan.

— Cadela! — gritou o homem.

E com todas as suas forças passou a atacar brutalmente Megan. Ela, sem nenhum esforço, demonstrou que tinha muito mais agilidade e rapidez que ele.

Nesse momento, entrou um segundo homem. Era mais alto e mais jovem que o primeiro, e ao vê-lo lutar com a mulher, gritou:

— Balducci! Que diabos está fazendo?

— Quero levar esta como parte do butim! — grunhiu o baixinho suado. — Seu irmão me deu permissão.

— O que vai levar é isto! — gritou Megan, afundando sua espada no flanco do homem.

Com a espada suja de sangue, ela gritou para o recém-chegado:

— Se não quiser acabar igual, saia daqui agora mesmo!

— Fique tranquila, cigana! — murmurou o mais alto enquanto ajudava seu companheiro a se levantar para sair da tenda. — Gosto de seu arrojo, mulher!

— Saia daqui antes que eu o mate ou chegue meu marido, Duncan McRae!

Ouvindo isso, o ladrão ficou paralisado.

— Agora entendo... é a mulher de McRae! — rugiu o homem diante de Megan, que estava preparada para lutar de novo.

Mas um movimento de Briana a fez voltar a cabeça. Nesse momento, o mais jovem aproveitou para empurrá-la, tirar-lhe a espada e tomá-la, com sua arma na garganta dela.

Briana desmaiou e Shelma nem pestanejou.

— Se você se mexer, não terei outro remédio a não ser cortar este lindo pescoço — disse o alto com descaramento, pondo a mão nos seios dela.

— Não toque em minha irmã! — gritou Shelma, aproximando-se.

— Vbte a seu lugar, se não quiser ver rolar a linda cabeça de sua irmã — disse o homem. E perguntou a Megan: — E você, de que está rindo?

— Estou rindo só de pensar — murmurou ela olhando-o nos olhos enquanto trocava de mão a adaga que Shelma havia acabado de lhe dar ao se aproximar — em seu sangue escorrendo de suas veias.

E, apertando com força a adaga, cravou-a na última costela do homem, como Mauled lhe havia ensinado. Ao sentir a pontada, o jovem se mexeu, passando perigosamente a espada pelo pescoço de Megan e provocando um corte.

— Malditos sejam os McRae! — gemeu o bandido,

convulsionando antes de cair morto no chão.

— Megan — soluçou Shelma ao ver-lhe o pescoço —, está sangrando!

— Fique tranquila. É um corte pequeno, não se assuste — sussurrou Megan, notando o sangue correr por seu pescoço, mas sem deixar de apertar na mão a adaga ensanguentada.

Briana se sentou no chão repentinamente, mas, quando olhou para Megan e viu o sangue, revirou de novo os olhos e caiu para trás.

— Sabe de uma coisa? — Megan tentou sorrir para sua irmã preocupada, dando um pontapé no homem que havia falecido a seus pés. — Em momentos como estes, fico feliz por vovô ter nos criado como guerreiros, e não como mulheres assustadas.

Enquanto o barulho dos cavalos parecia passar por cima da tenda o pano se abriu e Duncan irrompeu, vociferando, ao ver sua mulher naquelas condições.

— Pela santa cruz! Está ferida! — gritou com voz lancinante, soltando a espada como se lhe queimasse na mão. — Está bem?

Ao abraçá-la, notou a tensão no corpo de sua esposa; mas, ao sentir o calor de seu marido, ela parou de tremer.

Mantendo o controle, Duncan a afastou de si para observá-la. Viu a adaga em sua mão ensanguentada e, sem tirar os olhos dela, pegou-a e a jogou no chão.

— Estou bem. Não é nada, fique calmo — respondeu ela ao vê-lo examinar seu pescoço e o vestido manchado de sangue.

— Como vou ficar calmo? — sussurrou ele inspecionando o corte, com medo de que fosse mais do que via.

Megan, notando a preocupação nos olhos de Duncan, pegou o rosto de seu marido entre as mãos e o beijou.

— Está tudo bem, querido. De verdade — disse com tanta doçura que Duncan só pôde sorrir, abraçá-la e sussurrar em seu ouvido que Zac estava bem.

— Por São Ninian! — exclamou Lolach ao entrar com Anthony na tenda. — Estão todas bem?

Shelma gritou ao ver a flecha que atravessava o ombro de seu marido.

— Seu ombro! Como deixou que alguém lhe fizesse isso?

Lolach sorriu apesar da dor que sentia.

— Se gritar comigo, vai doer mais — respondeu, tentando acalmar sua esposa histérica.

E, sentando-se em cima de um baú, disse:

— Preciso que alguém tire a flecha.

— Eu farei isso — ofereceu Megan, esquecendo seu ferimento.

— Primeiro trate de suas feridas — exigiu Duncan, olhando consternado para ela.

— Depois — respondeu Megan, e dirigiu-se a sua irmã. — Traga sua bolsa ou a minha. Precisamos de algo que ele possa morder enquanto eu tiro a flecha. Sinto muito, Lolach, mas terei que passar um ferro quente por cima.

— Megan — sorriu Lolach ao ver a determinação dela —, sabe que não vou morrer por causa disso. Por favor, vai ver essa ferida em seu pescoço, não para de sangrar.

Niall entrou na tenda e blasfemou ao ver sua cunhada ferida.

— Leve esta mulher daqui — grunhiu olhando para seu irmão —, ou a levo eu. Santo Deus, Megan! Cuide primeiro de você antes de cuidar de alguém.

— Era o que faltava — grunhiu Megan, agachando-se para olhar o ombro de Lolach. — Niall, seria mais útil se ajudasse.

— Todos têm razão — sussurrou Shelma, preocupada com os dois.

— São um bando de cabeças-duras! — gritou Megan, irritada, sem dar o braço a torcer.

— Olhe quem fala! — debochou Duncan, dando uma piscadinha para Niall e Lolach.

Sem lhe dar tempo de responder, Duncan a pegou no colo e a tirou da tenda contra sua vontade.

— Shelma, cuide de seu marido. Eu cuidarei de minha mulher. Niall, diga a Myles que leve água quente para minha tenda e avise Mael para que ajude Shelma.

— É uma mula insensível! — gritou Megan.

Ao sair da tenda e olhar ao redor, ficou horrorizada ao ver tantos feridos.

— Duncan, eles precisam de mim.

— E eu preciso de você — sussurrou ele com voz rouca, entrando na tenda.

Momentos depois, surgiu Myles com um balde de água quente. Duncan pegou um pano limpo e, após molhá-lo na água, começou a lavar com cuidado o sangue do pescoço de Megan. E não relaxou até que comprovou que realmente o corte não era nada importante. Depois de tratar a ferida, beijou-a.

— Agora, minha senhora — sussurrou, ajudando-a a se levantar —, nossos homens precisam de você.

— Não os façamos esperar mais — sorriu ela.

E começou a dar ordens a Myles e a Mael.

Naquela noite, Duncan e Niall viram com seus próprios olhos como aquela mulher, de cabeça-dura e cabelo azulado, que muitos até aquele momento chamavam de *sassenach*, conquistava um a um todos os guerreiros. Preocupados com sua senhora, eles perguntavam por sua ferida no pescoço, e ela respondia com um sorriso que era um simples arranhão. Atendeu John, o cozinheiro, com cuidado especial, e ele ficou muito grato. Sem se deixar vencer pelo sono, Megan trabalhou sem descanso, tratando de todos com carinho, tentando recordar seus nomes e esforçando-se para lhes aliviar a dor.

Com as primeiras luzes do amanhecer, depois de uma noite extenuante, levantaram o acampamento e retomaram o caminho com a máxima precaução

possível, parando duas vezes para checar as feridas dos guerreiros. O dia, que havia amanhecido escuro e

chuvoso, começou a se abrir na Falha de Glen Mor, permitindo-lhes sentir os leves e agradáveis raios de sol.

Após intermináveis horas de marcha, os homens brincavam e contavam bravatas, mas os corpos doloridos revelavam seu verdadeiro estado. Lolach, apesar de seu ferimento, não admitiu ir na carroça, e seguiu caminho montado em seu cavalo, ao lado de Duncan e Niall.

— Se notar que vai vomitar, avise-me — sussurrou Megan a sua irmã, que estava pálida de novo.

— Fique tranquila, só preciso descansar — respondeu

Shelma, aconchegando-se ao lado de Zac e Briana, que dormiam placidamente.

Megan estava cansada, mas não conseguia conciliar o sono. Meio deitada na carroça, pensou na angústia vivida; mas a conversa dos homens, cada vez mais descontraída, fez com que sorrisse.

— Não está dormindo? — perguntou seu marido ao abrir a cortina para olhar dentro.

Como um bobo, ele a visitava a cada cinco minutos para se certificar de que estava bem. A imagem de Megan coberta de sangue o havia abalado e, apesar de saber que nada mais grave havia ocorrido, não podia deixar de se perguntar o que teria feito se algo pior tivesse acontecido durante o ataque.

— Estou exausta, mas não consigo conciliar o sono como eles — sorriu ela, apontando ao seu redor.

— Quer cavalgar um pouco comigo? — perguntou Duncan, ansiando por sua proximidade e companhia.

Ouvindo isso, o olhar de Megan se iluminou.

— Eu adoraria!

E sorriu, levantando-se para deixar que seu marido a pegasse.

Com extremo cuidado, Duncan a acomodou a sua frente e, cobrindo-a com o *plaid* de seu clã, ambos ficaram debaixo da grande manta. Megan se recostou no peito forte e duro de seu esposo. Ele, orgulhoso e feliz por tê-la entre seus braços, apertava-a contra si enquanto cavalgavam pelas terras agrestes das Highlands.

Duncan trocou um olhar significativo com seu irmão e Lolach e, a seguir esporeou Dark e se dirigiu a uma área rodeada de pinheiros, choupos e uma infinidade de flores em tons de malva.

— Que lugar lindo — sussurrou Megan, incrédula diante das tonalidades violeta que cobriam aquele manto verde.

— Estamos nas terras de Lolach — respondeu ele, surpreendendo-a enquanto observava a lenta comitiva. — Quando atravessarmos aquela colina, verá o castelo de Urquhart.

— E descansaremos — suspirou Megan, olhando ao redor.

— O barulho que ouve é um manancial que nasce debaixo daquelas pedras — sussurrou Duncan, aspirando o perfume de sua mulher.

Ele tentava controlar a dor que sentia na virilha desde que a havia sentado diante de si.

— Aqui encontrará erva fresca e flores de cores vistosas durante o ano todo.

— Que bonito! — murmurou ela.

E, tirando um braço do *plaid*, disse:

— Viu a cor espetacular dessas ervas? Eu gostaria de voltar aqui ao amanhecer. Se agora, com pouca luz, é impressionante, quando o sol despontar, deve ser maravilhoso. Oh... que bonito! Viu que escuro o manancial? — perguntou de novo, como uma menina.

— É a cor de seus olhos quando fazemos amor.

Essa resposta fez com que ela voltasse a cabeça para

olhá-lo, divertida.

— Duncan McRae — sussurrou, aproximando mais os quadris de seu marido. — Em que está pensando?

— Por São Ninian! — riu ele ao notá-la roçar sua virilha. — Não sei do que está falando. Fique quieta, mulher. Não me torture mais.

— Não negue, Falcão — suspirou ela, beijando-o nos lábios. — Sua voz, seus olhos e... algo mais em você me dizem que gostaria de fazer amor comigo, aqui e agora, não é?

— E uma descarada encantadora — grunhiu ele, satisfeito.

E vendo que Lolach e o resto estavam perto, sussurrou em seu ouvido, fazendo-a se arrepiar:

— Mas tem razão, querida. Desejo com toda a minha alma despi-la para poder desfrutar de seu corpo sem pressa, até que fique tão saciado de você e você de mim que não possamos nem nos mexer.

— Duncan! — chamou Niall, que cavalgava com Myles para eles.

— Humm... — ronronou Megan divertida e acalorada por essas palavras excitantes.

Pousando as mãos na dureza que crescia entre as pernas de seu marido, disse, sorrindo, ao ver que ele dava um pulinho para trás:

— Esperarei ansiosa esse momento.

— O que... o que quer, Niall? — perguntou Duncan, limpando a garganta.

Os homens chegaram a eles, e Niall, olhando os dois, perguntou:

— Aconteceu alguma coisa, casalzinho?

Duncan olhou sisudo para seu irmão. Não tinha intenção de responder.

— Parece sufocado, meu senhor — Myles deu corda a Niall. — Devo me preocupar com sua saúde, meu *laircP*.

O *highlander* suspirou.

— Estávamos falando dos campos — disse Megan, desconcertando todos. — Acor não é espetacular?

Os guerreiros olharam para o campo sem nenhuma emoção e, quando se voltaram, encontraram Duncan rindo, sob o olhar maroto de sua mulher.

— Do que está rindo agora? — perguntou Niall, franzindo a testa.

Mas notou alguns movimentos por baixo do *plaid* de seu irmão.

— Nada importante — respondeu Duncan. Recuperando seu aspecto bruto, apertou sua mulher contra si debaixo do *plaid* para que ficasse quieta.

— O que está acontecendo?

— Este é um caminho muito rochoso, e a carroça roda lenta demais — comunicou Myles olhando para Niall, que balançava a cabeça, sorridente. — Vamos à frente para avisar no castelo que preparem os quartos. Lolach quer que Shelma descanse assim que chegar.

— Eu irei à frente com minha mulher — propôs Duncan, olhando-a com um sorriso travesso. — Megan também está cansada, ansiosa por uma cama.

— Sim, tem razão. Nota-se o cansaço em seu rosto — brincou Niall, sorrindo, diante da careta que sua cunhada fazia e a censura no olhar de seu irmão sorridente.

— Está bem — assentiu Myles, divertido. — Nós seguiremos com Lolach.

— Então, está decidido. Encontramo-nos lá.

Duncan segurou Megan com força e, esporeando seu cavalo, saiu cavalgando e sussurrando em seu ouvido:

— Minha senhora, vamos realizar nossos desejos.

Niall e Myles os viram desaparecer colina abaixo como se fugissem do próprio diabo.

— Por São Ninian, Myles — disse Niall com um sorriso. — Eu vou ficar com essa cara de tonto quando me apaixonar? Se alguém me dissesse que meu irmão seria capaz de sorrir assim, eu não teria acreditado.

— Sabe de uma coisa, Niall? — respondeu Myles, gargalhando. — Sinto dizer que já fica com essa

cara quando lady Gillian está por perto.

Entre risos e brincadeiras, os dois homens voltaram galopando para a comitiva e, juntando-se aos demais guerreiros, seguiram seu caminho.

A agilidade de Dark e a destreza de Duncan para guiá-lo fizeram com que o caminho até o castelo de Urquhart fosse maravilhoso e excitante. Depois de atravessar a colina, puderam admirar a fortaleza. A galope, chegaram até o pé dela, onde o verde competia com a beleza das águas azuladas e escuras do lago Ness.

Aconchegada nos braços de seu marido, Megan observava com curiosidade aquele lugar fantástico enquanto atravessavam uma ponte que os levava até o interior do castelo. Uma vez ah, o cavaliço se aproximou. Logo surgiu uma mulher de meia-idade.

— Olá, Ronna — saudou Duncan, ajudando sua mulher a descer do cavalo. — Esta é minha esposa, Megan McRae.

A mulher de olhos claros e pele enrugada sorriu.

— É um prazer receber essa grata notícia, *laird* McRae. Que moça mais adorável!

E, aproximando-se, apresentou-se.

— Meu nome é Ronna, e como governanta de Urquhart, na ausência do *laird* Lolach McKenna, eu lhes dou as boas-vindas à casa de meu senhor.

Olhando para as duas mocinhas que sorriam atrás dela, disse:

— Estas são Milhe e Candy, para qualquer coisa que necessitar.

— Muito obrigada, Ronna — sorriu Megan, notando como a olhavam.

— Lolach chegará em breve — informou Duncan.

E pegando a mão de sua mulher, possessivo, dirigiu-se para dentro do castelo.

— Ele vem com a esposa pelo caminho longo.

— Esposa? — observou Ronna, surpresa com a notícia. — Meu *laird* Lolach se casou? Com quem?

— Com Shelma, minha irmã — respondeu Megan. — E o motivo de nós termos nos adiantado é que ela não se sente muito bem. Lolach quer que seu quarto esteja preparado quando chegar.

— Mas claro — assentiu a mulher, enquanto as moças

saíram correndo para dentro do castelo.

— O quarto que eu ocupo — perguntou Duncan, sem importar com formalidade —, está pronto?

— Sempre temos vários quartos prontos, entre eles o do senhor e o de nosso *laird*.

— Muito bem — as sentiu Duncan, entrando no castelo sem dar tempo a sua mulher de observar mais nada.

Quando começaram a subir uma escada, de repente Duncan parou e disse:

— Mandem que levem a meu quarto uma banheira com água quente, cerveja e algo para comer. Minha mulher e eu estamos famintos e queremos descansar.

Sem dizer mais nada, Duncan guiou Megan a passos largos por um corredor pouco iluminado, até que chegaram diante de uma porta de madeira escura e entalhada. Abrindo-a com rapidez e fazendo Megan entrar, ele a fechou atrás de si.

— Duncan! — censurou-o Megan, acalorada pela corrida. — O que Ronna pensará de nossa impaciência por chegar a este quarto?

— Ah... querida — disse ele, apoiando-se na porta como um lobo faminto e abrindo o cinturão que segurava sua espada. — O que essa mulher possa pensar pouco me importa, pois sei que está ansiosa para realizar

meus desejos.

Sua voz e seu olhar deixaram Megan mais acalorada que a corrida.

— Todos eles, um por um — disse Megan, aproximando-se.

— Quer me matar, mulher? — sorriu Duncan, andando para ela e desmanchando os laços do vestido.

— Não, meu amor — respondeu ela, surpreendendo-o ao empurrá-lo de novo contra a porta.

Antes de beijá-lo, sussurrou, enlouquecendo-o:

— Eu quero desfrutar de você como nunca ninguém fez antes.

Quando Duncan ouviu isso, deixou para trás toda a dehcadeza e ambos se entregaram a uma paixão feroz.

Capítulo 28

Quando o *laird* Lolach McKenna chegou, depois de apresentar os criados a sua nova senhora, relaxou. Shelma parecia ter recuperado as forças. Sorriu ao ver sua irmã e o marido descendo as escadas.

— Por fim! Está melhor? — perguntou Megan.

Duncan, afastando-se depois de um beijo rápido, saiu com Myles para dar ordens a seus homens.

— Sim, estou bem. E, por fim, já estou aqui — assentiu Shelma, sorrindo e olhando ao redor.

O castelo de Lolach era impressionante. O salão tinha um rico mobiliário. Lindas tapeçarias coloridas pendiam de suas paredes e uma grande mesa de madeira presidia o aposento acolhedor. A grande lareira as atraiu e elas foram até lá.

— O que achou de Ronna, minha governanta? — perguntou Shelma.

Megan, olhando para a mulher de rosto enrugado que dava ordens às criadas, disse:

— Falei pouco com ela. Mas, pelo que vejo, sabe manter as coisas limpas e arrumadas.

— Minha pergunta é o que acha dela — esclareceu Shelma, um pouco assustada pela suntuosidade daquele lugar.

— Cá entre nós, me parece um pouco arrogante — Megan respondeu, vendo a mulher franzir a testa ao ver Zac e Klou correndo pela sala. — Mas vamos lhe dar uma oportunidade; talvez a mulher esteja nervosa com sua chegada.

— Ora... ora. Minha cunhada favorita! — exclamou Niall, aproximando-se com um sorriso nada disfarçado. — Parece melhor. Descansou?

Megan sorriu.

— Não tanto quanto gostaria — respondeu ela, mostrando-lhe a língua.

Nesse momento, Lolach as chamou. O jantar de boas-vindas ia começar.

O banquete se prolongou pela noite. Ronna se empenhou em fazer os criados trabalharem duro para que sua senhora tivesse uma boa impressão, e conseguiu. Tonta de tantos brindes, Shelma pediu a Megan que a acompanhasse para tomar o ar fresco da noite. Sua irmã aceitou depois de dedicar um sorriso a

Duncan.

Após atravessarem a porta lateral do castelo, foram parar em uma larga esplanada com vista para o maravilhoso e inquietante lago Ness. Emocionadas diante da paz que se respirava ali, sentaram-se em umas pedras que o tempo havia entalhado, dando-lhes um aspecto de cadeiras. Durante um tempo, admiraram a paisagem em silêncio.

— Eu nunca poderia imaginar que viveria perto do lago Ness — disse Shelma.

— E um lugar lindo — sussurrou Megan olhando a lua, que naquela noite iluminava tudo com uma luz brilhante.

— Por que está sorrindo?

Megan, com um sorriso sonhador, olhou para Shelma.

— Estava pensando nas histórias que vovô e Mauled nos contavam sobre este lugar.

— Oh, sim — sorriu Shelma. — Aqui vive Nessie, um monstro estranho com pescoço de serpente.

— Segundo o vovô, uma lenda dizia que, quando São Columbano chegou às Highlands, cruzou com o enterro de um homem que havia sido atacado enquanto pescava no lago. Pediu a um de seus discípulos que nadasse até o lugar onde havia acontecido a desgraça, e o monstro surgiu nas águas.

Levantando-se, Megan prosseguiu:

— Então, São Columbano gritou, fazendo o sinal da cruz: “Não irá mais longe, não tocará esse homem. Vólte imediatamente ao lugar de onde vem!”, e o monstro obedeceu e todos se tomaram cristãos.

Elas riram, mas com certa prudência pelo que pudesse haver de verdade nessa história. E, então Megan se sentou, e Shelma falou, com os olhos cheios de lágrimas:

— Vou sentir muita saudade de você e de Zac. A única coisa que me reconforta é saber que estarão bem com Duncan e que nos visitaremos sempre que possível.

Entristecida pelas palavras de sua irmã, Megan tentou não chorar. Seus dias juntas haviam acabado, e tinham que aceitar.

— Shelma, não devemos ficar tristes. Ambas sabemos que estaremos bem, apesar de não podermos nos ver todos os dias. Mas isso era algo que sabíamos desde que contraímos matrimônio. Prometa que sempre me procurará quando precisar.

— Eu lhe prometo — assentiu Shelma, enxugando as lágrimas. — Espero que você faça o mesmo.

Megan sorriu e a abraçou.

— Evidentemente, Shelma. Reconforta-me ver como Lolach olha para você e a ama, e especialmente saber que você o ama. Isso é importante para que eu vá tranquila. Sei que ele cuidará de você tanto ou mais do que eu. E se assim não for, juro por minha vida que ele vai se ver comigo.

De uma janela próxima, Lolach e Duncan as observavam com deleite. Intuíam que estavam

se despedindo, por isso preferiram não as incomodar e deixar que o fizessem a seu modo.

*

Na manhã seguinte, todos os guerreiros McRae, encabeçados por Duncan e Niall, estavam prontos para seguir caminho até Eilean Donan, seu lar. Briana e Anthony, convidados por Lolach, decidiram permanecer alguns dias mais em Urquhart. Briana não estava bem, e um pouco de descanso não lhe faria mal.

Shelma, disfarçando a tristeza, despediu-se de Zac, que, devido a sua pouca idade, estava animado por voltar à estrada. Dando um beijo rápido em sua irmã, correu atrás de Ewen. Megan, assim como Shelma, escondeu sua tristeza por trás de um sorriso nervoso. Enquanto elas se abraçavam, seus maridos trocavam um forte aperto de mãos como despedida.

— Não esqueça o que falamos ontem à noite, e me avise se vou ser tia — recordou Megan a Shelma.

— Você também — disse Shelma ao ver Lord Draco aparecer com muitos outros cavalos.

— Não se preocupe — interveio Lolach. — Eu lhe prometo que em breve iremos a Eilean Donan e ficaremos alguns dias.

— Sério? — sorriu Shelma.

— Claro que sim! — assentiu Lolach.

— Nossas terras não ficam longe — interveio Duncan, olhando para Gelfrid, um de seus guerreiros.

— Então, até breve — sorriu Megan, dando um último beijo em sua irmã antes de seguir o marido.

— Muito bem, Impaciente — disse Duncan com um sorriso radiante, enquanto Lolach se aproximava de Shelma e a tomava pela cintura. — Como agora não temos mais carroça, prefere cavalgar comigo ou com seu cavalo?

— Cavalgarei com você — afirmou ela ao olhar para seu cavalo, atrelado ao cavalo de um dos guerreiros do clã. — Creio que para Lord Draco a viagem já é cansativa o bastante; não precisa de mim em cima dele.

Shelma, que havia percebido o que estava acontecendo, olhou para seu marido e começou a sorrir.

— Tem razão, querida — sussurrou Duncan, sabendo

que todos os olhavam.

E, pegando-lhe o queixo, disse:

— Para Lord Draco seria bastante cansativo carregá-la até Eilean Donan. Mas, talvez, para seu novo cavalo, não.

Ao ouvir isso, Gelfrid, que estivera desaparecido desde que partiram das terras dos McPherson,

soltou Stoirm. Relinchando, o cavalo saiu galopando para Lord Draco, diante de Megan, desconcertada.

— Stoirm! — sussurrou ela, emocionada, ao reconhecer o cavalo.

Olhando para Duncan, deu-lhe um sorriso antes de pular em seu pescoço e começar a beijá-lo na frente de todo mundo.

— Obrigada, obrigada, obrigada.

Com sentimentos contraditórios, Duncan recebeu seus beijos enquanto seus guerreiros os olhavam com um sorriso sincero.

— Pare... pare, mulher! — gargalhava Duncan diante da gratidão de sua esposa.

E, afastando-a dele, disse:

— Pensei no que disse sobre este cavalo. Depois de lhe dar uma oportunidade durante vários dias, comprovei que ele precisa do que dizia: carinho e atenção. Stoirm é um dos muitos presentes de casamento que lhe darei.

Ouvindo isso, Shelma gemeu, emocionada.

— É maravilhoso — sussurrou Megan, dando-lhe um beijo breve, mas intenso.

Mas teve que interrompê-lo quando notou que o cavalo lhe dava batidinhas nas costas com o focinho. Voltando-se para aquele animal impressionante, disse, carinhosa:

— Olá, bonito. Fiquei com saudade de você.

O cavalo respondeu com relinchos alegres. Megan olhou para sua irmã, comovida, que chorava de emoção e se aproximava.

O guerreiro Gelfrid, contente pela alegria de sua senhora, informou-lhe sobre o estado do animal.

— Milady, a maioria das feridas das patas já cicatrizaram. Usei o unguento que havia dado a Mael, e devo dizer que funcionou. Stoirm é um cavalo meio nervoso e impaciente, mas muito dócil quando aceita seu dono.

E, sorrindo para sua senhora enquanto tocava o cavalo, acrescentou:

— Levou dois dias para parar de me morder cada vez que eu me aproximava para tratar de suas feridas, mas, agora, somos bons amigos. Não é verdade, Stoirm?

O animal relinchou, tão feliz quanto eles.

— Gelfrid, muito, muito obrigada! — sorriu Megan,

dando-lhe um beijo rápido no rosto.

Shelma fez o mesmo, fazendo o guerreiro corar.

— Obrigada por cuidar dele. Muito obrigada, de verdade.

— Lady Megan, lady Shelma, foi um prazer — disse Gelfrid, vermelho como um tomate, enquanto voltava a seu cavalo.

— Mais uma coisa — disse Duncan, pegando sua mulher pelo braço para atrair sua atenção. — Quero que tenha cuidado ao montá-lo. Para meu gosto, este cavalo é nervoso e intrépido demais.

Essa advertência, e especialmente o olhar de Megan, fez com que mais de um ah sorrisse. Entre eles, Shelma.

— Por todos os santos! — exclamou Niall ao ver a excitação de sua cunhada. — Meu irmão não sabe o que acabou de fazer.

— Está equivocado — assentiu Myles. — Ele sabe muito bem.

Duncan, alheio aos comentários, só tinha olhos para sua linda mulher. Não podia parar de olhar para ela e vê-la sorrir, iluminando sua vida.

— Ouviu, Impaciente? Preciso que me garanta que vai ter cuidado — disse Duncan, observando-a.

— Tudo bem! Tudo bem! — assentiu ela, sem lhe dar ouvidos. — Pode me ajudar a montar?

— É claro, querida — sorriu Duncan.

Duncan a ergueu, e Megan se ajeitou no cavalo. Tomando as rédeas que seu marido lhe entregou, ela deu duas palmadinhas no pescoço de Stoirm e, com cuidado, guiou-o até sua irmã e seu cunhado, enquanto Duncan montava em Dark e levantava a mão para que os guerreiros comesçassem a andar.

— Espero-os em Eilean Donan — disse Duncan.

— Desejo-lhes uma boa viagem — disse Lolach com um sorriso franco.

As irmãs, trocando um intenso olhar, sorriram.

— Até breve, Megan — sussurrou Shelma.

Vendo as intenções de sua irmã, disse, atraindo a atenção de Duncan e Lolach:

— Como dizia vovô?

— Vbarei como o vento, sem deixar sinal. E, quando o dia começar, tomarei a voar! — gritou Megan.

E esporeando Stoirm saiu em disparada como uma flecha, deixando todos boquiabertos.

— Por todos os santos! Eu pedi que tivesse cuidado — grunhiu Duncan, esporeando Dark para ir atrás dela.

— Ela está tomando cuidado — disse Shelma.

— Tem certeza? — riu Niall ao ver sua cunhada galopar com a desenvoltura de um *highlander*.

Com um sorriso divertido nos lábios, Shelma olhou

para Niall antes de dizer:

— Oh, sim, sem dúvida. Entenderá quando ela não estiver.

— Isso será divertido — gargalhou Niall olhando para Lolach.

E, após se despedir deles, juntou-se aos guerreiros de seu clã.

Capítulo 29

A viagem até Eilean Donan foi amena, e, de certo modo, alegre para todos. Os guerreiros do clã McRae estavam contentes, \ltavam para casa, onde poderiam ver sua família, especialmente mulheres e filhos. Durante o caminho subiram vários vales, em que as cores ocre e vermelho maravilhavam por seu esplendor. Do alto das montanhas, Megan observava a amplitude das Highlands, um terreno agreste e pouco habitado, mas que encantava por sua beleza espetacular. Centenas de carvalhos cresciam nas encostas das montanhas, onde se formavam os famosos lagos, que em seu trajeto se fundiam com outros até formar pequenas bacias que seguiam até o mar.

Duncan observava a curiosidade com que sua esposa olhava ao redor. Começou a rir quando ela se assustou ao ver passar perto de sua cabeça uma águia pescadora que emigrava para o Sul para passar o inverno.

Naquela época, as sorveiras estavam carregadas de frutos de um vermelho intenso que alegravam a vista, e ouviam-se os berros que os cervos davam com a intenção de atrair as fêmeas. A umidade do ar provocava ao entardecer uma bruma que cobria as paragens. Após um caminho serpeante que subia por uma nova montanha, apareceu diante de Megan, no cume, o lugar mais maravilhoso e mágico que ela já havia visto na vida: o castelo de Eilean Donan. Com orgulho, todos os McRae a observavam olhar para onde seu lar os esperava. O castelo robusto, encravado em uma ilhota cercada por montanhas, dava a sensação de flutuar no lago. Conforme iam descendo a montanha, seus olhos pretos inquietos notaram que ele se comunicava com terra firme por meio de uma ponte de três arcos de pedra escura. Enquanto isso, as luzes rosadas do entardecer se refletiam nas águas do lago Duich, que oferecia uma vista inigualável do lugar.

— O que acha de seu novo lar? — perguntou Duncan.

Ele conhecia a sensação que todo mundo

experimentava quando admirava do alto da montanha aquele castelo magnífico.

— E um lugar lindo, quase mágico — sussurrou Megan montada em Stoirm, sem poder afastar os olhos daquele lugar maravilhoso.

— Os lagos que banham Eilean Donan são o Duich, o Alsh e o Long — informou Niall, feliz pela expressão de admiração de sua cunhada. — Acredita-se que, antes do castelo, existiu uma fortaleza erguida pelos pictos. Este castelo foi construído sobre essas ruínas por Alexandre II da Escócia, como bastião defensivo contra as incursões dos vikings.

— Aquilo que está ah é uma galera? — perguntou Megan, apontando para o lago e referindo-se à antiga embarcação de guerra.

— Sim — assentiu Duncan, observando para se certificar de que tudo estava em ordem fora das muralhas. — Pela localização do castelo, entre os lagos, ele é considerado um perfeito enclave defensivo. Durante anos, esta área foi conhecida como “reino do mar dos senhores das ilhas”. Daqui se impediam várias invasões vikings. Nosso avô é um dos governadores do clã dos senhores das ilhas.

— Nossa! — sussurrou Megan, impressionada.

Enquanto cruzavam a ponte e a muralha desafiadora e

majestosa do castelo, escurecida pelo entardecer, o ruído de risos e vozes atraiu a atenção de todos. Vários guerreiros, entre eles Myles, uma vez que cruzaram a ponte, desviaram-se para a esquerda, tomando um caminho que parecia margear o castelo. Algumas

crianças e mulheres os saudavam alegremente.

— Bem-vinda a seu lar! — sorriu Duncan, guiando-a por um caminho que os levou até um pátio interno.

A grande porta principal de entrada ao castelo era de madeira escura robusta, com forma ogival, e, logo acima, incrustado nas pedras escuras e curtidas, podia se observar o escudo de armas da Escócia e seu lema: *Nemo me impune lacessit* (“Ninguém me fere impunemente”).

Bem no momento em que Megan acabou de ler o lema, a porta se abriu e apareceu diante deles um homem grande e grisalho, mas magro e de aparência frágil, apoiado em uma mulher alta e loura de meia-idade.

— Louvado seja o Senhor! — gritou a mulher com um grato sorriso. — Marlob, viu quem chegou?

O velho, emocionado, não conseguia falar.

— \òvô, como estou feliz por tomar a vê-lo! — saudou Niall com efusividade, pulando de seu cavalo para abraçar o velho.

— Tome cuidado, rapaz! — sorriu o velho enquanto observava Duncan ajudar a mulher de cabelo escuro como a noite a descer de seu cavalo. — Senão, conseguirá me partir ao meio.

— \òvô — sorriu Duncan, abraçando o velho com carinho.

O avô observava a mulher que acompanhava seu neto e olhava para ele. Duncan, sem mais demora, disse, atraindo-a para si:

— Esta é minha esposa, Megan McRae.

Durante um momento, os olhos de Marlob e os de Megan se conectaram e se observaram com curiosidade. Quase sem respirar, ela contemplou a figura daquele que era como seu sogro, que parecia estar bastante doente. Ele a examinou com seus olhos verdes muito parecidos com os de seu marido, com a diferença de que os de Duncan eram fortes e saudáveis, e os do velho, doentes e com imensas olheiras.

— Sua esposa? — disse com um sorriso a mulher que continuava ao lado de Marlob.

E vendo que nenhum dos dois rapazes a apresentava, deu um passo à frente e tomou a mão de Megan.

— Olá, querida, meu nome é Margaret e é um prazer conhecê-la.

— Margaret! — bradou Duncan. — Megan é minha mulher, trate-a com respeito.

“Ora... esta é Margaret”, pensou Megan. E disse:

— Muito obrigada, Margaret. E um prazer conhecê-la.

— Por São Ninian, que sotaque estranho é esse?! — bradou Marlob nesse momento, fazendo todos rirem.

Exceto Megan, que se assustou ao escutar aquele *vozeirão*.

— Que fez para que meu bravo neto abandonasse a vida de solteiro e se casasse com você, mocinha?

E dando uma piscadinha para Niall, que tentava conter o riso, disse:

— Porque muitas outras antes de você tentaram, mas não conseguiram.

Megan não sabia o que responder.

— \òvô, por favor, não comece — advertiu Duncan.

Ele conhecia o senso de humor do velho. Olhando

para sua esposa, desconcertada, sussurrou-lhe no ouvido:

— Não se preocupe. Apesar da aparência, ele é inofensivo como Stoirm.

Isso a fez relaxar e sorrir.

— Marlob — censurou Margaret, vendo um menino louro correndo com um cachorro —, ela deve estar cansada.

— Deixe-a falar! — grunhiu o velho olhando para Margaret.

E voltando o olhar para a morena espetacular de olhos pretos, disse:

— Moça! O gato comeu sua língua? Ou devo supor que um velho como eu a intimida?

Quando Megan notou que Duncan e Niall trocavam

olhares, ela soube bem o que responder.

— Seria uma má suposição, porque eu não me intimido diante de ninguém — respondeu ela.

Viu uma fagulha de diversão nos olhos do velho e um sorriso em seu marido e em Niall. De modo que prosseguiu, enquanto afastava uma mecha de cabelo que lhe caía sobre os olhos:

— E quanto ao que fiz para que seu neto se casasse comigo, bem... eu o insultei, ignorei, desafiei e, apesar de tudo, ele insistiu em abandonar a vida de solteiro.

Margaret olhou para Duncan com um sorriso nada agradável.

— Ah... e mais uma coisa. Meu sotaque estranho se deve ao fato de que meu pai era inglês. Mas, se alguém se atrever a me chamar de *sassenach*, sou capaz de quebrá-lo ao meio.

Após um silêncio constrangedor, foi o velho quem falou.

— Por São Ninian, que senso de humor maravilhoso tem, menina!

E gargalhou, tomando-lhe as mãos.

— Entre em seu lar, minha filha. Creio que gostará dele.

Naquela noite, Margaret organizou uma festa para os recém-casados e para os guerreiros que haviam chegado com eles. Todos os presentes brindaram à felicidade dos noivos, e Duncan e Megan se fundiram em um beijo que fez todos aplaudirem. Especialmente Marlob, feliz por ver a felicidade nos olhos de seu neto. Mas Margaret se consumia de raiva, porque, com esse casamento, todos os seus planos haviam ido por água abaixo.

No grande salão de pedra iluminado por uma infinidade de tochas e velas, uma vez acabado o jantar, Marlob se divertiu com a fácil tagarelice do irmão de Megan, que não parou de surpreendê-lo contando todos os pormenores da viagem.

Alguns guerreiros e suas esposas dançavam ao som das gaitas. As crianças, filhos daqueles que a haviam acompanhado durante o trajeto, morrendo de curiosidade sobre sua nova senhora, atreviam-se a se aproximar. Com um sorriso, ela falou com todas, contando-lhes como eram fortes e valentes os pais delas.

Um acesso de tosse de Marlob atraiu a curiosidade de Megan. Margaret, aproximando-se do velho, disse-lhe que devia descansar. Por fim, graças à insistência de seus netos, o velho se rendeu e, depois de dar uma piscadinha para Megan, que sorriu, desapareceu, custodiado por eles e por Margaret, que os seguiu, apesar do olhar duro de Duncan.

Uma vez sozinha no lindo salão, ela observou tudo. O aposento era grande, decorado com bom gosto — exceto por uma tapeçaria horrorosa pendurada em uma parede. Megan notou que os criados passavam diante dela e não a olhavam nos olhos. Empenhada em conseguir uma amiga, reparou em uma jovem de cabelo vermelho e aspecto agradável que voltava para a cozinha com uma bandeja cheia de sobras.

— O que o velho Marlob tem? — perguntou Megan.

— Milady — respondeu a moça, nervosa —, já faz tempo que o velho Marlob não faz boa digestão e tem uma tosse seca muito feia. Nós temos certeza de que algum mal se gesta dentro dele, pois, apesar de termos variado muitas vezes os ingredientes de sua comida, tudo lhe cai mal.

— Ele toma algo para evitar as dores de estômago e a tosse?

— Que nós saibamos, não — negou a moça, olhando de um lado para outro.

Isso atraiu a curiosidade de Megan, que, sem se dar por vencida, perguntou:

— Como se chama?

— Meu nome é Sarah, milady.

— Sarah, incomoda-se de falar comigo?

— Não — negou ela com cara de susto.

Mas Megan não acreditou e perguntou:

— Sarah, gostaria de saber por que você e as outras mulheres nem olham para mim, nem falam comigo. Fiz algo de errado?

Ouvindo isso, a moça olhou-a pela primeira vez.

— Não é isso, milady. Mas não tenho coragem de me expressar.

Megan, amaldiçoando, intuiu a razão.

— Olha, Sarah, em Dunstaffnage eu trabalhava no castelo, como você aqui, e minha melhor amiga era Gillian, filha do *laird*. E eu sempre tive consciência de ser a neta do homem que cuidava dos cavalos do clã. Não pretendo chegar aqui, e pelo simples fato de ser esposa de seu *laird*, esperar que todos vocês beijem meus pés.

E com um sorriso que desarmou a moça acrescentou:

— Mas pretendo, sim, fazer parte da grande família que existe aqui. Mas isso será muito difícil se ninguém tiver coragem de me explicar por que a maioria das mulheres não se atreve a olhar para mim.

— Está bem, milady — disse Sarah, engolindo em seco para limpar a garganta e reunir coragem. — Fomos informados de que é uma *sassenach*.

Ao escutar essa palavra, Megan ficou tensa. Mas vendo o olhar angelical da criada, disfarçou.

— Ora! Como os rumores correm rápido! — murmurou Megan, tentando não se encolerizar e apertando com força a robusta mesa de madeira. — Eu já temia isso. Eu sabia que alguém ia começar a dizer isso.

— Milady, aqui todos nós perdemos algum familiar pelas mãos dos *sassenachs*.

Ao pronunciar de novo essa palavra, a moça viu os lábios de Megan empalidecerem. Tremendo, rogou-lhe:

— Por favor, milady, não se aborreça comigo. Eu só tive coragem de lhe dizer o que me perguntou.

Soltando a mesa e respirando fundo duas vezes, Megan respondeu com tranquilidade:

— Sarah, eu sempre serei muito grata por sua coragem e sinceridade, e só espero que me dê a oportunidade de mostrar quem sou, apesar de as pessoas insistirem em pensar que pelo fato de meu pai ter sido inglês somos más pessoas.

— Lamento se minhas palavras a ofenderam — sussurrou Sarah. — Milady, tem uma amiga em mim

a partir deste instante.

— Obrigada, Sarah — reiterou Megan com um sorriso cansado.

Notou que a criada ficou nervosa de novo quando Margaret entrou.

— Oh... milady, desculpe — sussurrou a moça à beira do desmaio. — Se eu não me apressar a levar estas bandejas, a senhora se aborrecerá comigo por ter me distraído no caminho.

Megan, surpresa pela mudança de atitude da moça, perguntou:

— A senhora?

— Sim — assentiu Sarah, pesarosa por ter feito esse comentário. — Margaret nos manda chamá-la assim.

E, com olhos suplicantes, disse:

— Mas, por favor, não diga nada. Isso só me causaria problemas.

— Não se preocupe — sorriu Megan com gentileza ao ver que Margaret se aproximava rapidamente delas. — Continue seu trabalho.

Com presteza, Sarah se dirigiu à cozinha.

— Vamos, vamos, menina! — censurou Margaret, batendo palmas.

E, aproximando-se, prosseguiu:

— Leve essa bandeja para a cozinha e volte para levar mais.

— Não brigue com ela — Megan atraiu sua atenção. — Se ela estava aqui, era por causa de minhas perguntas.

— Oh, não se preocupe — sorriu Margaret amavelmente. — E que às vezes é preciso apressá-las.

Senão, só ficam flertando com os guerreiros e não fazem mais nada. Devo recordar-lhe, milady, que os criados devem ser tratados com mão de ferro. O que lhe perguntava?

— Há quanto tempo ela trabalha para meu marido no castelo — Megan mentiu, notando que aquela mulher estava começando a deixar de parecer tão angelical.

Com alizez, Margaret ajeitou o cabelo e se sentou ao lado de Megan, que notou que ela tinha uma pele de porcelana, olhos verdes lindos e um cabelo louro maravilhoso.

— A família dessa moça está há anos nestas terras. Creio que a primeira a trabalhar aqui foi sua avó, depois sua mãe e agora ela.

Nesse momento, entraram no salão Duncan e Niall.

— Margaret! — disse Duncan, parando diante delas. — Traga uma jarra de cerveja para mim.

— Oh, não é necessário — disse Megan, estendendo-lhe uma jarra que havia ah. — Aqui tem uma.

— Essa não serve! — rejeitou-a Duncan, surpreendendo sua mulher.

Ela ia dizer algo quando viu Margaret se levantar.

— Trarei outra! — disse, indo para a cozinha e disfarçando seu mau humor.

Quando Megan e seu marido ficaram sozinhos, ela

perguntou:

— Por que foi tão antipático com a pobre Margaret?

— Pobre? — Duncan sorriu amargamente. — Não confio nessa mulher. Ela não é uma boa pessoa e, embora meu avô insista em defendê-la, algo nela nunca me agradou — respondeu, vendo Margaret se afastar com passos firmes. — Portanto, procure não ter muita intimidade com ela. Creio que depois de minha chegada, ela não permanecerá muito tempo aqui.

Nesse momento, Megan bocejou, fazendo seu marido sorrir.

— Minha conversa a entedia?

— Não, Duncan! — disse ela com um sorriso. — Mas estou cansada da viagem, e a única coisa que quero é dormir, dormir e dormir.

Ele olhou para ela, e, com um sorriso, absteve-se de dizer o que realmente queria. Mas não foi necessário, porque Megan entendeu só de olhar para ele.

— Eu a acompanharei até nosso quarto — ofereceu ele notando o cansaço no rosto de sua mulher.

— Se me acompanhar, não dormirei — sorriu ela, toda boba. — Subirei sozinha, conheço o caminho. Vá com seus homens. Pelo olhar deles, deduzo que desejam falar com você.

Duncan, ao ver o olhar maroto de sua mulher, sorriu.

— Tem razão.

Acompanhando-a até o início da escada, disse, dando-lhe um beijinho nos lábios:

— Não tardarei a subir.

Sorrindo para seu marido, Megan começou a subir a escada que a levaria até o quarto de Duncan, agora dos dois. Caminhando pelo corredor, parou diante da porta do quarto de Zac. Cuidadosamente abriu-a e sorriu ao ver o menino dormindo tranquilamente em sua cama, junto com seu cachorro. Fechando a porta, dirigiu-se a seu quarto. Ao passar diante do quarto de Marlob, ouviu vozes, mas seguiu seu caminho sem prestar atenção.

Uma vez fechada a pesada porta de seu quarto, Megan se apoiou nela, sentindo a tranquilidade que lhe proporcionava a lareira, as peles que cobriam o chão, o calor. Com curiosidade, seus olhos negros percorreram aquele quarto que antes de seu casamento havia pertencido a seu marido. Ficou maravilhada ao observar com atenção a linda tapeçaria na parede.

“Ainda bem que não é feia como a do salão”, pensou Megan, e sorriu.

Sem poder resistir ao encanto das almofadas que descansavam abaixo da janela, foi até elas. Sentada ali, seus olhos correram do lindo candelabro de metal que descansava em cima da lareira, com grossas velas altas de pura cera de abelhas, até a maravilhosa cômoda de carvalho entalhado, combinando com o armário, os criados-mudos e as cadeiras. Ao ver a enorme cama com dossel, um estremecimento percorreu seu corpo quando ela imaginou as cenas que viveria em cima dela com seu marido ardente e musculoso.

Exausta pela viagem, Megan se levantou, escovou os cabelos e começou a se despir. Desamarrou os laços de seu vestido surrado e, sem prestar muita atenção, tirou-o e o jogou em cima de um baú. Ao abrir o armário, viu suas poucas roupas colocadas ao lado das de seu marido. Gostou. Tirou a camisa de linho, aseou-se e pegou outra limpa para dormir. Depois de jogar dois pedaços de lenha na lareira para avivar o fogo, tirou a adaga que levava presa na coxa e a deixou ao lado da cabeceira da cama. Abriu as colchas e se enfiou embaixo delas. Pouco depois, estava profundamente adormecida.

No salão, a conversa dos homens se estendera mais do que Duncan esperava. Havia chegado notícias sobre Robert de Bruce um dia antes e, como era de se esperar, em breve ele deveria viajar até Stirling para se reunir com ele. Com cuidado, entrou no quarto e, procurando sua mulher na cama, sorriu ao ver que estava no meio, enrolada como um novelo. Com a felicidade estampada no rosto, jogou um pedaço de lenha na lareira. As noites estavam ficando cada vez mais frias, e se notava no ambiente, \bltou para a cama. Ficou enfeitiçado olhando para sua mulher; observou com cuidado e viu que os cortes no pescoço e a ferida do braço estavam quase curados. Quem teria dito, poucos meses atrás, que Megan roubaria seu coração?

Ela parecia frágil e indefesa, coisa que não era. E muito bela e sensual. Tonto diante da constatação de que Megan lhe tocava o coração, Duncan se despiu e deslizou com cuidado dentro da cama. De novo sorriu ao sentir que ela, sem acordar, buscava o calor do corpo dele, murmurando palavras ininteligíveis. Sentindo-a em seus braços, Duncan engohu em seco, ouvindo as batidas de seu próprio coração e observando-a com infinita adoração. Abraçou-a com força, sentindo um impulso incontrolável de fazer amor com ela. Mas, depois de beijar-lhe a testa, aspirar o odor de seu corpo e escutar sua respiração pausada, decidiu respeitar seu sono. Fechando os olhos, adormeceu sentindo-se o homem mais feliz das Highlands.

Capítulo 30

Durante os dias seguintes, Megan se esforçou ao máximo para se apresentar e tentar agradar a todos, e sorriu ao sentir a afabilidade com que o padre Gowan a saudou. As vezes, ficava desesperada ao ver a maneira como muitas mulheres a olhavam e fugiam dela, mas confiava em seus métodos, e sabia que mais cedo ou mais tarde aquelas que a olhavam com ódio acabariam aceitando-a. Margaret, durante esses dias, tentou ser gentil com ela, mas em duas ocasiões deixou claro que conhecia a mulher que havia partido o coração de Duncan. Isso despertou poderosamente a curiosidade de Megan, mas, por ora, ela não estava disposta a perguntar. A amizade com Sarah, a criada, estava começando a ser frutífera, algo que não agradava muito a Margaret. Em especial as tardes em que

confeccionaram juntas dois vestidos para Megan. Sarah, pela amizade que havia tido com Johanna, a falecida irmã de Duncan, era uma pessoa que sempre observava Margaret de uma maneira que nunca lhe agradara.

Passado um mês, chegou uma carta de Shelma. Não estava grávida! Ansiosa para ver sua irmã, conseguiu fazer com que Duncan a acompanhasse a Urquhart. Depois de passar alguns dias com ela, ver que estava feliz e que Ronna cuidava dela com muito carinho, voltou para seu lar em Eilean Donan.

Poucos dias depois, Duncan teve que ir para Stirling. Não queria se afastar de sua mulher, mas a reunião com Robert de Bruce não podia mais ser adiada. Durante esses dias, Megan, com a ajuda de Niall, aproveitou para conhecer um pouco mais os aldeões. Eles continuavam olhando-a com certo receio, apesar de o padre Gowan repetir sem parar que a mulher de seu *laird* era uma pessoa humilde e de bom coração — coisa que ele mesmo havia tido a oportunidade de presenciar em várias ocasiões.

— Creio que Bridgid demorará um pouco para se recompor do susto — riu Niall, cavalgando com Megan na volta das visitas aos aldeões.

— Mas eu só a ajudei a levar o cesto! — respondeu ela, dando um tapinha carinhoso no pescoço de Stoirm. — Coitadinha! Viu como ela estava carregada?

— Megan, tem que começar a assumir que é a mulher de *laird* Duncan McRae e senhora de Eilean Donan. É normal que seja estranho para eles que pule do cavalo para ajudá-los com qualquer coisa.

— Eu sei — assentiu ela, desfrutando o maravilhoso vale verde que se estendia diante deles —, mas é que não posso ver alguém precisando de ajuda e me negar a ajudar. Imagino que ainda não assumi, como diz, e continuo me vendo como a moça que vivia com o avô e cuidava da lavagem das roupas e demais afazeres da casa.

— Vamos ver quem tem pontaria melhor? — propôs Zac, que montava o tranquilo Lord Draco.

— Que ideia excelente! — disse Niall, descendo de True e estendendo os braços para pôr Zac no chão.

— \òcês buscam pedras enquanto eu preparo os alvos! — disse o menino.

E, afastando-se deles, fixou no solo alguns gravetos, segurando-os com pedras.

— \nham, vamos jogar as pedras e ver quem ganha!

Durante um tempo, os três se divertiram competindo

pela melhor pontaria. Tanto Niall quanto Megan procuravam errar para que o menino gritasse, extasiado, cada vez que ganhava.

— \ncô é bom, rapaz! — sorriu Niall ao perder de Zac pela quarta vez.

— Mãe do céu, Zac! — suspirou Megan, cansada. — Seu tiro é excelente!

— Kieran me ensinou muito bem — assentiu o menino, entusiasmado pelo que havia conseguido.

Olhando para umas montanhas, perguntou a Niall:

— Foi por ah que chegamos ao castelo naquele dia, não foi?

— Sim, garoto — assentiu Niall, agachando-se e apontando na direção que o menino indicava. — Se seguir esse caminho e subir aquela montanha, chegará a um vale mágico, com um maravilhoso bosque de araucárias da Caledônia, salgueiros e azevinhos, além de raposas, texugos, doninhas e muitos outros animais.

Niall sorria ao ver a atenção que o menino lhe prestava.

— Tudo isso é chamado de Glenn Affric. E, se seguir o caminho chegará até o lago Ness.

— Onde vivem Shelma e Lolach? — perguntou o menino de novo.

— Exatamente, meu tesouro! — respondeu Megan.

E olhou desafiadora para seu cunhado, pegando sua aljava:

— Niall, que tal atirmos algumas flechas para ver quem tem pontaria melhor?

— \ncô veio a minhas terras para me humilhar? — gargalhou Niall ao ver Megan com a aljava na mão.

— Muito bem, cunhada, aceito seu desafio!

Começaram atirando flechas contra um alvo fixo em uma árvore, e os dois acertaram de primeira.

— Ora, Megan! — disse Niall, reconhecendo sua boa pontaria. — Nada mal.

— Vamos dificultar! — desafiou ela de novo com um sorriso nos lábios. — Agora, vamos atirar montados nos cavalos.

— Está bem — as sentiu Niall, montando em True.

Como não tinha intenção de deixá-la ganhar, como

havia feito com Zac, Niall se concentrou, atirou e acertou o alvo de novo.

— Muito bem! — disse ela vendo o sorriso de orgulho de seu cunhado. — Agora atiro eu.

E montando em Stoirm, ordenou-lhe que ficasse parado. Atirou e acertou o alvo. Ouvindo os aplausos de Niall, desceu teatralmente do cavalo, segurou as laterais das saias e fez uma saudação, fazendo-o rir.

— Seu avô ensinou-lhe muito bem! — afirmou Niall ao comprovar o tiro.

— Vamos dificultar mais? — perguntou ela, surpreendendo-o desta vez.

— Mais ainda?! Como?

— Em pé sobre o cavalo — disse ela, com uma

gargalhada que fez Niall rir de novo.

— Está louca?

Mas reparando bem, disse, surpreso:

— Está falando sério?

— Totalmente — respondeu ela. — Eu atirarei sobre Lord Draco. Stoirm ainda não me dá essa confiança, mas Lord Draco está acostumado a esse tipo de jogo.

E vendo a cara de Niall, disse:

— Shelma, Gillian e eu jogávamos bastante.

— Não... não — negou Niall, pegando-a pelo braço. — Não faça isso; se lhe acontecer alguma coisa, Duncan vai me cortar em pedacinhos.

— Ora, homem! — disse ela, animada. — Está dizendo que, além de não aceitar meu desafio, tem medo de que eu tente?

E sorriu, montando em Lord Draco.

— Frangote! Có-có-có-có!

Zac, sentado no chão, ria.

— Não sou nenhum frangote — respondeu ele ao vê-la subir no cavalo —, mas sinto muito. Eu não vou ficar em pé em cima de True.

Pegando uma folha do chão, disse, desafiando-a:

— Vamos ver se é verdade que consegue acertar esta folha.

E com um palito espetou-a no tronco de uma árvore.

— Muito bem, frangote. Fique quieto e observe.

Megan tirou os sapatos enquanto o via sorrir,

divertido. Agachando-se para falar com o cavalo, sussurrou:

— Lord Draco, vamos mostrar a esse *highlander* como eu atiro uma flecha em cima de você sem que se mova.

Recolhendo as saias, ela colocou os pés com cuidado no lombo do animal. E se equilibrando com a aljava na mão, Megan pouco a pouco se levantou até ficar totalmente de pé em cima de Lord Draco, que, para espanto de Niall, nem se mexeu. Com extremo cuidado, ela estendeu o arco com a flecha e, apontando, atirou. A flecha atravessou a folha que, instantes antes, Niall havia colocado ah.

Zac aplaudiu.

— Não acredito! — sussurrou Niall, bobo.

E observando como a mulher descia do cavalo tão facilmente quanto havia subido, disse:

— Por todos os santos celtas! \ocê me deixou sem palavras, cunhada.

— Eu sei! — suspirou ela, balançando o cabelo. — Có-có-có, se contar a Duncan, nunca mais falarei com você na vida.

— Duncan não sabe que faz isso? — perguntou Niall, morrendo de rir pela graça de sua cunhada falando e fazendo coisas.

— Por todos os santos, Niall! — disse ela, levantando as mãos para o céu. — Acha que seu irmão me permitiría fazer isso?

— Está bem... concordo — assentiu ele, dobrado ao meio de tanto rir.

De repente, parou de rir e olhou para ela, muito sério.

— \ocê disse que Gillian também joga?

— Foi ela que nos ensinou — comentou Megan, com ar angelical. — Sério, Niall, não conte a Duncan, está bem?

— Eu lhe dou minha palavra — disse ele, pensando em sua linda Gillian em pé no lombo de um cavalo. — Prometo que não direi nada.

E após uma tarde divertida voltaram os três ao castelo, onde Marlob sorriu ao vê-los retomar, ansioso por sua companhia.

Capítulo 31

No dia em que Duncan voltou de viagem, a recepção que sua mulher lhe deu encheu-lhe o coração de satisfação. E demonstrou a todos o amor que professavam um pelo outro. Apesar de que Duncan ainda não havia sido capaz de dizer as palavras que Megan tanto desejava escutar: “Eu a amo”.

Durante dias desfrutaram de maravilhosos passeios pelos arredores de Eilean Donan. Certa manhã, Duncan a levou até um lugar onde os cervos passeavam com tranquilidade entre as árvores, e Megan se assustou ao ver a agressividade dos machos lutando por suas fêmeas, desafiando seus rivais com poderosos bramidos. Durante esses passeios, Megan mostrou a seu marido sua destreza na arte de caçar, quando, em várias ocasiões, montada em Stoirm ou a pé, pegava seu arco e flecha e, com uma facilidade incrível, atingia um coelho ou uma ave. Mas nunca repetiu o que havia feito diante

de Niall. Sabia que seu marido não riria disso.

Outro dia, quando passavam por um pequeno lago, ela o surpreendeu ao dizer que aquele solo era úmido e perigoso, pois notara a presença de linho silvestre de folha estreita.

A felicidade que Marlob notava no rosto de seu neto aquecia seu coração. Em especial em duas ocasiões, quando a chuva e os trovões caíam com força e vira Megan dançando e rindo debaixo d’água, enquanto Duncan, alegre, apoiado na parede do castelo, ficava encharcado observando-a e sorrindo. Haviam ficado para trás seus silêncios prolongados olhando para o fogo, recordando Marian, aquela mulher terrível que quase havia acabado com ele. Agora ele sorria muito e estava feliz — apesar das constantes discussões dos dois. Discussões que para Marlob eram divertidas. O velho estava feliz com Megan no castelo, mas ainda lhe parecia inacreditável que seu neto sério e rigoroso tivesse se apaixonado por aquela maluca, respondona e bem-humorada.

Duncan com o passar dos meses ainda se surpreendia observando sua linda mulher. Vê-la dançar com Niall e falar com Zac ou rir com Marlob enchia-o de felicidade. Mas, apesar de amá-la muito, ainda era incapaz de permitir que essas palavras saíssem de sua boca.

Desejava dizer-lhe, mas o medo da dor o impedia. Por sua vez, Megan, que vivia a melhor época de sua vida, sentia-se feliz e plena cercada por todos eles. As vezes observava disfarçadamente e via seu marido olhando-a. Sabia que ele a observava, e por seus gestos, seus sorrisos ou seus beijos, sabia que ele desejava lhe dizer algo. Será que a amava? E se assim fosse, por que não lhe dizia?

Em seus momentos de solidão, ela pensava nessa possibilidade, mas nunca falava sobre isso com ele. Sentia pânico com a possibilidade de ouvi-lo dizer que nunca a amaria. Em várias ocasiões pensou se Duncan teria contado ao avô que eram casados não diante dos olhos de Deus, e sim mediante um *Handfasting*, que acabaria em alguns meses. E não podia evitar se perguntar se, passado esse tempo, Duncan ainda ia querer ficar com ela.

O inverno cruel chegou às Highlands. Quase tudo ficou coberto de neve. E a felicidade ficou completa quando, certa manhã, Megan recebeu uma carta de Shelma. Estava grávida!

— Acho que plantarei algumas das minhas ervas aqui — disse Megan a Sarah.

Estavam em um pequeno terreno livre que havia atrás do castelo. E completou:

— Será um lugar ótimo.

— Será necessário fazer uma boa limpeza, milady — sugeriu Sarah, olhando para o pedacinho de terra coberto de ervas daninhas e neve. — Mas me parece um lugar sensacional. Na primavera e no verão, o sol baterá boa parte do dia.

— Você conhece os benefícios das ervas?

— Não exatamente — sorriu Sarah, andando ao lado de sua senhora. — Até poucos anos atrás, Melvita, mãe de Margaret, era quem melhor conhecia os segredos das plantas. Mas, desde sua morte, Susan, a cozinheira, é a única que recorda que ervas utilizar para uma dor de barriga. Por isso, milady, quando alguém aqui adoece gravemente, vamos até Invemess.

— A mãe de Margaret? — perguntou Megan com estranheza. — E Margaret não aprendeu com a mãe?

— Que ninguém nos ouça, milady — disse Sarah, olhando ao redor —, mas creio que ela sabe mais do que diz.

Isso chamou a atenção de Megan. Afastando uma mecha preta do rosto, perguntou:

— É mesmo? Por que diz isso?

— Milady, eu não sou de acreditar nos falatórios das pessoas — explicou Sarah, incomodada pelo que havia dito —, mas vi coisas que me fazem acreditar no que digo.

Recolhendo seu vestido cinza, Megan tornou a perguntar:

— Coisas como o quê?

Ao ver o medo da moça, disse, tomando-lhe as mãos:

— Ainda não confia em mim, Sarah?

— Sim, milady. Mas nunca contei isso a ninguém, apesar do que ouvi. Há algum tempo, certa tarde, quando eu estava nas ameias tomando ar — explicou a moça —, vi Margaret sair escondida com um saco, que enterrou perto do lago. No dia seguinte, fui até lá, levantei umas pedras, e dentro do saco — sussurrou bem baixinho — encontrei colchas manchadas de sangue seco. Dois dias depois, aquilo havia desaparecido do esconderijo.

— Sangue seco? — repetiu Megan, sem entender do que se tratava.

— Sim. E ao ver aquilo, eu entendi muitas coisas. — Ela deu de ombros, pesarosa. — Uma semana antes, Margaret passou vários dias indisposta. Como tive pena porque ninguém se preocupava com ela, tentei ajudá-la o pouco que pude. Recordo que uma tarde fui a seu quarto para lhe levar água fresca. Margaret estava profundamente adormecida, mas, por sua cara, vi que estava com dor. Assustada, aproximei-me e peguei um pedaço de linho limpo. Enxuguei-lhe o suor da testa, mas vi que ela tremia. Fui até a lareira para avivar o fogo. Então, encontrei um recipiente que nunca havia visto antes. Continha

uma mistura grossa de odor pestilento. Quando me afastei da lareira, vi em sua arca vários saquinhos abertos com diversas ervas. Fui até um dos saquinhos e vi umas pequenas flores secas amarelas agrupadas em buquezinhos, que exalavam um cheiro muito desagradável. Então, Margaret começou a se mexer e, assustada, saí correndo do quarto.

— Não entendo — sussurrou Megan, escutando-a com atenção. — O que isso tem a ver com o que me contou antes?

— Eu creio — murmurou a criada — que ela estava grávida. E que tomou algo que a fez perder o bebê. E as colchas com sangue que eu vi eram a prova de tudo isso.

— Por São Ninian! — disse Megan, surpresa. — Acha que ela seria capaz disso?

Ajovem criada, com um olhar grave, assentiu.

— Disso e de muito mais, milady. Além do mais, tenho certeza de que ela aquece a cama do velho Marlob.

Megan também tinha essa certeza, mas não queria falar disso.

— Como pode dizer isso?

— Quando limpo a quarto do velho, mais de uma vez encontro cabelos longos e louros entre os lençóis, além de um ou outro grampo ou joia que só ela tem. Em muitas ocasiões, vi a xícara que Marlob tem no quarto manchada com restos de alguma beberagem e, sabendo que ela guarda em seu baú saquinhos com ervas, eu...

— Oh, meu Deus! — sussurrou Megan, horrorizada ao entender o que Sarah queria lhe dizer. — Acha realmente que essa mulher seria capaz de fazer algo tão terrível?

— Categoricamente, sim. Margaret é uma pessoa ambiciosa de riquezas e poder, e a única maneira de conseguir isso é por meio do velho Marlob, pois sabe que por meio de Duncan e Niall nunca conseguirá.

Decidida a averiguar aquilo, Megan sussurrou:

— Sarah, tenho que ver essa xícara quando tenha restos. Eu entendo bastante de ervas, e tenho certeza de que poderei saber o que ela lhe está dando.

Inquieta pelo que havia acabado de ouvir, disse:

— Além disso, tem que me ajudar a entrar no quarto dela. Tenho que ver o que essa mulher guarda nessa arca.

A criada assentiu com um sorriso. Confiava em sua senhora, apesar de as mulheres dos arredores falarem mal dela.

— Está bem, milady. Para mim, será uma honra.

— \ou deixar isto aqui — disse Megan, tirando um lindo bracelete e deixando-o cair no meio no mato.
— Agora vamos entrar, e quando ela nos vir, vou fingir que estou muito aborrecida por ter perdido o bracelete. Certamente, com sua gentileza, ela se oferecerá para procurá-lo. \ocê a acompanhará e eu entrarei em seu quarto.

— Milady — sussurrou Sarah, temerosa —, tem certeza?

— Absoluta — assentiu Megan, já andando em direção ao castelo.

Para aplacar o nervosismo de Sarah, brincou:

— E depois, quero que me conte com quem faz esses seus passeios pelas ameias.

Começaram a atuar quando viram Margaret, e ela rapidamente se ofereceu para ajudar, diante das lágrimas que afluíam sem controle nos olhos de Megan. Então, Sarah e Margaret, deixando Megan sentada cabisbaixa em uma cadeira, foram para o local onde ela dizia ter perdido o bracelete. Assim que as viu sair, Megan se levantou e enxugou rapidamente os olhos. Ao se certificar de que haviam atravessado o pátio, ela recolheu as saias e saiu correndo em direção aos quartos dos criados. Ficavam na parte de baixo do castelo. Mas uma mão poderosa a pegou e, com um puxão, fez com que se voltasse.

— Aonde vai com tanta pressa?

— Ia avisar Susan — pensou rapidamente ao ver seu marido, padre Gowan e Niall observando-a com estranheza — para que amanhã faça carne ensopada para o almoço.

— E precisa ir agora? — disse Duncan, certo de que aquilo não era verdade.

Segurando com força o pulso dela, guiou-a até uma mesa, onde Marlob os observava pensando que seria testemunha de uma de suas brigas.

— É melhor se sentar conosco.

“Maldição, Duncan”, pensou ela, contrariada.

— Agora não! Mais tarde.

Conseguiu se livrar das mãos de seu marido, que olhou para ela sisudo, enquanto Niall sorria para o padre Gowan e seu avô.

— Sério, Duncan. Advertiram-me que Susan é uma mulher muito estrita no que se refere às refeições, e não quero atrapalhá-la sem lhe dar tempo para preparar as coisas nas condições que lhe peço.

— Sua mulher tem razão — anuiu Marlob, dando-lhe uma mão.

As vezes seu neto era exigente demais.

— Susan fica terrivelmente resmungona quando não lhe damos tempo para mudar os pratos.

— Oh, sim — assentiu o padre Gowan. — Seu humor às vezes é azedo, mas suas mãos para cozinhar

são excepcionais.

— Onde está Zac? — perguntou Duncan, temendo que alguma travessura do menino fosse a razão da aflição de sua esposa.

— Ali, brincando com o filho de Edwina — disse Niall.

E voltando-se para sua cunhada, disse, divertido:

— Já que vai para a cozinha, diga a Susan que estou com vontade daquele prato especial dela. Vai gostar.

— Ah, tenho certeza. Susan cozinha tão bem! — assentiu Megan.

Depois de dar um beijo rápido em seu marido, ela seguiu apressada para a cozinha.

— Ah... cunhada! — chamou Niall, sem poder conter o riso. — O prato especial de Susan se chama *haggis*.

Ouvindo isso, seu estômago se encolheu. A imagem dos pulmões, coração e fígado de ovelha cozidos nas tripas do animal fez seu estômago revirar. Dando um sorriso matador a Niall, que só ele viu, saiu, decidida a fazer o que pretendia.

Chegou à porta do quarto de Margaret. Viu que ninguém passava por ali, abriu-a e entrou rapidamente. O quarto não era muito luxuoso, mas talvez mais do que costumava ser o aposento de um criado. Então, viu o baú. Aproximou-se dele, mas, ao tentar abri-lo, viu que estava trancado. Amaldiçoou e procurou a chave ao redor. Depois de olhar em vários lugares, por fim a encontrou em um dos bolsos de um roupão escuro que estava dentro do armário. Com nervosismo, correu de novo para o baú. Quando ouviu a fechadura estalar, abriu a tampa, e, incrédula, viu bolsas de couro e potes de unguentos de cores diferentes. Para que Margaret tinha tudo aquilo se dizia não saber nada de plantas? Com cuidado, tentou não deixar nada fora do lugar. De súbito, um pedaço de linho amassado lhe chamou a atenção; ao pegá-lo, descobriu ah embrulhado um broche em forma de lágrima com pedras preciosas. Admirou sua beleza e viu que estava quebrado. Deixou-o no mesmo lugar em que estava. Após fechar o baú, colocou de novo a chave no bolso do roupão, saiu do quarto e correu para o salão. Passou por Niall, padre Gowan, Marlob e Duncan, que olharam para ela com curiosidade. Mas, ao ouvir a voz de Margaret e Sarah, Megan quase pulou de cabeça para

chegar à cadeira.

— Encontramos, milady! — disse Margaret, entrando triunfante com o bracelete na mão, seguida por Sarah.

— Oh, obrigada! — sorriu Megan, respirando com dificuldade por causa da corrida.

Isso fez sua emoção mais plausível ao abraçar amorosamente Margaret e dar uma piscadinha para Sarah, que balançou a cabeça.

— Este bracelete representa muito para mim. E se o tivesse perdido, acho que morreria. Obrigada, Margaret. Você é maravilhosa.

— Não é para tanto — disse a mulher, justo no momento em que Duncan aparecia, olhando para elas com desconfiança.

— Se me desculpam, vou terminar o que estava fazendo.

— Megan, o que aconteceu? — perguntou Duncan ao vê-la tão acelerada.

— Não se preocupe — informou Margaret, passando por ele, mas sem olhá-lo. — Sua mulher perdeu uma coisa, e eu a encontrei. E ela está tão emocionada que quase não consegue falar.

— Milady, preciso ir à cozinha, tenho certeza de que Susan requer minha ajuda — despediu-se Sarah, desaparecendo atrás de Margaret.

De novo os dois ficaram sozinhos. E diante do olhar de seu marido, Megan tentou recuperar a compostura.

— Não sei o que está acontecendo aqui — disse Duncan com desconfiança —, mas adoraria que me contasse antes que eu fique sabendo por terceiros.

Com um sorriso que derrubou a rigidez de seu marido, ela murmurou:

— Venha aqui, meu amor.

Ela o sentou na cadeira, e sentou-se em seu colo. Com a sensualidade que sabia que derretia seu marido, sussurrou:

— Duncan, por que acha que estou fazendo algo estranho?

— Porque a conheço e sei quando não está dizendo a verdade — disse ele.

Os lábios de sua mulher percorriam seu pescoço e os dedos dela se enroscavam perigosamente em seu cabelo.

— E agora sei que está tentando me fazer parar de perguntar.

— Senti sua falta hoje — riu ela ao ver que ele começava a sorrir.

— Que estava fazendo, Megan? — insistiu Duncan.

Ele sabia que aquela bruxinha havia aprendido a

enrolá-lo — algo que, aliás, ele adorava.

— Embora não acredite eu estava ajudando Sarah.

Preciso ter uma amiga em minha casa nova — sussurrou Megan, vendo que seu marido começava a sorrir. — E agora, beije-me e pare de me olhar com esses olhos de falcão.

— Olhos de falcão? — gargalhou Duncan.

— Sim. Faz isso quando tenta adivinhar alguma coisa.

Debochada, ela começou a imitá-lo.

— Normalmente, fecha um pouco o olho esquerdo, inclina a cabeça e crava seu olhar verde. Esse é seu olhar de falcão.

— \ocê é deliciosa! — sorriu ele, beijando-lhe a boca com avidez.

— Por São Ninian! — disse Niall ao passar por ah com Marlob e o padre Gowan.

Megan e Duncan se levantaram rapidamente da cadeira ao serem surpreendidos.

— Por acaso não têm um quarto para dar rédea solta a suas paixões?

— Louvado seja Deus! — sussurrou padre Gowan olhando para outro lado, enquanto Marlob gargalhava.

— Bem pensado — disse Duncan, sorrindo ao ver a cara de seu avô.

E pegando a mão de Megan, vermelha como um tomate, disse enquanto se dirigiam à escada:

— Obrigado, Niall, por me sugerir o lugar.

E, então, Duncan e Megan desapareceram de vista.

— Creio que daqui a pouco — riu o velho junto a Niall — teremos algumas crianças correndo por este castelo.

— E eu as batizarei — assentiu o padre Gowan, certo disso.

Capítulo 32

Marlob estava encantado com os novos residentes da casa. Estava cada dia mais feliz vendo seu neto Duncan, temido por centenas de homens por sua coragem e destreza, desmanchar-se diante dos sorrisos daquela mulher. Sem que Megan soubesse, Marlob às vezes a observava do balcão de seu quarto e se maravilhava ao vê-la cuidar de Lord Draco ou cavalgar com Stoirm, aquele cavalo pardo impressionante.

Conhecia, por Niall, as diferentes maneiras de ser de Megan. Gargalhara quando ele lhe contara certas coisas sobre aquela jovem que Duncan nunca se atreveria a lhe contar. Ficara maravilhado quando soubera que ela sabia manejar a espada, coisa que até o momento não havia realizado diante dele, e ficara sem palavras quando lhe contara como Megan havia se vingado das pessoas que mataram seus pais e posteriormente seu avô e Mauled. Marlob era feliz vendo como essa moça fazia feliz seu neto; era uma felicidade que ele nunca havia notado anos atrás, quando Duncan se apaixonara por Marian, a mulher que partira seu coração e azedara sua personalidade, até que Megan entrara em sua vida.

Como *laird* de suas terras, Duncan devia visitar sua gente, e em especial velar pelos interesses de todos. Interesses que lhes proporcionavam grandes benefícios pela venda de lã. No interior das Highlands, o clã McRae possuía uma grande extensão de terras onde criava ovelhas. Apesar dos invernos duros daquela região, eles haviam conseguido obter êxito naquele empreendimento difícil.

O rebanho que possuíam era bem grande. Cerca de duas mil ovelhas pastavam tranquilamente sob o cuidado de várias pessoas, que as alimentavam e as atendiam dentro dos currais. Quando chegava a época da tosquia, muitos aldeões partiam para o interior e começavam o processo: lavagem da lã crua, classificação e divisão. Uma vez classificada, a lã era distinguida como boa, média, grossa, pouco grosseira e muito grosseira. Toda ela era transportada para as aldeias de Eilean Donan, e, assim como o ferreiro cuidava da ferraria, diversas mulheres e homens cuidavam de cardá-la, penteá-la e fiá-la, para ser tecida no tear, onde obtinham tecidos finos para mantos, para os hábitos dos monges, colchas e até mesmo calçados. Com os anos, os produtos vendidos pelo clã McRae foram adquirindo fama. Eram cada vez mais numerosas as abadias da Escócia que lhes encomendavam hábitos e colchas.

*

Tendo adiado o máximo que pôde a viagem, por fim Duncan decidiu partir com seu irmão, deixando Marlob e Megan sozinhos no castelo.

— Serão apenas duas noites — disse Duncan, sorrindo e brincando com sua mulher na cama.

Enquanto ele lhe fazia cócegas, ela esperneava, rindo.

— Tenho que ir. Fui informado de que ao leste de Stirling vários rebanhos de ovelhas pegaram sarna, e ontem tive notícias nada boas desses rebanhos. Por isso, preciso ver com meus próprios olhos o que está acontecendo.

— Tenho uma ideia — disse Megan, montando em cima dele. — Por que não me leva com você e, assim, posso conhecer essa área também?

— Desta vez não pode ser, querida — sorriu ele, maravilhado como sempre pela beleza selvagem e natural

dela.

Ela estava sentada em cima dele, vestida somente com uma fina camisa de linho meio aberta, que deixava à mostra seu corpo esguio e seus seios redondos e duros.

— Mas prometo que da próxima vez eu a levarei.

— Há alguém ah que não deseja que eu conheça? — perguntou ela, mordendo o lábio.

Com um movimento, Duncan a fez rolar na cama até deixá-la debaixo dele.

— O que quer dizer com isso? — riu Duncan ao vê-la franzir a testa. — Está se referindo a outra mulher? — perguntou ele com voz rouca, mordendo-lhe o pescoço para fazê-la rir. — Está com ciúme?

— Não! — disse ela, olhando-o nos olhos —, mas como nosso casamento acaba daqui a alguns meses...

— Como pode pensar uma bobagem dessas? — disse ele, imobilizando-a sob si e olhando-a com seriedade. — Eu não preciso de outra mulher que não seja você.

Só de pensar em perdê-la ele sofria, de modo que, com semblante preocupado, disse:

— Por acaso está pensando em acabar com nosso casamento, Megan?

— Não, em absoluto — sorriu ela ao sentir que ele ficava tenso. — Só estava comentando que o *Handfasting* acaba daqui a alguns meses.

— E se casará comigo de novo — categórico.

disse ele

E segurando-lhe os braços acima da cabeça, cravando seus olhos verdes lindos e inquietantes nela, disse:

— Não vou permitir que se afaste de mim.

Isso a animou. Apesar de não escutar de sua boca palavras românticas de amor.

— Então, pode ir com a certeza de que não ficarei com ciúme.

Sem querer mudar de assunto, Duncan, ainda em cima dela, sussurrou:

— Pode ter certeza de que se casará comigo.

Ao vê-la sorrir, beijou-a e disse:

— Querida, eu lhe darei três razões para que não sinta ciúme: a primeira é que meus beijos são só para você; a segunda é que eu a adoro.

— E a terceira? — perguntou Megan em um sussurro. — Qual é a terceira?

— Ah... essa é a mais importante.

Riu, sabendo que ela reclamaria. E pegando-a pelos pulsos enquanto lhe abria as pernas, sussurrou:

— A terceira é porque ainda não conheci ninguém que tenha a mesma cor de cabelo que meu cavalo.

— Como pode dizer isso?! — gritou ela, rindo.

E se abandonando em suas carícias, murmurou:

— Cada vez tenho mais certeza de que se casou comigo por causa de meu cabelo.

— Sim, querida — suspirou ele, tornando a beijá-la. — Tem toda a razão.

*

Na manhã seguinte, junto com Marlob, Margaret e Zac, Megan, triste, mas com um sorriso nos lábios, despedia-se de Duncan. Ele piscou para ela e saiu a galope com alguns dos seus homens.

A tarde, ela desceu à cozinha, mas, ao ver o constrangimento da maioria das mulheres, voltou para o salão, onde ficou sentada olhando ao redor, sem saber realmente o que fazer.

Seus olhos pousaram na tapeçaria horrorosa pendurada na lateral do salão, diante da mesa principal. Essa tapeçaria de tons sinistros escurecia o lugar. Além do mais, estava pendurada diante de umas janelas pequenas voltadas para a escada que levava aos quartos. Decidida, solicitou a ajuda de vários homens para tirá-la dali. O salão se inundou de luz e deixou exposto um escudo de armas lavrado na própria pedra, que mais

tarde ela soube que pertencia aos pais de Duncan.

— O que está acontecendo aqui? — disse Margaret ao entrar no salão. — Por todos os diabos, quem ordenou que tirassem essa tapeçaria?

— Fui eu — respondeu Megan, tirando o pó do cabelo. — Algum problema?

— Essa tapeçaria — disse ela, furiosa — foi uma encomenda que Duncan fez a mim e a outra pessoa. E creio que não vai agradar-lhe ver que a retirou.

Megan não estava disposta a dar o braço a torcer.

— Mas é horrorosa! — disse diante da mulher, fazendo rir os homens e as mulheres que a recolhiam.

— Essa coisa feia foi Duncan quem encomendou?

— Sim — respondeu a mulher, muito digna, tossindo devido ao pó.

— Pois ele devia estar completamente bêbado — Megan disse, e de novo fez rir todos os presentes.

Menos Margaret. Irada por se sentir menosprezada, sendo que pretendia ser a senhora do castelo, a

mulher voltou ao ataque.

— Ele sempre lhe teve muito apreço, porque foi lady Marian e eu que a compramos.

Ouvindo isso, todos ficaram sem fala.

— Lady Marian? Ah, sim... — respondeu Megan, dissimulada.

Não queria dar a impressão de que não sabia nada dela — embora fosse verdade. E, sem pensar duas vezes, disse, conquistando a simpatia de todos os que estavam ali:

— Pois se foi ela que a comprou, mais uma razão para querê-la fora de minha vista. Levem-na para algum lugar onde eu não a veja novamente, ou podem queimá-la.

Margaret, atônita diante daquela decisão, gritou:

— Deveria perguntar antes de tomar decisões!

Isso foi um desafio a Megan, que se postando diante da mulher, sibilou:

— Sinceramente, Margaret, duvido que, deva lhe perguntar alguma coisa, visto que a senhora deste castelo sou eu.

Cortou-a de tal forma que Margaret não sabia o que responder.

A humilhação que Margaret sentiu nesse momento foi tanta que, sem dizer nada, saiu espavorida do salão, deixando Megan terrivelmente confusa e sem saber se o que havia acabado de fazer estava certo ou errado.

Naquela noite, quando Marlob apareceu e Megan lhe contou o que havia acontecido, ele caiu na gargalhada, elogiando-a pelo bom gosto de ter tirado aquela coisa horrorosa do salão. Essas palavras a deixaram mais tranquila. Saber que Marlob não dava importância àquilo

a fez intuir que Duncan também não se incomodaria.

No fim da noite, tendo sentido muito a ausência de Duncan, ela adormeceu, exausta. Até que sentiu alguém a chacoalhando para acordá-la.

— O que está acontecendo? — perguntou, mal-humorada pelos chacoalhões.

— Milady, acorde.

Era a voz de Sarah, que chorava, assustada.

— Acorde, por favor.

— Está bem — assentiu ao notar a angústia de Sarah. — O que aconteceu?

Sarah, histérica, falou:

— Uns homens estão mantendo o velho Marlob no salão — disse, chorosa. — Entraram de madrugada, capturaram as sentinelas, e estão destruindo o castelo.

— Como?! — gritou Megan, acordando de vez. — E onde estão nossos homens?

— Alguns foram com seu marido, e o resto está, em suas casas, descansando — disse Sarah retorcendo as mãos. — O problema é que esses homens tomaram os postos das sentinelas, e estão mandando constantemente os sinais necessários para que a guarda da aldeia continue tranquila.

— Temos que fazer algo para avisá-los — sussurrou Megan, pensando no que fazer. — Onde está Zac?

— Em seu quarto, dormindo.

— Por todos os santos, Sarah! — exclamou Megan, levantando-se da cama com o cabelo revirado e vestindo um roupão azul. — Não sei o que fazer!

— Oh, Deus — gemeu a criada, nervosa. — Eles vão matar a todos nós.

Amarrando com força o cinto do roupão, Megan disse.

— Marlob não consentiria.

— Milady, escutei um desses homens perguntar por você.

Olhando-a com rapidez, Megan perguntou:

— Por mim?

— Sim — assentiu a moça, assustada. — Aquele sem-vergonha disse: “Onde está a morena que matou meu irmão e feriu um dos meus homens?”. E, pelo pouco que os ouvi gritar, esses homens devem conhecê-la de algum ataque após o casamento.

Megan, afastando o cabelo do rosto, assentiu.

— Creio que sei quem são — respondeu ao recordar os homens que os haviam atacado quando estavam na tenda de Lolach.

Sem perder tempo, pegou sua espada.

— Quantos são?

— Eu vi uns vinte, e tenho medo de que matem o velho Marlob.

— Eu sei como sair sem que ninguém me veja — disse de súbito Zac, atrás delas.

— Zac, meu tesouro! — Megan correu para abraçá-lo. — Que faz acordado?

— Ouvi barulho e me levantei — confessou ele, olhando-as com impaciência. — Ouviram? Eu sei

como sair sem ser visto.

— Como? — perguntou Megan.

— Marlob me mostrou que atrás da tapeçaria do quarto dele existe uma câmara secreta — informou o menino com os olhos arregalados. — Ele disse que utilizava essa câmara quando precisava entrar ou sair com urgência no castelo para pegar a galera, em sua época de guerreiro.

— Aonde leva essa câmara secreta? — perguntou Sarah.

O menino, olhando para sua irmã, respondeu:

— Vai direto para o lago. Marlob me contou que, antes, sempre havia uma barca esperando-o para levá-lo até a galera.

— Mas agora não haverá nenhuma — sussurrou Megan. — Não pode ir. Nem pense nisso!

— Megan, escute — disse o menino, surpreendendo-as. — \ocê me ensinou a nadar, e posso sair sem ser

visto e ir até a aldeia para pedir ajuda.

— É uma ideia excelente! — gemeu Sarah, desesperada. — Milady, eu poderia acompanhá-lo, mas não sei nadar. Maldição!

— É muito pequeno para fazer isso sozinho — murmurou Megan, desconcertada diante da velocidade das coisas.

Prendeu uma adaga na coxa e escondeu outra embaixo da manga do roupão.

— Mas, se eu não fizer isso, eles matarão Marlob! — gritou o menino. — E o que acontecerá com você e com Sarah?

O menino tinha razão, e ambas sabiam disso.

— Milady — soluçou a criada ao ouvir algo se quebrar —, Zac é a única opção. Temos que confiar nele. Não nos resta muito tempo.

Megan, confusa, olhou para seu irmão e se deu conta de como estava crescendo rápido.

— Está bem — assentiu, e beijou seu irmão antes de sair pela porta prendendo o cabelo. — Confio em você, meu tesouro. Tome muito cuidado e traga logo os homens.

Sem dar tempo para que a hesitação a dominasse, Megan correu com cautela pelo corredor, enquanto Zac entrava sigilosamente no quarto de Marlob. Atrás da tapeçaria, encontrou a câmara secreta por onde escapar. Do salão subia o barulho de louça caindo no chão. Megan e Sarah correram até a escada e, assomando-se com cuidado por uma das pequenas janelas, viram um homem não mais alto que elas, de cabeleira ruiva, gritar com Marlob, que sangrava pela boca e o olhava caído no chão.

Um tremor familiar se apoderou do corpo de Megan. Ordenou a Sarah que permanecesse na escada e observasse pelas janelinhas. Começou a descer, até que chegou ao salão e, sem ser vista por eles, observou-os oculta pelas sombras.

— Maldito velho! — gritou um jovem de aspecto saudável que quebrou uma cadeira ao jogá-la na parede.

— Onde guarda o dinheiro e as joias?! — vociferou outro, que parecia ser o chefe do bando.

Diferentemente dos demais, esse estava sentado em frente a Marlob bebendo uma jarra de cerveja.

— Maldição, O'Malley! — bradou Marlob, enfurecido.

O sujeito gordo que Megan conhecia pôs o pé em cima dele.

— Acabei de dizer que meus netos é que cuidam dessas coisas. E sabe disso muito bem, trabalhou para nós por muitos anos.

— Chefe, mande trazer uma mulher! — gritou o gordo desdentado.

Isso fez o estômago de Megan se revirar.

— \erà como ele conta tudo rapidamente.

— Deixem as mulheres em paz, covardes! — gritou Marlob, enojado ao ver as intenções daqueles homens.

— Nós nos conhecemos há anos, tem razão — confirmou o chefe do bando —, e por isso sei que seus netos nunca esconderiam de você onde guardam o dinheiro. Acaso pensa que é coincidência que eles não estejam aqui? — E soltando uma gargalhada, prosseguiu, diante do olhar duro de Marlob: — Suas ovelhas estão bem, mas isso eles só saberão quando chegarem lá. E, a essa altura, eu já terei o que quero.

— E um maldito bastardo! — gritou Marlob, colérico. — E apodrecerá no inferno!

— Eu esperei pacientemente até que Duncan fosse capaz de se afastar daquela morena valorosa que tomou como esposa. Agora, decida: ou me dá o que peço, ou quando seu neto voltar o odiará pelo que faremos com ela.

Megan ficou arrepiada. Mais pelo velho que sangrava no chão do que por ela mesma.

— O'Malley! — protestou Marlob. — Diga ao burro que está com o pé em minhas costas que me deixe levantar.

Megan, horrorizada, observava sem saber realmente o que fazer.

— Chefe, devíamos matá-lo — protestou o gordo desdentado ao receber a ordem de tirar o pé.

Cambaleando, Marlob conseguiu se levantar.

— Dê-me uma espada! — gritou o velho, fraco por conta dos golpes que havia levado.

Os ladrões gargalharam.

— \elho — riu O'Malley diante do ancião fraco e pálido —, o que quer? Que o mate antes de desfrutar da mulher de seu neto?

Isso fez o sangue de Marlob gelar e sua raiva aumentar.

— Não a tocará! Nem nela nem em nenhuma outra — respondeu o velho, apoiando-se em uma mesa.

— Não quero menosprezá-lo, mas se você não vai impedir que eu faça o que quiser com suas mulheres, e se seus netos não estão aqui, quem vai defender essa honra que tanto empenhas em defender? — riu O'Malley.

E, aproximando-se de Marlob, deu-lhe um simples empurrão, fazendo-o cair para trás, diante das risadas dos bandidos e da impotência de Megan. Ela não pôde suportar mais.

— Eu, a neta dele, Megan McRae! — bradou ela com a espada na mão, atraindo a atenção de todos. — O que lhes parece?

Os homens cravaram seus olhares sujos nela, mas ela não se importou. Não estava disposta a permanecer impassível diante do que estavam fazendo com Marlob.

— Magnífico! — sussurrou O'Malley ao ver aquela morena espetacular de olhos pretos diante dele. — É um butim melhor do que eu pensava.

— O'Malley! — vociferou Marlob, incrédulo diante da valentia de Megan. — Se algo acontecer com minha neta, pode ter certeza de que Duncan e Niall não desistirão até acabar com você.

— Fique tranquilo, Marlob — disse ela ao velho, que mal podia respirar. — Sei o que estou fazendo. Confie em mim.

— Chefe, é ela! — gritou o gordo desdentado.

Ao ouvir aquela voz, Megan o reconheceu. Balducci!

— Não foi o bastante o que fiz com você? — disse ela apontando para o gordo, que ainda mancava.

Tentava não olhar para Marlob.

— Agora entendo por que Duncan não queria se afastar de você, doçura — sussurrou O'Malley. — É uma presa muito apetecível.

— Malditos! — exclamou Megan, cravando o olhar em O'Malley.

Marlob a observava com horror. Ela sozinha não poderia lutar contra aqueles três homens e todos

os outros que esperavam ah fora.

— O que Marlob está fazendo no chão?

— É ela, chefe! — insistia o gordo. — É a bruxa de cabelo preto que matou seu irmão! — E, olhando para Megan, gritou: — Este é Brendan O'Malley! \ocê matou o irmão dele, e ele veio para matá-la!

O'Malley a olhava com desejo. Aquela morena, vestindo aquele roupão e de espada em punho, era lindíssima.

— Levante Marlob do chão! — disse ela sem se intimidar.

— Doçura — respondeu O'Malley —, sua valentia me deixa sem palavras, mas o cachorro do Marlob vai ficar onde está.

— Eu não me chamo “doçura”! — advertiu Megan com cara de poucos amigos. — \ou dizer de outra forma. Se tem apreço pela vida, creio que deveria fazer o que peço. Eu o advirto, minha paciência não é muito grande.

— Chefe, não escute! — gritou o gordo desdentado com desprezo. — Ela não pode fazer nada. E uma mulher!

— Foi você quem pediu — sibilou Megan.

E fez um movimento com o braço para lançar uma das adagas que guardava na manga, que foi direto para a garganta daquele ladrão. Ele, surpreso, caiu para trás, enquanto o sangue saía aos borbotões por sua garganta.

— Por São Fergus! — gritou o jovem aproximando-se do gordo desdentado. — Essa puta o matou.

Megan, com olhar frio, sorriu.

— Repito: se têm apreço por sua vida — disse, diante da incredulidade de Marlob e O'Malley —, saiam deste castelo imediatamente.

— Não tão depressa, doçura — disse O'Malley, arrastando a última palavra, ciente de que aquela mulher não era como as outras. — Somos dois contra uma, e isso sem contar os homens que estão de vigia lá fora.

De súbito, ouviu-se um golpe seco. O jovem que momentos antes insultava e gritava caiu no chão, fazendo O'Malley pular também. Megan levantou rapidamente o olhar e sorriu para Sarah, que de uma das janelinhas da escada havia lançado, com todas as suas forças, uma pedra, que acertou a cabeça do ladrão.

Marlob observava Megan perplexo. Pela primeira vez sorriu. Mas seu sorriso se congelou em seus lábios quando viu O'Malley sacar a espada do cinto.

Ela riu diante desse novo desafio.

— Agora estamos quase em igualdade de condições — disse Megan.

Separando um pouco as pernas, distribuiu o peso de seu corpo e estendeu a espada em posição de combate.

— Vai lutar também, doçura? — riu O'Malley, tentando disfarçar, mas visivelmente espantado pelo desenrolar das coisas.

Afastando um cacho selvagem dos olhos, Megan olhou para Marlob e, pedindo-lhe calma com o olhar, disse:

— Por acaso tenho opção?

Assim que ela disse isso, O'Malley deu um grito e investiu contra ela. Isso fez o coração de Marlob quase parar. Mas Megan, que era hábil e rápida com a espada, soube rapidamente aparar o golpe e atacar.

O aço dos dois adversários se chocava sem parar; os dois se moviam por todo o salão. O'Malley, que já havia perdido o sorriso, observava petrificado como a mulher se defendia. Com raiva e força, o homem tentava acertar com o fio da espada qualquer parte do corpo dela. Mas Megan enfrentava os ataques com absoluta concentração.

— O'Malley, maldito covarde! — disse Marlob, horrorizado ao ver a dureza de seus ataques contra Megan. — Está lutando contra uma mulher!

O ruído das espadas se chocando era ensurdecador, e a força com que O'Malley golpeava fazia os braços dela tremerem em muitas ocasiões. Mas com um controle espetacular, ela conseguia mantê-los firmes para continuar atacando e se defendendo.

— Por todos os céus! — gritou O'Malley, incrédulo.

Ouviu gritos provindos de fora e viu Megan sorrir ao

intuir que seu irmão havia conseguido.

— \ou matá-la, mulher maldita. É uma verdadeira bruxa!

— Já me chamaram de coisas piores! — vociferou ela para se fazer ouvir acima do barulho do aço.

Megan sentiu que suas forças estavam chegando ao limite quando o bandido conseguiu feri-la no ombro. Com as poucas forças que lhe restavam, ela conseguiu repelir o ataque seguinte, fazendo as duas espadas voarem pelos ares; justo no momento em que Sarah aparecia no salão e dava outro golpe na cabeça do jovem, que parecia estar se recuperando. O'Malley, ao se ver sem sua espada, foi rápido e, lançando-se em cima de Megan, jogou-a no chão, onde ambos começaram a se socar. Ele conseguiu se sentar em cima dela, puxou sua adaga da bota, e sem lhe dar tempo de reagir, cravou-a no flanco dela. Megan sentiu um calafrio e uma vertigem horrível.

Ao ver isso, com o coração apertado e as poucas forças que lhe restavam, Marlob se arrastou até chegar a uma das espadas. Soltou um grito selvagem de cólera, levantou-se, e com toda a raiva que tinha dentro

de si, cravou o aço nas costas de O'Malley. O bandido, soltando um gemido, caiu para o lado.

— Oh, meu Deus! — exclamou Sarah, correndo para eles com o rosto banhado em lágrimas.

— Busque ajuda. Rápido! — ordenou Marlob, quase sem fôlego.

E, olhando para Megan, que permanecia imóvel e pálida, disse:

— Não se preocupe, minha menina. Já vamos cuidar de você.

O mundo ia pouco a pouco ficando nublado para Megan, e ela ouvia os sons cada vez mais e mais longe.

— Sim... sim... fique tranquilo — sussurrou ela, fraca e trêmula.

Nesse momento, a porta principal do castelo se abriu com um forte estrondo. Marlob percebeu que várias pessoas entravam apressadamente.

— Por todos os santos! — vociferou Duncan com um olhar assassino, de espada em punho, seguido por Niall, Ewen e Myles. — Que diabos aconteceu aqui?

— Rápido, Duncan, Niall! — chamou Marlob desesperado, indicando o sangue e a adaga cravada no flanco dela. — Megan está ferida!

Duncan ficou paralisado. Sua impotência era tão grande que o impedia até de se mexer. O primeiro a chegar a Megan foi Niall, que, soltando um grito de angústia, fez seu irmão voltar a si.

Zac, que entrava correndo, foi impedido pela mão forte de Ewen. Ele o tirou do salão sem se importar com os pontapés que o garoto lhe dava para que o soltasse.

Duncan, desesperado, aproximou-se de Megan e se ajoelhou diante dela.

— Vai ficar bem, querida — sussurrou, beijando-lhe a testa.

Com um estranho tremor, analisava o flanco de sua mulher, onde sobressaía a adaga.

Ao escutar sua voz, Megan tentou abrir os olhos, mas a dor era tão intensa que mal podia respirar.

— Dói muito — gemeu ela, com tal fraqueza na voz que Duncan pensou que ele morreria de medo.

— Eu sei, meu amor — respondeu angustiado. — Mas agora vamos cuidar de você.

Niall, arrasado vendo Megan tremer e o medo estampado nos olhos de seu irmão, pôs a mão no braço de Duncan e apontou para a adaga.

— Antes de levá-la, temos que tirar a adaga. Quer que eu faça isso?

— Não, eu farei — respondeu Duncan, fechando os olhos um instante para reunir coragem.

Megan estava gravemente ferida em seus braços, e isso o estava matando.

Tendo comprovado que a maldita adaga estava cravada entre as costelas de Megan, ele segurou a empunhadura com firmeza e, apesar do grito seco que ela deu ao notar o movimento, puxou-a sem nenhuma dificuldade. Rapidamente Sarah tampou a ferida com um pedaço de linho limpo. Jogando a adaga com raiva, Duncan beijou a testa de Megan e, com os olhos escurecidos de medo e a voz trêmula, sussurrou:

— Pronto, meu amor. Agora, vou carregá-la nos braços e vamos subir ao nosso quarto para tratar de você.

Com os olhos vidrados, Megan olhou para Marlob, que caiu em soluços quando ela sorriu. Com a respiração irregular, Megan olhou para Sarah, que entendeu quando ela, quase sem forças, sussurrou:

— Margaret não... Ela não.

— Não se preocupe, milady — assentiu Sarah. — Eu cuidarei de você. Ninguém mais a tocará, eu juro por minha vida.

Como se estivesse mergulhado em uma nuvem,

Duncan tentou ver uma expressão, um olhar na pálida tez de sua mulher. Centenas de garras dolorosas se cravavam nas profundezas de seu coração e alma. Com todo o cuidado do mundo, ele a pegou nos braços, sentindo a falta de vitalidade nela, e a levou diligentemente até o quarto. Várias mulheres do clã — dentre as quais não estava Margaret, pois Duncan não permitira — começaram a tratar de Megan.

Desesperado, ele se recusou a sair de seu lado, até que Niall e o padre Gowan o convenceram de que as mulheres precisavam de espaço para se movimentar e que ele estava só atrapalhando. Dando um beijo doce nos lábios inertes de Megan, ele saiu para o corredor onde estavam Marlob e Niall. Nesse dia eles compreenderam quanto Duncan amava aquela mulher maluca, e quanto precisava dela.

Capítulo 33

A noite chegou escura, triste e chuvosa, filtrando o odor de terra molhada nas pedras do castelo. Marlob, que mal havia se deixado tratar, esperava notícias com impaciência junto com seus netos, enquanto as tochas acesas iluminavam o corredor frio. Niall observava a rigidez nas costas de seu irmão, que, agachado com as mãos na cabeça, não havia se afastado um instante da porta, repetindo em murmúrios sem parar: “Não a tire de mim, por favor. Não a tire de mim”.

O tempo passava e as mulheres entravam e saíam com panos ensanguentados. Os guerreiros mais próximos, como Myles, Gelfrid e mais alguns, esperavam, sérios, com seu *laird* no corredor iluminado. De súbito, um forte trovão fez retumbar todas as pedras do castelo. Duncan sorriu.

— O que é tão engraçado? — perguntou Niall, espantado.

— Megan — respondeu Duncan, fechando os olhos.

— Ela sempre diz que noites com trovões e raios são as suas preferidas.

— Sério? — sorriu Niall, notando que até nisso ela era diferente.

— Sim — assentiu Duncan, enxugando disfarçadamente uma lágrima que rolava por seu rosto.

— Ela é tão valente que não teme nem a escuridão nem os trovões.

— Duncan — disse Marlob, tossindo, comovido por suas palavras —, essa moça é tão valente que é capaz de enfrentar até o Todo-Poderoso.

Com um sorriso cansado, o *highlander* assentiu.

— Ela tem caráter para isso — corroborou Niall, vendo o padre Gowan chegando.

— E loucura também — acrescentou Duncan sem olhar para eles. — Adoro a loucura dela.

De madrugada, a porta se abriu. Duncan deu um pulo quando as mulheres saíram do quarto.

— Meu *laird* — disse Sarah com um sorriso de satisfação nos lábios —, milady está perguntando pelo senhor.

Escutar essas palavras era o que Duncan mais desejava no mundo. Niall, sentindo seu irmão suspirar, abraçou-o.

— Irmão — sorriu Niall —, não a faça esperar.

— Claro que não! — sorriu Duncan.

E desapareceu pela porta.

Os *highlanders* sorriram.

— Mas ela está bem? — perguntou Marlob com os olhos marejados. — Ela está bem?

— Ela é jovem e se recuperará rápido — respondeu Margaret, que apareceu nas sombras, ainda contrariada por não lhe haverem permitido entrar com as mulheres.

— Senhor — sorriu Sarah com os olhos marejados —, milady me pediu que lhe agradeça em seu nome até que ela mesma o possa fazer.

Ouvindo isso, Marlob tomou as mãos da jovem criada e ambos choraram.

— Mas que bando de chorões! — debochou Niall. Empurrou todos para a escada, com o coração transbordante de alegria por saber que sua cunhada, a quem adorava, estava fora de perigo.

— Vamos todos chorar no salão para que Duncan e Megan possam descansar.

Duncan apoiou-se atrás da porta, de onde tentava ver sua mulher deitada na cama. Os reflexos do fogo da lareira iluminavam o quarto, e foram eles que o advertiram que Megan olhava para ele.

— Olá, Impaciente — sussurrou ele com voz rouca e um sorriso. — Como está, meu amor?

Pálida, com olheiras, ela respondeu retribuindo o sorriso:

— Bem, não se preocupe.

— Agora que está falando comigo, e estou com você, não me preocupo mais — sussurrou Duncan com a voz cheia de alívio, afastando-lhe o cabelo suado do rosto.

Depois de um pequeno silêncio carregado de emoção, foi ela quem falou.

— Está bravo comigo, não é? Com certeza pensa que eu não deveria ter saído deste quarto.

— Não, minha querida — sorriu ele com doçura, deitando-se ao seu lado.

Os trovões se ouviam mais distantes.

— Não posso ficar bravo com você, mas comigo sim. Como não me dei conta do que estava acontecendo? Como não cheguei antes?

Ao escutá-lo, Megan sorriu.

— Aproveite — brincou ela, fazendo-o rir —, e pergunte-se como não me ocorreu pedir a você para que não partisse, para o caso de que fôssemos atacados por O'Malley e não conseguisse chegar a tempo.

— Vai acabar comigo — disse ele, beijando-lhe a face com delicadeza. — Desde que me casei com você, minha vida é um constante sobressalto.

— Eu o adverti — murmurou ela, tomando-lhe a mão, sem forças.

— Você é incorrigível, respondona, impetuosa, impaciente, cabeça-dura, e às vezes, maravilhosa, sabia?

— Sim — assentiu ela, sonolenta ao lado dele. — Mas pode me recordar isso sempre.

Duncan passou parte da noite observando-a para aplacar seu medo. Pensar que algo pudesse acontecer a ela era uma tortura. Analisou várias vezes como havia caído na armadilha de O'Malley sem se dar conta. Como não havia suspeitado? A única resposta que encontrava era a de sempre: Megan. Estava tão absorto em suas feições, em seus sorrisos, que ignorava detalhes que antes esmiuçava ao máximo. Por fim, exausto, adormeceu ao lado dela, ciente de que sua vida nunca mais voltaria a ser como antes.

*

Sete dias depois, Megan não conseguia fazer que Duncan a deixasse sair do quarto. Ele a mantinha ali contra sua vontade e não lhe permitia fazer nada. Nos primeiros dias, foi divertido não fazer nada e dormir quanto quisesse, mas, à medida que seus ferimentos se curavam e ela recuperava as forças, a reclusão fazia seu sangue ferver.

— Quero sair, dar uma volta! — protestou como uma menina.

— Vai esperar até estar mais forte — respondeu Duncan, cansado de escutá-la.

— Por todos os santos, Duncan! — gritou ela. — Pretende me manter trancada aqui mais tempo?

— Sim — assentiu ele com suavidade, calçando as botas, sentado na cama.

— Nem pense nisso! — ameaçou ela, jogando-lhe uma escova de cabelo e acertando-o nas costas.
— Sairei daqui, você queira ou não.

Duncan olhou para ela sisudo, mas, ao ver sua expressão infantil, sorriu. Estava linda com aquele roupão de cor terra. Mas, por mais que protestasse, ele não lhe permitiria sair dali enquanto não tivesse certeza de que estava totalmente bem.

— Pretende acabar com minha paciência? — perguntou ele, esboçando um sorriso.

— E você? — respondeu ela com os braços cruzados. — Pretende acabar com a minha?

— Você não tem paciência — riu ele. — Acaso se

esqueceu?

— Você é um bruto insensível! — protestou Megan, horrorizada diante da perspectiva de passar mais um dia trancada no quarto. — E não ria, ou juro que jogo a cadeira na sua cabeça.

— Ah, isso significa que está melhor! — ele debochou. — Venha aqui, querida.

— Não estou com vontade — respondeu Megan, emburrada.

— Não é questão de vontade — Duncan sorriu, feliz por vê-la com as faces coradas, com a testa

franzida e o olhar desafiador. — Estou lhe dando uma ordem.

Isso a fez sorrir. Ele a fazia sorrir.

— Acha divertido me dar ordens, *highlander*? — sorriu ela ao vê-lo tão bonito à sua frente.

— O que acho divertido é você — admitiu ele, aproximando-se mais.

E fazendo-a cair para trás na cama, disse, antes de desamarrar-lhe o roupão e beijá-la:

— Gosto de você.

— Só gosta? — sussurrou ela, ansiosa por escutar as palavras que ele nunca dizia.

Olhando-a com aqueles olhos verdes como os prados da Escócia, ele sussurrou no ouvido dela:

— \ocê me diverte, me irrita, me desafia...

— Espero provocar mais sensações e necessidades, com o tempo — suspirou ela, decepcionada.

Ansioso para fazer amor com ela — coisa que ainda não devia —, disse, beijando-lhe o pescoço:

— A que se refere?

— Refiro-me a amor, a sentimentos.

— \ocê sabe que eu não acredito nisso — respondeu ele, sentindo seu próprio coração se rebelar. —
Acredito mais nas necessidades.

Ela semicerrou os olhos com raiva. Duncan sorriu.

— Está dizendo que, para você, sou como comer ou beber cerveja? — perguntou ela, incrédula.

— Digamos que sim — mentiu ele, sentindo-se cruel.

E, sem lhe dar tempo de responder, abraçou-a.

— Para mim é algo necessário em minha vida, porque adoro seu sorriso, divirto-me com seus comentários e seus desafios são deliciosos. Mas do que mais gosto é de nossas reconciliações, quando a beijo e me corresponde, e quando seus suspiros chegam a meus ouvidos e me enlouquecem de paixão.

Escutar sua voz insinuante e sentir seu corpo sobre o dela fez Megan estremecer dos pés à cabeça. Ele era tão bonito, tão varonil, que, em momentos como esse a excitação a deixava de boca seca e corpo mole. Ciente da proximidade de seu esposo, ela tentou atraí-lo para si,

mas ele resistiu, levantando-se.

— Pode ter certeza, minha esposa, de que minha vontade de você é maior que a sua — riu ele, contemplando a cara de desconcerto dela. — Mas, enquanto não estiver recuperada, não pretendo fazer nada de que possa me arrepender.

— Oh... é um animal! — gritou ela, irritada e satisfeita ao mesmo tempo. — Além de um bárbaro selvagem, um estúpido e um presunçoso.

— Sim, minha querida — assentiu Duncan, revirando os olhos. — Sou tudo o que quiser até que fique curada; mas depois... nunca mais me chame dessas coisas, porque pode ter certeza de que a farei pagar a língua.

— Que medo! — debochou ela, vendo-o abrir a porta para sair, com sua espada na mão.

— Agora, descanse — ordenou ele, sorrindo. — Daqui a pouco voltarei.

Quando ficou sozinha, Megan sorriu. Foi até a janela, onde esperou ver seu marido chegar ao pátio. Pouco depois, apareceram Niall e Gelfrid para treinar com suas respectivas espadas.

Com um sorriso maroto, ela amarrou o roupão com cuidado. Sem que ninguém se desse conta, foi até o quarto de Marlob. Entrou pela câmara secreta e, após serpear por vários túneis, chegou ao lago. Ali, sentou-se no chão, enquanto o ar agitava seu cabelo e acariciava seu rosto.

Enquanto contemplava a majestade daquelas águas, pensou no que Sarah havia lhe contado sobre o desespero e a dor de Duncan ao vê-la ferida. Ele a amava! Isso estava mais que claro, mas precisava ouvir isso de sua boca.

Depois de um tempo, decidiu voltar. Ao entrar de novo no quarto de Marlob, notou um quadro parcialmente escondido atrás de um armário. Com cuidado, aproximou-se e, ao tirá-lo, sentiu os pelos de seu corpo se arrepiarem quando comprovou que aqueles que estavam diante dela deviam ser Morgan e Judith, pais de Duncan. Ao lado deles, duas crianças, que ela reconheceu como sendo Niall e Duncan. E nos braços da mulher, um bebê, que devia ser Johanna. Ela examinou com atenção o rosto de todos eles. Duncan era exatamente igual a seu pai: os mesmos olhos profundos, porte idêntico, o mesmo cabelo. Ao observar Judith, chamou-lhe a atenção um lindo broche em forma de lágrima preso junto ao coração. Niall tinha o cabelo e a estrutura do pai, mas os olhos e o sorriso da mãe.

Depois de observar a tela durante um tempo, deixou-a onde estava e saiu daquele quarto para voltar ao seu, sorrindo ao pensar no que diria Duncan se soubesse

onde ela estivera.

Capítulo 34

Os dias se passaram. O episódio que haviam vivido com O'Malley parecia esquecido, mas todos o guardavam no coração.

Para Marlob, Megan passou de importante a essencial em sua vida.

Duncan deixou que Megan voltasse a seus afazeres habituais. Gostava de ver dia a dia os aldeões tomando-lhe mais carinho. Em várias ocasiões, quando as mulheres a encontravam na cozinha, diziam-lhe como seu *laird* ficara preocupado no dia em que a vira ferida. Megan gostava de escutar isso. Redobrava a confiança em que seu marido por fim a amasse. Mas Margaret, sempre que podia, fazia comentários como: “Ele sempre se preocupou com suas mulheres”. Inclusive, no dia em que ele lhe deu um colar de presente e ela o mostrou a todos com felicidade, Margaret comentou: “Duncan sempre foi muito generoso com suas companheiras”.

Esses comentários a feriam, mas Margaret parecia não notar — ou não queria notar. E gostava de lhe recordar que antes dela houvera outra mulher na vida de seu marido.

Zac, feliz com a recuperação da irmã, com o passar dos dias fez muitos amigos de sua idade. Apesar de algumas mulheres oporem resistência a que seus filhos falassem com aquele pequeno *sassenach*, no fim ele conseguiu o que queria: ser aceito e ter amigos. E então, começou a aprontar novamente.

Certa manhã, jogou uns troncos no lago, e ele e mais duas crianças se sentaram em cima e adentraram as águas. Duncan havia saído para caçar com Niall e vários homens, dentre os quais se encontrava Ewen. Enquanto isso, Megan escolhia os tecidos que usaria para confeccionar vestidos, pois precisava ampliar seu vestuário pessoal. O castelo permanecia tranquilo, até que vozes alarmadas de mulheres a fizeram correr para saber o que estava acontecendo.

— O que foi, Sarah? — perguntou ao ver a criada ir a seu encontro e várias mulheres falando em gaélico tão depressa que lhe era impossível entendê-las.

— Milady, seu irmão e os filhos de Fioma e Edwina estão no meio do lago.

— Como assim, no meio do lago? — rugiu Megan.

E ao ver as mães daquelas crianças, que a olhavam com cara feia, acrescentou:

— Não se preocupem, eu os tirarei dali.

Nesse momento, apareceu Margaret.

— O que as crianças estão fazendo ali? — exclamou, indignada.

Megan não soube o que dizer, e menos ainda quando as mulheres arremeteram contra ela.

— Se algo acontecer com meu filho, senhora — disse Fiorna, muito nervosa —, será culpa de seu

irmão. Meu filho nunca se aproximou do lago. Está proibido. Ele não sabe nadar.

— Fiorna, não é justo que diga isso à senhora — Sarah tentou mediar.

Mas os nervos das mulheres estavam à flor da pele.

— Cale-se, amiga dos *sassenachs!* — grunhiu Edwina, fora de si.

Isso atraiu o olhar de Megan. Ela viu a raiva nos olhos da mulher, e entendeu que, se algo acontecesse com aquelas crianças, ela seria a culpada.

— Não se preocupem — respondeu Megan.

Tentou se aproximar delas, mas elas desprezaram seu toque.

— Eu os tirarei imediatamente do lago.

Recolhendo a saia azulada com a mão, Megan correu, seguida por Sarah, Margaret e as outras duas mulheres. Ao chegar à margem do lago, viu seu irmão e as crianças, que brincavam sobre os troncos sem ter consciência do perigo que corriam.

— Vou chamar a guarda — disse Margaret. — Eles vão tirá-los dali.

— Não é preciso — disse Megan, afundando os pés no barro —, eu posso tirá-los.

— Duncan vai se aborrecer quando souber. A senhora do castelo não deve fazer essas coisas — censurou Margaret.

Farta de que todo o mundo a julgasse, Megan gritou:

— Escute, Margaret! — disse com raiva, enquanto Fiorna e Edwina as observavam. — Quem está ali é meu irmão, e as outras crianças não sabem nadar. Por isso, não vou esperar que a guarda venha para tirá-los enquanto eu fico aqui sem fazer nada. E se Duncan se aborrecer comigo, isso é problema meu, não seu.

— Muito bem... eu a adverti — as sentiu a mulher, contrariada, afastando-se para o lado.

— Zac! — gritou Megan, atraindo o olhar de seu irmão.

Ao ver a cara de sua irmã, o menino soube que havia se metido em uma bela confusão.

— Não se mexa até que eu chegue aí.

Nesse momento, as crianças se deram conta de onde estavam.

— Estou com medo! — gritou Ulsen, o menor dos três.

Ao ver sua mãe na margem, agarrou-se ao tronco e começou a tremer.

Sem perder um instante, Megan tirou a capa, o vestido e os sapatos, ficando só com a camisa de linho.

— Por todos os santos, que está fazendo? — escandalizou-se Margaret.

Megan, sem perder tempo nem para olhar para ela, respondeu:

— O que fiz minha vida toda. Tirar esse diabinho de confusões.

E, sem mais, pulou na água. Seu corpo estremeceu devido às águas frias do lago.

— Milady! — gritou Sarah. — Não sei nadar, mas diga-me o que posso fazer para ajudar.

— Seria bom se ficasse perto de mim na água enquanto der pé. Assim, poderei lhe passar as crianças para que as tire, sem que eu precise fazer várias viagens.

— Está bem — assentiu a moça, olhando com apreensão as águas escuras.

— Sarah — disse Megan, avançando no lago —, tire um pouco de roupa. Senão, não conseguirá se mexer

pelo peso.

Sarah, sem hesitar um só instante, tirou a roupa. Se ela pudesse ajudar sua senhora, ajudaria. Fiorna e Edwina, paralisadas de medo, observavam-nas.

— Estão em plena luz do dia! Sua atuação é indecorosa! — escandalizou-se Margaret. — \òu buscar peles. Irão necessitá-las quando saírem da água.

— Por São Fergus, que água fria! — queixou-se Sarah, observando com valentia seus pés, e depois seus joelhos, irem ficando debaixo d'água.

Quando não dava mais pé, Megan lançou-se na água e começou a nadar energicamente até chegar aos troncos que as crianças haviam utilizado para flutuar.

— Zac! — gritou para seu irmão, tentando puxar os troncos para a margem. — Prepare-se para o castigo que vou lhe dar. Como lhe ocorreu uma ideia dessas?

— Mas não aconteceu nada! — queixou-se o menino.

— Zac! — sibilou Megan com raiva, tremendo; o lago estava congelado. — Essas crianças não sabem nadar e se caírem na água podem se afogar. Em que confusão me meteu?

— Mas... — protestou o menino.

— Cale-se e não se mexa! — ordenou Megan, praguejando.

Amargem do lago estava se enchendo de mulheres.

— Agora, preciso que não se mexam. Tentarei levá-los em cima dos troncos até a margem. Não sabem nadar, não é?

As crianças, com exceção de Zac, negaram com a cabeça.

— Está bem. Se alguém cair na água, a primeira coisa a fazer é mexer as mãos e os pés e procurar um tronco para se agarrar, entendido?

Com toda a tranquilidade que pôde, Megan empurrou os troncos por alguns metros em direção à margem, onde as mulheres os esperavam. A operação parecia transcorrer tranquilamente, até que de súbito Ulsen se mexeu, os troncos se desnivelaram e os três caíram na água. Então, foi o caos, tanto na água quanto na margem, onde as mulheres começaram a gritar, histéricas.

Megan, ao ver que Zac tirava a cabeça da água e se agarrava ao tronco, olhou ao redor. Onde estavam os outros dois meninos? Nervosa, pegou fôlego e pôs a cabeça embaixo d'água, até que viu um dos meninos esperneando. Mergulhando, aproximou-se, pegou-o pelo cabelo e, levando-o à superfície, fez com que se segurasse no mesmo tronco que Zac. Dando um bom empurrão no tronco, fez que chegasse até Sarah, que com valentia havia entrado até os ombros na água. Sarah pegou a madeira com força e conseguiu levá-los até a margem. Fiorna abraçou seu filho, enquanto Edwina, sem respirar, olhava a quietude do lago.

Megan pegou fôlego e mergulhou de novo na água. Apesar de seus olhos arderem e seus pulmões parecerem querer explodir, ela nadou até localizar o menino. Fazendo um enorme esforço, pegou-o por baixo dos braços e o puxou com todas as suas energias, até que conseguiu chegar à superfície. Uma vez ali, comprovou que o menino estava inconsciente. Carregando-o nas costas, nadou com dificuldade, até que Sarah a pegou com força e a ajudou a sair. Edwina, ao ver seu filho quieto e azulado, nem se mexeu. O medo a paralisou de tal forma que ela parou de respirar. Megan, indiferente ao frio, a sua nudez e aos expectadores ao redor, deitou o menino em cima de sua capa e, recordando o que seu pai lhe havia ensinado, tampou-lhe o nariz e insuflou-lhe ar pela boca. Depois de vários movimentos iguais, Megan começou a fazer massagem no peito do menino. De súbito, ele cuspiu água e começou a chorar.

— Por todos os santos! — sussurrou Sarah, impressionada. — Como fez isso, milady?

— Edwina, Fiorna — sussurrou Megan, enrolando Ulsen em sua capa enquanto a mãe se abaixava para beijá-lo —, levem seus filhos para casa, deem a eles

caldos quentes e aqueçam-nos. Amanhã estarão ótimos.

E olhando para Sarah, que assim como ela estava meio nua e tremendo, sussurrou:

— Lembre-me, quando começar a época do calor, de ensinar as pessoas daqui a nadar. Não entendo como podem viver tão perto da água e não saber.

Morrendo de frio, mas com um sorriso triunfal nos lábios, Megan e Sarah foram com Zac para o castelo, sob os olhares de todos os que estavam ao redor.

— Milady! Sarah! — gritou Fiorna.

— Milady, espere um momento! — disse Edwina inesperadamente.

Sem dizer nada, tirou sua capa seca e cobriu Zac e Megan com ela. — Muito obrigada às duas — disse, olhando também para Sarah. — Estarei em dívida com vocês por toda minha vida.

— Tome, Sarah — sussurrou Fiorna, pondo-lhe sua capa. — Se não se cobrir, vai congelar antes de chegar ao castelo.

E, voltando-se para Megan:

— Graças à valentia de ambas, nossos filhos estão a salvo. Obrigada.

Com um sorriso, as mulheres se entreolharam e assentiram. E sem precisar dizer mais nada, todas voltaram para seus lares.

— Milady — sussurrou Sarah ao entrar no castelo —, creio que por fim conseguiu amigas.

— Sim, e também um belo resfriado — respondeu ela, fazendo Sarah rir.

Margaret mandou levarem uma banheira ao quarto de Megan. Quando a mulher desfrutava de um bom banho quente, a porta do dormitório se abriu de supetão. Atrás dela apareceu Duncan, com uma expressão que pressagiava tudo, menos bom humor.

— Por favor, feche a porta — murmurou Megan ao sentir entrar uma corrente de ar.

— Não entendo! — gritou ele, plantado diante dela. — Eu me afasto de você e, quando volto, tenho que ouvir que minha mulher já aprontou mais uma das suas. Que ideia foi essa de entrar no lago sozinha? E, especialmente, que ideia foi essa de tirar a roupa em plena luz do dia?

— Meu irmão e duas crianças precisavam de ajuda — respondeu Megan, mergulhada na banheira. — Duncan, se eu entrasse com a capa, o vestido, os sapatos e o resto, o peso da roupa teria me feito afundar. O que pretende? Que eu veja meu irmão em perigo e não o resgate? Ou que seja idiota e entre com roupa e me afogue?

— Nunca mais diga isso! Eu só pretendo que peça ajuda quando necessitar. Algum dos meus homens poderia ter entrado no lago atrás das crianças. Não você sozinha, e seminua, como fez! Não percebe que agora é a senhora de Eilean Donan e que não pode se despir como se nada fosse?

— Não pensei nisso — as sentiu ela, recordando as palavras de Margaret. — Mas, de verdade, não tive tempo de avisar ninguém.

Furioso, o *highlander* deu um tapa na lareira e gritou:

— Não pensei... não pensei! — imitou-a, fazendo o sangue de Megan ferver. — Quando é que vai usar a cabeça? Talvez eu tenha que começar a pensar que só a tem para ostentar esse maravilhoso cabelo azulado. Mas, se esse for o caso, minha decepção será enorme.

— Um cabelo azulado que adora, lembre-se! — Megan tentou brincar para fazê-lo rir, mas conseguiu o contrário.

— Sem dúvida, seu cabelo é a única coisa que não me decepcionou — respondeu ele com amargura. — Porque, sinceramente, de outras coisas não posso dizer o mesmo. No fim, serei obrigado a pensar que é como todas. Uma mulher vulgar que adora se despir na presença dos outros!

— Maldito seja, Duncan McRae! Por que me insulta assim?! — gritou Megan, levantando-se da banheira bruscamente, sem se dar conta do maravilhoso espetáculo que estava oferecendo a seu marido.

Por alguns instantes ele ficou sem fala.

— Quer fazer o favor de parar de me olhar, babando como um cachorro no cio?!

— Recorde, esposa! — exclamou ele, afastando os olhos dela. — A prudência ao falar a engrandecerá. Especialmente porque uma mulher decente sabe medir suas palavras.

— Vá para o diabo, você e sua decência! — exclamou Megan, saindo da banheira e jogando com força o sabão nele.

Duncan o pegou no ar.

— Pretendo ensiná-la a me respeitar, nem que seja a última coisa que eu faça nesta vida — grunhiu ele, jogando o sabão de volta na banheira.

Megan, mal-humorada, vestiu o roupão.

— Oh... acaso com suas palavras quer dizer que tenho que ter medo de você, meu senhor?

— Megan — sussurrou Duncan, tentando controlar os instintos assassinos que sua mulher às vezes lhe provocava quando o olhava com aqueles olhos desafiadores —, devia ter medo de mim e aprender a calar-se quando me vê assim.

— Pois sinto muito, meu esposo — respondeu

Megan, dando-lhe as costas para pegar sua camisa de linho para dormir. — Não pretendo nem o temer nem me calar. Nem agora nem nunca!

Duncan amaldiçoou. Quando Megan ficava assim, não a suportava.

— Agradeça porque amanhã parto em viagem — sibilou ele, aproximando-se —, e ficarei fora o suficiente para que meu mau humor se aplaque, porque senão pagaria caro por tudo o que está dizendo.

“Oh, não... não quero que viaje”, pensou ela. Mas gritou:

— Como? Amanhã viaja?! Desde quando sabe que vai viajar? Por que não me disse nada?

— Faz perguntas demais, mulher — disse Duncan com amargura ao ver o desconcerto nos olhos dela.

Sentia-se culpado por não lhe ter dito, dias atrás, que teria que partir para uma reunião com Robert de Bruce.

— Não pretendo responder, porque sou um animal que a olha como um cachorro no cio, e porque não estou com vontade de responder para uma bruxa boca dura como você.

Essas palavras duras feriram o coração de Megan, que gritou:

— Saia de meu quarto agora mesmo! Estúpido arrogante! Por que está tão bravo comigo?

— Como? — riu ele.

E, plantado diante dela, sussurrou:

— Se alguém vai sair deste quarto, será você, não eu. Não esqueça que estou em minha casa e em meu quarto.

Isso feriu a alma de Megan. O desprezo de Duncan partiu-lhe o coração.

— Está bem — aceitou ela, pondo uma capa de pele em cima do roupão e dirigindo-se à porta. — Eu vou!

— E o mais sensato que ouvi de sua boca esta noite — murmurou ele, sentando-se na cama e levantando um pé para tirar a bota.

Após olhá-lo com raiva, Megan empurrou a porta. Sem dizer mais nada, saiu do quarto batendo a porta. Duncan, mal-humorado, amaldiçoou, jogando a bota na parede. Quando lhe haviam contado que Megan entrara no lago, seu coração se apertara, e por alguns momentos voltaram-lhe as terríveis recordações da morte de sua irmã, Johanna. Tentando esquecer a morte dela, Duncan se despiu e aproveitou para se lavar na banheira que sua esposa havia usado, enquanto amaldiçoava por ter se deixado levar pela fúria.

Com o cabelo encharcado e seminua, Megan perambulava pelo castelo. Cruzou com vários guerreiros, que a saudaram com gentileza, enquanto ela, com um sorriso triste, apertava a pele contra seu corpo. Ao passar pelo quarto de Marlob, ouviu vozes. Aproximando-se com cuidado, abriu uma frestinha, e o que viu a deixou perplexa: Margaret, nua na cama, rindo ao lado do velho, que neste momento bebia alguma coisa de uma xícara. Com o mesmo cuidado, fechou a porta e, confusa pela briga com seu marido e pelo que havia acabado de ver, decidiu subir até as ameias. Com certeza ali ninguém a incomodaria durante um bom tempo.

Uma vez lá em cima, encontrou um canto escuro onde descansar, e se sentou com fingida tranquilidade para pensar no que fazer.

Pouco depois, risos voltaram a atrair sua atenção. Eram Sarah e um guerreiro chamado Thayer. Escondendo-se o melhor que pôde, ela os ouviu rir e brincar enquanto se beijavam. Constrangida diante do que estava presenciando, assomou com cuidado duas vezes com intenção de sair dali, mas Sarah a viu. E com a mesma celeridade com que haviam chegado, os dois se foram, deixando Megan sozinha nas ameias.

Até que Sarah voltou.

— Milady — sussurrou, agachando-se ao seu lado. — Que está fazendo aqui? Por que não está em seu quarto?

Com fingida indiferença, Megan sorriu e disse:

— Quis tomar um pouco de ar.

respondeu Sarah,

— Não acredito, milady —

sentando-se ao seu lado. — Thayer me disse que seu marido ficou muito bravo quando soube o que aconteceu esta tarde no lago. Por isso está aqui?

— Sim — reconheceu Megan.

Sentia necessidade de desabafar com alguém.

— Ele me acusou de me despir em público, de não saber me comportar, de não ter cabeça e de uma infinidade de coisas que prefiro não recordar. Por que ele ficou tão bravo comigo? Não entendo.

— Eu creio — disse Sarah, vendo a preocupação nos olhos de sua senhora — que ainda lhe dói recordar a morte de sua irmã.

— O que sua irmã tem a ver comigo? — perguntou Megan ao recordar que Duncan algumas vezes já havia comentado de sua falecida irmã Johanna.

— Ela morreu afogada no lago.

Ouvindo isso, Megan suspirou. Isso explicava tudo... ou quase tudo.

— Por todos os santos, Sarah! — sussurrou Megan, entendendo a cólera de seu marido.

— Aconteceu há dois anos, e juro, milady, que pensei que o velho Marlob ia morrer de tristeza — disse Sarah. — Nunca esquecerei o desespero de seus irmãos quando chegaram e souberam do acontecido. Foi terrível.

Com a mão, Sarah enxugou uma lágrima que corria por sua face. Recordar Johanna ainda lhe doía, mas Megan precisava saber, por isso lhe perguntou:

— Sarah... o que aconteceu?

— Johanna fez 18 anos, e comemoramos, apesar de seus irmãos e mais da metade dos guerreiros não estarem. Foi uma noite divertida. Todos dançamos e cantamos; Marlob e Johanna riam, felizes. Nesse dia, Johanna ganhou um presente muito especial de Marlob. Ele lhe deu o broche do amor, que anos antes havia pertencido a Bridgid, avó de vosso esposo. Na manhã seguinte, Johanna apareceu morta boiando nas águas do lago, vestida como na noite de seu aniversário, mas sem o broche do amor. Ninguém viu nada, nem ouviu nada. Realmente, não sabemos o que aconteceu.

— Que história terrível! — sussurrou Megan, comovida. — Não quero nem pensar no sofrimento de Marlob.

— Para ele foi terrível, milady. Johanna era sua menina e sua felicidade. Uma felicidade que ele perdeu, mas que você a devolveu.

Após um breve silêncio carregado de emoção, Megan perguntou:

— O que é o broche do amor?

— O broche do amor é uma joia de valor incalculável que pertence à família McRae e que vai passando de geração em geração pelas mulheres da família. Como o velho Marlob era filho único, sua mãe deixou-lhe o legado. Quando ele se casou com Bridgid, ele o deu de presente a ela. Até que Morgan, o único filho que tiveram, se casou com Judith. Após a morte repentina dela, o broche voltou para Marlob, que o manteve guardado até dá-lo de presente a Johanna, em seu décimo oitavo aniversário. Mas, após a trágica morte de Johanna, o broche se perdeu e não se soube mais dele.

Ao terminar a narração, Sarah observou Megan, que com um olhar estranho escutava enquanto pensava: “Margaret tem um broche escondido no baú”.

— O que foi, milady?

— Oh... nada — respondeu Megan.

Não podia acusar ninguém de algo tão horrível. Tentou mudar de assunto.

— Estou pensando em Duncan.

— Não fique aborrecida com seu marido; tente entender sua angústia quando soube que você havia entrado no lago que tirou a vida de sua irmã. \erà que dentro de alguns dias, quando eles voltarem de Inverness, todo seu mau humor terá passado.

Escutar isso deixou Megan tensa e, cravando seus olhos pretos na moça, perguntou:

— Desde quando sabe que eles irão a Inverness?

— Todos sabemos há alguns dias.

— Todos menos eu! — suspirou Megan, sentindo-se uma tonta diante das poucas coisas que Duncan lhe permitia saber de sua intimidade. — Sarah, se lhe perguntar por uma tal de Marian, saberia me dizer algo dela?

— Oh... sim.

Sarah sorriu com raiva ao recordar aquela caprichosa de cabelo louro que constantemente lhes dava ordens.

— Ela teve um romance com seu marido, mas não deve ter acabado muito bem. A única coisa que posso lhe dizer é que, após terminar com essa mulher odiosa, o caráter de seu marido ficou bastante azedo. Até que você chegou.

Ouvindo o pouco que a criada lhe contava, sem saber por quê, perguntou:

— Sarah, há algo mais que eu não sei e que deveria saber?

A criada hesitou, mas o olhar de sua senhora a fez dizer:

— Sim, mas...

— Diga! — exigiu Megan, tomando-lhe a mão. — Por favor! Não me importa o que seja, preciso saber tudo o que aconteceu neste castelo. Não se preocupe, eu nunca direi que você me contou.

Suspirando, Sarah decidiu explicar tudo.

— Milady, a raiva consome Margaret por dentro, mas o autocontrole dela lhe permite guardar zelosamente seus sentimentos. Quando seu marido descobriu o que acontecia com Marlob, todos ficamos sabendo que Margaret antes havia esquentado a cama de *laird* Duncan McRae.

Isso deixou Megan gelada.

— Como?

— Lamento lhe dizer isso, milady — murmurou a criada. — Quando seu marido soube que ela se deitava com seu avô, foi uma grande confusão. Não porque seu marido a reclamasse para si, e sim porque *laird* McRae a acusou de aquecer a cama dos dois com fins nada aceitáveis. A partir desse momento, ele sempre tentou fazer com que ela fosse embora do castelo, mas o velho Marlob se recusa a permitir que Margaret abandone seu leito.

A criada gemeu ao ver o rosto de sua senhora. Mas Megan, recompondo-se da informação, olhou-a e, esboçando um sorriso, disse:

— Obrigada, Sarah. Agora entendo muitas coisas.

— Há pouco — continuou Sarah, atormentada pelo que havia contado —, Thayer me contou que, quando chegaram, Margaret estava no salão com várias mulheres do clã. Quando seu marido entrou, ela incitou algumas mulheres a reclamar de nossa indecência.

— Que bruxa! Ela está querendo provocar discussão entre mim e meu marido — disse Megan ao recordar os duros comentários que a mulher havia feito. — Mas não lhe darei essa satisfação.

— Claro que não, milady — afirmou a moça. E recordando algo, disse: — Quando estava subindo aqui para as ameias, cruzei com ela na escada.

— Agora há pouco, eu a vi na cama com Marlob — sussurrou Megan. — Talvez agora possamos pegar o que necessitamos!

Ambas desceram com cautela a escada. Quando chegaram diante do quarto de Marlob, Megan abriu a porta. Ao se certificar de que o velho estava dormido, entraram. Megan pegou a xícara que estava no chão com restos de ervas.

— Se a levarmos — sussurrou Megan, agachada ao lado de Sarah —, ela notará.

— Não se preocupe com isso — respondeu a criada, abrindo uma pequena arca. — Porei esta no lugar. Guardo sempre uma xícara de reserva aqui, caso uma se quebre.

— Ótimo! — sorriu Megan, vertendo parte das sobras na xícara limpa. — Vamos levar parte da

beberagem para

que ela não note a diferença quando venha buscá-la.

Quando se encaminhavam para a porta, Megan olhou para o armário e viu que o quadro continuava ah. Mas não era hora de olhar para ele. Depois voltaria para tentar esclarecer a dúvida que estava dentro dela.

Uma vez fora do quarto, ambas respiraram com tranquilidade. Megan guardou a xícara no bolso de seu roupão.

— Sarah, posso lhe pedir outro favor?

— Claro, milady — sorriu Sarah com cumplicidade.

Ajeitando a capa sobre o corpo, Megan disse:

— Quero que a partir de agora seja minha dama de companhia e que me chame pelo nome, Megan.

— Oh, meu Deus! — sussurrou Sarah, encantada. — Será um prazer, milady.

— Megan — corrigiu, tomando-lhe as mãos. — Amanhã conversaremos. Vamos voltar para o quarto, não quero que essa bruxa nos veja por aqui.

Quando chegou à porta de seu próprio quarto, Megan abriu-a com firmeza. Ah estava Duncan, recostado na banheira com os olhos fechados. Ao notar sua presença, ele se surpreendeu e, apesar da alegria que seu corpo experimentou ao vê-la, sua irritação o impediu de sorrir.

— Esposa, decidiu voltar a meu quarto?

Megan desejou atirar-lhe a xícara na cabeça, mas se

conteve. Não era o momento.

— Sim, meu senhor — assentiu ela.

E sem lhe dar atenção, foi até a cômoda de carvalho entalhado, guardou a xícara em uma gaveta e pegou um dos pentes. Sentando-se junto à janela, começou a se pentear.

— Lembrei que o que mais gosta em mim é o cabelo, e não queria que estragasse por não o pentear depois do banho.

Durante um bom tempo ambos ficaram calados, mergulhados em seus próprios pensamentos. Duncan, sem se voltar, podia ver sua mulher refletida em um dos espelhos em frente a ele. Viu a delicadeza com que ela desembaraçava aquele cabelo maravilhoso, e sorriu quando, com paciência, ela começou a trançá-lo, com tal deleite que Duncan desejou ser uma trança para que ela o tocasse com tanta suavidade.

— Boa noite, meu senhor — disse ela, sobressaltando-o ao ver que ela entrava na cama e ficava tão perto da borda que com um simples movimento cairia no chão frio.

— Preciso lhe recordar que meu nome é Duncan? — murmurou ele, levantando-se da banheira para pegar um roupão e se secar com movimentos enérgicos.

— Oh, não, meu esposo — respondeu ela ao sentir que ele caminhava para a cama. — Sei perfeitamente seu nome.

— Preciso descansar — disse ele com voz rouca.

Sentou-se na cama, e a seguir, reclinando-se,

começou a dar explicações:

— Meus homens e eu sairemos bem cedo para Inverness e...

Ela, incomodada com aquilo, cortou a conversa.

— Descanse, meu esposo, necessitará — sussurrou Megan, segurando-se na beirada da cama para não rolar para seu marido, devido ao peso dele.

Ele a olhava taciturno, por seu comportamento estranho.

— Voltarei o mais breve possível — disse ele, contemplando as costas de sua mulher com a esperança de que ela se voltasse para olhá-lo.

— Não tenha pressa em voltar, meu senhor — respondeu ela, desconcertando-o, fazendo esforço para não rir.

Apesar de estar furiosa, ela notava a indignação do homem crescer pelos bufos que ouvia.

— Eu me chamo Duncan! — insistiu, cada vez mais irritado.

Ele a conhecia, e sabia que ela o chamava assim para irritá-lo.

— Eu sei — assentiu Megan, levantando a palma da mão para lhe dar uns tapinhas doces no flanco. — Tem um nome muito bonito.

— Megan — murmurou Duncan com voz rouca, acariciando-lhe as costas por cima da fina camisa de linho.

Ela fazia grandes esforços para não se deixar cair amorosamente em seus braços.

— Desculpe por ter gritado com você, mas há certas coisas que ainda desconhece. Na volta lhe contarei.

— Está bem — respondeu ela, mordendo o lábio.

Ele estava falando de Johanna, e talvez de outras coisas mais.

— Agora durma, meu senhor. Terá uma longa viagem pela frente.

— Se voltar a me chamar de “meu senhor”... — grunhiu ele, aproximando-se mais dela —, terá um grande problema!

— Está bem, meu esposo — acrescentou ela, fechando os olhos à espera do bufo dele.

Mas, em vez disso, ouviu-o respirar com resignação quando disse:

— Boa noite.

— Boa noite — respondeu ele mal-humorado.

Durante um tempo ele esperou, mas, ao ver que ela não se mexia, aproximou a boca do ouvido de sua mulher e sussurrou:

— Vou sentir sua falta a cada instante, a cada momento do dia, porque você se transformou no sol que ilumina minha vida.

“Eu o amo, meu amor”, pensou ela. Mas incapaz de dizer, respondeu:

— Eu também vou sentir sua falta.

E se virou para olhá-lo com desejo depois de escutar essa maravilhosa declaração de amor. Não eram as palavras que ela queria ouvir, mas nesse momento bastavam. Colando-se a ele, sussurrou, sentindo-o estremecer:

— E, por isso, quero beijá-lo e ser beijada, amá-lo e ser amada, porque precisarei sentir sua recordação em mim até que volte.

E ditas essas palavras doces e ternas, amaram-se com a paixão e o anseio dos apaixonados que sabem que precisam se despedir.

Capítulo 35

Duncan acordou com as primeiras luzes do amanhecer. Sorriu quando encontrou Megan aconchegada ao seu lado, dormindo tranquilamente. Depois de observá-la por alguns instantes, maravilhado diante do quanto adorava aquela mulher, levantou-se da cama para se vestir. Mais tarde, aproximou-se e a beijou com doçura, primeiro a testa, depois os lábios, e por último o cabelo. Quis contemplá-la mais uma vez antes de se juntar a seus homens.

Megan, que não conseguira descansar muito essa noite, fingiu dormir quando Duncan primeiro a observou e mais tarde a beijou. Mas, assim que a porta se fechou e ela deixou de ouvir seus passos, sentiu um nó no estômago de nervosismo, tão forte que quase começou a chorar. Em vez disso, levantou-se. Oculta pelas sombras da tapeçaria pendurada na janela, observou os homens se reunindo e fazendo brincadeiras. Consumida pela dor da despedida, viu seu marido se despedir de Marlob e cruzar a ponte de pedra até desaparecer de sua vista. Nesse momento, a porta se abriu e apareceu Sarah, que, ao ver os olhos tristes de sua senhora, correu para abraçá-la.

Durante vários dias Megan investigou e estudou as ervas que a xícara de Marlob continha. Conforme ia descartando algumas, ia notando que o problema que tinha diante de si era maior do que ela havia imaginado de início. Quando teve certeza de quais ervas eram, quase desmaiou. Margaret estava pouco a pouco envenenando Marlob! Mas com que fim? De início, decidiu não dizer nada até que Duncan e Niall voltassem. Mas e se quando voltassem fosse tarde demais para Marlob?

Tentando se acalmar, naquela manhã ela desceu ao salão e encontrou Zac e Marlob jogando um jogo estranho com pedras que o velho havia lhe ensinado. Com desconfiança, olhou ao redor e viu vários criados limpando o lugar, até que seus olhos encontraram o que buscava. Ah estava Margaret, sentada ao lado da grande lareira do salão, costurando tranquilamente. Víbora! Teve vontade de gritar e arrastá-la pelos cabelos. Como podia ser tão harpia? E, acima de tudo, como podia estar fazendo aquilo com Marlob?

Voltando-se rapidamente, controlou seus instintos,

olhando para o velho.

— Marlob — disse, aproximando-se dele —, podemos falar um instante a sós?

— Claro que sim — ele assentiu.

E olhando para Zac, ele disse, apontando-lhe o dedo:

— Pense em sua jogada enquanto falo com sua irmã, amigo.

Ele seguiu Megan até a janela esquerda do salão.

— Pois não, mocinha. O que quer falar comigo?

— Queria pedir sua aprovação para realizar algumas mudanças no castelo.

— Você é a senhora agora — disse ele, tossindo.

Megan notou que Margaret os observava.

— Tudo o que fizer me parecerá ótimo — ele completou.

— As mudanças serão em todos os níveis — disse ao ver o velho parar de tossir. — Tanto na arrumação quanto na criadagem.

— Pretende derrubar algum muro, moça? — brincou ele, fazendo-a rir —, porque, se assim for, creio que é melhor que Duncan esteja presente. Eu adoro meu neto, mas, quando ele se irrita, a Escócia treme.

— Não, fique tranquilo — respondeu Megan, sorrindo. — As mudanças serão para melhorar o entorno. Mas tenho que advertir o senhor que talvez as mudanças na criadagem não lhe agradem muito. Por isso, gostaria que escutasse o que vou falar com os criados quando os reunir, mas sem que ninguém o veja.

Marlob estranhou.

— Está acontecendo alguma coisa, mocinha? — perguntou ele, franzindo a testa.

— Descobri certas coisas que creio que não lhe agradarão; mas, para que o senhor mesmo possa escutar, preciso que esteja escondido enquanto falo com eles — explicou ela a Marlob.

Ele a olhou intensamente durante alguns instantes.

— Preciso que confie em mim. Não quero antecipar nada até que escute o que tenho a dizer. Por favor!

O velho, intuindo que aquilo era importante, assentiu.

— Talvez eu me arrependa, mas... estou de acordo.

Megan quase pulou de alegria, mas não era hora nem

lugar.

— Um último favor, Marlob — disse ela enquanto voltavam para a mesa onde Zac olhava as pedras.

— Não comente absolutamente com ninguém nossa conversa.

O velho assentiu e se sentou com Zac de novo. Megan, decidida, deu ordem a Sarah para que espalhasse a notícia de que ela, Megan McRae, senhora do castelo, queria falar com todos os criados naquela tarde depois do almoço. Sem dizer nada a ninguém, foi em busca do padre Gowan, que, depois de falar com ela, lhe assegurou que estaria sentado ao lado de Marlob.

Depois do almoço, a criadagem foi chegando ao salão, de início atemorizada, sem entender quais seriam as mudanças que a nova senhora queria fazer. Megan esperou com paciência até que Sarah confirmou que quase todos haviam chegado.

— Estão todos presente? Falta chegar alguém? — perguntou Megan jovialmente.

Com uma pena, anotava os nomes de todos eles e suas responsabilidades.

— Todos que trabalham no castelo estão aqui, senhora — as sentiu um homem de meia-idade chamado Ileon.

— Não estou vendo Margaret — disse Megan, advertindo a surpresa no rosto de todos. — Ela foi avisada?

— Milady, eu a vi no salão e mais tarde no jardim e na cozinha — murmurou Edwina —, mas não sabia que desejava que a avisasse.

— Ela também deve estar aqui — respondeu Megan.

Olhando para Sarah, que já sabia o que devia fazer,

disse:

— Sarah, poderia fazer a gentileza de ir buscar Margaret para que participe da reunião?

— Evidentemente, milady — assentiu Sarah.

E saiu em busca da mulher, enquanto os demais murmuravam, e Megan, nervosa, rabiscava no papel.

Instantes depois, Sarah entrava com um meio-sorriso, seguida por Margaret, que olhou todos com curiosidade.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ao ver toda a criadagem do castelo ah reunida.

— Quero fazer algumas mudanças — respondeu Megan tranquilamente, recostada em sua cadeira —, e convoquei toda a criadagem.

— Oh... que ideia... — limitou-se a dizer Margaret.

Com espontaneidade, ela pegou uma cadeira para se

sentar ao lado de Megan.

— Acho uma ótima ideia. Algumas mudanças sempre fazem bem aos criados.

Megan ficou olhando para ela com fingida surpresa.

— Se não se importar — disse, para indignação da mulher —, prefiro que se sente com eles em frente a mim. Assim, poderei olhar para todos.

— Claro, milady, evidentemente — disse Margaret, não de muito boa vontade.

E se sentou ao lado de Sarah.

Nesse momento, Megan se levantou, encaminhou-se para a porta e disse:

— Oh... com hcença um instante. Esqueci uma coisa.

— E olhando para todos, ordenou: — Ninguém saia daqui até eu voltar.

— Não se preocupe, milady — assentiu Sarah, que era a única que sabia aonde ela ia.

Com rapidez, Megan desceu a escada e chegou ao quarto de Margaret. Procurou no bolso do roupão e encontrou a chave da arca. Com firmeza, abriu-a para pegar uns saquinhos com ervas e o lenço onde estava embrulhado o broche quebrado. A seguir, saiu do quarto e correu rapidamente escadas acima, para o quarto de Marlob. Uma vez ali, dirigiu-se ao armário, e, pegando a tela que descansava atrás dele, com mão trêmula abriu o lenço que continha o broche. Angustiada, comprovou que se tratava do mesmo.

“Oh, meu Deus”, sussurrou com a boca seca.

Pouco depois, Megan, pálida, entrou de novo no salão. Tentou manter a calma, enquanto em sua mente fervilhava uma infinidade de perguntas sem resposta. Sarah, ao vê-la, notou a inquietude em seus olhos. Depois de trocarem um olhar significativo, Sarah levou a mão à boca, incrédula pelo que aquilo queria dizer.

— Agora que estão todos presentes — começou Megan, limpando a garganta —, e apesar de já nos conhecermos, quero me apresentar de novo: meu nome é Megan e, como bem sabem, sou esposa de seu *laird*

Duncan McRae. Portanto — olhou para Margaret, inclinando a cabeça —, sou a senhora deste castelo e dos feudos de meu marido. Antes de fazer as mudanças, gostaria de saber quem está disposto a continuar ao meu lado e quem não, de modo que me vejo na obrigação de esclarecer certos assuntos. Chegou aos meus ouvidos a informação de que circula um rumor dizendo que sou uma *sassenach*.

Ela falou e olhou para todos, que baixaram a vista.

— Minha mãe era escocesa, do clã McDougall, e meu pai, efetivamente, era inglês. Durante anos vivi em Dunhar, até que uns ingleses, supostos amigos e familiares de meu pai, decidiram assassiná-lo — explicou com firmeza enquanto os observava. — Primeiro assassinaram meu pai, e, posteriormente, envenenaram minha mãe. Meus irmãos e eu, graças a John, um bom homem, inglês, conseguimos chegar a Dunstaffnage. Lá, nosso avô, Angus, o ferreiro Mauled e nosso *laird* nos aceitaram desde o primeiro momento como membros de seu clã. Quero informá-los de que durante o tempo que vivi em Dunhar todos nos chamavam pejorativamente de “selvagens escoceses”, e, durante o tempo que vivi em Dunstaffnage, certas pessoas insistiam em nos chamar de *sassenachs*. Há alguns meses, alguns ingleses nos localizaram e mataram meu avô e Mauled. Mas a morte

deles, junto com a de meus pais, foi vingada.

— Milady, lamento por todo seu sofrimento — sussurrou Edwina com pesar —, mas creio que não tem obrigação de nos contar isso.

— Obrigada, Edwina. Mas tenho que contar, sim — Megan balançou a cabeça com um sorriso triste —, porque quero que as pessoas que trabalham em minha casa, sob minhas ordens, saibam quem sou, e que não se deixem influenciar pelo que escutam dos outros. Portanto, agora dou a oportunidade a quem

não quiser permanecer comigo, porque me considera uma *sassenach*, que se levante e vá embora. Eu não farei nada contra ninguém. Entenderei.

Passados alguns instantes, vendo que ninguém se levantava, Megan disse, para finalizar a revelação:

— Depende de vocês como quiserem me chamar, mas os advirto de uma coisa: não permitirei que ninguém me insulte; nem a mim nem aos meus.

— Diante de mim — afirmou Fiorna —, ninguém a insultará, milady.

— Obrigada — sorriu Megan, agradecida. — O motivo desta reunião é mudar uma série de coisas, que, para meu gosto, ficariam melhor se fossem feitas de outra forma. Em primeiro lugar, quero fazer uma limpeza geral no castelo. Com isso não quero dizer que está sujo, só que creio que seu estado pode melhorar. Até agora, Susan — disse Megan, olhando para uma mulher gordinha que a observava aterrorizada — era a única cozinheira. No dia em que Susan não puder cozinhar, seja por estar doente ou por qualquer outra circunstância, as pessoas não poderão comer, ou terão que comer restos frios e às vezes imprestáveis. Mas isso vai mudar. Susan continuará sendo a cozinheira geral, mas Edwina e Fiorna estarão na cozinha com ela. Portanto, Susan, ficará melhor para você, posto que não estará sozinha para cozinhar para o castelo inteiro, especialmente nas grandes celebrações ou festas.

A mulher sorriu, aliviada.

— Mais uma coisa, Susan. Com quem fala a respeito do cardápio semanal?

— Com Margaret, milady — respondeu a mulher, aliviada e agradecida por manter seu emprego.

— Muito bem — disse Megan tranquilamente, vendo Margaret franzir os lábios. — A partir de agora, para falar sobre o cardápio semanal, qualquer uma de vocês três deve se dirigir a mim, posto que sou a única senhora do castelo.

— Sim, milady — assentiram as três em uníssono.

Araiva de Margaret crescia visivelmente.

— Quero que todos os dias o chão seja varrido várias vezes: quando entramos, o barro colado a nossos pés mancha tudo...

— Isso é impossível! — gritou Margaret, levantando-se, mas tomou a se sentar. — Não temos tantos criados para que uma pessoa se encarregue de varrer constantemente o salão.

— Creio que redistribuindo as tarefas — respondeu Megan com tranquilidade — haverá tempo de sobra para tudo.

— Duvido — sibilou Margaret com superioridade.

— Não duvide, Margaret — sorriu Megan.

E apontou para que Sarah se aproximasse.

— A partir de hoje, Sarah será minha dama de companhia, de modo que não lavará, não cozinhará nem esfregará mais o chão.

— Isso é impossível! — tornou a gritar Margaret, ofendida pelo que estava ouvindo.

Até aquele momento, a suposta única dama de companhia que havia no castelo era ela.

— É uma criada vulgar, sem classe, não sabe se comportar! Como pode ser dama de companhia da mulher do *laircT*!

— É muito fácil, Margaret — respondeu Megan, feliz ao ver que a mulher havia mordido a isca. — Sarah será minha dama de companhia porque aqui a senhora sou eu, e assim decidi.

— Que ideia mais ridícula! — grunhiu a mulher. — Se lady Marian a visse fazer essas mudanças, riria em sua cara.

— Margaret! — vociferou Megan, sentindo seu sangue ferver. — O que essa mulher pensa ou deixa de pensar não me interessa em absoluto. A partir de agora, controle sua língua, ou eu mesma a cortarei.

Mas Margaret, em vez de se calar, rebelou-se.

— Sua falta de classe fica mais palpável dia a dia.

— Cale essa sua boca grande! — gritaram Sarah e outros criados, com raiva.

Margaret se acovardou.

— Cale-se, Margaret, e escute! — exigiu Megan, morrendo de vontade de pegá-la pelo pescoço.

— Está bem — sussurrou com altivez. — Para mim, milady, tem alguma mudança?

— Evidentemente — sorriu Megan, analisando-a com o olhar, ciente de que Marlob a estava escutando com padre Gowan atrás de uma tapeçaria. — A partir de agora, cuidará para que todas as provisões que chegarem ao castelo sejam conservadas em perfeito estado. Preciso que a despensa esteja totalmente sob controle. Não quero comida em mau estado, nem cheiros pestilentos, nem nada parecido. Como isso não ocupará o seu dia todo, você se encarregará de varrer o salão cada vez que for necessário. E, por último, ajudará a limpar, a lavar e a servir a mesa diariamente.

— Nem pensar! — gritou a mulher, sentindo-se ridicularizada diante de todos.

Todos estavam encantados com o que escutavam.

— Falarei com Marlob e resolverei esse absurdo. Tenho certeza de que ele não permitirá que me trate como uma simples criada. Meus bons modos e minha boa atuação durante todos esses anos merecem mais do que ser uma criada vulgar.

— Já faz algo mais, Margaret — respondeu Megan, levantando uma sobrancelha enquanto rezava para

que Marlob a deixasse terminar. — Creio que à noite aquece a cama de Marlob. A meu modo de ver, ser uma simples criada durante o dia e uma prostituta à noite vai mantê-la ocupada.

O murmúrio geral se tornou intenso.

— Não vou permitir que fale assim comigo! — gritou Margaret, aproximando-se de Megan. — Quem pensa que é para me insultar e me desprestigiar dessa forma diante de todo mundo?

— Sou a mulher de seu *laird* e sua senhora — respondeu Megan — e se a insulto e a desprestígio, é porque o merece. Maldita harpia!

— Está com ciúme porque antes de você eu esquentei a cama de seu marido — riu Margaret com sarcasmo, surpreendendo a todos por sua desfaçatez.

— Está equivocada, Margaret — vociferou Megan com um meio-sorriso que fez o sangue da mulher ferver até limites insuspeitados. — Não é o ciúme que me leva a fazer as mudanças no castelo, especialmente porque sei que Duncan não se aproximaria de você nem que fosse a última mulher na Escócia. Se fosse por ciúme, pode ter certeza de que simplesmente lhe daria um pontapé que a poria no meio da rua. Meus motivos são outros, coisas que considero desleais e que merecem ser castigadas com a morte.

— Castigo e morte! — gritou Margaret, já sem medir suas palavras. — Isso será o que você, *sassenach* nojenta, terá quando lady Marian voltar para este castelo. Pois fique sabendo de uma vez que seu marido a ama como nunca a amará, e pode ter certeza de que, no momento que Marian quiser, Duncan a deixará de lado para voltar para ela. Seu casamento com ele é por um ano. Acaso pensa que ele vai querer dividir a vida com você, sendo que Marian tem toda a classe e a beleza que lhe faltam?

— Cale-se, maldita mulher! — gritou Susan ao ver a palidez de Megan. — Nosso *laird* adora sua mulher.

Basta ver como a olha e como cuida dela.

— Você é a pior mulher que já conheci na vida! — cuspiu Sarah.

Logo sentiu a mão de Megan a segurando e indicando-lhe que fosse para trás da tapeçaria. Precisava que Sarah, junto com o padre Gowan, segurassem Marlob. O que ele ia escutar a seguir o faria enlouquecer.

— Fiquem tranquilos todos vocês — acrescentou Megan, respirando fundo para não pensar no que aquela mulher odiosa estava dizendo. — Não acredito em suas palavras, especialmente porque não creio em nada que diz. E pode ter certeza de que, a partir deste momento, não terei piedade com você e não descansarei até que seus ossos estejam debaixo da terra.

— Marlob não consentirá — afirmou Margaret com sarcasmo.

Havia chegado a hora.

— Está enganada, maldita impostora! — sussurrou Megan com fúria na voz.

Tirou de uma bolsa de pano a xícara ainda manchada e um dos saquinhos com ervas.

— Ele mesmo a expulsará quando souber que com suas beberagens de tanaceto e espirradeira o vêm envenenando com o objetivo de tornar-se senhora do castelo.

— Ele não vai acreditar em você — riu Margaret com desprezo. — Eu me encarrego de que esse velho estúpido escute só o que eu quero que escute, e veja só o que eu quero que veja.

Todos murmuravam sem entender nada, mas Megan prosseguiu:

— Primeiro tentou com Duncan, pois sabia que ele estava sofrendo por causa da ruptura com lady Marian e se enfiou na cama dele — acusou Megan. — Mas, quando viu que ele nunca se casaria com você e partiu para lutar ao lado de Robert de Bruce, pensou que com sorte ele seria morto, de modo que se enfiou na cama de Marlob para atingir seu propósito.

Megan tirou o broche do bolso, e vendo a loucura e o medo no rosto de Margaret e a estupefação nos olhos dos demais, disse:

— Mas alguém descobriu e tentou impedi-la, não é?

— Sim! — gritou Margaret, enlouquecida.

E, soltando uma gargalhada que fez gelar o sangue de todos, acrescentou:

— Aquela menina maldita, Johanna, descobriu. Por isso tive que matá-la.

— Queira Deus que apodreça no inferno! — grunhiu Megan ao escutar um uivo de dor atrás da tapeçaria. — Johanna descobriu seu jogo sujo, e por isso a matou.

— Ela nunca gostou de mim! — gritou Margaret, aproximando-se de uma das janelas. — Ela me ouviu falar de minhas intenções com Brendan O'Malley na noite de seu aniversário — revelou, fora de si —, mas pude acabar com ela antes que minhas palavras chegassem aos ouvidos de seu avô.

— Maldita! — bradou Marlob, saindo, lívido de dor, de trás da tapeçaria e atraindo o olhar enlouquecido de Margaret. — Matou minha menina! E teve o sangue-frio de viver conosco todo esse tempo!

As lágrimas inundaram seu rosto quando viu o broche do amor nas mãos de Megan. Pegando-o com delicadeza, murmurou:

— Como pôde fazer algo tão horrível?

— Sinto muito — sussurrou Megan para o velho. — Lamento de todo o coração, Marlob.

— Oh, meu Deus! — gemeu Sarah ao reparar pela primeira vez naquele broche que sua amiga Johanna havia ostentado com orgulho naquela noite.

— Margaret, vou matá-la com minhas próprias mãos! — gritou o velho, desolado. — Não só matou minha neta Johanna e tentou me matar como também — disse, tomando a fria mão de Megan, enquanto com a outra apertava o broche quebrado — tentou matar Megan trazendo O'Malley para este castelo.

— Ela estava se tornando outro empecilho — grunhiu Margaret, já cega de medo e loucura.

— O Senhor fechará suas portas para você, Margaret! — gritou o padre Gowan ao escutar a maldade daquela mulher. — Arderá no inferno por toda a eternidade!

Todos gritavam, enlouquecidos.

— Vamos prendê-la e esperar que seus netos cheguem para que se faça justiça com ela! — gritou Susan com lágrimas nos olhos, surpresa por ter vivido todos aqueles anos com uma assassina.

— Eu a matarei com minhas próprias mãos — sussurrou Sarah, furiosa e angustiada.

— Eu vou matá-la, maldita bruxa! — gritou Marlob, investindo contra ela.

Mas Margaret, ao vê-lo, desviou-se, fazendo o velho cair estrondosamente no chão.

— Marlob! — exclamou Megan, e correu para ajudá-lo junto com todos os outros.

Nesse momento, Margaret aproveitou para correr para a porta e sair correndo.

Megan deixou Marlob com Susan e Edwina e saiu correndo atrás dela. Quando saiu pela porta, viu-a subir a escada. Com Sarah em seus calcanhares, chegaram às ameias, onde vários guerreiros gritavam a Margaret que descesse da torre onde havia subido. A loucura da mulher havia chegado ao ponto mais alto. Ela gritava, ria e praguejava, fora de si, deixando evidente que havia perdido o juízo. Quando Marlob, ajudado pelo padre Gowan, Susan, Edwina e os demais chegaram, Margaret se jogou no vazio e caiu estrondosamente contra as pedras, morrendo no ato.

— Lamento. Lamento, Marlob. Eu descobri e... — sussurrou Megan, pálida, tomando-o carinhosamente pela mão.

Todos os criados se olhavam incrédulos.

— Sinto muitíssimo.

— Eu sei, filha, eu sei.

E, olhando-a com um sorriso triste, Marlob sussurrou:

— Graças a você, minha menina já pode descansar em paz.

Naquela noite, quando todos se recolheram, a solidão que Megan sentiu ao seu redor quase a fez sufocar. Depois do que havia acontecido nas ameias, alguns guerreiros desceram para recolher o corpo sem vida de Margaret. Megan ordenou que a enterrassem longe de Eilean Donan. Três homens saíram com o corpo, e não voltaram até altas horas da noite. Aturdida pelos acontecimentos, Megan se recostou no lugar onde Duncan havia dormido. Ao sentir seu cheiro, adormeceu pensando nele.

Capítulo 36

Durante os dias seguintes, Megan cuidou pessoalmente de que a angústia e a tristeza de Marlob fossem desaparecendo pouco a pouco, e não descansou até que o viu sorrir. Com tato e carinho, foi lhe contando como havia ligado os pontos e descoberto a maldade de Margaret, graças à ajuda de Sarah, que agora, como dama de companhia, se sentia feliz. Atosse e as dores de estômago de Marlob começaram a desaparecer graças às ervas medicinais que Megan elaborava todas as manhãs e noites, diante do olhar atento de Susan, Fioma e Edwina, que prestavam atenção em tudo o que ela contava sobre o poder medicinal das plantas.

E foi nesses dias que Megan descobriu que estava grávida, mas guardaria segredo até que seu marido voltasse. Não queria que ninguém pudesse estragar-lhe essa surpresa maravilhosa.

A tarde, Megan gostava de se sentar com Marlob para escutar suas histórias sobre o tempo em que navegava nas galeras com outros senhores dos mares. Graças a esses relatos, Megan soube que os pictos foram batizados assim pelos romanos, que lhes deram esse nome ao ver o costume que tinham de pintar o corpo. Também se surpreendeu ao saber que foram eles que chamaram a Escócia de “Caledônia”, devido a um grande bosque de araucárias-da-caledônia que se estendia por todo o território. Por sua vez, Marlob se interessou pelo passado da moça, que, às vezes rindo e outras lamentando, lhe contou tudo que havia acontecido com seus pais e seu avô.

O tempo estava frio, gelado. As vezes as brumas eram tão densas que das janelas não se via absolutamente nada. Fazia mais de trinta dias que Duncan havia partido para Inverness, mas as últimas notícias diziam que os guerreiros haviam ido para Edimburgo. O mês de fevereiro estava chegando ao fim, e os picos das montanhas continuavam nevados.

Todas as manhãs, antes de o castelo acordar, Megan descia para as cavaleriças e, montando em Stoirm, pegava as rédeas de Lord Draco e fazia um passeio pelos arredores de Eilean Donan, onde os galantos cobriam os prados, enquanto as lebres, agora com a pelagem branca, se escondiam sob seu manto. Queria aproveitar ao máximo aqueles passeios, pois sabia que, assim que Duncan soubesse de seu estado, com certeza a proibiria de fazê-los. Por isso, desfrutava daqueles momentos com cuidado. Marlob a observava do balcão de seu quarto. Olhar aquela mocinha havia se transformado em um de seus mais prazerosos entretenimentos. Ver como se entregava de corpo e alma a todas as suas tarefas causava-lhe regozijo. E logo comprovou que todos os criados e aldeões, que inicialmente a haviam rejeitado, acabaram beijando o chão que ela pisava. Ela havia conquistado o carinho de todos. Mais que sua senhora, eles viam nela uma pessoa de confiança que fazia tudo o que podia por eles e estava sempre atenta para que não lhes faltasse nada. Era uma lutadora, e ele gostava disso, tanto quanto de que seu neto Duncan fosse um guerreiro excepcional.

Megan gostava de cavalgar pelas encostas das montanhas, com o vento frio no rosto e Stoirm como companheiro, enquanto os cruza-bicos pareciam cantar quando ela galopava sob os abetos, os pinheiros e os cedros. Adorava parar para olhar as vacas peludas, que levantavam a cabeça e pareciam saudá-la ao vê-la passar. A relação entre Stoirm e Lord Draco era cada vez mais curiosa. Sendo Lord Draco um cavalo velho e Stoirm jovem e impetuoso, o jovem corcel sempre buscava o adulto para segui-lo e ficar ao seu lado. Ter esses dois cavalos fazia Megan feliz. Um era presente de seu pai, e o outro, de

seu marido.

As cavalgadas da manhã aplacavam os nervos e a ansiedade que ela sentia pela ausência de notícias de seu marido. Por causa dessa distância e pelas palavras de Margaret, as dúvidas e o medo começaram a ser seus companheiros, e ela não podia parar de pensar: e se Margaret tivesse razão?

Certa tarde, Megan estava observando sua hortinha, gelada e coberta de lama, quando Zac chegou muito zangado, junto com Fiorna e seu filho.

— Megan! — gritou o menino, bravo. — Não quero tomar banho.

— Milady — disse Fiorna, sem dar ouvidos ao menino. — Pode dar uma olhada na cabeça destes diabinhos?

Arregaçando as mangas da capa de pele, Megan fez o que a mulher lhe pediu.

— Oh, meu Deus — sussurrou Megan ao olhar a cabeça das crianças. — Estão cheias de lêndeas. Fiorna, é melhor cortar o cabelo deles e lavar-lhes a cabeça com água com amieiro-preto.

— Eu não vou cortar o cabelo! — protestou Zac de novo.

E tentou escapar enquanto Megan o segurava pela orelha.

— Mais uma pergunta, milady. Meu filho mais velho caiu ontem de uma árvore, e está com um hematoma imenso na perna. O que posso lhe dar para diminuir o inchaço?

— Hamamélis — indicou Megan.

E deu um pescoção em Zac, pois o menino acabara de lhe dar um pontapé.

— Passe depois na cozinha e lhe darei a erva. Tem que aplicá-la na parte afetada. Vai ver como ajudará a diminuir o inchaço e a dor, e vai eliminar o tom azulado.

— Obrigada, milady — disse Fiorna.

Foi embora com seu filho e deixou Megan a sós com Zac.

— Quer parar de me chutar? — grunhiu Megan.

— Não quero tomar banho, nem cortar o cabelo — resmungou o menino, bravo.

— Pois lamento dizer, mocinho, mas não tem outra opção.

E, então, Zac deu-lhe um tapa e saiu correndo por cima da horta enlameada. Megan, divertida, correu atrás dele. Adorava brincar com seu irmão. O menino, ao sentir a mão dela em seu ombro, voltou-se e lhe deu outro pontapé, que a fez soltar pela boca palavras nada adequadas para uma senhora. Quando conseguiu pegá-lo de novo, Megan gritou:

— Zac, vamos para a banheira!

O menino esperneava.

— Nem em sonhos! — gritou ele, fazendo-a cair no solo enlameado da horta.

— Maldição, Zac! — bramou ela ao se ver toda suja de barro.

Seu irmão tentou escapar. Ela o pegou firme pelo pé, e o menino caiu de bruços. Com os dois se debatendo, o barro começou a voar para todos os lados. Megan, já toda suja, não se importou mais. Arrastando-se, sentou-se em cima do menino, dando-lhe uma bronca:

— Viu como ficamos, por sua culpa? Agora nós dois teremos que tomar banho.

— Odeio quando me trata como uma criança! — gritou Zac.

E pegando barro, esfregou-o na cabeça de sua irmã.

— Muito bem, Zac! — disse ela ao sentir o barro molhado escorrer por seu pescoço.

Com um sorriso maléfico, ela esfregou barro no rosto de seu irmão, deixando-o aturdido enquanto ela morria de rir e dizia:

— Isto é o que merece por se comportar como uma criança!

— Sinceramente — disse uma voz atrás deles —, não sei qual dos dois é mais criança.

Zac e Megan se voltaram rapidamente e deram um grito de alegria ao ver Shelma, sorridente, atrás deles.

— Nem pensem em me tocar! — gritou Shelma, andando para trás ao vê-los se levantar, sujos de barro, e se encaminhar para ela.

Zac e Megan se entreolharam, divertidos. Como Shelma se tomara dehcada!

— Como está gorda! — gritou Zac ao ver sua irmã, já com uma boa barriga e alguns quilos a mais.

O comentário fez Shelma franzir a testa.

— Nossa, Shelma! \ocê se tomou uma senhora! — Megan riu, apreciando o aspecto saudável de sua irmã com aquela barriga e uma capa de pele maravilhosa.

E, pegando Zac, sussurrou:

— Creio que, se quisermos nos aproximar dela, é melhor que tomemos banho.

— E que tire as lêndas de minha cabeça — as sentiu o menino para espantar Shelma.

Ela, ao escutá-lo, deu um passo atrás com rapidez.

— Shelma, por todos os santos! — gargalhou Megan ao ver a frescura de sua irmã. — Não nos olhe com essa cara. Estávamos brincando.

— E as lêmdeas?! — gritou Shelma, com cara de

horror.

— Shelma — debochou Megan, dirigindo-se ao castelo levando Zac pela mão —, preciso recordá-la de que em várias ocasiões eu tive que lavar seu cabelo com água de ramno?

— Oh, cale-se! — murmurou Shelma estremeando. — Nem me lembre disso!

Megan olhou para sua irmã com carinho. Estava linda, e parecia feliz.

— Está maravilhosa! — sorriu Megan. — Por que não me avisou que viria? Eu teria preparado uma bela recepção e um almoço excelente.

— Esta viagem foi uma surpresa para mim. Ontem, quando Lolach e Duncan chegaram, quase morri de alegria.

— Duncan? — perguntou Megan, perplexa. — Duncan está aqui?

Shelma, levantando a bainha de seu lindo vestido vermelho, assentiu.

— Claro, viemos juntos, com..

— Maldição! — grunhiu Megan.

Tantos dias pensando em ficar bonita para quando ele voltasse, e Duncan aparecia justo neste momento para encontrá-la suja daquela maneira.

— Oh, Deus! Tenho um vestido azul lindo preparado

para deslumbrá-lo quando chegasse. Não, não quero que ele me veja assim.

— Pois ele já viu! — gritou Zac, soltando-se de sua mão e correndo para Ewen, que a olhava surpreso.

Assim como Duncan, Marlob, Lolach, Niall, vários homens e uma mulher.

Horrorizada, Megan não queria nem olhar.

— Não tenho escapatória, não é? — sussurrou para sua irmã, afastando o cabelo enlameado do rosto.

— Receio que não — suspirou Shelma, entendendo a situação de Megan. — Siga adiante, e seja o que Deus quiser.

Duncan, que conversava com seu avô, ficou sem fala ao ver sua mulher chegar com aquele aspecto. Diferentemente de Shelma, que ao seu lado parecia uma grande senhora com aquelas peles, Megan estava horrível, coberta de barro dos pés à cabeça. A alegria que Duncan sentiu ao vê-la acelerou seu coração. Mas seu olhar feroz não expressava o mesmo. Ele sentira saudade dela até quase enlouquecer, mas agora ah estava ela à sua frente, e ele não podia abraçá-la e beijá-la como tantas vezes havia planejado. A única coisa que foi capaz de fazer foi cravar-lhe seu olhar duro enquanto Megan

se aproximava.

— Por São Ninian! — riu Niall, sem poder se conter.

— Onde estava, cunhada?

Ciente do olhar de seu marido, Megan, envergonhada por sua aparência, só pôde responder:

— Cavando sua cova, engraçadinho! — disse, surpreendendo a todos e fazendo sorrir mais de um.

— Não tem graça nenhuma — bradou Duncan enfurecido.

Mas se desmanchava por dentro ao olhar para sua mulher, que, apesar de sua aparência, estava adorável.

— Onde estava para ter ficado desse jeito, mulher?

— Na horta que tenho atrás da casa — respondeu ela, olhando-o com um sorriso carinhoso e buscando em seus olhos aquela chama de amor que havia neles quando partira.

— Esta é sua mulher? — perguntou o homem alto e moreno.

Duncan, olhando para ela por alguns instantes, as sentiu.

— Sim, Robert. — E sem nem sequer sorrir, disse secamente, sem se aproximar dela: — Megan, este é nosso bom amigo e rei da Escócia, Robert de Bruce.

— Oh, meu Deus!

Ela tremeu de emoção ao saber quem era aquele homem.

— E um prazer conhecê-lo, senhor.

Sorriu, pesarosa, ao sentir o olhar duro de seu marido para seu rosto e seu vestido. Mas abriu seu melhor sorriso e disse.

— Desculpe pela situação em que me encontrou. Não acredite que minha aparência diária seja esta — disse Megan com encanto, notando que a mulher a olhava com estranheza.

— Assim espero — respondeu ele com agrado. — Para ser sincero, é a primeira vez que vejo uma dama em uma situação dessas.

Duncan, constrangido, prosseguiu com as apresentações:

— Estes são Arthur Miller, Jack Lemond e sua irmã, Marian Lemond. Ficarão alguns dias aqui e depois seguirão seu caminho.

— Ora, que surpresa! — respondeu Megan quase sem ar ao escutar o nome daquela mulher.

Admirou sua beleza: seus cabelos louros e bem penteados, suas feições delicadas e sua pele clara como seda.

— Desculpem minha irmã! — riu Shelma, atraindo o olhar de Megan. — Como podem ver, ela se excede em seus afazeres diários, esquecendo às vezes quem é.

— Como? — protestou Megan.

E sem pensar em quem estava ao redor deles, disse,

apontando-lhe o dedo:

— Shelma, para dizer tamanha bobagem, é melhor que se cale.

— Marian, aceita um pouco de cerveja? — perguntou Niall à mulher francesa, que estudava Megan com atenção.

— Adoraria — assentiu ela, empacotada naquele vestido de tom pastel que realçava sua beleza.

Olhando para Megan com certa indiferença, Marian disse a seu irmão em um francês perfeito:

— Graças a Deus não a vi pelo caminho. Eu a teria confundido com uma cigana suja.

— Marian! — censurou Jack.

Olhando para Megan, disse com um sorriso artificial:

— Minha irmã disse que tem um lindo lar, milady.

— Agradeça suas palavras encantadoras — sorriu Megan com frieza, pois havia entendido perfeitamente o que ela dissera.

Graças à babá que tivera na infância, que era francesa, ela havia aprendido a falar perfeitamente esse idioma. Shelma não recordava, porque nunca se empenhara em aprender.

— Oh, desculpe — sorriu a francesa com fingida inocência, piscando os olhos com timidez para Duncan.

Ele sorriu ao olhar para ela.

— Às vezes esqueço que aqui não se fala meu idioma.

— Não se preocupe — respondeu Megan, dando-lhe corda ao ver que seu marido sorria para Marian, mas mal olhava para ela.

Enquanto isso, sentia um nó no estômago ao recordar as palavras de Margaret: “Quando lady Marian entrar neste castelo, Duncan a esquecerá”.

— Creio que é melhor entrarmos — sorriu lady Marian, melosa, situando-se entre Duncan e seu irmão.

Tocando a boca com ingenuidade, disse a Duncan:

— Tenho certeza de que sua mulher deseja tomar um banho para recuperar a dignidade perdida.

— Dignidade perdida? — disse Megan, arregalando os olhos e buscando suplicante a ajuda de seu marido.

Mas, neste momento, ele só tinha olhos para a outra mulher.

— Lady Megan — observou Robert de Bruce com interesse —, sempre valorizei o excelente gosto de meu bom amigo Duncan para mulheres, de modo que não duvido de que sob toda essa sujeira que a cobre encontrarei uma bela mulher.

Essas palavras fizeram Duncan olhá-lo com advertência, coisa que Robert de Bruce notou.

— Espero agradar-lhe, meu senhor.

Megan apontou para o castelo, controlando sua raiva e frustração, e disse:

— Fariam a gentileza de entrar? Tenho certeza de que Fiorna e Edwina já puseram cerveja bem gelada nas mesas.

Lady Marian, dedicando a Duncan um olhar insinuante que fez Megan ferver por dentro, entrou, seguida de seu irmão, Robert e Miller.

Neste momento, Duncan se dirigiu a Megan, ofendido:

— Como pôde se apresentar assim? — rugiu ele, indignado.

— E você, como permitiu que essa arrogante dissesse que perdi minha dignidade?! — gritou Megan sem o escutar, magoada pelo que havia acontecido.

— Cale-se, mulher! Não insulte nossos convidados! — disse ele com uma expressão dura. — Não pode se comportar como o que é?

Confuso, ele não notou o estranho olhar que sua mulher lhe dirigia. A decepção e a desconfiança haviam se instalado em seus olhos, mas ele não era capaz de enxergar.

— \blto a meu lar, e em vez de encontrar uma mulher adorável, encontro pouco mais que uma mendiga que com sua aparência me envergonha diante de nosso rei e meus convidados.

— Duncan! — bradou o velho Marlob ao ouvi-lo.

Sua adoração crescente por Megan não lhe permitia ouvir seu neto falar com ela com tanta dureza.

— Não é justo que fale assim com sua mulher, não vou permitir.

— Cale-se, vovô! Ela é minha mulher, e quem permite isso ou não sou eu.

Até sua mulher se encolheu diante de seu tom de voz feroz.

— O que não é justo é que ela me envergonhe constantemente.

Olhou para Megan, que estava aturdida, e gritou, partindo seu coração:

— Acaso pretende que também nosso rei ria de mim?!

— Eu nunca faria isso — sussurrou ela, tão magoada que era incapaz de pensar com clareza.

— Não grite com ela! — suplicou Zac de súbito, angustiada. — Foi culpa minha! Ela tentou me pegar para me levar à banheira e, sem querer, eu a empurrei e a fiz cair no barro. Depois, ela me derrubou. Eu joguei barro no cabelo dela, e ela esfregou lama em meu rosto, e...

— Por todos os santos! — murmurou Marlob, preocupado com a palidez de Megan.

— Por que fez isso, Zac?

— Porque estou cansado de ter que me lavar todos os dias — suspirou o menino. — Ela gosta que eu cheire a flores.

— Melhor do que cheirar a sujeira — disse Lolach, com a intenção de aplacar os ânimos.

— Zac — censurou-o Niall carinhosamente, vendo o olhar duro que seu irmão dirigia a sua mulher —, Megan não merece que se comporte assim com ela.

O menino, assustado pela quietude de sua irmã mais velha, começou a chorar.

— Claro que não — disse Shelma, tomando a mão de sua irmã pálida. — Não me parece certo que ela arque com a culpa do que aconteceu. — E olhando para Duncan. — Eu conheço meu irmão, e creio que você também sabe como ele é. Justamente por isso não devia falar assim com Megan.

Megan continuava muda. De súbito, a felicidade que esperara tantos dias para compartilhar desaparecera. E, além de tudo, Duncan havia regressado a casa com Marian, a mulher que, segundo Margaret, ele amava. Devido a sua indiferença desde que chegara, Megan começara a sentir dúvidas.

— Justas suas palavras, Shelma — respondeu Duncan com seriedade.

E voltando o olhar para sua mulher, disse:

— E melhor que entre e tome um banho. Peço que desça ao salão para jantar quando julgar que sua aparência é adequada.

E olhando para o menino, que o escutava com os olhos arregalados, disse:

— E quanto a você, acabou-se esse tipo de comportamento. Não vou aceitar nem mais uma travessura sua. Estou cansado! A partir de amanhã, eu me encarregarei pessoalmente de sua educação. Se for necessário, dormirá no meio do campo para que aprenda que deve se comportar como uma pessoa para viver sob meu teto.

Incrédula, Megan olhou para seu marido, mas não disse nada.

— Duncan, creio que... — começou Niall.

— Cale-se, Niall! — exclamou Duncan.

Olhou de novo para Megan, que apertava os punhos e respirava com dificuldade.

— Vocês dois, entrem e lavem-se!

— Sim, meu senhor — respondeu ela secamente.

Megan se voltou para pegar a mão de seu irmão, que a

estendeu, obediente. Ao passar ao lado do salão, ouviu os risos de lady Marian. Sem olhar para onde estavam, começou a subir a escada. E então Zac a observou e viu lágrimas nos olhos de sua irmã. Comovido, disse, abraçando-a:

— Sinto muito, Megan.

— Não se preocupe, não é nada — respondeu ela, mas não pôde evitar que as lágrimas rolassem por seu rosto.

— Por minha culpa está chorando, e você nunca chora.

O menino começou a soluçar.

— Por minha culpa, Duncan ficou zangado com você, vai nos tratar mal e nos expulsar daqui.

Megan se deteve em um dos degraus, sentou seu irmão em seu colo e o ninou, tentando acalmá-lo.

— Ninguém vai nos tratar mal, nem vai nos expulsar de lugar nenhum, Zac — respondeu Megan olhando-o fixamente, vendo a angústia refletida em seus olhos.

— Mas...

— Basta! — disse ela, engolindo o nó de angústia que sentia na garganta. — Vamos nos banhar, e verá que depois do banho nos sentiremos melhor.

Após lavar Zac em seu quarto, cortar-lhe o cabelo e lavá-lo com água fervida com amieiro-preto, o menino se recusou a descer para o jantar. As duras palavras de Duncan o haviam assustado mais do que Megan podia imaginar. Ela teve que pedir a Fioma que levasse uma bandeja com comida ao quarto do menino, para que pudesse ir para o seu lavar-se e se arrumar.

Enquanto lavava o cabelo e tirava os restos de barro seco, pensou no que havia acontecido. Por que Duncan havia reagido daquela maneira? Acaso não sentira saudade dela como ela sentira dele? Embora odiasse pensar nas palavras de Margaret, elas voltaram à sua mente rapidamente, e Megan estremeceu ao recordá-las: “Seu marido ama Lady Marian como nunca a amará, e pode ter certeza de que, no momento que Marian quiser, Duncan a deixará de lado para voltar para ela”. Seria verdade? Haveria algo entre Duncan e aquela francesa? Mas, por mais que pensasse, não conseguia entender as duras palavras dele para ela, e muito menos para Zac. Isso a havia magoado mais do que tudo que Duncan pudesse dizer a

ela.

Inconscientemente, tocou a barriga, e duas lágrimas deslizaram pelo seu rosto ao recordar a notícia maravilhosa que pretendia dar a Duncan. Mas agora não tinha a menor vontade.

Enquanto secava o cabelo, umas batidas na porta anunciaram a visita de Shelma, que, ao entrar, olhou-a com um sorriso.

— Agora já pode me abraçar — brincou Megan, abrindo os braços para receber sua irmã.

Shelma a abraçou durante alguns instantes, dando-lhe carinho e amor.

— Como está, gordinha?

— Bem — disse Shelma, tocando a barriga. — Meu menino se comporta maravilhosamente bem.

— Menino? — riu Megan ao escutar sua irmã. — E se for uma menina?

— Será bem recebida, não se preocupe — disse Shelma com um sorriso. — Mas Lolach está tão ansioso para ter um filho que rezo todos os dias para que assim seja.

— Tomara que rezar ajude — sorriu Megan ao pensar em seu segredo.

— Nossa mãe! Que lugar mais lindo! — exclamou Shelma, olhando com curiosidade ao redor. — Que quarto lindo tem! E os móveis entalhados são uma maravilha.

— Não é nada meu — respondeu Megan com raiva, abrindo seu armário.

Observando por alguns instantes o lindo vestido que pretendia vestir para seu marido quando chegasse, afastou-o bruscamente e pegou outro, preto.

— E tudo de *laird* Duncan McRae.

— Megan, não siga por esse caminho.

— Caminho? — disse Megan, desencantada, sem notar que a porta se abria levemente. — Que caminho?

Shelma, olhando-a com uma expressão que não

agradou em nada à sua irmã, disse:

— Não se aborreça comigo. Simplesmente estou aconselhando que não seja teimosa como ele. Não concordo com a forma como ele falou com Zac e com você diante de todos, mas também não concordo que Zac continue se comportando como sempre. Não percebe que muitos dos nossos problemas quase sempre foram causados por ele?

— Shelma — sussurrou Megan, estranhando a frieza da irmã —, ele é uma criança.

— Sim, uma criança — as sentiu Shelma, irritada. — Mas uma criança que sempre está fazendo travessuras. Zac precisa da mão de ferro de um homem. Não vê? Ainda não percebe que o vovô não soube fazer de nós umas damas, nem disciplinar Zac?

— Maldição, Shelma. Que está dizendo?! — gritou Megan zangada, sem reconhecer sua irmã. — Nunca mais envolva o vovô em nada disto. Se nós não fomos umas damas foi porque nunca quisemos nos comportar como tal. E se Zac não tem disciplina, não é por culpa do vovô. É porque nós sempre fomos permissivas com ele pelo fato de tão pequeno já ter sido obrigado a crescer sem seus pais. Sabe de uma coisa? Eu sempre soube bem quem era, e quem sou. E, apesar de o vovô não ter sabido nos ensinar bons modos, pode ter certeza de que os tenho. Inclusive, melhores que os da francesa de nariz arrebitado que está ah embaixo! — gritou Megan, jogando uma almofada na parede. — Não venha agora me dar hções de como ser uma dama. Como pode estar ficando tão presunçosa?!

— Não sou presunçosa — defendeu-se Shelma, contrariada —, e não leve a mal o que estou dizendo do vovô. Simplesmente a aconselho, se não quiser ter mais problemas com Duncan, que faça o necessário para que Zac comece a se comportar como deve, ou, um dia, o próprio Zac jogará na sua cara o mal que lhe fez quando ambos acabarem vivendo em uma humilde cabana.

Isso caiu como um balde de água fria sobre Megan.

— Que bobagem está tentando dizer? — murmurou, sem notar que a porta se fechava. — Acaso sabe algo que eu não saiba? Isso tem a ver com a mulher que ri como um pardal no salão? Acha que não sei que essa loura estúpida é Marian, o grande amor de Duncan? Acha que não notei que ele nem me olhou, porque só tem olhos para ela?

Neste momento, decidiu não dividir seu segredo, nem com sua irmã nem com ninguém.

— Aquela tonta ah embaixo é a pessoa que partiu o coração de Duncan, e por causa dela ele nunca me disse “eu a amo”.

Shelma entendia sua irmã, mas não estava disposta a permitir que continuasse arruinando sua vida. Megan tinha que mudar, imediatamente.

— Já pensou que Duncan, seu marido, pode se cansar desta situação com você e com Zac? Não acha que ele merece, quando chega cansado, que esteja perfeita para recebê-lo, e não para envergonhá-lo diante de seus amigos? Se hoje ele reagiu assim, é porque sentiu vergonha de você.

— Olha, Shelma — disse Megan, pegando a irmã pelo braço.

E abrindo a porta de seu quarto com raiva, disse, antes de fechar a porta no nariz de sua irmã:

— Não sei o que há com você, mas, enquanto não voltar a se comportar como a moça que era, sem tantas frescuras, não diga absolutamente mais nada a respeito de meu casamento.

Megan bateu a porta, correu até uma bacia para vomitar e começou a chorar.

Capítulo 37

Já arrumada, Megan suspirou, dando o último retoque no cabelo, que havia prendido em um coque apertado. Com a testa franzida, pensou em lady Marian, em sua cara de mosca morta e seus trejeitos tolos. “Se esse é o tipo de mulher que Duncan quer, não serei eu a proibi-lo.” Sentiu o coração doer ao imaginar Duncan quebrando seus votos matrimoniais para ficar com aquela mulher. Haviam passado apenas um mês sem se ver, e ele já parecia tê-la esquecido. Onde estava o homem que em sussurros lhe dissera que sentiria falta dela a cada momento do dia? Talvez, durante esse tempo, ele houvesse se dado conta de que seu amor por ela não era verdadeiro, e aquela indiferença era o fiel reflexo do que sentiu ao vê-la. Se isso fosse verdade, como lhe contar sobre o bebê?

Centenas de perguntas sem resposta se acumulavam em sua mente e faziam com que sua fúria, seu desconcerto e sua raiva crescessem momento a momento dentro dela. Jogou o pente com raiva, saiu e fechou a porta de seu quarto com violência com intenção de descer para o salão. Ao passar diante do dormitório de seu irmão, entrou para vê-lo. Encontrou-o deitado na cama, pensativo, com o olhar cravado na janela.

— Olá, diabinho — sorriu Megan com carinho, sentando-se ao lado dele na cama. — Em que está pensando?

— Estava olhando a lua. Quando vivíamos em Dunstaffnage, a lua se escondia atrás das montanhas — respondeu ele com seriedade, observando sua irmã, que estava muito bonita com o cabelo preso para trás.

— Sim, meu tesouro — assentiu Megan, recordando os pores do sol. — Alua está muito bonita hoje, não é?

— Mais bonita está você — sussurrou o menino, fazendo-a sorrir.

— Ora, Zac! Creio que é a primeira vez que meu irmãozinho me faz um elogio.

Mas a tristeza dos olhos do menino a desarmou.

— Sinto muito que Duncan tenha se aborrecido com você, e lamento ter me comportado mal muitas vezes.

— Ora! — disse ela, fazendo uma careta que fez Zac sorrir. — Não se preocupe com Duncan, logo vai passar.

Sentando-se na cama, o menino olhou-a e perguntou:

— Por que Shelma pensa que sou um problema?

— Tesouro! — sussurrou Megan, triste ao pensar que ele havia escutado as bobagens que sua irmã havia dito. — Shelma não pensa isso de verdade. Você sabe que ela às vezes é um pouco tola, e creio que, por estar grávida, sua cabeça não está funcionando muito bem.

Mas Zac não estava disposto a acreditar naquilo, e tornou a perguntar:

— Mas por que ela pensa que você e eu acabaremos vivendo sozinhos em uma cabana?

— Bem — sussurrou Megan, beijando a cabeça de seu irmão e pela primeira vez tentando ser realista, inclusive com ele —, quando Duncan e eu nos casamos, foi por meio de um *Handfasting*. Sabe o que isso quer dizer?

O menino, muito sério, assentiu.

— Esse tipo de casamento pode durar um ano ou a vida toda; tudo depende de que as duas pessoas que se unam desejem ficar juntas para sempre.

Ao dizer isso, uma vontade repentina de chorar fez seus olhos marejarem, mas ela se controlou.

— E, embora Duncan seja um bom homem, talvez não possamos continuar juntos.

Zac, sem tirar os olhos de sua irmã, confessou:

— Eu perguntei a Duncan se teríamos que ir embora daqui e ele disse que não.

— Quando lhe perguntou isso? — disse ela, surpresa.

— Nas terras dos McPherson — respondeu ele, revelando seu segredo. — Eu vi você e Shelma no lago, e ouvi que dizia que odiava Duncan, e ela disse que, se não se comportasse bem, Duncan nos expulsaria. Então, eu perguntei a Duncan, e ele disse que nunca faria isso.

Com o coração acelerado, Megan respondeu em um sussurro:

— Se ele lhe disse isso, deve ser porque é verdade.

Após alguns instantes em silêncio, foi Zac quem falou.

— Sabe de uma coisa? Queria que continuássemos vivendo em Dunstaffnage. Lá ninguém gritava conosco, e você nunca chorava. Quem dera pudéssemos voltar para lá.

— Tesouro — sorriu Megan, recordando aqueles tempos —, fomos muito felizes lá, mas aqui também seremos.

Mas o menino não estava disposto a ver sua irmã chorar e prosseguiu:

— Eu e você poderíamos voltar — propôs. — Shelma que fique com Lolach, mas nós poderíamos voltar. E creio que se eu pedir a Kieran, ele nos ajudará — afirmou o menino com os olhos arregalados.

— Kieran? — perguntou Megan com estranheza. — Acha que Kieran está perto o suficiente para pedir-lhe

ajuda?

— Eu sei como encontrá-lo — assentiu Zac com segurança, fazendo-a sorrir. — Ele é um bom amigo, e sei que não me decepcionaria.

Megan sorriu com carinho, e fez seu irmãozinho se deitar.

— Zac, as coisas não são tão fáceis. Agora, durma e descanse. Amanhã conversaremos.

E, depois de lhe dar um beijo, advertiu:

— Lembre-se de não aprontar nestes dias, e verá que a zanga de Duncan logo passará.

— Não se preocupe, Megan — respondeu o menino, voltando a olhar a lua. — Duncan não se aborrecerá mais comigo.

— Ótimo! — riu ela, levantando-se da cama e se abaixando para lhe dar outro beijo.

Sentiu as mãos do menino segurando-lhe o pescoço para beijá-la e abraçá-la.

— Ora, hoje está beijoqueiro!

— Sim — assentiu ele com os olhos brilhantes de lágrimas. — Eu a amo muito, e quero que saiba que você é minha melhor irmã.

Essas palavras, tão sentidas, tocaram o coração de Megan.

— Quer saber um segredo? \ocê também é meu melhor irmão — sussurrou ela, sentando-se de novo na cama. — E agora esqueça tudo o que aconteceu. Não vê que eu já esqueci? Por favor, não se preocupe com nada e durma tranquilo, meu tesouro. Está bem?

— Está bem — disse o menino, mais reconfortado.

Megan tornou a beijá-lo, e teve que conter o pranto antes de fechar a porta do quarto. Uma vez fora, apoiou-se na parede fria de pedra e fechou os olhos, ordenando a si mesma controlar suas emoções. \er seu irmão triste partia seu coração.

Com passos lentos, desceu a escada. Logo ouviu os risos de sua irmã e lady Marian, fazendo brincadeiras com os homens. Escondida nas sombras viu Duncan, que neste momento estava sozinho, olhando o fogo com uma expressão séria. No que estaria pensando? Observou-o durante alguns instantes, enquanto respirava pausadamente e controlava suas emoções. Sua mão pousou na barriga, recordando-lhe a nova vida que ah crescia. De súbito, lady Marian aproximou-se de Duncan, e passando o dedo lentamente pelo pescoço dele, fez com que a olhasse e sorrisse. Megan tremeu de impotência ao notar um gesto tão íntimo entre eles. Não, não lhe diria nada sobre o bebê.

Neste momento, suas pernas se transformaram em dois blocos de pedra cravados no chão enquanto observava seu marido, aquele homem imponente, forte e luxurioso, olhando e sorrindo para aquela mulher odiosa. Já teria desonrado seus votos matrimoniais? Após um novo sorriso de lady Marian, que acabava de morder o lábio, Megan se convenceu de que sim. Tentou sair dali, mas suas pernas não lhe permitiram, e teve que continuar observando-os.

Instantes depois, forçou um sorriso e levantou o queixo para sair das sombras e caminhar até eles. O primeiro a vê-la foi Niall, que rapidamente olhou para seu irmão e viu que ele falava com lady Marian junto ao fogo. Um gesto da francesa fez Duncan intuir que sua mulher havia entrado. Voltando-se, ele ficou fascinado pela beleza e serenidade que Megan emanava. Quase engasgou com a cerveja que estava tomando.

Megan estava espetacular. Aquele vestido preto e seu cabelo puxado para trás davam-lhe uma beleza inigualável. Uma beleza e uma sensualidade das quais ela não tinha consciência.

Tantos dias sem vê-la, tantas noites sentindo sua falta, e agora ela estava ali, diante dele, mais atraente do que nunca e mais desejável do que qualquer outra mulher que ele já havia conhecido.

— É a mesma mulher que esta tarde parecia uma mendiga coberta de barro? — perguntou Robert apressadamente ao vê-la entrar.

E se dirigiu a ela para lhe beijar a mão com um sorriso nos olhos.

— Asseguro que sim, senhor.

Megan tentou sorrir, mas só curvou os lábios, dizendo com malícia para lady Marian:

— E como podem ver, qualquer mulher, por mais mendiga que pareça, com um pouco de água, sabão e um lindo vestido pode parecer uma dama.

Marlob, ao escutá-la, sorriu. Sua menina era esperta... muito esperta.

— Que revelação maravilhosa! — disse Robert, notando a beleza fresca e sensual que aquela mulher emanava. — Duncan, casou-se com uma verdadeira beleza.

Duncan o observava inquieto, disposto a cortar-lhe as asas, se fosse necessário. Conhecia Bruce, e sabia que tipo de mulher o atraía. A sua, naquela noite, podia ser uma delas.

— Querida Megan — saudou o padre Gowan ao vê-la entrar —, está linda esta noite.

— Obrigada, padre Gowan — e sorriu como pôde.

— Milady — disse Jack —, estou perplexo com sua beleza espetacular.

Surpresa diante de tantos elogios, ela cravou seus

olhos pretos sensuais naquele homem.

— Obrigada pelo elogio — respondeu, olhando-o com intensidade e fazendo, sem querer, com que seu marido ficasse alerta. — É muito galante, Jack.

— Além de beleza — acrescentou Arthur Miller enquanto esperava sua vez para beijar afetuosamente sua mão —, por suas palavras intuo que tem personalidade.

Marlob e Niall se entreolharam e sorriram, enquanto Duncan se remexia, contrariado.

— Segundo meu avô — respondeu Megan, olhando para Shelma e deixando transparecer como estava furiosa, apesar de parecer relaxada —, possuo o caráter desafiador de minha mãe no olhar e a valentia de meu pai nas palavras.

Isso fez com que todos rissem, exceto Duncan. Não estava gostando de como seus convidados olhavam para sua mulher, e menos ainda de como ela sorria.

— Curioso sotaque o seu — comentou lady Marian.

Com um sinuoso movimento de quadris que fez mais

de um virar a cabeça, aproximou-se.

— De onde veio?

Sem se intimidar, e com um olhar desafiador, Megan sorriu. E quando ia responder, sua irmã o fez por ela.

— De Dunstaffnage — respondeu Shelma, mexendo no cabelo com um sorriso radiante ao lado de Lolach. —

Fomos criadas no clã de Axel McDougall e éramos amigas íntimas de Gillian McDougall.

Mas não era essa a resposta que lady Marian buscava. Megan sabia o que ela esperava, e lhe daria.

— Mas, antes, vivíamos em Dunhar, na casa de meu pai — acrescentou Megan desafiadora ao ver sua irmã olhar para ela horrorizada. — Passamos ah os primeiros anos de nossa vida.

— E por qual motivo abandonaram Dunhar? — perguntou Miller, curioso.

Robert a observava, e Niall, inquieto diante da conversa, dirigia-se à grande lareira.

— O assassinato de meus pais — disse Megan com raiva, sabendo que todos olhavam para ela.

Não se importava com o que pensassem Duncan, Robert de Bruce, a francesa ou qualquer um deles. Sentia-se tão furiosa que estava até começando a gostar de se comportar com tanto atrevimento.

— Poucas pessoas puderam entender que os sentimentos dos dois estavam acima do simples fato de mamãe ser escocesa e papai inglês.

— \ocê é meio inglesa?! — disse lady Marian, exagerando a surpresa.

E, levando as mãos à boca, deu um passo para trás com fingido terror.

Duncan a olhou incomodado por sua maneira de agir.

— Que horror! Deve ser horrível para você assumir seu sangue inglês.

Isso fez Megan sorrir.

— Horrível é ouvi-la dizer isso — assegurou Megan, caminhando para ela.

Ao olhar de soslaio para Robert de Bruce, viu-o tranquilo diante daquela revelação. E com um sorriso encantador, perguntou a Jack e a Miller:

— O que lhes parece se deixarmos de falar desse assunto tão pouco apropriado para senhoras e comermos alguma coisa?

— É uma ideia magnífica — assentiu Jack.

Ele, assim como Robert, olhava o corpo de Megan com luxúria, fazendo com que o estado de ânimo de Duncan começasse a azedar.

— Fantástico! Uma ideia colossal — celebrou Marlob.

Duncan acelerou o passo para chegar a sua esposa e

tomar-lhe possessivamente a mão. Dentro dele renasciam os temores ao ver Robert de Bruce, o perfeito sedutor, observando-a com curiosidade.

— Meu senhor — disse Megan, enquanto seu corpo vibrava ao sentir as grandes mãos de seu marido.
— Minha aparência lhe agrada agora?

— Sim — limitou-se a dizer Duncan.

Aquela era sua mulher, com um vestido preto e um decote redondo sugestivo que deixava entrever mais do que ele julgava apropriado. Seu olhar desceu para a estreita cintura dela e continuou, até chegar a um cinto de contas metálicas que repousava em seus quadris ondulantes. Diferentemente de outras vezes, seu cabelo cacheado selvagem estava preso em um coque alto, que deixava exposto seu pescoço esbelto e suas feições finas.

— É a mais bela esta noite, minha filha! — sussurrou Marlob ao passar por ela, indicando-lhe que seu coração pertencia a ela, e não a Marian.

— Obrigada, Marlob — sorriu Megan com cumplicidade.

Duncan se incomodou por aquele sorriso não ter sido para ele. Mas, voltando-se, convidou Robert a se sentar. Embora fossem amigos e companheiros de guerra, ele não podia esquecer que diante dos olhos de todo mundo Robert era o rei.

Após se acomodarem à mesa, os criados começaram a distribuir os suculentos pratos que Susan, Fiorna e Edwina haviam preparado. Megan fazia um esforço imenso para suportar os odores que exalavam aquelas comidas condimentadas.

— Agora que me dou conta, onde está Margaret? — perguntou Robert, que por suas visitas a Eilean Donan

conhecia todo mundo. — Não a vi desde nossa chegada.

Ouvindo isso, Fiorna quase deixou cair os pratos.

— Oh... é verdade — interveio Marian.

As costas de Megan se retesaram.

— Perguntei a Niall, mas ele não soube responder. Onde está nossa encantadora Margaret?

— Jantando com o diabo! — irrompeu Marlob, atraindo os olhares de Duncan e Niall.

— Então, ela não está? — insistiu a francesa, ganhando um olhar duro de Marlob e do padre Gowan.

— Lady Marian — disse Megan para mudar de assunto, olhando a sua esquerda, mais além de Niall —, espero que a comida que servimos aqui lhe agrade. Nossas cozinheiras são excepcionais.

— Já comi aqui outras vezes — disse Marian, orgulhosa.

Isso fez Niall se sentir contrariado. Ele sempre odiara Marian, mas, como era amiga e aliada francesa da Escócia de Robert de Bruce, tinha que fingir.

— Oh, que surpresa! — riu Megan com falsidade ao escutá-la, sentindo o olhar de Niall. — Quando visitou estas terras?

A francesa cravou o olhar em Megan, e, com um sorriso que deixava transparecer suas más intenções, respondeu:

— Em várias ocasiões. Duncan e sua família foram perfeitos anfitriões. Recordo manhãs inteiras cavalgando com Duncan e seu irmão, enquanto eles me mostravam os arredores deste lindo lugar. Oh, e algumas vezes Duncan e eu viajamos juntos pela Escócia, e nos banhamos em lagos de águas tranquilas, em noites lindas, com céus cheios de estrelas — disse, olhando para Megan com um meio-sorriso.

Megan cravava as unhas no braço de Niall. Ele, quase gritando de dor, olhou para sua cunhada, que, ao se dar conta, se desculpou com um sorriso.

— Oh, sim, viajar com meu irmão é muito divertido — disse Niall, tocando o braço dolorido.

— E banhar-se com ele, mais ainda — sussurrou Marian com um sorrisinho nada inocente, alto o suficiente para que Megan ouvisse.

Niall, incomodado com a falta de discrição da francesa, olhou para ela sisudo.

— Fico feliz que a companhia de “meu marido” — Megan arrastou essas duas últimas palavras — lhe tenha agradado. Ele é um bom companheiro de viagem — sorriu.

E ganhou a admiração de Niall, que era testemunha da pequena luta dialética que ambas travavam, enquanto Duncan falava com Robert e Miller, e só Shelma

imaginava o que estava acontecendo.

— Creio que Susan preparou *haggis*, nosso prato preferido, não é, cunhada? — murmurou Niall, tentando fazê-la sorrir.

Mas apenas um meio-sorriso curvou os lábios de Megan. Por isso, voltou ao ataque:

— E fez tanto que vamos passar uma semana comendo.

— Niall, posso lhe assegurar — disse Megan — que nesta boca nunca entrarão *haggis*.

— Ah, a propósito — Niall se animou a prosseguir ao vê-la sorrir e se certificar de que Marian estava falando com Duncan —, adorei as melhorias que fez no salão. Agrada-me ver o escudo de armas de meus pais.

— Obrigada, Niall — sorriu Megan, agradecida, dando uma piscadinha para Marlob. — A verdade é que todo mundo me ajudou muito. Foi um trabalho de equipe.

— Você mudou algo neste salão? — perguntou Marian, dirigindo-se de novo a Megan.

Ela suspirou ao escutá-la. Sua paciência com aquela mulher estava acabando.

— Recordo que havia uma tapeçaria linda, que Margaret e eu havíamos comprado de uns feirantes a pedido de Duncan. Creio que Margaret e eu a penduramos em uma destas paredes, mas não recordo em qual.

— Sim. Mudei várias coisas — sorriu Megan, já sem paciência.

Levou a mão a uma faca afiada, coisa que fez o coração de Shelma se encolher e Niall prender a respiração.

— Sobre a tal tapeçaria, eu a tirei de minha vista porque era horrorosa e escura.

Pegando a faca pelo cabo, com um rápido movimento lançou-a e a cravou na parede em frente, deixando Niall e Shelma pálidos.

— Vê onde cravei a faca?

Marian assentiu, horrorizada. Todos voltavam os olhos para olhar para ela.

— AH estava pendurada a tapeçaria horripilante.

— Megan! — exclamou Duncan. — O que está fazendo?

— Oh, meu esposo, não se preocupe — sorriu Megan friamente, dando de ombros. — Lady Marian queria que lhe indicasse onde estava a tapeçaria horrorosa que tirei da parede.

Voltando-se para Marian, que ainda estava de boca aberta, disse inocentemente:

— Espero não tê-la assustado. Só queria indicar o lugar exato.

Duncan, sem saber realmente o que havia acontecido, pegou o braço de sua mulher e a advertiu:

— É preciso que eu torne a pedir que se comporte como uma senhora?

— Não, meu esposo.

E, após trocar um sorriso significativo com Niall, bebeu um copo de cerveja de um trago só antes de dizer:

— Não se preocupe, tentarei me comportar respeitosamente como “sua Marian”. Vendo que ela goza de sua aprovação, tentarei ser igual ou melhor do que ela.

— Megan! — sibilou Duncan, enfurecido diante dessa resposta.

Megan encheu seu copo de cerveja.

— Sim, meu senhor — respondeu ela, inclinando a cabeça e pestanejando comicamente para ele, como havia feito a francesa antes.

— Vôô! — chamou Niall, interrompendo o olhar desafiador de seu irmão e de Megan. — Que notícias tem para nos comunicar?

— Talvez seja melhor contar mais tarde — respondeu Megan.

— Por que esperar? — reclamou Niall, mais relaxado ao ver seu irmão voltar a falar com Robert.

— Cale-se, Niall! — censurou Megan, virando outro copo de cerveja. — Agora não!

Estranhando esse comportamento, Niall olhou para Megan. O que estava acontecendo com sua cunhada?

— Ora! — sorriu Marian para seu irmão, dizendo-lhe em francês. — Vejo que a cigana suja gosta muito de beber e de mandar que as pessoas se cale. Que mulher vulgar!

Ao escutá-la, Megan quase jogou o copo na cabeça de Marian, mas se conteve ao escutar o padre Gowan dizer:

— Niall, vamos deixar as notícias para mais tarde.

— Está bem, eu me calarei — disse Niall, tirando o copo da mão de Megan. — O que há com você, cunhada?

— Creio que vou matar alguém esta noite — respondeu Megan, olhando-o nos olhos e fazendo-o sorrir.

— Marlob — disse Marian, fazendo Niall e Megan olhar para ela. — Que notícia tão importante é essa que tem que comunicar?

— Santo Deus — sussurrou Megan, fechando os olhos ao ver a cara do velho.

— Margaret não vive mais aqui — murmurou Marlob.

Padre Gowan tocou o ombro do velho com carinho,

fazendo com que Duncan e Niall se olhassem com estranheza.

A partir desse momento, Marlob se encarregou de relatar o que havia acontecido com Margaret. Duncan escutava com atenção as explicações de seu avô. Megan, calada ao seu lado, observava quase sem respirar. Quando terminou, um silêncio sepulcral tomou conta do salão, até que Duncan e Niall, levantando-se, furiosos e feridos, começaram a praguejar e a gritar coisas horríveis sobre essa mulher. Após um tempo angustiante, por fim as palavras de ânimo e carinho dos presentes conseguiram acalmá-los. Megan se espantou ao ver lady Marian abraçar Duncan diante de todos, sem nenhum pudor, enquanto falava em seu ouvido, acariciava-lhe o cabelo e o afastava do grupo para consolá-lo.

— Duncan! — disse Marlob, chamando seu neto ao vê-lo abraçado à francesa enquanto sua mulher os observava. — Megan soube desmascarar essa víbora em pele de cordeiro. Eu nunca viverei o suficiente para lhe agradecer por isso.

Duncan a olhou, mas ela virou o rosto.

— Ela é um anjo caído do céu — acrescentou

categoricamente padre Gowan olhando com

desconfiança para a francesa.

— Oh, Megan! — sorriu Shelma.

Mas Megan não queria escutar ninguém. A dor de ver Duncan abraçando aquela estúpida insuportável a estava

matando.

— Esta sua mulher — disse Robert de Brucc —, além de bela, também sabe usar a cabeça.

Duncan, a certa distância dela, olhava-a sem se mexer.

— Cunhada — murmurou Niall, abraçando-a com adoração —, peça-me o que quiser e será seu.

— Agora não me ocorre nada — sorriu Megan com carinho —, mas não se esqueça de que me deve um favor.

— Não esquecerei — prometeu ele, caminhando para seu avô.

— Megan — disse Duncan, dando-se conta de seu erro pelas palavras de seu avô —, eu lhe serei eternamente grato.

Afastando-se de Marian, aproximou-se de Megan e, pegando-lhe o queixo para que olhasse para ele, sussurrou, sentindo a frieza e a tristeza em seu olhar:

— Peça-me o que quiser e terá.

“Diga que me ama...”, pensou ela, mas foi incapaz de dizer.

— Meu senhor, digo o mesmo que a seu irmão — respondeu ela, afastando-se. — Não se esqueça.

— Não me esquecerei — respondeu Duncan, observando-a com o olhar.

Neste momento, Marlob chamou a atenção de seu neto.

— Duncan, gostaria de falar com você um instante.

O velho não estava disposto a permitir nem mais um instante aquele comportamento. Amava Megan, e estava presenciando a dor que seu neto lhe infligia. Ele nunca acreditara nas palavras que Margaret cuspira diante de Megan antes de morrer: que, se lady Marian aparecesse de novo na vida de Duncan, ela o roubaria de Megan. Mas, agora, estava começando a duvidar. Duncan era tão idiota a ponto de perder Megan?

— Agora não, vovô — respondeu Duncan, observando o olhar escuro e frio de sua mulher.

— Duncan — insistiu o velho.

Ele queria contar a seu neto as desafortunadas palavras de Margaret.

— Preciso falar com você.

— Deveria falar com seu avô — disse padre Gowan, intuindo o que ele queria dizer.

— Mais tarde — sussurrou Duncan sem olhar para ele.

Estava tentando adivinhar os pensamentos de sua mulher, que neste momento observava Marian de cara feia.

— Não entendo como o *highlcmdr* pôde se casar com uma selvagem dessas — sussurrava Marian em francês para seu irmão.

De novo ele a mandou se calar, angustiado diante de suas palavras.

— Ela é vulgar, sem classe. De onde a tirou?

Após um curto mas significativo silêncio, Marlob tossiu, contrariado diante da irritação de Megan. De certo modo, ele a entendia. Nesta noite, via alojadas nos olhos dela a raiva, a decepção e a dor. Só de observar Shelma e ver como ficava nervosa diante dos comentários de sua irmã, podia prever que esta noite não seria fácil para ninguém, em especial para aquela moça que ele adorava.

— Notei que mudou algumas coisas no castelo — disse Duncan, sentando-se de novo à mesa, por

fim entendendo os duros olhares de seu avô e seu irmão.

— Sim, meu esposo — assentiu Megan de má vontade, querendo estrangular alguém. — Espero que não lhe desagrade. E, se assim for, mandarei que deixem tudo como estava antes.

— Evidentemente que não. E, por favor, Megan, recorde meu nome — respondeu Duncan, olhando sisudo para Niall e Lolach em busca de um pouco de ajuda.

Mas eles abaixaram a cabeça e continuaram comendo.

Megan, que havia notado a súplica no olhar de seu marido, sentiu-se encorajada. Sabia que Duncan estava começando a se sentir culpado por sua indiferença, mas agora era a vez dela. Ia fazê-lo pagar pela dor em seu coração. Shelma, que mal havia comido, sabia, por experiência própria, que Megan não era paciente — por isso seu apelido —, e não entendia como havia aguentado ao lado de seu marido durante todo o jantar sem se exaltar. Mas quando a vira jogar a faca na parede, soubera que a paciência de sua irmã havia chegado ao fim e que, a partir desse momento, começaria sua vingança. E não tardou a chegar.

— Deseja um pouco mais de cerveja? — perguntou Megan com gentileza, começando a gostar do constrangimento geral. — Ou talvez, meu senhor, deseje que eu lhe sirva vinho?

Duncan levantou o olhar para ela e viu muita raiva em seus olhos; por isso, sabendo o que podia acontecer se não se controlasse, respondeu simplesmente:

— Prefiro cerveja.

— Perfeito!

Megan pegou uma jarra que uma das criadas portava neste momento e, sem cuidado algum, soltou-a em cima da mesa com tal fúria que quase a derramou inteira.

— Ora! Que desajeitada! Desculpe, meu senhor.

— Não foi nada! — sibilou Duncan, limpando a cerveja derramada com tal brio que parecia querer polir a toalha de mesa.

— O que está acontecendo com sua irmã? — sussurrou Lolach a Shelma, que começava a se levantar ao encontrar o olhar suplicante de Niall.

— Oh, por Deus — murmurou Marian em francês. — Além de tola e sem classe, é desajeitada!

— O que disse, lady Marian?! — gritou Megan, com vontade de pegá-la pelo pescoço e sufocá-la diante de todos.

— Ela disse — respondeu Jack ao ver que Marian ficava calada — que deseja provar o ensopado que fazem aqui.

Duncan, cada vez mais confuso, notou a palidez de sua mulher e os círculos escuros debaixo dos olhos. Olhou para seu avô e seu irmão em busca de ajuda, mas eles nem se mexeram.

— Edwina! — chamou Megan alegremente. — Podería fazer a gentileza de trazer o ensopado? Nossa convidada deseja prová-lo.

— Creio que isto não vai acabar bem — sussurrou Shelma.

E ficou toda arrepiada ao ver outra criada surgir com uma bandeja cheia de ensopado.

— Aqui está! — sorriu Megan com alegria.

Shelma ficou gelada quando viu Megan, sem aviso prévio, pegar a bandeja e a pôr em cima da mesa com o mesmo entusiasmo que a cerveja. O ensopado se derramou em cima de lady Marian, que soltou um grito, horrorizada, ao se ver coberta de pedaços de carne e molho.

Marlob, padre Gowan e inclusive Niall fizeram grandes esforços para não rir.

— Oh, que desastrada! — murmurou Megan com fingida inocência, cobrindo a boca para que ninguém a visse sorrir.

E batendo em um dos copos da mesa, fez com que vários outros caíssem, encharcando de cerveja, vinho e água Duncan e Robert de Bruce.

— Desculpe-me, lady Marian!

— *Chienne!* — murmurou Marian, raivosa.

Megan entendeu rapidamente que ela a havia chamado de “cadela” em francês. Cravando-lhe os olhos com raiva, Marian saiu rapidamente do salão, dizendo:

— Vou trocar meu vestido.

— Eu a acompanho — ofereceu Jack, intuindo a vergonha e a raiva de sua irmã naquele momento.

— Por todos os santos! — rugiu Duncan.

Todos a observavam, atônitos, segurando o riso, enquanto Shelma enchia a jarra de cerveja.

A indignação de Megan parecia não ter fim. Trocando um olhar breve mas significativo com Robert de Bruce, que assim como ela havia ouvido e entendido o insulto, viu que ele sorria discretamente enquanto bebia sua cerveja. Com fingida preocupação, começou a limpar as manchas na camisa de seu marido.

— Oh, que desastrada! — repetiu. — Torno a lhe pedir desculpas, meu senhor. — E olhando-o com olhos suplicantes, disse: — Agora mesmo direi aos criados que lavem com carinho o vestido de lady Marian, meu senhor.

— Megan! — disse Duncan. — Poderia fazer a gentileza de parar de me chamar de senhor e utilizar meu nome?

— Claro — assentiu Megan com um falso sorriso.

Ao ver que uma das criadas entrava com outra bandeja de comida, diante de Shelma, que quase engasgava, e Duncan, que se levantava rapidamente da mesa, disse:

— Quer um pouco de carne, Duncan?

— Não! — bradou ele, enfurecido.

E ouvindo o riso dos outros, perguntou:

— O que há de tão engraçado?

— Nada, filho — respondeu Marlob, parando de rir.

Robert de Bruce e o resto bebiam cerveja para

disfarçar.

— Sente-se e acabe de jantar.

Mas Duncan estava contrariado e irritado. Muito irritado.

— Vou trocar de roupa.

— Não quer mesmo mais um pouco de cervo? — perguntou Megan ao ver que seu marido se afastava rumo à escada. — Susan o fez com muito carinho para o senhor. Não lhe apetece um pouquinho?

— Ssshhh... Cale-se, Megan! — grunhiu Shelma, jogando-lhe um guardanapo.

Apaciência de Duncan chegou ao limite. Ele se voltou para Megan, que o olhava com todo o descaramento do mundo. Pegou-lhe a mão com força, puxou-a sem nenhuma delicadeza, e, diante do olhar perplexo de todos, levou-a pela porta do salão.

— Por todos os santos! — sussurrou Marlob ao vê-los sair, enxugando o suor da testa.

— Essa moça não tem medo do perigo — comentou padre Gowan, servindo-se outra taça de vinho para acalmar os nervos.

Lolach e Niall se olhavam, divertidos, enquanto bebiam cerveja.

— Com exceção do triste episódio que ouvimos, este foi o jantar mais divertido que já tive na vida — gargalhava Robert de Bruce, incrédulo por ver como aquela moça conseguia alterar seu amigo Duncan. — Além do mais, pela reação de Megan, aposto que pensa de lady Marian o mesmo que minha mulher, Elizabeth.

— Permita-me que lhe diga, senhor — apontou Marlob com o dedo —, que essa francesa não é uma mulher de confiança. O dia em que eu soube que meu neto havia acabado o relacionamento com ela foi um dos mais felizes de minha vida.

— Oh, meu Deus! — Shelma se abanava com um guardanapo, enquanto Lolach e Niall gargalhavam.

— Esse temperamento de minha irmã sempre lhe causou problemas.

— Fique tranquila, Shelma — riu Niall, enquanto Lolach assentia. — Meu irmão gosta dela assim. Senão, nunca teria se casado com ela.

Capítulo 38

Megan, deixando-se levar, subiu os degraus de dois em dois atrás de seu marido furioso. Ela fervia de raiva, e sentia uma imensa satisfação pelo que havia feito a Marian. Quando chegaram ao quarto, entraram. Com um pontapé, ele fechou a porta.

— Muito bem! — gritou ele, dirigindo-se a sua mulher, que o desafiava com o olhar. — Se voltar a me chamar de “meu senhor” ou “meu esposo”, não responderei por mim. Chame-me pelo nome. Duncan, ouviu?! — vociferou.

Ela as sentiu.

— Qual é o jogo desta noite, Megan?

— Eu não estou fazendo jogo algum — respondeu ela, sentando-se nas almofadas que havia debaixo da janela. — Só estou me comportando como me pediu, como uma senhora.

Incrédulo diante dessa resposta, Duncan vociferou:

— Nem por um momento se comportou como tal. E pensa que acreditei que foi desajeitada sem querer com Marian e comigo?

— Oh... coitadinha, não é? — disse Megan com raiva ao escutar esse nome.

E pondo as mãos nos quadris, gritou:

— Realmente pensa que essa aproveitadora é mais senhora do que eu?!

— Não insulte meus convidados! — exclamou Duncan, dando um soco no armário e fazendo-o tremer.

Ao ver que ela o olhava com os olhos arregalados, disse:

— Em todos os anos que a conheço, ela nunca se comportou como você o fez esta noite.

— Motivos não me faltaram — respondeu Megan, lívida de raiva.

Estava começando a sentir náuseas de novo.

— Eu desejava vê-lo com toda minha alma! Senti tanta saudade que às vezes achava que ia morrer. E hoje, depois de um mês sem nos vermos, chega e só tens olhos, sorrisos e palavras gentis para essa prostituta francesa. Oh, perdoe, tornei a insultar sua maravilhosa convidada! Duncan McRae, hoje me decepcionou como nunca pensei que o faria.

Incapaz de conter a fúria, apesar das palavras que sua mulher havia dito, Duncan nem olhou para ela.

— Você mereceu! — disse ele.

E jogou a camisa manchada em um canto, desorientado pelo rumo que tudo estava tomando.

— Sua convidada também foi sua amante? Como Margaret? — perguntou Megan, tomada de raiva.
— Quando pretendia me dizer que antes de mim passaram outras por esta cama?

Isso o deixou paralisado.

— Escute um momento... — respondeu ele em um tom mais calmo ao ver explodir a tempestade de emoções que Megan guardava dentro de si.

— Ah... e claro, não duvido que a tola francesa, além de se banhar com você... como ela mesma me expôs... ah, sim, em maravilhosos lagos azuis durante as noites estreladas de suas viagens, tenha desfrutado de você aqui! — gritou, apontando a cama.

Ele era um idiota. De súbito, ao ouvi-la dizer isso, Duncan se deu conta de que era um verdadeiro idiota.

— Está muito equivocada — respondeu Duncan, notando a raiva que ela sentia.

Isso fez com que suas entranhas necrosassem de dor.

Vê-la tão furiosa e tão descontrolada o machucava, especialmente sabendo que não havia se comportado bem com ela nem com Zac. Ele pretendia conversar com ela naquela noite, mas tudo havia começado a desmoronar e ele se vira incapaz de fazer qualquer coisa.

— Não quero escutá-lo porque não me interessa o que tem para dizer — disse ela ao ver que a ira de seu marido desaparecia, enquanto a dela aumentava. — Desde que chegou, além de ter que suportar sua indiferença e frieza, a harpia francesa não parou de me humilhar e me insultar. Portanto, fique feliz por eu não ter feito coisa pior! Pois vontade não me falta!

— Em nenhum momento eu a ouvi humilhá-la ou insultá-la — disse Duncan, aproximando-se dela.

— Eu lhe prometi uma vez que não tornaria a mentir. E garanto, meu esposo, que não estou mentindo!
— vociferou Megan, afastando-se dele.

Abriu o armário e começou a jogar suas roupas em cima da cama, diante do desconcerto de seu marido.

— Eu lhe devo respeito porque vivo em seu castelo, durmo em seu quarto e me alimento de sua comida. Não sei que estranho motivo o faz desejar-me às vezes e outras me humilhar, mas isso acabou! — gritou Megan, e sentiu seus olhos se encherem de lágrimas. — Todo o carinho que eu tinha por você desapareceu esta tarde quando falou comigo e com meu irmão daquela maneira. Nunca vou perdoá-lo pela dor que vi em Zac! Portanto, acostume-se ao que terá a partir de agora comigo, ou deixe-me partir para que possa refazer sua vida, com Marian ou com outra esposa perfeita, em seu castelo perfeito e em sua vida perfeita.

— O que quer dizer com me acostumar ao que terei de você?! — bradou Duncan, enfurecido pelo fato de que cada palavra que trocava com ela soava brusca.

— Peço-lhe que não torne as coisas mais difíceis do que são — sussurrou Megan, pálida de angústia.
— Quero dizer que não quero mais viver com você, não quero ver você. Se me obrigar a ficar, sou capaz de qualquer coisa para evitar que se aproxime de mim.

Essas palavras o fizeram reagir e, com rispidez, ele gritou:

— O que está dizendo?!

Enjoada e fora de si, ela conseguiu responder:

— Digo que não sou a esposa que você deseja, e eu sempre soube disso — sussurrou Megan, temendo desmaiar pelo calor que sentia nesse momento. — \òu facilitar para que quebre nossos votos matrimoniais uma vez que se completar o ano do *Handfasting*. Poderá encontrar uma vida melhor, e certamente eu também.

Com valentia, Megan olhou Duncan nos olhos. Viu desconcerto neles, e isso a comoveu. Mas, mesmo assim, continuou:

— Não quero nada seu, nem dinheiro, nem propriedades, nem nada. A única coisa que lhe peço é a companhia de alguns homens para que ajudem Zac e a mim a voltar a Dunstaffnage.

Tenso como no campo de batalha, Duncan olhou para Megan.

— Para você é muito fácil acabar com nosso casamento — sussurrou.

— Tão fácil quanto é para você — respondeu ela a duras penas, segurando o pranto que lutava para sair de sua garganta.

Mas não ia chorar. Não queria que ele a visse arrasada, e que depois risse dela quando estivesse com Marian rolando em alguma cama.

— Megan...

Duncan baixou a cabeça, afetado pelo que estava escutando e tentando pôr em ordem seus sentimentos, sua raiva e seu medo.

— Creio que devemos esclarecer este mal-entendido que sem dúvida eu criei. Este último mês foi o pior de toda a minha vida, porque não pude parar de pensar em você nem um único instante. Eu me deitava pensando no que estaria fazendo e me levantava pensando se estava bem. Sei que não sou o melhor marido, mas acredite: nunca quis me separar de você, porque a adoro.

Olhando-a com olhos suplicantes, Duncan prosseguiu

ao ver que ela nem olhava para ele:

— Pode não acreditar, mas Marian não é nada nem ninguém em minha vida. Se hoje a abracei quando soube do que aconteceu com minha irmã Johanna, foi só porque me senti tão mal que me deixei levar pelo momento.

— Não quero escutar — sussurrou ela.

— Não permitirei que se afaste de mim — murmurou Duncan com desespero ao ver que ela se encostava na parede.

Respirando com dificuldade, Megan não olhou para ele.

— Eu me afastarei de você, queira ou não! — gritou ela.

— Nunca fará isso! — vociferou ele, plantado diante dela.

Apoiando os braços na parede, cercou-a e se aproximou mais.

— Sou um bruto por não saber tratá-la bem. Eu mereço que se aborreça comigo, que me odeie, mas, por favor, não desapareça de minha vida.

Ele apoiou a testa na dela, respirando com dificuldade. O perfume que sua mulher exalava o deixava louco. Sem poder evitar, com as mãos tomou o rosto dela e, levantando-lhe o queixo, fez com que o olhasse. Os olhos de ambos se encontraram, e, sem que precisassem dizer ou fazer nada, suas bocas se uniram. Esse beijo doce deu lugar a um mais exigente. Ambos se necessitavam e se desejavam. Megan não pôde resistir aos abraços e beijos por que ansiava, e Duncan, angustiado, apertou-a com força. Soltando um grunhido, levantou-a nos braços para levá-la para a cama. Pousou-a com delicadeza, e Megan o beijou como só ela sabia. Doces gemidos aceleraram o coração de Duncan, que começou a respirar mais tranquilo ao ter sua mulher nos braços. As mãos suaves de Megan percorreram as costas nuas e musculosas dele, e, cada vez que Duncan soltava um suspiro, fazia sua mulher se excitar mais. Sentindo a necessidade de possuí-la, ele levantou-lhe as saias, e ao tirar-lhe a fina calçola de linho, o sexo úmido e ardente de sua mulher ficou diante dele.

— Meu amor, que saudade — Megan sentiu necessidade de dizer.

Seus olhos suplicantes o embriagaram. Duncan tomou-lhe os lábios inchados e vermelhos de paixão, livrou-se de sua calça e começou a possuí-la com golpes certos de quadril. Ela, a cada golpe, gemia e ardia de paixão. Até que ambos chegaram ao clímax. Instantes depois, jaziam na cama, arfantes e encharcados de suor. Duncan a estreitava contra si, desesperado diante da perspectiva de perdê-la, enquanto Megan lutava para descobrir o que devia fazer.

— Eu a amo — sussurrou Duncan com voz rouca.

Ao ouvir isso, o corpo de Megan se eriçou. Ele estava dizendo as palavras mágicas. Aquelas palavras que ela tanto desejava ouvir. Agora, por fim, ele as dizia. Mas uma sensação estranha percorreu seu corpo, e ela não sabia por quê.

*

Na manhã seguinte, quando Megan acordou, encontrou seu marido olhando-a, deitado ao seu lado.

— Bom dia, meu amor — sussurrou ele, beijando-a com doçura.

— Bom dia — respondeu ela, aceitando seus beijos saborosos. — Que está fazendo ainda na cama?

— Observando a beleza de minha esposa — murmurou ele, beijando-a e lhe fazendo cócegas. — Está mais tranquila que ontem?

— Sim.

— Eu queria lhe pedir perdão por meu comportamento tosco — disse ele, beijando-lhe a ponta do nariz —, e dizer que é a única mulher que me importa neste mundo. Se não lhe contei sobre Margaret foi porque era algo do passado que não devia preocupá-la.

— Agora entendo por que pensava aquilo dela — disse Megan, sem vontade de lhe contar o que ela lhe havia dito.

— Ficou bem claro seu jogo quando eu soube que ela aquecia a cama de meu avô. E, apesar de minhas advertências contra ela, Marlob nunca quis me escutar; nem a mim nem a Niall. Graças a Deus — sorriu, acariciando-lhe a testa com doçura —, você entrou em nossa vida e conseguiu desmascará-la antes que sua maldade levasse meu avô para o túmulo. Coisa que não pudemos evitar com minha pobre irmã Johanna.

— Sinto muito sobre sua irmã. Em relação a Marian, ainda a ama?

— Não, querida. Só amo você — respondeu ele, abraçando-a. — Eu conheci Marian há uns sete ou oito anos. Ela e seu pai, com outros aliados franceses, apareceram em uma reunião clandestina organizada antes da Batalha de Loudoun. Na primeira vez que a vi, fiquei fascinado por sua beleza dourada e seu sotaque inebriante, e minha juventude me fez ir atrás dela como um asno. Recordo que Lolach me advertiu que essa moça tinha olhos de ambiciosa, mas eu só via nela seus doces olhos azuis e seus cachos louros maravilhosos. Após a morte de Eduardo I, Robert de Bruce promoveu uma insurreição na qual, a modo de guerrilha, atacamos os ingleses que restavam na Escócia.

Megan o ouvia com atenção.

— Naquela época, minha amizade com Robert de Bruce me levou às primeiras linhas de ataque. Ao lado de Lolach, eu era um de seus homens de confiança. Após a insurreição, os louros da vitória fizeram com que Marian reparasse em mim. Eu não era um guerreiro qualquer, era um dos poderosos, que ao lado de Robert de Bruce dava ordens aos demais. Em pouco tempo ela conseguiu me fazer acreditar que eu era tudo o que ela queria de um homem. Durante esse tempo, visitou com frequência este castelo. Embora não possa negar que a amei, posso afirmar que algo em mim sempre me dizia que não podia confiar nela.

Duncan sussurrava, vendo o olhar úmido de sua mulher.

— Certa noite, quando cheguei a Edimburgo, escutei uns guerreiros falando sobre lady Marian. Diziam que a haviam visto sair de madrugada do quarto de Robert de Bruce. Minha raiva era imensa. Como podiam falar assim da mulher que eu amava? E foi Lolach quem me pediu que, antes de fazer algo de que pudesse me arrepender, investigasse a veracidade daquilo. Não foi muito difícil. Dois dias depois, fui testemunha do momento em que ela abandonava o quarto de Robert. Ao me ver esperando-a, ela não negou. Após uma grande discussão, disse-me que era uma mulher livre e que ninguém movia os fios de sua vida, exceto ela. Eu me afastei o máximo que pude de Marian, e ela se tomou a amante oficial de Robert de Bruce. E assim foi, até que os ingleses, depois de Bannockburn, liberaram Elizabeth, mulher de Robert, que se encarregou de afastar Marian de sua presença e da cama de seu marido. Eu não a via nem

falava com ela desde essa época, até que cheguei a Edimburgo, há um mês. Lá, Robert pediu conselho a Lolach e a mim para ajudar Marian a voltar segura para a França. Dias depois, chegou Jack, irmão dela. Após algumas diligências, por fim decidimos que sairiam em uma barcaça de Eilean Donan até Brodick, e, dali, um barco os levaria até a Irlanda e posteriormente à França.

— Por que está me contando isso agora?

Com um sorriso abrasador que fez Megan tremer dos pés à cabeça, Duncan respondeu:

— Porque a amo e preciso que confie em mim. Porque não quero que se separe de mim e porque ela não significa nada em minha vida.

— Margaret me disse que eu ficaria na rua assim que essa mulher entrasse pela porta do castelo — sussurrou Megan.

Isso fez Duncan entender a dor que ela sentira na noite anterior.

— Quando eu soube quem era ela, e especialmente quando vi como estava furioso, temi que as palavras de Margaret fossem verdade.

— Não, meu amor — disse ele, beijando-lhe docemente o rosto. — Marian está aqui porque Robert precisa se assegurar de que ela saia da Escócia. Senão, Elizabeth comandará uma insurreição contra ele. Não esqueça que Robert é nosso rei, e não posso lhe negar minha ajuda.

E levantando-lhe o queixo com o dedo, perguntou:

— Quer me fazer mais alguma pergunta?

— Não, meu amor — sorriu Megan ao ver que o olhar dele era o de sempre novamente. — Sabe que sempre confiei em você.

— Fico feliz — sorriu ele, levantando-se da cama. — \`nha, vamos levantar! Temos convidados nos esperando!

Neste momento, a náusea que sentiu fez Megan se lembrar de uma coisa.

— Espere! — disse, rindo ao pensar na cara que Duncan faria quando lhe contasse que ia ser pai. —

Preciso lhe dizer uma coisa.

— Está bem — assentiu ele, sentando-se ao lado dela. — Mas depressa, nosso reime espera.

Ouvindo isso, Megan decidiu que não era o momento. E dando-lhe um beijo nos lábios, sussurrou:

— Então contarei à noite, quando estivermos de novo aqui, em nosso quarto.

— Perfeito! — sorriu Duncan, dando-lhe um beijo rápido.

Neste momento, ouviram alguém bater à porta e abri-la.

— Desculpem minha intromissão — tossiu Niall, colocando a cabeça dentro do quarto com um lindo sorriso. — Vim ver se havia sangue escorrendo pela cama. Marlob me mandou saber se vocês não se mataram.

Os três riram, e Niall foi embora. Duncan se vestiu. Antes de sair pela porta, jogou um beijo para Megan, que ela pegou com amor.

Um pouco depois, Megan desceu ao salão, onde Shelma e lady Marian estavam sentadas ao lado da lareira. Era um dia desagradável; a chuva batia com força nos muros do castelo. Lady Marian, ao ver Megan aparecer, cravou-lhe um olhar duro. Com um sorriso, Megan a fez entender que estava feliz e contente.

Shelma, por sua vez, respirou com tranquilidade.

— Bom dia — saudou Megan alegremente, indo até a mesa onde havia alguns doces.

— Que dia horroroso faz hoje! — reclamou lady Marian, contrariada pela alegre presença de Megan.

— Eu adoro dias assim — sorriu Megan com ironia ao ouvir o retumbar de um trovão. Graças a Deus, até nisso era diferente dela!

— Sempre gostou — assentiu Shelma, aproximando-se e perguntando-lhe em voz baixa: — Está melhor hoje?

Sem olhar para Shelma, pois ainda continuava zangada com a irmã, respondeu:

— Claro. Onde estão os homens?

— Saíram para se encontrar com um tal de George — respondeu lady Marian, controlando seu mal-estar ao ver Megan tão relaxada naquela manhã.

— Ah, sim — comentou Megan com malícia. — Certamente ele irá levá-los com a barcaça até Brodick.

Depois disso, todas se calaram. Só se ouviam as gotas de água caindo e o som dos trovões.

— Onde tem linha e agulha? — perguntou Shelma ao ver que um dos laços de seu vestido havia se soltado.

— Na sala ao lado — respondeu Megan, e apontou para sua esquerda —, verá uma caixa azul com todas as coisas necessárias para costurar.

— Com sua licença, vou costurar este laço — disse.

E desapareceu, deixando Megan e Marian sozinhas no salão, mergulhadas em um silêncio constrangedor.

— Marian, dormiu bem? — perguntou Megan sem formalidade, astutamente, em francês.

— Perfeitamente! — respondeu Marian com desdém.

Até que se deu conta de que Megan havia falado em

francês.

— Ora! É mais esperta do que eu imaginava, cigana.

— Não devia menosprezar as pessoas ao seu redor, francesa — advertiu Megan ao ver o desconcerto no rosto dela. — Elas podem surpreender você.

— Posso lhe assegurar que o que não vai me surpreender é a notícia de que Duncan se cansou de você. Creio que não é mulher para ele.

Megan sorriu. Queria acreditar no amor de seu marido, e assim faria.

— Está insinuando que você é mulher melhor para ele do que eu?

— E evidente — riu Marian, mexendo em um de seus cachos domados. — Uma mulher vulgar como você nunca poderá se comparar a uma dama como eu. Seus modos, sua maneira de se vestir, inclusive de falar, dizem de você muito mais do que pensa. E pode ter certeza de que Duncan acabará se dando conta, mais cedo ou mais

tarde. Acaso não viu como ele olha para mim?

— Quanto antes ele se der conta — riu Megan, com a sobrancelha levantada —, melhor para você, não é? Por acaso, agora que Robert voltou para sua mulher, pretende roubar meu marido? Quão pouco o conhece se realmente pensa que ele voltará para você depois que o traiu como uma prostituta vulgar.

— Entenda de uma vez que ele sempre me amou — afirmou Marian, ofendida —, e não vou permitir que uma simples camponesa fique com o que me pertence por direito. Duncan é meu, e vou recuperá-lo, custe o que custar!

— Só por cima de meu cadáver — riu Megan sarcasticamente diante da maldade daquela mulher.

Marian levantou a mão para dar-lhe uma bofetada, mas Megan a empurrou com rapidez e a jogou sobre a mesa. Sacando o punhal que levava na coxa, com um rápido movimento o colocou no pescoço da mulher, dizendo:

— Se você se atrever a se aproximar de meu marido, juro que da próxima vez que eu sacar a adaga não será só para mostrá-la.

— Megan! — gritou Shelma neste momento.

Ficara sem palavras ao entrar no salão e ver sua irmã em cima de lady Marian com a adaga no pescoço da francesa.

— Que está fazendo?

— Não grite, Shelma — respondeu Megan tranquilamente, soltando Marian e guardando sua adaga. — Só estava mostrando a lady Marian como posso ser rápida quando alguém me ataca.

— Está louca! — gritou a francesa, ainda com o coração na boca ao recordar o aço se cravando em seu pescoço.

Correu para Shelma, sentando-se teatralmente com as mãos na cabeça.

— Oh, meu Deus. Que momento horroroso sua irmã me fez passar!

— Fique tranquila, lady Marian — sussurrou Shelma.

Voltou-se para Megan e disse:

— Quando vai parar de se comportar assim? Não vê que com esses modos só causas problemas?

E completou, olhando para a francesa:

— Tome um pouco de água, fará bem.

Decepcionada por ver que sua própria irmã acreditava

mais naquela dissimulada do que nela, Megan disse, antes de sair:

— Minha irmã, espero que nunca precise se defender de harpias como essa, porque pode ter certeza de que devorarão você.

Capítulo 39

Na hora do almoço, os homens voltaram do encontro com George. Enquanto comiam, informaram a lady Marian que, enquanto o temporal não amainasse, a barcaça não poderia se arriscar a chegar a Brodick. Megan não gostou da notícia. Desejava com todas as suas forças que a francesa desaparecesse de sua vida, mas parecia que o tempo não estava a seu favor. Depois do almoço, Shelma e Marian foram cada uma a seu quarto descansar um pouco, enquanto os homens continuavam conversando no salão. Megan, por sua vez, desceu até a cozinha para perguntar a Fioma pelo estado de seus filhos. Com um sorriso, ela disse que o amieiro-preto havia acabado com as lêndeas da cabeça de um filho e que a hamamélis tinha aliviado a inflamação e a dor do outro. Contenta, Megan subiu para o salão, que neste momento estava vazio. Com tranquilidade, foi até a grande lareira e se sentou em uma das poltronas.

— O que a faz franzir a testa dessa maneira? — disse uma voz atrás dela.

Era Robert de Bruce.

— Oh, senhor — sorriu Megan, levantando-se.

Com a mão, ele lhe indicou que permanecesse sentada e se acomodou na poltrona da frente.

— Estou cansada, só isso.

— Lamento por minha visita lhe causar mais problemas do que deveria.

— Não se preocupe — suspirou Megan com um sorriso, entendendo-o —, está tudo bem.

Robert sorriu e comentou:

— Lady Marian pode ser uma verdadeira tortura e um grande incômodo.

— Isso não vou negar — sorriu Megan com cumplicidade. — O senhor a acompanhará também na barcaça?

— Sim — assentiu ele com um meio-sorriso. — Preciso me assegurar de que ela abandone a Escócia. Não quero voltar a ter problemas com Elizabeth por causa dela. Já tive muitos.

E cravando-lhe o olhar, disse, com um sorriso:

— Quero que saiba que ontem à noite admirei seu controle.

— Por que diz isso?

Megan sorriu ao recordar tudo, escutando os trovões que rugiam do lado de fora.

— Porque notei que você entendia tudo o que ela dizia em francês, assim como observei como ela tentou por todos os meios seduzir Duncan para não sair da Escócia.

— Se o senhor não a levar, eu mesma me encarregarei pessoalmente de levá-la! — disse Megan, fazendo-o rir.

— Duncan é um homem muito inteligente, e não creio que cometeria o terrível erro de afastá-la para que essa harpia louca entrasse de novo em sua vida e a destruísse.

Megan suspirou aliviada e disse:

— O senhor esteve com ela sabendo perfeitamente o tipo de mulher que é.

— Sou homem — assentiu ele, recostando-se na poltrona —, mas sempre deixei claro por que estava com ela. Marian é fria, egoísta e imensamente ambiciosa. E, uma vez que minha mulher, Elizabeth, foi liberada, ela não tinha lugar a meu lado. Sei que isso talvez seja a coisa mais egoísta que já escutou na vida, mas eu nunca a enganei. Sempre deixei claro o que aconteceria se minha mulher voltasse.

— Entendo o que diz, senhor — disse Megan.

Nesse momento, seu marido, Myles e Ewen entraram.

Duncan, ao perceber que Megan e Robert estavam sozinhos, aproximou-se rapidamente dela para lhe dar um beijo possessivo — coisa que fez Robert sorrir. Megan olhou para Ewen e perguntou:

— Ewen, onde está Zac?

— Não sei, milady — respondeu o gigante. — Hoje não o vi o dia todo.

— Deve estar brincando em algum lugar — acrescentou Duncan, recordando que tinha que falar com o rapaz para lhe pedir perdão. — Com o dia que está fazendo hoje, creio que não deve estar com vontade de sair do castelo.

Passando a mão no cabelo de sua mulher, que estava solto, disse a Robert:

— Viu como é verdade o que eu lhe disse?

— Sim, amigo — sorriu Robert, olhando os cabelos de Megan. — Tem toda a razão.

— Do que estão falando? — perguntou ela ao notar que os dois observavam seu cabelo.

— Quando seu marido — disse Robert, diante do riso de Duncan — chegou à reunião e me contou que havia se casado com você, eu lhe perguntei: “O que essa mulher tem para que fale dela com tanto ardor?”. E ele respondeu: “Além de muitas outras coisas, tem a mesma cor de cabelo que meu cavalo”.

— Duncan! — riu ela, incrédula por aquela brincadeira entre eles ter chegado aos ouvidos do rei. —

Como pode dizer isso de mim?

— É a verdade, minha esposa.

Sorriu ao ver entrar Lolach, Marlob e Niall encharcados de chuva. E completou:

— Você sabe que sou apaixonado pelo seu cabelo. Além de Dark, nunca conheci ninguém com esse tom azulado.

— Oh, que horror! — riu ela, junto com os homens. — Comparar-me com um cavalo!

Megan olhou para os recém-chegados e perguntou:

— Algum de vocês viu Zac?

Ao obter de novo uma resposta negativa, e estranhando, decidiu perguntar a Fiorna. Despedindo-se dos homens, desceu para a cozinha. Ah estava o padre Gowan com Susan, e ambos lhe disseram que também não o haviam visto. Megan começou a se preocupar. Foi ao quarto dele e, comprovando que também não estava lá, procurou em vários outros locais do castelo. Mas não havia sinal de Zac.

— Milady, o que aconteceu? — perguntou Sarah ao cruzar com ela.

— Sarah, viu Zac?

— Não. Na verdade, hoje não o vi o dia todo. Nem ele nem seu cachorro — respondeu.

E viu sua senhora começar a respirar com dificuldade.

Megan pegou uma capa, jogou-a por cima dos ombros e saiu correndo, seguida por Sarah, até os estábulos. Ali, viu que Lord Draco não se encontrava e que Stoirm estava inquieto.

— Oh, meu Deus! — gemeu, com falta de ar.

— Não fique nervosa, milady — disse Sarah. — Certamente ele está brincando em algum lugar.

Mas não encontrar Zac, Lord Draco e Klona deixou em alerta. Como um furacão, entrou pela porta principal do castelo, atraindo o olhar dos homens. Subiu as escadas de dois em dois degraus e entrou de novo no quarto de Zac. Ao ver que faltavam algumas roupas, deu-se conta de que seu irmão havia fugido. Desesperada, voltou para o salão.

— Duncan! — gritou pálida e trêmula.

Sarah a segurou.

— Zac foi embora!

— Como? — perguntou Duncan, atônito.

Ewen, Marlob e os demais homens se levantaram rapidamente.

— Procuramos por todo o castelo, senhor — informou Sarah—, e Lord Draco também não está nos estábulos; nem Klona, o cachorro. Ninguém o viu, e faltam algumas roupas no quarto de Zac.

— Como assim, foi embora?! — sussurrou Niall.

Aproximou-se de Megan, no mesmo momento em que o padre Gowan entrava no salão.

— Quando? Para onde?

— Não sei — respondeu Megan, soltando-se da mão de Sarah, desesperada ao ver o temporal e o frio fora do castelo. — Ontem à noite, ele estava muito estranho.

— O que está acontecendo? — perguntou Shelma ao entrar.

— Shelma — respondeu Lolach —, não se preocupe, meu tesouro, mas parece que Zac foi embora.

— Como assim, foi embora?! — gritou Marlob.

— Fique tranquilo, vovô — disse Niall, aproximando-se. — Certamente o rapaz vai aparecer.

— Rezarei para que assim seja — murmurou o padre Gowan ao ver que Megan tremia como uma vara verde.

— Oh, meu Deus — gemeu Megan, andando de um lado para outro sem deixar que Duncan nem ninguém a tocasse.

Repassava repetidamente a conversa da noite anterior, quando Zac lhe dissera que a amava e que Duncan nunca mais se aborreceria com ele.

— Com certeza é alguma de suas travessuras — disse Shelma, sem dar muita importância ao assunto. — \rão que à noite, quando sentir fome, aparece.

— Parece mentira que seja minha irmã e de Zac! — bramou Megan, colérica diante da frieza de Shelma. — Não percebe o frio que faz lá fora?

Mesmo que seja uma travessura, nosso irmãozinho está por aí, desde não sei quando, e não sabemos se está bem.

Shelma a olhou, mas não respondeu.

— Acalme-se, filha — sussurrou Marlob, inquieto.

— Por todos os santos! — gritou lady Marian, que neste momento entrava no salão com um falso sorriso que azedou ainda mais o estado de ânimo de Megan.

Sorrindo para Duncan com sensualidade, perguntou:

— Quem está uivando como um animal?

Isso acabou com a paciência de Megan.

— Agora não! — exclamou Megan.

Antes que alguém pudesse fazer alguma coisa, Megan foi direto para Marian e, dando-lhe um soco na cara que a fez cair para trás, gritou, entre muitos outros palavrões:

— Que o diabo a carregue, maldita francesa de merda!

Alguns homens se agacharam para ajudar a mulher, atordoada. Entre eles, Duncan.

— Muito bem, filha — disse Marlob, ganhando um sorriso de Niall.

— Por São Ninian! — sussurrou Robert de Bruce, impressionado.

Olhando para Miller, ordenou:

— Mande todos os nossos homens começarem a procurar o menino.

— Marian! — gritou Jack ao ver sua irmã caída.

— Desculpe minha irmã — gemeu Shelma, olhando para Robert de Bruce, que as observava com curiosidade. — Tenho certeza de que ela não sabe o que está fazendo.

— Eu creio que sabe sim — respondeu o rei, mantendo a compostura e tentando não rir. — Não se preocupem, o importante agora é encontrar seu irmão.

— \èinha aqui, ferinha!

Niall segurou sua cunhada enquanto Lolach e Duncan levantavam lady Marian, cujo nariz sangrava.

— Outro dia me ensinará a dar esse soco, mas, agora, fique calma, por favor.

— Sarah! — gritou Marlob, preocupado por ver Megan naquele estado —, diga a Susan que prepare uma infusão relaxante.

— Agora mesmo, senhor — respondeu ela, e rapidamente saiu do salão.

— Fique calma, nós o encontraremos — disse Duncan, voltando para ela depois de deixar Marian a cargo de Lolach e Jack, que não entendia por que sua irmã estava sangrando. — Em um dia como hoje, não pode ter ido muito longe.

— E se ele partiu ontem à noite?! — gritou Megan, soltando-se dos braços de seu marido.

— Nós o encontraremos da mesma forma — respondeu Duncan, preocupado.

Nunca havia visto sua mulher nesse estado.

— Shelma, fique com Megan enquanto saímos em busca de Zac.

— Eu não ficarei aqui! — murmurou Megan ao ver Niall e Ewen saindo. — Sairei para procurar Zac.

— Eu sabia que diria isso! — respondeu Shelma, revirando os olhos e ganhando uma forte reprimenda.

— Está contente? — gritou Megan, apontando-lhe o dedo. — Pois quero que saiba que se algo acontecer com Zac, também será culpa sua. Ele nos espiou ontem quando subi o meu quarto e a ouviu dizer que era um menino malcriado, e que estava farta de seu comportamento. Ele é uma criança, Shelma, e não entendeu quando disse que ele e eu acabaríamos vivendo em uma humilde cabana quando Duncan se cansasse de nós.

Ouvindo isso, todos olharam para Shelma. Em especial Duncan, que, enfurecido, cravou seu olhar mais escuro nela.

— Está dizendo isso para me magoar! — gritou ela, chorando ao ver como seu cunhado a olhava.

— Oh, não... — respondeu Megan. — Não digo isso para magoá-la. Digo para que, quando o vir, fale com ele e o faça entender que o ama, porque ele tem certeza de que não o ama em absoluto.

— Vamos — disse Duncan, intercedendo —, não digam coisas das quais possam se arrepender depois.

— Eu vou com vocês — insistiu Megan, olhando para Duncan.

— Meu amor, é melhor que fique aqui — repetiu Duncan.

Sarah entrou correndo neste momento com um copo nas mãos.

— E eu disse que não! — gritou Megan, encarando-o.

— E meu irmão, e quero sair para procurá-lo.

— Tome isto, filha — disse Marlob, indicando o copo que Sarah lhe oferecia.

— Beba, milady — suspirou o padre Gowan.

— Vou sair atrás de meu irmão! — gritou para seu marido sem se importar com quem estivesse presente.

— E nem você nem ninguém me impedirá.

— Escute, mulher — disse Duncan, apertando os olhos para indicar que sua paciência havia acabado.

Se for necessário, eu a trancarei no quarto. Mas você não sairá com o frio que está fazendo!

— Milady — suplicou Sarah, olhando-a nos olhos —, tome isto. Vai relaxá-la.

Megan pegou o copo com fúria e bebeu, quase queimando a garganta. Devolvendo o copo vazio para Sarah, olhou para seu marido e disse:

— Está bem, esperarei aqui. Mas, se não trouxer Zac antes do anoitecer, sairei eu atrás dele.

— Antes do anoitecer ele já estará aqui — afirmou Duncan.

E, dando um beijo possessivo nos lábios de Megan, deu meia-volta, seguido pelos homens.

A tarde parecia interminável. Marlob, que havia ficado com elas e padre Gowan, andava inquieto de um lado para outro sem tirar os olhos de Megan, temendo que tentasse sair. Lady Marian não apareceu no salão durante a tarde toda.

Entre Megan e Shelma havia se criado uma muralha de indiferença que parecia impossível de existir algum dia, visto que, até pouco tempo antes, ambas compartilhavam confidências e risos. Com as feições ensombrecidas pela ira, Megan olhava para fora. Gotas de água frias e intermináveis batiam nos vidros das janelas. Um trovão fez todas as pedras do castelo tremerem. A tarde passava sem notícias de Zac. Quando a noite chegou, entraram no salão Niall, Duncan, Lolach e Robert, encharcados e morrendo de frio. Megan cravou o olhar em seu marido.

— Disse que o traria de volta!

— Eu tentei, e continuarei tentando — sussurrou Duncan, agachando-se junto a ela.

Tocando com sua mão gelada o rosto de sua mulher, sentiu-se um inútil.

Os homens se entreolharam, chateados por não terem encontrado o menino. Havia procurado por todo lado, mas não encontraram nem sinal dele.

— Oh, meu Deus! — soluçou Shelma, sentindo a angústia de sua irmã.

E olhando para seu marido, gritou:

— Quero que encontre Zac! Agora mesmo!

— Estamos procurando, meu tesouro — respondeu ele, cabisbaixo.

— Fique tranquila, lady Shelma — disse padre Gowan, pegando-lhe as mãos. — Zac vai aparecer. Tenha fé.

— Temos mais de duzentos homens ah fora procurando por ele — informou Robert. — Não tenha dúvidas de que o encontraremos.

— Ele vai aparecer — prometeu Duncan a sua mulher.

— Não pode ter ido tão longe.

— Muito bem — disse Megan, levantando-se e deixando todos boquiabertos. — Terei que sair para procurá-lo.

— Por todos os santos, mulher! — bradou Duncan.

— Não entende que continuam procurando e que não pararemos até encontrá-lo? Dê-nos um pouco de tempo!

— Não há tempo! — gritou Shelma, arrasada pelas palavras que antes havia dito a Megan. — Zac está

ah fora, está frio e chovendo!

— Shelma, meu tesouro — disse Lolach, aproximando-se dela, inquieto por seu estado. — Precisa ter paciência.

— Mas como quer que eu tenha paciência sabendo que meu irmãozinho está ah fora?

Megan, arrasada e confusa, quase não conseguia falar.

— Acompanhe-me! — disse Duncan, pegando sua mulher pelo pulso.

Ela se deixou levar sem protestar. Quando chegaram ao quarto, ele fechou a porta e a atraiu para seus braços.

— Meu amor, não se preocupe. Eu prometo que vou encontrá-lo. Não vou parar até trazer esse diabinho de volta para casa.

— Creio... que vou vomitar.

Conseguiu chegar até a bacia e vomitou somente bile.

Duncan ficou preocupado. Ela estava pálida e com olheiras.

— Não parece bem. Por que não se deita um pouco e tenta descansar? — disse ele, conseguindo fazê-la deitar sem que protestasse. — Descanse, meu amor, eu trarei Zac.

Sem conseguir falar, ela o viu desaparecer pela porta. Vomitou de novo. Acabada pelas cólicas que sentia, deitou-se. O quarto girava e ela fechou os olhos, até que conseguiu adormecer.

Capítulo 40

O retumbar de um trovão fez Megan acordar, sobres saltada. Kieran! Zac havia ido em busca de Kieran. Sentindo-se melhor, levantou-se, lavou o rosto e saiu para o corredor para dirigir-se ao salão. Do alto da escada, Megan olhou por uma das janelinhas. Parecia não haver ninguém. Começou a descer a escada, até que umas vozes chamaram sua atenção. Assomando por outra janelinha, viu Duncan e Marian conversando perto da grande lareira.

— Então quer que eu vá embora? — perguntou lady Marian com voz sinuosa.

— Sim — assentiu Duncan, pondo a capa para sair. — É o melhor que pode fazer.

— \ocê sabe que eu poderia fazê-lo mais feliz do que ela. Nós dois nos demos muito bem. Não recorda os bons momentos que vivemos? — sussurrou ela.

Um movimento atraiu sua atenção, e ela viu Megan

escondida atrás da janelinha.

— Isso pertence ao passado — murmurou Duncan, preocupado com sua mulher.

Lady Marian, ciente de que Megan os observava, decidiu apostar tudo. Aproximando-se excessivamente, disse:

— Não vai conseguir com ela tudo o que eu posso lhe dar, sabe? Nunca esqueci seus beijos e suas carícias quando fazíamos amor.

— Marian, já chega! — sussurrou Duncan com voz rouca, cansado das constantes insinuações daquela mulher. — Não quero falar sobre isso. Tente me esquecer, como eu tentei esquecer-la.

— Disse “tentou”?! — gritou Marian, feliz.

Por fim havia encontrado uma forma de prejudicá-lo, pois tinha certeza de que Duncan nunca voltaria para ela porque havia se apaixonado loucamente por sua mulher. Ela insistiu, segurando um dos fortes braços do guerreiro.

— Isso quer dizer que ainda me ama. Não pode negar! \ocê me deseja, Duncan. Não pôde me esquecer porque sou mais importante para você do que sua mulher. Ela ocupa seu quarto e eu ocupo seu coração. Não negue!

— Já chega! — exclamou ele, irritado. — \ocê partiu meu coração uma vez. Que mais quer? Eu a desejei e senti sua falta mais do que jamais poderá imaginar, mas isso acabou. \ocê decidiu seu futuro. Deixe-me aproveitar o meu!

— Não, meu amor — sussurrou Marian, aproximando tentadoramente sua boca da de Duncan incitando-o a beijá-la.

Durante alguns instantes, ele resistiu. Ela, incapaz de aceitar tal rejeição, tomou-lhe a boca e o beijou com desespero; até que ele deu um passo atrás, enojado.

— Nunca mais se aproxime de mim! — sibilou, indignado.

Duncan deu meia-volta e se dirigiu para onde seu cavalo o esperava. Foi embora.

Com a felicidade estampada no rosto, lady Marian se voltou para a escada e gritou:

— Ouviu bem, cigana?! Ele me ama e me deseja. Você é um simples capricho que mais cedo ou mais tarde ele esquecerá. Porque não é mulher para ele. Por mais que tente mantê-lo a seu lado, um homem como Duncan não tardará a abandoná-la. E irá atrás de mim.

Com um olhar inexpressivo, Megan aceitou a derrota.

— Apartir deste momento, francesa, ele é todo seu — sussurrou Megan.

E, voltando-se, subiu a escada o mais dignamente que pôde.

No caminho, encontrou Shelma. Olhou-a por um instante e passou sem lhe dirigir a palavra. Ferida e humilhada, nem lágrimas mais lhe restavam.

Fora dos muros do castelo, uma terrível tempestade caía sobre as águas dos lagos que margeavam Eilean Donan. Os trovões retumbavam e os raios caíam e iluminavam constantemente as montanhas.

Megan abriu os postigos da janela. Deixou entrar o frio e a chuva no quarto, expondo-se à violenta tempestade com os olhos fechados.

Quando sentiu que o frio cortava suas mãos e começou a tremer, fechou os postigos e se sentou diante da lareira. Com uma imensa dor no coração, olhou ao redor e deteve os olhos sobre as mesmas coisas que havia visto da primeira vez que entrara ah. Depois de ficar um tempo parada, com a mente fervilhando com centenas de idéias, levantou-se com cuidado e se olhou no espelho. O que viu não lhe agradou em absoluto. Seu cabelo estava um desastre, e seu rosto, branco e aterrado. Com um sorriso torto, pensou em lady Marian. Eram duas mulheres diferentes em tudo, inclusive no amor. Pensar nela de novo consumia seu coração. Em um arroubo de fúria, tirou o anel que Duncan havia lhe dado de presente e o deixou em cima do criado-mudo.

Indecisa, sentou-se na cama para tentar pôr as idéias no lugar. Por fim, levantou-se e tirou do armário sua velha bolsa de lona. Ah estavam suas calças de couro, uma camisa, uma jaqueta, umas botas altas e a capa de pele que pertencera a seu avô. E também o mapa que Kieran lhe havia dado, onde estava marcada uma aldeia próxima a Eilean Donan e o nome da pessoa que devia procurar para chegar até ele. Com rapidez, despojou-se de suas roupas e vestiu aquelas que tanto havia usado um tempo atrás, ajustando o cinturão de sua espada e as correias para a aljava nas costas. Quando terminou, tornou a se olhar no espelho. Desta vez, um sorriso escapou de seus lábios. Essa sim era ela! Por que negar?

Pensou em como sair do castelo sem ser vista, enquanto colocava na bolsa as coisas com que havia chegado ah. Não queria nada de Duncan McRae. Sair pela câmara secreta de Marlob não adiantava, pois a levaria diretamente ao lago, e ela precisava chegar a seu cavalo, Stoirm. Enquanto pensava em como sair, olhou-se de novo no espelho e observou a longa trança escura que caía em suas

costas. Sem pensar duas vezes, pegou sua adaga e a cortou.

Pegou um papel e, com o coração apertado, começou a escrever um bilhete para seu marido. Quando terminou, deixou-o junto ao anel e à trança. Olhou uma última vez para aquele quarto e fechou a porta com os

olhos cheios de lágrimas.

Antes de chegar ao salão, cobriu-se com a capa e o capuz. Cruzou com Fioma, que, como havia suposto, não a reconheceu, confundindo-a com um dos guerreiros. Mais tranquila, chegou aos estábulos. Lá, Stoirm, ao sentir seu cheiro, saudou-a rapidamente.

— Olá, Stoirm. Está preparado para um longo passeio? — sussurrou, tocando-lhe o pescoço com carinho enquanto pegava umas rédeas de Lord Draco, cujo lugar estava vazio.

— Pensou que poderia partir sem mim?

Essa voz a sobressaltou.

— Sim — respondeu Megan, que reconheceu a voz de sua irmã antes de se voltar. — Não pensei que quisesse se molhar para procurar um menino mal-educado.

— Já basta! — Shelma começou a chorar. — Oh, Megan! O que terá acontecido com ele? Estou tão arrependida de tudo que disse que quero morrer. Eu os amo. Amo demais! E não admito que você ou ele pensem o contrário. Por favor, Megan! Perdoe-me!

Ela conhecia sua irmã melhor que ninguém no mundo, e sabia que se sentia mal, muito mal.

— Venha aqui, tonta. Pare de chorar, não é bom em seu estado — murmurou Megan, abraçando-a. — Eu nunca duvidei de que me amava, mas Zac é uma criança, e escutar suas palavras o deixou desconcertado. A mim não tem que dar explicações, mas a ele sim, quando o vir. Porque ele a adora, e não entende que você não deixou de amá-lo por seus atos. Shelma, quero que saiba e que lembre que eu sempre a amei e sempre vou amá-la. Se um dia precisar de mim para o que for, sempre poderá contar comigo, entendeu? Agora, volte para dentro. Quando o encontrar, avisarei.

— O que está dizendo? Como assim, avisará? — Shelma sussurrou, observando sua irmã pela primeira vez. — Megan, que fez com seu cabelo? Oh, meu Deus. Não!

— Escute — Megan disse, sentando-a em cima de um fardo de palha para que relaxasse. — Vou procurar Zac, mas não voltarei para Duncan.

Cobrindo a boca de Shelma para que não a interrompesse, continuou:

— Hoje me dei conta de que estou atrapalhando a felicidade de Duncan e dessa francesa. Ele a ama e a deseja. Além do mais, ela tem razão, nunca vou ter a classe nem os modos que Duncan precisa em uma esposa. Por isso, vou procurar Zac, esperarei até que Duncan anule nossos votos matrimoniais e começarei uma nova vida.

— Não, por favor! — Shelma começou a soluçar. — Não faça isso. Não se afaste de mim. O que vou

fazer sem você? Duncan a ama e, quando vir que partiu, irá atrás de você. Eu sei, Megan, sei que ele a ama. Como vai preferir aquela harpia?

Agarrando-a com desespero, Shelma exclamou:

— Não a deixarei partir! Se for, eu vou com você.

— Não, Shelma. Não vou permitir que venha comigo — negou Megan com firmeza ao ver sua irmã chorar. — Não diga bobagens! Seu lugar é com Lolach. Ele a ama e você o ama. Por que acabar com algo tão maravilhoso? E menos ainda havendo um bebê a caminho. Shelma, escute, por favor. Preciso que não diga nada sobre minha partida. Certamente, todos saberão quando Duncan voltar. Por favor!

E dando-lhe um beijo disse enquanto montava em Stoirm:

— Quando descobrirem, diga a Duncan que a única coisa que quero dele é este cavalo. E não se preocupe comigo. Assim que encontrar Zac, mandarei avisar. Adeus, Shelma, eu a amo.

— Eu também a amo — respondeu Shelma, chorando desconsoladamente.

Via sua irmã desaparecer montada naquele cavalo, na escuridão, sentindo sua vida desmoronar. E a de sua

irmã também.

Quando conseguiu parar de chorar, contrariada, fez o que sua irmã lhe havia pedido: voltou ao castelo sem dizer nada a ninguém. Quando entrou no salão, Marlob estava descendo a escada com padre Gowan.

— Shelma, sabe onde está Megan? — perguntou o velho, notando os olhos vermelhos da moça.

— Está dormindo em seu quarto. Ela não se sentia bem — respondeu.

E mergulhou nos braços que Marlob lhe oferecia; chorava tão consternadamente que deixou o velho perplexo.

— E melhor descansar também — disse padre Gowan.

— O que tem, Shelma? — perguntou lady Marian nesse momento, aproximando-se.

Shelma sempre havia sido simpática, ao contrário da idiota de sua irmã.

— Ela está preocupada com Zac — respondeu Marlob secamente.

Odiava aquela mulher, e alegrou-se ao ver o olho roxo que Megan havia lhe deixado de recordação.

— Oh, não chore, linda — disse a francesa, aproximando-se para tocar-lhe o cabelo.

— Não me toque, nojenta! — disse Shelma,

afastando-se.

Com um soco, jogou Marian no chão, deixando-a atordoada durante alguns instantes. Agachando-se junto a ela, disse com raiva, perto de seu rosto:

— Pode ter certeza de que vou fazer o possível para que desapareça da Escócia e não volte nunca mais.

Lady Marian se levantou com sangue na boca. Sem dizer nada, foi correndo para seu quarto. Marlob e padre Gowan, surpresos, perguntaram a Shelma por que havia agido assim.

— Por minha irmã e porque ela mereceu — respondeu Shelma simplesmente.

Sem mais nada a dizer, os três se sentaram perto da lareira, à espera.

A chuva e os trovões assustavam Stoirm, mas Megan o guiava com segurança e não o deixava hesitar. Em várias ocasiões, cruzou com diversas patrulhas que buscavam Zac, mas, assim que desapareciam de sua vista, retomava a corrida, muito segura de aonde tinha que ir para encontrá-lo. Passado um bom tempo, soube que havia se afastado do castelo quando deixou de ver patrulhas com tanta frequência. Nesse momento, teve certeza de que havia escapado de Duncan; por isso, pegou a rédea de Lord Draco, deu-a a Stoirm para que a cheirasse e sussurrou em seu ouvido:

Vamos encontrar Lord Draco e Zac. Por favor!

Capítulo 41

Quando o sol começou a aparecer, Duncan, Lolach e Robert voltaram ao castelo. Cabisbaixo, Duncan pensava em como explicar a Megan que não havia encontrado Zac. Ao chegar ao pátio do castelo, Robert lhe deu uma palmada nas costas para animá-lo. Duncan agradeceu com um leve sorriso. A preocupação voltou a seu rosto quando entrou no salão e viu Marlob, Sarah, padre Gowan e Shelma sentados diante da grande lareira. Robert, Arthur e outros homens subiram a escada, exaustos. Precisavam tirar a roupa molhada e descansar. Shelma ficou olhando para Duncan, que balançou a cabeça de um lado para outro, indicando que não haviam encontrado Zac. Sem saber por quê, ela se levantou e, aproximando-se dele, deu-lhe um abraço. A seguir, pegou a mão de seu marido, levou-o para perto da lareira e se sentou.

sussurrou

— Onde terá se metido esse garoto? —

Marlob, preocupado.

— Não conseguimos sequer encontrar um rastro — disse Lolach, percebendo a angústia nos olhos de sua mulher, que os observava calada ao seu lado. — As chuvas constantes apagaram qualquer pista.

— Não sei como vou explicar isso a Megan — disse Duncan com desespero, esfregando os olhos enquanto começava a subir a escada.

Shelma o observou e começou a soluçar.

Poucos instantes depois, ouviu-se um grito terrível procedente de cima. Neste momento, Lolach olhou para sua mulher e soube que ela sabia o motivo.

Incrédulo diante do bilhete que tinha nas mãos, Duncan começou a dar pontapés em tudo o que havia no quarto. Ela havia ido embora! Desesperado, abriu o armário e viu que as roupas de Megan continuavam ah. Mas ao olhar no canto e descobrir que a espada e a aljava não estavam no lugar, soube que havia partido.

Com mãos trêmulas, começou a ler de novo a carta.

Duncan:

O ano de nosso Handfasting termina em três meses, mas creio que é um absurdo que continuemos juntos sendo que ama lady Marian. Aqui está a aliança de sua mãe para que possa dar sua esposa e dona de seu coração.

Antes de partir, eu lhe deixo a única coisa que nunca o decepcionou de mim e que sempre adorou: meu cabelo.

Por favor, não me procure. Não quero vê-lo de novo, nem saber mais de você. Espero que seja feliz.

Megan

Com toda a raiva acumulada pelo que havia acontecido, Duncan abriu a porta de seu quarto com tal força que quase a arrancou da parede. Com a carta na mão, e sob o atento olhar de todos que estavam no salão, desceu os degraus de cinco em cinco, com o olhar de um louco.

— O que está acontecendo, Duncan? — perguntou Marlob ao vê-lo naquele estado de desespero.

— Ela foi embora! — vociferou, fora de si, assustando Shelma pela agressividade que demonstrava. — Maldita cabeça-dura! Quando a encontrar, eu a matarei!

— Pensando assim, nunca a encontrará — disse o padre Gowan, olhando-o com dureza.

— Por todos os santos! — exclamou Marlob, incrédulo, cravando os olhos em Shelma, que continuava sentada observando o fogo.

— Não se preocupe — sussurrou Niall, pegando o papel que seu irmão lhe estendia para que o lesse.

E ao lê-lo, perguntou:

— Como Megan pode pensar isso? Acaso é verdade que não a ama e que deseja começar uma vida nova com Marian?

— Isso não pode ser verdade! — gritou Lolach, pegando a carta para lê-la.

Uma vez terminada a leitura, Lolach se aproximou de seu amigo, dizendo com desagrado:

— Diga que isto não é verdade! Porque, se realmente quer voltar para Marian e deixar Megan, nunca mais falarei com você.

— Realmente pensa que quero voltar para Marian, amando como amo minha mulher?! — rugiu Duncan, tão dolorido e irado que neste momento teria se pegado a socos com qualquer um. — Não entendo, não sei o que

aconteceu! Por que ela foi embora?

— Eu posso explicar — sussurrou Shelma, atraindo o olhar de todos. — Ontem à noite, ela o viu com lady Marian antes que saísse. Escutou ela dizer que você a amava e os viu se beijando.

— Como diz? — murmurou Duncan, com a mandíbula contraída.

— Quando saiu, a francesa gritou para minha irmã que você nunca a amaria porque amava a ela, e que a abandonaria para retomar o que tiveram no passado.

Com voz trêmula, continuou:

— Eu vi e escutei tudo. Quando cruzei com Megan na escada, soube, por seu olhar, que ela não aguentava mais. Por isso fui esperá-la na estrebaria. Eu sabia que ela levaria seu cavalo.

— Oh, milady — sussurrou padre Gowan, contrariado. — Nós poderíamos tê-la impedido.

— Por que não me disse, moça? — sussurrou Marlob.

— Não pude, Marlob — disse Shelma, chorando desconsoladamente nos braços de seu marido. — Megan me fez prometer que não diria nada a ninguém. Só poderia dizer algo quando Duncan descobrisse o que havia acontecido. Ela me disse que não pretende voltar, que vai procurar Zac e mandar avisar quando o encontrar. Megan me pediu que lhe dissesse que a única

coisa que precisava de você era seu cavalo, nada mais.

— Por todos os santos! — exclamou Marlob. — Que fez, Duncan?

— Maldição! — bradou Duncan, sentindo seu coração se partir ao meio. — Eu não fiz nada com essa harpia. Ela se jogou em cima de mim para me beijar. \òu matá-la com minhas próprias mãos por continuar arruinando minha vida.

Seu olhar pousou em Robert, que descia, alertado pelos gritos.

— Não me interessa o que faça ou o que pense de mim a partir deste momento, mas Marian não ficará nem mais um instante em minha casa.

— O que está acontecendo? A que se deve este tumulto? — perguntou a francesa, que descia com Miller atrás de Robert.

Estava com o olho roxo e a face inchada.

— Maldito seja o dia em que a conheci! — vociferou Duncan.

Com uma rapidez que deixou a todos estupefatos, subiu até onde ela estava e, pegando-a pelo braço, arrastou-a até embaixo. Transtornado, sentenciou:

— Eu a odeio como jamais odiei ninguém! Sairá agora mesmo de minha casa e de minhas terras. Não quero tornar a vê-la, porque senão, eu a matarei!

— Eu o conheço, sei que não está falando sério — sussurrou a francesa, sem entender o tumulto.

Aproximando-se dele com descaramento, disse, surpreendendo todos, menos Robert e Duncan:

— Podemos resolver isto a sós?

— Não me toque! — gritou Duncan, afastando-a de si com nojo.

— Deus não a perdoará pelo mal que provocou neste lar! — interveio padre Gowan, dirigindo-se a ela.

Mas Marian o olhou com desprezo, enquanto ele continuou:

— Nem Deus nem eu a perdoaremos se algo acontecer com lady Megan.

Mas ela só tinha olhos para Duncan, que andava de um lado para outro, desesperado.

— Você é o ser mais baixo que existe em toda a Escócia! — gritou Niall, surpreso pela falta de honestidade daquela mulher.

Aproximando-se dela, disse, cuspidando em seu rosto antes de sair pela porta:

— Se acontecer alguma coisa com minha cunhada, juro que se meu irmão não a matar, matarei eu.

— Marian! — gritou Robert ao descer a escada. — Sua maldade não tem limites, não é? Tem alguns instantes para se vestir. Sairá imediatamente desta casa e

da Escócia, nem que seja a nado.

— Mas... — disse a francesa, gaguejando, sentindo medo pela primeira vez —, mas está chovendo.

— Não interessa! — respondeu Robert com dureza ao ver o desespero de Duncan.

A mulher correu escadas acima com seu irmão Jack. Entraram no quarto, onde rapidamente trocaram de roupa e fizeram suas malas.

— Duncan, amigo — sussurrou Robert —, lamento que, por me ajudar, sua vida tenha se transformado em um verdadeiro calvário.

— Não se preocupe, Robert. Mas tire essa mulher quanto antes de minha casa, porque não respondo por meus atos.

Assentindo com tristeza, Robert de Bruce subiu as escadas disposto a ajudar um bom amigo como Duncan.

Voltando-se para Shelma, Duncan perguntou:

— Sabe aonde ela pode ter ido?

— Não sei — murmurou Shelma com os olhos inchados de tanto chorar. — Ela não me disse, mas tenho certeza de que ela sabia onde encontrar Zac.

— Tem certeza de que ela não lhe disse? — perguntou Lolach, desesperado pela situação que se havia criado.

— Claro que tenho certeza! — gritou Shelma, olhando-o com raiva. — Acaso pensa que se eu soubesse onde está minha irmã não a ajudaria?

— Está bem, meu tesouro. Não fique assim — assentiu Lolach.

Duncan saiu pela porta principal. Desesperado, sem saber o que fazer, ele saiu para deixar que a chuva o ensopasse.

— Onde está, meu amor? Aonde pode ter ido? — sussurrou com desespero enquanto os trovões não paravam de ressoar.

Capítulo 42

Após uma galopada extenuante, quando o sol começou a surgir Megan chegou à pequena aldeia que Kieran lhe havia indicado. Os aldeões viram um cavaleiro em seu cavalo e, sem lhe dar muita atenção, pensaram que era apenas um jovem que passava por ali. Com os nervos à flor da pele, ansiosa para saber se Zac estava ali, ao descer de Stoirm entrou sem bater na casa indicada por Kieran.

— Bom dia — saudou com voz grave, sem tirar o capuz, para se fazer passar por um homem. — Estou procurando Caleb Wallace.

— Quem o procura? — perguntou um ruivo que afiava uma espada.

— Um parente de Zac Philiphs — respondeu.

Viu o homem olhar para o fundo do aposento, como modo de advertência.

— Eu sou Caleb Wallace — disse o ruivo, deixando a

espada sobre a mesa. — Que quer de mim?

— Isto — disse ela, estendendo o mapa que Kieran lhe havia dado.

Jogando o capuz para trás, Megan viu o ruivo mudar de expressão ao descobrir que se tratava de uma mulher.

— Sou Megan McRae. Ou melhor, Megan Philiphs, amiga de Kieran. Ele me disse que se o quisesse encontrar bastava vir até aqui.

— Graças a Deus! — sorriu o ruivo. — Estávamos esperando por você.

Neste momento, o riso de Zac chegou aos ouvidos de Megan, que, com lágrimas nos olhos, se agachou para receber seu irmão.

Zac correu para ela de braços abertos.

— Você veio, Megan! — sorriu Zac, abraçando-a. — Eu sabia que você me encontraria.

Klon, o cachorro, correu para saudá-la.

— Nunca mais saia para ir a lado algum sem me avisar — censurou-o Megan, apertando-o contra seu corpo. — Está bem, meu tesouro?

— Tudo bem — disse o menino. — Não farei mais isso. Eu sabia que me encontraria, por isso falei de Kieran em nossa última conversa.

Pegando um pequeno mapa parecido com o dela, Zac disse com um sorriso que a desarmou:

— Lord Draco e eu chegamos sem nenhuma dificuldade. Caleb, ao ver que eu estava sozinho, decidiu esperar dois dias, caso alguém viesse me procurar.

— Obrigada, Caleb — disse Megan com um sorriso, segurando com força a mão de seu irmão.

— Pareceu-me estranho que um menino tão pequeno não viesse acompanhado de um adulto — sorriu Caleb, notando a beleza daquela morena. — Da última vez que falei com Kieran, ele me pediu que se um dia uma mulher e um menino me procurassem, que os ajudasse.

— Quando viu Kieran? — perguntou Megan com curiosidade.

— Antes das fortes nevasdas, milady. Nós nos conhecemos há muito tempo. Embora não nos vejamos com muita frequência, sabemos que podemos contar um com o outro. Há algum tempo, recebi uma carta dele: precisava de mim para resolver uns problemas referentes a seu irmão. Fui em seu auxílio. Então, ele mencionou que se algum de vocês aparecesse por aqui, devia ajudá-los e levá-los até ele.

Megan suspirou e sorriu. Havia encontrado Zac. Não queria pensar em mais nada.

— Então, aonde devemos ir?

— Eu os levarei até perto de Aberdeen — respondeu o

ruivo.

Ao ver a cara de Megan, que parecia cansada com aquelas bolsas escuras sob os olhos, disse:

— Creio que deveriam descansar esta noite. Amanhã, sairemos ao amanhecer.

— Não — negou ela rapidamente.

Queria se afastar o máximo possível de Duncan. Temia que ele a encontrasse e que de novo ela acreditasse nele.

— Prefiro partir quanto antes. Mas preciso que envie uma carta a minha irmã Shelma dizendo-lhe que encontrei Zac.

O ruivo assentiu.

— Para onde quer que a envie?

— Ela está agora em Eilean Donan, mas ah vai ser difícil entregá-la. E melhor levá-la ao castelo de Urquhart.

— Não se preocupe, milady — assentiu Caleb, entregando-lhe um pedaço de papel. — Amanhã mesmo essa carta estará no castelo. Nós nos asseguraremos de que os criados a encontrem e façam a carta chegar quanto antes a sua irmã.

— Obrigada — Megan disse.

E escreveu: “Zac está comigo. Nós a amamos”. Dobrou o papel e o entregou.

— Vou entregar sua carta a um dos homens agora mesmo — disse o ruivo.

E voltando-se para recolher suas coisas, acrescentou:

— Quando voltar, partiremos para Aberdeen.

Quando ficaram sozinhos, Zac olhou para Megan.

— Onde está seu cabelo? — perguntou com curiosidade. — Teve que cortá-lo por causa das lêndas?

Megan sorriu.

— Não, meu tesouro. Eu o cortei porque estava cansada de usá-lo tão comprido.

— Está mais bonita agora — disse Zac, pondo atrás da orelha dela uma mecha preta que lhe caía sobre o rosto. — Tenho certeza de que se Duncan a visse agora iria se apaixonar de novo por você.

O coração de Megan se apertou, mas sua mente respondeu: “Se antes não se apaixonou por mim, agora muito menos”. Mas, com um sorriso, ajudou seu irmão a vestir o agasalho antes de sair de novo no clima gelado das Highlands.

*

Vários dias depois, após muita chuva e muito frio, chegaram a uma casa grande, onde as pessoas só viram entrar dois homens e uma criança. Caleb, que caminhava à frente, foi o primeiro a entrar no salão. Kieran escrevia sentado a uma mesa.

— Tem um pouco de cerveja para um amigo? — disse Caleb, surpreendendo-o.

— Caleb! Bem-vindo a sua casa — riu Kieran ao vê-lo.

Seu sorriso se congelou ao ver atrás dele Megan e o menino.

— Por todos os santos!

Passado o primeiro momento de confusão, Kieran abraçou Zac, que rapidamente lhe contou como havia chegado a Caleb sozinho. Depois, Kieran pediu a seu amigo que levasse o menino até a cozinha para comer um belo pedaço de bolo.

— Venha aqui, Megan — sussurrou Kieran.

Ela, sem poder mais conter sua dor, sua angústia e seu cansaço, jogou-se em seus braços para chorar desconsoladamente. Depois de descarregar sua tristeza diante de Kieran, que a consolou com carinho, conseguiu parar de chorar.

— Não consigo acreditar no que está me contando — disse Kieran. — Como Duncan vai preferir viver com uma mulher como Marian a viver com você? Ela o usou para chegar à cama de Robert de Bruce.

— acredite — disse Megan, enxugando as lágrimas —, porque é verdade. Ele a ama, sempre a amou, e já não há lugar para mim em sua vida e em sua casa. Por que ficar? Acaso devo esperar que ele me humilhe diante de todos?

Para Kieran era difícil entender tudo aquilo.

— Megan, é possível que esteja enganada — rephcou, comovido ao vê-la tão arrasada e vulnerável. — Da última vez que falei com ele, Duncan admitiu que conhecer você foi a melhor coisa que lhe aconteceu.

Escutar isso fez Megan começa a chorar de novo.

— Pois lamento dizer que ele mentiu para você também — afirmou. — Kieran, por favor, preciso que me esconda. Faltam três meses para acabar o prazo de nosso *Handfasting*. Quando passar esse tempo, quero voltar para Dunstaffnage. Preciso esquecê-lo, tanto como ele a mim.

— Tem certeza? — perguntou Kieran, preocupado com a falta de vitalidade nos olhos dela. — Creio que devia falar com ele. Podemos lhe mandar uma carta dizendo que está aqui. Tenho certeza de que Duncan a está procurando desesperado.

— Não quero que o avise! — ela gritou, recomeçando a chorar. — Se vim, foi porque uma vez me disse que tinha em você um amigo para o que necessitasse. Se não

for assim, de nada adianta que eu continue em sua casa.

Incapaz de negar-lhe ajuda, Kieran decidiu protegê-la, certo de que quando Duncan ou qualquer McRae soubesse, isso lhe acarretaria mais de um problema.

— Está bem, Megan. Eu a ajudarei — assentiu ele, tomando-lhe a mão. — Quando anoitecer, eu a levarei a um lugar bem tranquilo onde ninguém a encontrará. Mas, passados esses três meses, prometa-me que vai voltar a Dunstaffnage. Não pode viver a vida toda escondida.

— Eu prometo, mas agora... quero esquecê-lo! — ela gemeu, e começou a chorar de novo.

Kieran se sentia um tolo. Não sabia o que fazer para acabar com tanto choro e soluços.

— Preciso esquecê-lo! Eu o odeio!

— Fique tranquila, Megan — sussurrou Kieran, abraçando-a com ternura.

Mas duvidava que Duncan realmente a quisesse esquecer.

Capítulo 43

A partida de lady Marian foi agradável para todos. A carta para Shelma foi recebida por Ronna. Mael foi com urgência até Eilean Donan para entregá-la à moça, que respirou aliviada ao saber que seus irmãos estavam juntos. Enquanto isso, Duncan amaldiçoava, desesperado, por ser incapaz de encontrá-la. Passada uma semana, a raiva e o aborrecimento de Duncan não paravam de crescer. Mas, passado um mês, já eram insuportáveis. Ele não dormia, não comia e só dava ordens e gritos.

Não podia parar de pensar nela, em seu sorriso, em seus beijos carinhosos, em seu olhar maroto quando o desafiava, ou em seus olhos ao olhá-lo com amor. Por que ele não soubera cuidar daquilo de que tanto sentia falta agora? Por que havia demorado tanto para perceber que ela era seu verdadeiro amor?

Marlob, angustiado pela ausência de Megan e Zac, observava seu neto dia a dia voltar a se trancar em si mesmo. Rezava para que Megan voltasse para a vida deles. Precisavam encontrá-la, não podiam prescindir dela.

Passado o primeiro mês, Kieran foi à fortaleza de McPherson. Tivera notícias de que Duncan estava ali. Quando o encontrou, comprovou pessoalmente o desespero e a tristeza que seus olhos refletiam. Mas não podia trair a palavra que dera a Megan; por isso, sem fazer nenhum tipo de comentário, estimulou-o a continuar procurando-a e se calou.

A angústia que Duncan sentia a cada instante que passava sem ela o estava consumindo. Quando Berta, a prostituta de McPherson, tentou se aproximar dele, sentiu tanto medo pelo modo como a olhava que nem voltou a tentar.

“Onde está, Megan? Onde está, meu amor?”, soluçava aquele enorme *highlander* durante as longas noites de sohdão, segurando uma pequena mecha preta da longa trança que ela havia deixado.

O vazio que sentia na alma e no coração ficava cada vez maior. Ele não parou de procurá-la mesmo passado o segundo mês. Mas ninguém havia visto uma morena com um menino. Duncan fez correr a notícia pelos clãs com a esperança de que alguém lhe dissesse algo, um rumor, uma pista. Mas nada chegou. Não queria se dar por vencido. Viajou de novo a Dunstaffnage, mas Axel e Magnus com dor no coração, tiveram que tornar a dizer que continuavam sem notícias dela. Todos se perguntavam a mesma coisa: onde Megan havia se metido?

O mês de maio chegou. As chuvas começaram a diminuir. Os dias eram mais longos e os prados, montes e vales se saturaram de flores multicoloridas. Em todo esse tempo Megan dedicou todos os seus dias a fazer Zac feliz. E suas noites a recordar Duncan, seu amor.

Os vômitos que a gravidez lhe provocara no início pouco a pouco foram diminuindo. Estava melhor. A tarde, gostava de se sentar diante de sua pequena cabana para ver seu irmão brincar. A gravidez era um segredo para Zac e Kieran. Nem de longe eles imaginavam. Ela tomava o cuidado de usar sempre a capa por cima para que não notassem a barriga redonda que estava crescendo.

Naqueles meses duros, Kieran a visitava com frequência, mas com cautela. Sabia que se Duncan ou qualquer outro soubesse que ela estava ali, o matariam. Em mais de uma ocasião tentou falar com ela,

mas era mencionar o nome de Duncan e ela começava a chorar pes aros amente, gritando que o odiava e que não queria saber dele. Por isso, Kieran, diante da reação dela, calava e tentava respeitar o fato de ela não querer saber nada sobre Duncan.

Certa tarde, quando Kieran falava com Zac sobre a vida dele em Eilean Donan, percebeu que o menino falava com saudade de Shelma, Marlob, Ewen, Niall, Lolach e Duncan. E ficou surpreso quando o garoto, após lhe mostrar com orgulho uma linda adaga com suas iniciais, que Duncan lhe havia dado de presente, confessou que, embora pensasse que o odiava por brigar com ele naquele dia, agora se dava conta de que o marido de sua irmã tinha razão. Disse, inclusive, que sentia falta dele, porque sempre havia se portado muito bem com ele. Zac queria jogar com Marlob aquele jogo estranho de pedras e escutar as histórias que o velho lhe contava todas as tardes diante da lareira. Quanto a Niall e Ewen, sentia falta de sua compreensão e seu maravilhoso senso de humor, além da proteção. De Lolach, suas aulas de luta. E de Shelma, seus abraços e suas piadas engraçadas. Esse tempo de sohdão com Megan, longe de todos, havia lhe ensinado que também precisava daquelas pessoas que tanto o amavam e tanto o protegiam. Mas tinha medo de dizer isso a ela, pois só a ouvia dizer que nunca voltaria para Eilean Donan. E, em especial, que odiava Duncan!

Só faltava uma semana para que o *Handfasting* de seu casamento acabasse. Isso era algo tão terrivelmente doloroso para Megan que ela se negava a recordá-lo. Ficava louca de imaginar a felicidade de lady Marian, “a francesa odiosa”, e sentia calafrios ao pensar em Duncan beijando-a como tempos antes havia beijado a ela mesma. Mas não amado.

O dia que Kieran lhe disse que devia voltar para Dunstaffnage foi um dos piores de sua vida. Com paciência, Kieran lhe exphcou várias vezes que havia recebido uma carta de sua mãe. Tinha que ir para Aberdeen e não sabia quanto tempo levaria para voltar.

— Estou falando sério, Megan. Tem que voltar para Dunstaffnage — insistiu pela décima vez.

Olhava para ela e notava que havia ganhado um pouco de peso, embora as olheiras escuras sob seus olhos permanecessem, entristecendo-a.

— Não, eu me recuso a voltar para lá — respondeu ela.

— Como é teimosa! — grunhiu Kieran, que nesses meses havia valorizado a paciência de Duncan com ela. — Não quer voltar porque sabe que assim que chegar avisarão Duncan, não é?

— E você, o que acha?! — perguntou ela, engolindo o nó que se formou em sua garganta ao escutar esse

nome.

Nervosa, ela se levantou. Pondo as mãos na lombar, alongou-se, sem notar que com esse movimento deixava exposto seu grande segredo.

— Por Deus, Kieran! Vá embora e faça o que tem que fazer, mas me deixe em paz. Não quero voltar e pronto. Mas... por que estáme olhando assim?

— Por todos os santos, Megan! — exclamou Kieran, sentindo seu sangue gelar. — Está grávida?!!

— Por que diz isso? — murmurou Megan, olhando a barriga enquanto alisava a saia.

Ao ver a cara de Kieran, levantou as mãos para o céu com desespero.

— Está bem! Não posso mais negar. Sim, estou grávida! Mas, por ora, ninguém pode saber.

— Maldita sina a minha! Se antes só achava que Duncan ou algum dos seus brutos poderia me matar, agora tenho plena certeza — amaldiçoou Kieran, indignado ao pensar que aquela mulher que tanto apreciava levava dentro de si o filho de seu amigo Duncan. — Como vai explicar isso a Duncan?

— Não vou lhe explicar nada porque não o verei — afirmou ela, entrando com fúria na pequena cabana que vinha ocupando naqueles meses.

Kieran a seguiu, incrédulo diante do que havia acabado

de descobrir.

— Ele não precisa saber que este filho existe. Duncan tem que refazer sua vida, assim como eu a minha.

— Mas... Megan! — replicou Kieran, observando, atônito, a barriga saliente que havia lhe passado despercebida todo esse tempo. — Está louca?

— Sim! — afirmou Megan, olhando-o com o rosto vermelho de raiva. — Claro que estou louca. E sabe por quê? Porque a cada dia que passa sinto mais saudade de uma pessoa que não me amou, nem nunca amará, e que deve estar feliz rolando na cama com uma francesa que em breve será sua esposa.

— Escute, mulher! — disse Kieran, segurando-a pelo braço com força. — Durante todo esse tempo me negou a possibilidade de falar de Duncan, mas creio que chegou a hora que vai ter que me escutar, cabeça-dura! Você é mais cabeça-dura do que seu marido.

Com um gesto contrariado, Megan se soltou e olhou para ele.

— Se você se atrever a dizer uma única palavra — advertiu ela, pegando um prato de barro —, juro que quebro sua cabeça.

— Não posso acreditar! — riu Kieran diante da reação dela. — Você me enganou esse tempo todo dizendo que o odiava, quando na verdade é o contrário. Você o ama tanto que é capaz de abandoná-lo para que ele seja feliz.

— Kieran, basta! — gritou Megan, sentindo que as lágrimas começavam a deslizar pelo seu rosto sem nenhum controle. — Não quero mais falar desse assunto. Viaje, faça o que tiver que fazer, mas, por favor, deixe-me em paz!

— Está bem, Megan. Fique tranquila. Mas pare de chorar — sussurrou Kieran com carinho.

E saiu pela porta da cabana com um sorriso nos lábios.

Dois dias depois, Kieran tomava uma cerveja em uma taberna longe de Aberdeen com a certeza de que, em breve, quando Duncan aparecesse e ele lhe contasse que havia ajudado Megan, levaria uma bela

surra. Mandar uma carta a Duncan para que se encontrasse com ele havia sido uma decisão estudada, e, de certo modo, acertada. De início, pensou em lhe mandar uma carta guiando-o até ela, mas, por fim, decidiu que ele mesmo o levaria.

Continuava mergulhado em seus pensamentos quando a escuridão dominou o interior da taberna. Ao olhar para a porta, viu entrando dois enormes *highlanders*. Sorriu ao reconhecer Niall e Myles.

— Agrada-me sua rápida chegada — disse Kieran,

trocando um aperto de mãos com eles.

— Ao receber sua carta, partimos imediatamente — explicou Niall com cara de cansaço.

O taberneiro serviu-lhes duas cervejas. Niall deu um longo trago refrescante.

— Onde está Duncan? — perguntou Kieran com estranheza. — Não me diga que ele não quis vir!

— Ele teria vindo sem pensar — as sentiu Niall.

Ao recordar seu irmão, seu coração se encolheu. Ele não merecia o calvário que vivia, e Niall tinha certeza de que se Megan não aparecesse a vida de Duncan estaria acabada.

Myles, tão preocupado quando Niall, foi quem respondeu.

— Ele deve estar voltando da Inglaterra. Mandamos alguns homens para que o interceptassem no caminho e o desviassem para cá. Seu empenho em encontrar sua mulher o levou até Dunhar, a residência onde ela viveu na infância.

— Por todos os santos, que loucura! — disse Kieran, sentindo a pele de todo seu corpo se arrepiar. — Se os *sassenachs* o pegarem, não sairá vivo daquelas terras.

— Acha que meu irmão se importa com isso? — exclamou Niall com tristeza. — Ele partiu para a Inglaterra há uns quinze dias, acompanhado de Lolach e

Axel, e só espero que já esteja voltando. Tentamos convencê-lo a não fazer essa viagem, mas ele não desistiu até confirmar que ela não estava lá.

— Bem... — Kieran se endireitou, disposto a encerrar esse problema e começar outro. — Justamente sobre isso eu queria falar com vocês.

— Sua carta dizia que tem notícias dela — disse Myles.

— Sim — assentiu Kieran, com a culpa estampada no rosto.

Se algo acontecesse a Duncan por causa de seu silêncio, nunca se perdoaria.

Niall largou precipitadamente a cerveja na mesa e disse:

— Se sabe algo sobre ela, Duncan ficará eternamente agradecido.

Kieran bebeu outro gole de cerveja.

— Disso tenho dúvidas — sussurrou Kieran, com um sorriso que deixou os outros pasmos.

— Por que diz isso? — perguntou Myles, incomodado.

Ele sabia que Duncan agradecería por qualquer informação sobre ela.

— Porque desde o primeiro momento eu sei onde ela está. Mas não pude lhes contar nada porque prometi a

ela.

— O quê?! — gritou Niall transtornado.

Sem poder se conter, pegou Kieran pelo pescoço e, dando-lhe um soco, fez com que voasse por cima das mesas da taberna.

— Como pôde fazer isso conosco?! Maldição, Kieran! Como pôde fazer isso com Duncan?

— Chega, Niall! — interpôs-se Myles. — Vamos deixar que ele explique.

— Não me sinto bem pelo que fiz, mas não tive opção.

Kieran se levantou limpando com a mão o sangue que brotava de seu lábio.

— E por isso mereço apanhar de você, de seu irmão, de Myles e de todos os McRae. Porque sei que não terei o perdão de nenhum de vocês. Mas escutem! Sou um *highlander*, um homem de palavra, e Megan me fez prometer que não diria a ninguém onde estava até que se passassem três meses.

— A palavra de um *highlander* é nossa identidade — admitiu Myles, dando-lhe razão. — Um *highlander* não falta a sua palavra sob nenhum pretexto.

— Tem razão — reconheceu Niall, recompondo-se.

Sentia que a agonia dos últimos meses por fim

acabaria.

— Perdoe-me, Kieran. Mas não pode imaginar o que tem sido para todos nós. Procurá-la dia após dia e não encontrar nem rastro dela... Zac está com ela também, não é?

Kieran assentiu, e Niall se recostou, mais relaxado, no banco de madeira.

Perguntou com um sorriso:

— Minha cunhada louca está bem?

— Digamos que sim — sorriu Kieran, sem querer revelar o que sabia.

Isso eles teriam que descobrir.

— Durante um tempo estive bem mal, o dia todo chorando e gemendo, mas, agora, parece que está mais forte. Há alguns dias, quando lhe pedi que se encontrasse com Duncan, ela pegou um prato e disse que se eu me atrevesse a dizer alguma coisa quebraria minha cabeça.

— Essa é minha cunhada! — gargalhou Niall.

Myles assentiu.

— Onde ela está agora?

— Não muito longe daqui — indicou Kieran. — O problema vai se agravar quando ela os vir chegar sem Duncan. Megan tem certeza de que ele vai se casar com lady Marian assim que terminar o prazo do *Handfasting*.

— Mas lady Marian foi embora de Eilean Donan no mesmo dia em que ela fugiu! — recordou Myles.

— Só posso lhes dizer que foi impossível falar com ela sobre esse assunto — sorriu Kieran.

— Bem, amigos — disse Niall, antes de brindar —, creio que chegou a hora de enfrentar essa fera.

Todos abriram um sorriso que havia muito tempo não mostravam.

Capítulo 44

Naquela tarde, Niall, Kieran e Myles, depois de uma cavalgada pelo bosque, chegaram ao que parecia ser uma enorme pedra coberta por uma densa hera. Kieran afastou com as mãos as folhas que ocultavam uma fenda larga como uma porta.

— Por todos os santos! — sorriu Niall, surpreso. — Como sabe da existência disto?

— Era um dos esconderijos preferidos de meu avô — sorriu Kieran, fazendo-os entrar naquela pedra enorme.

Depois da pedra surgiu um frondoso bosque escuro.

— Este esconderijo só poucas pessoas conhecem.

— E nós agora — disse Myles, fazendo-os rir.

De súbito, ouviram a voz de Zac, que nesse momento lutava contra uma árvore com sua espada de madeira. Com um gesto, Kieran pediu que ficassem calados e esperassem.

— Olá, Zac — saudou Kieran, parando diante dele com um grato sorriso, que o rapaz retribuiu. — Onde está sua irmã?

— No riacho — respondeu ele, e apontou com a espada.

— Tenho uma surpresa para você, mas tem que ficar calado, está bem?

O menino as sentiu com um movimento de cabeça. Kieran deixou que aqueles dois gigantes aparecessem diante dele. Ao vê-los, Zac soltou rapidamente a espada e se jogou nos braços de Niall, que o recebeu com carinho. Depois foi Myles quem o abraçou. Niall lhe pediu que não avisasse Megan. Queriam surpreendê-la.

Por causa do calor, Megan se refrescava no riacho. Mal havia conseguido descansar. A angústia que lhe geraram as palavras de Kieran, o fim do prazo de seu *Handfasting* e a gravidez faziam-na sentir náuseas de novo. Sua aparência estava péssima outra vez. Estava sentada na margem, enrolada na velha capa de Angus.

— Não sei se devo beijá-la ou matá-la, cunhada — disse Niall de súbito, apoiado em uma árvore.

Megan deu um pulo de susto.

— Que faz aqui, Niall? — perguntou, sobres saltada, ao ver seu cunhado.

— Ora! — disse ele se aproximando com seriedade. — Não lhe agrada minha visita? Nem sequer mereço um

simples “Olá, Niall”?

Ao ver as sombras escuras sob os olhos dela, Niall sussurrou, carinhoso:

— Não me importa o que pense essa sua louca cabecinha. Quero que saiba que estou muito feliz por vê-la, porque senti muito sua falta.

— Olá... Niall — gemeu ela quando ele lhe estendeu a mão.

Sem poder resistir, ela correu para ele e o abraçou.

— Ssshhh... — sussurrou Niall, tocando com carinho aquele cabelo preto. — Gostei do corte de seu cabelo.

Como Megan, em vez de rir, chorou ainda mais, disse:

— Chega! Por que está chorando?

— Como... como está Duncan? — perguntou ela, soluçando.

Cravando seus olhos claros nela, ele sussurrou:

— Como pensa que ele está?

— Imagino que zangado comigo, mas feliz com seu casamento recente — respondeu ela, deixando-o totalmente atarantado.

— Casamento?!

— Ele não veio — disse ela, desolada, olhando ao redor. — Já se casou com ela, não é?

— Do que está falando? — perguntou Niall, frustrado.

— Não minta, Niall! — gritou ela, afastando-se. —

Ele não veio porque já se casou com ela, não é? E aposto que os dois estão rindo de mim. Oh, Deus... como os odeio!

— Não estou mentindo — respondeu Niall, e olhou para Myles e Kieran que, ao ouvir os gritos, correram para ver o que estava acontecendo. — Mas posso saber do que está falando, mulher?

Megan, ao ver o bondoso Myles, chorou ainda mais, deixando os três *highlanders* estupefatos.

— Nunca pensei que faltaria com sua palavra! — gritou ela olhando para Kieran.

— Não faltei — respondeu ele com firmeza. — Eu lhe dei minha palavra de que não diria a ninguém seu paradeiro durante três meses. Mas, se minhas contas não estiverem erradas, está aqui há três meses e três dias.

Zac, horrorizado com os gritos de sua irmã, gritou:

— Eu quero ir com eles! Não quero mais viver aqui!

Ouvindo isso, Megan enxugou as lágrimas e tentou

recuperar a compostura.

— Perfeito! — disse, vendo seu irmão segurar a mão de Myles. — Vá com eles, e que o levem para Shelma, em Urquhart!

— Milady, creio que... — disse Myles.

Megan o interrompeu.

— Não volte a me chamar de milady. Não sou mais mulher de seu *Icàrd*. Não sou mais Megan McRae — disse, sentindo uma pontada no coração. — Meu nome é Megan Philiphs de novo.

— Megan?! — vociferou Niall, tomando-a pelo braço para tentar fazê-la raciocinar.

Sua cunhada sempre havia sido cabeça-dura, mas esse jeito de gritar já estava beirando a loucura.

— O que há com você? Por que se comporta dessa maneira tão absurda?

— Absurda?! — exclamou ela, ajeitando a capa, que se abrisse.

E, nesse momento, sentiu os olhares alucinados de Niall e Myles em sua barriga.

— Querem parar de me olhar assim?

— Mas... mas, Megan — gaguejou Niall, apontando para a barriga dela. — Está... está... grávida?

— Por todos os santos! — sussurrou Myles ao notar aquela barriga tão parecida com a de sua mulher, Maura, quando esperavam sua filha. — Milady, não devia continuar aqui. Duncan precisa saber que vai ser pai.

— Não é filho de Duncan! — gritou ela, fazendo birra.

Myles e Niall voltaram os olhos apertados para Kieran, mas ele reagiu de imediato.

— Mentirosa! — vociferou Kieran, agoniado. —

Acreditam que se fosse meu eu os teria chamado? Por todos os diabos! Que loucura!

E voltando-se para Megan, disse:

— Eu não esperava isso de você.

— E eu não esperava que os trouxesse até aqui! — gritou ela, com os olhos fora das órbitas.

— Por todos os santos, Megan! — disse Niall, aproximando-se.

— Não quero ouvir falar de Duncan! — gritou.

E, sem poder conter as náuseas, deu meia-volta e, se apoiando em uma árvore, vomitou diante da inquietude de todos. Quando se recompôs, olhou para Niall.

— Lembra o dia que chegou ao castelo com Robert de Bruce e Marlob lhe contou o que havia acontecido com Margaret? Recorda que me disse que lhe pedisse o que quisesse?

— Sim — assentiu Niall, inclinando a cabeça. — Mas não me peça isso, por favor!

— O que quero agora é que vá embora daqui. Parta, leve Zac para Shelma e deixe-me viver em paz.

Niall suspirou, aflito. Lançando-lhe um olhar muito zangado, voltou-se e fez um sinal a Myles para que o seguisse. Ambos desapareceram entre as árvores, seguidos por Kieran. Mas Zac ficou parado, olhando para sua irmã.

— Zac! Vá com eles. Shelma e Lolach adorarão acolhê-lo.

O menino não se mexeu.

— Zac?

— Eu quero viver com você — sussurrou o menino com os olhos cheios de lágrimas.

Queria ir embora daquele lugar, mas não queria abandonar sua irmã.

— Escute, meu tesouro — disse Megan, tentando ser forte.

A última coisa que ela queria era fazer mal a seu irmão, que merecia ser feliz com as pessoas que o amavam, e não na solidão daquele lugar.

— Quero que vá com eles, porque eu preciso ficar sozinha. Por favor! Prometo que quando estiver melhor irei buscá-lo em Urquhart e ficaremos juntos.

— Promete? — perguntou o menino, olhando-a nos olhos.

— E claro, meu tesouro — assentiu ela —, eu prometo.

Zac jogou-se em seus braços e a beijou. Com um sorriso, ela o incitou a ir atrás dos *highlanders*, e ele obedeceu. Parando, o menino jogou-lhe um beijo com a mão e, a seguir, correu entre as árvores, seguido por Klón. Megan ficou sozinha com seu desespero.

Dois dias depois do confronto com Megan, Niall e Myles, desesperados, sem intenção de sair dali, esperavam notícias de Duncan, que estava demorando a voltar da Inglaterra. Kieran foi para Aberdeen prometendo voltar o mais cedo possível.

Enquanto isso, Zac, que havia sido escoltado por vários guerreiros McRae até Urquhart, abraçava e beijava Shelma, gordíssima, que estava em seu sétimo mês de gravidez e que ficou sem palavras ao escutar o que o menino lhe contou.

— Megan está grávida?! — gritou, levando as mãos à cabeça.

— Sim, está ficando tão gorda como você — assentiu ele.

De barriga cheia, ele queria ir para a cama, mas Shelma, com suas perguntas constantes, não lhe permitia.

— E o pior de tudo é que não para de chorar e vomitar.

— E normal, Zac — disse Briana, com seu filho, Brodick, de cinco meses, no colo.

— Oh... minha pobre irmã! — lamentou Shelma, tocando sua própria barriga e olhando para Zac. — Mas por que ela não quer voltar para Duncan?

— Ela disse que o odeia — informou o menino, vencido pelo sono —, e não sei o que mais, e que espera que Duncan seja feliz com a francesa.

— Por todos os santos! — amaldiçoou Shelma.

Ao ver que Zac estava adormecendo, comentou:

— Millie, acompanhe Zac a seu quarto. Está morrendo de sono. Boa noite, meu tesouro, bons sonhos.

— Não creio — sussurrou o menino, triste, seguindo Milhe. — Sem Megan por perto, vai ser difícil.

— Maldita francesa! — gritou Shelma quando Zac saiu. — Tomara que apodreça no inferno!

— Fique calma, Shelma — disse Briana, tomando-lhe o braço.

Naqueles meses, havia pegado muito carinho por ela. Quando Lolach fora a Inverness dizer a Anthony que precisavam de sua ajuda para entrar na Inglaterra, ele não hesitara, e levara sua mulher e seu filho para Urquhart até que voltasse.

— Tome umas ervas, vão lhe fazer bem.

— Não fique assim — censurou-a Ronna carinhosamente.

Ela adorava aquela jovem que havia levado a felicidade para Urquhart.

— Pense no bebê!

— Como vou pensar no bebê se minha irmã está sofrendo? Avise Mael que prepare uma carroça. Vou buscar Megan.

— Está louca, Shelma?! — exclamou Briana, deixando seu bebê em um bercinho. — Em seu estado não deve viajar.

— Não diga isso, milady! — espantou-se Ronna ao vê-la tão decidida. — Se meu *laird* souber que a deixei viajar em seu estado, vai se aborrecer demais.

Com um sorriso divertido, Shelma respondeu:

— Não se preocupe com Lolach, Ronna. Ele não pode me proibir porque está com Duncan procurando

minha irmã.

E sorriu ao ver Zac entrar de novo no salão.

— Eu vou com você — disse o menino.

Ao ver sua irmã assentir, saiu correndo em busca de Mael.

— Mas... — sussurrou Ronna, desconcertada —, em seu estado não é prudente...

— Brodick e eu a acompanharemos também — informou Briana, decidida a não deixar Shelma sozinha e a ajudar Megan no que necessitasse.

Ronna, contrariada com a situação, repetiu:

— O *laird* a matará quando souber. \ai ficar muito

aborrecido. Ouça o que estou dizendo.

— Fique tranquila, Ronna. Duvido que me mate! — respondeu Shelma, marota. — Minha irmã, fosse qual fosse seu estado, correria em meu auxílio. Portanto, está decidido.

Naquela mesma noite, Shelma, o mais confortavelmente que pôde, subiu em uma carroça acompanhada por Briana, o pequeno Brodick e Zac. Seguiram, escoltados por Mael e vários homens McKenna, para o lugar onde estava sua irmã.

Passados vários dias sem que ninguém a incomodasse, Megan começou a acreditar que Niall e Myles lhe haviam obedecido e que Duncan havia se esquecido dela. Apesar do mal-estar que sentia ao pensar em Duncan, à noite conseguia dormir, embora atormentada pela lembrança daqueles olhos verdes e seu sorriso sensual. Ansiava afundar os dedos naqueles longos cabelos castanhos com reflexos domados, mas tinha que tirar esses pensamentos absurdos da cabeça. Nunca mais veria seus olhos, nem seu sorriso, nem tocaria seus cabelos...

Durante os dias de solidão, Megan escovava Stoirm e Lord Draco, que a acompanhavam nos passeios pelo bosque. Ela ainda gostava de caçar, por isso, muitas vezes conseguia alguma presa maravilhosa para o almoço

e jantar. Com extremo cuidado, Niall e Myles a observavam sem ser vistos e, apesar de conhecerem a habilidade dela para a caça, não paravam de se surpreender.

Certa noite, quando os guerreiros tentavam dormir no chão enrolados em suas mantas, ouviram ruído de cavalos. Levantando-se rapidamente, esconderam-se atrás das árvores. Mas logo saíram do esconderijo quando reconheceram Kieran e Mael no caminho.

— \bltou rápido, amigo — saudou Niall.

Kieran parecia cansado da viagem.

— Sim, e encontrei Mael e vários McKenna no trajeto — explicou. — Duncan chegou?

— Não — negou Niall com preocupação. — Ainda não sabemos nada dele. Se em dois dias não chegar, irei eu mesmo buscá-lo na Inglaterra.

Nesse momento, uma voz de mulher atraiu seus olhares.

— Vai me ajudar a descer ou pretende que desça rolando? — disse Shelma ao ver como todos olhavam para ela.

— Por todos os santos, Shelma! — exclamou Niall ao ver sua barriga descomunal. — Que está fazendo aqui?

— O que acha? — respondeu ela cruzando os braços, enquanto Zac pulava da carroça ajudado por Briana, que nesse momento pegava o pequeno Brodick. — Vim levar minha irmã e tentar pôr um fim em toda essa loucura.

De súbito, ouviram mais cavalos se aproximarem. Mael, pondo Shelma atrás de si, esperou com impaciência a chegada dos cavaleiros.

— São homens de McPherson — observou Myles, confuso.

— E... McRae?! — exclamou Mael, deixando Shelma sair de trás dele.

— Mas... o que estão fazendo aqui? — perguntou Niall.

Ficou perplexo ao ver Gregory McPherson, seu avô, Sarah, Mary, padre Gowan, Fiorna, Edwina e outras pessoas de Eilean Donan.

— Boa noite, rapazes! — saudou McPherson, descendo de seu cavalo. — Tive notícias de que estavam por aqui, e viemos ver se podíamos ajudar.

Levantou a mão e indicou ao pessoal da carroça que podia descer.

Desceram Mary e Rene.

— McPherson! Que agradável visita! — disse Kieran com um sorriso divertido com a quantidade de gente que estava se reunindo ali.

Olhando para o velho McRae, saudou:

— Boa noite, Marlob.

— Onde está minha mocinha? — perguntou Marlob, impaciente, desmontando com garbo de seu cavalo, enquanto da carroça que os seguia desciam Sarah, Fiorna, Edwina e Susan.

— Fique tranquilo, Marlob — disse padre Gowan. — Logo a verá. Tudo a seu tempo.

Ao ver seu avô ah, Niall ficou inquieto e ao mesmo tempo alegre.

— Mas, avô... — começou a rir —, que faz aqui?

— Vim levar minha neta para casa — afirmou, provocando o riso dos demais.

— Mary! Rene! — saudou Shelma, feliz por ver aquelas pessoas que tão bem os haviam tratado na fortaleza McPherson. — Que alegria!

— Santo Deus, milady! — riu Mary ao vê-la tão redonda. — Está imensa!

— Nem mais uma palavra! — advertiu Shelma, levantando um dedo e rindo.

— Que bebê mais lindo! — sussurrou Mary com carinho ao ver Briana com seu filho nos braços.
— Estou muito feliz de vê-los tão bem.

— Obrigada, Mary — sorriu Briana, feliz, deixando-a pegar o menino. — E Brodick, meu filho lindo.

— Que gordinho! — disse Rene, alegre por ver todas aquelas pessoas.

De novo, o ruído de cavalos os fez guardar silêncio. Todos observaram o caminho.

— Shelma! — gritou de súbito uma voz alegre que fez que o coração de Niall paralisar. — Como está gorda!

— Gillian?! — gritou Shelma tentando correr, desajeitada.

Gillian pulou do cavalo em movimento para abraçá-la, enquanto seus olhos azuis se fixavam em Niall.

— Eu também quero um abraço — disse Alana, e as duas moças se fundiram com ela em um abraço gostoso.

— Por todos os celtas caolhos! — bradou Magnus ao ver Marlob.

E dando-lhe um forte abraço:

— Fico muito feliz de ver que está melhor. — E baixando a voz, perguntou: — Axel, Duncan e Lolach já voltaram?

— Não, ainda não se sabe nada deles — respondeu o velho.

E, fazendo um gesto que só os dois entenderam, perguntou:

— E você, velhaco! Como está?!

— Ansioso para que estes jovens encham o castelo de netos.

Ao notar a cara com que Niall olhava para Gillian, disse, ao ver sua neta erguer o queixo e se afastar:

— Seu neto sempre olha para as mulheres com essa cara de bobo?

— Não — respondeu Marlob, divertido. — Ele só olha assim para quem gosta de verdade.

Mael e Myles debochavam de Niall, que os afastava, irritado.

— Que inconvenientes! Deixem-me em paz! — reclamava Niall.

— Lembra a cara de bobo de seu irmão quando íamos para Urquhart? — recordou Myles, fazendo-o sorrir. — Pois, amigo, essa é sua cara agora vendo sua Gillian.

Nesse momento, Kieran se aproximou.

— Essa preciosidade loura é Gillian? — perguntou.

— Kieran, nem se atreva a se aproximar dela! — advertiu Niall, demarcando território. — Se não quiser que o soque de novo, não se aproxime de Gillian. Está advertido!

— Fique tranquilo, homem — gargalhou Kieran antes de saudar Sarah, que se voltara para olhá-lo. — Aqui, além de sua Gillian, existem outras belezas.

De repente, aquele lugar passou de um espaço no meio do nada a uma concentração de clãs. Nessa noite, os McRae, McPherson, O'Hara, McKenna e McDougall formaram uma grande família ao redor de uma fogueira, à espera de que Megan reconsiderasse. Mas Niall, Myles e Kieran os impediram de vê-la enquanto Duncan não chegasse.

Mais longe, onde nem sequer chegava o clamor daquela reunião numerosa, Megan observava as estrelas deitada à beira do riacho. Pensava em Duncan. O que estaria fazendo?

Capítulo 45

De madrugada, quando todos dormiam, sem fazer barulho, chegaram Duncan, Lolach, Axel, Anthony e vários guerreiros à reunião de clãs. A surpresa de todos foi absoluta quando encontraram aquela quantidade de pessoas dormindo no chão, enroladas em suas mantas.

— Por que há tanta gente aqui? — sussurrou Axel.

— Esse cavalo não é de Magnus? — perguntou Duncan, que, assim como os outros, estava sujo de pó até a barba.

— Se vocês se calarem, não os acordarão — sussurrou Niall, surgindo do nada com Kieran, Mael e Myles.

Suspiravam felizes por vê-los.

Afastando-se um pouco do acampamento improvisado, sem perder um instante, Kieran explicou a situação a Duncan e aos demais.

— Santo Deus! Megan está aí?! — perguntou Duncan

em um sussurro.

Kieran o olhava e Anthony sorria de felicidade.

— Sim, Duncan — assentiu Kieran, satisfeito.

Instantes depois, chegou o soco que ele esperava, e

deixou-lhe o olho roxo.

— Eu poderia matá-lo, Kieran O'Hara! — rugiu Duncan em um ataque de fúria.

— Eu entendo! — disse Kieran, enquanto Niall segurava seu irmão. — Tem toda a razão do mundo para me matar, mas eu não pude fazer nada. acredite!

— Kieran tem razão — interveio Niall, interpondo-se entre ambos. — Ele deu sua palavra de *highlander* a Megan; comprometeu-se a ajudá-la durante três meses sem revelar a ninguém seu paradeiro.

— E você sabe, meu *laird* — continuou Myles —, que nossa palavra é irrevogável.

Lolach e alguns homens assentiram, dando-lhes razão.

— A palavra de um *highlander* é sagrada — sentenciou Axel.

— Tem razão — assentiu Lolach, que entendia a raiva de Duncan e a forma de agir de Kieran. — Eu teria feito o mesmo se lhe houvesse prometido.

Mal podendo acreditar que sua mulher estava ah, Duncan sorriu.

concordou, aproximando-se de

— Está bem —

Kieran, mas com uma atitude mais pacífica. — Desculpe por seu olho. É a segunda vez.

— Tentarei por todos os meios evitar que haja uma terceira! — sorriu Kieran ao ver que Duncan o havia perdoado.

Fundindo-se em um abraço com ele, sussurrou:

— Não perca mais um instante e vá convencer a fera que o espera ali dentro de que é só a ela que ama. E tenho certeza de que terá uma boa surpresa.

— Isso está acontecendo por seguir seu conselho de não a domesticar — sorriu Duncan pela primeira vez em muitos meses.

E se afastou de todos, esperançoso diante da expectativa de ver a mulher que havia lhe roubado o sono, a vida e o coração, e sentindo sua alma querer abandonar seu corpo.

Os *highlanders*, felizes e contentes, observaram-no ir.

— Aposto dois cavalos de cada um que ela o deixa de olho roxo — debochou Niall, olhando para todos.

Todos riram e apostaram, voltando ao grupo, que começava a se espreguiçar.

Com cuidado, Duncan entrou pela abertura sem que ninguém o visse e seguiu o caminho que indicara seu irmão, até que viu a pequena cabana. Com o maior silêncio do mundo, abriu a porta, entrou e esperou que seus olhos se acostumassem à escuridão. E, então pôde vê-la dormindo em um leito rústico e simples, virada para a parede.

Inseguro, apoiou-se na parede ao sentir que suas pernas falhavam. Haviam sido três meses de verdadeira tortura, sem que parasse nem um só dia de procurá-la. Mas de novo ela estava ali, diante dele. Tonto por ver a silhueta de sua mulher, arrepiou-se todo quando ela se mexeu. Seu coração batia tão forte que Duncan teve a sensação de que podia ser ouvido na Escócia inteira. Sem aguentar mais, aproximou-se lentamente dela. Ao se agachar para ficar a sua altura, sua espada bateu no chão.

— Se me tocar, eu o mato — advertiu Megan, pondo-lhe a adaga no pescoço.

Com um calafrio, Megan viu que era Duncan. Seus olhos verdes lindos e inquietantes a olhavam com adoração, enquanto seus lábios carnudos a convidavam a tomá-los. Mas, fazendo um enorme esforço, ela perguntou, da maneira mais fria que pôde, sem tirar a adaga do pescoço dele:

— Que faz aqui, *laird* McRae?

Escutar a voz de Megan fez Duncan sorrir, apesar da pressão da adaga em seu pescoço.

— Vim buscá-la, meu amor — sussurrou ele, encantado diante daqueles olhos e do rosto que tanto desejara tornar a ver.

— Nem irei com você, nem me chame de meu amor! — protestou Megan, tirando a adaga do pescoço dele.

Protegida pela escuridão, ela se levantou rapidamente para se cobrir com uma capa.

— Saia de minha casa agora mesmo. Não é bem-vindo.

— Escute um instante, meu amor...

Mas interrompeu a fala ao ter que se esquivar de um prato de cerâmica que se estatelou contra a parede.

— Megan! Está louca?!

— Sim — assentiu ela, jogando outro prato, que acertou a porta que Duncan abria para sair. — Louca para que saia daqui! Para que saia de minha vida e me esqueça. Não quero saber de você, nem de seu clã, nem de seu castelo. Fora de minha vida!

— Você é minha, Megan — afirmou Duncan. — Agora e sempre.

Megan teve que se controlar para não correr para seus braços.

— Oh, é claro! — debochou. — Sou sua propriedade, assim como seu cavalo ou seu castelo, não é?

E jogando um copo, que se espraçou no chão, disse:

— *Laird* McRae, antes de partir, eu lhe deixei aquilo de que tanto gostava em mim: meu cabelo! Agora, vá embora e seja feliz com sua francesa.

— Por todos os santos! — grunhiu Duncan, zangado, dando um pontapé na porta. — Quer fazer o favor de me escutar, mulher?!

Entrando de novo na cabana, Duncan conseguiu alcançá-la e imobilizá-la contra seu corpo.

— Solte-me agora mesmo, *laird* McRae! — ordenou ela com raiva na voz.

Horrorizada, pensava que se ele continuasse abraçando-a daquela maneira, notaria sua barriga, apesar da capa.

Mas Duncan não notava nada que não fossem seus olhos e sua boca.

— Eu a soltarei se me prometer que sairá da cabana para falar comigo — sussurrou ele com voz de veludo ao sentir o aroma da pele dela.

— Está bem, *laird*.

Megan controlou suas emoções diante do corpo de Duncan colado ao seu. Afastando-se, ela se

sentiu observada enquanto saía da cabana. Sem respirar direito, foi até uma mesinha, que tinha duas pequenas cadeiras nas laterais. Sentando-se com cuidado, ela apertou a capa contra o corpo e o convidou a se sentar diante dela.

— Sente-se aí e falaremos do que quiser.

— Muito bem — assentiu ele, desejando tomá-la nos braços e beijá-la.

A luz do dia, ele notou como sua mulher estava linda com o cabelo curto à altura dos ombros e as faces coradas. Mas os círculos negros que viu sob seus olhos o deixaram inquieto. Passados alguns instantes, perguntou:

— Por que partiu daquela maneira?

— É preciso que eu explique? — replicou ela, irritada, com um forte tremor nas pernas.

Ele estava cansado e sujo. Por suas roupas e a barba incipiente, devia estar voltando de alguma viagem longa. Mas, esquecendo quanto havia sentido sua falta, Megan respondeu:

— Pude ver e ouvi-la gritar que você a amava. E também os vi se beijando. O que pretendia? Que, apesar de saber que eu era sua segunda opção, continuasse lá até que me humilhasse diante de todos expulsando-me de sua cama? Oh, não! Eu não estava disposta a passar por isso. Já foi agonia bastante esperá-lo durante dias e vê-lo chegar com ela, e sentir que a estranha em Eilean Donan era eu, e não sua amada Marian.

Essas palavras feriram o coração de Duncan. Como ela podia pensar isso, se ele só amava a ela?

— Desculpe, meu amor, mas eu não a beijei — explicou Duncan, tentando não a fazer se alterar. — Foi ela que se jogou sobre mim. Deixe-me esclarecer que você nunca foi minha segunda opção. Sempre foi minha mulher, minha única opção. Eu lhe garanto que nunca teria humilhado você nem a expulsado de nossa cama, porque meu coração é seu. Eu a amo, Megan. Eu prometi que cuidaria de você e a protegeria. E eu nunca falto com minha palavra.

— Não importa, Duncan! Nada disso importa mais — disse ela, cravando seus olhos pretos nele sem prestar atenção no que ele dizia. — Só espero que vocês possam viver sua vida e me deixem viver a minha em paz.

— \òcês?! — perguntou ele, surpreso.

— \ocê e sua estúpida francesa. Oh, desculpe! — e gesticulou, revirando os olhos, fazendo graça, mas sem sorrir. — Perdão, esqueci que não devo insultar sua educada e maravilhosa convidada. Mas permita-me dizer que essa sua convidada não contava com que uma suja cigana, que era como ela me chamava, entendesse e falasse francês. Eu constantemente escutava os insultos que ela me dedicava, como “cadela”, “bêbada”, “cigana suja”, “desastrada”, e certamente mais alguns. Epode ter certeza de que, se não lhe cortei o pescoço e lhe servi sua cabeça em um prato, foi pelos demais convidados. Porque vontade não me faltou.

Duncan suspirou. Adorava essa mulher acima de todas as coisas. Por nada no mundo ele sairia dali sem ela.

— Marian foi embora no mesmo dia em que você desapareceu — esclareceu ele.

Ela o olhou, desconcertada.

— Quando eu soube da verdade, expulsei-a de nossa casa, querida. Eu não permitiria que ela estragasse nossa vida nem mais um instante. A partir desse momento, comecei a procurar você. Eu a procurei pela Escócia inteira. E, se não cheguei aqui antes, foi porque estava em Dunhar procurando-a.

— Como?! Está louco? — gritou ela.

E se pôs em pé diante dele, surpresa por ele ter posto sua vida em risco para encontrá-la.

— Como pôde ir para a Inglaterra? E se os ingleses o tivessem capturado?

— Eu...

Os olhos de Duncan ficaram diante da barriga redonda que se erguia com Megan, deixando-o de boca aberta. Seu olhar passava da barriga ao rosto de sua mulher, e de novo à barriga.

— Não me olhe assim, Duncan McRae — exclamou ela, sentando-se diante daqueles olhos verdes que tentavam penetrá-la. — Não me olhe assim! Estúpido,

selvagem, arrogante.

Ao ver que ele continuava mudo, gritou para aborrecê-lo:

— Eu o odeio com toda minha alma porque partiu meu coração!

— Megan... eu... — sussurrou ele, totalmente travado diante do que havia acabado de descobrir.

Sua linda mulher estava grávida. Ele ia ser pai!

— Não fale comigo! — gritou ela, magoada pela angústia que passara durante meses.

Com um gesto brusco, ela afastou o cabelo do rosto. Duncan sentia uma ternura incontrolável, que era mais forte do que ele.

— \enha aqui, meu amor — disse com doçura, estendendo-lhe a mão.

Precisava tocá-la, beijá-la e dizer-lhe quanto a amava. Ela era a mulher que sempre procurara. Apesar de suas loucuras ou as brigas constantes, ele a amava com todo o coração.

— Não quero! — gritou Megan de novo, levantando-se da mesa.

Ele a olhava de um jeito que a fazia arder de paixão e que ela nunca pôde negar.

— Estou procurando você há meses — murmurou Duncan, recompondo-se da surpresa — e, agora que a encontrei, não pretendo deixá-la partir. Eu rogo que volte para nosso lar.

— Nem pensar! — respondeu Megan, sentindo-se uma estúpida.

Era como se as palavras tivessem vida própria e saíssem sem que ela as pronunciasse.

— Não vou voltar para você porque não me ama, e porque... porque, além do mais, não sou mais sua mulher.

— Oh, sim. E minha mulher, meu amor — assentiu Duncan lentamente, cravando o olhar nela com um sorriso sedutor iluminando seu rosto. — Não duvide de que é minha mulher.

Incapaz de dar o braço a torcer apesar do amor que sentia por ele, ela buscou uma saída.

— O bebê que levo em minhas entranhas não é seu filho. E... só meu! E, posto que já não sou sua mulher, faz tempo que divido meu leito com quem quero. Entendeu?

— Megan, o que está dizendo?

Ele estava preparado para tudo: para seus gritos, seus chiliques, inclusive para seu choro, mas nunca para descobrir que ela estava grávida e que o filho era de outro. Cansado de ver que ela não queria escutá-lo, tomou-a pelos pulsos com autoridade e a atraiu para si

com decisão.

— Maldição, McRae, solte-me agora mesmo! — queixou-se ela.

Mas Duncan não a largou, e continuou penetrando-a com o olhar. Ela, cada vez mais histérica, gritou:

— Agora que me encontrou e viu que não só você desfrutou de meu corpo, esqueça-me, como eu o esqueci!

Ao ver que ele parecia se divertir, gritou, franzindo a testa:

— Que pretende fazer, McRae?!

— Oh, meu amor — sorriu Duncan perigosamente, sentindo-se feliz por tê-la encontrado —, o que há meses desejo fazer.

E então, Megan não pôde mais se mexer. Os perigosos olhos de Duncan capturaram os seus, e, momentos depois, aquela boca tão sensual buscou, possessiva, os doces lábios dela, desfrutando sem pressa aquilo que tanto haviam desejado.

Após um beijo intenso, Duncan afrouxou as mãos. Soltando-a, afastou-se e sorriu ao vê-la ainda diante dele com os olhos fechados.

— Você é linda, Impaciente! — sussurrou, passando a mão pelo contorno de seu rosto enquanto ela abria os olhos.

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, ela se jogou em seus braços e, sem nenhum rodeio, capturou-lhe a boca e começou a beijá-lo de tal maneira que ele teve que se apoiar na mesa. O beijo

sacudia seu corpo até as profundezas de seu ser.

— Nunca mais faça isso comigo — sussurrou Duncan, atraído como um ímã para ela. — Nunca mais me deixe, meu amor.

— Eu prometo, desde que você nunca mais olhe para nenhuma outra mulher — respondeu ela, enroscando os dedos naquele cabelo que tantas noites havia ansiado tocar.

Duncan por fim respirou.

— Achei que ia morrer por não a encontrar. Meu lugar é com você. Eu a amo tanto que sou incapaz de continuar vivendo sem você, sem seus beijos, sem seus desafios e sem sua loucura.

Com doçura, Duncan tocou a barriguinha que se interpunha entre ambos. Beijou a ponta do nariz de Megan, enquanto as lágrimas salgadas dela corriam seu rosto, emocionada pelos sentimentos e pela ternura de Duncan.

— Nosso filho e nossa vida serão tão maravilhosos que nunca se arrependerá de ter se casado comigo.

— Duncan — disse ela olhando-o nos olhos —, sabe

que há vários dias já não sou sua mulher?

— É minha mulher, meu amor — sorriu ele, puxando uma corrente que levava no pescoço com a aliança. — De qualquer maneira, meu amor, desta vez nos casaremos diante de Deus, e para a vida toda. Quero que seu vestido de noiva seja o que desejar, que enfeite a capela com as flores que quiser. Quero que desta vez seja tudo diferente.

E, tomando-lhe a mão, disse com verdadeiro amor:

— Megan, quer se casar comigo?

— Sim, meu senhor — sorriu ela ao vê-lo levantar a sobrancelha. — Sim, Duncan, quero me casar com você. Eu adoraria me casar aqui e agora. Não preciso de uma capela bonita, nem de um vestido de noiva espetacular se você me ama. Mas não posso negar que gostaria que em nosso casamento todas as pessoas que nos amam estivessem presentes.

— Tem certeza disso? — sorriu Duncan com astúcia.

— Sim, absoluta — assentiu ela, apaixonada.

— Está bem — disse Duncan, sentando-a na cadeira e se afastando com toda pressa.

Megan o olhava surpresa e sem palavras.

— Não saia daí, querida. Já volto. Confia em mim?

Após alguns instantes, com os olhos fixos um no

outro, por fim Megan respondeu:

— Sim, meu amor. Confio em você.

Duncan deu-lhe uma piscadinha e Megan sorriu, sem entender por que ele corria daquela maneira. Ao vê-lo desaparecer, entrou na cabana. Olhou-se no espelho e se assustou. Santo Deus, que cara de louca! Lavou rapidamente o rosto, pôs um dos belos vestidos que Kieran lhe havia dado de presente, e começou a pentear o cabelo; até que ouviu Duncan chamá-la.

Com impaciência, abriu a porta. Ficou sem fala quando, ao sair, encontrou um monte de rostos sorridentes que a observavam. Ah estavam Zac e Shelma, Gillian, Alana, Briana com seu bebê, olhando para ela com um sorriso incrível; Lolach e Axel, Mael, Anthony, Myles, Ewen, Gelfrid, Kieran e Niall, que piscou para ela com carinho e cumplicidade. Surpreendeu-se também ao ver Sarah, Mary, Rene, Edwina, Fioma e Susan, que a saudavam timidamente com a mão, enquanto McPherson e padre Gowan, ao lado de Magnus e Marlob, reviravam os olhos ao ver aqueles velhos chorando como mulheres.

Sentindo-se transbordar de alegria, Megan olhou para Duncan, que a observava enquanto a emoção e os sentimentos tomavam forma no lindo rosto de sua mulher. Ele se aproximou com seu sorriso mais encantador e, colocando com carinho em seu vestido o broche do amor — que momentos antes Marlob lhe havia entregue —, tomou suas mãos trêmulas e sussurrou em seu ouvido:

— Desejo concedido, meu amor.

Sem soltar-lhe as mãos, esperou que padre Gowan, depois de uma cerimônia bonita e emocionante, os declarasse marido e mulher.

Epílogo

Dez meses depois, celebrava-se em Eilean Donan o batizado de Johanna, a linda filha de cabelos escuros e olhos verdes de Duncan e Megan McRae. A celebração reuniu de novo todos os familiares e amigos. Pleno de alegria com sua filha nos braços, Duncan não podia afastar os olhos de sua mulher, que neste momento dançava com Myles uma dança escocesa.

— Deixe-me pegá-la um pouco! — pediu Niall ao ver a sua linda sobrinha.

— Johanna — murmurou Duncan, dando um beijo na cabecinha de sua filha adormecida —, tio Niall vai pegá-la.

— Ela é linda como a mãe! — exclamou Niall, beijando a menina ao pegá-la nos braços.

A menina lhe provocava uma ternura imensa, tanto ou mais que a própria mãe.

— Mas espero que não seja tão geniosa, nem cometa tantas loucuras.

— Eu espero que sim — gargalhou Duncan, observando sua mulher morrendo de rir dançando com Gillian, Alana e Shelma. — Espero que seja igual à mãe. Assim, terei certeza de que ela saberá se defender sozinha de qualquer imbecil que tentar se aproximar.

— De certo modo, tem razão — assentiu Niall.

Neste momento, olhava para Gillian, que dançava feliz

ao som das gaitas com Kieran e Marlob. Lolach e Anthony embalavam seus respectivos filhos e conversavam.

— Diga-me uma coisa, Niall — sussurrou Duncan. — Quando vai ser valente o suficiente para dizer a Gillian que não pode viver sem ela?

— Oh, irmão — respondeu Niall com um sorriso cúmplice, bem no momento em que Gillian o olhava, desafiando-o com os olhos. — Como disse certa vez padre Gowan, tudo a seu tempo.